

UM LIVRO SETH

NUNCA ANTES PUBLICADO

AS SESSÕES INICIAIS

Livro 5 do Material Seth

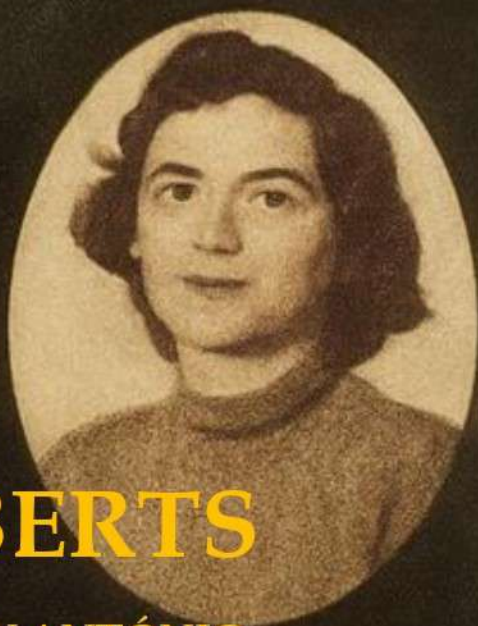
SESSÕES 199–239

18/10/65 - 07/03/65

Por

JANE ROBERTS

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO



AS PRIMEIRAS SESSÕES
O Livro 5 de “O Material de Seth”
Sessões 199–239
18/10/1965–07/03/1966

As Primeiras Sessões

As Primeiras Sessões compreendem as primeiras 510 sessões ditadas pelo Seth através da Jane Roberts, e prevê-se que sejam publicadas num total de 8–10 volumes. Para informações sobre as datas de publicação previstas e sobre como encomendar, escreva para a New Awareness Network para o seguinte endereço e peça o catálogo mais recente.

© 1999 Robert Butts

Publicado pela New Awareness Network Inc.

A New Awareness Network Inc.

P.O. Box 192

Manhasset, New York 11030

As opiniões e declarações sobre questões de saúde e medicina expressas neste livro são as do autor e não são necessariamente as da editora, nem por ela endossadas. Essas opiniões e declarações não devem ser tomadas como substituto de uma consulta com o médico devidamente licenciado.

Design da capa: Michael Goode

Fotografia: fotos da capa Rich Conz e Robert F. Butts, Sr.

Edição: Rick Stack

Tipografia: Juan Schoch, Joan Thomas, Michael Goode

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, sem autorização por escrito da editora, exceto por o recensor que poderá citar passagens breves numa recensão; nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação, ou transmitida sob qualquer forma ou por quaisquer meios — eletrônicos, mecânicos, fotocópia, gravação, ou outros — sem autorização por escrito da editora.

Dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso
Seth (Espírito)

As Primeiras Sessões: volume 5 de O Material de Seth / (canalizado)
pela a Jane Roberts; notas Robert F. Butts,

p. cm — (Um livro do Seth)

ISBN 0-9652855-5-3

1. Escritos mediúnicos. 2. O Eu — Miscelânea.
2. I. A Roberts, Jane, 1929–1984. II. Butts, Robert F. III.

Título.

3. IV. Série: Seth (Espírito), 1929–1984. Livro do Seth.

Número de catálogo da Biblioteca do Congresso: 96-70130

Dedico As Primeiras Sessões
à minha esposa, a Jane Roberts,
que viveu os seus 55 anos
com a maior criatividade
e com a mais valente coragem.

— Rob

SESSÃO 199
18 DE OUTUBRO DE 1965

(Na 198.^a sessão da última quarta-feira, 13 de outubro, o Seth afirmou que as questões financeiras e o nosso problema da cozinha ficariam resolvidos até sábado, 16 de outubro. A Jane recebeu um contacto do secretário do seu editor no sábado; no entanto, ela não considera a situação resolvida, uma vez que o editor está fora da cidade e não pôde responder pessoalmente.)

(O carpinteiro devia ver o nosso senhorio na semana passada e informar-nos acerca do alargamento da nossa cozinha até ao último sábado. Não recebemos notícias sobre a reunião deles, embora seja possível que tenha sido tomada uma decisão no sábado.)

(Recordar-se-á que, na 166.^a sessão, de 30 de junho de 1965, o Seth disse à testemunha, o John Bradley, que “há uma outra empresa em particular com a qual te poderás envolver em teu benefício. Situa-se no Midwest, talvez em Minneapolis... é atualmente uma pequena firma, comparativamente falando, mas irá expandir-se drasticamente num curto espaço de tempo... irás envolver-te com esta empresa, creio eu, independentemente, quer como concorrente quer como membro da organização.”)

(O John, neste momento, é vendedor da Searle Drug. Ele vive em Williamsport, PA, mas assistiu a várias sessões. Na data da 166.^a sessão, ele não conhecia quaisquer empresas farmacêuticas ou de fármacos em Minneapolis. Ao visitar-nos hoje ao meio-dia, enquanto fazia a sua ronda, o John disse-nos que tinha verificado o que o Seth dissera. Deu-nos os nomes e moradas de duas casas farmacêuticas que descobriu em Minneapolis. Ele não as conhecia, e ambas são empresas pequenas.)

(São elas a Fuller Pharmaceutical Co., 3108 W. Lake Street, e a Ulmer Pharmacal Co., 1400 Harmon Place, ambas em Minneapolis. Escusado será dizer, o John tenciona acompanhar estas empresas com muito interesse.)

(Para o objeto da prova do envelope usei o cartão de marcação da visita da Jane ao dentista no passado 5 de maio de 1965. Esta é a consulta a que a Jane compareceu em estado de transe e, assim, lhe limparam os dentes sem desconforto. Para um relato deste episódio, ver a 152.^a sessão. Ver também o meu decalque na página 1. O cartão é em cartolina branca, impresso a tinta preta, com a caligrafia a lápis preto. Coloquei o cartão entre duas folhas de Bristol e inseri o conjunto nos habituais envelopes duplos.)

(A sessão desta noite será a primeira de três tentativas programadas para o Seth sintonizar clarivamente os nossos amigos, o Bill e a Peggy Gallagher, que chegaram a Porto Rico de férias ontem, domingo. Esperamos que, às 21h30 desta noite, na quarta-feira, 20 de outubro, e na segunda-feira, 25 de outubro, o Seth consiga captar algo das atividades e/ou dos arredores de o Bill e a Peg. Eles planeiam fazer as suas próprias notas nessas mesmas horas para posterior comparação.)

(A Jane disse às 20h00 desta noite que não se importava que fizéssemos uma prova do envelope. Eu observei que ia ser uma sessão atarefada, com o material sobre os Gallaghers e o Dr. Instream, uma possível prova do envelope e a hipótese de o Seth discutir dois sonhos muito longos, vívidos e complicados que a Jane teve enquanto tirava uma pequena sesta na manhã da passada sexta-feira. Ver o relato da Jane no Volume 4, nas páginas 336-38. Ela acredita que pelo menos um desses sonhos é um sonho terapêutico, resultante de sugestões que deu a si mesma após o material de o Seth sobre sonhos terapêuticos na última sessão.)

(Um desenvolvimento que pode ser de interesse é que eu tive um forte acesso de espirros mesmo antes da sessão desta noite. Aconteceu de repente por volta das 20h45, enquanto a Jane me lia o seu relato dos dois sonhos em causa. Por alguma razão, os espirros deixaram-me bastante zangado e impaciente, por breves instantes, e pedi a a Jane que fizesse uma pausa na leitura. Por motivos de que eu não tinha consciência, ainda assim senti que os espirros estavam relacionados com os sonhos.)

(A sessão realizou-se na nossa sala dos fundos. A Jane falou sentada e de olhos fechados. O seu ritmo foi um pouco lento no início, mas depressa acelerou. A sua voz estava normal.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Meu excelente fungador. Não sei qual assunto discutir primeiro. Os sonhos da nossa Ruburt ou a tua reação recente a eles, ó Joseph.

O segundo sonho é um excelente exemplo de um sonho terapêutico que resulta de auto-sugestão. A Ruburt pediu um sonho terapêutico ao seu eu interior, e recebeu-o.

Fico satisfeito por ver que a Ruburt experimentou o material que eu dei sobre o assunto e que o pôs à prova. Vamos aprofundar bastante este

sonho. No entanto, primeiro falaremos sobre o primeiro sonho, pois estão de facto ligados.

Com efeito, a Ruburt tem razão num aspeto, pelo menos, porque o primeiro sonho, relativo às vozes, foi pensado para ser um sonho terapêutico. No entanto, as suas próprias dúvidas alteraram a ação dentro do sonho, e ela reagiu às suas dúvidas e ignorou inteiramente a parte inicial do sonho.

A ação básica do primeiro sonho envolveu a sua receção, a sua percepção clara, de várias vozes dentro da cabeça. As vozes, embora ela não recorde conscientemente a sua mensagem, as vozes proferiram palavras de encorajamento. Apresentaram provas excelentes das suas próprias capacidades, pois eram cristalinas e distintas, e sem distorções.

Havia quatro vozes, todas masculinas. Três eram as vozes de personalidades que já não existem no sistema físico, mas que estavam estreitamente ligadas a a Ruburt em vidas passadas. A quarta voz era a minha. Foi uma tentativa de reforçar a sua confiança e de lhe mostrar quão clara pode ser a receção se as suas capacidades forem totalmente utilizadas.

(A Jane teve outras experiências, tanto em sonhos como em tempo psicológico, em que ouviu a voz de o Seth mas não a reconheceu. Para o relato de um caso ocorrido durante o tempo psicológico (psy-time), envolvendo o John Bradley, ver a 190.ª sessão não agendada. Aconteceu que o John assistiu também a esta sessão.)

Aqui, porém, há uma mudança drástica, pois as partes acima da experiência não foram, de facto, sonho, mas experiência real, ocorrida enquanto ela estava num estado dissociado.

Contudo, a experiência chocou-a; daí o choque mais tarde, quando ela a transforma num sonho. A experiência deveria, no entanto, ser lembrada como sonho. Não era suposto que ela se recordasse da sua verdadeira natureza, e esperava-se que elaborasse a experiência num sonho que fosse composto dos elementos construtivos que a experiência lhe proporcionara.

Em vez disso, a experiência assustou-a, embora apenas momentaneamente, pois, ao despertar imediatamente, o seu estado de espírito era de alegria, e o medo anterior foi esquecido. Quando ouviu as vozes, em vez de ganhar confiança, ela começou a subir para camadas mais superficiais, e o ego passou a comandar a sequência onírica que se seguiu.

Ela não quis aceitar a responsabilidade que sentiu que tal capacidade lhe importava e, por isso, procurou uma fonte externa para as vozes e sonhou a sequência em que as vozes vinham de um rádio, e não da sua cabeça. No sonho, ela desliga o rádio, na esperança de calar as vozes. Elas continuam porque ela sabe que as está a captar de um canal que não é físico.

Mas ela tenta de novo e, no sonho, descobre outro rádio na tua estante, ó Joseph, onde o nosso material é guardado. A ligação é óbvia, pois ela sabe que o material de o Seth provém do mesmo sistema que as vozes.

Aqui, ela estende a mão para desligar o rádio e é detida por um choque súbito e severo. O choque é o seu conhecimento de que o nosso material cessaria se ela desligasse as suas capacidades dessa forma. Assim, o choque, que é de percepção, impede-a.

A ligação contigo também é óbvia, já que isto acontece no teu quarto, no sonho, pois, se ela desligasse as suas capacidades, percebes, tal como se desliga um rádio, então tu ficarias privado tanto quanto ela.

(Aqui, a Jane estendeu a mão à sua frente como se estivesse a desligar um rádio invisível. Tinha os olhos fechados. O ritmo, porém, era agora bastante rápido, a voz mais forte e ela estava bastante irrequieta. Mudou de posição para se inclinar para a frente, com os cotovelos nos joelhos e a cabeça baixa.)

No sonho, ela vai então para o seu próprio quarto, e esta é a parte do sonho de que ela se esqueceu conscientemente, cobrindo-a nas suas notas apenas com a indicação “pouco claro aqui” e uma referência vaga a uma trovoadas elétrica.

No próprio sonho, ela entra no quarto e descobre que a sua capacidade é tão parte dela como a sua respiração e que não a pode desligar e ligar à vontade, nem desligá-la como se desliga um rádio. Ela fica de pé no quarto e, no sonho, há uma trovoadas elétrica e o quarto é tocado por correntes vibratórias. Ela tem medo. Contudo, percebe que faz parte da trovoadas e que a trovoadas faz parte dela, e que não é destrutiva, mas criativa; e, sobretudo, um simples elemento da realidade tal como ela é.

Esta percepção tornou possível o sonho seguinte, o segundo. Mas o segundo sonho não teria sido possível sem o primeiro. O segundo sonho é um sonho de expansão. Vamos discuti-lo em dois níveis. O nível mais significativo foi aquele em que os muitos quartos representavam áreas psíquicas de desenvolvimento, possibilidades infinitas que se abriam continuamente; mas possibilidades baseadas em experiências de vidas anteriores, e há muitos aspetos de dados reencarnatórios neste sonho, todos reforçando os aspetos saudáveis da personalidade da Ruburt.

Sugiro uma pequena pausa. E mencionarei sem dúvida a tua própria reação, que se baseou numa suposição errada.

(Pausa às 21h30. A Jane estivera dissociada como de costume. Manteve os olhos fechados. A voz tinha-se reforçado um pouco durante a exposição, e o ritmo acelerara tanto que a minha mão já estava entorpecida. A Jane disse sentir que não tinham passado mais de dez minutos.)

(Estávamos agora na altura do material sobre os Gallaghers em Porto Rico. Durante a semana, comecei, em tom de brincadeira, a dizer em voz alta as minhas próprias impressões sobre o que a Peg e o Bill estariam a fazer naquele momento. Disparei uma série de impressões sobre eles estarem sentados num restaurante comprido e estreito e descrevi os seus

arredores com algum detalhe, incluindo coisas como candeeiros de parede, etc. O estranho nisto é que parecia que eu via imagens do que descrevia, de olhos abertos.)

(A Jane riu-se comigo ao princípio, depois pediu-me que parasse, dizendo que os meus dados a poderiam confundir. Ao mesmo tempo, senti toques da minha familiar sensação de arrepio que tantas vezes senti durante o tempo psicológico (psy-time), ou quando vejo uma visão; isso deu-me a sensação de que eu poderia estar meio certo sobre o que dissera; o Seth, porém, nada disse sobre isso. Talvez o mencione na próxima sessão.)

(O ritmo da Jane abrandou agora bastante. Tal como quando deu o material para o Dr. Instream, ela sentou-se de olhos fechados e cabeça baixa, geralmente com as mãos nos olhos. A voz estava baixa. Usou muitas pausas, algumas das quais indico. Indicarei também onde usei uma versão fonética das expressões da Jane, em duas ocasiões. Reatamos às 21h40.)

Se nos deres um momento, veremos o que conseguimos fazer com o teu jesuíta e o amante de gatos esta noite. (Pausa.)

Estas são impressões. Um edifício grande, branco, ou de pastel pálido, tiveram algo a ver com hoje. Flores aqui. Ferragens de ferro. Hacienda... Lucinda (foneticamente; pedi a a Jane que repetisse a palavra). Passaram por aqui. Grades nas janelas de ferro, não de prisão.

Jornais vendidos à frente, no exterior. Mais tarde, noutra extremo desta mesma cidade, passam por barracas. (Pausa.) Isto, na parte noroeste. Uma rua. Saint Severin (foneticamente). Um monte bastante alto de terra escura. (Longa pausa às 21h45.)

Eles ficam num edifício de estuque cor-de-rosa, com vedações de varanda que são redondas.

(A Jane fez uma pausa e gesticulou com as mãos.)

A base não é redonda. A parte entre... (gesto; à procura das palavras) o que seria o corrimão da varanda e o telhado é redonda.

Andaram de bicicleta. Talvez no quarto deles haja um candeeiro bastante elaborado sobre uma mesa que representa uma cena e que brilha quando aceso.

Dá-nos mais um momento e tentaremos apanhá-los agora. (Pausa às 21h50. A Jane, ainda de olhos fechados, abanou um dedo para mim.) A Ruburt tinha razão, ó Joseph. Não devias ter dado as tuas impressões.

No exterior, numa varanda, malas abertas por perto. Um decote baixo e arredondado e uma saia clara. Creio que o dono do local onde eles ficam tem 50 anos, ou por aí. Nome começado por M e terminado em A, e uma ligação com um cão. Eles pensam numa ilha que soa como Sumatra, mas não é.

São duas palavras. (Pausa.) Mais parecido com San Mutro (foneticamente), embora eu não creia que seja exato. Uma avenida

começada por B, ou San B., ponto, onde eles almoçaram. San Beninno (foneticamente), ou semelhante. (Longa pausa às 21h56.) Um toldo listado, um jantar a 3,75. Creio que este é o preço. Um cobertor azul na cama onde eles dormem? A compra de um objeto que é como uma pequena escultura. (Pausa.) Vejo uma forma de urso. Alguma chuva.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 22h00. A Jane estava bem dissociada, disse até muito mais do que o habitual. Manteve os olhos fechados, a voz baixa. De novo, teve a impressão de que o tempo passara depressa.)

(Enquanto dava os dados acima, a Jane não teve material visual que os acompanhasse, e disse que ainda bem. Interpretou esta falta de imagens como sinal de que os seus próprios sentimentos e ideias foram contornados; sentiu-se livre de preocupação quanto à exatidão do material e pensou que isso até poderia ser melhor.)

(Quando começou a falar outra vez, o andamento da Jane era lento, a voz baixa. Como antes, estava sentada de olhos fechados, cabeça baixa e as mãos nos olhos. Retoma às 22h09.)

Agora, de Porto Rico para Oswego (local de uma Universidade do Estado de Nova Iorque).

De novo, dá-nos um momento. E, por favor, fica muito quieto.

(Eu tinha feito barulho ao virar uma página do caderno. A Jane fez uma longa pausa às 22h10. Como a noite estava quente, tínhamos uma janela aberta. De repente, tomei consciência do ruído do trânsito e a Jane disse-me depois que também ela o notou. Este é o 9.º experimento de o Dr. Instream. Todas as semanas enviamos a o Dr. Instream o material de o Seth para ele.)

Uma caneta de tinta permanente e uma secretária. Um lenço amarelo-claro, em triângulo, no bolso — bolso do peito — de o Dr. Instream.

Se possível, ele deveria pensar em nós emocionalmente. Ele está a pensar em nós a um nível intelectual neste momento. A concentrar-se, mas a esforçar-se demasiado intelectualmente. *(Pausa às 22h12.)*

Se ele me chamasse um velho impostor, apanhá-lo-ia mais depressa. Apanho o número 4, mas não sei a que se refere.

A Ruburt apanha a criança que está aos berros no apartamento de baixo, e isso não ajuda. Mas tentaremos com mais afincio, à nossa maneira.

(Eu também acabara de tomar consciência do bebé lá em baixo. Na verdade, a criança chorou apenas brevemente. A Jane fez uma pausa às 22h15.)

Vejo flores sobre a mesa da sala de jantar no apartamento dele. Eles foram ao cinema.

As experiências de hipnose dele não estão a correr tão bem como esperava, no que respeita a outras pessoas. Têm a ver com estímulos

diretos, aplicados através de hipnose à distância; e há, na mente dele, uma ligação entre mim aqui e essas experiências.

Algo, creio, também relacionado com reflexos condicionados, estabelecidos através da situação hipnótica, com ele próprio como hipnotizador e em ligação com dois outros indivíduos em particular.

Ele terá êxito numa parte da experiência, que tem a ver com um S. O que planeia é inteiramente exequível e bastante possível. Há um traço de personalidade, por assim dizer, que pode enredá-lo aqui, e a palavra snag tem mais do que um significado.

(A Jane fez uma pausa de um minuto, às 22h22.)

Creio que o objeto tem a ver com um medalhão que pertence à esposa dele, ou que pertenceu a uma criança do sexo feminino.

Ele quer um cigarro neste momento (pausa às 22h25), embora isso esteja longe de ser invulgar.

Agradeço-lhe o interesse e o tempo.

Tens um teste para mim esta noite? («Sim.»)

(Entreguei o habitual envelope duplo, e a Jane pegou nele sem abrir os olhos. Eu tinha decidido esquecer o teste do envelope a menos que o Seth o pedisse, pois seria o terceiro teste seguido.)

(A Jane segurou o envelope levemente com ambas as mãos e fez uma breve pausa. Este é o 11.º teste do envelope.)

Bem, mais uma vez, dá-nos um momento e veremos o que conseguimos fazer. Estas são impressões. Uma reviravolta. Parte de uma missiva. A cor amarela. Algo balança, ou algo a balançar. O número 5, como de tarde. Duas pessoas, como num negativo. A Ruburt pensa na tia e no tio dela em Nova Iorque. Isto é uma ligação associativa por parte da Ruburt. (Pausa.)

Uma ligação, no entanto, com um homem e uma mulher, não vocês. Mais velhos do que vocês. (Pausa.) Uma ligação com uma cena de tarde, talvez os teus pais, ó Joseph, e um automóvel.

Uma ligação com o quintal traseiro dos teus pais. (Pausa.)

Uma ligação distante com uma viagem de comboio e o serviço. Flores e a morte de um cão. (Pausa.)

Sugiro a tua pausa.

(Pausa às 22h33. A Jane estava dissociada como de costume. Manteve os olhos fechados, a voz baixa. Disse-me que não fazia ideia de que haveria um teste do envelope.)

Ver o decalque do cartão de marcação do dentista na página 1 e as minhas notas sobre o cartão na página 2. O cartão refere-se à consulta a que a Jane compareceu em estado de transe, para lhe limparem os dentes. Os dados do teste pareciam conter algumas impressões descabidas, mas conseguimos ligar algumas delas sem dificuldade.

A Jane lembrava-se particularmente da marcação porque foi a primeira que fez voluntariamente. A isto ela chama “uma reviravolta” em relação ao hábito anterior. O cartão pode ser “parte de uma missiva”. Ambos vimos “algo a balançar” como a broca do dentista suspensa sobre a cadeira. Achámos “o número 5” bom, dado que a consulta estava marcada para 5 de maio.

A Jane tinha a certeza de que “a cor amarela” se referia ao facto de se lembrar muito bem de ter vestido um shift amarelo vivo e novo quando foi à consulta.

Considerámos, de forma preliminar, os dados sobre os meus pais como provavelmente distorcidos ou associativos, tal como o material sobre os tios da Jane. Achámos possível que “um homem e uma mulher, não vocês. Mais velhos do que vocês” se referisse aos pais da Marie Colucci, a esposa de o dentista. Os Colucci são amigos pessoais nossos. Numa visita à casa deles este verão, conhecemos a mãe da Marie, em Elmira, numa visita vinda de Nova Jérсия. A Marie tinha feito a viagem a Nova Jérсия, para ir buscar a mãe, de comboio.

Achámos que esta ligação com “uma viagem de comboio” podia ser a ligação distante a que o Seth se referia, quando nos lembrámos de que, enquanto a mãe da Marie Colucci estava a visitar Elmira, o marido da mãe morreu de ataque cardíaco em casa, em Nova Jérсия, enquanto jogava bowling. Isto seria a ligação com “serviço” e “flores”, significando funeral.

A Jane tinha a certeza de que “morte de um cão” se referia à última consulta dentária que ela tivera antes de 5 de maio de 1965. Teria sido há 3 anos; a Jane disse recordar-se vividamente porque o nosso cão, o Mischa, morreu cerca de dois dias depois dessa consulta antiga. A própria consulta também tinha sido dolorosa.

Nenhum de nós percebeu a referência a um automóvel, em particular. Durante a pausa, mencionei que esperava que o Seth dedicasse uns minutos a verificar as nossas interpretações dos seus dados, ou a corrigi-las, antes de encerrar a sessão.

A Jane tinha estado a descansar na cama durante a pausa e retomou a fala a partir daí. Estava de lado, com a cabeça apoiada numa mão. Tinha os óculos postos; por isso pensei que os olhos pudessem abrir-se eventualmente. O andamento era bom, a voz baixa quando retomou às 22h45.)

Bem, vamos terminar a nossa sessão. Espero concluir o material relativo a o sonho da Ruburt, no entanto. Dar-vo-lo-ia agora, mas imagino que estás cansado. («Sim.»)

O nosso material de teste estava apenas ligeiramente distorcido e é perfeitamente legítimo. A marcação foi feita de tarde. O serviço foi um

serviço fúnebre, daí a ligação com flores, o que também reforçou o quinto mês.

A marcação foi feita às cinco da tarde, de resto.

As pessoas mais velhas representavam os sogros de o dentista, e foi aqui que ocorreu a distorção, pois a Ruburt captou corretamente a ideia de pais, mas pensou que eram os teus.

O automóvel era o automóvel da mãe, que estava estacionado em frente à residência de os Colucci na noite em que visitaste o casal. Eles voltaram de carro.

(Assim que o Seth disse isto, lembrei-me de ver o automóvel estacionado em frente à casa de os Colucci na noite em que a Jane e eu os visitámos. Como a casa deles fica no campo, e nem sequer perto de outra casa, o carro não podia estar ligado a ninguém fora da família Colucci. E claro que não era o carro de o dentista, que nos é familiar. Eis a sequência algo complicada dos acontecimentos: a Marie Colucci apanhou o comboio para a casa dos pais em Nova Jérсия e conduziu a mãe de volta a Elmira no automóvel dos pais. Quando o pai da Marie morreu de ataque cardíaco em NJ, a Marie levou a mãe de volta a Nova Jérсия no carro dos pais e regressou a Elmira de comboio.)

A morte de um cão interpretaste-a corretamente, mas a morte, as flores e o serviço aplicavam-se também, em conjunto, à morte de o progenitor.

Houve uma ligação muito ligeira com os teus próprios pais, no entanto, no facto da Ruburt ter mencionado o dentista e o transe a eles na última visita que aqui fizeram. E uma ligação secundária com um carro — não próxima, não uma ligação próxima — em que os teus pais viajaram nessa ocasião.

Podes fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferires.

(«Então vamos terminar.»)

Os meus cumprimentos mais calorosos e os meus cumprimentos particulares a Ruburt, que está a levar isto por diante de bom humor.

Tinhas uma pergunta?

(«Pode esperar. Ia pedir-te que disseses algo sobre o meu acesso de espirros.»)

Tiveste a reação em particular porque interpretaste mal um elemento de o sonho da Ruburt, de que tinhas conhecimento, mas creio que já te tinhas esquecido.

(A Jane continuava deitada na cama. Agora procurou o maço de cigarros e acendeu um. Os olhos abriram-se muito brevemente, e apenas o suficiente para ver, quando riscou o fósforo. Depois retomou a falar e a fumar de olhos fechados.)

Tinha a ver com o facto de que, no sonho dele, o segundo rádio estava no teu quarto, e ele recebeu um choque quando tentou desligá-lo.

Interpretaste isto como significando que tu o tinhas empurrado, talvez; que, talvez, se não fosses tu, ele não teria ficado tão profundamente envolvido como está, neste empreendimento.

Tens sentido isto com bastante frequência. Sentiste-te responsável pelo choque do sonho dele. É verdade que as sessões não teriam sido possíveis sem o teu encorajamento e ajuda, e sem o reforço das tuas próprias capacidades.

Deves conseguir ver que a Ruburt cresceu intelectual, emocional e psiquicamente como resultado das sessões — tal como tu. Não só o seu eu interior se expandiu, como o seu ego se tornou mais forte, mesmo enquanto ficou mais flexível. Portanto, não há necessidade da tua preocupação nesse aspeto.

Os espirros foram uma reação de pânico. Naturalmente, não queres magoar a Ruburt de forma alguma, e sentiste-te um pouco responsável porque, no sonho dele, ele não conseguiu desligar o rádio que representava as suas capacidades.

(Os olhos da Jane abriram-se brevemente. Estavam muito escuros quando ela olhou para mim.)

Agora, eu poderia continuar por esta via durante bastante tempo, e estou perfeitamente disposto a fazê-lo, para tua edificação e não para a minha. Se preferires que o façamos enquanto está fresco na memória, então faz uma pausa e continuaremos. E, se não, não me faças perguntas orientadoras, e encerraremos a sessão. Estou esta noite bastante estreitamente ligado a ambos.

(«Acho melhor fecharmos então.»)

Deixaremos, sem dúvida, que tenhas o teu descanso bem merecido, e direi boa noite, como diria um velho amigo falador.

(«Foi muito agradável.»)

[A Jane, após uma pausa:] «Sou eu outra vez. Pelo menos acho que sou.» («Boa noite, Seth.»)

(Fim às 23h03. A Jane estava dissociada como de costume. Tinha os olhos abertos no final da sessão, a voz baixa e estava a sorrir. Posso acrescentar que, enquanto a Jane me lia os seus sonhos pouco antes da sessão, eu só estava a meio a ouvir, enquanto me preparava para tomar notas. Mas parece que, na verdade, ouvi muito bem.)

SESSÃO 200
20 DE OUTUBRO DE 1965

(À hora do jantar, esta noite, eu manifestei a minha opinião sobre as táticas de o editor de a Jane, o Frederick Fell, em termos bem claros, com a implicação bastante óbvia de que o Seth poderia comentar a situação, se assim o entendesse.)

(Não planeei qualquer prova do envelope para esta sessão, pensando que o material de teste sobre os Gallaghers em Porto Rico e sobre o Dr. Instream já seria suficiente para uma sessão. Neste momento, estava mais interessado em que o Seth concluísse a análise de os dois sonhos de a Jane, que ele começou na sessão anterior, e fiz questão de o dizer mesmo antes da sessão desta noite.)

(Não recebemos notícias de os Gallaghers, de resto, nem esperamos receber. Nós os quatro concordámos em não trocar correio, deixando quaisquer comunicações a cargo de o Seth enquanto o Bill e a Peggy estiverem de férias.)

(Na passada segunda-feira ao meio-dia, 18 de outubro, o nosso amigo o John Bradley visitou-nos enquanto fazia a sua ronda como vendedor ambulante de produtos farmacêuticos. Ele estava demasiado ocupado para assistir à sessão de segunda-feira, mas prometeu visitar-nos na noite de terça-feira, 19 de outubro. Durante o dia de terça-feira, o John teve de participar numa importante reunião de negócios do seu escritório regional em Binghamton, NY, talvez a umas sessenta milhas de Elmira.)

(Recordando o seu êxito ao sintonizar clarivamente o Bill Gallagher enquanto ele fazia as suas voltas de trabalho na noite de 8 de outubro, a Jane decidiu tentar o mesmo com o John na terça-feira. A diferença aqui foi que o John não teve qualquer aviso prévio dos esforços de a Jane, já que ela só teve a ideia depois de ele nos deixar na segunda-feira. Ver a Sessão 196 no Volume 4 para o material sobre o Gallagher.)

(Às 20h00 de terça-feira, a Jane escreveu 13 impressões, todas relativas às supostas atividades de o John Bradley. Estava a passar a ferro na altura, e uma música agradável tocava no rádio. Ela escreveu as impressões de modo despreocupado, disse, sem esforço; não fazia ideia, nesse momento, se alguma delas estava correta. O John chegou de Binghamton cerca de três quartos de hora depois. Ao rever a lista connosco ao longo da noite, confirmou 10 das impressões de a Jane como corretas. Algumas eram bastante surpreendentes.)

(A Jane mantém registos separados de tais experiências e tem esta redigida do mesmo modo que a experiência com o Gallagher incluída na 196.^a sessão.

A sessão realizou-se na nossa pequena sala dos fundos. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. A voz estava baixa no início, o andamento bastante lento.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Vou terminar a discussão sobre os sonhos.

Mas antes gostaria de falar brevemente sobre as tentativas de telepatia de a Ruburt com o Philip, ontem à noite. Tais exercícios são um excelente treino e irão reforçar a sua confiança, particularmente quando a distância é um fator, como foi ontem à noite.

(O Philip é o nome-entidade de o John Bradley, segundo o Seth.)

Isto ajudará no material de o Dr. Instream. Os resultados de a experiência com o Philip foram bastante adequados e alguns pontos bastante específicos foram abordados.

Agora, quanto a o segundo sonho de a Ruburt. Digo, antes de mais, que os muitos quartos e apartamentos por explorar representavam várias facetas de realidades psíquicas, daí a sua antecipação no sonho. A loja dentro de o apartamento tinha que ver com a dimensão física e várias capacidades físicas que assentam em experiências de vidas passadas.

Ela pensou que a roupa estava em saldo, que era barata pelo preço, mas só parecia assim porque não sabia que já a tinha pago. Aqui ela encontra um excelente casaco, que percebeu ser seu de uma estação anterior. O casaco era verde e quente. Representava o que lhe parecerá uma capacidade nova, quando a descobrir em si própria em breve.

Ela então perceberá, ou deverá perceber, que essa capacidade foi sua numa vida passada, mas não usada, e que agora a aguarda. Trar-lhe-á calor e confiança e dar-lhe-á proteção.

No sonho, ela também tem consciência de que essas pessoas gostam dela e de que, de algum modo, já as conheceu no passado. Isto também faz surgir sentimentos de redescoberta e de alegria que acompanharam o sonho. As pessoas envolvidas foram, de facto, bons amigos numa vida passada. Eram imagens dos homens cujas vozes lhe falaram no sonho anterior, quando ela ficou tão assustada; e, quando saltou tão graciosamente de o corrimão, fui eu quem estendeu um braço para a auxiliar.

(A Jane sorriu, de olhos ainda fechados. O andamento acelerou e a voz ficou agora um pouco mais forte e mais grave.)

No sonho, porém, eu era um jovem de pele azeitonada, de uma existência anterior. Isto é, era eu próprio numa existência anterior. Estavam presentes os outros homens cujas vozes também foram ouvidas no primeiro sonho. Desta vez, no entanto, o voto de confiança pretendido foi dado emocionalmente, através de sorrisos e gestos, e por aí fora.

O edifício separado de apartamentos representava possibilidades num futuro mais distante. A Ruburt ainda não está pronta para elas. O quarto

para o qual ela olhou, por exemplo, não estava vago — ou, por outras palavras, não estava pronto para ela. A capacidade representada por o casaco, essa sim, diz respeito a um futuro bastante imediato.

A sua dança e o seu grande ânimo explicam-se por si. O seu excelente humor ao despertar mostrou que o alcance do sonho lhe era claro em base subconsciente.

Tenho mais algumas observações, muito poucas, sobre este segundo sonho. Contudo, agora sugiro uma breve pausa.

(Pausa às 21h20. A Jane estivera dissociada, como é habitual na primeira entrega. Manteve a voz mais grave e o andamento rápido até à pausa.)

(A Jane disse que não tinha, conscientemente, ligado as vozes do primeiro sonho aos homens de pele azeitonada do segundo sonho. Lembrava-se bem do jovem que a ajudou graciosamente a sair de o corrimão no segundo sonho. Tinha, disse a Jane, uma pele azeitonada excecionalmente bonita e lisa. Não era muito alto, mas baixo, magro e bem proporcionado, com cabelo escuro. A Jane não recorda os traços faciais deste jovem em específico, nem, aliás, os de quaisquer dos outros homens. Lembra-se de que todos sorriam e de as suas peles azeitonadas.)

(Era agora a altura do segundo teste clarividente com os Gallaghers em Porto Rico. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. A voz estava agora baixa e fez muitas pausas breves. Retoma às 21h30.)

Por favor, dá-nos um momento.

Os teus amigos, meus amigos — o jesuíta e o amante de gatos — estão a dormir num quarto diferente daquele em que estavam na nossa última sessão.

Fica perto de água e mais a oeste, e numa cidade ou local diferente. (Pausa.) Fica para as traseiras e não para a frente do edifício, para o lado e para trás. Com uma árvore imediatamente fora da janela; um tipo de árvore frondosa, com algo como picos. (Pausa.)

Um qualquer teatro. Eles visitaram-no, ou fica perto, e passaram por ele a caminho deste local.

Há um telefone neste quarto. Viram um filme sobre uma mulher com amantes e um aleijado, ou talvez um anão. Compraram um crucifixo, creio, pequeno, para usar numa corrente. (Pausa.)

Comeram num sítio com janelas largas e estores, fechados por causa de o sol. Uma janela extremamente comprida na frente, ao longo de todo o edifício, coberta por esse estore.

Comeram com a irmã de a Peggy e o marido, ou falaram deles durante a refeição, de modo imediato, pensando neles com muita intensidade. Talvez a marcar um encontro com eles para esta noite.

(A irmã de a Peggy casara no sábado antes de a Peggy e o Bill partirem para Porto Rico. O curioso aqui é que a irmã e o novo marido

também foram para Porto Rico em lua-de-mel; contudo, partiram para a ilha na noite de sábado, enquanto a Peggy e o Bill partiram no dia seguinte, domingo. Tanto quanto a Jane e eu sabemos, os dois casais não tinham combinado encontrar-se lá, nem isso era particularmente desejado.

(O marido de a irmã tem um corpo atarracado e usa as mãos com frequência no trabalho. (A Jane e eu não conhecemos nem o marido nem a irmã. A Jane fez agora uma longa pausa às 21h41.)

Deixa ver se os conseguimos apanhar neste momento.

Uma ligação com dados. Um homem idoso e joalharia. Uma pequena perturbação. Penso num maço de cigarros, de marca não americana, embora nenhum deles fume. Um xaile, como oferta. Uma certa rua sem saída que deverá ser significativa para eles no regresso.

Tenho a impressão: clor-ra-door (a minha interpretação fonética), mas não sei a que se refere. Também um lago interior.

Sugiro a tua pausa e depois passaremos a o teu Dr. Instream. Em sentido figurado, claro.

(Pausa às 21h46. A Jane estava dissociada como de costume. Manteve os olhos fechados, a voz normal. Tal como na última sessão, quando tratou dos Gallaghers, não teve imagens visuais a acompanhar a exposição.)

(Quando voltou a falar, o andamento foi, na maior parte, lento, com muitas pausas. Sentada, de olhos fechados. Retoma às 22h00. Este é o 10.º teste de o Dr. Instream.)

Tenho aqui uma impressão adicional sobre os nossos amigos. É de um pequeno objeto de madeira, leve. (Pausa.)

Creio que, esta noite, o nosso Dr. Instream está um pouco atrasado. Em qualquer caso, ainda não está pronto para nós. (Pausa.) Um carro pára e ele sai dele.

Dá-me um momento.

Ele esteve com outras pessoas, de traje algo formal. Bebeu uns copos num estabelecimento público esta noite, talvez no Howard Johnson's que visitaram; e houve um evento no colégio.

Penso que o carro é um Buick. (Pausa às 22h05.) Ele faz uma visita noturna ao escritório e, talvez, toma café na cafetaria. Fala com um homem no corredor, fora da cafetaria. Há alguma confusão na sua mente quanto a conseguir, ou não, estar connosco a tempo, e os seus pensamentos detêm-se nisso.

O homem com quem falou no corredor é, de certo modo, um estorvo para ele, atuando como uma espécie de impedimento.

(A Jane fez agora uma pausa de um minuto, das 22h09 às 22h10.)

O Dr. Instream pensa também numa chamada telefónica que está à espera. Ele está no escritório até tarde. A chamada poderá ter que ver com a esposa dele. Creio que é ela quem o leva a casa. Ele está dentro de casa.

(Pausa às 22h12.)

(Ele fuma na varanda. Há um breve desentendimento entre ele e a esposa. Ele vai para o seu quarto e tenta entrar em contacto connosco. Pensa numa faca.)

Tens um teste para nós, Joseph?

(«Não. Pensei que talvez quisesse terminar o material sobre o sonho de a Jane.»)

Então faremos uma pausa muito breve e eu terminarei essa discussão.

(Pausa às 22h14. A Jane estava dissociada como de costume.

Manteve os olhos fechados, a voz baixa. Usou muitas pausas curtas, além das anotadas.)

(Enquanto transmitia os dados relativos ao automóvel no início do teste, a Jane disse sentir uma incerteza quanto à localização do carro. Não sabia se estava no escritório de o Dr. Instream ou na casa dele. Também não sabia se essa incerteza se referia ao Seth ou a ela própria.)

(A Jane retomou sentada e de olhos fechados, com voz mais firme e ritmo mais rápido, às 22h20.)

É interessante ver como o segundo sonho se entrelaçou com acontecimentos e preocupações ligadas às realidades do quotidiano.

Formaram a estrutura exterior do segundo sonho. Ao mesmo tempo, o sonho gerou energia suficiente para libertar a Ruburt — e o seu estado de espírito — de uma escravidão aos acontecimentos físicos. Ou seja, o sonho permitiu que o seu bom humor natural regressasse em força e atuasse de forma saudável, independentemente das circunstâncias físicas.

O teu senhor Fell é, de facto, um tipo de personalidade diferente da tua, Joseph, mas as suas omissões não são deliberadas. São apenas resultado de falta de disciplina e de uma certa tendência para evitar pormenores; e, na verdade, um encontro entre vocês os três seria bastante benéfico.

Acredites ou não, a carta de a Ruburt foi uma surpresa para ele. Sentir-se-á magoado, mas disfarçará isso com uma atitude cosmopolita.

(A Jane fez uma longa pausa às 22h27.)

Ele tem estado ausente devido a dificuldades familiares.

(A Jane estivera a fumar desde a pausa. Agora abriu brevemente os olhos e apagou o cigarro.)

O sonho terapêutico abreviou o mau humor de a Ruburt em cerca de duas semanas, e as mesmas táticas podem ser utilizadas de futuro de forma muito produtiva.

Os teus próprios sonhos, que acabaste de anotar, relacionam-se com uma mudança de ritmo da tua parte.

(Isto surpreendeu-me. O Seth referia-se aqui a dois sonhos meus — breves, mas vívidos e coloridos — que eu escrevera pouco antes do início da sessão desta noite. A Jane regressou ao estúdio justamente quando eu

terminava. Disse-lhe que estava a anotar uns sonhos, mas não os descrevi, pois o tempo já escasseava.)

(No dia a dia, não descrevemos em detalhe todos os sonhos que temos um ao outro, a não ser que surjam ligações óbvias em eventos futuros, ou que o sonho seja invulgarmente vívido. Os dois sonhos curtos de que falo acima foram um pouco mais vívidos do que o habitual, mas nada de extraordinário, pensei. Agora tentei levar o Seth a aprofundar o assunto.)

(«Não contei nada à Jane sobre esses sonhos.»)

Sei que não contaste. A mudança de ritmo pode estar relacionada com duas pessoas — as tuas relações com duas pessoas.

(A Jane fez agora uma pausa longa.)

As cores têm a ver com a intensificação de uma natureza interior. Essa intensificação pode parecer envolver uma perseguição ou uma corrida. Estás perto de alcançar um objetivo, relacionado com o teu trabalho.

Um homem desconhecido, ou não visto, está ligado à parte desse objetivo que estás prestes a atingir, mas ainda não atingiste.

(No momento, comecei a concentrar-me em fazer com que o Seth me dissesse mais sobre esse homem. Não tinha a certeza se ele se referia a esse homem como parte dos meus sonhos, ou se queria dizer que esse homem existia fisicamente.)

(Ao mesmo tempo, a Jane fez algo que raramente faz desde que começou a falar sentada. Os cigarros estavam sobre uma estante, fora do seu alcance. Abriu ligeiramente os olhos, levantou-se, pegou nos cigarros, acendeu um e voltou a sentar-se.)

O símbolo de uma estrada envolve a distância de uma vida para outra e a mudança de um conjunto de pais para outro. A agressividade pode ser canalizada para a prossecução dos teus objetivos.

Havia algo relacionado com uma criança no sonho, algures.

(«Não me lembro disso.»)

Agora faremos uma pausa, ou podes terminar a sessão, conforme preferires.

(«Faremos uma pequena pausa.»)

(Pausa às 22h40. A Jane estava dissociada como de costume. Manteve os olhos fechados na maior parte do tempo. A voz estava baixa, o ritmo lento.)

(Cópias dos meus dois sonhos em questão seguem-se. Tenho quase a certeza de que só me lembro de partes de ambos. De qualquer modo, aqui está o que escrevi no meu caderno de sonhos.)

Sonho n.º 1 — Segunda-feira à noite, 18 de outubro:

Em cores. Eu mostrava a um jovem de uns vinte e poucos anos algumas coisas sobre desenho. Era loiro, um homem que eu não conhecia. Voz grave, cabelo liso, mangas de camisa branca. Tinha uma prancha de desenho à qual prendera uma folha de papel de aguarela áspero, e andava

com ela. Vi que cobria o papel com desenhos de figuras e retratos, a traço fino, a lápis e caneta. Era um modo invulgar de trabalhar sobre papel de aguarela. Bons desenhos — ainda me lembro nitidamente de um perfil feito a linha.

Sonho n.º 2 — Terça-feira à noite, 19 de outubro:

Em cores muito vivas e brilhantes. Tinha a ver com a nossa carrinha Ford, que é azul. Num velho e grande garagem com a Jane, eu preparava-me para conduzir o carro, mas depois parecia vê-lo erguido num pórtico. Vi que o radiador estava separado do resto do motor, que mangueiras e ligações pendiam, e que o óleo e a água se tinham escoado. Percebi que o carro não era usado há muito tempo.

Depois vi que o carro estava numa margem íngreme e coberta de relva, junto a um rio, creio, e que outro carro velho fora colocado à frente do nosso, impedindo-o de sair. A margem estava coberta de ervas e capim altos e coloridos. A Jane e eu tentávamos seguir um caminho em direção ao carro. O trilho estava gasto até à terra nua. Estávamos descalços e vi que o caminho estava coberto de pedaços de vidro partido. Acho que recuei, dizendo à Jane algo como “já fomos longe demais”. Nenhum de nós ficou ferido.

(Durante a pausa, não contei nada à Jane sobre o conteúdo de nenhum dos sonhos. Achei que o que o Seth dissera até ali estava, em geral, relacionado com os sonhos, sem ser muito específico, e achei particularmente interessante a observação sobre a intensidade das cores — o que é verdade sobretudo no segundo sonho. Também considerei boa a parte sobre eu estar perto de atingir um objetivo, pois tenho tido esse sentimento ultimamente. E não disse nada disto à Jane; tenho o hábito de ver como as coisas se desenrolam, em vez de fazer previsões.)

(Mencionei à Jane, na pausa, que me estava a concentrar numa pergunta. Disse-lhe depois que tinha formulado outra, mas não adiantei mais nada. Perguntei-me se o Seth conseguiria responder às duas questões. A segunda era apenas se o Seth poderia dizer-nos algo sobre o carro azul que aparecia no segundo sonho.)

(A Jane disse que gostaria que o Seth não tivesse feito pausa, mas continuado com o material do sonho. Eu não sabia se tinha dito demasiado ou não. A Jane retomou da mesma forma calma, de olhos fechados, às 22h44.)

Tenho-me divertido bastante com o nosso material anterior.

O ego de a Ruburt ergueu a sua cabeça algo beligerante durante a pausa. No entanto, mesmo essa cabeça tem sido mais gentil ultimamente.

Uma estrada, uma autoestrada ou uma linha férrea; um grupo de pessoas e algo que se afasta. Uma paisagem, bastante vívida, e tu próprio. Duas outras pessoas, um grupo de árvores. A Ruburt quer dizer um assobio,

portanto deixá-lo-emos dizer isso. É resultado da ligação com o comboio, da parte dele. Está a ir muito bem.

(«Sim.»)

(A Jane fez agora uma longa pausa.)

Um lago. Uma perseguição. Estás atrás de algo e temes perdê-lo ou não o poder alcançar.

(«Não me lembro disso.»)

(A Jane levantou um dedo, de olhos ainda fechados.)

Não deves comentar, pois quando o fazes deixas-nos abertos, porque dás pistas; e essas pistas ajudam, em todo o caso, meu caro amigo.

O lago, contudo, estava na parte inicial do primeiro sonho.

Podes fazer uma pausa breve, muito breve. Depois coloca quaisquer perguntas que pretendas — perguntas relativas ao sonho, naturalmente — e encerraremos a sessão.

(Pausa às 22h53. A Jane estava dissociada como de costume.

Manteve os olhos fechados, a voz baixa. Disse que a repreensão do Seth não a incomodara. Nenhuma das minhas perguntas mentais fora respondida.)

(Durante a pausa, a Jane voltou a deitar-se na cama, ou meio reclinada, enquanto fumava. Começou a falar a partir dessa posição. Pelo menos durante parte da comunicação, os olhos estiveram abertos. Achei difícil perceber se estariam parcialmente abertos, pois ela mantivera os óculos e os reflexos dificultavam a observação. A voz era baixa, o ritmo algo rápido. Retoma às 22h58.)

O fracasso talvez tenha sido meu. O material do sonho deveria ter sido explorado sem pausa. No entanto, senti que a Ruburt poderia precisar dela. Ainda assim, saímos bem — e tu deverás perceber isso quando voltares a ler os teus sonhos.

Se tivesses formulado as duas perguntas mentalmente, sem deixar a Ruburt saber que eram significativas, terias obtido as respostas. Isto simplesmente porque esse tipo de experiência ainda é relativamente novo para ela, e, portanto, estava em guarda. Mais tarde isso já não importará.

Encerramos, então, a nossa sessão. As minhas melhores saudações a todos.

E, quanto ao que o nosso senhor Gallagher está a fazer neste momento, devo dizer que faria um pobre jesuíta, sem dúvida.

Estou perfeitamente disposto a continuar, mas compreendo que devam estar cansados.

(«Estamos quase lá.»)

(A Jane, após uma pausa, de olhos bem abertos:)

«Sou eu.»

(«Boa noite, Seth.»)

(Fim às 23h01. A Jane estava dissociada como de costume. Acredito que manteve os olhos fechados a maior parte do tempo. Ela disse que não sabia, que durante a sessão não estava preocupada com isso.)

(A Jane estava muito curiosa acerca das novas capacidades que a aguardavam, especialmente aquela que o Seth dissera que ela descobriria em breve. Especulámos que o método do Seth ao interpretar os meus sonhos nesta sessão poderia ter algo a ver com isso.)

SESSÃO 201

25 DE OUTUBRO DE 1965

(Não planeei prova do envelope para a sessão desta noite, pensando que o seu lugar poderia ser ocupado pelo terceiro e último teste clarividente com os Gallagher.)

(A Jane resolveu agora todas as questões relativas ao seu livro sobre ESP com o editor. Na 198.^a sessão, o Seth disse que ela receberia uma carta de o editor até ao sábado seguinte. A Jane recebeu então uma carta da secretária dele, mas não uma definitiva. É interessante notar, porém, que ela recebeu a informação que queria até ao sábado seguinte; para ser exato, sexta-feira, 22 de outubro. Ainda não recebemos qualquer notícia sobre o alargamento da cozinha, que o Seth também previu que ficaria resolvido até ao sábado após a 198.^a sessão.)

(Segue-se uma cópia de o meu sonho de quinta-feira à noite, 21 de outubro, conforme o meu caderno de sonhos: “Sonhei brevemente que o primeiro dos dois contos que a Jane vendeu já foi publicado — The Big Freeze, creio — e que, como resultado, a Jane já o pode receber.” Eu esperava que o Seth comentasse o sonho.)

(Sábado, 23 de outubro, a Jane soube que o seu conto, The Big Freeze, estava nas bancas, na revista Dude. A revista não a tinha notificado de que o publicaria. Ela será também paga na publicação, em vez de na aceitação de o material. A revista tinha chegado às bancas na sexta-feira, 22 de outubro.)

(Na 200.^a sessão, o Seth disse que o editor de a Jane, o Frederick Fell, ficaria magoado com as exigências dela de ação, mas disfarçaria isso com um ar cosmopolita. Na carta de 22 de outubro, o editor, na nossa opinião, escreveu certamente uma carta cosmopolita.)

(A sessão realizou-se na nossa sala dos fundos e decorreu sem interrupções. A Jane falou sentada e de olhos fechados. A voz estava baixa e o andamento bastante lento no início.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

O teu sonho foi um excelente exemplo, ó Joseph, de um sonho clarividente, no qual se recebeu informação nova e definida. A informação foi específica e tu retiveste a maior parte dos dados identificativos.

Foi-te dado o título exato de o conteúdo do sonho; isto é, soubeste que o conto em causa se chamava The Big Freeze. É verdade que te esqueceste de que o próprio título fazia parte do sonho, mas lembraste-te o suficiente para teres a certeza de qual conto era. Sabias que era o primeiro, e não o segundo.

Houve também aqui uma tradução bastante humorística. Quando acordaste, sentiste frio; embora não te lembrasses de teres recebido o título The Big Freeze, essa informação foi traduzida em sensação corporal. Estavas, sem o admitires, preocupado com questões financeiras. Perguntavas-te quando chegariam fundos adicionais, e isso deu impulso às tuas capacidades. Fizeste uma pergunta e recebeste uma resposta.

A sensação de frio foi uma pista para o título de o conto, mas uma que não reconhecerias ao nível consciente. Não tens motivos para te preocupares com questões financeiras. Estás longe de ter dificuldades aqui, nem as terás.

(Curiosamente, lembro-me de ter acordado com frio de manhã na semana passada, mas não sei se foi depois de o sonho. Não fiz, em qualquer caso, ligação consciente com o sonho, e parece-me que também posso ter acordado com frio em mais do que uma noite.)

A Ruburt regenerou bem as suas energias nestes últimos dias. A válvula foi excelente para ela e, neste caso, aliás, a energia esteve longe de baixa, embora tenha sido utilizada. Foram sensatos na decisão de fazer algumas compras para o vosso apartamento. Os objetos foram comprados com bom ânimo, com dinheiro bem ganho, e reterão, em grau bastante forte, a exuberância psíquica que passou a fazer parte deles, acrescentando, portanto, ao clima globalmente construtivo da vossa casa.

Estou a falar novamente de ligações bastante práticas, pois, assim como a energia forma a matéria, a matéria e a energia são inseparáveis e os objetos obtêm o seu caráter dos seus donos e das circunstâncias que os rodeiam.

(Achamos que esta passagem ajuda a explicar alguns resultados que a Jane tem obtido nas provas do envelope.)

Quero deixar aqui uma nota: o gravador deverá funcionar muito bem da forma como a Ruburt tenciona usá-lo para recolher dados de sonhos.

Usei parte desta sessão para tratar de matérias bastante pessoais e, claro, discutimos sonhos concretos nas sessões imediatamente anteriores. Isso é ótimo, mas em breve voltaremos ao nosso material.

Sugiro agora uma breve pausa antes de tratarmos dos nossos amigos. E, já agora, a experiência de a Ruburt em tempo psicológico foi perfeitamente legítima.

(Pausa às 21h19. A Jane esteve dissociada como de costume na primeira entrega. Manteve os olhos fechados e a voz baixa; o andamento acelerou consideravelmente à medida que falava.)

(A Jane sabia a que experiência em tempo psicológico o Seth se referia. Fiz o esquema rápido seguindo as instruções dela. Do caderno de tempo psicológico de a Jane:)

(Sexta-feira, 22 de outubro, 11h00–12h00. Eu ia tão bem quando o alarme tocou às 11h30 que o aponteí para mais meia hora além do meu tempo habitual.

(Nada do que vi era muito nítido. Sentia que estava numa varanda comprida e estreita, com um gradeamento. Ou num motel de dois pisos, ou num motel de um piso que ficava mais alto do que o usual. Olhei por cima e para baixo para uma piscina e senti que, para além dela, se via o oceano ou um grande corpo de água. As portas abriam para a varanda comprida que se estendia por todo o comprimento, e perguntei-me se o Bill e a Peggy Gallagher estariam hospedados aqui. Pensei que o quarto deles poderia ter a porta perto do centro da varanda. Tive a impressão da Peg sentada junto de a piscina, com o Bill dentro dela.

(Eu repetia-lhes que estava ali ao pé, caso eles conseguissem ver alguma coisa de mim. Ainda assim, sabia que estava deitada na cama, enquanto tentava projetar-me para o local deles.

(Depois de reajustar o alarme, tentei ir para o outro lado de o motel para encontrar uma tabuleta com o nome. Em vez disso, observei um homem de cima e por detrás; de fato e chapéu, a carregar uma mala ou pasta. Atravessou uma extensão de alcatrão de algum tipo, junto de um edifício grande e maciço. O Bill?

(Quanto a sensações: primeiro consegui uma projeção parcial de algum tipo e achei que a poderia completar, mas não aconteceu. Fortes sensações de arrepio, sentimentos de ser levada. Movimentos estranhos de algum tipo. Sentia a manta por cima de mim e a almofada no pescoço moverem-se de modo esquisito, como se o meu corpo físico fizesse movimentos pouco habituais, embora eu pensasse estar imóvel. Sensações momentâneas muito fortes de ser levada — palavras pobres para descrever isto. Levíssima, sem peso.

(A certa altura, julguei ver montanhas, como que a flutuar. Depois, sensação de mudança de direção, mais para cima em linha reta, embora mantendo ainda o “eu-na-cama”. A certa altura, apercebi-me de que olhava para copas de árvores contra um céu cinzento. Quando o alarme tocou a segunda vez, alguma leveza permaneceu. Fiz exercícios e a leveza desapareceu assim que voltei os pensamentos para assuntos do dia. Fim do relato.)

(Era agora a vez de a Jane tentar sintonizar o Bill e a Peggy Gallagher pela última vez enquanto estavam de férias. Não tínhamos a

certeza, mas pensávamos que talvez já estivessem a caminho de casa, vindos de Porto Rico. A Jane começou a falar de olhos fechados. O seu andamento voltou a tornar-se bastante lento, com muitas pausas; embora, por vezes, entre pausas, deitasse um parágrafo de material com bastante rapidez. Retoma, sentada, às 21h29.)

A Ruburt colheu, de facto, algum material para a sua escrita hoje, e a interrupção completa das atividades normais foi-lhe muito benéfica.

Agora, dá-nos um momento.

Um avião. Diretamente atrás dos nossos amigos (pausa), está uma mulher de azul. Diretamente em frente dos nossos amigos, está um casal de meia-idade... (pausa; a Jane abanou a cabeça, contrariada). Vamos tentar esclarecer isto. O casal é de Daytona ou de Dayton. O homem tem uma ligação com o negócio do papel, mas não com jornal. A produção de papel propriamente dita.

(A Jane e eu já estivemos em Daytona Beach, Florida, mas nenhum de nós esteve em Dayton, Ohio.)

Chegada a Nova Iorque às onze, talvez 11h05. (A Jane abanou a cabeça.) Há algo — um portão ou uma pista com o número 3, 5; 35 — possivelmente o número no bilhete de bagagem. Mas um destes é 35. (Pausa.) A mulher diretamente atrás do lugar dos nossos amigos pode ter uma criança com ela. Se sim, uma criança do sexo feminino; mas não há homem nesse lugar. *(Pausa longa.)*

Eles atravessam um edifício grande, muito provavelmente um terminal, porque há balcões, por assim dizer, à direita. A úlcera de o nosso amigo pode dar uma pequena pontada aqui, ao passar pelo terminal. Há uma breve discussão sobre para onde ir a seguir.

(Pausa às 21h40.)

Em algum momento das viagens, conheceram um senhor de cabelo branco. Creio que o nome começa e acaba com A. A idade: cerca de 62, talvez mais. *(Pausa longa.)*

O interesse foi de natureza comercial e não social, em ligação com este homem.

Neste momento — isto é, agora (21h44) — a nossa amante de gatos está a ler. O nosso jesuíta está a observar pessoas, e estão a voar.

Um vestido ou casaco com muitos botões. Um rapazito várias filas à frente. *(Pausa longa, pelo menos um minuto.)* Sugiro a tua pausa.

(Pausa às 21h48. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados, a voz baixa. Muitas das pausas, para o fim da entrega, foram longas.)

(A Jane disse ter uma impressão muito vaga do que supôs ser o interior de um avião enquanto falava. Não o conseguia descrever por palavras e não fazia ideia, para começar, se estaria certa, já que nunca

entrou num avião. Parecia não ter memória de imagens de interiores de aviões.)

(Eu estava ocupado a apontar o parágrafo acima quando percebi que a Jane tinha ficado em silêncio. Para minha surpresa, vi que ela se recostara na cadeira, de olhos fechados outra vez. Retomou num tom muito baixo às 21h51.)

Também uma viagem de táxi. A nossa amante de gatos ri-se. Uma corrida a três dólares, que parece cara. Um taxista idoso, e não jovem (pausa), de pescoço grosso.

Uma direção sobretudo para a direita, depois de uma mudança de direção. (Pausa.) Um quarto no quinto andar ou mais alto, mas não mais baixo. Eles fazem aqui também uma refeição. Capto alguma ligação com a palavra M-

(«M?»)

Olmo, e este edifício. O melhor é fazeres uma pausa.

(Pausa às 21h57. A Jane estava dissociada como de costume. Disse que “sabia que o Seth ia fazer isso”, que ele ainda tinha mais a dizer.

(A Jane disse que a sua atitude já mudou bastante: agora deixa “passar tudo, pelo menos até certo ponto”. Caso contrário, não aprenderíamos nada sobre distorções, disse. A Jane acrescentou que, quando o Seth mencionou a viragem à direita, teve uma sensação interior muito nítida de virar à direita, depois de seguir em linha reta.

(Mais uma vez, o andamento de a Jane foi lento quando voltou a falar. Sentou-se de olhos fechados, com as mãos no rosto. A voz estava baixa. Retoma às 22h06, com o 11.º teste de o Dr. Instream.)

Dá-nos um instante.

Um pano, como um lenço, pousado sobre a mesa, e uma vela. Vermelha, creio. (Pausa.)

Ele concentra-se e está a pensar num número, talvez um zero. Senta-se numa cadeira de encosto direito. Tenho a impressão de uma peça de mobiliário alta perto dele. (Pausa.) Extremamente alta, como um volume retangular na vertical, e é escura. Creio que está atrás dele.

O quarto não parece estar bem iluminado, pois essa peça de mobiliário está à sombra. A mesa é redonda, com outras cadeiras de encosto direito por perto. Algumas também à sombra. (Pausa.)

Os encostos das cadeiras são abertos, não totalmente maciços nem preenchidos. Talvez portas de vidro (pausa longa; pelo menos um minuto), mas uma superfície de vidro.

Uma identificação por número. Ele veste algo aos quadradinhos, quadrícula pequena, mas de cor global mais escura do que clara ou viva. Ele fecha o punho. (Pausa.) Agora penso em duas velas, e o pano sobre a mesa é branco.

Um M, S. (Pausa.) Um desentendimento hoje entre o Dr. Instream e um homem de bigode, por causa de dinheiro e de uma política, quanto ao modo como os fundos devem ser usados. Alguma ligação com uma fortificação (pausa) ou um programa governamental de treino de natureza militar.

Uma dispersão. Duas moedas sobre a mesa. 1930. Uma das moedas tem 1930 na data. Sugiro a tua pausa. Tens um teste para mim?

(«Não.»)

Pensei ser educado e perguntar.

(«Estamos a facilitar-te a vida hoje.»)

(Pausa às 22h24. A Jane referiu ter estado muito bem dissociada durante a entrega. Manteve-se bastante imóvel enquanto dava o material em voz baixa, com as mãos no rosto o tempo todo, e fez muitas pausas.

(A Jane retomou no mesmo tom calmo, mas com um ritmo um pouco mais rápido, às 22h32.)

Agora vamos encerrar a nossa sessão.

A Ruburt terá algumas vendas adicionais de contos num futuro próximo, em parte como resultado deste conto. Pelo menos uma antes da publicação de o outro conto que já foi vendido.

Haverá notícias relativas à irmã de a mãe de a Ruburt. Não de natureza feliz.

Os meus melhores cumprimentos a todos. Iniciais uma época muito produtiva, que será importante para ambos. Antevejo-a por vós com afeto.

Daqui a aproximadamente quatro dias, creio que o teu Dr. Instream receberá uma carta importante, pela qual tem estado à espera, e que receberá confirmação relativa às suas próprias experiências de hipnose.

Possivelmente em Nova Iorque os teus outros amigos comem peru. É melhor comer peru do que engolir sapos.

(«Boa noite, Seth.»)

(Fim às 22h41. A Jane estava dissociada como de costume. Manteve os olhos fechados. A voz estava baixa. Lembrou-se da maior parte do que dissera.

(Na 104.^a sessão, o Seth disse que a Jane venderia alguns dos contos do grupo em que trabalhava nessa altura. As duas vendas — incluindo a agora publicada — pertencem a esse grupo; além disso, a Jane perdeu outras vendas desse grupo porque vários editores lhe escreveram a dizer que, embora gostassem do material, já tinham ideias semelhantes em carteira. A Jane começou agora a trabalhar noutra grupo de contos. Há intervalos suficientemente grandes entre fases de contos para ser fácil manter os grupos separados. Ver o Volume 3.

(A tia de a Jane, mencionada por o Seth, vive na cidade de Nova Iorque. A Jane não a vê há alguns anos, mas mantém contacto através da irmã de a tia, a mãe de a Jane.)

SESSÃO 202
27 DE OUTUBRO DE 1965

(A Jane falou brevemente por telefone com a Peggy Gallagher esta manhã e soube que os Gallaghers regressaram ontem, terça-feira, a Elmira, das férias em Porto Rico. A Jane soube pouco sobre a viagem, exceto que os Gallaghers tomaram muitas notas para comparar com as notas de o Seth; e que o Bill se envolveu numa “experiência estranha” com um pianista e aquilo que ele achou ser telepatia. Nós os quatro vamos encontrar-nos este fim de semana para destrinçar todas as notas.)

(Para a prova do envelope usei um par de cartões de nome feitos por o nosso amigo o Bill Macdonnel para o seu estúdio de arte, a Cameron Gallery. O Bill deu-nos estes cartões talvez há um ano, pouco depois de abrir a galeria. Cada cartão é feito à mão e, portanto, algo único. Mais do que outra coisa, eu queria ver se a Jane conseguiria distinguir que o teste envolvia dois objetos. Coloquei os cartões entre duas folhas de cartolina Bristol, depois selei tudo nos habituais envelopes duplos.)

(A Jane tem trabalhado intensamente nestes dias e, antes da sessão de hoje, comentou que os olhos estavam cansados. A sessão realizou-se na nossa sala dos fundos, tranquila. A Jane falou sentada. Os olhos estavam fechados, a voz um pouco mais grave do que o habitual, embora não alta; e o andamento foi bastante lento no início.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Gostaria de discutir os sentidos interiores em ligação com algum de o outro material que vos foi dado mais recentemente.

Mas primeiro tenho uma sugestão para a Ruburt, nos seguintes termos. Ela está agora num ponto em que pode melhorar muito a condição dos olhos e a visão, através de auto-sugestão consistente. A seguinte frase deverá ser benéfica: Estou relaxada e à vontade, e confiante. Consigo ver com facilidade e bem.

Agora. Como sabem, os sentidos interiores pertencem àquela parte da personalidade humana que não está materializada fisicamente. Em várias ocasiões falei sobre a realidade do que vocês chamam o corpo astral. Lembrem-se de que, há mais de um ano, discutimos cápsulas de tecido. O corpo astral é desta natureza. É composto por componentes eletromagnéticos. É simplesmente o eu não visível.

(O Seth começou a discutir os sentidos interiores na 20.ª sessão; pela 50.ª sessão já tinha detalhado nove deles, com mais por vir. Pela 59.ª sessão incluiu também onze leis básicas do universo interior, mais três propriedades da matéria física.

O 7.º sentido interior é: Expansão ou Contração da Cápsula de Tecido. Nos Volumes 1 e 2, ver as sessões 39, 40 e 43, entre muitas outras.)

Isto não significa que não possa ser visto ocasionalmente, mas não pode ser percebido pelo uso dos sentidos físicos não auxiliados. É precisamente aquilo que contém as memórias e as experiências, em unidades codificadas, de o indivíduo presente. É a parte que sobrevive à morte física. É a parte que, na vida física, se entrelaça com a imagem física.

A consciência básica nunca é física. Contudo, dentro do vosso sistema, ela tem de recolher experiência no sistema físico; daí o corpo físico. Mas a experiência em si não é física e não pode ser contida na matéria física. Portanto, essa experiência, recolhida no campo físico, é mantida em forma codificada por este eu interior ou identidade astral. Só compreendendo a ligação entre o eu físico e o eu não físico, e os sistemas de comunicação que operam aqui, é que a verdadeira natureza da personalidade humana pode ser estudada.

Embora tratemos agora da vossa própria espécie, deve compreender-se que toda a consciência possui também a sua identidade astral. Os sentidos interiores fazem parte deste eu não físico. Permitem à personalidade reter a sua relação com a realidade não física, permitindo que o eu material se foque no seu ambiente terreno.

Os sentidos interiores recolhem informação de que o eu consciente pode não se aperceber. A identidade astral, naturalmente, está ciente de comunicações tanto do ambiente interior como do exterior. A identidade astral é, portanto, uma representação mais completa de a personalidade como um todo, e as suas capacidades são vastas. O ego interior, de que já falámos, é o diretor desta identidade astral. Devem agora ver como isto se articula com algum de o nosso material mais antigo.

(O Seth começou a discutir o ego interior juntamente com os sentidos interiores, pelo que o material sobre ele atravessa várias sessões. Algumas sessões recentes sobre o ego interior são: 94, 151, 162, 173. Ver os Volumes 3 e 4.)

Quando o eu físico dorme, a imagem astral pode, de facto, vaguear. Regressa sempre ao corpo físico durante a vida física. As capacidades telepáticas e clarividentes não são de modo algum travadas pelo ego enquanto esse eu dorme. Nas horas de vigília, o sistema de comunicações está mais ou menos encerrado do lado de o ego; mas, no sono, as barreiras levantam-se e o conhecimento vindo de o eu interior tem um fluxo mais livre.

É evidente, portanto, que a chamada projeção astral ocorre frequentemente durante o sono. Ocorre também, porém, no estado de vigília, embora o ego, por norma, não tenha consciência de tal projeção. Quando, através de treino, há maior comunicação entre o eu interior e o eu exterior, então é possível que o ego se aperceba do que aconteceu.

Eu já vos disse que os sonhos são um processo contínuo, quer o ego esteja acordado quer esteja a dormir, e quer tenha, ou retenha, algum conhecimento de a atividade onírica quer não. Do mesmo modo, o eu astral viaja muitas vezes, quer o ego esteja acordado quer esteja a dormir. Sugiro uma breve pausa e continuaremos.

(Pausa às 21h27. A Jane estava dissociada, como de costume, na primeira entrega. Manteve os olhos fechados. A voz esteve um pouco mais grave do que o habitual; o andamento tornou-se bastante regular após um início lento. A Jane falou quase como quem lê em voz alta, com ênfases ocasionais.

(Quando retomou às 21h36, o andamento voltou a ser lento; os olhos fechados e a voz baixa.)

O ego interior é, então, o “eu” de o corpo astral.

O ego interior é, portanto, esta identidade interior. Está estreitamente aliado a a entidade e liga uma realidade que é puramente psíquica — a realidade de a entidade — a uma realidade que é sobretudo física — a realidade de o eu físico.

Os sentidos interiores percebem a realidade psíquica e transmitem mensagens a partir dela. Falamos destes como se fossem separados, novamente, apenas por conveniência, pois não temos senão várias capacidades e vários aspetos de um mesmo eu. As divisões são arbitrárias. Isto é muito importante.

Bem. Considerem os sentidos interiores em ligação com a natureza de a ação e com a realidade eletromagnética, pois as perceções de os sentidos interiores são, elas próprias, ação e, como tal, alteram tanto quem percebe como o que é percebido. Podem ver, então, que até esta imagem astral está sempre em movimento e nunca é estática, e que a sua condição altera o eu físico, ao mesmo tempo que o eu físico atua sobre a imagem astral.

Qualquer sonho é vivido de modo diferente por estes vários aspetos de o eu. Não há um único sonho “objetivo” que seja apenas percebido de formas diversas. Os vários níveis de o eu criam os seus próprios sonhos, que têm significados para todas as camadas de a personalidade. Mas não podem pensar num sonho como num bloco de betão que, por exemplo, se pudesse lascar em pedaços que depois se aplicariam a esses níveis imaginários. Todos estes aspetos de o eu estão tão entrelaçados que é preciso fazer distinções arbitrárias apenas para poder explicá-los.

De passagem, a sugestão alcançará muitos aspetos de o eu, e alguns que estão muito distantes de o ego, pois estão a pôr em marcha a ação psíquica, que está por detrás de todas as realidades. A sugestão alcançará partes de o eu que o ego desconhece por completo. A sugestão pode, de facto, alterar a experiência que já passou.

Pode alterar a reação presente de o indivíduo a o acontecimento passado e modificar as implicações e significados originais que outrora

estiveram ligados a tal acontecimento. A sugestão pode moldar acontecimentos futuros porque qualquer ação altera o que existia antes dela e o que existirá depois dela, dentro do vosso sistema.

Isto é diferente, porém, de causa e efeito, pois, no fundo, uma ação específica não dará apenas um efeito específico. Dentro do vosso sistema, percebem apenas certas ações de entre uma variedade interminável de ações. E, assim, tomam estas poucas como resultados inevitáveis de uma dada causa.

A sugestão, então, pode moldar o futuro. A expectativa entra aqui, particularmente, claro. A sugestão pode moldar os sonhos — e os próprios sonhos passam então a operar como ação. Um sonho forte pode ser uma ação psíquica mais significativa do que qualquer experiência física, e pode alterar por completo o rumo de a personalidade.

Os sentidos interiores reagirão também à sugestão. Se, portanto, sugerirem que se tornem mais conscientes das suas atividades, então assim será. Estão a dar sugestões, quer se apercebam disso quer não, constantemente. Estão a formar a vossa própria imagem física, com todas as suas forças e fraquezas, quer tenham consciência disso quer não.

A sugestão, bem usada, com treino e conhecimento, permitirá, portanto, alterar as próprias células de o vosso corpo. Os sentidos interiores podem ser solicitados a operar de tal modo que o ego aceite as suas comunicações. Pois o corpo astral não é algum outro eu distante e estranho; é, neste preciso momento, aquela porção de vós que conhecem, mas não conseguem ver; que sentem, mas não conseguem tocar. Sugiro uma breve pausa.

(Pausa às 22h02. A Jane estava dissociada como de costume. Manteve os olhos fechados, o andamento bom, a voz em tom médio.

Quando retomou às 22h10, o andamento voltou a ser bastante lento; sentada, mãos sobre os olhos, a voz baixa. Este é o 12.º teste clarividente de o Dr. Instream.)

Dá-nos um momento.

Algo está a rodar, como um pião, mas, ao rodar, tem muitas cores. É mais direito e esguio do que um pião. *(Pausa.)*

Estão várias pessoas com o Dr. Instream, em torno de uma mesa. *(Pausa às 22h13.)* Ouve-se um estrondo, audível a partir de a mesa, mas vindo de outra sala.

Os pés dele estão cansados. Ele pensa num guarda-chuva e está agora numa sala ou compartimento muito pequeno. Segura algo erguido que pende, como de uma corrente ou cordel. Pende livremente, como um pêndulo, e ele observa-o. *(Pausa.)*

Há uma ligação com algo redondo como uma maçã; isto é, redondo como uma maçã, mas menor, e que gira talvez na ponta de uma corrente. Pertence a uma caixa pequena e quadrada. *(Pausa às 22h19.)*

Ele está sem os óculos. O pé esquerdo tem-lhe dado incómodo. Veste um roupão verde, com borlas nas pontas de o cinto. A borla é amarela ou dourada, ou há faixas amarelas ou douradas junto das borlas. Pode receber uma visita tardia esta noite. (Pausa longa.)

Penso em cinco níqueis, talvez no bolso dele ou, sobre a cómoda, empilhados numa pequena coluna.

Sugiro a tua pausa. (Pausa.) Ou tens um teste para mim?

(«Tenho.»)

(Eram 22h24 — tarde, na minha opinião, para uma prova de envelope. Na 197.^a sessão, o Seth sugerira que eu desse estas provas a Jane sem aviso, a meio da sessão. Esqueci-me de o fazer e, quando me lembrei disso, na última pausa, achei melhor esperar pela sessão seguinte.

(A Jane recebeu o habitual envelope duplo, os olhos ainda fechados, e sentou-se quieta a segurá-lo com ambas as mãos. As pausas foram antes breves. Este é o 16.º teste do envelope.)

Dá-nos um momento e veremos o que conseguimos fazer.

Estas são impressões. A forma de uma estrela. Uma ligação com um acontecimento particular, com algumas conotações desagradáveis.

O número dois. Penso em verde — a cor da relva nas tardes de verão. Uma representação. Duas pessoas. Tu próprio há um ano.

Uma ligação com música e, de algum modo, uma impressão mais distante de um seesaw (balancé). Isto é, não aqui (a Jane ergueu o envelope, agitando-o, os olhos ainda fechados), mas ligado ao que está aqui; como um jogo infantil. Castanho e cinzento.

Quatro, seis (pausa), um local com muito espaço e uma forma de agulha/sineira. Um incidente para recordar e uma ligação com F E B, como em fevereiro. Sugiro a tua pausa.

(Pausa às 22h31. A Jane esteve dissociada como de costume. Os olhos mantiveram-se fechados, a voz baixa. Disse ter ficado surpreendida ao ouvir-se pedir o teste.

(Discutimos os resultados e fizemos algumas ligações. Não pensámos que o Seth viesse esclarecer os pontos duvidosos — pelo menos não todos — por ser já tarde. Lamentei isso, embora considerasse o teste bom. A Jane estava cansada.

(O desenho nos cartões de visita artesanais de o Bill Macdonnel pode ser “a forma de uma estrela”, do ponto de vista de símbolos convencionais. Pelo menos, para mim, enquanto artista; o Bill é também artista. A Jane e eu não encontramos de imediato ligação para “um acontecimento particular, com conotações desagradáveis”.

(Podíamos dar muitas interpretações a “o número dois”. A minha ideia pessoal é que “o número dois” se refere ao facto de o objeto de teste ser composto por dois itens. Não sabíamos como encaixar a impressão da cor verde. Qualquer pintura na galeria de o Bill poderia ser “Uma

representação”. “Duas pessoas” também permite muitas leituras. “Tu próprio há um ano” considere válido, pois eu tinha quadros meus em exposição na galeria de o Bill na ocasião para a qual ele fez estes cartões; e o evento ocorreu há cerca de um ano, embora eu não saiba a data exata.

“Uma ligação com música” pode resultar de o facto de o Bill passar jazz num gira-discos na sua galeria durante a exposição em que participei no inverno passado; ele passa música em cada exposição que apresenta.

(A “impressão de um seesaw... como jogo infantil” é bastante interessante para nós e, cremos, um bom exemplo de como a memória associativa pode funcionar, sendo ao mesmo tempo exata. Na altura da exposição em que participei, no inverno passado, a galeria de o Bill ainda não estava aberta há muito. Continuavam obras; na sala de trás havia cavaletes de carpinteiro que ele pedira emprestados, além de muitas outras ferramentas, restos de madeira, etc. Note-se que a forma do cavalete e o suporte de um balancé infantil são praticamente iguais. A Jane tem grande afeição por equipamentos de parques infantis; nutre especial carinho por balancés e baloiços. Com efeito, os parques têm para ela uma quase significação mística e aparecem muitas vezes nas suas pinturas.

(“Quatro, seis” não nos disse nada. A galeria de o Bill, que ocupa todo o rés-do-chão de uma loja no centro, é certamente “um local com muito espaço”. Não temos a certeza sobre “a forma de agulha/sineira”, a não ser que possa aplicar-se a alguma escultura moderna também exposta na galeria no inverno passado.

(Interrogámo-nos se “Um incidente para recordar... como em fevereiro” poderia estar ligado às primeiras impressões dadas, “um acontecimento particular, com conotações desagradáveis”.)

(A Jane retomou em voz baixa, os olhos fechados, às 22h37.)

Vamos agora encerrar a nossa sessão.

O acontecimento desagradável tinha que ver com vários erros em apresentações, cometidos por a Ruburt nesse local, durante uma receção.

Os meus cumprimentos mais calorosos a ambos.

(«Boa noite, Seth.»

(Fim às 22h37. A Jane esteve dissociada como de costume e os olhos mantiveram-se fechados.

(O acontecimento desagradável a que o Seth se referiu pôs várias peças de informação de o teste no sítio. Os erros de a Jane ao apresentar pessoas na receção da galeria foram cómicos, mas tão óbvios que o seu significado dificilmente passaria despercebido. Um envolveu um primo meu que mal vemos; o outro, o diretor de a outra galeria da cidade, a Arnot, para quem a Jane trabalhara até um par de meses antes da receção na galeria de o Bill, que agora cremos ter tido lugar em fevereiro.

(As relações de a Jane com esse homem tornaram-se tão acerbos que ela deixou o emprego no outono de 1964. Na altura, o Seth disse que fora

uma decisão acertada e que, daí em diante, a Jane se daria bem com a escrita. Assim tem sido. O Seth tratou também com alguma extensão o conflito entre a Jane e o diretor de a Arnot nas seguintes sessões: 74, 75, 77, 79, 82, 84 e 85. Todo o material de o Seth sobre a situação confirmou-se. Na altura, achámos a informação psicológica contida nessas sessões muito útil. Ver o Volume 2.

(A Jane e eu cruzámo-nos com o antigo patrão dela na receção da galeria de o Bill no inverno passado. A Jane fazia de anfitriã oficiosa. Ao apresentar esse homem a outro casal — ou, melhor, ao tentar fazê-lo — a Jane apercebeu-se, a meio da frase, de que se esquecera do nome dele.)

SESSÃO 203

28 DE OUTUBRO DE 1965

(O Bill e a Peggy Gallagher visitaram-nos esta noite e o Seth “veio” mais tarde. Antes disso, porém, tivemos tempo para rever as três sessões em que o Seth tratou de os Gallaghers enquanto eles estavam de férias em Porto Rico; são as sessões 199, 200 e 201.)

(O Seth/a Jane acertou muitas vezes no material relativo a a Peg e o Bill. Alguns acertos são bastante surpreendentes. Houve, claro, falhas e afirmações que aludiam ou chegavam perto de acontecimentos e pensamentos envolvendo os nossos amigos. Verificou-se que as notas que a Peg e o Bill guardaram nem sempre coincidiam com o material de o Seth.)

(Como o Seth afirmou na 201.^a sessão, a experiência de tempo psicológico de a Jane, de 22 de outubro, envolvendo os Gallaghers, revelou-se perfeitamente legítima; juntamente com outros episódios de tempo psicológico, menos marcantes, que a Jane viveu durante a semana em que a Peg e o Bill estiveram em Porto Rico.)

(A sessão de hoje não se deteve, no entanto, sobre os experimentos recentes, embora o Seth tenha dito estar satisfeito por nós estarmos satisfeitos. A Jane fez cópias do material clarividente das três sessões envolvendo os Gallaghers; eles irão escrever o que realmente aconteceu a seguir a cada previsão ou afirmação de o Seth. Depois reuniremos todos os dados de forma coerente e incluí-los-emos numa sessão próxima. Os experimentos de tempo psicológico de a Jane serão tratados do mesmo modo, para termos um corpo de trabalho unificado sobre esta experiência. Estamos muito gratos pela cooperação total de os Gallaghers.)

(Seguem-se algumas citações de o Seth de a sessão não agendada desta noite, já que tomei notas bastante completas. Não são todas textuais. A Jane estava de excelente disposição, falou depressa como o Seth na maior parte do tempo e eu não tentei registar cada palavra. Os olhos dela estiveram abertos por vezes, a voz boa mas não alta, exceto em um ou dois

momentos breves. Ela fumou enquanto falava e, na maior parte do tempo, sentou-se ou ajoelhou no chão diante da nossa mesa de centro comprida; são posições de que gosta, nada invulgares quando temos visitas.)

(O Seth “entrou” enquanto discutíamos o facto, bastante impressionante, de os Gallaghers terem conhecido, em Porto Rico, uma fisioterapeuta de a Universidade de Duke. Não tenho o nome dela neste momento. Esta senhora conhece bem o Dr. Rhine. Parece que o departamento dela e o de o Dr. Rhine estão de algum modo ligados em Duke e que o correio que ele recebe passa pelo departamento dela. Obteremos mais pormenores. A senhora contou a Peg e o Bill bastante sobre o funcionamento de o departamento de o Dr. Rhine; e como, agora que ele tem mais de 70 anos, a idade obrigatória de reforma universitária, foram feitos arranjos para continuar o seu trabalho em parapsicologia através de uma fundação aparentemente ligada à universidade.)

(Pouco depois de a sessão começar, o Seth disse-nos que receberíamos outra carta de o Dr. Instream “dentro de poucos dias”. Sugeriu também que a Jane e eu escrevêssemos a o Dr. Rhine. A fisioterapeuta de Duke disse a a Peggy que o Dr. Rhine responde pessoalmente a cada carta que recebe, “mesmo as dos excêntricos”).

(O Seth disse que foi coincidência os Gallaghers e a mulher de Duke estarem em Porto Rico ao mesmo tempo, mas não foi coincidência terem-se encontrado. Houve troca telepática entre os três. O Dr. Instream conhece o Dr. Rhine.)

Seth, para o Bill e a Peg:

“Já devem ter percebido... Estão suficientemente satisfeitos com os nossos resultados para estarem mais à vontade comigo. São uma boa influência para a Ruburt nas nossas sessões: são permissivos o bastante para ela não ficar em guarda.

“Através de a mulher de Duke, o nosso jesuíta captou informação interior que transmitiu a Ruburt. A Ruburt não sabe que a recebeu e o jesuíta não sabe que a deu. O jesuíta transmitiu telepaticamente a Ruburt informações sobre o Dr. Rhine, o carácter dele e a fundação — isso aconteceu na altura.

“Há comunicação telepática constante entre vocês os dois e a Ruburt, e, claro, comigo. O Joseph sabe as coisas de um modo diferente, não tão direto, embora capte outras.”

(O Seth disse a Peg e o Bill que há comunicação constante entre eles, telepaticamente. Disse que nós os quatro embarcaríamos “em excelentes circunstâncias” este inverno, sem desenvolver. Disse a o Bill que ele levou os seus problemas de férias — especialmente a úlcera —, e o Bill concordou. O Seth repetiu sugestões gerais sobre a úlcera, dadas em sessões anteriores. O Bill mostrou-nos o seu “tranquilizador” japonês, uma pequena escultura de madeira preta que comprou em Porto Rico.)

(Depois, o Seth passou a um tema longo envolvendo a Peggy, o emprego dela no jornal e outra rapariga de lá. Sublinhou repetidamente que as situações que antecipava não eram drásticas nem alarmantes e que a Peg as poderia gerir. Esta discussão nasceu de observações sobre um percalço muito sério que o Bill teve ao fazer skin diving em Porto Rico. O Seth disse que, se nos tivéssemos informado especificamente sobre perigos potenciais, poderia ter dado avisos. Como não pedimos, não houve avisos antes da Peg e o Bill partirem.)

Seth, sobre o jornal:

“A amante de gatos deve estar atenta a alguém no teu jornal. Nada de muito sério: provavelmente um incómodo, não um grande acontecimento. Penso numa mulher muito empenhada, que não te quer mal, mas que seria capaz de se convencer de que não te prejudica em nada enquanto te apunhala pelas costas.”

(Peg: «Ela já começou a trabalhar lá?»)

“É uma circunstância menor, não para enfrentares com raiva, mas com atenção. Na verdade, parece referir-se à jovem que a Ruburt conheceu. Não há inimizade, há ambição.”

(Peg: «É a nova rapariga chinesa?»)

“Sim.”

“Vemos o teu Kimball como novo presidente da câmara, embora eu raramente pense em termos políticos.”

(A Peg continuou a perguntar sobre a rapariga chinesa no jornal.)

“As ideias subconscientes dela desenvolveram-se na tua ausência. Não tem planos particulares, conscientemente, em relação a ti. Tem fortes energias inconscientes, tem um objetivo — e tu estás no caminho.”

“Vou deixar a nossa Ruburt descansar um pouco. De vez em quando olho para ela a partir do meu quadro. Já fui, por vezes, mais apresentável do que aquilo. Um dia mostraremos essa cara — e esta —, porque sou teimoso e, a seu tempo, daremos provas adequadas do que sou.

“Sou um entre muitos, mas não ‘um qualquer’. Sou apenas o único deste tipo que conhecem.”

(Pausa às 22h20. A Jane esteve dissociada como de costume.

Manteve-se no chão, mudando de posição, mas sem se erguer. A voz esteve viva; os olhos, muitas vezes abertos. Fumou, num modo relaxado e feliz.)

(O retrato referido por o Seth estava pendurado na parede em frente de a Jane. Na 168.ª sessão, o Seth afirmou que o quadro o representava, sem dizer de que vida. A ideia “veio-me” um dia e pinteí o retrato sem modelo: um homem idoso, roliço, careca, junto a uma janela por onde entra luz forte, a gesticular para o observador. Assim que comecei o trabalho na primavera passada, a Jane insistiu que era o Seth. Eu não sabia, conscientemente, quem representava; tinha apenas uma imagem mental muito clara. O trabalho avançou com facilidade. Ver o Volume 4.)

(Durante a pausa, o Bill descreveu o seu “raspanete” com a morte ao fazer skin diving. Nadador e mergulhador exímio, foi apanhado entre uma maré a entrar e outra a sair, ao largo, com água agitada, e quase pereceu. Disse que o pânico foi tão perigoso como as marés.)

(A Jane retomou de olhos fechados, sentada outra vez no chão, às 22h30.)

Seth, dirigindo-se a o Bill:

“Sabes o suficiente para usar muito bem o estado de transe. O transe teria ajudado a concentrar-te e dissiparia o pânico em segundos: tinhas conhecimento e impulso. Bastaria dizeres: ‘Agora estou num transe ligeiro e vou tratar do problema.’

“Podes usar esta técnica sempre que a dor de uma úlcera ou um problema de negócios te sobrecarregar. Já sabes o bastante para a usar.”

(O Bill perguntou se existira uma aldeia indígena no local onde mais mergulhou em Porto Rico — talvez de há duzentos anos — e se seria dos Caraíbas. Note-se que, na 192.^a sessão não agendada, o Seth e o Bill também trocaram impressões sobre artefactos submersos, índios, vikings e jesuítas no nordeste dos EUA. Se o que o Seth disse vier a ser verificado, alguns livros de história terão de ser reescritos. Ver o Volume 4. A Jane, como o Seth, ouviu a pergunta e abanou a cabeça, de olhos fechados.)

Seth, sobre a aldeia:

“Era inca, a aldeia. As cidades principais eram no Peru. Viajavam por mar e por terra. As viagens deles explicam muitos artefactos ‘inexplicáveis’. Chegaram à Flórida, mas não para o interior deste país: as costas. Criaram pequenas aldeias como postos para explorações para o interior.

“Fundaram também duas cidades em particular, muito desenvolvidas. Os restos delas ainda não foram descobertos.

“Uma dessas cidades fica noutra parte da América do Sul. O local de que falas era apenas uma base para explorar. Esperavam outros navios do Peru que nunca chegaram. Morreram, e a cidade de origem nunca soube onde estavam.

“Tenho dificuldade, aqui, com a localização de a segunda cidade: ouço um nome como Cabo Horn, creio. Mas não eram índios locais no teu sítio.”

(O Bill comentou o interesse num mapa viking antigo, agora autenticado, que a Universidade de Yale possui.)

Seth, brincando:

“Interessante. Mas interessa-me mais que sejas como o Joseph: estão sempre a tentar levar-me por caminhos tortos. Sou simples, pacato, amigo da paz... E hei de conquistar a tua amante de gatos; havemos de dissipar este medo dos nossos amigos felinos. O teu ego tem medo e ergue-se em armas contra os gatos.”

(Seguiu-se uma troca divertida entre o Seth e a Peg sobre gatos. O nosso gato saltou do televisor e aproximou-se de a Peg; levei-o para outra divisão, e, ao fazê-lo, perdi parte da conversa, entre risos. Voltei a tempo de ouvir o Seth dizer que era “medo com cara engraçada”).

(O Seth comentou que o nosso tempo (meteorológico) nem o entusiasmo nem o preocupa e que a personalidade afeta o tempo. Depois lançou o conceito de Deus como tema para discussão geral. Por momentos houve um grande silêncio. O Seth pediu ideias a o Bill e a Peg; recorde-se que disse, em sessões passadas, que abordaria o tema quando eles assistissem a sessões.)

(Após um momento, o Bill disse que achava que as suas crenças religiosas eram mais ou menos tradicionais.)

Não gosto do som disso... Aqui vamos deixar a Ruburt abrir os olhos... Tenhamos ideias melhores.

(Pedi a o Bill que desenvolvesse a afirmação anterior. A resposta de o Bill incluiu a ideia de que ele acreditava que um deus teria de aparecer à raça humana em forma humanoide para que nós o pudéssemos compreender.)

...A ideia de Deus humanoide? Eu apareço-vos como a Ruburt, mas não sou primariamente a Ruburt...

(O Bill observou que, nos termos da nossa existência, o nosso Cristo era um ser sobrenatural.)

O vosso Cristo tinha capacidades que eu ainda não tenho... e apareceu na vossa forma, mas não era da vossa forma... As pessoas viram apenas um pequeno fragmento que podiam entender... um fragmento que fazia parte de uma realidade maior que não podiam compreender...

Falámos disto até certo ponto nas nossas sessões... Falo de gestalts psíquicos. Vocês veem apenas porções destas pirâmides de inteligências... aquilo que conseguimos ver num dado momento.

(Ver as sessões 51, 81, 95, 97, 115, 135, 146–149, 151, 177, entre outras, nos Volumes 2, 3 e 4, para material sobre o conceito de Deus, gestalts psíquicos e piramidais e questões relacionadas.)

Haverá uma mudança dentro de 100 anos... quando poderão ver mais... Verão através de um crescimento de capacidade e de consciência... um alargamento... que tem vindo a crescer há 500 anos... A mudança começou na Idade Média, existiu brevemente, morreu, depois recomeçou...

Implicará uma expansão da consciência, não do conhecimento físico... Perceberão mais direta e simplesmente... Não consigo fazer a Ruburt encontrar todas as palavras. O vosso Deus é parte de uma realidade maior. Vemos o que conseguimos ver... Essa realidade maior é também parte dos nossos sonhos: é mais importante e vital do que o fôlego, pois todos vocês são parte dela individualmente. Há um dar e receber entre

vocês e as estrelas em base física, tal como há uma ligação entre os “eus” e aquilo a que chamam um deus.

Não há verdadeira divisão entre vocês e Deus e eu... apenas uma unidade que ainda não conseguem compreender.

(O Bill perguntou a o Seth o que pensava da direção para que apontam os escritos de o padre Teilhard de Chardin, e o Seth concordou, entusiasticamente, que esses escritos são válidos. A Jane, de olhos abertos, olhou para a Peggy, sentada silenciosa no sofá.)

A nossa amante de gatos está tão silenciosa.

(A Peg: «Não entendo o suficiente sobre isso.»)

O teu dedo é parte do teu organismo físico... Não sabe o que o teu cérebro está a fazer. A oração é muito importante... A tua unha do pé também é parte de ti... Do mesmo modo, nós estamos relacionados com Deus.

Vocês são parte de Deus na medida em que são parte da consciência que existe, mas não estão separados de um deus que vos observa de cima e vos fala... Não existe, tal como o concebem, inferno ou céu. Estas ideias foram distorcidas ao longo dos séculos... Poderias chamar inferno a uma separação do curso principal de consciência chamado Deus, mas isso é, na prática, impossível...

(A Peggy perguntou que religião, na opinião de o Seth, se aproximava mais de Deus, tal como o Seth o definiu.)

Não quero rebentar balões idealistas. Os budistas estão talvez mais perto, mas nenhuma religião chega realmente perto... O homem ou a mulher que se sente em identidade com cada dia que passa chega perto.

(Nos trechos seguintes, o Seth atingiu o ponto alto em termos de sentimento e ênfase. Por vezes, a sua exposição tornou-se apaixonada. Não consegui registar tudo. A Jane falou do chão, de olhos fechados, voz forte mas sem gritar.)

O sentimentalismo é prático. A ideia de nascer e morrer a cada dia chega perto. Aqueles que choram quando magoam uma pulga chegam perto... Aqueles que apreciam a consciência em cada rocha, árvore, pássaro... chegam perto. Tolos e idiotas são muitas vezes mais sábios do que o sábio. O ódio é morte. Tudo é sagrado e cada pensamento é uma realidade e tem o seu próprio potencial de criação e destruição.

Viver cada momento chega perto. Eu próprio não sou conhecido pela humildade. No entanto, a minha existência depende de muitas coisas de que não sei. Aprendo através de muitas existências, mas não me coloco como juiz supremo. Vocês colocam-se, e eu não determino o que deve ser destruído ou o que deve permanecer... Tais atos... baseiam-se na cobardia... Qualquer ideia de um Deus, por mais distorcida que seja, triunfará, pois Ele existe em tudo o que conhecem. E, quando matam nem que seja uma formiga, matam parte Dele — em termos muito práticos.

Quando matam em pensamento, matam de facto.

(Fim às 23h06. A Jane esteve bem dissociada. Os olhos mantiveram-se fechados durante a última parte; a voz ganhou força e ela ficou bastante emocionada. Disse que “fica embaraçada quando o Seth fala assim”).

SESSÃO 204

1 DE NOVEMBRO DE 1965

(Não houve prova do envelope durante a sessão.)

(A sessão foi testemunhada por o John Bradley. O John é de Williamsport, PA; é vendedor da Searle Drug e já assistiu a bastantes sessões. Foi também alvo de algum material de o Seth. A Jane, aliás, sentiu fortemente que o John iria assistir à sessão, por isso não se surpreendeu quando ele nos visitou, sem aviso, às 20h30. O John disse-nos que só podia ficar até às 22h00. Entretanto, tinha uma pequena história para nos contar.)

(O John passou a semana passada a fazer as rondas por consultórios médicos em Williamsport. Um dia, enquanto conduzia pela cidade, sentiu fortemente que devia regressar a casa. Sentiu que tinha correio à espera, que a carta vinha de o seu diretor distrital e que dizia respeito a um aumento. Em termos de ego, o John duvidou de tudo, tanto mais que, ultimamente, não se dava muito bem com o superior.)

(Mas conduziu até casa. Ao ir à caixa de correio, teve a certeza de que a carta lá estava. Estava; confirmava que a empresa lhe concedera um aumento. O aumento foi totalmente inesperado, disse-nos. O John perguntou-se se o Seth comentaria a experiência.)

(Ver também a página 11 da 200.ª sessão, para notas sobre o experimento clarividente/telepático — envolvendo o John — que a Jane conduziu com êxito da última vez que ele esteve por esta zona. Dizia respeito à viagem de negócios de o John a Binghamton, NY. A Jane escreveu 13 impressões; mais tarde, o John confirmou 10.)

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente, sem interrupções nem distrações. Era evidente que a Jane estava bem-disposta antes da sessão, e o Seth refletiu isso. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados; o andamento foi bastante rápido, a voz claramente mais forte e mais viva do que o habitual. Começou, na verdade, às 20h58.)

Saúdo-vos a todos com um afetuoso “boa noite”.

(«Boa noite, Seth.»)

A minha saudação especial esta noite ao nosso amigo o Philip. Como ele sabe, a sua experiência foi de facto legítima, e pode esperar mais delas.

(O Philip é o nome-entidade de o John.)

A familiaridade dele com as nossas sessões tornou possível que se tornasse mais consciente da comunicação constante que existe entre o eu interior e o eu exterior.

Gostaria que esta noite tivessem o gravador a funcionar, pois sinto-me um pouco tolhido pelo ritmo lento que de outra forma é necessário. Com todas as deferências, ó Joseph, às tuas limitações.

Agora, no caso de o aumento, apanhaste isto, ó Philip, antes de mais telepaticamente, a partir da mente de o teu superior. Estiveste também consciente, no entanto, em termos clarividentes. Na tua mente, viste literalmente a carta e leste o conteúdo, embora não tivesses consciência do ato no momento em que ocorreu. A decisão original, porém, foi tomada um pouco antes da reunião a que assististe, mas ainda não era definitiva. E o teu comportamento na reunião reforçou a decisão de o teu superior e tornou-a certa.

(Esta é a reunião de Binghamton aqui referida. O John assistiu a ela na terça-feira, 19 de outubro; foi enquanto ele estava nessa empreitada que a Jane se sintonizou com as atividades dele. O John desentendeu-se com o superior na reunião e, por causa da franqueza, nem pensou em receber um aumento.)

Não foi, contudo, o teu comportamento geral que fez a diferença, mas uma observação em particular, dirigida — creio — à reunião em geral; e que denunciou a tua insatisfação, e que, de algum modo, o teu superior julgou visada a ele em particular.

Talvez consigamos obter a observação específica, talvez não; se conseguirmos, introduzi-la-emos.

(«Não tão depressa.»

(A Jane estava bem-disposta e falava rapidamente como o Seth. Eu escrevia praticamente à velocidade máxima desde o início. Na pausa, o John confirmou que fizera uma observação de desagrado para a reunião em geral. Dizia respeito a ajudas de custo de gasolina e óleo — e o superior tomou isso como visado a si; os dois chocaram verbalmente.)

Haverá ainda uma ligação, porém, com outra empresa, como mencionei anteriormente. E há também um assunto que surgirá em breve e que te ocupará a atenção e o tempo.

(Ver, de novo, a 199.^a sessão, onde o John confirma as informações de o Seth sobre empresas farmacêuticas em Minneapolis. O John riu-se agora da referência divertida de o Seth/a Jane a “um caso”.)

(O John: «Que tipo de caso, Seth?»)

Já imaginava que ias perguntar.

Não me refiro, em particular, a qualquer caso que possa ser embaraçoso. Refiro-me a um caso... *(dá-nos um momento...)* de natureza familiar, que ainda não surgiu, mas que surgirá em breve.

Creio que tem a ver com os pais, e não com a tua mulher ou os teus filhos, e que envolve também uma natureza financeira. Veremos o que mais conseguimos captar.

(A Jane fez agora uma pausa de um minuto. Ficou muito quieta, de olhos fechados, cabeça baixa.)

Dá-nos um momento e vamos brincar um pouco com isto.

Temos de trabalhar assim com a nossa amiga a Ruburt, embora ela esteja, de facto, a melhorar. Quanto a o teu aumento, surge o número 3. Estou a tentar “soltar” a Ruburt aqui, pois ela tem sempre receio de resultados errados e isso tolhe-me.

Faremos, no entanto, o que pudermos, e as explicações podem vir depois.

(De repente, o Seth irrompeu com voz forte, grave e bem-disposta.)

Isto é um teste. Testando, um, dois, três; perdoem as minhas tentativas de humor. O número três em relação ao bónus. Isto não está muito claro: 3 ou 300. 30 ou 300. Quero “soltar” a Ruburt no que te diz respeito, porém, pois tenciono observar-te indiretamente, com a tua permissão, durante uma das nossas sessões.

Presumo, pela conversa anterior, que temos a tua permissão.

(O John: «Têm, sim.»)

(Permissão, e uma atitude bem aérea, de facto. Estou, no entanto, a divertir-me. Vou deixar-vos fazer uma pausa. Ninguém está cansado a não ser o Joseph, pois manteve-o a trabalhar a um ritmo constante, na verdade.)

(Pausa às 21h15. A Jane referiu que estivera dissociada como de costume nesta primeira pausa. Os olhos mantiveram-se fechados. A voz fora mais forte do que o habitual, o ritmo realmente rápido.)

(O John Bradley disse-nos que, quando o Seth mencionou que ele se tornaria mais consciente de comunicações interiores no futuro, sentiu um arrepio de medo. O John disse que uma das suas expressões favoritas sempre fora que nunca quisera ser capaz de ler o jornal de amanhã hoje. Respondi que talvez o John estivesse a mudar de ideias, pelo menos ao nível subconsciente.)

(O John deixou a Jane radiante ao dizer-lhe que o número 30 era o exato, mesmo, relativamente ao aumento — trinta dólares por mês.)

(O John não tinha a certeza do que poderia significar o tal empreendimento financeiro envolvendo os pais, embora descrevesse uma complicada operação fiscal, patrimonial e comercial em que o seu sogro está envolvido neste momento, em Bradford, PA. O sogro tem muito dinheiro preso no negócio e tenta sair dele.)

(Antes da sessão, a Jane e eu pedimos a o John que colaborasse em alguns experimentos telepáticos/clarividentes como os que envolveram os Gallaghers recentemente. O John seria um bom sujeito, pensámos, porque

vive a alguma distância e o Seth poderia sintonizar-se praticamente quando quisesse.)

(A Jane retomou com a mesma boa voz, de olhos fechados e num ritmo um pouco mais lento, às 21h25. Falou para o John.)

Creio que tens outro compromisso.

Teríamos conseguido ir razoavelmente longe esta noite contigo, se aqui estivesses ou se pudesses ficar para a sessão inteira. Noutra ocasião veremos mais plenamente o que conseguimos fazer.

A situação a que me referi não era a que diz respeito a o teu sogro, embora essa venha a resolver-se.

A conversa tinha que ver com política por parte de a empresa. Mas não só política geral de alto nível: política tal como se filtra através da hierarquia; e uma política concreta — um modo de tratamento.

Vês, numa sessão completa dedicada a um indivíduo posso entretecer o material. A Ruburt não me acompanha então e não me consegue bloquear. De facto, ela não me bloqueia de propósito, mas os resultados seriam os mesmos.

A situação de família, no entanto, envolve os teus próprios pais. Diria especificamente a tua mãe. A conversa em que estás a pensar é aquela a que me refiro quanto a o aumento.

Haverá outros, se permaneceres na empresa, porque grande parte de o rendimento de o teu superior depende de o teu próprio, e ele tem, no máximo, mais dois vendedores na sua zona que lhe são lucrativos. Um é baixo, já a começar a ficar careca. E o teu superior, ele próprio, preocupa-se com a sua posição.

Isto é suficientemente geral, mas, na última reunião, ele teve motivo para se preocupar ainda mais.

(A Jane fez agora uma pausa longa, sentada silenciosa, de olhos fechados. O ritmo voltou a ser, outra vez, bastante rápido.)

(Para não acumular notas na pausa, deixo já alguns comentários à medida que a sessão avança. Na pausa seguinte, o John confirmou a afirmação de o Seth de que o seu superior estava preocupado com o emprego. O John concordou também que apenas dois outros vendedores vendem bem na divisão. O homem baixo e já a começar a ficar careca, o John conhece-o como o Bill Driscoll; disse-nos que é um excelente vendedor e o único na divisão que corresponde a essa descrição. O Driscoll não é velho, disse o John — apenas calvo precocemente.)

(Como já foi dito, o choque em plenário entre o John e o superior envolveu contas de despesas. O John concordou que isso é política de empresa ao mais alto nível que se filtrou até ao nível local.)

A situação familiar não é imediata — não esta semana, por exemplo —, mas está a formar-se.

Disse-te que terias outras experiências telepáticas ou clarividentes. Não disse, porém, que serias capaz de ler as manchetes de amanhã, hoje; portanto, não precisas de tais receios. O teu ego é suficientemente bem desenvolvido para erguer bloqueios aceitáveis e proteger-te.

Isso deixa-te mais descansado?

(O Seth disse isto de modo muito divertido. O John riu.)

O John: «Hoje é a minha vez de levar.»

(A voz de a Jane retumbou brevemente.)

Quando chegar a tua vez, tu saberás — e não é esta noite. Quando tencionas sair a meio de uma sessão, mal há tempo para eu “cair-te em cima” como deve ser ou para responder às perguntas que acho que devíamos responder. Não sou severo contigo. Aliás, não tenho sido severo com ninguém, embora tenha sido tentado por vezes. E estou sempre tolhido pelo tempo e por dificuldades mecânicas, e porque temos de estar tão imóveis e silenciosos.

(O John: «Tenho uma pergunta. Há um mês, quando falava com uma senhora, uma voz disse-me claramente: ‘Não, não.’ Qual é o significado?»)

A voz era masculina, não era?

(O John: «Creio que sim.»)

E não a reconheceste.

(O John: «Não.»)

(O Seth/a Jane, a sorrir, olhos fechados:)

Então não te direi. Não te direi, de facto.

(O John: «Era a tua voz? Aconteceu tão de repente que não tive tempo de pensar. Foi muito inesperado.»)

Vês que me pões — e bem o sabes — numa posição estranha. Porque, se eu disser que era a minha voz, então eu estava onde não fora convidado a estar.

(John: «Era num lugar público, e era perfeitamente aceitável estares lá.»)

Bem, tento portar-me como cavalheiro. Embora eu não procure sintonizar-me indiscriminadamente com aqueles que conheço, o meu alcance é amplo e, por vezes, capto informações e sou projetado para lugares. E assim foi — e era a minha voz.

Mas, repara, a Ruburt já ouviu a minha voz e não a reconheceu. É que eu não falo “assim” em circunstâncias normais. Não tencionei intrometer-me.

Sugiro que faças uma pausa por causa dos dedos de o Joseph. Se tiveres tempo, explicaremos isto esta noite. Se não, explicaremos noutra altura.

(Pausa às 21h43. A Jane esteve dissociada, disse. Os olhos, tanto quanto percebi, mantiveram-se fechados. A voz esteve boa, o ritmo muito rápido para o fim da entrega.

(O John teve de sair para fazer um telefonema de negócios. Decidira ver se conseguia adiar o compromisso para amanhã. Antes de sair, porém, descreveu a Jane e a mim um plano que apresentara a os irmãos e as irmãs, relativo a assistência a sua mãe inválida, em Filadélfia. O John disse que isto podia ser a situação familiar em desenvolvimento a que o Seth se referiu.

(Aproveito para mencionar aqui uma situação que eu, a Jane, o John e o Bill Gallagher conhecemos há muito: o facto de o John, a Jane e o Bill terem mães que estavam — ou estão — acamadas com artrite. A mãe de o Bill faleceu. Há bastante tempo, o Seth observou que esse facto é uma das razões por que o John e o Bill foram atraídos às sessões; mas não desenvolveu.

(O John ainda falava quando a Jane irrompeu, abruptamente, como o Seth, às 21h55. Estava sentada; olhou diretamente para o John, os olhos muito abertos e muito escuros. A voz, profunda.)

Meu amigo, é melhor saíres agora. E, se conseguires voltar até às onze, então volta.

(O John: «Está bem, Seth.»

(O John já tinha chapéu e casaco vestidos e saiu às 21h56. A Jane disse que o Seth estava extremamente bem sintonizado com o John esta noite; esperava que ele conseguisse voltar enquanto tudo corria tão bem. A Jane disse também que sentiu que o Seth tinha mais informação sobre a mãe de o John, mas que ela a bloqueou.

(O John não nos tinha contado antes o episódio de ouvir a voz no bar e, na pausa, a Jane e eu pedimos-lhe que não nos dissesse mais nada; esperávamos ver se o Seth conseguiria dizer mais sobre as circunstâncias, caso o John regressasse à sessão.

(O John disse-nos que o acontecimento se dera há cerca de um mês. Isto coloca-o temporalmente umas duas semanas antes de o vermos da última vez, durante o episódio da reunião de Binghamton. Mas, então, o John não assistira a sessão alguma, e o episódio da voz caíra-lhe no esquecimento, duas semanas atrás. O John ouviu a voz num espaço de dança chamado The Flus, em Elmira Heights, pequena cidade contígua a Elmira. A Jane e eu lá estivemos uma vez, há muitos meses.

(Tanto quanto sabemos, este é o primeiro caso evidente em que o Seth falou com outra pessoa estando separado, no nosso tempo e distância, de nós. Isto levanta muitas questões, se for uma experiência legítima; sendo legítima, parece ser um desenvolvimento muito significativo. Temos perfeita noção de que se pode dizer que o Seth se limitou a reclamar crédito por uma experiência psíquica de outra pessoa.

(Se autêntica, implicará esta experiência uma expansão de as capacidades de a Jane, juntamente com as de o Seth, ou significará apenas que, uma vez que outros aceitam a possibilidade de expansão psíquica, eles próprios se tornam recetores? Isto implicaria a existência separada de o Seth; ele sempre se definiu como uma “essência de personalidade energética”.

(Ocorre-me isto: há bastantes sessões, o Seth observou que ocorreria um acontecimento que nos ligaria o John, a Jane e a mim. Procurei brevemente a referência, mas não a encontrei.

(Era agora a vez do 13.º teste clarividente de o Dr. Instream. A Jane retomou a falar de olhos fechados e sentada. A voz estava boa; o ritmo tornou-se muito mais rápido ao dar este material do que em quaisquer sessões anteriores. Fez apenas pouquíssimas pausas breves. Retoma às 22h01.)

Ora bem, por favor, dá-nos um momento. (Pausa.)

(O nosso amigo o Dr. Instream está a pensar num livro. É de a sua estante — tem estado na sua estante.)

Vejo um número de página — 375, creio — e um excerto traz-me à mente figuras encapuçadas. Conotações de a Idade Média e de uma mulher com um toucado pontiagudo e, depois, um véu. Não sei — talvez uma ligação aqui com a heroína de uma ópera ou de um romance medieval. E, ainda a falar de o excerto, uma sala de ambiente medieval, como um castelo. São impressões ligadas a a página. (Pausa.)

De novo uma vela, mas alta, e um chão com muitos desenhos, em losangos. Lamento, ó Joseph, o gravador não estar a funcionar, pois sinto-me contido e poderia falar mais depressa.

Talvez seja uma cena do romance ou da ópera, porque agora há duas velas muito altas, com castiçais dourados, e muitas sombras. (Pausa.) E a entrada de uma personagem masculina. Talvez uma cena de leito de morte, mas não ouço música — e pareceria que música se ligaria a uma ópera. Mas a cena é macabra.

Estará ele talvez numa peça, ou numa produção teatral? (Pausa.)

As experiências de hipnose não têm sido produtivas nestes últimos dias para o Dr. Instream, embora talvez assim pareçam. De novo se desenvolve um embaraço, que pode, ou não, ainda ter-se-lhe tornado evidente. Há algo que o retém — algo que ele sabe, mas não se dá conta de que sabe.

(A Jane falava tão depressa quanto eu conseguia escrever. Continuava sentada, de olhos fechados, com as mãos levantadas ao rosto. A voz tinha volume médio.)

Agora, em separado, capto uma armação, como de uma casa ainda não totalmente construída. Pode ter a ver com um parente jovem dele (pausa), ou um amigo próximo, ou alguém ligado a ele. A casa fica numa colina. A

armação lá está, mas aberta, com as paredes ainda não construídas por completo. (Pausa.) Sugerem fósforos. Capto uma reviravolta para ele. (Pausa.) Agora, um intervalo, sinto. Ele fala com muitas pessoas. (Pausa às 22h11.) Creio que o seu Dr. Snygg tem duas filhas.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 22h12. A Jane referiu estar muito bem dissociada — “lá longe”, como ela diz. Os olhos mantiveram-se fechados. Tinha consciência de ter dado bastante material sobre o Dr. Instream, comparativamente, em pouco tempo.

(Quando a pausa chegou, ouvimos o John Bradley a regressar pelas escadas. Conseguiu adiar o compromisso de negócios para amanhã. Pedimos-lhe que, por ora, não contasse mais sobre a experiência da voz, para vermos o que mais o Seth conseguiria captar. A conversa virou-se, em vez disso, para o facto de, na semana passada, a Jane ter recebido proposta para um trabalho a tempo parcial como bailarina num supper club local. Ambos gostamos de dançar, e a Jane é exímia. Durante a pausa, divertimo-nos a falar dos aspetos humorísticos de tal situação potencial.

(A Jane retomou a bom ritmo, voz média, olhos fechados, às 22h26.)

Acho a conversa muito interessante. Como sabem, não faço tentativa de regular as atividades de a Ruburt, e acharia altamente hilariante encontrá-la nessa posição — ou posições. Ficamos por aqui, com uma adenda: eu, pessoalmente, não aprovo. Isso não quer dizer, contudo, que chegue ao ponto de a aconselhar contra.

Falei como falei, ó Philip, por causa do que a mulher tinha em mente, e que não entrou especificamente na vossa conversa.

Ela não tornou claras as suas ideias em palavras.

Não gostei das implicações do seu enquadramento. Não falo de enquadramento social, como deves compreender. Falo de um enquadramento e ambiente psíquicos que eram — e são — pouco saudáveis e nocivos, e com os quais não deves envolver-te. Falo apenas de um ambiente psíquico, e de uma situação doméstica, do lado dela, que marcou profundamente as suas atividades e regula as suas relações.

Porque ela é agarrada de modo guloso — e desastroso — para os que com ela contactam. Há um “estender a mão”, mas um estender que não é para o bem. De novo: não falo em termos de qualquer moral socialmente entendida. Falo de saúde emocional e de exigências.

Há também uma criança em segundo plano, e muitas situações que moldam a criança.

Os meus comentários deixaram-te a matutar — como era intenção. Há também um homem em pano de fundo, envolvido com a mulher, e um papel legal. Quando falei, ouviste. Não disseste algo que, de outro modo, terias dito.

(A Jane fez agora uma pausa de pelo menos um minuto.)

Parece que os bares são todos compridos e estreitos. Contudo, havia uma decoração particular ao centro de o balcão. A Ruburt pensa agora no seu Green Pastures, mas isso é ideia dela, não minha. Mencionemo-lo de passagem. Desanuvia o ambiente.

(Green Pastures é o nome de outro bar na cidade. A Jane e eu lá estivemos algumas vezes, mas não recentemente. Como referido, visitámos The Elms — o local da aventura de o John — uma vez, há meses. Não entrámos no bar, ficámos na sala de dança; por isso, não conhecemos o bar, as decorações, etc.

(Durante a pausa, o John confirmou que havia uma criança no passado de a mulher e um papel legal. Ouviu ambos referidos, em termos gerais, durante a conversa com ela, e não recorda mais pormenores por agora. Não no-lo tinha dito conscientemente. O John acrescentou que um outro homem estava com a mulher quando falou com ela e que, na verdade, passou tanto tempo a falar com o acompanhante masculino como com a mulher. O John não soube dizer se, na sua opinião, esse acompanhante era o homem a que o Seth se referiu. O John não nos tinha dito antes que a mulher tinha um acompanhante.)

(O John disse que a conversa em que se envolveu era inócua à superfície, mas que, quando ouviu por dentro as palavras de aviso — “Não, não” —, ficou mais cauteloso. Não voltou a ver a mulher nem a ir a The Elms desde então.)

Nada mais diremos sobre a situação familiar, por várias razões que, sem dúvida, hás de conhecer a seu tempo. A irmã de que falaste está, de facto, envolvida — mas não exatamente na forma que imaginas.

Tens vindo às sessões — com interrupções — há já algum tempo, e aprecio o teu interesse; faremos o que pudermos por ti, e já avançámos do lado de a Ruburt.

Sugiro uma pequena pausa e continuaremos. Como podes querer saber o futuro com tanta insistência e, ao mesmo tempo, ter tanto receio de o saber?

(O John: «Curiosidade, suponho — e depois saber que vou seguir certo rumo...»)

Não é o caso, pois as tuas próprias expetativas são as ações que moldam o que chamas futuro — e ele nunca é estático nem definitivo; podes mudá-lo a qualquer momento, assim como qualquer ação altera qualquer outra ação. És sempre livre para agir — mas cada ação altera aquilo sobre que atua, e mudas constantemente o teu suposto futuro; e os eventos que eu vejo podem, de facto, ser alterados a qualquer momento.

(«Não tão depressa.»)

(Uma vez mais, o Seth ia lançado, no que toca à minha velocidade a escrever. Creio que os olhos de a Jane se abriram brevemente algumas

vezes; a cara virava-se mais para o John muitas vezes. Ela não deu indicação de me ouvir.)

Entraremos nisto, pois afeta-te profundamente e preocupa-te muito. Contudo, sugiro a tua pausa.

(Pausa às 22h43. A Jane esteve dissociada como de costume. Os olhos, na maior parte do tempo, fechados; a voz boa, o ritmo rápido.

(O John achou que concordava com as afirmações de o Seth sobre livre-arbítrio. Disse que, há anos, o preocupa o conflito entre predestinação e livre-arbítrio, em termos teológicos, e que as perguntas lhe vêm dos tempos de escola.

(Reiterando, o John disse que a conversa que manteve com a mulher e o acompanhante, em The Elms, há cerca de um mês, parecia inocente à superfície. As duas palavras de aviso, ouvidas nitidamente por dentro — “Não, não” —, não tinham relação direta com a conversa do momento, disse; mas eram tão definidas, tão enfáticas e até urgentes, que lhes prestou atenção. Os adjetivos são de o John.

(O John ponderava agora tentar localizar a mulher, para “confirmar” o Seth. Brincava, mas talvez também a sério. Estava curioso e falava sobre se deveria, de facto, fazer a tentativa, quando a Jane retomou com boa voz e olhos fechados, às 22h50.)

...como uma criança prestes a queimar-se.

(O John, a rir: «Certo, Seth.»)

Houve, de facto, um efeito pouco saudável proveniente de a personalidade de a mulher — e tu, meu amigo, estavas em perigo imediato.

De algum modo, ela viu-te como uma solução para problemas e podia ter-se agarrado a ti, se o teu interesse, naquele ponto, se tivesse manifestado de qualquer maneira.

Há uma casa — não na zona oeste da cidade —, a terceira ou quarta casa a meio de um quarteirão, onde ela mora. Ela teria feito de ti um uso inconsciente. Mas, de muitos modos, ela é muito forte — e tu terias sido impelido a voltar. As minhas palavras foram um aviso — e não aviso sem motivo, nem grito “lobo”.

(A Jane fez pausa.)

Não tenho certeza aqui. Creio que ela era católica — e que, até certo ponto, isto tinha a ver com as suas próprias dificuldades.

(O John disse-nos, na pausa, que também não tinha certeza, mas que lhe parecia que a mulher era católica.)

A situação de que falei, relativa à família, pode ocorrer em fevereiro — talvez no início do mês, talvez no segundo.

Agora, quando falas de livre-arbítrio, pensas automaticamente em termos da tua própria sequência temporal, porque estás preso a ela. Os que não estão dentro dela veem passado, presente e futuro — e a permuta de ações.

Imaginemos que estás a ver uma produção cinematográfica.

Nada tens que ver com a feitura do filme, nada com o enredo ou as personagens — e, no entanto, consegues ver o final e, pela ação, sabes ao que conduzirão os desenvolvimentos. Em nada influenciaste os desenvolvimentos na ação; nem eles estavam predestinados — foram trabalhados pelas personagens envolvidas.

Tu estás apenas separado deles e és capaz de recuar ou avançar como quiseses. Agora estamos a falar de um filme planeado, com um enredo. Agora, no entanto, considera outra analogia, em que a ação envolve e muda dentro de uma dimensão diferente. Eu posso observa-la e ver o seu progresso, mas a ação desenvolve-se como quer, e é livre.

O sonho pode mudar o desenvolvimento de uma personalidade e mudar o seu curso físico. Para os que não estão dentro do teu sistema, nós podemos “entrar nesse sonho”, por outras palavras, pegá-lo. Mas o sonho não está predestinado, e o sonho desenvolve-se por causa da personalidade envolvida.

(A observação do Seth acima, “entrar nesse sonho”, envolve o quarto sentido interior: o Sentido Conceptual. Ele abordou isto, até certo ponto, nas 37.^a e 38.^a sessões. Ver Volume 1: “O quarto sentido interior envolve a cognição de um conceito em muito mais do que os teus habituais termos intelectuais. Envolve experimentar um conceito completamente, ao ponto de ser um conceito completamente. Tu não deixas aquilo a que chamas ‘tu mesmo’ para trás: tu apenas mudas aquilo que és para um padrão diferente. Os conceitos têm aquilo a que nós chamamos composição elétrica e química. As moléculas e os iões da consciência mudam para o conceito, que é assim diretamente experienciado. Tu não podes verdadeiramente compreender ou apreciar qualquer outra coisa a não ser que te tornes essa coisa. Tu podes alcançar melhor alguma aproximação de uma ideia usando o tempo psicológico...”)

Tu tens mais livre-arbítrio do que imaginas, pois tens não apenas a tua personalidade presente com que trabalhar.

Eu vou demasiado depressa, ó José?

(“Um bocadinho.”)

Mas tu tens, a um nível subconsciente, todo o conhecimento e a experiência dos teus eus anteriores sobre os quais construir. Os teus sonhos estão livres das restrições impostas pelo ego, e os teus sonhos afetam a tua vida diária muito mais do que sabes. Pois as situações aparecem neles que afetam as tuas ações, e estes são elementos dos teus próprios eus anteriores. Isto é um assunto vasto; mas, embora eu te possa dizer algumas coisas sobre o teu futuro, o futuro não está predestinado, e, subconscientemente, tu próprio estás bem ciente do que vai acontecer, e todos os seres humanos estão.

É apenas o ego que parece tornar tais questões importantes, por causa das restrições da sua natureza.

Eu vou aqui sugerir outra pausa, por deferência à diligência do nosso José; e, se tiveres alguma pergunta, Filipe, eu farei o meu melhor para te responder. E, se ressentiste a minha intrusão, eu lamento sinceramente.

([O John:] “De modo nenhum.”)

(Pausa às 11:07. A Jane estava dissociada, como de costume. Os seus olhos permaneceram fechados na maior parte do tempo. A sua voz tinha estado boa, o seu andamento bastante rápido. Surpreendentemente, apesar de toda a minha escrita, a minha mão sentiu pouco cansaço.)

(O John disse-nos agora que sabia o nome da mulher em questão, mas não no-lo deu; nós pedimos-lhe que aguardasse.)

(O The Elms fica, na verdade, em Elmira Heights, que é como um subúrbio de Elmira para nordeste. Nós estávamos a discutir a localização, dada pelo Seth, da casa da mulher, como ele a indicou na página 47, quando a Jane surgiu como o Seth, brevemente, às 11:18.)

A casa fica na secção nordeste, mas a oeste do local em que tu encontraste a mulher.

(Pausa novamente às 11:19. A informação acima está correta, como o John Bradley verificou no dia seguinte a esta sessão. O John tem, ocasionalmente, tempo livre entre as suas visitas aos consultórios dos médicos e, no dia 2 de novembro, usou parte dele para confirmar o Seth e dar-nos a informação. Sem voltar a ver a mulher em questão, ele localizou a casa dela. Ele não nos disse como fez isto, nem nos deu o nome da rua onde ela vive. Ele desenhou um mapa da localização da casa em relação ao The Elms, no entanto: uma cópia do mapa está incluída no fim desta sessão, e pode ver-se que a casa fica na secção nordeste de Elmira Heights, assim como também a nordeste de Elmira, e fica a oeste da localização do The Elms.)

(A Jane retomou, com os olhos fechados e com uma boa voz, às 11:22.)

Ela ter-te-ia usado como um tampão entre ela própria e outro homem, e como um ponto de negociação. Eu referia-me às suas energias subconscientes quando falei de força. Eu não me referia à personalidade que ela exhibe. Ela teria exagerado o mínimo interesse que mostrasses por ela, e teria resultado uma situação desagradável; uma situação infeliz envolvendo-te a ti e o outro homem a que me referi. Por isso falei.

Outra vez, vês, tu não tinhas de me ouvir, e não tinhas de prestar atenção. Mas, porque me ouviste e porque prestaste atenção, o futuro provável foi mudado.

É possível, ó José, que pudesse haver, esta noite, uma mudança nos traços do Rúbert, e vamos deixar isto por aqui, pois nós conhecemo-lo demasiado bem para dizer mais. (Tanto o John como eu estivemos a

observar a Jane, como de costume, enquanto falava; nenhum de nós observou quaisquer alterações invulgares de traços nela durante toda a sessão.)

Agora, o homem envolvido tem algo a ver com mecânica. Eu não tenho certeza da idade. Entre, diria eu, 27 e 37, embora isto não seja preciso, eu sei. Eu tenho a sensação de que ela poderá ser mais velha.

(O John disse-nos depois que o acompanhante masculino com a mulher era um vendedor de automóveis; daí a possível ligação associativa da Jane com mecânica. Ainda assim, como já foi dito, nós não sabemos com certeza se o companheiro masculino da mulher nessa noite é o homem a que o Seth se refere.)

(O John disse-nos também depois que achava que a própria mulher era aquela que tinha 27 anos; certamente não mais de 30, na sua opinião. O acompanhante masculino era mais velho, disse o John, mas ele não sabia quanto.)

(Nota do John Bradley, 8 de junho de 1966: “O companheiro no bar com a mulher era um vendedor nosso de automóveis e tinha cerca de 24–26 anos. Ele não é o homem envolvido com a mulher. Este homem tem 38–39 anos.”)

Agora, Filipe. Na verdade, quando eu falo do futuro, eu vejo possibilidades e falo em termos de tendências de atividades que podem mudar. É por isso que, muitas vezes, as nossas datas específicas não se materializam como dadas, ou por que os eventos previstos não ocorrem como indicados. Pois em momento algum eventos qualquer estão predestinados. Não deveria existir tal palavra no vosso vocabulário, pois, a cada momento, vós mudais, e cada batimento cardíaco é uma ação, e cada ação muda cada outra ação.

Eu sou capaz de olhar de uma perspectiva diferente, mas, ainda assim, eu vejo apenas possibilidades. E, naquela noite em particular, eu vi uma possibilidade que não era atraente.

Tu e eu mudámos essa possibilidade, e aquilo que eu previ, portanto, não se concretizará; e a tua própria ação, ao te permitires ouvir-me falar, ajudou a mudar essa ação.

Nós tentaremos colocar a sessão numa base mais informal, e eu terei todo o gosto em responder a quaisquer perguntas que tu tenhas, dentro da razão.

(O John: “Podes falar-me do outro homem na minha secção que está a vender bem, além do Bill Driscoll?”)

Um homem mais velho do que aquele que descrevi.

([O John:] “Como é que ele é?”)

Dá-nos um momento. Um homem maior do que aquele que descrevi, com mais cabelo, embora seja mais velho. Eu creio que ele usa óculos.

([O John:] “Com mais cabelo?”)

Com mais cabelo, embora seja mais velho. Um dos homens, eu acredito, tem precisamente 37 anos. O segundo homem usa, ocasionalmente, óculos. O seu cabelo é um tom de castanho, embora não seja uma cor nítida e bem definida.

([O John:] “Em que desportos específicos ele está interessado?”)

Qual o homem?

([O John:] “O segundo.”)

Eu penso num jogo como o hóquei, embora eu não veja precisamente como o hóquei poderia estar envolvido. Talvez seja o golfe, então, com um instrumento deste género.

(A Jane, com os olhos fechados, gesticulou como se estivesse a golpear ou a fazer um balanço, com os braços rígidos.)

Se for, no entanto, há uma ligação, talvez nos anos mais jovens, com a patinagem, como no gelo.

Pode haver um interesse secundário num jogo como o ténis, mas eu não vejo mais nada nessa linha. Eu sinto uma ligação com o bowling, mas acredito que isto seja uma conceção errónea, talvez da parte do Filipe.

Eu vou dar-vos um breve descanso.

(Pausa às 11:39. A Jane estava dissociada como de costume. Os seus olhos tinham estado fechados, a sua voz boa, o ritmo rápido. Ver o material de Bill Driscoll na página 41.)

(O John identificou o segundo homem descrito pelo Seth como o Sr. Dudley, e disse que, tal como o Bill Driscoll, o Dudley é um bom vendedor. O Dudley tem um cabelo castanho indefinido, é mais velho do que o Driscoll, mas não maior, e joga ténis e andebol. O Dudley costumava jogar golfe, disse o John, daí o gesticular do Seth como se estivesse a encenar um desporto que exigia algum tipo de instrumento de batida ou de balanço.)

(O John acha que as vendas do Sr. Dudley também estão a subir, mas não viu quaisquer números reais em que basear essa estimativa especificamente. O Dudley também usa, por vezes, óculos. A Jane sentiu que o Seth quisera dar esta informação mais cedo, mas que ela a bloqueou.)

(Nem o John nem eu observámos qualquer mudança de traços na Jane.)

(Como a hora ia avançada, o John disse-nos o nome da mulher discutida pelo Seth: a Judy Fuller. Mais tarde encontrámos uma June Fuller na lista telefónica, mas esta Fuller não vive na rua correta, também. Ou a Judy Fuller não tem telefone, ou está em nome de outra pessoa.)

(Nota do John Bradley, 8 de junho de 1966: “O nome da rapariga é Judy Fuller. A Judy Fuller está listada na lista telefónica sob a sua morada antiga.”)

(A Jane retomou, a um ritmo médio, com os olhos abertos parte do tempo, às 11:51.)

Eu vou, de facto, por causa da expressão no teu rosto, meu caro José, trazer a nossa sessão a o fim. Fizemos o melhor que pudemos esta noite. Poderíamos ter feito melhor, talvez, sem a interrupção. Não obstante, nós estivemos suficientemente bem, de facto.

Há mais no que diz respeito ao nosso amigo Filipe, mas, por várias razões, nós vamos deixar isso por agora. As razões têm que ver com o meu juízo, mais do que com qualquer receio de distorção. No entanto, o nosso amigo desenvolveu as suas capacidades de modos que ele não será capaz de fechar, e isso, afinal, não é assim tão terrível. Ele não estará a ler o jornal de amanhã hoje, mas estará mais recetivo a as comunicações do eu interior, e o seu próprio ego estará melhor informado, embora isto não o torne necessariamente mais feliz.

Agora pensamos num episódio — evitarei a palavra “caso” — um episódio particular ocorrido há algum tempo, em ligação com a filha do Filipe, no quarto dela ou junto à sua cama. Eu creio que tarde da noite, talvez quando ela estava doente, mas em conexão com um sentimento forte da parte dele.

Eu hesito em usar a palavra juramento ou voto, mas algo nesta linha. Talvez a palavra promessa fosse mais adequada para descrever o que estou a pensar.

Agora quanto à sessão, José. Eu deixo isto ao teu critério. Nós terminaremos quando tu preferires.

(Eu acenei na afirmativa.)

Nós então vos desejamos uma muito calorosa e afetuosa boa noite. Nós poderemos, de facto, acabar com outra sessão antes de segunda-feira, mas, se assim for, veremos que tu não escrevas todas as nossas notas. Eu faço o meu melhor, à minha maneira, para olhar por todos vós, e, no entanto, eu também estou limitado quanto às minhas ações dentro do vosso sistema. Vós deveis, muitas vezes, ler nas entrelinhas quando eu falo. Subconscientemente, vós captais mais do que percebeis, e, subconscientemente, vós fazeis preparativos para eventos de que podeis estar conscientemente alheios. Eu não posso soletrar tudo, e não o faria mesmo que pudesse.

("Boa noite, Seth.")

(Fim à meia-noite. A Jane estava dissociada, como de costume. Ela disse que achava que o Seth interrompeu o material sobre a filha do John, que o Seth pretendia como outra demonstração de telepatia, porque percebeu que a hora estava avançada e o material era demasiado longo e envolvido.)

(Eu estava no meu estúdio, na parte de trás do nosso apartamento, a arrumar as notas desta sessão, quando o Seth apareceu novamente,

brevemente, enquanto a Jane e o John conversavam na sala da frente. A troca terminou quando eu cheguei até eles. Era no sentido de que, dentro de três anos, a Jane e eu teríamos a nossa própria casa.)

(O Seth trouxe isto, cremos nós, porque ele tinha manifestado o desejo de que tivéssemos o nosso gravador a funcionar esta noite, e porque, evidentemente, queria soar forte e alto e não o podia fazer num prédio de apartamentos. O Seth disse ao John que a nossa casa teria privacidade.)

(A Jane e eu não usamos, habitualmente, o gravador nas sessões porque isso duplica o tempo necessário para transcrever as notas. Nós percebemos que a espontaneidade é importante, mas o nosso tempo é limitado. Nós considerámos fazer apenas uma sessão mais longa por semana, na qual o gravador poderia ser usado. A Jane prefere, no entanto, duas sessões por semana, pessoalmente, e, há muitas sessões, o Seth também disse que preferia mais do que uma sessão por semana.)

SESSÃO 205

3 DE NOVEMBRO DE 1965

(Não houve teste do envelope durante a sessão.)

(Na sessão não programada, a 203.^a, de 28 de outubro, o Seth disse-nos que em breve receberíamos outra carta do Dr. Instream, “dentro de poucos dias”. No dia 2 de novembro, quatro dias depois, recebemos uma breve carta do Dr. Instream na qual pedia que a Jane e eu simplesmente continuássemos como estamos a fazer.” Hoje ao meio-dia, a Jane disse-me que achava que o Seth poderia ter algo a dizer esta noite sobre as tentativas de comunicação com o Dr. Instream.)

(Também na 203.^a sessão, o Seth disse que o Howard Kimball seria eleito presidente da câmara de Elmira. No dia 2 de novembro, o Howard ganhou de facto a eleição, embora, claro, haja uma probabilidade de cinquenta por cento de que um palpite produza a mesma previsão.)

(O John Bradley assistiu à última sessão. Nela, o Seth mencionou acontecimentos futuros na família do John, envolvendo particularmente a mãe dele. A Jane também sentiu que bloqueou parte desses dados. No dia seguinte, ontem, a Jane teve uma experiência muito invulgar para ela. Envolveu uma pesada e peculiar sensação de premonição de algum tipo, como se relacionada connosco pessoalmente, ou com as nossas famílias, mas poderá dizer respeito à família do John. Não o vemos desde segunda-feira e provavelmente não o veremos durante pelo menos duas semanas. A sensação de premonição durou cerca de três horas com a Jane e depois levantou-se. Ela tem a experiência descrita noutra local.)

(A sessão realizou-se na nossa sala dos fundos e foi tranquila. A Jane começou a falar sentada e com os olhos fechados. O andamento dela foi bastante lento por vezes, a voz baixa.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. Posso agradecer pessoalmente ao nosso Dr. Instream pela sua recente carta. Tenho alguns comentários que gostaria de fazer aqui.

Temos progredido, na verdade a um bom ritmo consistente, considerando o facto de que nenhum teste de qualquer tipo foi alguma vez tentado antes de nos termos familiarizado com o Dr. Instream.

Nos nossos testes com o jesuíta e o amante de gatos, acertámos em vários pontos específicos. Aquele que me ocorre agora, embora houvesse outros, diz respeito à tarifa de táxi de três dólares, que eles consideraram demasiado alta, e à viragem à direita — tudo isto foi dado aqui e confirmou-se exatamente.

A experiência da Ruburt também foi específica, na medida em que a descrição dela do local onde os Gallagher ficaram hospedados foi altamente exata.

(Ver a 201.^a sessão.)

Na nossa recente sessão com o Philip, também conhecido como o John Bradley, acertámos igualmente nalguns pontos específicos. O aumento foi um deles, a descrição de outro vendedor foi outro; e houve mais nessa sessão.

Agora, existe um rapport emocional, estabelecido naturalmente ao longo do tempo, que existe entre estas pessoas. A Ruburt é, portanto, capaz por si só de as “apanhar”, por assim dizer, quando as condições são boas. Isto ajuda-me bastante.

O intelecto é extremamente importante. No entanto, tem pouca relação com a estrutura dentro da qual os nossos testes têm lugar. A ideia de um jogo funcionará de facto mais a nosso favor, pois isto não é um exercício intelectual. O intelecto pode ser usado muito habilmente para tabular os nossos resultados, mas não nos ajudará a obtê-los, a menos que seja utilizado como meio de descobrir como melhor aproveitar as emoções para fins de comunicação.

(A Jane fez agora uma pausa de pelo menos um minuto.)

Se não gostar do termo “emoções” neste contexto, pode substituir-lhe a palavra “vitalidade”. Eu aprecio pessoalmente o seu interesse, Dr. Instream, e havemos de conseguir. Novamente, não se concentre a nível intelectual, se possível. Quando a Ruburt se esforça demasiado, ela frequentemente bloqueia material por perder a espontaneidade; e quando o senhor se esforça demasiado, interrompe qualquer comunicação — ou pelo menos torna-a mais difícil.

(A Jane fez outra longa pausa.)

Enquanto ainda estamos a desenvolver-nos, os pormenores específicos que captámos em momentos com outros mostram-me que a Ruburt está a desenvolver-se como eu gostaria. Ainda há, claro, muito mais a fazer antes de podermos operar com uma precisão “de mesa”.

Não obstante, o que precisamos no nosso trabalho consigo é de uma tentativa emocional, mais do que intelectual, e pela sua carta creio que estamos de acordo aqui. Vou sugerir uma pequena pausa.

(Pausa às 21:21. A Jane estava dissociada, como é habitual numa primeira pausa. Tinha começado a fumar esta noite e apagou o cigarro sem qualquer problema enquanto continuava a falar. Também sorveu vinho. Presumo que os olhos dela estivessem pelo menos entreabertos para realizar estas tarefas, mas, se assim foi, não consegui notar. A voz dela estava mais forte do que o habitual, o andamento bastante lento à hora da pausa.

A Jane estava novamente a fumar quando retomou e, desta vez, pude ver que os olhos dela estavam estreitamente abertos. O andamento voltou a ser lento, a voz bastante firme. Retoma às 21:30.)

Agora. Parte desta questão do rapport tratar-se-á por si própria no decurso natural dos acontecimentos — nas suas cartas de um lado para o outro, por exemplo. E, se o senhor tiver uma atitude mais flexível, mais leve, menos intelectual em relação aos nossos testes, isso tornará a nossa tarefa mais fácil.

É difícil pôr isto em palavras. Sinta em relação a nós em vez de pensar “para” nós, e vejamos como corre. A autossugestão pode ser muito benéfica, quando possível, se usada para o colocar num estado de espírito mais intuitivo. Volte as suas emoções para nós e creio que seremos capazes de captar os seus objetos.

Se os objetos usados forem aqueles aos quais o senhor está emocionalmente ligado, isso também será de considerável ajuda. Percebo que isto parece limitar a escolha de objetos que tenham significado para si e, ainda assim, permitir uma variedade ampla.

Pelo menos um objeto significativo de algum tipo. Não precisa de lhe pertencer, mas deve ter algum significado para si, para obtermos os melhores resultados. Mantenha o objeto em mente, mas não se concentre nele com tal intensidade que bloqueie a sua própria vitalidade emocional (sublinhado).

Estou a mencionar estes pontos aqui porque nos podem ajudar. Posso tentar variar algumas condições deste lado. Veremos. A Ruburt ganhou alguma confiança como resultado dos nossos próprios testes e também como resultado de testes que ela tentou por conta própria. Um em particular, que envolveu novamente o Philip, ou o John Bradley. (Ver página 11 da 200.^a sessão.)

Tenho-me esforçado por reforçar a confiança dela deste lado e alegro-me ver que estamos a conseguir até certo ponto, pois isto é tão necessário como qualquer outra coisa com que temos de lidar. Os meus mais calorosos votos para si, senhor.

Há algum material que gostaria de transmitir sobre o exame dos sonhos, e algumas instruções que deverão achar interessantes. Poderá envolver um ligeiro incómodo. Contudo, o Joseph e a Ruburt podem fazer isto ao seu ritmo.

É uma experiência relativa ao gravador, algo na linha do que a Ruburt tinha planeado, mas com certas inovações. Não há necessidade de tentar a experiência noite após noite consecutiva, no entanto. Três noites por semana, durante um certo número de semanas, deverão ser suficientes.

Contudo, sugiro uma pausa para que possamos “apanhar” o nosso amigo a tempo.

(Pausa às 21:44. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos dela estiveram fechados na maior parte do tempo; a voz desceu para média, o andamento manteve-se do lado lento. Retomou do mesmo modo às 22:00.)

A confiança da Ruburt, ou a falta dela, foi um obstáculo do nosso lado.

Embora isto não esteja de forma alguma completamente ultrapassado, estamos certamente a caminho de o superar, e isso ajudará. Quero deixar registados os meus próprios comentários referentes ao meu aviso a o Philip, ou o John Bradley, e às implicações envolvidas. Estes e o material sobre sonhos serão os nossos próximos temas de discussão.

Agora, contudo, dê-nos um momento.

(Como de costume, a Jane ficou sentada com a cabeça baixa, as mãos erguidas aos olhos. Fez uma pausa que durou pelo menos um minuto. O andamento dela, enquanto entregava o material sobre o Dr. Instream, foi o mais lento até agora, creio. Este é o 14.º teste.)

Ele está mais descontraído. Olha para um relógio, redondo. Parece ser do tipo ao qual em tempos se prendia uma corrente. (Pausa.)

Ele tem uma camisa branca vestida. O colarinho parece estar aberto e as mangas amarrotadas, de algum modo, para perto dos punhos, de maneira notória. Não completamente arregaçadas, por exemplo, mas talvez parcialmente.

Ele acabou de tirar um casaco de fato e senta-se junto a uma secretária escura. (Pausa longa às 22:07.) Um cesto de papéis com arames, talvez arames cruzados. O topo do cesto formando algum tipo de arranjo que lembra o bordo de um vaso de flores.

A sala é um escritório. (Pausa.) Penso na palavra “glycine” (wisteria). (Pausa longa.) Parece que ele me faz uma pergunta. (Pausa às 22:12.) Terá

a ver com música? Volto a captar arame. (Pausa.) Um ornamento pesado, verde-escuro, quase negro esverdeado.

As experiências de hipnose dele têm um efeito ou êxito singular, que deverá ser significativo para ele quando ler este material.

Quatro e quatro são oito. Não sei a que isto se refere. Um espelho oval. Oval, mais do que absolutamente redondo. Comprido e oval.

Penso num missionário. (Pausa.)

Sugiro a sua pausa.

(Pausa às 22:18. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos permaneceram fechados; a voz estava mais baixa, o andamento bastante lento. Ela disse que devia ter estado a concentrar-se, porque sentia o pescoço rígido, pelo menos.)

(Durante a pausa, a Jane relaxou deitando-se na cama. Retomou nessa posição, com a cabeça apoiada numa mão, a voz baixa, os olhos fechados. Também fumava enquanto falava. Retoma às 22:26.)

Vamos agora terminar a nossa sessão.

Eu continuaria, pois há material que estou ansioso por vos dar, mas a nossa última sessão foi longa.

Haverá em breve a venda de outro conto para a nossa Ruburt.

Os meus melhores cumprimentos a todos vocês. Sinto-me bastante irrequieto, se vocês dois não se sentem. (“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 22:29. A Jane estava dissociada, como de costume. Disse que o Seth poderia ter prosseguido alegremente, mas ela não o incentivou.)

(O Seth também disse que a Jane teria algumas vendas de contos na 201.^a sessão. Isto é naturalmente possível, já que a Jane tem material submetido. Ver as notas na página 24.)

SESSÃO 206

8 DE NOVEMBRO DE 1965

(Foi realizada na última sexta-feira à noite, 5 de novembro, uma sessão improvisada, não programada, para um grupo de jovens. Não foram tiradas notas, nem estavam previstas, segundo o Seth, mas quero registar alguns pontos.)

(O grupo de quatro pessoas, excluindo eu próprio, constitui a maior assistência a que o Seth se dirigiu até agora. A Jane e eu sabíamos que eles se interessavam por psicologia e PES em geral e incentivámos as leituras deles sobre os temas. Eles não conheciam o Seth, mas estavam algo familiarizados com o nosso trabalho em PES e, claro, tomariam conhecimento da existência de o Seth quando o livro de PES de a Jane fosse publicado. Provavelmente teríamos preferido que os nossos amigos — dois jovens e duas jovens — fizessem mais leitura de base antes de

conhecerem o Seth; por outro lado, com a próxima publicação do livro de a Jane, tínhamos alguma curiosidade quanto à reação de amigos interessados a o Seth. As condições estavam boas na sexta-feira passada, por isso o Seth falou durante algum tempo, de forma geral.)

(Embora surpreendidos ao princípio, os nossos convidados não permaneceram surpreendidos por muito tempo e começaram a bombardear o Seth com perguntas. Ele respondeu às que faziam sentido para eles de imediato, e evitou outras ou limitou-se a afirmar que, naquele momento, as respostas não faziam sentido para eles. Algumas perguntas foram surpreendentemente agudas e envolveram aspetos da existência do Seth, e das capacidades dele, em que a Jane e eu não tínhamos pensado.)

(Uma questão dizia respeito ao que o Seth realmente “vê” quando está perante uma testemunha, e ele responde brevemente a isto na sessão desta noite. Quero registar um efeito físico que teve lugar. Havia uma vela acesa na mesa de centro, à frente do grupo, e, enquanto o Seth falava, a chama aumentou visivelmente de altura. Chamei a atenção das testemunhas para o efeito. Todas as janelas estavam fechadas, porque a noite estava fria, e o ar estava bem parado. A chama aumentada durou vários minutos e depois foi diminuindo gradualmente. O surto da chama foi súbito, não gradual.)

(O mesmo efeito ocorreu durante a 182.^a sessão, que foi presenciada por os Gallagher. O Seth afirmou então, como afirmou na última sexta-feira, que por vezes era capaz de produzir tais efeitos quando a Jane — ou a Ruburt — não estava alerta e, conseqüentemente, de guarda. (Não foi realizado nenhum teste do envelope durante a sessão desta noite.)

(A sessão realizou-se na nossa sala dos fundos e foi tranquila. A Jane falou sentada e, na maior parte do tempo, com os olhos fechados. A voz dela estava baixa; o andamento, bastante bom, embora com pausas.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Esta será uma sessão relativamente breve, e vou avançar com calma convosco esta noite porque vos tenho mantido muito ocupados.

Há alguns assuntos que disse que discutiríamos, relativos a experiências de registo de sonhos através do vosso gravador, usando sugestão para vos despertar após uma sequência de sonho. Disse também que discutiríamos algumas implicações decorrentes do facto do Philip ter sido capaz de ouvir a minha voz, e não deixaremos de tratar destes assuntos.

(Philip é o nome-entidade do John Bradley. Ver a 204.^a sessão. A Jane e eu esperávamos, com certeza, que o Seth se aprofundasse mais na experiência de o John, através da qual o John ouviu o Seth.)

Há, no entanto, outra coisa que gostaria de abordar de imediato. Não me ocorrera explicá-la antes. Na maioria dos casos — ou pelo menos em muitos casos — eu não vejo a imagem física particular de uma testemunha

de uma sessão; de facto, tal como tu descreveste, vejo aquilo a que se pode chamar uma imagem compósita, uma realidade de energia que é composta por personalidades passadas e, em muitos casos, também por personalidades futuras que serão adotadas pelo eu interior.

Posso, é verdade, focar-me exclusivamente no indivíduo presente. Isto envolve apenas uma mudança de foco da minha parte, e um estreitamento do foco e da concentração. Há muito mais a dizer aqui, mas deixá-lo-emos para outra ocasião. O assunto estava na tua mente e estou a dar-te uma resposta simples e direta.

Agora. Uma palavra sobre as experiências com sonhos. Podem experimentá-las quando vos for conveniente. Obviamente, devido ao vosso horário, não podeis neste momento embarcar em quaisquer experimentações rigorosas a este respeito, pois o vosso sono sofreria lamentavelmente.

Ora, todos sabemos que vários tipos de experimentação está a ser feito — estão a ser feitos — no que toca ao estado de sonho. Contudo, muito pouco trabalho, se é que algum, está a ser realizado nas linhas que estou prestes a sugerir.

O caderno de sonhos da Ruburt tem avançado muito bem. Na maioria dos casos, porém, ela só escreve aqueles sonhos de que se lembra ao despertar. A sugestão permitirá a ela, ou permitirá a ti, Joseph, acordar-se assim que um sonho terminar.

O sonho estará fresco. Se o gravador estiver devidamente colocado, com o microfone facilmente ao alcance, então podem ditar o vosso sonho com menos esforço do que o necessário para o escrever. Claro que devem manter registos. A parte mais simples da experiência envolverá o uso de autossugestão para recordar sonhos.

O número de sonhos recordados deverá ser muito maior do que o que o vosso método atual permite. Há, no entanto, alguns elementos interessantes a que quero que prestem atenção. Não vos direi muito sobre eles, pois as vossas mentes devem estar livres e devem chegar às vossas próprias conclusões.

Sugiro, porém, que o primeiro sonho recordado de qualquer noite seja comparado com o primeiro sonho recordado de outras noites; que o segundo sonho recordado de uma noite seja comparado com o segundo sonho de outras noites, e assim por diante. Isto deverá revelar-se altamente interessante e, se tais experiências forem levadas a cabo de forma consistente ao longo de anos, então os resultados poderão conduzir a excelente evidência dos vários estratos do subconsciente e do eu interior, de que tenho falado há tanto tempo.

(A Jane tinha estado a fumar. Com os olhos agora ligeiramente abertos, ela apagou o cigarro.) Deve igualmente dar-se particular atenção a personagens e cenários, e ao período aproximado da história em que a ação

do sonho ocorre. Se um sonho parecer ocorrer em local não específico e em tempo não particular, então estes factos também devem ser assinalados.

Personagens desconhecidas dentro da ação onírica — pessoas que vocês não conhecem na vida quotidiana — devem também merecer cuidadosa atenção, bem como os papéis que desempenham no drama do sonho. Devem anotar-se as cores predominantes de um sonho. É desnecessário dizer que todos os acontecimentos de sonho de que se recordem devem ser verificados na realidade, como têm feito, para que quaisquer sonhos clarividentes sejam claramente verificados e registados.

Claro que também ocorre telepatia nos sonhos, como sabem. Estou certo de que reconhecem a diferença entre estes casos, mas, no fundo, tais sonhos são os mesmos. As distinções são vossas. Deve igualmente fazer-se todo o possível, através de correspondência, para verificar tais pormenores.

Sugiro agora a vossa pausa.

(Pausa às 21:20. A Jane estava dissociada, como é habitual na primeira entrega. A voz tinha estado baixa, o andamento suficientemente rápido. Os olhos tinham estado ligeiramente abertos durante parte do tempo.

Retomou do mesmo modo, mas com os olhos fechados, às 21:38.)

Vejam: estou a dar-vos boas pausas esta noite.

Há muitas formas de abordar estas experiências com sonhos. Podem, se preferirem, começar por se sugerirem que acordarão após cada um dos cinco primeiros sonhos. Se possível, queremos obter aqui a continuidade.

No entanto, têm muito mais do que cinco sonhos por noite. Creio que o número máximo de sonhos recordados da Ruburt, numa só noite, foi treze. Agora, há aqui outra coisa que deve ser considerada: as próprias autossugestões que vos permitirão recordar os sonhos podem também alterar, até certo ponto, a natureza deles, pois toda a ação altera qualquer outra ação.

(O Seth tratou deste problema, até certo ponto, na 194.^a sessão, quando falou do artigo sobre sonhos na revista *The New Yorker* de 18 de setembro de 1965.)

Isto não tem mal; e o efeito diminuirá quando a novidade passar. Repetindo: de preferência, queremos registar os sonhos pela sequência em que ocorrem, pelo que a autossugestão deve sempre incluir “Vou recordar os três primeiros sonhos”, ou “os cinco primeiros sonhos”, ou qualquer número que escolham arbitrariamente para começar.

Podem experimentar duas formulações diferentes para começar — e agora falo da formulação precisa. A primeira: “Vou acordar depois de cada um dos meus cinco primeiros sonhos e gravar cada um imediatamente.”

A segunda formulação alternativa seria igual à que acabei de dar, mas poderia omitir-se o “acordar”. Ou seja, é possível, veem, que gravem estes sonhos, falando para o microfone sem acordar, nos vossos termos.

(Os olhos da Jane estavam agora novamente abertos, desta vez bem abertos e muito escuros. Ela estava outra vez a fumar e a falar bastante depressa.)

Isto não é apenas possível: é, com certeza, o mais conveniente. Devem, porém, experimentar ambos os métodos e descobrir qual funciona melhor convosco. De todo o modo, se for de todo possível, o gravador, o Joseph, deve estar no vosso quarto. É a recordação imediata do sonho que nos interessa. Queremos que gravem o sonho no instante do despertar, ou no instante em que o sonho está prestes a dissolver-se. O tempo que leva a ir de uma divisão a outra pode resultar na perda de conteúdo e vividez do sonho. As próprias respostas motoras exigidas ao corpo e a tendência acrescida para a excitação levar-vos-iam a perder muito material válido. Eu prefiro que trabalhem menos, se necessário, usando o gravador no quarto, do que trabalhem mais intensamente deixando o gravador noutra divisão.

Porque o que nos interessa é o sonho — a própria experiência onírica — com toda a vividez que pudermos capturar e, se vão obter uma versão diluída em qualquer caso, então mais vale continuarem com o vosso método atual de registo de sonhos e não perderem sono.

Vão experimentar a realização vívida dos vossos próprios sonhos desta maneira e, com algum treino, gravarão tanta da experiência total do sonho quanto quaisquer investigadores conseguem registar quando o treino é feito por um dispositivo mecânico ou por outra pessoa. E também estarão a ganhar, adicionalmente, excelente disciplina e treino sobre os vossos próprios estados de consciência — e isto, por si só, será um importante padrão de progresso para ambos.

(Os olhos de a Jane estavam agora fechados.)

Agora, o ser humano usa apenas uma parte das suas capacidades e, quando já estiverem avançados nestas experiências, devidamente organizadas, verão que as gerem muito bem, sem drenagem de energias nem dificuldades. As vossas horas de sono já são produtivas. Usá-las-emos também para vos dar treino na utilização de vários estádios de consciência, o que resultará, com o tempo, num excelente controlo sobre diversos aspetos e fases da vossa própria percepção.

E, além disso, o treino dar-vos-á informações valiosas sobre a natureza dos sonhos em geral, os estádios do subconsciente e a vida interior da personalidade quando está dissociada do seu ambiente físico, em medida considerável.

Sugiro agora a vossa pausa.

Antes, uma pequena nota. Muito mais tarde haverá outras sugestões para vós, nas quais dirigireis o vosso eu adormecido a realizar várias atividades em sono, visitar certos locais, trazer de volta informações, e assim por diante. Isto está obviamente ainda bastante no futuro, mas está

bem dentro das capacidades da personalidade humana e dentro do âmbito das vossas próprias capacidades.

(Pausa às 22:00. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados desde a última anotação. A voz tinha estado baixa; o andamento, rápido.)

(Era agora altura do 15.º teste clarividente do Dr. Instream. Como de costume, a Jane falou agora com os olhos fechados, exceto por um instante em que apagou o cigarro. A voz estava baixa; o andamento, na maior parte, não demasiado lento, salvo algumas pausas longas. Retoma às 22:07.)

SESSÃO 206

8 DE NOVEMBRO DE 1965

Dêem-nos um momento, e podem relaxar um pouco mais enquanto tentamos “apanhar” o Dr. Instream... que está sentado a uma secretária ou mesa onde há uma lâmpada. Não um tipo de candeeiro de mesa, mas sim um modelo de secretária, talvez de metal castanho. (Pausa.)

Acredito que a luz esteja concentrada diretamente à frente dele, sobre a secretária ou tampo da mesa, e que ele esteja sentado mais ou menos assim, com a luz a incidir à sua frente.

(Aqui, a Jane, ainda de olhos fechados, inclinou-se para a frente na cadeira de baloiço e tomou a posição de quem está sentado a uma secretária, com os cotovelos apoiados e as mãos erguidas para a cabeça.)

Pode haver algo branco — uma folha de papel, talvez — à frente dele, sobre a qual incide a luz.

Penso numa carta de outra universidade, com três ou quatro parágrafos muito breves, que não ocupam a página inteira.

(A Jane fez agora uma longa pausa.)

Esta pode ser a folha de papel a que me referi. Pode muito bem ser uma carta que tu lhe escreveste, e ele concentra-se no meu nome; e pensa (pausa) numa fotografia em moldura, de a esposa dele, creio, mas não uma foto tirada agora.

(A Jane fez uma pausa de cerca de um minuto, às 22:13.)

Agora, ele desliga a luz e tenta sem ela. Creio que ele tem vestida uma camisa branca, e o colarinho solto, e ele pensa: “Então, Seth, então. E que tal, hã?” (Pausa.)

A fotografia pode também ter flores. Ela usa um chapéu; e podem fazer uma pausa, ou terminar a sessão, como preferirem.

Faremos então uma breve pausa.

(Pausa às 22:19. A Jane estava dissociada, como de costume. O andamento tinha sido muito lento para o final da entrega.)

(Mais uma vez, a Jane relaxou na cama durante a pausa. Voltou a falar a partir da cama, apoiada num cotovelo, de olhos fechados, às 22:21.)

As condições limitaram-se a ser excelentes na noite em que o Philip me ouviu falar-lhe.

Não há razão particular para que outros não me possam ouvir, mas, na prática, o ego está geralmente de guarda para impedir tais comunicações. O ego considera tudo o que não seja ele próprio como algo alheio, mesmo as partes do subconsciente do próprio indivíduo. Como estas são tão frequentemente negadas por o ego, não admira que vozes como a minha só raramente se façam ouvir.

Se o Philip não tivesse já familiaridade comigo nestas sessões, teria sido muito difícil eu tornar a minha voz clara para ele. Aconteceu também que eu falava em tom de aviso e, por isso, o subconsciente dele consentiu que o contacto se realizasse.

O Philip não estava a pensar conscientemente em mim, e o ego dele não estava de guarda. A mente subconsciente dele, porém, consentiu no contacto, porque eu imprimi nela o facto de considerar a situação potencialmente perigosa para ele. Agora, podemos, como preferires, o Joseph, ir mais a fundo nisto já, ou na nossa próxima sessão.

(“Ficará então para a próxima sessão.”)

Desejo-vos, de facto, uma boa noite. Os meus mais cordiais cumprimentos e bons votos.

(“Boa noite, Seth, e obrigado.”)

(Fim às 22:29. A Jane encontrava-se dissociada, como de costume, de olhos fechados, voz baixa, andamento aproximadamente médio.)

(Mais uma vez, o Philip é o nome-entidade de o John Bradley. De um modo geral, cremos que o contacto entre o John e o Seth teve lugar há quatro ou cinco semanas. Não questionámos o John sobre isto quando ele assistiu à 204.^a sessão, mas fá-lo-emos da próxima vez que o virmos.

A Jane considera que a voz que o John ouviu interiormente pode ter três explicações: era o Seth; foi uma criação subconsciente de o próprio John; foi uma comunicação telepática, a nível subconsciente, de a Jane para o John.)

SESSÃO 207
10 DE NOVEMBRO DE 1965

(Não foi realizado nenhum teste do envelope durante a sessão.)

(Recorde-se que, durante as 199.^a, 200.^a e 201.^a sessões, o Seth conduziu testes clarividentes/telepáticos com os Gallagher enquanto eles estavam de férias em Porto Rico. A Jane e eu recebemos agora a lista de verificação deles, confrontada com as previsões e afirmações de o Seth e, assim que estiver dactilografada, o material será inserido numa sessão.)

(Antes da sessão, mencionei que esperava que o Seth dissesse mais sobre o John Bradley ter ouvido o Seth, conforme relatado na 204.^a sessão. O Seth dá-nos pelo menos mais alguma informação sobre isto nas sessões seguintes.)

(Mesmo antes da sessão, a Jane leu um artigo na revista Fate de dezembro de 1965, intitulado “Radiesthesia; Science of Tomorrow”. O Seth comenta o artigo.)

(A sessão realizou-se na nossa sala dos fundos e foi tranquila. A Jane falou sentada. Os olhos abriram-se por vezes, estreitamente, durante a sessão. Ela estava a fumar quando começou a falar, a um andamento lento que foi acelerando com a progressão da entrega.) Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Vamos abordar alguns dos pontos que tens em mente.

Permite-me começar por alguns comentários relativos ao artigo que a Ruburt acabou de ler.

Disse-te, há muitas sessões, que as condições mais saudáveis podem ser obtidas para o organismo humano se o corpo, ao dormir, ficar orientado norte-sul — e repito agora esta observação.

(O Seth fez esta afirmação há bem mais de um ano, dizendo, creio, que as razões tinham a ver com os campos magnéticos terrestres.)

As razões têm, de facto, a ver com realidades eletromagnéticas de que já falámos. Tenho em mente algumas experiências que podem ser feitas no futuro, mas não as proponho agora, porque já tendes trabalho que chegue. As sugestões dizem respeito ao cultivo de plantas sob várias condições.

Agora. Não é provável que eu seja ouvido por alguém, durante algum tempo, da forma como o Philip me ouviu falar. Uma vez mais, a condição limitou-se a ser favorável. Disse-vos que toda a ação é ação psíquica, mas os termos usados pouco interessam. Toda a ação tem uma realidade eletromagnética, normalmente não percebida pelos sentidos físicos.

Os vários níveis do eu possuem este tipo de realidade. São ações que estão conscientes de si mesmas como identidades, quer tais distinções sejam ou não feitas por o ego. Elas são sensíveis a outras realidades que caem dentro do seu alcance particular e repelem as ações que não caem.

Para que uma comunicação psíquica tenha lugar, a comunicação tem de se situar dentro do alcance particular de realidade eletromagnética que pode ser captado por o recetor — e por aquele nível do eu de o recetor que seja capaz de a traduzir em termos significativos. Isto, se quiserdes qualquer espécie de prova. Caso contrário, a comunicação é simplesmente recebida e atuada automaticamente, sem deixar rasto. Limita-se a tornar-se parte de uma nova ação, não fornecendo qualquer evidência da sua origem.

Apesar do meu humor a propósito daquela comunicação ao Philip, eu queria que ele estivesse consciente de me ouvir. Na verdade, isto provocou uma interrupção de ação, para que a origem da comunicação sobressaísse na mente dele. Caso contrário, ele teria simplesmente registado automaticamente o meu aviso e reagido a ele suavemente, sem qualquer percepção por parte de o ego.

(Ver página 41 da 204.^a sessão.)

O tipo de coisas em que estamos envolvidos implica, portanto, com frequência, uma interrupção de ação desta ordem e uma tradução ou transformação de dados de um alcance de energia eletromagnética para outro. Nas ocasiões em que a Ruburt me ouviu mais ou menos diretamente nas experiências de tempo psicológico dela, houve sempre, da parte dela, um som perfeitamente independente de si mesma, vindo de fora de si, de estática. Se te recordas, em várias ocasiões ela ficou tão convencida de que havia estática que foi verificar se tinha deixado o rádio ligado por engano.

A voz pareceu, por fim, formar-se — ou erguer-se acima dessa estática — e, numa ocasião, a voz foi extremamente alta.

(Essa ocasião foi a 17 de junho de 1964; foi uma experiência de tempo psicológico de a Jane e envolveu também a receção de informação sobre o John Bradley. Ver as notas no Volume 4, na página 274, para um resumo dado durante a 190.^a sessão. A Jane diz que teve esta experiência de estática da qual emergiu uma voz três vezes, todas durante tempo psicológico.

Note-se também que a Jane teve essa experiência durante aquilo que inicialmente pensou ser um sonho, em 15 de outubro de 1965. Ver a 199.^a sessão e as notas sobre os dois sonhos dela. O Seth disse-nos, na altura, que o primeiro “sonho” não era um sonho.)

Isto resultou do meu esforço para dar independência a a voz — formar som dentro do vosso sistema físico sem recorrer às cordas vocais de a Ruburt, mas impressionando cineticamente o vosso sistema físico.

Nesses casos, os componentes eletromagnéticos foram levados a mudar de alcance, para poderem ser captados pelo ouvido físico. A estática era o “juntar-se” dos componentes antes de as palavras se formarem a partir deles.

No caso do Philip, por um lado, o meu trabalho foi mais fácil, visto que as palavras não foram captadas do exterior. Ele ouviu-as, mas claramente, a partir de dentro.

Elas não poderiam ter sido recebidas pelos ouvidos físicos porque a transformação necessária de componentes não tinha sido feita dentro desse alcance. Agora, a Ruburt ajudou-me, embora conscientemente não se apercebesse disso, devido às circunstâncias peculiares.

Em estado de transe, a aura eletromagnética que envolve o corpo físico — e dela faz parte — altera-se. As alterações podem ser perçecionadas com vários instrumentos e por algumas pessoas sem instrumentos. Estabelece-se uma certa instabilidade, em termos eletromagnéticos, que permite ao indivíduo lidar com frequências e alcances mais amplos.

Num estado de consciência plenamente orientado para o ego não é assim, pois o ego tenta constantemente manter um equilíbrio eletromagnético rígido. Isto é, obviamente, impossível, mas, nessa tentativa, a identidade egotista é ajudada nos seus esforços para manter um sistema de percepções mais ou menos fechado.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 21:31. A Jane estivera dissociada, como de costume, na primeira entrega. Os olhos tinham estado abertos por vezes. A voz estava normal, mas a entrega tornara-se bastante rápida.)

(Quando o Seth fala rapidamente, eu escrevo depressa para acompanhar, muitas vezes sem grande consciência do que estou a pôr no papel em termos de sentido. Por isso, ocasionalmente, falho as perguntas que poderiam parecer óbvias. Um caso em ponto, no trecho acima, é a passagem onde o Seth afirma: “Agora, a Ruburt ajudou-me, embora conscientemente ela não se apercebesse disso, devido às circunstâncias peculiares.” Gostaria de ter tido isto explicado no momento. Assim, terá de esperar pela próxima sessão.

Eu tinha, porém, preparado uma pergunta para mencionar em voz alta na pausa: se teria sido possível eu ouvir a estática e a voz ao mesmo tempo em que a Jane as ouviu nas poucas ocasiões dela, caso eu estivesse presente e perto dela.)

(A Jane retomou a fala, de olhos fechados e voz normal, às 21:43.)

Deve ser claramente compreendido que o sistema físico, com os seus objetos físicos, é — os objetos são — composto a partir das realidades eletromagnéticas subjacentes.

Nem todas estas realidades se materializam fisicamente e algumas materializam-se fisicamente em grau mais forte ou mais fraco do que, digamos, um objeto normalmente aceite como físico.

Um sonho, por exemplo, não tem a solidez de uma cadeira; mas um sonho tem realidade em termos físicos. Os planetas e as estrelas estão

materializados mais plenamente do que uma cadeira ou objetos físicos semelhantes. Um pensamento tem uma identidade eletromagnética particular que cai dentro de certo alcance de intensidades e, portanto, indiretamente — como sabem — pode ser recebido por outro indivíduo que, simultaneamente, esteja aberto a esse alcance particular.

(Ver as sessões 122–130, no Volume 3.)

Agora, vários homens neste país e no estrangeiro estão efetivamente a experimentar, de forma bastante científica, com vários instrumentos; e, dentro de dez anos, muito disto será aceite nos meios científicos.

(A Jane fez agora uma pausa e sorriu, de olhos fechados.)

A tua pergunta é simpática. Ou seja: não é tão simples como supunhas, nem tão fácil de responder, de facto — mas vamos tentar.

Nos casos em particular em que o Ruburt me ouviu, simplesmente não sei se tu me terias ouvido ou não, e há várias razões para isso. Imprimi ou influenciei o ouvido do Ruburt de forma bastante direta porque este era o procedimento mais fácil. Por outras palavras, os efeitos sonoros reais, se estivesse a escutar, poderiam ter-te parecido um sussurro alto.

O volume, no caso do Ruburt, foi causado pela proximidade, entre outras coisas, e se eu produzo um som pequeno muito perto dele, de modo a que tenha um efeito explosivo e alto; mas foi dirigido de tal maneira que ficou em grande medida isolado. Ou seja, influenciei o sistema físico, mas apenas uma pequena porção dele, e depois dirigi o efeito propositadamente numa direção.

Agora, se tivesses estado presente, eu poderia ter formado um efeito maior que poderias ter ouvido claramente.

("Poderias fazer isto a certa altura durante uma sessão?")

Havemos de ver, é bem possível.

(Durante a 68.^a sessão, o Seth declarou que, à medida que as capacidades da Jane crescessem, deveria ser-lhe possível falar-nos a partir de diferentes locais da sala, independentemente da posição da Jane, e que também poderia vir a acontecer que nos falasse a partir da sua própria aparição. Durante esta sessão, uma aparição foi vista por uma testemunha.

O fenómeno durou mais de uma hora, e temos os desenhos, feitos pela testemunha, Bill Macdonnel, arquivados. Ver Volume 1.)

Há aqui algumas questões difíceis de explicar. É como se eu isolasse uma parte do teu sistema físico, para que a voz não se propagasse para fora dele. Um efeito invisível semelhante a um armário, se preferires, dentro do qual as energias foram concentradas e dirigidas.

Uma pequena nota: o meu efeito da vela foi perfeitamente legítimo na outra noite. Este tipo de coisa quase sempre ocorrerá sem o conhecimento consciente do Ruburt durante muito tempo. A razão é simplesmente que o conhecimento consciente de tal efeito o inibiria, independentemente das

suas melhores intenções, e a energia utilizada bloquearia a ação ou o efeito que eu estava a tentar produzir.

(Ver as notas sobre a sessão não agendada de 5 de novembro de 1965, nas páginas 57–58.)

Tais efeitos ocorrem quando as minhas próprias energias estão altas e quando as condições são excelentes. São necessárias tantas condições que não acontece frequentemente, embora seja possível que a frequência venha a aumentar no futuro.

Não vejo razão para especializar, contudo. Usei a vela duas vezes apenas para mostrar ao Ruburt que eu podia influenciar objetos independentes, e para te mostrar que eu podia.

Vou sugerir a tua pausa para podermos sintonizar o Dr. Instream a tempo. (Pausa às 10:05. A Jane estava dissociada como de costume. Teve os olhos fechados na maior parte do tempo, a voz normal, o ritmo bastante rápido. Deu a impressão de estar mesmo envolvida no material esta noite, e eu estava prestes a pedir uma pausa quando ela surgiu.)

(Mais uma vez, a Jane falou bastante devagar enquanto dava o 16.º material do Dr. Instream. Os olhos ficaram fechados na maior parte do tempo, abrindo-se apenas quando apagou um cigarro. A voz estava calma. Retomou às 10:10.)

Agora dá-nos um momento. (Pausa, com a duração de um minuto.)

Parece que não o encontro em casa, e penso em água, e nele a caminhar perto da água. (Pausa.) Na parte de trás, atrás da sua residência, e outra pessoa com ele, creio que um homem, embora não tenha a certeza. (Pausa.)

Creio, no entanto, que é um homem. (Pausa às 10:14.) Talvez com a inicial “R” ou “P”. Uma conversa relacionada com história, particularmente a Inglaterra do século XVIII.

O outro homem parece ter uma ligação com três mulheres em particular. Uma relação convencional, talvez uma esposa e duas filhas (pausa) ou uma esposa e duas irmãs. (Pausa.) O nome Erickson é mencionado, e uma viagem dele, creio que uma viagem projetada.

A conversa, a conversa, encaminha-se para estatística. O Dr. Instream pensa em nós durante esse tempo, contudo, e agora caminham de volta para a casa. (Pausa.) Apanho alguma ligação com uma caixa, uma pequena caixa, que está na posse do Dr. Instream e que ele poderá tencionar dar a alguém como prenda, contendo pérolas ou algo dessa descrição. (Pausa.)

Poderá ser o aniversário da esposa, talvez? Em qualquer caso, parece que ele tenciona dar-lhe a caixa. (Pausa longa.)

O outro homem poderá ter papéis numa pasta, nos quais o Dr. Instream está interessado.

Podes, como preferires, fazer uma pausa ou terminar a sessão.

("E que tal dizeres-nos o nome de entidade do Dr. Instream antes de terminarmos a sessão?") Preferia que aguardássemos por isso por várias razões. Quando for dado, quero fornecer outro material que está ligado a ele.

Não me importo de falar com os teus jovens amigos em boas condições; talvez o gravador possa ser utilizado nessas alturas, e o Ruburt pode ser posto a trabalhar a dactilografar quaisquer notas adicionais. O número de sessões nunca ficará descontrolado, e seremos sempre altamente criteriosos antes de falar com alguém, sob quaisquer condições.

Os meus melhores votos. Poderia falar mais tempo, porém, por devida consideração, não o farei.

No entanto, encontrarás uma mudança considerável na tua saúde, embora a tua saúde não seja má, se mudares a direção da tua cama, como sugeri. Boa noite, meus pombinhos. Voarei sem bater as asas, pois sou um velho pássaro sábio.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 10:29. A Jane estava dissociada como de costume. O ritmo dela, para o final da sessão, foi novamente rápido.)

(A Jane lembrou-se agora de que, quando o Seth falava sobre a sua capacidade de ouvir o som da voz dele, o lado esquerdo da sua cabeça e couro cabeludo, do alto da cabeça até ao pescoço, formigou muito intensamente durante vários minutos. Nunca tivera essa sensação antes e achou difícil pô-la em palavras.)

(O Seth terminou a sessão numa nota divertida e satisfeita.)

SESSÃO 208

15 DE NOVEMBRO DE 1965

(Não houve teste do envelope durante esta sessão.)

(A sessão teve lugar na nossa sala das traseiras. A Jane falou sentada e, na maior parte do tempo, a um ritmo rápido. Fumou durante toda a sessão, e os olhos estiveram abertos a maior parte do tempo; de facto, abriram-se muito antes de ela ter falado durante mais do que alguns minutos. A voz estava normal.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Fico contente por ver uma discussão tão animada imediatamente antes de uma sessão, o que mostra que estão atentos.

Tenho consciência de várias questões que gostariam que eu discutisse, e vamos abordá-las. Há, no entanto, vários pontos que gostaria de assinalar.

A minha observação na nossa última sessão, relativa à ajuda que o Ruburt me deu subconscientemente em ligação com o efeito da voz, não

tinha que ver com a voz interior ouvida pelo Philip. Creio que isto foi talvez um erro na vossa paragrafação.

(Ver página 65. Philip é o nome de entidade de John Bradley.)

O Ruburt ajudou-me a produzir aquela voz que ele próprio ouviu, simplesmente por causa de certas alterações eletromagnéticas que ocorrem no estado de transe; e o Ruburt estava em estado de transe na ocasião específica a que me referia.

(Ver a 190.^a sessão no Volume 4 para notas sobre isto. Esta experiência de tempo psicológico da Jane também envolveu John Bradley.)

Foi-me mais fácil fazer certos realinhamentos e ajustamentos de natureza necessária. O outro ponto que queria frisar era que, embora o vosso tempo físico, ou tempo de relógio, não tenha realidade básica geral, e não seja uma realidade primária que percorra vários campos ou sistemas, é, não obstante, uma realidade eletromagnética dentro do vosso próprio sistema, pois criaram-no em termos mentais.

(A Jane, com os olhos bem abertos, falava agora bastante depressa e com muita ênfase. Parecia muito envolvida com o material, arrastada por ele de forma entusiástica e cooperante.)

É, portanto, uma força com que se deve contar. Se fosse uma realidade primária, não escapariam a ela nem mesmo no estado de sono. As realidades que são primárias e básicas nunca podem ser escapadas. Isto deve dar-vos uma ideia, pois as realidades que percorrem todos os sistemas, e que são primárias, são aquelas que existem para vós em todas as condições de consciência e sob quaisquer circunstâncias.

As realidades, porém, que aparecem apenas em certos estágios de consciência, são secundárias. Isto é talvez uma das informações mais importantes que vos dei; pois, se forem suficientemente perspicazes, e creio que são, então têm uma bitola pela qual medir a natureza da realidade primária, da qual todas as outras manifestações são tecidas.

Tenho vindo a conduzir-vos a este ponto à minha maneira, pois as experiências de sonho que planeamos permitir-vos-ão acumular, com o tempo, uma lista de elementos primários. Quero, contudo, que cheguem a este conhecimento por vós próprios, através dessas experiências, porque assim aprenderão mais.

Se alguma vez, numa experiência de sonho, desafiarem a gravidade, então a gravidade não é uma realidade primária, mas apenas uma manifestação dentro do vosso sistema físico. Se o tempo de relógio é escapado no estado de sonho, então o tempo de relógio não é um primário. Aquilo de que não se pode escapar em qualquer intervalo de consciência pode ser chamado uma Condição Primária, e podem capitalizar o termo.

De passagem, se ainda não é conhecido pelos vossos cientistas, será descoberto em breve que o organismo físico não envelhece no sono à mesma taxa a que envelhece no estado de vigília. O envelhecimento,

portanto, não é um primário. Novamente, isto não significa que condições secundárias como o envelhecimento, a gravidade e o tempo de relógio não tenham efeitos dentro do vosso sistema, obviamente. Significa apenas que estas devem ser reconhecidas como condições secundárias que, portanto, não afetam basicamente (sublinhado) o eu interior, que é, em grande medida, independente do vosso sistema.

O reconhecimento das diferenças entre condições primárias e secundárias pode, contudo, permitir-vos minimizar o efeito das condições secundárias em grau considerável.

Aqui, mais uma vez, deixem-me repetir que os pensamentos são realidades eletromagnéticas definidas. Portanto, sendo ações, afetam todas as outras ações, e se repito isto sessão após sessão, faço-o para que nunca seja esquecido. Assim, essas condições secundárias são fortalecidas através do próprio ato, ou mau ato, de pensar que são elementos primários em ação, em vez de secundários.

Dois homens, por exemplo, de exatamente a mesma idade física, de exatamente a mesma condição física, estarão em estados de espírito completamente diferentes, de competência, de eficácia e de força, como resultado direto das suas crenças internas quanto à sua liberdade relativa no quadro do sistema físico em que existem.

O homem que não reconhece a sua independência básica do sistema físico não terá a mesma liberdade dentro dele.

(Aqui, a voz da Jane aprofundou-se e tornou-se momentaneamente mais alta. A sua enunciação foi rápida e enfática, como indicado em parte pelas palavras sublinhadas. Os seus olhos estavam bem abertos e muito escuros.)

Estará em todos os momentos prisioneiro do tempo de relógio e do envelhecimento, pois considerará estas as condições primárias sob as quais deve operar. E a ação, ou ações, implicadas nesta crença agirão, portanto, sobre as células físicas do seu corpo com força vingativa, porque ele próprio as direcionou para isso.

Descobrirão que é uma experiência extremamente gratificante, uma vez iniciadas estas experiências, pois vocês próprios descobrirão a diferença entre condições primárias e secundárias. Obviamente, as condições secundárias são até certo ponto necessárias para a vossa sobrevivência enquanto organismo físico, mas vocês são mais do que um organismo físico agora, e serão algo diferente de um organismo físico no vosso futuro.

E as condições que são necessárias, as condições primárias que são necessárias para a vossa existência como algo diferente de um organismo físico, já existem, portanto, e podem ser percebidas e estudadas com o equipamento que faz parte de cada indivíduo.

Estão com as mãos cansadas?

("Não.")

(Na verdade, a minha mão de escrita estava a cansar-se, mas achei que a Jane estava de muito bom humor e que talvez quisesse continuar. No entanto, o Seth deve ter percebido.)

Vamos em breve fazer uma breve pausa.

Tive vários assuntos para discutir convosco; as nossas sessões em geral, a questão da espontaneidade e da disciplina, os vossos próprios receios, bastante naturais, quanto a qualquer efeito subconsciente que eu possa ter sobre o Ruburt.

Ambos se têm preocupado com estas questões, e devem ser discutidas. Não gostaria que a questão das sessões em geral, e a questão da influência subconsciente, ficassem para trás, e de uma maneira ou de outra temos de arranjar tempo para esses assuntos.

Eu poderia ter falado a qualquer momento sobre a questão da espontaneidade e da disciplina. Pode parecer que o Ruburt é demasiado fácil ou demasiado disponível para realizar sessões. No entanto, o seu ego está muito bem sob controlo, tão bem sob controlo que, em ocasiões em que eu teria falado precisamente sobre estes assuntos, não me foi permitido fazê-lo. Claro que compreendo as limitações de tempo e outras.

Um pequeno ponto: nunca manipulei o seu subconsciente, de forma alguma. E foram ambos que me chamaram na noite da nossa última sessão não agendada. Dedicaremos algum tempo a toda esta matéria.

Façam a vossa pausa.

(Pausa às 9:31. A Jane disse que estava muito bem dissociada para uma primeira entrega. Sentiu que o Seth se manifestou como personalidade em boa medida. Disse que o percebia por sentir as feições em posições pouco habituais enquanto o Seth transmitia o material. Os olhos da Jane estiveram abertos durante a maior parte da sessão, a entrega muito enfática e rápida, a voz mais ou menos normal.)

(A sessão não agendada a que o Seth se referiu acima é a que se realizou na sexta-feira, 5 de novembro, para os nossos quatro jovens amigos. Ver as notas sobre ela na página 57. Conscientemente eu não tinha querido realizar a sessão, pois achei que os nossos convidados não tinham tido tempo suficiente para estudar o material relacionado.)

(A Jane retomou de forma um pouco mais lenta. Os olhos estiveram abertos parte do tempo, a voz mais baixa. Retoma às 9:41.)

Agora. Se uma experiência faz parte do estado de vigília, mas não faz parte do estado de sono, se faz parte do estado de sono mas não faz parte do estado de vigília, então não é uma experiência primária.

Isto, repito, não significa que não seja real, mas que não é uma realidade primária que seja mais ou menos constante para o eu interior. Se uma experiência faz parte de todos os níveis de consciência — isto inclui o estado de transe — então é uma experiência primária.

A identidade do eu interior opera muito bem dentro das condições primárias. Depende de condições primárias. A sua manipulação de condições primárias dá-lhe o conhecimento de si própria. A identidade mantém-se no estado de sonho, não é verdade?

("É.")

No entanto, dentro do estado de sonho os familiares adereços físicos por vezes desaparecem. O eu interior opera muito bem sem eles. Para manipular uma realidade física, porém, o eu interior precisa de um eu que esteja aclimatado às condições físicas; daí o ego.

Como sabem, portanto, diferenciámos entre um ego exterior, que manipula dentro da realidade física, e um ego interior, que dirige as atividades do eu interior. Pois bem, o passo seguinte deve realmente ser claro. Em geral, o ego lida com realidades secundárias e, em geral, o ego interior lida com primárias.

Não obstante, as primárias também existem dentro do universo físico, e as secundárias surgem muitas vezes como adereços no mundo dos sonhos.

Mais uma vez, nenhuma destas questões é preto no branco, e muitas das distinções fazem-se por uma questão de simplicidade. Muitas primárias mostrarão características secundárias. Por exemplo, dentro do vosso tempo de relógio há características primárias definidas do tempo tal como existe em condição primária.

Mais uma vez, até a palavra tempo induz em erro, mas dentro dos limites da vossa realidade de relógio cada indivíduo por vezes sente — e veem como o uso da palavra já nos condiciona — mas cada indivíduo sente de vez em quando o sentido primário de existência que não está arbitrariamente dividido em momentos e horas; e, portanto, escapa a uma condição secundária para a realização de uma realidade primária que está por detrás dela.

Um exame consistente, cuidadosamente registado e prolongado do estado de sonho permitirá, novamente, comparar as condições e realidades que se manifestam tanto no estado de vigília como no de sonho.

Creio que estamos perto da nossa hora marcada. Vou permitir-vos uma breve pausa.

(Pausa às 9:59. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos permaneceram abertos grande parte do tempo, embora a sua enunciação tenha sido mais lenta. Ainda assim, falou com bastante ênfase. Disse que não tinha estado consciente de mais nada enquanto falava; isto é, a Jane não ouviu outros ruídos, etc.)

(Este é o 17.º conjunto de dados de teste do Dr. Instream.)

(Durante a pausa liguei um aquecedor elétrico com ventoinha para fazer circular o ar. Faz um som suave a que estamos habituados, e deixei-o ligado inadvertidamente quando a Jane recomeçou a falar. Como de

costume, ela sentou-se com os olhos fechados e as mãos no rosto. A voz estava baixa, o ritmo lento. Retoma às 10:06.)

Agora dá-nos um momento.

Simplesmente, Joseph, para o nosso teste, desliga a tua máquina, por favor.

(Fi-lo.)

Obrigado. (Pausa.)

Capto uma forte ligação entre o Dr. Instream e dois outros homens esta noite, com quem ele tem estado particularmente envolvido.

Um é alguns anos mais novo, e outro é aproximadamente, em todo o caso, da sua própria geração. Um tem cabelo escuro, outro tem cabelo louro ou branco. Este segundo homem usa óculos. (Pausa.)

Vou corrigir isto — perdoem-me. O homem de cabelo escuro é que usa óculos.

Estiveram juntos hoje, ou estão juntos agora, os três num gabinete, creio; embora não tenha a certeza, o gabinete do Dr. Instream.

Parece que, embora isto esteja de algum modo ligado à universidade, a conversa em particular diz respeito a um assunto que será tratado sem conhecimento oficial da universidade. (Pausa. O ritmo da Jane era agora mais rápido.)

Creio que uma mulher está envolvida, embora não esteja nesta reunião, mas parece ter algo a ver com o assunto em consideração. Um dos homens esteve recentemente numa longa viagem. O de cabelo claro.

Há uma menção secundária a dinheiro, embora eu não creia que esteja diretamente ligada ao assunto principal. (Pausa.) Creio também que o Dr. Instream bebeu uma bebida alcoólica que, em regra, não está habituado a beber. (Pausa.) Que, por exemplo, não escolheria normalmente.

Vejo a mulher numa ligação com amarelo ou dourado.

Ela está em pano de fundo neste assunto. Creio que há planos para uma reunião futura quando houver neve no chão. Um dos homens tem uma filha fraca, adoentada neste momento. Talvez com uma doença ligada aos pulmões. (Pausa às 10:16.)

Uma indicação aqui de possibilidade de acidente de automóvel para um dos homens dentro de um período de seis meses. (Pausa.) Numa esquina junto a um grande edifício de tijolo, vermelho. A possibilidade de acidente não se aplica ao Dr. Instream.

Não é um acidente fatal, para o homem envolvido, em todo o caso. E, mais uma vez, é apenas uma possibilidade, e muitas circunstâncias poderão alterar isto. (Pausa.)

O homem de cabelo claro é aquele com quem sinto a ligação ao acidente e, se ocorrer, será resultado direto da sua reação a uma carta.

O Dr. Instream foi a uma loja esta noite. (Pausa.) Há uns papéis devidos. Vai atrasado com eles, por um assunto de negócios.

Também me ocorre pensar num arrendamento, mas não sei a que se refere. Agora, podem fazer uma pequena pausa e continuaremos, ou terminar a sessão, como preferirem.

("Então vamos terminar.")

Então desejo-vos os meus melhores cumprimentos e votos. ("Boa noite, Seth.")

(Fim às 10:21. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados durante a entrega, a voz foi mediana e o ritmo também mais ou menos mediano para o final do material.)

SESSÃO 209

17 DE NOVEMBRO DE 1965

(Não houve teste do envelope durante a sessão.)

(A sessão realizou-se na nossa sala das traseiras. A Jane falou sentada e, na maior parte do tempo durante a primeira metade da sessão, com os olhos fechados. O ritmo foi geralmente bom, a voz normal.)

Pois então, boa noite. ("Boa noite, Seth.")

Este tema dos primários e secundários vai ocupar-nos durante algum tempo, e de mais maneiras do que supõem. Porque estamos a delinear as etapas de uma investigação sobre a natureza e as condições da consciência.

Quer se apercebam quer não, já iniciaram tal investigação, e as notas e gravações cuidadosas de sonhos do Ruburt, ao longo de quase três anos, e as vossas próprias registos de sonhos, são apenas o começo.

Até agora analisaram esses sonhos o melhor que conseguiram, mas em breve começarão a olhá-los de um novo modo. As experiências de sonho com o gravador serão muito mais profícuas. Estas investigações envolverão também um exame sistemático de todos os níveis de consciência.

A autohipnose será então utilizada na tentativa de descobrir que experiências são comuns a vários níveis ou estados de transe, e estas serão analisadas na busca de condições primárias e secundárias. Essas experiências, contudo, ficam para o futuro. Alguns dos dados dar-vos-ei como guia, mas muito farão por vossa conta. Não há forma de sondar as realidades da consciência sem que uma personalidade viaje por todos os níveis de consciência que lhe estão abertos e o faça de tal modo que consiga reter e aplicar a informação que recebe nessas viagens interiores.

As potencialidades da personalidade humana não podem ser examinadas como quem parte uma noz para ver o que está dentro. A experiência de sonho é uma ação viva e em movimento. Em certa medida nunca pode ser capturada, mas captaremos o suficiente para os nossos

propósitos. E a sugestão que vos dei permitirá, após alguma prática, que despertem e ditem o sonho ao gravador quase automaticamente.

E agora, se o Ruburt se preocupa por não carregar a sua quota de trabalho, porque tu passas tanto tempo a datilografar as nossas sessões, então o trabalho de datilografar as experiências de sonho, tanto as dele como as tuas, ficará a seu cargo. Esses registos de sonhos serão mantidos continuamente ao longo dos anos e fornecerão informação valiosa. Informação, aliás, que pode valer por si própria independentemente da minha ligação a ela, e será acrescentada à vossa obra de vida.

Sugiro agora uma breve pausa.

(Pausa às 9:14. A Jane estava dissociada como de costume para uma primeira pausa e ficou um pouco surpreendida por o Seth interromper tão cedo. O ritmo tinha sido bom, os olhos permaneceram fechados.)

(À medida que a sessão avançava, os olhos começaram por abrir-se a espaços. Primeiro entreabertos, depois, mais tarde, bem abertos. O ritmo ficou um pouco mais lento, e ela fumava quando retomou às 9:20.)

Agora. Existem, de facto, experiências mentais comuns que existem em todos os níveis de consciência, e é isso que iremos procurar.

Os vossos registos devem ser mantidos de forma imaculada. O material servirá efetivamente para vários livros do Ruburt, e sugiro que se pense seriamente na disposição do quarto para que o gravador seja facilmente acessível. Pode usar-se, se necessário, uma luz extremamente ténue. À medida que as experiências continuarem, deverão conseguir desligar e ligar o gravador automaticamente no escuro.

Mencionei anteriormente que, com treino, podem fazê-lo durante o sono. Ainda não fazem ideia da quantidade de dados que podem ser obtidos através destes esforços. Os sonhos serão escrutinados por muitos elementos. Alguns são-vos familiares e outros não.

A ação realizada dentro do sonho; o local; a ausência de local específico; o tempo em que o sonho parece ocorrer; os movimentos aparentes através do tempo dentro de um dado sonho; o conteúdo emocional; o conteúdo psicológico de superfície; o trabalho feito dentro do sonho; as pessoas conhecidas com quem se fala; as pessoas desconhecidas com quem se fala; a relação do sonho com acontecimentos passados e com acontecimentos imediatamente anteriores ao sono; os eventos do sonho em relação a eventos futuros; mensagens que são dadas ou enviadas em sono.

Os sonhos serão categorizados de várias formas quando houver quantidade suficiente. Descobrirão, creio, que tipos particulares de sonhos ocorrem com variações sazonais definidas. Deve dar-se particular atenção ao espaço que percebem dentro de um sonho. Estão, por exemplo, cientes apenas do local específico onde as atividades acontecem, ou estão cientes de uma extensão espacial adicional?

Aprenderão a levar convosco uma certa porção de propósito através da sugestão, para que possam tentar aumentar o espaço onírico de que inicialmente têm consciência. Podem, por outras palavras, ampliá-lo. A investigação estará sempre centrada na busca de primários e secundários. Em muitas ocasiões, uma realidade aparentemente primária virá mais tarde a revelar-se secundária, como resultado de experiências com o estado de transe.

As vossas experiências de tempo psicológico serão úteis no futuro relativamente a estes empreendimentos. Claro que também vos poremos a estudar o estado consciente. Faremos com que usem os sentidos físicos a um grau muito mais elevado do que é agora habitual em vós.

(Os olhos da Jane estiveram bem abertos durante grande parte das últimas duas páginas de material. Tal como na última sessão, a sua entrega foi bastante entusiástica e assertiva. Sorriu muitas vezes.)

A investigação permitir-vos-á sondar as realidades da vigília consciente, ampliando as vossas perceções sensoriais para que possam sondar mais longe no exterior, na realidade física. Este é, de facto, um projeto ambicioso. Avançaremos como sempre, devagar mas de forma constante; e vocês próprios mudarão pelo caminho, pois as ações envolvidas mudar-vos-ão. Posso acrescentar: para melhor.

("Ótimo.")

Aprenderão a lidar com primários, dando às realidades secundárias o que lhes é devido. Dai a César o que é de César... Tenho a certeza de que percebem o que quero dizer.

("Sim.")

(Mais uma vez o Seth estava muito divertido.)

Todos estes projetos estão interligados, e ajudar-vos-ão a ambos na escrita e na pintura, e aumentarão grandemente as vossas capacidades nos vossos próprios campos. De novo, avançaremos com cautela, com precisão mas de forma constante, e estarão sempre no controlo. Mas quando terminarmos — e isso não será por muito tempo — deverão ser capazes de viajar de qualquer estado de consciência para outro e de volta, em segurança, com plena consciência da vossa identidade.

Pois a vossa identidade depende da realidade primária, que é um certo tipo de ação, e tudo isto conduzirá a uma consciência intensificada sob todas as circunstâncias.

Como benefício adicional, em última análise, poderá alcançar-se a recordação de vidas passadas e uma síntese, por vós mesmos, das vossas personalidades passadas.

A hipnose não é geralmente compreendida na sua verdadeira luz. O hipnotizador não é necessário exceto como diretor; e, de facto, na maioria dos casos um diretor desses é necessário. Mas o estado hipnótico é simplesmente um nível de consciência em que a personalidade segue “em

roda livre”, por assim dizer, dissociada da realidade física nos seus termos habituais.

Continua, no entanto, dependente dela simbolicamente, em termos gerais. O ego interior, porém, pode ser utilizado num estado dissociado como este, como tal diretor de atividades, com treino suficiente. Tenho de enfatizar que, efetivamente, são necessários anos de treino. Mas então a experiência é dez vezes mais gratificante e informativa.

Têm aquilo a que podem chamar uma ação dividida, em que uma parte do eu, o ego interior, é autorizada a viajar através dos outros estados de ação que compõem o eu total, propositadamente como diretor, e a reter o conhecimento assim recebido.

Agora podem fazer outra pausa, pois creio que tenho estado a falar depressa de mais para vocês.

("Rápido o suficiente, Seth.")

(Pausa às 9:47. A Jane estava dissociada como de costume, disse ela. O ritmo tinha sido de facto rápido, a voz normal, os olhos bem abertos grande parte do tempo. Tinha fumado quase continuamente.)

(A impressão geral que tenho é que o Seth está muito interessado no próximo projeto de registo de sonhos e que, juntamente com vários testes, isto nos ocupará por muito tempo. A Jane e eu montámos provisoriamente um esquema de gravação no quarto e provavelmente começaremos a experimentar em breve.)

(Mais uma vez, a Jane começou a falar a um ritmo rápido e com ênfase. Os olhos estavam abertos, depois de se terem fechado brevemente no início da entrega. Retoma às 9:58.)

Tenho apenas um pequeno ponto a apresentar aqui antes do nosso encontro com o Dr. Instream.

Isto, se me é permitido dizê-lo, é uma excelente ideia. É esta: uma vez por semana, para começar, sugerirão antes de dormir que enviam uma mensagem específica, que escreveram, a outra pessoa cujo nome também está indicado no papel, o qual está, claro, datado.

Esta informação será enviada por vocês em estado de sonho. Não será restringida pelo ego em grande medida. Haverá, contudo, algumas dificuldades, uma vez que a informação, se legitimamente enviada, será captada pelo indivíduo nos seus próprios sonhos e, portanto, pode escapar à deteção. Por essa razão, uma ordem poderá estar em ordem, perdoem o trocadilho, como por exemplo: “vem ver-me na quinta-feira à tarde”.

Esta ideia, contudo, não está totalmente desenvolvida e fica para o futuro, mas devemos definir um plano concreto nestes moldes. E, por curiosidade, o Ruburt pode enviar-te uma mensagem desse modo, que ele terá, evidentemente, escrito previamente e mantido oculta, e tu podes fazer o mesmo, como exercício de aquecimento. Agora, dá-nos um momento, por favor.

(Eram 10:02. Os olhos da Jane fecharam-se, embora estivesse a fumar. Sentou-se com a cabeça baixa e uma mão no rosto. A voz estava baixa. O ritmo foi razoavelmente bom no início do teste, mas acabou por abrandar bastante. Este é o 18.º teste do Dr. Instream.)

Um quarto com teto muito alto, pequeno, quase mais alto do que largo. Uma cadeira no interior na qual o nosso amigo se senta. Uma lâmpada diretamente por cima e um livro nas mãos ou no colo. Com muitas imagens.

Data de copyright 1903, ou 1933, com escrita manual na primeira página. (Pausa.) Um marcador que me lembra um tecido, de cor natural, como cor de bambu. (Pausa.)

Ele contou a outra pessoa estas experiências particulares connosco, e essa pessoa está particularmente consciente dele esta noite. (Pausa.)

Essa outra pessoa, um homem, é, aliás, um excelente recetor e está parcialmente em contacto com o Dr. Instream esta noite. Se está ou não consciente disso, não sei.

Esse outro homem está numa festa, uma reunião. (Pausa às 10:07.) As próprias experiências de hipnose do Dr. Instream vão agora bem, e ele recebeu ontem uma comunicação específica a esse respeito. Ou então a comunicação foi enviada ontem.

(Os olhos da Jane abriram-se brevemente agora.)

Apanho o número 3 4 1, mas não sei a que se refere. Também alguma turbulência em assuntos domésticos e não profissionais para hoje. Relativa a um familiar e a uma variação nas rotinas habituais, rotinas diárias. (Pausa.)

Um sintoma físico irritante também, creio que na mão esquerda. Meramente aborrecido. Uma reação nervosa de natureza funcional.

(A Jane fez uma longa pausa às 10:11, sentada muito quieta e com os olhos fechados.)

Ele parece invulgarmente cansado esta noite. Diz: “Agora ouça, Seth, vamos a algo de concreto”, e estende a mão, assim.

(Aqui, a Jane estendeu a mão direita fechada. Fez outra pausa longa às 10:14.)

Capto também o número 5. Algo a ver com um documento. Ele vira-se agora para a esquerda, estica o braço para cima e tira um objeto. (Pausa.) Oval, com iniciais, ou então estou a associar-lhe as iniciais. Foi-lhe dado pelo homem com quem falava na outra noite, junto à água, como mencionámos então.

Esse homem partiu agora, numa viagem, creio.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 10:17. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos abriram-se apenas uma vez, como assinalado; o ritmo tinha variado bastante. Retomou a bom ritmo, abrindo e fechando os olhos, às 10:25.)

Estou a dar-vos uma sessão breve por causa da nossa última, que foi longa.

Em alguma ocasião, porém, quero falar desta questão das nossas sessões, sobre quando devem e não devem ser realizadas; e repito: de modo nenhum tento influenciar o subconsciente do Ruburt.

(Os olhos da Jane abriram-se muito enquanto olhava para mim.)

Ora, não vos vejo, por regra, como uma série de compartimentos separados, mas sim mais na vossa totalidade. É, portanto, difícil para mim distinguir entre a vossa intenção consciente e a intenção subconsciente. E, em muitos casos, a vossa intenção subconsciente manifesta-se com força.

A sessão não agendada em particular que, ao que parece, vos incomodou a ambos, foi aquela que foi solicitada subconscientemente por ambos; e beneficiou, em grau considerável, aqueles para quem a realizámos.

(Esta será a sessão não agendada realizada na noite de sexta-feira, 5 de novembro, para os nossos quatro jovens amigos. Ver as minhas breves notas sobre isto na introdução à 206.^a sessão.)

Há disciplina consciente que o Ruburt pode usar e que pode anular a permissão subconsciente, se assim o determinarem, e isto, com prática, virá com muita facilidade. Como totalidades — uso a expressão propositadamente —, porém, respondem a muitas influências que podem ou não resultar numa sessão.

(A Jane e eu fizemos uma experiência envolvendo um dos casais jovens que testemunharam a sessão não agendada de 5 de novembro. Vimo-los também na sexta-feira seguinte, 12 de novembro. Respondemos a muitas das suas perguntas durante a noite. Durante a noite, a Jane sentiu que o Seth poderia facilmente ter-se manifestado, mas, no interesse da nossa experiência, ela não o permitiu. O Seth aceitou graciosamente a decisão dela, disse-me na altura, e não fez qualquer esforço para ir contra a sua vontade.)

Em qualquer caso, há simplesmente certas circunstâncias que eu próprio estabeleci como um sistema de equilíbrios, para que o número de sessões se mantenha dentro da razão, dentro da vossa ideia de razoável. Vocês são perfeitamente capazes, e o Ruburt é perfeitamente capaz, idealmente falando, de realizar cinco sessões por semana sem efeitos nefastos. Compreendo que isto é altamente impraticável, pelo que não têm motivos de preocupação a este respeito. Quero, contudo, salientar que a única circunstância aqui, ou erro, que poderia tornar a regularidade uma desvantagem é o incómodo prático e físico que, da vossa parte, seria bastante irritante. E o Ruburt seria o primeiro a insurgir-se.

Podem fazer como preferirem agora. Posso terminar a sessão ou continuar por estas linhas.

("Então vamos terminar.")

Os meus mais calorosos cumprimentos a ambos.
("Boa noite, Seth.")
(Fim às 10:34. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos abriram-se a espaços, a voz foi normal, o ritmo bastante rápido.)

SESSÃO 210

22 DE NOVEMBRO DE 1965

(O 17.º teste do envelope teve lugar durante esta sessão. O objeto de teste, selado nos habituais envelopes duplos, foi o comprovativo de seguro do manuscrito do livro de ESP da Jane, datado de 30 de agosto de 1965. Um desenho não é necessário, uma vez que os dados do teste não coincidiram por larga margem. Os dados e a explicação do Seth sobre os resultados aparecem nos seus lugares habituais na sessão.)

(Às 20h30 desta noite, a nossa senhoria, Marian Spaziani, e uma amiga sua visitaram-nos brevemente. A Marian e a amiga, Helen Dyer, conhecem as sessões mas nunca assistiram a nenhuma. O marido da Helen faleceu recentemente após uma operação a um cancro do pulmão; esta noite a Helen descreveu à Jane uma experiência recente em que sentiu que o marido lhe falava enquanto dormia. A Helen disse-nos que tem sonhado muitas vezes com o marido, mas sentiu que esta experiência em particular era algo diferente de um sonho; sublinhou a sua clareza, a sua tranquilização e simplicidade.)

(Pode mencionar-se aqui que, já há bastantes sessões, o Seth tratou de uma experiência vívida semelhante da Marian, em que ela recebeu uma mensagem do pai do seu marido; o pai faleceu talvez há um ano. Ver a 100.^a e a 101.^a sessões.)

(A sessão realizou-se na nossa sala das traseiras. A Jane falou sentada, na maior parte do tempo, com voz baixa. Mais uma vez, ela fumava ao iniciar a sessão; isto significava que os olhos tinham de se abrir pelo menos um pouco para encontrar o cinzeiro, mas ela estava com o olhar para baixo no gesto e eu não consegui dizer realmente se chegaram a abrir-se. O ritmo da Jane foi bastante lento, com muitas pausas, no início. Devo notar aqui que a Marian e a Helen nos deixaram às 20h55, e que a Helen mora a apenas um quarteirão de nós.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

(A Jane fez agora uma longa pausa, um procedimento bastante invulgar após a saudação de abertura.)

Dou por mim a seguir as duas mulheres que acabam de sair daqui. Estão a caminho, ou melhor, acabam de chegar à casa da mulher que vive nesta cidade. Vão ter uma longa conversa.

Capto uma malignidade incipiente na mulher cujo marido faleceu recentemente. Creio que no abdómen. Digo incipiente porque a condição está, momentaneamente, num ponto em que pode desenvolver glóbulos cancerosos; ou a condição, um tumor inicial, pode recuar e encolher, e desaparecer por completo, conforme o clima interior da psique da mulher.

(A Jane transmitiu o parágrafo acima com muitas pausas.)

Ela está equilibrada numa fina linha de normalidade neste momento. Estou a falar organicamente aqui. O desespero e tendências autodestrutivas podem alterar de tal modo a composição química que um tumor maligno poderia desenvolver-se — de novo, na zona abdominal.

Pode não se desenvolver, e subconscientemente ela tem noção disso. Não pretendo, particularmente, que esta informação seja transmitida. Estou apenas a dar-vos a informação porque a captei durante a visita dela.

A escolha é dela. Deve, porém, notar-se aqui que o contacto deste tipo, contacto pessoal, ajuda. Nada tem que ver com as capacidades particulares que estão a ser usadas, per se. Estas operam com a mesma eficácia à distância; e, já agora, embora menos frequentemente, através do tempo.

No estágio de desenvolvimento do Ruburt, contudo, ele reage em resultado de um ímpeto emocional, que é captado de forma bastante direta e que atua como energia adicional na transmissão. É por esta razão que, de tempos a tempos, ele aprecia ter visitantes nas sessões, porque instintivamente sente que, assim, está a aprender a manipular e a usar estas capacidades muitas vezes, e, portanto, a aprender as várias sensações subjetivas que acompanham percepções válidas, e a distingui-las de sensações subjetivas que acabam por assentar em percepções inválidas.

Por outras palavras, ele aprecia a prática, quer o saiba quer não. Quando, durante períodos relativamente longos, não há testemunhas nas sessões, então tanto o Ruburt como eu tendemos, de facto, para sessões não agendadas quando amigos vossos informados estão presentes. Por outro lado, quando várias sessões seguidas, sessões regulares, são testemunhadas, então, naturalmente, eu fico impaciente porque estou ansioso por voltar ao nosso próprio material, que é privilegiado quando estamos a sós.

Pretendia mencionar isto mais cedo, pois há algum padrão nas nossas sessões não agendadas que vocês não perceberam. É por isso que trabalhei tão bem com o Philip, para aproveitar ao máximo a oportunidade enquanto tínhamos um convidado.

(Ver a 204.^a sessão. Philip é o nome de entidade de John Bradley. Até à data, 40 sessões foram testemunhadas em 210. Os olhos da Jane abriam-se e fechavam-se agora com bastante frequência enquanto falava.)

Pois o treino é necessário como em todas as coisas e, embora o Ruburt tenha excelentes capacidades, precisa também, digamos, de uma experiência laboratorial tão direta. Decididamente, não iríamos querer que

todas as nossas sessões fossem testemunhadas, de forma alguma, portanto não têm de recluir nesse sentido. Por outro lado, de novo, tal experiência é necessária e bastante válida, e deve ser aceite, sem dúvida, como parte do nosso trabalho.

Agora, falando mais uma vez das nossas condições primárias e secundárias, importa dizer desde já que isto não será tão simples como possa parecer. Serão necessárias muitas desagregações e também sínteses. O Ruburt levantou um ponto, creio; observou que a experiência de falar ocorria tanto no estado de vigília como no estado de sonho, mas não achou que estas representassem primários.

Falar representa um primário, o primário da comunicação. Andar representa um primário, o primário do movimento. Teremos muito mais a dizer nestes termos, e dou-vos isto apenas como exemplos. Veremos se conseguem elaborar outros por vós próprios.

Sugiro agora a vossa pausa.

(Pausa às 9:27. A Jane estava dissociada como de costume para uma primeira entrega. Os olhos abriram-se e fecharam-se muitas vezes. O ritmo foi bastante rápido depois do início lento. Ela lembrava-se do material relativo à Helen Dyer e disse-me agora que sentira uma empatia imediata com a Helen quando esta entrou no nosso apartamento esta noite, e um desejo de a ajudar de alguma forma. A Helen já tinha estado cá em casa uma vez, talvez há dois anos.)

(Na 185.^a sessão, o Seth tratou até certo ponto daquilo a que chamou a capacidade de cura da Jane; um ponto que realçou foi que o desejo de ajudar os outros ajudaria o desenvolvimento dessa capacidade. O Seth, evidentemente, forneceu dados específicos sobre várias maleitas físicas a algumas testemunhas, e à Jane e a mim. Sempre que se seguiu o conselho, correu muito bem, fosse a dificuldade discutida física ou psicológica.)

(Por vezes a Jane tem “sensações” acerca da condição física de um indivíduo, seja um amigo ou alguém que cruza na rua. Por vezes estas intuições envolvem a morte iminente da pessoa em causa. Também tem sentido outros estados psicológicos e agora passa a anotá-los quando ocorrem. Estes desenvolvimentos são bastante recentes. Um exemplo recente envolveu o facto de ela ter pressentido o rompimento do casamento de um amigo com quem trabalho, cerca de duas semanas antes de o amigo o contar a alguém. Pessoalmente eu não suspeitava de nada de errado.)

(O diagnóstico de malignidade do Seth nesta sessão é o mais drástico até à data, e deixou-nos a mim e à Jane a pensar na melhor linha de ação a seguir em tais casos. A Jane retomou a um bom ritmo, e com os olhos fechados, às 9:39.)

Antes de mais nada, em linha com a vossa conversa durante o período de descanso: em circunstância alguma deve esta informação que vos dei ser transmitida à mulher em causa, nem a quaisquer dos seus amigos.

Se isto vos parece envolver um problema de moralidade, então deixem que acrescente aqui que tal informação, por si só, a menos que seja tratada com o máximo cuidado, envolveria imediatamente a sugestão negativa que poderia conduzir com facilidade precisamente à condição que esperamos que ela evite.

Ela contou-vos uma experiência que parece ser um sonho, em que o marido lhe falou em termos de encorajamento. Terá várias outras experiências desse tipo, pois o marido está ciente da situação e está a ajudá-la quanto pode.

Se ela aceitar a ajuda numa base intuitiva, isso mudará efetivamente o curso da sua vida no futuro. Existem elementos construtivos suficientes à sua volta, se ela decidir aproveitá-los.

Isto não vos deve preocupar.

(Eram 9:45. Coloquei o envelope de teste no colo da Jane enquanto ela proferia a frase acima. Ela não deu sinal de estar consciente da minha ação, para além de um ligeiro movimento das pernas, mas pegou no envelope quase de imediato. Os olhos continuavam fechados. Segurou o envelope na mão direita, sem tentar determinar o conteúdo pelo tato, torcendo, etc.)

Vamos agora ver o que conseguimos fazer com o vosso envelope. Por favor, dêem-nos um momento. (Pausa.)

São impressões. Uma névoa; isto é, creio que N-É-V-O-A, e uma estrada longa. (Pausa.) Entre parêntesis aqui, a ligação do próprio Ruburt é com os Gallagher. Uma tarde envolvendo três pessoas. Uma massagem. Algo como um... não sei o termo... como uma ligadura usada para atar feridas em pontos de pressão. (Pausa.)

O Ruburt e copas de árvores escuras. Uma ligação com madeira, bastante forte, como de muitas árvores, e outra ligação com uma mesa comprida de madeira, como uma mesa de piquenique. (Pausa.)

As próprias percepções do Ruburt estão algo confusas aqui porque ele pensa em duas fotografias. Numa, ele está empoleirado numa árvore. Esta tirada na Califórnia, e a outra de vocês dois, tirada no vosso vale de Nova Iorque, junto a uma mesa de piquenique, em que as vossas imagens estão quase ocultas pelas árvores.

Portanto, deem-nos mais um momento. (Pausa.)

Vamos tentar dizer que está envolvida uma fotografia, que é bastante escura, que o Ruburt está nela, talvez também um cão. As partes escuras são sombras de árvores, ou talvez rochas.

Há um homem ligado à fotografia. O marido do Ruburt. (Pausa.) Mas tem que ver com o passado, há pelo menos cinco anos.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 9:57. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados, o ritmo foi bastante lento. Tive a impressão, enquanto ela falava, de que lutava para ordenar o que queria dizer.)

(A Jane disse que ficou algo sobressaltada ao sentir o envelope tocá-la no colo. Não esperava um teste, e eu não lho tinha mencionado antes da sessão. Na verdade, eu tinha preparado o envelope de teste há algumas semanas.)

(A Jane disse que, no momento, não fazia ideia porque insistia na ideia da fotografia. Embora estivesse um pouco cansada, não se sentia particularmente mal. Revelou agora que, na realidade, tinha visto três fotografias, em vez das duas mencionadas. Viu essas fotografias com bastante clareza, disse, e sabia que duas estavam no nosso álbum e a terceira num dossier dela. Pelas descrições dadas eu também as reconheci.)

(Como a Jane desenvolveu de forma tão consistente a ideia da fotografia no teste, pensámos que algo devia ter acontecido para a pôr nessa pista, e dissemos em voz alta que esperávamos que o Seth tratasse das razões antes de terminar a sessão.)

(Era agora altura do 19.º teste do Dr. Instream. O ritmo da Jane estava de novo muito lento. Embora eu não a visse fazê-lo, os olhos devem ter-se aberto um pouco para encontrar o cinzeiro, já que ela voltou a fumar. Sentou-se com uma mão no rosto, a cabeça inclinada para baixo, falando em voz baixa. Fez muitas pausas, algumas longas. Retoma às 10:06.)

Agora, deem-nos um momento. Depois terei alguns comentários a fazer. (Pausa.)

Um interior novo, ou um que ainda não vimos. (Uma longa pausa às 10:07.) Uma cidade ou aldeia vizinha. Três ou quatro pessoas (pausa) com cartas de algum tipo. Duas portas na divisão e mobiliário antiquado.

Muitos pequenos objetos expostos, e um baú de grandes dimensões. Uma armação com missangas, como a de um candeeiro com missangas. Uma bíblia antiga onde poderão ser guardados registos de família. (Pausa longa.)

O número dez, e o número 375. Também uma taxa envolvida. (Pausa.) É tudo o que tentaremos nisto, esta noite, e terei algumas palavras para ti, Joseph.

(A voz da Jane estava determinada, os olhos ainda fechados.)

Antes de mais, não quero que sejam dados testes com envelope antes do material do Instream. Pode ser culpa minha. Esqueci-me de mencionar isto de forma explícita, mas no passado nunca pedi o envelope antes do material do Instream.

Há uma boa razão para isto. Vocês verificam sempre os resultados do teste do envelope imediatamente a seguir.

(Os olhos da Jane abriram-se agora muito. Fitou-me enquanto acendia um cigarro. Depois os olhos fecharam-se.)

Portanto, se os resultados forem fracos, isso mina a confiança do Ruburt para os testes seguintes. Isto é bastante importante. Não me oponho agora ao facto de verificarem os resultados dos testes do envelope imediatamente a seguir; mas apenas quando tal ocorre depois do material do Instream.

Este facto dificultou esse trabalho esta noite. O Ruburt sabia que o teste anterior fora fraco e ergueu defesas.

Quanto aos próprios resultados fracos no teste do envelope: há, sobretudo, duas razões para os nossos resultados insatisfatórios. Por um lado, ele não queria que o teste lhe fosse dado enquanto o material do Instream ainda não tinha sido entregue, e portanto isto não funcionou a nosso favor. Para começar, porém, ele simplesmente não estava no seu melhor, de qualquer modo.

Ficou chocado com a informação anterior que eu tinha dado acerca da mulher, e isto levou-o a bloquear mais informação para a noite. Ele trabalhou, ou permitiu-me trabalhar, apenas através das camadas do subconsciente pessoal, que de vez em quando podem fornecer informação válida, mas, como regra, altamente distorcida e pouco fiável para os nossos propósitos.

Ele retrocedeu no tempo, vendo três fotografias de si próprio, progressivamente mais afastadas do presente, para se separar do tipo de informação que se ouviu a dar mais cedo esta noite. Portanto, no conjunto, não estava a trabalhar no seu melhor, e mal se pode esperar que o faça constantemente.

O ponto relativo aos envelopes de teste, no entanto, deve ser bem entendido. Esta é uma das principais razões pelas quais, nas experiências de Rhine, os resultados não eram fornecidos até que determinada sequência de testes, ou uma dada série, estivesse concluída.

Sugiro a vossa pausa.

Um ponto aqui. Permiti que o teste continuasse porque, de novo, tais episódios podem ensinar-vos lições. Tentei, por algum tempo, separar os níveis de percepção; mas, então, o Ruburt já não abria as camadas mais profundas de comunicação. Podem agora fazer a vossa pausa.

(Pausa às 10:28. A Jane estivera dissociada como de costume. Os olhos abriram-se lentamente. O ritmo, contudo, tinha sido muito mais rápido.)

(Na 197.^a sessão, o Seth sugeriu que eu não esperasse que ele pedisse um teste com envelope. Numa sessão recente também disse que não era sensato tais testes serem dados no fim de uma sessão, quando a Jane está cansada. Por isso achei que tinha escolhido uma boa altura para lhe dar o envelope de teste. Não previ que não fosse um bom teste devido à informação anterior, ou que pudesse interferir com os testes seguintes.)

(Durante a pausa, a Jane descansou na cama. Começou a falar de lá após a pausa, com a cabeça apoiada numa mão, os olhos fechados, a voz bastante divertida. Retoma às 10:30.)

Agora. Vamos dar-vos a semana de Natal de folga, pois todos os estudantes têm férias de vez em quando. Podemos até dar-vos uma pauta de avaliação. O desempenho de hoje não vai baixar demasiado a vossa média, mas talvez a possamos melhorar pelo caminho.

Aceitaremos, a qualquer momento, Joseph, testes com envelope, desde que me sejam dados depois do material do Instream. Há, de facto, mais a dizer nestes termos, e talvez na nossa próxima sessão tornemos certos pontos mais claros a este respeito.

Sugiro que terminemos a sessão; e discutirei também, numa sessão posterior, o material de natureza pessoal que tens em mente. Os meus melhores votos e boa noite.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 10:34. A Jane estava dissociada como de costume.)

SESSÃO 211

24 DE NOVEMBRO DE 1965

(Não houve teste do envelope durante a sessão.)

(O Bill e a Peggy Gallagher foram testemunhas da sessão. Como é habitual, a presença de testemunhas entusiasmou o Seth. A sua entrega foi mais ativa e bastante rápida desde o início. Os olhos da Jane, contudo, permaneceram fechados. Durante grande parte da sessão, ela sentou-se na beira da cadeira, inclinada para a frente, com as mãos entrelaçadas. Começou às 20:58.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Estou, de facto, muito contente por ver que estão todos tão bem-dispostos. Pois, sendo eu um espírito, estou também num humor bastante elevado.

Claro que dou as boas-vindas ao nosso jesuíta e ao nosso amante de gatos, como sempre. Há, porém, alguns pontos que gostaria de esclarecer, e gostaria também de acrescentar às vossas instruções relativas às nossas experiências com sonhos, já que sei, Joseph, que mal podes esperar para as começar.

(A Jane virou-se para mim ao dizer esta última frase, ainda de olhos fechados e bem-disposta.)

Agora, sugeriria que duas categorias principais, em particular, merecessem atenção especial. Estas, como sabem, terão que ver com a realidade primária e secundária. E cada sonho deve ser escrutinado, antes

de mais, com estes pontos principais em mente. Devem estar atentos a armadilhas e usar as vossas faculdades críticas. O Ruburt usa supremamente bem as faculdades críticas ao escrutinar as minhas atividades e natureza, pelo que não tenho dúvidas de que as pode aplicar também à tarefa em mãos.

Precisarão de usar o engenho com cuidado, pois realidades secundárias vão muitas vezes parecer primárias. Mencionei anteriormente que pode parecer que andar, por exemplo, é um primário, já que aparenta que andam nos sonhos. Também andam no estado de vigília, e podem efetivamente andar, e também aparentar andar, no estado de transe. Não obstante, andar é parte do primário do movimento.

Agora, há vários tipos de tempo que surgirão nos vossos sonhos, e devem distingui-los com cuidado. Enquanto dormem no vosso tempo presente, podem ter um sonho que diga respeito ao vosso passado pessoal, embora o sonho trate de eventos que sabem ter ocorrido há muitos anos. Não obstante, podem experienciar esses eventos como acontecendo no presente.

O presente no qual parecem viver o sonho não é, porém, o presente no tempo físico, o presente em que o vosso corpo jaz na cama. Há aqui uma distinção sutil, que aprenderão pela experiência direta, pois não vos direi tudo.

Deve ser-vos também óbvio que, dentro dos vossos sonhos, uma localização espacial que pertence ao presente físico pode ser experienciada no passado ou no futuro dentro da moldura do sonho; e há aqui muito mais do que parece, e devem estar atentos para o captar. O que farão com isso ficará ao vosso critério.

Estou particularmente interessado nestas experiências projetadas, e, como preparação para elas, teremos que trabalhar apenas com sugestão antes de tentarem começar com as gravações.

Agora, vou dar-vos uma breve pausa e, de novo, as minhas boas-vindas aos nossos amigos — e não é meu intuito ignorá-los. Teremos, efetivamente, vocês, Joseph e Ruburt, a trabalhar durante o sono, como o Ruburt referiu há pouco, e ficarão contentes com isso. Pois o sonho não será capturado num laboratório por cientistas que não olham para os seus próprios sonhos.

A natureza dos sonhos só será descoberta da forma que estou a sugerir.

(Pausa às 9:10. A Jane estava dissociada como de costume para uma primeira entrega. Os olhos permaneceram fechados, o ritmo foi bastante rápido e expressivo. Retomou do mesmo modo às 9:28.)

Agora. Vou continuar. O homem não aprenderá a natureza básica da realidade estudando apenas o universo físico, nem a aprenderá estudando apenas a personalidade tal como opera dentro do universo físico.

A natureza da realidade só pode ser abordada através de uma investigação da realidade tal como é diretamente experienciada em todos os níveis de consciência: a realidade tal como aparece em condições de sonho, sob outras condições de dissociação e tal como aparece na condição de vigília.

(Ver a 204.^a sessão. Philip é o nome de entidade de John Bradley. Até à data, 40 sessões foram testemunhadas em 210. Os olhos da Jane abriam-se e fechavam-se agora com bastante frequência enquanto falava.)

A maioria dos estudos, mesmo os que lidam com o estado de vigília, são extremamente superficiais, ocupando-se apenas daquelas camadas superiores de consciência egotística que estão imediatamente preocupadas com a manipulação do eu dentro da realidade física.

Todas as camadas da personalidade são, de facto, camadas conscientes. Simplesmente operam como compartimentos, de modo que muitas vezes uma parte do eu não está ciente de outras partes. Regra geral, quando estão acordados não conhecem o vosso eu adormecido — conhecem muito melhor os vossos vizinhos —, por isso o vosso eu adormecido parece-vos realmente misterioso. Quando estão acordados, como o próprio Ruburt escreveu, não conseguem encontrar os locais de sonho que vos foram tão familiares apenas na noite anterior.

No sono, podem ter cumprimentado amigos que são estranhos para o vosso eu desperto. Mas considerem o reverso da medalha. Pois, quando dormem, não conseguem encontrar a rua em que vivem as vossas horas de vigília, e quando dormem não conhecem o vosso eu desperto. O eu adormecido é a vossa identidade.

Agora, existem de facto ligações entre estas duas condições. E há realidades definidas que existem em ambos os estados, e são essas realidades unificadoras que irão procurar. Pois só encontrando-as poderão descobrir a natureza da personalidade humana e a natureza da realidade dentro da qual ela tem de operar.

Também falámos do sonho como um drama, e devem descobrir os vários níveis em que esses dramas têm lugar. Não será tão difícil, quando estiverem em andamento, como agora vos pode parecer.

Meu caro jesuíta, devo virar a minha cadeira e ficar a olhar-te de frente?

([Bill:] “Como deseja.”)

(O Seth interrompeu o material para introduzir esta pitada de humor porque o Bill, sentado talvez a metro e meio de distância, se inclinava para a frente e fitava a Jane intensamente enquanto ela falava. A sorrir, com os olhos ainda fechados, a Jane mudou agora a cadeira para ficar a olhar o Bill diretamente.)

(Lembrete: o termo favorito do Seth para o Bill é “o jesuíta”; para a Peggy, “a amante de gatos”.)

Descobrirão também, como já mencionei, que os vários níveis do subconsciente fornecerão os seus próprios dados característicos e, à medida que os vossos registos crescerem, isto tornar-se-á evidente. É obviamente necessário, então, que a vossa sugestão seja dada exatamente como eu vo-la dei, pois queremos os sonhos registados por ordem consecutiva sempre que possível.

(Ver a 206.^a sessão.)

Isto é da maior necessidade. Certas perguntas podem parecer demasiado simples para serem feitas, mas têm de as fazer e têm de usar a cabeça aqui.

Os vossos músculos ficam cansados —

(“Não.”)

(Como o Seth fez uma pausa depois de colocar a pergunta, respondi, já que tinha estado a escrever a um ritmo rápido. Depressa vi, no entanto, que não devia tê-lo feito, pois a Jane me lançou a mesma expressão bem-disposta que tinha dirigido ao Bill há uns minutos.)

— depois de um sonho com muita atividade? Não estava a inquirir do vosso bem-estar. Contudo, fico satisfeito por estarem em boa forma.

Quero que façam perguntas deste género e tentem respondê-las através dos vossos registos e da vossa experiência.

Vejam: o trabalho envolvido nestas experiências, por si só, vai permitir-vos uma flexibilidade extrema, e acabarão por descobrir que conseguem levar convosco uma porção da consciência enquanto dormem. Uma parte do eu irá investigar outras partes do eu. Também vos faremos usar a sugestão para provocar certos tipos de sonhos que possam interessar-nos.

Tenho aqui um pensamento, meu amigo jesuíta. Seguramente consegues arranjar um foco de luz, e podíamos colocá-lo aqui.

(De novo bem-disposta, a Jane indicou um lugar mesmo à frente da sua cadeira de balanço. O Bill continuava a espreitar-lhe atentamente.)

Aliás, brincadeiras à parte, algures no futuro não seria má ideia, se alguma vez se pudesse combinar, medir a tensão arterial do Ruburt antes, durante e depois das sessões; e também o seu peso.

Poderiam talvez aprender algo com testes tão inocentes. Vejam: teoricamente, poderiam descobrir quanto eu peso, ou se tenho de facto peso físico, não é? Ou, se o Ruburt pesasse menos durante as sessões, então teriam um dilema.

Vou sugerir uma breve pausa, e faremos o nosso encontro com o Dr. Instream.

(Pausa às 9:48. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados. O ritmo foi rápido do princípio ao fim, a voz um pouco mais forte, mas nada de especialmente alta.)

(A nossa sessão decorria na sala da frente. Até agora nenhum de nós tinha reparado no ruído do trânsito em frente da casa; mas, como vinha aí um teste, tomei consciência dele. Mais tarde, a Jane, o Bill e a Peggy concordaram.)

(Este é o 20.º teste do Dr. Instream. Como de hábito, a Jane começou agora a falar muito mais devagar. Sentou-se com a cabeça baixa, uma mão erguida aos olhos fechados. Retoma às 9:58.)

Agora, deem-nos um momento. (Pausa longa.)

Uma reunião, com quatro homens e três mulheres. Uma sala com lareira, pelo que parece não ser o apartamento do Dr. Instream. (Pausa.)

Uma chegada tardia, outro homem e mulher, que vivem fora da cidade. Isto é, creio eu, académico. (Pausa.)

Um relógio de natureza ornamentada. De cor dourada. O próprio relógio é redondo.

(Aqui a Jane começou a descrever no ar, com as mãos, a forma do relógio, falando de olhos fechados. Como foi tão precisa quanto à forma, fiz um esboço rápido da minha versão da descrição. Claro que isto me fez perder algumas palavras do relato verbal, por isso arrisquei e pedi-lhe que repetisse a descrição. Foi a primeira vez que lhe fiz uma pergunta durante um teste. Respondeu sem o mínimo sinal de incómodo ou irritação, e a segunda descrição foi igual à primeira, tanto quanto pude perceber.)

À volta do relógio, a moldura dourada desce deste modo. Estamos agora a formar a base. A base do relógio propriamente dito é trabalhada com pequenas flores ou figuras cor-de-rosa, e creio que com feltro verde por baixo.

Não é elétrico. (Pausa.) Creio que o Dr. Instream está a olhar para ele. Creio também que hoje perdeu ou extraviou um objeto do seu próprio gabinete na escola. (Pausa.) Ou extraviou-o antes e foi hoje procurá-lo. O objeto tem a ver com cigarros. Um boquilhão talvez, ou um isqueiro, mas dessa natureza. (Pausa.)

Tenho também a impressão de que hoje recebeu uma carta de uma antiga aluna, talvez pedindo referências. (Pausa.)

Uma das mulheres nesta reunião usa um grande broche azul ou cinzento (pausa), que creio ter-lhe chamado a atenção. (Pausa.) Foi informado, ou será muito em breve, de uma mudança no seu horário de aulas que não esperava nem previa, relacionada com as manhãs de terça e quinta-feira, creio, embora não tenha a certeza dos dois dias precisos. A mudança não era esperada. (Pausa.)

Podem, neste momento, fazer uma breve pausa, e isto é o fim do nosso material do Instream. Exceto que podem desejar ao bom doutor, da minha parte, umas boas festas.

(Pausa às 10:11. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados; o ritmo acelerou bastante para o final da

entrega. Disse-me que a minha pergunta não a incomodou; e que via com bastante nitidez o relógio que descrevia. Estava consciente do ruído do trânsito.)

(A Jane e o Bill fizeram agora os seus desenhos do relógio, sem verem o um do outro, nem o meu; copio abaixo os três. É evidente que concordámos bastante sobre o que vimos. Notem que só a Jane assinala na sua versão a superfície dourada irregular.)

(Quando a Jane recomeçou a falar, o ritmo era novamente rápido. Os olhos fechados, a voz normal. Retoma às 10:20.)

Agora que tratámos do material do Instream, podemos fazer o que quiserem — dentro da razão, claro. Podemos terminar a sessão, posso continuar com o material que vos tenho vindo a dar, ou terei todo o gosto em responder a perguntas. É, de facto, convosco. Talvez prefiram apenas uma conversa social entre vocês, e, se assim for, têm toda a liberdade.

([A minha pergunta:] “Tens alguma pergunta, Bill?”)

([Bill G:] “Que significado atribuis ao facto de pareceres destro, mas canhoto nas sessões?”)

Estás a referir-te ao Ruburt, ou estás a falar comigo?

([Bill:] “Ao Ruburt através de ti.”)

(Numa pausa anterior, o Bill disse-me, enquanto a Jane estava fora da sala, que acreditava que a Jane era destra, mas que o Seth usava predominantemente movimentos de canhoto. Eu não tinha reparado, mas disse ao Bill que a Jane, por vezes, falara de ser canhota em criança; lembrei-lhe que a ouvi dizer qualquer coisa sobre a terem obrigado a escrever com a mão direita na escola.)

O Ruburt, na verdade, deveria dar as suas próprias respostas. Longe de mim responder por ele. Eu uso uma mão e ele usa a outra, principalmente.

([Bill:] “Porquê?”)

Eu sempre usei uma mão, e ele usou a outra.

([Bill:] “Tenho andado a perguntar-me porque é que os teus gestos básicos são diferentes dos da Jane.”)

Meu caro amigo jesuíta. Não tento eu explicar as coisas com clareza, e não sou eu grosseiramente mal-compreendido? Tenho dito há algum tempo que eu sou eu próprio, e que o Ruburt é outra pessoa. Segue-se que os nossos gestos seriam, portanto, diferentes. Não dirias o mesmo?

([Bill:] “Não sei. Tenho-me perguntado se pensaria assim.”)

(O ritmo era agora ainda mais rápido e, por vezes, omiti uma palavra nas notas para acompanhar; não alterou quaisquer sentidos. O Seth estava divertidíssimo e satisfeito com a troca. A Jane manteve os olhos fechados; os seus gestos e expressões faciais eram vivos.)

Fico contente por ver que tiveram uma boa sessão de pensar. Ora bem. Se estão a pensar em termos de personalidades secundárias, não podem provar nada nem de um lado nem do outro. Uma personalidade secundária

poderia, de facto, usar gestos diferentes (com humor). De qualquer modo, isto não seria prova da minha natureza independente. Alegro-me ver que o assunto te tem incomodado.

([Bill:] “Tinha curiosidade em saber o que dirias.”)

A minha própria resposta é que sou uma essência de personalidade-energia, momentaneamente em contacto com o vosso sistema físico, e que me é permitido operar através do Ruburt.

(Ver as 63.^a e 88.^a sessões nos Volumes 2 e 3, respetivamente — embora o Seth tenha tratado deste problema muitas vezes antes e depois dessas sessões.)

([Bill:] “Então usas o equipamento mecânico do Ruburt — a voz, os olhos e o corpo, etc. — para nos falar.”)

Uso, e uso-os da mesma maneira que usei faculdades mecânicas minhas quando as tinha.

([Bill:] “E isso inclui também as expressões faciais do Ruburt?”)

Inclui, sim senhor, embora o rosto não adote por completo a minha própria expressão. Antes de mais, no que toca às mãos, ser canhoto ou destro tem que ver com mecanismos internos e padrões cerebrais que vêm primeiro, antes dos movimentos das mãos. Caracteristicamente, eu operava de certos modos que resultavam no uso predominante da minha mão esquerda, quando me focava dentro da matéria física.

Quando me é permitido manifestar-me novamente, até certo ponto, fisicamente, então manipulo a matéria física ao meu modo característico.

Quanto à expressão facial, é um pouco a mesma questão, pois, neste caso, a matéria não importa. A expressão física, a expressão facial, é novamente o resultado do método característico da personalidade ao manipular o organismo físico e, quando eu operava principalmente como tal, tinha o meu próprio modo característico de o fazer.

De vez em quando, com o Ruburt, em menor grau, os meus hábitos deixam-se ver, pois manipulo os seus músculos de modo diferente do dele. Mas, cientificamente, de novo, isto não seria prova da minha existência como personalidade independente que sobreviveu à morte física. Não que isto me preocupe, pois não.

Há mais na tua pergunta, percebes, do que imaginas. Tens outra?

([Bill:] “Particularmente, não.”)

(O Seth/A Jane virou-se agora para a Peggy, que estivera sentada em silêncio; os olhos da Jane continuavam fechados, embora ela sorrisse. Recorde-se que o Seth tem fortes capacidades subconscientes.)

A nossa silenciosa amante de gatos...

([Peg:] “Disseste no passado que notaríamos mudanças nas feições do Ruburt.”)

Sem dúvida. Em algumas ocasiões posso torná-las bem óbvias.

([Peg:] “O que é preciso para as tornar óbvias? Disseste qualquer coisa sobre condições.”)

Certas condições, sem dúvida.

([Peg:] “Como estão as condições agora?”)

O que precisamos, percebem, são diversos elementos que geralmente se combinam de forma espontânea, mas que podem ser levados a combinar-se quando normalmente não se combinariam. Isto, regra geral, consigo tratar razoavelmente bem. No entanto, eu tenho liberdades que o Ruburt não tem, e sou mais livre para usar as minhas capacidades do que ele.

Trabalho cuidadosamente em cooperação com o ego dele, porque não queremos assustá-lo. Quando tais mudanças ocorrerem de modo evidente, veremos que ambos estarão presentes.

(A ocorrência mais evidente de uma mudança nas feições da Jane deu-se na 68.^a sessão, e foi testemunhada pelo Bill Macdonnel e por mim com plena luz. Foi muito nítida e facilmente observada. Ver Volume 1.)

As condições não são condições físicas. Essas seriam as mais simples. As condições têm que ver com a quantidade que o Ruburt está disposto a deixar que eu tenha da matéria física de que é composto, e da qual é naturalmente ciumento.

([Peg:] “Porque é que isto lhe causaria preocupação?”)

O ego dele é o seu ego e, por ser seu, ele ama-o, de facto. Todos os egos temem aquilo que não é ego. Um mecanismo de defesa necessário, que faz parte de cada personalidade.

(A Peggy apontou para um retrato a óleo em tamanho real da Jane que eu tinha pintado. [Peg:] “Não te seria mais simples provocar uma mudança de feições numa coisa como um quadro?”)

Agora estamos a falar de algo diferente das feições do Ruburt. Quando ele é apanhado desprevenido, como estava quando o Philip esteve presente, então conseguimos muito. (Philip é o nome de entidade de John Bradley. Ver a 204.^a sessão.)

([Peg:] “Bem, a nós parece-nos impossível mudar as feições de uma pessoa viva. Porque não seria mais fácil mudar um quadro?”)

Ser-me-ia difícil, de facto, mudar as feições de um terceiro indivíduo, mas muito menos difícil mudar as feições do Ruburt, uma vez que ele me dá permissão para trabalhar através dele, e as suas capacidades mentais e psíquicas ajudar-me-iam. Um quadro, por si, não me ajudaria.

Ninguém, vejam, quer mais provas do que o nosso amigo Ruburt, mas muitas vezes, conscientemente, quer tanto que fecha as portas por onde eu posso entrar e ergue barreiras que pertencem apenas ao ego.

Vou deixar-vos fazer uma pausa, e podes dar-me os parabéns, Joseph, por manter a voz tão bem controlada. Oiço berros poderosos quando ela foge ao controlo, mas nenhum comentário quando está sob controlo.

(“Obrigado.”)

(Fim às 10:40. Embora o Seth tenha indicado uma pausa, isto acabou por ser o fim da sessão. A Jane esteve dissociada como de costume, e os olhos permaneceram fechados. O ritmo foi bastante rápido por vezes e, como já referi, ocasionalmente omiti uma palavra da sua fala, ou encurtei uma frase, etc., sem alterar quaisquer sentidos.

A voz esteve bem controlada, tornando-se uma ou duas vezes mais forte por um momento, e apresentando também um leve “brogue” que às vezes adquire. Associo este sotaque ao irlandês, embora não sejam exatamente iguais, tanto quanto sei.

SESSÃO 212

29 DE NOVEMBRO DE 1965

(O 18.º teste do envelope realizou-se durante a sessão. O objeto de teste é simplesmente um desenho, a tinta preta, do mesmo símbolo usado no primeiro teste do envelope, de 18 de agosto de 1965, na 179.^a sessão. Ver essa sessão para uma explicação do significado pessoal que este símbolo tem para nós. Fiz o desenho para o teste desta noite em papel branco; o papel era fino e a tinta preta carregada trespassou o papel com nitidez. Ver Volume 4.)

(Antes da sessão de hoje, a Jane e eu discutíamos maneiras de medir a tensão arterial, o peso e várias outras medições de natureza fisiológica antes, durante e depois das sessões. O Seth referiu isto brevemente na última sessão. Conhecemos alguns médicos socialmente, mas por várias razões hesitamos em pedir a um deles que desempenhe essas tarefas; também gostaríamos de repetir estes estudos com regularidade e dificilmente poderíamos contar com a disponibilidade de um médico para isso.)

(O nome do Padre Martin surgiu na conversa. É monge num mosteiro próximo, ex-médico, e conhece as sessões de forma casual. Nunca assistiu a nenhuma. Gostamos dele, mas duvidámos que estivesse disponível muitas vezes. Um motivo é que se levanta às 4 da manhã para trabalhar na quinta do mosteiro.)

(Outro projeto que gostaríamos de explorar é fotografar a Jane durante as sessões. Eu poderia tratar disso com alguma prática. Falámos de ilustrar o livro da Jane sobre o material do Seth, que está agora a escrever.)

(A Jane decidiu que fuma demasiado durante as sessões; como resultado, não fumou enquanto ditava esta noite, mas acendeu um cigarro nos intervalos. A sessão realizou-se na nossa sala das traseiras e foi tranquila. A Jane falou sentada e, na maior parte do tempo, de olhos

fechados. O ritmo foi bastante lento no início, mas até à primeira pausa já estava no seu estado habitual, bastante rápido.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Tenho estado muito interessado no tema em discussão imediatamente antes da nossa sessão. Exames médicos como os que têm em mente seriam excelentes sob vários pontos de vista, e teremos mais sugestões em todas essas linhas.

O vosso conhecido, Padre Martin, funcionará bem se se conseguirem fazer arranjos. Este tipo de arranjo é mais importante do que o outro assunto em discussão, relativo a uma eventual fotografia do Ruburt durante uma sessão. Podem, claro, fazer como entenderem. Nada tenho contra que tal fotografia seja tirada ou usada.

A presença de um médico, no entanto, pode ser-nos muito útil. Têm bastante sorte por conhecerem logo à partida vários médicos. Naturalmente, estas questões devem ser tratadas com a maior simplicidade possível.

Tenho, aliás, outra sugestão que podem achar bastante útil. Sugeriria que comprassem uma balança fiável. Mais tarde, usando auto-hipnose, poderão experimentar para ver se pesam menos quando sugerem que se tornam cada vez mais leves.

A balança pode também ser usada para pesar o Ruburt antes, depois e durante as sessões. Ele “subirá à balança”, como os pugilistas, embora este seja, de facto, outro tipo de arena.

Vou deixar que encontrem as vossas próprias respostas, mas quaisquer testes e exames deste tipo serão bem-vindos por mim, desde que sejam conduzidos de modo a que as nossas sessões não sejam perturbadas. E não antevejo dificuldades aqui.

Não fará mal nenhum comprar um termómetro, medindo a temperatura do Ruburt antes, depois e durante algumas sessões. Qualquer coisa que aprendam é, nestas linhas, em vosso benefício e servirá a todos nós. O termómetro também poderia ser usado, claro, para testar quaisquer alterações de temperatura que ocorram num estado de transe regular. São apenas sugestões que considero poderem ser úteis.

Mais uma vez, quaisquer mudanças — ou a ausência delas — serão significativas e ajudar-vos-ão a distinguir as diferenças entre vários níveis de consciência à medida que se manifestam fisicamente no organismo. Vê-se aqui que, se a temperatura e o pulso forem anotados antes das sessões, podem encontrar uma correlação entre estes e ocorrências específicas de clarividência demonstradas durante uma dada sessão — e outra sessão. Compreendes o meu ponto aqui? (“Compreendo.”)

Poderia continuar durante bastante tempo a mencionar coisas que poderiam fazer. Todas acrescentariam trabalho, embora nenhuma, por si só, consumisse muito tempo. Têm disponível, através do vosso televisor, creio

eu, dados relativos à temperatura exterior, velocidade do vento e por aí fora. Para os vossos próprios registos, poderiam anotá-los antes de uma sessão e procurar correlações.

(Elmira tem um sistema de TV por cabo, e um canal apresenta um relatório meteorológico 24 horas por dia. De forma contínua, um após outro, mostradores indicam hora, temperatura, humidade, pressão barométrica, pluviosidade, direção e velocidade do vento.)

A humidade e a pressão barométrica também seriam úteis. Estão a funcionar dentro de um ambiente. Os ambientes psíquico e exterior estão intimamente ligados, e as correlações estão disponíveis se souberem onde procurá-las.

Eu falaria, sem dúvida, com esse Padre Martin antes de abordar qualquer outra pessoa, simplesmente porque a sua atitude lhe permitirá trabalhar bem connosco. Creio que poderá estar disponível, embora não por períodos longos. Terá muito mais propensão a ser discreto e fiável, e está mais ou menos fora da comunidade regular em que vivem, o que vos pode ser benéfico. É altamente inteligente, perspicaz e não é tolo de ninguém.

Sugiro a vossa primeira pausa.

(Pausa às 9:25. A Jane estava dissociada como de costume para uma primeira entrega. Os olhos permaneceram fechados; o ritmo acelerou à medida que se aproximava a pausa.)

(O Padre Martin é um bom leitor de ESP e áreas afins; mantém também correspondência com monges de outros países, incluindo um monge tibetano.)

A Jane retomou novamente de olhos fechados e, a um ritmo um pouco mais lento, às 9:33.

As leituras meteorológicas do vosso canal de televisão também serão úteis em relação às experiências de sonho projetadas.

Não fará mal anotá-las antes de se deitarem. Creio que irão notar algumas correlações bastante significativas, se encontrarem tempo para levar a cabo qualquer destas investigações com alguma regularidade. E a regularidade será muito importante.

Estas indicarão apenas correlações, no entanto, e não condições básicas. Serão correlações entre condições básicas — e há aqui uma diferença considerável. Há tanto que pode ser feito, e eu sei que têm pouco tempo para o fazer. Vejam, há também outras circunstâncias que poderiam ser anotadas, em vosso benefício, como as fases da lua, e outras mais difíceis de determinar.

Tudo isto, porém, não tem de ser feito de uma vez, e, no conjunto, será feito o suficiente.

A nossa última conversa sobre as vossas vidas pessoais ajudou-vos a ambos, de passagem. Podem inserir isto no registo ou não, como entenderem. Esta observação, entenda-se.

Eu sugeriria, sem dúvida, que alguns dos itens que mencionámos nesta sessão fossem usados em ligação com as nossas sessões, para começar. Há, obviamente, ligações entre o eu psíquico e o eu físico, e não há motivo para não começarem a investigá-las por vós próprios.

As circunstâncias físicas que possam descobrir nunca devem ser interpretadas como condições em si mesmas sob as quais operamos com graus variáveis de eficácia; são, antes, correlações interligadas entre dois conjuntos de intangíveis. Tornarei isto mais claro mais adiante.

(A Jane não tem fumado durante as entregas desta noite. Contudo, agora deu um gole de vinho. Embora eu não pudesse ver se os olhos se abriram ou não, suponho que se abriram o suficiente para ela pegar no copo sem hesitar.)

No que toca às nossas experiências de sonho, creio que irão descobrir correlações definidas, e de natureza bastante importante, entre a incidência de sonhos precognitivos e dados relativos a temperatura e meteorologia.

Veremos se conseguem descobri-las por vós próprios; se não, eu indicá-las-ei quando chegar o momento. Não creio que vos seja possível levar as vossas experiências de sonho suficientemente longe para descobrir certos outros fatores que existem entre várias camadas do subconsciente e quedas nas taxas de temperatura do organismo físico. Portanto, menciono o ponto aqui.

Seria necessário medir a vossa temperatura muitas vezes durante a noite e correlacionar as leituras com os vários níveis do subconsciente à medida que estes se manifestassem através das suas atividades características dentro da série de sonhos. Tal experiência seria extremamente difícil.

Deve notar-se, no entanto, que, com exceção de várias outras circunstâncias, os vários níveis do subconsciente podem ser encontrados dentro de intervalos de temperatura definidos. Em certa medida, este facto pode ser apurado através de hipnose. Contudo, uma sugestão no sentido de a temperatura do sujeito subir ou descer tenderia a obscurecer o efeito.

Esta correlação entre as camadas do subconsciente e intervalos de temperatura é verdadeira — ou, melhor, observável — apenas quando a personalidade se encontra num estado inativo. Sugestões de movimento ou excitação dadas à personalidade alterariam e afetariam a leitura de temperatura, de modo que este intervalo característico poderia passar despercebido.

A doença e outros fatores também podem obscurecer este facto. Estou a falar em termos de um indivíduo são, normal, de boa saúde.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 9:58. A Jane estava dissociada como de costume. A voz era normal, o ritmo também. Disse que entreabre os olhos quando pega num copo de vinho, sacode a cinza de um cigarro, etc. A cabeça costuma estar

inclinada para baixo nesses movimentos e eu não consigo detetar a abertura dos olhos.)

(Era agora altura do 21.º teste do Dr. Instream. Como de costume, a Jane falou com voz baixa, sentada com as mãos erguidas aos olhos fechados. O ritmo, no entanto, não foi muito lento, embora tenha feito algumas pausas longas. Retoma às 10:03.)

Agora. Deem-nos, por favor, um momento.

Capto a impressão de uma série de circunstâncias confusas, hoje mais cedo, para o nosso Dr. Instream. (Pausa longa.)

Estou a captar o sentimento emocional dele em relação a elas, às circunstâncias. O que quer que tenham sido, aborreceram-no bastante. Pode ter estado envolvido um livro. (Pausa longa.)

Uma ligação com outro homem que o visitou recentemente e que falou de um colega de outro estado, e da mesma área do Dr. Instream. (Pausa.) Um desacordo sobre, creio, artigos e publicações profissionais — melhor dizendo, o conteúdo desses artigos.

Capto as iniciais A. R., mas não tenho a certeza a que se referem. Agora, a impressão de uma pequena caixa de madeira, bastante pequena (pausa), com algo como medalhas ou botões dentro. Do tamanho, talvez, de uma caixinha onde se guardassem fichas. Está numa prateleira e é de madeira escura. (Pausa longa às 10:11.)

Creio que o Dr. Instream está numa sala que não é a sua, uma sala diferente daquela em que estive noutras ocasiões durante os nossos encontros. (Pausa.) Há nela uma parede comprida sem janelas. Adjacente a essa parede, uma parede com uma porta. Em frente da parede comprida, uma parede com várias janelas. As paredes de uma cor acinzentada.

Uma sombra passa pela porta, de uma mulher, creio, com uma indumentária até ao chão, uma saia comprida até ao chão ou uma túnica. (Pausa, às 10:17.)

Tens um teste para mim?

("Tenho.")

(Como de costume, entreguei à Jane o duplo envelope selado contendo o meu desenho do símbolo mostrado na página 95. Ela estendeu a mão para o receber sem abrir os olhos, depois ficou sentada calmamente a segurá-lo com ambas as mãos. Por um momento, pousou a mão esquerda espalmada sobre o envelope. Este é o 18.º teste do envelope.)

O Ruburt teria preferido que eu não falasse por causa do nosso último episódio.

Tudo o que aprendas, contudo, é em teu benefício. Dá-nos um momento, faz favor.

Serão impressões. Algo que está preenchido em ambos os lados, isto é, sem nenhum lado inteiramente vazio. Uma associação contigo, Joseph, e

com uma tarde, ou em 1963, ou quando tinhas 43 anos. Pelo menos são estes os números de que recebo impressões.

Também uma ligação com um compromisso de jantar, com mais duas pessoas além do Ruburt. A palavra parabéns. Não quero dizer especificamente que a palavra está no objeto, mas que, de algum modo, parabéns estão ligados a um evento associado ao objeto.

Amarelo. Papel; não o envelope, claro. Uma série, como de acontecimentos que se seguem rapidamente, e um desfiladeiro ou forma rochosa.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 10:24. A Jane estava dissociada como de costume, disse ela. Os olhos tinham permanecido fechados. O ritmo no nosso teste foi mais rápido do que no material do Dr. Instream.)

(Como indicado na página 95, o desenho a tinta preta trespassou o papel fino do teste, ficando visível de ambos os lados. Isto poderia ser “sem nenhum lado inteiramente vazio”. O objeto de teste é papel, e está ligado a mim, já que o meu nome está nele e fui eu que fiz o desenho. Eu tive 43 anos até 20 de junho de 1963.)

(Não pressionámos o Seth para interpretar ponto por ponto o resto das impressões. Eu tinha preparado este envelope de teste para a sessão de quarta-feira passada, mas não o usei então; a sessão foi testemunhada pelos Gallagher e o teste foi posto de lado por outros desenvolvimentos, nomeadamente a discussão improvisada entre o Seth, o Bill e a Peg. Comemos ao longo da noite, mas não sabemos se isto seria um “compromisso de jantar, com mais duas pessoas além do Ruburt”.)

A Jane retomou a um ritmo lento, de olhos fechados, às 10:35.

Agora. Se testes desta natureza vão ser dados, devem ser dados com alguma regularidade, para que o Ruburt os aceite simplesmente como mais uma parte das sessões.

A confiança dele será então mantida pelas médias dos nossos sucessos, que, no conjunto, serão bastante bons. Testes isolados não funcionam bem, pois perturbam aquilo que ele considera as circunstâncias normais das nossas sessões. Quando dados, devem seguir-se ao nosso material do Dr. Instream.

Quando os testes são dados regularmente, apanharemos automaticamente aquelas noites em que as condições são excelentes para receção. Naturalmente, também apanharemos noites em que as condições não são tão boas, mas estas não vos incomodarão quando já tiverem sucessos consolidados.

Estão a investigar estas matérias e devem interessar-se por descobrir o que podem sobre quando temos sucesso e quando não.

Terminarei a sessão ou continuarei, como preferirem.

("Então vamos terminar.")

Os meus melhores cumprimentos a ambos, e boa noite. ("Boa noite, Seth.")

(Fim às 10:41. A Jane estava dissociada como de costume.)

SESSÃO 213

1 DE DEZEMBRO DE 1965

(O 19.º teste do envelope realizou-se esta noite. O objeto de teste foi a frente de um envelope enviado para nós pelo pai da Jane em julho passado. Ver o decalque na página 101. A escrita estava a tinta azul sobre papel branco. Notar o erro “1985” no carimbo do correio; pensei que o Seth pudesse comentar, mas não o fez. A frente do envelope foi dobrada uma vez e colocada entre duas folhas de Bristol, e depois selada nos habituais envelopes duplos.)

(A sessão desta noite começou às 21h50. Depois do jantar, a Jane manifestou vontade de variar a rotina, embora não quisesse saltar a sessão. Por impulso, convidei-a para uma cerveja. Havia go-go girls no tasco do bairro onde fomos, e ambos apreciámos a quebra de rotina. A Jane, muito divertida, comentou de vez em quando que recebia pequenas “mensagens” de certa entidade, aprovando as nossas ações e sugerindo apenas que chegássemos à sessão pelo menos uns minutos antes da hora marcada para o material do Instream.)

(Como o Seth referiu na última sessão, comecei a manter um registo dos dados meteorológicos do exterior a partir do nosso canal de meteorologia na televisão. Isto inclui humidade, pressão barométrica, etc., conforme detalhado na página 97. Este registo é apenas para as noites de sessão; não sei se é necessário inserir os dados em cada sessão. Quando iniciarmos as experiências de sonho com o gravador, manteremos também um registo meteorológico diário, de novo como sugerido pelo Seth.)

(A sessão teve lugar na sala da frente. Com as janelas fechadas, o ruído do trânsito não foi problema. A Jane começou a falar sentada, com voz média e a bom ritmo desde o início. Os olhos da Jane abriram-se muito imediatamente após a saudação do Seth, o que é muito invulgar. Estavam muito escuros. O Seth/A Jane estava bastante satisfeito e divertido, e falou a sorrir. A Jane fumava.)

Pois então, boa noite, meus amigos.

("Boa noite, Seth.")

De vez em quando é perfeitamente aceitável variar o vosso horário desta maneira, e provavelmente, no conjunto, bastante benéfico.

Provavelmente também chegaram sozinhos a esta conclusão e, embora eu não fizesse hábito de começar as nossas sessões mais tarde do que o

usual, ocasionalmente tal atraso justifica-se mais do que plenamente. O uso de uma sala diferente também é benéfico, para variar a rotina.

Daremos, claro, em breve o nosso material do Dr. Instream, por isso não me vou envolver em assuntos complicados antes disso. No entanto, têm ambos estado muito bem e, em breve, teremos uma espécie de aniversário, creio.

(A nossa primeira sessão regular realizou-se a 2 de dezembro de 1963.)

Havia algumas observações que eu tencionava fazer sobre a quadra de Natal, e talvez as faça agora.

Se vos parece que existe um grande fosso no Cristianismo entre os ideais expressos e as ações, então deixem-me dizer-vos que as condições estariam, de facto, muito piores se esses ideais não tivessem sido inicialmente expressos e se não fossem reafirmados todos os anos.

Como ambos supõem, durante a época festiva gera-se energia psíquica construtiva suficiente para “recarregar baterias psíquicas”, por assim dizer, durante bastante tempo. Não fora isto, e a vossa raça inteira estaria em situação bem mais séria.

Uma das razões, Joseph, para a tua própria falta de espírito festivo no passado tem sido o resultado de te aperceberes de que esse fosso entre idealismo e ação é grande. Não podias, portanto, entrar naquilo que sentias ser a hipocrisia da quadra. Tanto mais que não tens convicção particular — tal como o Ruburt — quanto à existência histórica de um Cristo.

Até certo ponto já explorei parte disto, mas far-te-á bem aderir de coração ao espírito tão necessário da época, pois é construtivo e muito benéfico. E, ao fazê-lo, ajudas-te a ti e aos outros.

Agora. Não houve Nascimento Virginal histórico, nem Crucificação histórica. Isto não significa que não representem realidades simbólicas.

Vou dar-vos uma breve pausa, e depois encontraremos-nos com o nosso Dr. Instream; e, depois disso, discutirei um pouco mais esta matéria.

(Pausa às 10:00. A Jane estava dissociada como de costume para a primeira pausa. Durante grande parte do tempo, os olhos estiveram muito abertos e muito escuros. O ritmo foi bom, a voz média, e fumou.)

(O Seth tratou de gestalts psíquicos, religião, a Crucificação, começos e fins, etc., sob o título geral do conceito de Deus, em várias ocasiões. Ver, entre outras, as sessões: 24, 27, 31, 51, 62, 66, 81, 95, 97, 115, 135, 145, 146, 147, 149, 151, 177.)

(O Seth já se referiu à minha falta de entusiasmo festivo no passado. Tenho estado consciente disso desde então e tenho tentado melhorar. Até agora, nesta época, creio que a minha atitude mostra uma melhoria assinalável.)

(Era agora altura do 22.º teste do Dr. Instream. Como de costume, a Jane falou com as mãos erguidas aos olhos fechados enquanto dava os

dados. Fez pausas, mas, no conjunto, o ritmo não foi particularmente lento. A voz estava baixa. Retoma às 10:03.)

Agora. Dêem-nos um momento.

De novo parece, como creio já ter acontecido uma vez, que ele está numa sala pelo menos parcialmente abaixo do nível do solo. Com cadeiras, muitas cadeiras, do tipo de encosto direito.

(Pausa.) Não sei se isto é uma cafetaria, mas ele e outros parecem estar a beber café. (Pausa.) Está esta noite vestido com um fato de tipo profissional, com camisa e gravata, de pé a falar com duas outras pessoas.

A conversa parece-lhe, de algum modo, insatisfatória. Está a tentar obter respostas definitivas de um homem que não parece capaz de lhas dar. O homem é mais alto do que o Dr. Instream, um pouco mais novo, mas não do mesmo departamento na universidade.

O doutor olha para o relógio. (Pausa às 10:08.) Recebeu hoje pelo correio um livro, uma espécie de biografia, sobre uma personalidade do final do século XIX. Um médium.

Há quatro ou cinco pessoas, agora, no seu grupo imediato. Duas serão mulheres, creio. (Pausa.)

Fez uma ida ao seu gabinete e falou brevemente com um homem lá. (Pausa.) De novo, uma espécie de ligação com uma caixinha preta, muito pequena. O topo é preto. Não sei quanto à metade de baixo.

Cocktails mais cedo (pausa), e jantar, com uma mulher, num restaurante. O vosso Howard Johnson's. O jantar custou 4,75 dólares. (Pausa.) O jantar foi um assunto misto de negócios e social. (Pausa.)

Tens um teste para mim?

("Tenho.")

(Eram 10:15. Este é o 19.º teste do envelope. Como de costume, entreguei à Jane o duplo envelope selado. Ela segurou-o calmamente, com os olhos ainda fechados. Deu um gole de leite e ficou sentada com a mão esquerda no rosto.)

Vamos ver, de novo, o que conseguimos fazer. Dá-nos um momento. Uma ligação com água. Um, dois, três, ou três do mesmo. Uma ligação com um empreendimento comercial. Uma ligação, de novo, com uma tarde e duas pessoas, tu e o Ruburt.

O Ruburt pensa aqui numa fotografia de vocês os dois, tirada em Marathon. (Pausa.) Uma moldura. Linhas horizontais semelhantes entre si. Uma primavera tardia, ou um mês de primavera ou verão.

Uma extensão ("strip"), e uma ligação com um acontecimento que não foi particularmente agradável. Claro e escuro, com formas de sombra. Uma ligação com outro indivíduo, um homem.

Uma fotografia, e uma ligação com alguém que visitou aqui.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 10:22. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados, exceto quando bebeu um pouco de leite. O ritmo tinha sido mais rápido do que o habitual para o material de ambos os testes, a voz média.)

(Ver o decalque do objeto de teste na página 101. No conjunto, os resultados do teste do envelope foram bastante superiores aos dos dois testes anteriores e a Jane ficou satisfeita. “Uma ligação com água” pode ser o nosso endereço de Elmira, Nova Iorque — 458 W. Water Street —, ou o facto de Ormond Beach e Daytona Beach, Flórida, ficarem junto ao oceano.)

(Acrescento posterior da Jane: “Eu diria que se referia ao remetente — Ormond Beach, junto ao oceano.”)

(“Um, dois, três, ou três do mesmo” pode ser a data do carimbo postal, 3 de julho. O envelope é dirigido à Jane e a mim — “tu e o Ruburt” —, mas não vemos particularmente onde entra a “tarde”. Lembro-me da fotografia da Jane e minha tirada em Marathon, Flórida. “Uma moldura” quanto ao objeto de teste não nos diz nada, mas “linhas horizontais semelhantes entre si” são as linhas do carimbo de anulação. A carta foi enviada em julho, “um mês de primavera ou de verão”).

(A Jane insiste que “Uma extensão (‘strip’)” se refere às belas praias longas de Daytona e Ormond, que são contíguas. Sem entrar em detalhes pessoais, podemos dizer que o Seth tem razão quando se refere a “Uma ligação com um acontecimento que não foi particularmente agradável”; isto envolveu-nos a nós e ao pai da Jane na Florida.)

(Não vemos ligação especial com “Claro e escuro, com formas de sombra”; o pai da Jane, que endereçou o envelope, pode ser “Uma ligação com outro indivíduo, um homem”. O pai da Jane é, claro, “alguém que visitou aqui”, mas não sabemos o que significa “Uma fotografia”, particularmente, nos dados do teste, já que o Seth não desenvolveu.)

(Atualmente, não pedimos ao Seth que explique todas as referências feitas num teste se não virmos ligação. Listamos as ligações que vemos e temos notado que, se estivermos realmente intrigados com algum dado, o Seth dirá algo sobre o problema após a pausa.)

(A Jane retomou agora, de olhos fechados e a um ritmo médio, às 10:30.)

Agora. Vou dar-vos uma sessão breve, já que vos é devida uma, e têm sido muito fiéis.

Queria ter um teste, e o que disse sobre testes na última sessão mantém-se.

(Ver página 101.)

Esse sentimento de que o Natal representava hipocrisia tem sido uma das principais razões para o teu desânimo durante a quadra, pois

representava uma desilusão bastante profunda com a cultura em que foste criado.

(Os olhos da Jane abriram-se agora e, no resto da entrega, abriram-se e fecharam-se frequentemente.)

A lenda de Cristo tem grande importância psíquica e é intrinsecamente verdadeira. Isto não significa que assente em factos históricos. De muitas maneiras, é mais verdadeira do que o facto histórico, pois o homem criou aquilo que não lhe tinha sido fornecido. A criação, todavia, deu-se em termos bem reais e faz parte do reconhecimento interior da humanidade dos “gestalts piramidais” de que tenho falado.

Isto foi o mais perto que o homem conseguiu chegar, na sua imaginação, daquilo que é — e está tudo bem. A ideia básica por detrás do Natal é definitivamente importante, seja ou não o intelecto capaz de ver o seu significado.

Agora. Psicologicamente só por si isto é benéfico, pois atua contra aqueles sentimentos de desespero que podem insinuar-se durante a estação de inverno. E, ao lembrar aos homens um nascimento e uma ressurreição, sugere as capacidades inatas da raça para transcender o tempo e o espaço físicos.

Sair de si mesmo, como isto implica, é uma excelente terapia — e uma terapia que faz bem aos outros, bem como ao próprio. Há, no entanto, muito mais aqui. Culturalmente falando, há uma forte ligação com intuições pagãs, profundas e significativas, que encontraram expressões mais novas e amplas.

A figura de Cristo, tal como é retratada, é excelente, pois sublinhou qualidades humanas em vez de qualidades especificamente masculinas. Ou devo dizer: sublinhou qualidades humanas em vez daquelas qualidades infelizmente consideradas masculinas. Sublinhou as melhores qualidades da raça como um todo.

A personalidade de Cristo é uma idealização e uma pista para a entidade de que cada personalidade individual é composta. E no que respeita à oração, embora eu saiba que nenhum de vocês reza nesses termos, alguém ouve, de facto. O eu que reza ouve — e faz os ajustamentos e melhoramentos necessários. Pois o indivíduo é parte de Tudo O Que Existe e, portanto, participa das capacidades dos “gestalts” psíquicos de que falámos tão esquematicamente.

Vou agora encerrar a nossa sessão, com os meus mais afetuosos votos para ambos, e creio que recolocámos o Ruburt numa linha razoavelmente estável.

— “Sim.”

Em breve falaremos de algum material pessoal, se quiserem.

— “Sim.”

(O vosso pequeno passeio esta noite foi bastante útil.)

— “Boa noite, Seth.”

(Fim às 10:45. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos abriram-se e fecharam-se com frequência, e ela fumou. Sentiu-se satisfeita com os resultados do teste.)

SESSÃO 214

6 DE DEZEMBRO DE 1965

(Realizou-se uma sessão não agendada na noite de sexta-feira, 3 de dezembro de 1965, no nosso apartamento. Começando por volta das 22h15, o Seth falou — sem grande extensão — a seis pessoas, comigo incluído. As seis testemunhas constituem a audiência mais numerosa do Seth até à data. Estiveram presentes o Bill e a Peggy Gallagher, e a Ann Diebler, e o Don e a Marilyn Wilbur. Estes três últimos fazem parte do grupo de jovens que testemunhou a sessão não agendada de 5 de novembro de 1965. Ver as notas na página 57, antes da 206.^a sessão. A Ann e a Marilyn trabalham comigo na Artistic Card Co.)

(O Seth deu ao Don Wilbur algumas linhas de informação sobre uma mudança de emprego que ele estava a considerar, e o Don tem uma cópia desse material. Disse à Ann Diebler que, por ora, não podia responder às suas perguntas acerca de um amigo em Newport News, Virgínia, porque ainda não estabelecera com ela um rapport emocional. Respondeu, no entanto, de boa vontade a muitas outras perguntas feitas pela Ann, pela Marilyn e pelo Don, questões sobretudo com base no próprio material e nos conceitos envolvidos.)

(A Peggy Gallagher, redatora de reportagens no Elmira Star-Gazette, está em Washington, D.C., alguns dias esta semana em trabalho. O Seth ofereceu-se para dar informações sobre as atividades da Peg em Washington, e a Jane também tenciona sintonizar-se com a Peg através de experiências de tempo psicológico. Ambos os métodos foram usados com algum êxito durante as férias dos Gallagher em Porto Rico, em outubro passado.)

(Eu e a Jane ainda temos de preparar o material do Seth sobre as experiências de Porto Rico, para inserir no registo. Decidimos agora apresentar apenas os acertos e “quase acertos” do Seth, além dos dados do Seth sobre a experiência de Washington, numa das sessões da semana seguinte a esta.)

(A propósito da viagem da Peggy a Washington, o Seth fez previsões quando lhe pediram, na sessão não agendada de sexta-feira. Pediu também aos Gallagher que não lhe dissessem mais nada sobre a viagem, uma vez introduzido o assunto. Não tomei notas na noite de sexta-feira, mas a Peggy tomou. As notas foram com ela para Washington e, a pedido do Seth, ela

fará também apontamentos lá. Segue-se uma cópia do material do Seth sobre a viagem, tal como apontado pela Peggy:)

(“Vais encontrar uma mulher vestida de verde... Um relógio que não marca bem as horas... Há três homens em particular com quem te irás relacionar... Vais conhecer um homem de quem não gostas... Terás uma vista grandiosa de uma ocasião... Uma saída (‘turnoff’) que não te leva onde queres ir... Um encontro social não programado, não numa casa particular mas num lugar público... O número 5 e o número 321... Outra sala além da que estava planeada.”)

(Como a Peggy tomou conhecimento das previsões do Seth, eu e a Jane perguntamo-nos agora que papel, se algum, a sugestão poderá desempenhar nos eventos que ocorram em Washington, D.C. É possível que o destinatário de tais previsões influencie os acontecimentos físicos, consciente ou inconscientemente?)

(Surge uma questão algo semelhante relativamente a um sonho que a Jane teve em 30 de novembro, e a algumas linhas dos dados dados para o 22.º teste do Dr. Instream; ver as linhas seguintes na página 104 da 213.^a sessão: “Recebeu hoje pelo correio um livro, uma espécie de biografia, sobre uma personalidade do final do século XIX. Um médium.” Este material é de 1 de dezembro; segue-se o sonho da Jane na noite anterior.)

(“30 de novembro. O sonho já não está muito claro. ‘A Mediunidade de — 1885.’ Vi um livro com este título. Um estudo da mediunidade de uma mãe e de uma filha, ao que parece. Das famílias Eisenhower ou Kennedy? Ao abrir-se o sonho vejo uma casa; uma quinta? Alguém leva este livro ao homem ou homens que vivem lá. É uma casa de campo e não de cidade. O homem a quem é dado o livro surpreende o homem que lho dá ao citar uma linha de Dante, relativa a (ele?) não nomear Deus. Isto pode ter sido escrito no interior da capa do livro, por exemplo. O livro foi escrito por uma mulher? Acordei por fim e escrevi isto num pedaço de papel.”)

(Outra possibilidade aqui é a de a Jane e o Seth trabalharem em equipa, visto o Seth dizer frequentemente que a Jane tem capacidades próprias. Se isto for verdade neste caso, então o sonho conteria elementos de distorção. Achamos o estudo dos sonhos cada vez mais interessante. A Jane iniciou agora um livro sobre sonhos, a fazer em paralelo com o seu livro sobre o material do Seth.)

(Também sobre sonhos: recentemente tive dois sonhos extraordinariamente vívidos envolvendo o meu irmão em Rochester, a quem normalmente vemos cerca de duas vezes por ano. O Seth disse, na sessão não agendada de sexta-feira, que estes dois sonhos são significativos e que a sessão regular de hoje os abordará. O meu irmão, Bill, está para nos visitar na próxima semana — facto que desconhecíamos quando tive o par de sonhos.)

(O 20.º teste do envelope realizou-se durante esta sessão. Ver o decalque na página 107. Para objeto de teste usei parte de um dos guardanapos de papel que eu e a Jane recebemos quando variámos a rotina antes da 213.ª sessão e fomos a uma discoteca local beber uma cerveja. Ver as notas na página 102. Os resultados do teste de hoje foram muito interessantes. Enquanto estivemos na discoteca, acenderam luzes ultravioletas quando o espetáculo começou; isto significa que o objeto de teste foi por nós visto nesta luz invulgar, facto que transparece nos dados do teste de hoje.)

(A sessão desta noite realizou-se na sala das traseiras e foi tranquila. A Jane não fumou enquanto falava. Como de costume, manteve-se sentada; os olhos permaneceram fechados durante toda a sessão. O ritmo de fala foi bom desde o início, a voz baixa.)

Boa noite.

— “Boa noite, Seth.”

Agora, eu disse-vos que discutiria dois sonhos que vos interessavam. Contudo, como vamos dedicar algum tempo à nossa amante de gatos, em Washington, não começarei agora a discussão desses sonhos. Não lhes faria justiça num curto período, e gostaria de dedicar-lhes a maior parte de uma sessão; e assim faremos muito em breve. Em vez disso, falemos brevemente sobre o tempo e a ação.

(O nome favorito do Seth para a Peggy Gallagher é “a amante de gatos”, pois a Peg tem medo de gatos; e gosta de chamar ao Bill Gallagher “o jesuíta”, por causa das suas perguntas infinitas.) Como vos disse, toda a ação é, basicamente, espontânea. Só a vossa perceção lhe acrescenta a ilusão de tempo. Pensam, por exemplo, que uma determinada ação consome, devora ou ocupa uma certa quantidade de tempo. Portanto, pensam no tempo como algo que contém a ação.

(O Seth deu tanto material sobre ação que não pode ser remetido a poucas sessões. Foi mencionado de nome antes da 15.ª sessão, ou por aí. Tem sido especialmente realçado desde a 120.ª sessão, e assim continua.)

As dimensões da própria ação nada têm que ver, de base, com a vossa conceção de tempo. As dimensões da ação têm que ver, isso sim, com intensidades — não só as intensidades dos componentes eletromagnéticos que as compõem, mas também com intensidades tal como são traduzidas em termos psicológicos. Assim, a experiência psicológica de um determinado acontecimento ou ação pouco tem que ver com o tempo de relógio.

É, antes, composta pela intensidade com que é sentida por um determinado indivíduo. Quando falam da profundidade de um rio, falam em termos de distância — distância física. Quando falam da profundidade de uma experiência ou ação psicológica, querem dizer algo de todo distinto, pois trata-se de uma profundidade de intensidade. E atravessam uma

experiência apenas até onde a vossa própria experiência de intensidade vos permitir.

(Aqui o Seth começa a desenvolver o material sobre campos elétricos e intensidades, dado entre a 120.^a e a 130.^a sessões. Ver Volume 3.)

A sensação psicológica de intensidade tem a sua própria realidade eletromagnética. Uma ação é uma intensidade experienciada e não precisa de envolver movimento em termos físicos. Como disse, toda a ação é parte de toda a outra ação, afeta toda a outra ação e é também por elas afetada. Isto, no entanto, não é de todo a vossa teoria de causa e efeito.

Pois as ações são espontâneas, de base, repito, e os efeitos existem com tal rapidez que é impossível dizer que uma ocorre antes ou depois da outra, ou causa a outra. Isto poderia ser comparado a algum movimento gigantesco e espontâneo que acontece muito rapidamente. Se observassem tal movimento gigantesco com uma câmara lenta, então obteriam o efeito que recebem dentro do vosso sistema: um tempo contínuo. Onde, na realidade, talvez tivesse ocorrido uma explosão súbita, veriam uma progressão lenta de luz e movimento.

O vosso conceito de tempo não altera, claro, o próprio tempo, mas obriga-vos a perceber as ações de um certo modo. Muito disto resulta das limitações do organismo físico, mas muito mais é efeito do desenvolvimento do ego, que tenta erguer-se e apartar-se da ação.

O eu interior e as camadas mais profundas do subconsciente estão, porém, relativamente livres dos falsos deuses do ego — e é por essa razão que as precognições são possíveis. Pois estas camadas do eu conseguem simplesmente perceber uma porção maior de ação do que o ego consegue ou quer perceber. Regra geral, o ego nem sequer aceitará a informação assim obtida, pois fazê-lo seria negar aqueles preceitos artificiais de continuidade em que entende assentar a sua dominância.

O ego, no entanto, está bastante seguro. Existiria de qualquer modo, independentemente das teorias de tempo que se sustentem, pois está firmemente ancorado como manipulador específico da realidade física. E a realidade física, acreditem ou não, não depende da teoria do tempo como uma série de momentos.

As vossas instituições, culturais e educativas, podem depender do tempo como série de momentos — mas a realidade física, em si, não.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 9:25. A Jane estava dissociada como de costume para a primeira pausa. Os olhos permaneceram fechados, e não fumou. O ritmo foi bom desde o início.)

(Ver as sessões 149.^a–152.^a para o material sobre pontos-momento e tempo. Mais uma vez, o material sobre o tempo está entranhado ao longo das sessões. O Seth começou a discutir o tempo na 14.^a sessão. Ver as

sessões 120.^a–130.^a para material sobre o campo elétrico e o tempo, no Volume 3.)

(A Jane tem lido recentemente o livro de J. B. Priestley, “Time and Man”. Ela sabe bem que o Seth aborda muitas vezes as suas leituras. Observou que, esta noite, o Seth desenvolveu algumas afirmações do Sr. Priestley — isto é, não estava a parafrasear, mas a levar as ideias mais longe.)

(Achámos que seria altura de o Seth dar alguns dados sobre a Peggy Gallagher e as suas atividades em Washington, D.C., já que, ao dar os dados sobre os Gallagher em Porto Rico, em outubro, o fez às 21h30 em cada sessão. A Jane retomou agora de olhos fechados, a bom ritmo. Estava a sorrir. Retoma às 9:35.)

Uma pequena nota aqui.

Os vossos físicos sabem que o tempo não existe, de base, como uma série de momentos, um a seguir ao outro. Portanto, a minha observação anterior — de que a realidade física não dependia do tempo como uma série de momentos — deveria ser óbvia.

A realidade física depende da vossa perceção sensorial da ação — e só.

Obviamente, temos mais a dizer aqui — e assim faremos. Pois, visto que ainda operam dentro do tempo como série de momentos, não temos tempo para essa discussão agora.

Por favor, dêem-me um momento — e o que é que lhe acontece quando mo dão?

(A Jane, ainda de olhos fechados, fez uma breve pausa às 9:37. O ritmo abrandou um pouco e ela ergueu uma mão aos olhos fechados.)

Agora, vejamos o que conseguimos fazer.

Uma palestra sobre a sobrevivência da vossa nação. A nossa amiga amante de gatos assiste a esta discussão, talvez numa sala com o número 312.

O orador é interrompido. Uma sessão de perguntas e respostas. Três oradores principais na própria discussão. A sobrevivência é um tema forte aqui, embora possa não ser o título formal da discussão.

Um homem louro (“tow-headed”) com quem a nossa amiga entra em contacto. Pode ser que não goste muito dele.

Isto foi o mais perto que o homem conseguiu chegar, na sua imaginação, daquilo que é — e isso está bem. A ideia básica por detrás do Natal é definitivamente importante, seja ou não o intelecto capaz de ver o seu significado.

Agora. Psicologicamente, só por si, isto é benéfico, pois atua contra aqueles sentimentos de desespero que podem insinuar-se durante a estação de inverno. E, ao lembrar aos homens um nascimento e uma ressurreição,

sugere as capacidades inatas da raça para transcender o tempo e o espaço físicos.

Sair de si mesmo, como isto implica, é uma excelente terapia, e uma terapia que faz bem aos outros, bem como ao próprio. Há, no entanto, muito mais aqui. Culturalmente falando, existe uma forte ligação com intuições pagãs, profundas e significativas, que encontraram expressões mais novas e mais amplas.

A figura de Cristo, tal como é retratada, é excelente, pois sublinhou qualidades humanas em vez de qualidades especificamente masculinas. Ou devo dizer: sublinhou qualidades humanas em vez daquelas qualidades infelizmente consideradas masculinas. Sublinhou as melhores qualidades da raça como um todo.

A personalidade de Cristo é uma idealização e uma pista para a entidade de que cada personalidade individual é composta. E, no que respeita à oração, embora eu saiba que nenhum de vocês reza nesses termos, alguém ouve, de facto. O eu que reza ouve, e faz os ajustamentos e melhoramentos necessários. Pois o indivíduo é parte de Tudo-O-Que-Existe e, portanto, participa das capacidades dos gestalts psíquicos de que falámos de modo tão esquemático.

Vou agora encerrar a nossa sessão, com os meus mais afetuosos votos para ambos, e creio que recolocámos o Ruburt numa linha razoavelmente estável.

(“Sim.”)

Em breve discutiremos algum material pessoal, se quiserem.

(“Sim.”)

O vosso pequeno passeio desta noite foi bastante útil.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 10:45. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos abriram-se e fecharam-se frequentemente, e ela fumou. Sentiu-se satisfeita com os resultados do teste.)

SESSÃO 214
6 DE DEZEMBRO DE 1965

(Foi realizada uma sessão não agendada na noite de sexta-feira, 3 de dezembro de 1965, no nosso apartamento. Começando por volta das 22h15, o Seth falou, sem grande extensão, a seis pessoas, comigo incluído. As seis testemunhas constituem a audiência mais numerosa do Seth até à data. Estiveram presentes Bill e Peggy Gallagher, Ann Diebler e Don e Marilyn Wilbur. Estes três últimos pertencem ao grupo de jovens que testemunhou a sessão não agendada de 5 de novembro de 1965. Ver as notas na página 57, antes da 206.^a sessão. Ann e Marilyn trabalham comigo na Artistic Card Co.)

(O Seth deu a Don Wilbur algumas linhas de informação acerca de uma mudança de emprego que ele estava a considerar, e o Don tem uma cópia desse material. Disse a Ann Diebler que, por ora, não podia responder às suas perguntas acerca de um amigo em Newport News, Virgínia, porque ainda não estabelecera com ela um rapport emocional. Respondeu, no entanto, de boa vontade a muitas outras perguntas feitas por Ann, Marilyn e Don, questões baseadas sobretudo no próprio material e nos conceitos envolvidos.)

(Peggy Gallagher, redatora de reportagem do Elmira Star-Gazette, está em Washington, D.C., alguns dias esta semana em trabalho. O Seth ofereceu-se para dar informações sobre as atividades da Peg em Washington, e a Jane também tenciona sintonizar-se com a Peg através de experiências de tempo psicológico. Ambos os métodos foram usados com algum êxito durante as férias dos Gallagher em Porto Rico, em outubro passado.)

(Eu e a Jane ainda temos de preparar o material do Seth sobre as experiências de Porto Rico, para inserção no registo. Decidimos agora apresentar apenas os acertos e “quase acertos” do Seth, além dos dados do Seth sobre a experiência em Washington, numa das sessões da semana a seguir a esta.)

(A propósito da viagem da Peggy a Washington, o Seth fez previsões quando lhas pediram, na sessão não agendada de sexta-feira. Pediu também aos Gallagher que não lhe dissessem mais nada sobre a viagem, uma vez introduzido o assunto. Não tomei notas na noite de sexta-feira, mas a Peggy tomou. As notas foram com ela para Washington e, a pedido do Seth, ela fará também apontamentos lá. Segue-se uma cópia do material do Seth sobre a viagem, tal como apontado pela Peggy:)

(“Vais encontrar uma mulher vestida de verde... Um relógio que não marca bem as horas... Há três homens em particular com quem te irás relacionar... Vais conhecer um homem de quem não gostas... Terás uma vista grandiosa de uma ocasião... Uma saída (‘turnoff’) que não te leva

onde queres ir... Um encontro social não programado, não numa casa particular mas num lugar público... O número 5 e o número 321... Outra sala além da que estava planeada.”)

(Como a Peggy tem agora conhecimento das previsões do Seth, eu e a Jane perguntamo-nos que papel, se algum, a sugestão poderá desempenhar nos acontecimentos que se venham a desenrolar em Washington, D.C. É possível que o destinatário de tais previsões influencie eventos físicos, consciente ou inconscientemente?)

(Surge uma questão algo semelhante relativamente a um sonho que a Jane teve em 30 de novembro e a algumas linhas dos dados fornecidos para o 22.º teste do Dr. Instream; ver as seguintes linhas na página 104 da 213.ª sessão: “Recebeu hoje pelo correio um livro, uma espécie de biografia, acerca de uma personalidade do final do século XIX. Um médium.” Este material tem data de 1 de dezembro; segue-se o sonho da Jane na noite anterior.)

(“30 de novembro. O sonho já não está muito claro. ‘A Mediunidade de — 1885.’ Vi um livro com este título. Um estudo da mediunidade de uma mãe e de uma filha, ao que parece. Das famílias Eisenhower ou Kennedy? Ao abrir-se o sonho vejo uma casa; uma quinta? Alguém leva este livro ao homem ou homens que vivem lá. É uma casa de campo, e não de cidade. O homem a quem é dado o livro surpreende o homem que lho dá ao citar um verso de Dante relativo a (ele?) não nomear Deus. Isto pode ter sido escrito no interior da capa do livro, por exemplo. O livro foi escrito por uma mulher? Acordei por fim e escrevi isto num pedaço de papel.”)

(Outra possibilidade aqui é a de a Jane e o Seth trabalharem em equipa, visto o Seth dizer frequentemente que a Jane tem capacidades próprias. Se isto for verdade neste caso, então o sonho conteria elementos de distorção. Achamos o estudo dos sonhos cada vez mais interessante. A Jane iniciou agora um livro sobre sonhos, a fazer em paralelo com o seu livro sobre o material do Seth.)

(Ainda sobre sonhos: recentemente tive dois sonhos extraordinariamente vívidos envolvendo o meu irmão em Rochester, a quem normalmente vemos cerca de duas vezes por ano. O Seth disse, na sessão não agendada de sexta-feira, que estes dois sonhos são significativos e que a sessão regular de hoje os abordará. O meu irmão, Bill, está para nos visitar na próxima semana — facto que desconhecíamos quando tive esses dois sonhos.)

(O 20.º teste do envelope realizou-se durante esta sessão. Ver o decalque na página 107. Para objeto de teste usei parte de um dos guardanapos de papel que eu e a Jane recebemos quando variámos a rotina antes da 213.ª sessão e fomos a uma discoteca local beber uma cerveja. Ver as notas na página 102. Os resultados do teste de hoje foram muito interessantes. Enquanto estivemos na discoteca, acenderam luzes

ultravioletas quando o espetáculo começou; isto significa que o objeto de teste foi por nós visto nessa luz invulgar, facto que transparece nos dados do teste de hoje.)

(A sessão desta noite realizou-se na nossa sala das traseiras e foi tranquila. A Jane não fumou enquanto falava. Como de costume, sentou-se; os olhos permaneceram fechados durante toda a sessão. O ritmo de fala foi bom desde o início, a voz baixa.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora, disse-vos que discutiria dois sonhos que vos interessavam. Contudo, como vamos dedicar algum tempo à nossa amante de gatos, em Washington, não começarei agora a discussão desses sonhos. Não lhes faria justiça num período curto, e gostaria de dedicar-lhes a maior parte de uma sessão; e assim faremos muito em breve. Em vez disso, falemos brevemente sobre o tempo e a ação.

(O nome favorito do Seth para Peggy Gallagher é “a amante de gatos”, pois a Peg tem medo de gatos; e gosta de chamar Bill Gallagher de “o jesuíta”, por causa das suas perguntas sem fim.) Como vos disse, toda a ação é, basicamente, espontânea. Só a vossa perceção lhe acrescenta a ilusão de tempo. Pensam, por exemplo, que uma determinada ação consome, devora ou ocupa uma certa quantidade de tempo. Portanto, pensam no tempo como algo que contém a ação.

(O Seth deu tanto material sobre ação que não pode ser remetido a poucas sessões. Foi mencionada de nome antes da 15.^a sessão, ou por aí. Tem sido especialmente realçada desde a 120.^a sessão, e assim continua.)

As dimensões da própria ação nada têm que ver, de base, com a vossa conceção de tempo. As dimensões da ação têm que ver com intensidades — não só as intensidades dos componentes eletromagnéticos que as compõem, mas também com intensidades tal como são traduzidas em termos psicológicos. Assim, a experiência psicológica de um determinado acontecimento ou ação pouco tem que ver com o tempo de relógio.

É, antes, composta pela intensidade com que é sentida por um determinado indivíduo. Quando falam da profundidade de um rio, falam em termos de distância — distância física. Quando falam da profundidade de uma experiência ou ação psicológica, querem dizer algo de totalmente distinto, pois trata-se de uma profundidade de intensidade. E percorrem uma experiência apenas até onde a vossa própria experiência de intensidade vos permitir.

(Aqui o Seth começa a desenvolver o material sobre campos elétricos e intensidades, dado entre a 120.^a e a 130.^a sessões. Ver Volume 3.)

A sensação psicológica de intensidade tem a sua própria realidade eletromagnética. Uma ação é uma intensidade experienciada e não precisa de envolver movimento em termos físicos. Como disse, toda a ação é parte

de toda a outra ação, afeta toda a outra ação e é também por elas afetada. Isto, no entanto, não é de todo a vossa teoria de causa e efeito.

Pois as ações são, de base, espontâneas, repito, e os efeitos existem com tal rapidez que é impossível dizer que uma ocorre antes ou depois da outra, ou causa a outra. Isto poderia ser comparado a algum movimento gigantesco e espontâneo que acontece muito rapidamente. Se observassem tal movimento gigantesco com uma câmara lenta, então obteriam o efeito que recebem no vosso sistema: um tempo contínuo. Onde, na realidade, talvez tivesse ocorrido uma explosão súbita, veriam uma progressão lenta de luz e movimento.

O vosso conceito de tempo não altera, claro, o próprio tempo, mas obriga-vos a perceber as ações de um certo modo. Muito disto resulta das limitações do organismo físico, mas muito mais é efeito do desenvolvimento do ego, que tenta pôr-se à parte da ação.

O eu interior e as camadas mais profundas do subconsciente estão, porém, relativamente livres dos falsos deuses do ego — e é por essa razão que as precognições são possíveis. Pois estas camadas do eu conseguem simplesmente perceber uma porção maior de ação do que o ego consegue ou quer perceber. Regra geral, o ego nem sequer aceita a informação assim obtida, pois fazê-lo seria negar aqueles preceitos artificiais de continuidade nos quais sente assentar a sua dominância.

O ego, no entanto, está bastante seguro. Existiria de qualquer modo, agora, independentemente das teorias de tempo que se sustentem, pois está firmemente ancorado como manipulador específico da realidade física. E a realidade física, acreditem ou não, não depende da teoria do tempo como uma série de momentos.

As vossas instituições, culturais e educativas, podem depender do tempo como série de momentos — mas a realidade física, em si, não.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 9:25. A Jane estava dissociada como de costume para a primeira pausa. Os olhos permaneceram fechados e ela não fumou. O ritmo foi bom desde o início.)

(Ver as sessões 149.^a–152.^a para o material sobre “pontos-momento” e tempo. Mais uma vez, o material sobre o tempo está entretido ao longo das sessões. O Seth começou a discutir o tempo na 14.^a sessão. Ver as sessões 120.^a–130.^a para material sobre o campo elétrico e o tempo, no Volume 3.)

(A Jane tem lido recentemente o livro de J. B. Priestley, “Time and Man”. Ela sabe que o Seth muitas vezes comenta as suas leituras. Observou que, esta noite, o Seth desenvolveu algumas afirmações do Sr. Priestley — isto é, não estava a parafrasear, mas a levar as ideias mais longe.)

(Achámos que seria altura de o Seth dar alguns dados sobre Peggy Gallagher e as suas atividades em Washington, D.C., já que, ao dar os

dados sobre os Gallagher em Porto Rico, em outubro, o fez às 21h30 em cada sessão. A Jane retomou, de olhos fechados e a bom ritmo. Estava a sorrir. Retoma às 9:35.)

Uma pequena nota aqui.

Os vossos físicos sabem que o tempo não existe, de base, como uma série de momentos, um a seguir ao outro. Portanto, a minha observação anterior — de que a realidade física não dependia do tempo como uma série de momentos — deveria ser óbvia.

A realidade física depende da vossa percepção sensorial da ação — e só.

Obviamente, temos mais a dizer aqui — e assim faremos. Pois, visto que ainda operam dentro do tempo como série de momentos, não temos tempo para essa discussão agora.

Por favor, deem-me um momento — e o que lhe acontece quando mo dão?

(A Jane, ainda de olhos fechados, fez uma breve pausa às 9:37. O ritmo abrandou um pouco e ela ergueu uma mão aos olhos fechados.)

Agora, vejamos o que conseguimos fazer.

Uma palestra sobre a sobrevivência da vossa nação. A nossa amiga amante de gatos assiste a esta discussão, talvez numa sala com o número 312.

O orador é interrompido. Uma sessão de perguntas e respostas. Três oradores principais na própria discussão. A sobrevivência é um tema forte aqui, embora possa não ser o título formal da discussão.

Um homem louro (“tow-headed”) com quem a nossa amiga entra em contacto. Pode ser que não goste muito dele.

(Recorde-se que, durante a sessão não programada da passada sexta-feira, 3 de dezembro, Seth afirmou que a Peggy conheceria um homem de quem não iria gostar. A Jane e eu perguntamo-nos que papel, se algum, a sugestão pode desempenhar em tais afirmações, talvez levando inadvertidamente o recetor a reagir de forma adversa a um indivíduo.)

Algo relacionado com uma federação. Distribuem-se panfletos. Indicações para um local a nordeste, talvez, embora eu não saiba, para a palestra de amanhã.

Um determinado homem com uma câmara a tiracolo, que chama a atenção da nossa amiga. Um lenço aparece acima do bolso do peito. Bicudo—isto é, um lenço bicudo—com uma inicial, talvez um C ou um G.

Um saco de surpresas de algum tipo. Cadeiras do tipo de teatro em vez de bancos.

De passagem, a úlcera do nosso jesuíta incomoda-o esta noite, bastante. Uma medição de capacidades, embora eu não saiba a que isto se refere. No total, 14 000 assistem, em todas as secções, embora em horas diferentes.

O hotel numa esquina. O quarto dela acima de três pisos. Um homem do outro lado. O número 421.

Sugiro que façam intervalo.

(Intervalo às 21h51. A Jane estava dissociada, como de costume. Mantive os olhos fechados. O seu ritmo tinha acelerado consideravelmente quando chegou o intervalo.

(Note-se que, na sessão de sexta-feira, o Seth mencionara o número 321 à Peggy. No material acima, o Seth dá o número 312, que é um 321 baralhado, e mais tarde o número 421. Ver página 108: As outras impressões confirmaram-se.

(Era agora altura do 23.º teste do Dr. Instream. Mais uma vez, a Jane sentou-se com as mãos erguidas sobre os olhos fechados. O seu ritmo não era demasiado lento, embora interrompido por muitas pausas. Retoma às 22h04.)

Agora. Dê-nos mais um momento, para o seu material do Dr. Instream.

Uma sala muito pequena e cheia. Creio que uma festa de cocktails. Uma mulher parece ser a anfitriã principal, embora esteja um homem com ela.

O Dr. Instream está presente, de modo distraído. O Dr. Instream e um homem discutem algo, um evento que ocorrerá em fevereiro. Do início para meados do mês, em vez de para o fim. (Pausa.)

Um tecido. Parece estar a pensar num tecido com textura granulosa. (Pausa.) Três atrasados. Um deles é alguém por quem ele esperava, ou que desejava que chegasse. Um homem de meia-idade, com bigode. (Pausa às 22h09.)

Ele pensa, ou fala, no Dr. Erickson. Ou ele e o homem que chegou atrasado têm ambos o Dr. Erickson como conhecido comum. Talvez os tenha apresentado. Dois dos atrasados são homens e uma é mulher.

O tecido é ou uma tapeçaria, como uma cortina, ou um vestido de mulher. Capto o número 13. Poderá ser esta a data, em fevereiro, para o evento? Ou talvez haja 13 convidados presentes.

Penso também em 3 de janeiro como uma data bastante importante para o Dr. Instream. (Pausa às 22h12.)

Agora, tens um teste para mim, José?

(«Tenho.»)

(Entreguei o envelope duplo e, como de costume, a Jane pegou nele mantendo os olhos fechados. Segurou o envelope com ambas as mãos por um momento e depois forneceu os dados com pequenas pausas. Este é o nosso 20.º teste com envelope.)

Por favor, dê-nos um momento. São impressões.

Um virar para cima, algo virado para cima. Uma fotografia. Penso em branco, branco como neve. Uma casa. Uma ligação com o passado e com os teus pais.

Também uma ligação com outra pessoa além de ti e do Ruburt. Roxo. Letras grandes. Algo de bastante importante ocorreu no dia seguinte. Uma máquina, como um automóvel, talvez.

A cor amarela, como a luz do sol, e uma reunião. Fortemente ligado—este item fortemente ligado—contigo. Vejo as tuas iniciais.

Sugiro que façam intervalo.

(Intervalo às 22h17. A Jane estava dissociada, como de costume. Disse que não se lembrava particularmente do que tinha dito nas três provas, mas que, até certo ponto, conseguiria se parasse para pensar.

(Ver o decalque do objeto de teste, o guardanapo da discoteca, na página 107. (O desenho no guardanapo ocupa um quarto da área de superfície, e foi esse quarto que ficou “virado para cima” para nós quando a empregada colocou os guardanapos dobrados na mesa à nossa frente. Não havia, evidentemente, nenhuma fotografia envolvida, nem uma casa, nem qualquer ligação com os meus pais ou com o passado.

(A Jane considerou que “branco, branco como neve” eram dados válidos, embora estivesse a pensar numa certa fotografia da casa dos meus pais, tirada quando havia neve profunda. Viu esse branco como muito brilhante. Ver as minhas notas na página 109. Quando as luzes ultravioletas foram ligadas na discoteca, algumas cores foram ativadas mais do que outras. A luz era na verdade bastante fraca, mas o ultravioleta fazia com que qualquer coisa branca parecesse de um branco ofuscante—papel, meias, camisas brancas, etc. O efeito era muito marcado. O guardanapo era de papel branco.

(Havia duas dançarinas na discoteca, e a Jane achou que “uma ligação com outra pessoa” se referia a uma delas, embora não soubesse dizer porquê. Não conhecíamos nenhuma delas. Uma era morena, a outra era loura. Ambos gostámos mais da morena, por seja lá que razão for, e certamente ela era a melhor dançarina das duas.

(A Jane ficou satisfeita com “Roxo. Letras grandes.” Ver o decalque. A palavra disquete no guardanapo estava impressa num azul fortemente puxado ao vermelho, embora, na verdade, sem chegar a ser um roxo assumido. As letras são, claro, grandes. “Algo bastante importante... no dia seguinte” não nos disse nada. “Automóvel” pode referir-se à nossa ida de carro à discoteca, embora possa haver aqui outros significados, pensamos.

(“Amarelo, como a luz do sol” é para nós tão interessante como o dado do branco-neve referido acima. A Jane vestiu uma blusa branca para a discoteca. Quando ligaram as luzes ultravioletas, porém, ficámos surpreendidos ao ver uma grande, brilhante mancha amarela na parte da frente da sua blusa agora brilhantemente branca. Essa mancha era invisível

à luz normal. Além disso, descobrimos mais manchas amarelas semelhantes nas duas palmas das mãos da Jane. Nunca chegámos a descobrir a origem das manchas.

(“Uma reunião” pode referir-se à discoteca cheia, ou bar. Eu não diria que o guardanapo era um “item fortemente ligado” a mim, embora tenha sido o meu guardanapo, e não o da Jane, que usei para o teste. Nem as minhas iniciais lá estavam.

(A Jane disse que, ao começar a fornecer os dados, a associação que fez com os dados do Seth, “branco, branco como neve”, a levou a considerar a fotografia particular da casa dos meus pais tirada depois de uma forte queda de neve. Disse que, nesta fase do seu desenvolvimento, lhe é muito difícil perceber quando tais associações pessoais entram em jogo, a menos que o próprio Seth o assinale dizendo: “O Ruburt pensa aqui numa fotografia”, etc. A Jane disse que viu a fotografia no olho da mente, mas que, à medida que continuava a falar, acabou por receber uma imagem difusa, uma “impressão nebulosa”, de um bar. Não mencionou o bar nos dados do teste e, de facto, tinha-o esquecido até a nossa discussão sobre a prova o trazer de volta à sua memória.

(A Jane terminou os seus comentários observando que, de momento, não há muito que possa fazer quanto a ser desviada por tais associações pessoais, a não ser ter isso presente. Acredita que esse conhecimento, por si só, já a impediu algumas vezes de se afastar dos dados do Seth, e que a sua capacidade de separar os dados do Seth dos seus próprios irá crescer.

(Agora esperávamos que o Seth comentasse o teste antes de terminar a sessão. A Jane retomou, em voz calma, com os olhos fechados, às 22h30.)

Bem, vamos terminar a nossa sessão.

Captámos algumas impressões válidas. A outra pessoa era a tua dançarina, em quem ambos estavam fortemente focados.

O acontecimento importante tinha a ver com algo de natureza familiar e envolveu uma das duas dançarinas, e os pais delas, ou os pais da rapariga em causa. Creio que o evento dizia respeito à outra dançarina, a loura.

(Pode haver uma pequena hipótese de conseguirmos confirmar estes dados. Um amigo nosso, que vive no nosso prédio, conhece as duas dançarinas, que moram juntas na vizinhança. Mas nós não as conhecemos, e esta foi a primeira vez em mais de um ano que eu e a Jane fomos à discoteca.)

O branco-neve referia-se às cores, ou à cor, antes, do guardanapo na luz. Usei “neve” apenas porque o branco era tão ofuscante, e isso levou o Ruburt às suas próprias associações, relativas à casa dos teus pais e a uma fotografia em particular que foi tirada no inverno. Mas conseguimos prosseguir depois disso e transmitir algumas impressões razoavelmente boas. Ele ainda está a aprender, e não há problema.

Os meus votos mais carinhosos para ambos, e para o nosso Dr. Instream. Sugeria, de passagem, que ambos, se possível, arranjassem tempo para fazer diariamente os exercícios de ioga, pois proporcionam uma excelente disciplina e tendem a unificar várias partes do eu. Além disso, durante a semana de Natal, quando vos vou dar férias, sugeriria que o Ruburt descansasse totalmente de assuntos psíquicos.

Agora, se tiverem alguma pergunta, podem fazer um breve intervalo e eu responderei, ou podem terminar a sessão, como preferirem.

(«Que achas do livro da Jane sobre sonhos?»)

O Ruburt tem um muito bom começo, e o livro deverá ter muito sucesso; livros posteriores sobre o tema serão mais avançados, com experiências a sustentar a teoria, mas este livro será um ótimo início. Uma ligeira alteração do título será benéfica. Se não tiverem mais perguntas, então desejo-vos uma muito boa noite.

(«Que alteração de título recomendas?»)

Ele há de lembrar-se.

(«Suponho que é tudo, então. Boa noite, Seth.»)

(Término às 22h42. A Jane esteve dissociada, como de costume. Manteve os olhos fechados.)

SESSÃO 215

8 de dezembro de 1965

(O 21.º teste com envelope realizou-se durante a sessão. O objeto de teste, selado nos habituais envelopes duplos, era uma xilogravura feita por um amigo artista nosso, Roy C. Fox, e enviada com o postal de Natal do Roy no último Natal. É uma gravura a preto e branco em papel muito fino, quase transparente. Mais uma vez, os resultados do teste foram interessantes e de natureza algo diferente.

(Não tínhamos a certeza de que o Seth teria quaisquer dados sobre a Peggy Gallagher durante a sessão, pois achávamos possível que ela já tivesse deixado Washington, DC.

(Recordar-se-á que, em duas ocasiões anteriores, o Seth assumiu o crédito por fazer a chama de uma vela aumentar visivelmente de altura. Ver as minhas notas anteriores à 206.ª sessão, páginas 57–58. Ambas estas sessões foram testemunhadas. O Seth disse-nos que conseguia fazer tais coisas quando a atenção do Ruburt estava noutro lado, mas que, assim que “ele”, ou o Ruburt, se tornava consciente da possibilidade de tais efeitos, eles tornavam-se geralmente inalcançáveis.

(Antes da sessão desta noite, perguntei-me que efeitos o Seth poderia demonstrar, de forma consistente, se se acendesse uma vela imediatamente antes de cada sessão, como rotina, e depois fosse ignorada tanto quanto

possível. A ideia era que, se se tornasse parte da rotina regular da sessão, a Jane se esqueceria dela, permitindo assim que quaisquer efeitos possíveis se manifestassem sem preocupação. Ao início brinquei com a ideia, mas quando a Jane disse que estava tudo bem em avançar, levei-a a sério. Quando estávamos prontos para a sessão, coloquei uma vela acesa na prateleira ao meu lado, atrás de alguns livros, de modo a que a Jane não a pudesse ver. Como a sala estava bem iluminada, a chama não faria diferença notória, no caso de aumentar enquanto ela tivesse os olhos abertos.

(A sessão realizou-se no nosso pequeno quarto das traseiras. Nenhuma janela estava aberta e, por medição, determinei que a chama da vela ardia a uma altura notavelmente constante de $\frac{3}{4}$ de polegada. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. O seu ritmo era bastante lento, com muitas pausas, embora a voz estivesse um pouco mais forte do que o habitual. Manteve grande parte do tempo uma mão levantada ao rosto. Não estava a fumar. Começou a falar às 21h01.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Agora. Continuemos a nossa discussão. Eu não disse que a ação não era movimento. Quero isto claro. A ação é movimento, mas não necessariamente movimento percebido em termos físicos.

(Ver página 110.)

A vossa conceção de tempo depende da vossa percepção de ação, e daquela porção da ação que conseguem perceber e apreciar. Não há dúvida de que as intuições podem, por vezes, perceber a ação de modo muito mais completo do que o intelecto. E o tempo, portanto, o tempo físico de relógio, é muito mais estranho ao eu intuitivo do que ao eu intelectual.

A lógica constrói os seus monumentos passo a passo, um pensamento antes do outro, numa série em que cada pensamento ou dedução depende do anterior. As intuições são de natureza mais espontânea e menos dependentes desses movimentos passo a passo.

(Eram agora 21h09. Eu lançara de vez em quando um olhar à chama da vela enquanto escrevia. Ardia a menos de um palmo da minha mão esquerda. A chama aumentara talvez um quarto de polegada em altura e ardia de forma constante nesse nível; isto significava um aumento de $\frac{3}{4}$ de polegada para 1 polegada.

(Não tinha a certeza do que estava a observar. A Jane não deu qualquer sinal, e o Seth nem sequer mencionara a vela; pensei que pudesse sorrir da ideia. O aumento da altura da chama não foi tão súbito e dramático como nas duas ocasiões anteriores assinaladas na página 117. Mas a chama agora ardia a esta nova altura tão regularmente como antes, e continuou assim.)

O ego tenta fracionar a ação em unidades cada vez mais pequenas. As intuições tentam perceber a ação como um todo. O ego fragmenta para efeitos de exame; as intuições constroem. Tanto o ego como as intuições, ao desempenharem as suas funções, criam obviamente ação. O eu pode, naturalmente, ser considerado como um gestalt de ação, percebido de forma diferente por vários níveis de si mesmo.

Por um lado, de base, o eu é ilimitado, tanto eletromagneticamente como pela natureza da ação, que afeta toda a outra ação. No entanto, o eu não avança em linhas retas, de um nascimento até uma morte. Este é apenas o eu que o ego percebe. A ação não pode permanecer inativa ou imóvel, embora o movimento nem sempre seja evidente.

A ideia do ego sobre si mesmo como uma rocha de identidade imutável é altamente ridícula, já que as suas percepções o mudam constantemente do que era. De modo algum é uma coisa que “vai prosseguindo”. Isto não nega os aspetos humanos do ego, pois o ego é também um pouco como uma luz transportada diante do eu interior, uma luz que dá significado ao universo físico e aos seus objetos. Permite ao eu interior manipular dentro da realidade física. Traduz dados exteriores para a personalidade interior.

Sugiro que façam intervalo.

(Intervalo às 21h21. A Jane esteve dissociada, como de costume, para o primeiro intervalo. Manteve a voz mais pesada e enfática, mesmo com as pausas.

(A chama da vela manteve muito regularmente a sua altura aumentada até perto da hora do intervalo, quando me pareceu começar a oscilar um pouco. No intervalo, pareceu-me estar sobretudo na sua altura inferior original. A Jane não a podia ver e não perguntou pelo seu comportamento. Concordámos em não a mencionar durante as sessões, acontecesse o que acontecesse. Perguntei-me se o aumento da chama teria resultado do “aquecimento” do corpo da vela, uma vez que era espessa, talvez com cerca de 12,5 cm de altura. Quando, porém, a chama baixou no intervalo, já não soube o que pensar e decidi limitar-me a registar o que via, sem me preocupar.

(A Jane falou agora com os olhos fechados e em voz lenta, com muitas pausas, a maioria curtas. Os olhos mantiveram-se fechados. Retoma às 21h31.)

Agora, dêem-nos um momento, por favor.

Um banquete da vossa amiga que adora gatos, com mesas compridas e estreitas. Uma perturbação de algum tipo, embora não necessariamente aqui. Uma tentativa de contactar alguém que ela não conseguiu alcançar, talvez as iniciais W. B.

Outra vez, um relógio que não funcionava corretamente.

(Este dado foi também dado à Peggy na sexta-feira, 3 de dezembro, durante a sessão não programada que precedeu a sua viagem a Washington. Nesta altura, vi também que a chama da vela voltara a subir até à altura de 1 polegada; continuou a arder de forma estável a essa altura. A voz da Jane perdera o seu tom mais pesado.)

Algo com um formato novo. Dez pessoas num grupo ou reunião à parte, em que ela participou. Algo relacionado com 10 de março.

Uma sala com um caixote do lixo amarelo. Flores na sala, talvez rosas. Mas flores de florista.

Um evento às oito, na noite passada, numa sala diferente da sala em que teve lugar uma reunião anterior a que ela assistiu.

(A chama da vela baixou durante alguns minutos até ao seu nível inicial de $\frac{3}{4}$ de polegada e depois voltou a subir.)

McNamara. Um táxi branco. Identificável por um símbolo redondo, com uma orla dentro do círculo, e uma espécie de figuras. Não sei se são pessoas, formas humanas ou formas de objetos. No entanto, o símbolo tem mais do que uma cor e é bastante escuro contra o branco. Estou a vê-lo à noite, por isso a cor do símbolo não é muito nítida. Fica diante de um edifício de pedra.

Uma afetação invulgar de ajudantes acompanha o grupo com que ela segue. Há alguma hesitação junto a um portão enquanto este grupo espera. Enquanto é concedida a autorização, mas é uma hesitação breve.

Capto algo relacionado com um campo de basebol, ou um parque que foi usado, ou um estádio que foi usado para jogos de basebol.

Algo a ver com uma carteira. Terá ela extraviado a carteira? Contudo, é do tipo a tiracolo. Talvez fosse uma câmara.

Sugiro um breve intervalo.

(Intervalo às 21h45. A Jane esteve dissociada, como de costume, e manteve os olhos fechados. A chama da vela voltou a descer ao seu nível inferior original. Quer no nível de $\frac{3}{4}$ de polegada quer no de 1 polegada, a chama ardia de forma muito estável, pois não havia corrente de ar. Nem procurou níveis intermédios.

(O Seth deteve-se no símbolo do táxi e, enquanto o fazia, eu próprio desejei que a Peggy reparasse nele. Já antes nos questionámos sobre o Seth fazer afirmações acerca de algo que poderia estar na presença do sujeito do teste, para depois o sujeito não dar por isso. Isto aconteceu num teste há cerca de um ano, envolvendo o Bill Macdonnel de férias em Cape Cod. O Seth descreveu um certo barco a remos com iniciais e um símbolo na proa; mas como o Bill não reparava em barcos a remos em geral, ficámos sem saber quanto à exatidão da informação do Seth. O Seth insistiu que esse barco em particular tinha estado muito próximo do Bill.

(Neste intervalo, a Jane disse ter a sensação de que o dado sobre a carteira, fornecido no fim do teste da Peggy, poderia não se referir de todo

à Peggy, mas a “outra coisa ou outra pessoa”. Como se viria a ver no nosso teste com envelope desta noite, isto poderia ser verdade. Se assim for, é um exemplo do “sangramento” de material de um teste para outro durante a mesma sessão. O Seth disse-nos que isto é uma possibilidade. Neste caso específico, também entra a clarividência, pois o teste com envelope ainda não tinha sido realizado. A telepatia e a precognição também podem ser fatores.

(A Jane disse que não viu nada interiormente enquanto dava os dados sobre a Gallagher.

(Era agora altura do 24.º teste do Dr. Instream. Como antes, a Jane sentou-se calmamente com os olhos fechados, a mão direita levantada ao rosto. A chama da vela manteve-se no seu nível original de $\frac{3}{4}$ de polegada. Retoma às 22h01.)

Ora bem. Dêem-nos um momento para o nosso material do Dr. Instream.

Ele está no quarto dele (pausa), uma fotografia da esposa em cima de uma cómoda. Alguns livros ou papéis na cama. (Pausa.) Estará a vestir-se para sair a esta hora? Ou apanhei-o mais cedo? (Pausa longa às 22h04.)

Uma relação tensa entre ele e outro, um homem. (Pausa.)

Experiências de hipnose temporariamente paradas. No entanto, ele está focado em nós (pausa), a tentar enviar-nos uma mensagem sobre um objeto redondo e uma folha de papel, que está escrita a cerca de um terço da altura, com recuos impecáveis, talvez cinco linhas ou assim.

Muito direita, como se fossem versos de um poema. Os recuos são tão direitinhos. (Pausa.) Mas as linhas em si são bastante compridas.

Creio, embora não tenha a certeza, que isto está manuscrito e não datilografado. As letras são pequenas. Pode haver um livro, bastante grande, por baixo do papel, com algo como páginas de orlas douradas baças, ou assim pareceriam quando o livro está fechado. E capas acastanhadas.

Não creio que seja um livro novo. Tenho a impressão de couro gasto, embora na verdade não acredite que a encadernação seja de couro, mas de algo semelhante no aspeto. (Pausa.)

Dois castiçais. Tenho também a impressão de que ele está desanimado, mas as coisas correr-lhe-ão bem.

Capto com bastante força um desânimo da parte dele esta noite. Mas, novamente, as coisas sairão bem. O desânimo parece estar ligado ao seu trabalho e a uma falta de confiança que é temporária. Até domingo sentir-se-á muito melhor, em parte como resultado de circunstâncias entretanto ocorridas, e em parte porque o seu estado de espírito simplesmente terá mudado. (Pausa às 22h16.)

SESSÃO 215

8 de dezembro de 1965

(O 21.º teste com envelope realizou-se durante a sessão. O objeto de teste, selado nos habituais envelopes duplos, era uma xilogravura feita por um amigo artista nosso, Roy C. Fox, e enviada com o postal de Natal do Roy no último Natal. É uma gravura a preto e branco em papel muito fino, quase transparente. Mais uma vez, os resultados do teste foram interessantes e de natureza algo diferente.

(Não tínhamos a certeza de que o Seth teria quaisquer dados sobre a Peggy Gallagher durante a sessão, pois achávamos possível que ela já tivesse deixado Washington, DC.

(Recordar-se-á que, em duas ocasiões anteriores, o Seth assumiu o crédito por fazer a chama de uma vela aumentar visivelmente de altura. Ver as minhas notas anteriores à 206.ª sessão, páginas 57–58. Ambas estas sessões foram testemunhadas. O Seth disse-nos que conseguia fazer tais coisas quando a atenção do Ruburt estava noutro lado, mas que, assim que “ele”, ou o Ruburt, se tornava consciente da possibilidade de tais efeitos, eles tornavam-se geralmente inalcançáveis.

(Antes da sessão desta noite, perguntei-me que efeitos o Seth poderia demonstrar, de forma consistente, se se acendesse uma vela imediatamente antes de cada sessão, como rotina, e depois fosse ignorada tanto quanto possível. A ideia era que, se se tornasse parte da rotina regular da sessão, a Jane se esqueceria dela, permitindo assim que quaisquer efeitos possíveis se manifestassem sem preocupação. Ao início brinquei com a ideia, mas quando a Jane disse que estava tudo bem em avançar, levei-a a sério. Quando estávamos prontos para a sessão, coloquei uma vela acesa na prateleira ao meu lado, atrás de alguns livros, de modo a que a Jane não a pudesse ver. Como a sala estava bem iluminada, a chama não faria diferença notória, no caso de aumentar enquanto ela tivesse os olhos abertos.

(A sessão realizou-se no nosso pequeno quarto das traseiras. Nenhuma janela estava aberta e, por medição, determinei que a chama da vela ardia a uma altura notavelmente constante de $\frac{3}{4}$ de polegada. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. O seu ritmo era bastante lento, com muitas pausas, embora a voz estivesse um pouco mais forte do que o habitual. Manteve grande parte do tempo uma mão levantada ao rosto. Não estava a fumar. Começou a falar às 21h01.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Agora. Continuemos a nossa discussão. Eu não disse que a ação não era movimento. Quero isto claro. A ação é movimento, mas não necessariamente movimento percebido em termos físicos.

(Ver página 110.)

A vossa concepção de tempo depende da vossa percepção de ação, e daquela porção da ação que conseguem perceber e apreciar. Não há dúvida de que as intuições podem, por vezes, perceber a ação de modo muito mais completo do que o intelecto. E o tempo, portanto, o tempo físico de relógio, é muito mais estranho ao eu intuitivo do que ao eu intelectual.

A lógica constrói os seus monumentos passo a passo, um pensamento antes do outro, numa série em que cada pensamento ou dedução depende do anterior. As intuições são de natureza mais espontânea e menos dependentes desses movimentos passo a passo.

(Eram agora 21h09. Eu lançara de vez em quando um olhar à chama da vela enquanto escrevia. Ardia a menos de um palmo da minha mão esquerda. A chama aumentara talvez um quarto de polegada em altura e ardia de forma constante nesse nível; isto significava um aumento de $\frac{3}{4}$ de polegada para 1 polegada.

(Não tinha a certeza do que estava a observar. A Jane não deu qualquer sinal, e o Seth nem sequer mencionara a vela; pensei que pudesse sorrir da ideia. O aumento da altura da chama não foi tão súbito e dramático como nas duas ocasiões anteriores assinaladas na página 117. Mas a chama agora ardia a esta nova altura tão regularmente como antes, e continuou assim.)

O ego tenta fracionar a ação em unidades cada vez mais pequenas. As intuições tentam perceber a ação como um todo. O ego fragmenta para efeitos de exame; as intuições constroem. Tanto o ego como as intuições, ao desempenharem as suas funções, criam obviamente ação. O eu pode, naturalmente, ser considerado como um gestalt de ação, percebido de forma diferente por vários níveis de si mesmo.

Por um lado, de base, o eu é ilimitado, tanto eletromagneticamente como pela natureza da ação, que afeta toda a outra ação. No entanto, o eu não avança em linhas retas, de um nascimento até uma morte. Este é apenas o eu que o ego percebe. A ação não pode permanecer inativa ou imóvel, embora o movimento nem sempre seja evidente.

A ideia do ego sobre si mesmo como uma rocha de identidade imutável é altamente ridícula, já que as suas percepções o mudam constantemente do que era. De modo algum é uma coisa que “vai prosseguindo”. Isto não nega os aspetos humanos do ego, pois o ego é também um pouco como uma luz transportada diante do eu interior, uma luz que dá significado ao universo físico e aos seus objetos. Permite ao eu interior manipular dentro da realidade física. Traduz dados exteriores para a personalidade interior.

Sugiro que façam intervalo.

(Intervalo às 21h21. A Jane esteve dissociada, como de costume, para o primeiro intervalo. Manteve a voz mais pesada e enfática, mesmo com as pausas.

(A chama da vela manteve muito regularmente a sua altura aumentada até perto da hora do intervalo, quando me pareceu começar a oscilar um pouco. No intervalo, pareceu-me estar sobretudo na sua altura inferior original. A Jane não a podia ver e não perguntou pelo seu comportamento. Concordámos em não a mencionar durante as sessões, acontecesse o que acontecesse. Perguntei-me se o aumento da chama teria resultado do “aquecimento” do corpo da vela, uma vez que era espessa, talvez com cerca de 12,5 cm de altura. Quando, porém, a chama baixou no intervalo, já não soube o que pensar e decidi limitar-me a registar o que via, sem me preocupar.

(A Jane falou agora com os olhos fechados e em voz lenta, com muitas pausas, a maioria curtas. Os olhos mantiveram-se fechados. Retoma às 21h31.)

Agora, dêem-nos um momento, por favor.

Um banquete da vossa amiga que adora gatos, com mesas compridas e estreitas. Uma perturbação de algum tipo, embora não necessariamente aqui. Uma tentativa de contactar alguém que ela não conseguiu alcançar, talvez as iniciais W. B.

Outra vez, um relógio que não funcionava corretamente.

(Este dado foi também dado à Peggy na sexta-feira, 3 de dezembro, durante a sessão não programada que precedeu a sua viagem a Washington. Nesta altura, vi também que a chama da vela voltara a subir até à altura de 1 polegada; continuou a arder de forma estável a essa altura. A voz da Jane perdera o seu tom mais pesado.)

Algo com um formato novo. Dez pessoas num grupo ou reunião à parte, em que ela participou. Algo relacionado com 10 de março.

Uma sala com um caixote do lixo amarelo. Flores na sala, talvez rosas. Mas flores de florista.

Um evento às oito, na noite passada, numa sala diferente da sala em que teve lugar uma reunião anterior a que ela assistiu.

(A chama da vela baixou durante alguns minutos até ao seu nível inicial de $\frac{3}{4}$ de polegada e depois voltou a subir.)

McNamara. Um táxi branco. Identificável por um símbolo redondo, com uma orla dentro do círculo, e uma espécie de figuras. Não sei se são pessoas, formas humanas ou formas de objetos. No entanto, o símbolo tem mais do que uma cor e é bastante escuro contra o branco. Estou a vê-lo à noite, por isso a cor do símbolo não é muito nítida. Fica diante de um edifício de pedra.

Uma afetação invulgar de ajudantes acompanha o grupo com que ela segue. Há alguma hesitação junto a um portão enquanto este grupo espera. Enquanto é concedida a autorização, mas é uma hesitação breve.

Capto algo relacionado com um campo de baseball, ou um parque que foi usado, ou um estádio que foi usado para jogos de baseball.

Algo a ver com uma carteira. Terá ela extraviado a carteira? Contudo, é do tipo a tiracolo. Talvez fosse uma câmara.

Sugiro um breve intervalo.

(Intervalo às 21h45. A Jane esteve dissociada, como de costume, e manteve os olhos fechados. A chama da vela voltou a descer ao seu nível inferior original. Quer no nível de $\frac{3}{4}$ de polegada quer no de 1 polegada, a chama ardia de forma muito estável, pois não havia corrente de ar. Nem procurou níveis intermédios.

(O Seth deteve-se no símbolo do táxi e, enquanto o fazia, eu próprio desejei que a Peggy reparasse nele. Já antes nos questionámos sobre o Seth fazer afirmações acerca de algo que poderia estar na presença do sujeito do teste, para depois o sujeito não dar por isso. Isto aconteceu num teste há cerca de um ano, envolvendo o Bill Macdonnel de férias em Cape Cod. O Seth descreveu um certo barco a remos com iniciais e um símbolo na proa; mas como o Bill não reparava em barcos a remos em geral, ficámos sem saber quanto à exatidão da informação do Seth. O Seth insistiu que esse barco em particular tinha estado muito próximo do Bill.

(Neste intervalo, a Jane disse ter a sensação de que o dado sobre a carteira, fornecido no fim do teste da Peggy, poderia não se referir de todo à Peggy, mas a “outra coisa ou outra pessoa”. Como se viria a ver no nosso teste com envelope desta noite, isto poderia ser verdade. Se assim for, é um exemplo do “sangramento” de material de um teste para outro durante a mesma sessão. O Seth disse-nos que isto é uma possibilidade. Neste caso específico, também entra a clarividência, pois o teste com envelope ainda não tinha sido realizado. A telepatia e a precognição também podem ser fatores.

(A Jane disse que não viu nada interiormente enquanto dava os dados sobre a Gallagher.

(Era agora altura do 24.º teste do Dr. Instream. Como antes, a Jane sentou-se calmamente com os olhos fechados, a mão direita levantada ao rosto. A chama da vela manteve-se no seu nível original de $\frac{3}{4}$ de polegada. Retoma às 22h01.)

Agora. Dêem-nos um momento para o nosso material do Dr. Instream.

Ele está no quarto dele (pausa), uma fotografia da esposa em cima de uma cómoda. Alguns livros ou papéis na cama. (Pausa.) Estará a vestir-se para sair a esta hora? Ou apanhei-o mais cedo? (Pausa longa às 22h04.)

Uma relação tensa entre ele e outro, um homem. (Pausa.)

Experiências de hipnose temporariamente paradas. No entanto, ele está focado em nós (pausa), a tentar enviar-nos uma mensagem sobre um objeto redondo e uma folha de papel, que está escrita a cerca de um terço da altura, com recuos impecáveis, talvez cinco linhas ou assim.

Muito direita, como se fossem versos de um poema. Os recuos são tão direitinhos. (Pausa.) Mas as linhas em si são bastante compridas.

Creio, embora não tenha a certeza, que isto está manuscrito e não datilografado. As letras são pequenas. Pode haver um livro, bastante grande, por baixo do papel, com algo como páginas de orlas douradas baças, ou assim pareceriam quando o livro está fechado. E capas acastanhadas.

Não creio que seja um livro novo. Tenho a impressão de couro gasto, embora na verdade não acredite que a encadernação seja de couro, mas de algo semelhante no aspeto. (Pausa.)

Dois castiçais. Tenho também a impressão de que ele está desanimado, mas as coisas correr-lhe-ão bem.

Capto com bastante força um desânimo da parte dele esta noite. Mas, novamente, as coisas sairão bem. O desânimo parece estar ligado ao seu trabalho e a uma falta de confiança que é temporária. Até domingo sentir-se-á muito melhor, em parte como resultado de circunstâncias entretanto ocorridas, e em parte porque o seu estado de espírito simplesmente terá mudado. (Pausa às 22h16.)

Agora, tens um teste para mim?

(«Tenho.»)

(A Jane estendeu a mão para receber de mim o habitual envelope duplo. Não abriu os olhos. Ficou sentada, a segurar o envelope numa mão, com a outra levantada ao rosto. As suas pausas foram breves. Este é o nosso 21.º teste com envelope.)

Mais uma vez, por favor, deem-nos um momento.

Queria acrescentar algo sobre estaleiros navais ao material da Gallagher. (No apartamento por baixo do nosso, um bebé começou a chorar. O som estava amortecido, mas suficientemente claro no nosso quarto muito silencioso. Tive receio de que a Jane se distraísse, mas ela não deu qualquer sinal exterior. Continuou depois de uma pausa. O bebé calou-se pouco depois.) O nosso próprio teste, então. Estas são impressões.

Duas pessoas a uma mesa com cadeiras direitas.

Um artigo comprado recentemente. Uma ligação com um evento de fevereiro. Um objeto circular em forma de sol ou lua. Uma cor verde. 1965. Uma ligação com duas outras pessoas, creio que um homem e uma mulher.

Falta de descrição. Uma orla. O número 3.

Algo como cordas, ou algo atado. Uma ligação com um progenitor. A cor azul. O Ruburt pensa no pacote que a mãe lhe enviou, contendo uma camisola, e no selo do pacote.

Sugiro que façam intervalo.

(Intervalo às 22h23. A Jane esteve dissociada, como de costume. Manteve os olhos fechados; o seu ritmo fora interrompido por muitas pausas curtas. A chama da vela mantivera-se apagada/baixa.

(Ao início, os dados do teste com envelope deixaram-nos sem saber o que pensar, até a memória começar a funcionar. Resumindo primeiro, vimos que o Seth usara o nome do artista que executara a xilogravura, Roy Fox, como ponto de partida para dados envolvendo a Jane, o Roy e a mim, mas, por alguma razão, não tratara do objeto do teste em si. Não sabemos por que isto aconteceu, já que o Seth não discutiu os resultados esta noite. A mãe da Jane e uma prenda de Natal também entraram nos dados do teste, por motivos que compreendemos; aqui o Seth diz-nos que o Ruburt pensa no pacote que a mãe lhe enviou.

(O Roy Fox é nosso amigo pessoal. No último Natal, ele tratou de me arranjar uma exposição de pinturas no Harris Hill Inn, nos arredores de Elmira, em fevereiro de 1965. A exposição durou um mês. Inaugurou a 2 de fevereiro de 1965 e, no domingo seguinte, 7 de fevereiro, eu e a Jane fomos convidados no Inn para falar da exposição com quem estivesse interessado.

(Isto leva-nos ao primeiro item dos dados do teste, “Duas pessoas a uma mesa com cadeiras direitas.” No dia 7 de fevereiro, eu e a Jane passámos várias horas no Inn, sentados em cadeiras de espaldar direito a uma mesa de jantar, prontos para responder às perguntas de toda a gente.

(Não vemos ligação, por ora, com “Um artigo comprado recentemente.” (“Uma ligação com um evento de fevereiro” é a exposição no Harris Hill Inn, organizada pelo Roy Fox. “Um objeto circular em forma de sol ou lua” não significa nada em particular para nós, embora nas paredes do Inn houvesse vários objetos circulares, como relógios, um barómetro, etc. O mesmo se aplica a “Uma cor verde.” Muitas das minhas pinturas, sendo paisagens, são predominantemente verdes. A exposição realizou-se em “1965.”

(“Uma ligação com duas outras pessoas... um homem e uma mulher” refere-se ao facto de eu e a Jane estarmos agendados para nos encontrarmos com um jovem casal amigo nosso, mais tarde, nessa tarde, no Inn. Eles apareceram: a Judy e o Lee Wright, que, aliás, testemunharam a 129.^a sessão não programada, que se realizou nessa mesma noite, 7 de fevereiro de 1965. Ver o Volume 3.

(“Falta de discrição” é de particular interesse para mim e para a Jane, pois é uma descrição muito adequada de uma situação em que o Roy Fox esteve envolvido durante esse fevereiro de 1965, e durante vários meses antes e depois. A situação era de conhecimento público, por isso não violamos confidências ao dizer que, na altura, o Roy fazia companhia a uma mulher separada do marido, mas não divorciada. Ela tinha vários

filhos. O Roy é um homem na casa dos sessenta, nunca casou, e como parecia completamente feliz nessa situação, presumimos que o casamento se seguiria. No verão passado, porém, o marido da mulher regressou a Elmira.

(“Uma orla. O número 3” refere-se, cremos, ao anúncio da exposição, impresso no jornal local a 6 de fevereiro de 1965. Era um aviso de duas colunas, com uma orla preta carregada, e dizia que eu estaria na exposição a 7 de fevereiro de 1965, das 13 às 15 horas.

(O resto dos dados do teste aplica-se ao pacote de Natal que a mãe da Jane lhe enviou no início desta semana. O pacote estava atado com cordel, continha uma camisola de malha azul, etc. Porque é que esta informação surgiu num teste, não sabemos. Conseguimos ver a ligação com os dados do Roy Fox, porém, uma vez que o Roy fez a xilogravura; o nome dele está também no objeto do teste. Gostaríamos de saber por que motivo o Seth escolheu usar o nome do Roy como trampolim, em vez de se ater ao objeto do teste.

(Ver as notas na página 120, sobre os dados no teste da Peggy Gallagher, relativos a uma carteira extraviada, do tipo a tiracolo. Conforme foi dito, na altura do teste da Gallagher a Jane disse acreditar que essa informação não se referia à Peggy. Depois de termos em mãos o material do teste com envelope desta noite, apercebeu-se então de um incidente que envolveu uma carteira sua, do tipo a tiracolo, que se perdeu.

(O Harris Hill Inn estava fechado na segunda-feira, 1 de fevereiro de 1965, e eu e a Jane encontrámo-nos com o proprietário nessa noite e pendurámos as pinturas. Quando saímos, a Jane deixou para trás a sua carteira preferida; só se deu conta algum tempo depois. No dia seguinte, o proprietário do Inn trouxe a carteira da Jane. Se esta informação foi parar indevidamente ao material anterior da Gallagher, então o que a explica? Apareceu no material da Gallagher antes de se realizar o teste com envelope e, evidentemente, a Jane não podia saber antecipadamente, por meios normais, qual era o objeto do teste com envelope. O Seth afirmou que termos como telepatia, clarividência, precognição, etc., têm utilidade relativa; talvez este caso seja apenas um exemplo da capacidade de uma parte da mente para dissolver a barreira do tempo.

(É, na verdade, sexta-feira, 11 de dezembro, enquanto escrevo isto. Já obtivemos um relatório escrito e detalhado sobre a viagem da Peggy Gallagher a Washington, comparada com o material do Seth sobre a Peggy nas duas últimas sessões. O Seth conseguiu muitos acertos — de longe o melhor desempenho da Jane nestes testes. O material será incorporado numa sessão muito próxima, juntamente com o material sobre as férias dos Gallagher em Porto Rico, em outubro passado. Estou a preparar a afirmação de que a Peggy detetou um exemplo muito claro de “sangramento” de dados na 214.^a sessão. Ela afirma que o material no

início dos dados do teste do Dr. Instream, na página 113, se aplica a uma festa de cocktails a que assistiu em Washington na segunda-feira, 6 de dezembro. A Peggy afirma que a descrição do Seth dessa festa é bastante correta, até ao facto de uma mulher ser a anfitriã principal, e de um homem, o marido dela, estar presente. O dado da sala pequena e cheia aplica-se também aqui. Serão fornecidos mais pormenores depois. Ver a Sessão 214.

(E, como o Seth já mencionou, tal sangramento de dados de um teste para outro é uma possibilidade. Nem o exemplo acima significa que o Dr. Instream não tenha estado numa festa de cocktails.

(A Jane gostaria que eu acrescentasse aqui que acredita que os dados do teste com envelope desta noite se desenvolveram como se desenvolveram devido ao conteúdo emocional dos acontecimentos envolvendo a Jane, o Roy e a mim. Ao passo que a xilogravura do Roy, embora apelativa para ambos, carecia, comparativamente, de tal conteúdo emocional, intrinsecamente.)

(A Jane retomou ao ritmo médio, de olhos novamente fechados, às 22h33.) Não vou discutir o nosso teste esta noite.

Contudo, em breve faremos uma sessão em que discutiremos os nossos testes em geral, pois isso ser-vos-á benéfico. Ajudar-vos-á a interpretar os nossos dados. Além disso, não me esqueci dos vossos sonhos e, na próxima semana, teremos tempo para eles. A menos que tenham algumas perguntas, terminaremos a nossa sessão.

(«Queres dizer alguma coisa sobre o teste da chama da vela?»)

(A chama da vela ardia de forma bastante estável ao seu nível original de $\frac{1}{4}$ de polegada desde o intervalo das 21h45. A Jane sorriu agora.)

O que queres que eu diga?

(«Achaste que este tipo de teste é uma boa ideia?»)

Não há nada de errado com a ideia. Veremos o que conseguimos fazer. Temos andado a tentar ver o que conseguimos fazer.

(«Pois. Perguntava-me.»)

(A Jane ficou então muito quieta. Os olhos mantiveram-se fechados. A vela estava à sua direita, aproximadamente em ângulo reto com o corpo, enquanto ela estava sentada a olhar em frente. Lembra-te de que, de qualquer modo, ela não podia ver a vela, pois estava escondida atrás de livros, e de que a sala estava bem iluminada. À medida que os momentos passavam e a Jane não se movia nem falava, tive tempo de sobra para observar que os seus olhos não se abriram. A vela estava a cerca de um metro dela e bem afastada de qualquer corrente de ar que pudesse ser criada pela sua respiração, por exemplo.

(Assim que percebi que a Jane ou o Seth podiam estar a tentar alguma coisa, fiquei eu próprio muito quieto para não mexer o ar, e respirei pouco pelo nariz, com a cabeça um pouco virada. Nem sequer mexi a mão para escrever até ter passado perto de um minuto. O ar no quarto estava muito

parado. No entanto, pouco depois de este estranho intervalo começar, a chama da vela cresceu de forma bem nítida até voltar à altura de 1 polegada, e manteve-se aí estável.

(O Seth quebrou o silêncio bem depois de ter passado um minuto inteiro, de acordo com o ponteiro dos segundos do nosso relógio elétrico.)

Os meus melhores votos para vós, e uma afetuosa boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

(Término às 22h36. A Jane esteve dissociada, como de costume. A chama da vela manteve-se alta, mas não tão estável como estivera. A Jane disse que, enquanto estava sentada em silêncio, sentiu como se o Seth, de alguma forma, se focasse “de lado” na vela.

(A Jane disse-me que sentiu um impulso nítido daquilo que presumiu ser energia em direção à vela. Foi uma sensação que nunca tinha experimentado. Teve também o pensamento, enquanto estava quieta, de que o Seth queria dizer algo sobre a vela. A Jane sentiu, porém, que poderia deturpar a informação, porque se apercebeu de que o que quer que quisesse dizer não era automático como costuma ser; por isso não disse nada.

(A Jane estava a relaxar na cama, como costuma fazer depois de uma sessão, com a cabeça apoiada numa mão. Estava a fumar enquanto discutíamos a experiência com a vela. Ambos olhámos fixamente para a chama. Estava agora um pouco mais alta, e brilhante e estável, atingindo o nível mais alto da noite. Ficámos a olhá-la talvez durante um minuto. O Seth voltou então a manifestar-se, brevemente; a Jane ainda estava a fumar e tinha os olhos fechados. Retoma às 22h45.)

Agora. Não deem ênfase à vela. Tenham-na simplesmente presente durante as sessões, e acesa. Mas não chamem a atenção do Ruburt para ela. Certamente não no início, pois queremos que ele se esqueça conscientemente de que a vela está aqui.

(«Sim.»)

É tudo.

(«Boa noite, Seth.»)

(Término às 22h46.)

SESSÃO 216

9 de dezembro de 1965

(Recordar-se-á que, nas sessões recentes, o Seth prometeu discutir dois sonhos que têm andado na minha cabeça. Ambos envolviam o meu irmão mais novo, o Bill, que vive em Rochester, NY, com a esposa e três filhos.

(Na verdade, tive uma série de cinco sonhos desde 27 de outubro de 1965, que acredito estarem estreitamente relacionados. Todos me envolviam em situações de stress físico bastante drástico ou de perigo puro e simples. Como, no entanto, o desfecho dos sonhos me deixava inteiro, pareceu-me que o seu significado simbólico dizia respeito a conflitos que não eram físicos, e eu tinha interesse em precisá-los.

(O último da série ocorreu na noite passada e, como tratava de situações extremas relativas à minha própria morte, eu e a Jane achámos prudente informarmo-nos. A princípio pensei que a sessão da próxima segunda-feira fosse suficientemente próxima, mas entretanto os sonhos estavam-me tão presentes no pensamento que ponderámos uma sessão não programada. Além disso, outro material nas sessões regulares parecia pôr o material dos sonhos de lado.

(Os cinco sonhos ocorreram nas noites de 27 de outubro, 19 de novembro, 1 de dezembro, 3 de dezembro e 8 de dezembro. Como o Seth trata apenas dos sonhos de 19 de novembro, 1 de dezembro e 8 de dezembro, apenas estes serão aqui apresentados, tal como estão no meu caderno de sonhos. O Seth chama-lhes sonhos números 1, 2 e 3. Os dois sonhos aqui não transcritos são muito semelhantes aos três que se seguem.

(Sonho n.º 1; 19 de novembro de 1965: Era extremamente nítido e vívido nos detalhes, e totalmente a cores. O meu irmão mais novo, Bill, e eu estávamos num vale montanhoso muito profundo, com paredes rochosas íngremes, de cor castanha. Estávamos encurralados nesse vale e sabíamos que poderíamos não conseguir sair. Não era demasiado grande. Estávamos de facto numa casa velha e periclitante na encosta do vale, talvez a meio. Havia um desnível acentuado abaixo de nós. Parte do tempo eu olhava pela janela e parte do tempo estava no telhado ou numa varanda com o Bill, com as costas encostadas à parede da casa. O telhado, coberto de telhas, inclinava-se para baixo e tinha uma fina camada de neve. Tínhamos medo de nos mexer porque estava muito escorregadio.

(Depois, eu olhava para o Bill, à minha esquerda. Ele estava demasiado perto da beira do telhado da varanda. Gritei-lhe para ter cuidado. Mesmo enquanto o fazia, ele escorregou, caiu sentado e depois resvalou pelo beiral enquanto tentava recuperar o equilíbrio. Ouvi-o bater no chão com tal força que temi seriamente que tivesse partido um osso. Olhei então por cima da borda do telhado e, para grande aflição minha, vi

que o Dick não só caíra do telhado e batera com força no chão, como agora escorregara pela beira de um despenhadeiro íngreme ao lado da varanda, e se estava a salvar apenas porque se agarrava a um arbusto fininho que se estava a soltar do solo gelado. Ao mesmo tempo, o Bill olhou para mim e pareceu-me que estava a sorrir; ou, pelo menos, não parecia preocupado.

(Apercebi-me então de que podia passar por cima da borda do telhado no canto, onde havia um tubo de queda para usar como pega, e que podia salvá-lo estendendo-me e puxando-o de volta com uma só mão. Percebi também que conseguia mover-me mais facilmente neste telhado escorregadio do que pensara possível.)

(Sonho n.º 2; 1 de dezembro de 1965: A cores, e nítido, vívido e muito detalhado. O meu irmão mais novo, Bill, e eu estávamos a nadar. A água era de um azul-esverdeado claro lindíssimo, quase como água de banho, e era extremamente agradável e confortável. Estávamos num curso de água acima de uma queda-d'água alta e rápida, com a superfície quebrada por rochas. Ocorreu-me a ideia de passar pela cascata de uma só vez, prendendo a respiração, mas hesitei.

(Então o Bill avançou, com o corpo encolhido numa bola, muito semelhante a uma posição fetal. Vi-o deslizar pela borda da queda. Segui-o, a suster a respiração, e não senti choque nem medo, especialmente. Foi muito agradável. Desci bem fundo para a água na base da queda. Deixei-me levar, sabendo que, se mantivesse a respiração, subiria à superfície. Ao mesmo tempo, de alguma forma, eu sabia que havia uma grande rocha subterrânea à frente no curso de água. Era como um pilar ou barreira, escura e rugosa, erguendo-se alta em direção à superfície. Ainda debaixo de água, abri os olhos com tempo de sobra para a ver à frente e evitar magoar-me contra a sua superfície áspera.

(Mais tarde considereei a rocha em forma de pilar como um símbolo fálico; e a água morna e a posição fetal do meu irmão como informação reencarnatória.)

(Sonho n.º 3; 8 de dezembro de 1965: Novamente a cores. Um sonho longo e complexo; creio que parte do início se me escapou ao acordar. O sonho tinha a ver com o facto de que, por alguma razão, eu ia ser executado, por injeção indolor. Não sei porquê. Pelo menos parte do tempo eu estava numa sala de paredes de tijolo, parcialmente subterrânea. Acho que o meu pai é que me ia dar a injeção.

Tanto quanto me lembro, não estive muito assustado em momento algum, mas estava triste e preocupado. Havia uma marquesa ou mesa de exames nesta sala, e eu devia deitar-me ali enquanto recebia a injeção. Parte do tempo olhava por uma janela composta por muitos pequenos vidros e via a Jane num baloiço do lado de fora. Estava já adulta, vestida como se fosse verão; estava outra pessoa com ela no baloiço, mas não sei quem. Ela não parecia preocupada com a minha situação.

(Acho que o meu próprio sentimento era, acima de tudo, de tristeza por não ficar com ela. Parte do tempo eu estava também fora desta sala de tijolo. Creio também que já me tinham dado a injeção e que era suposto ter feito efeito horas antes, mas isso não acontecera. E então lá estava eu, horas depois, a deambular. Pensei na Jane, mas não a vi, e continuava a sentir essa tristeza e preocupação muito mais do que qualquer medo. Creio que o sonho terminou assim. Em momento algum do sonho vi realmente o meu pai: sabia apenas que ele estava lá e envolvido.

(Os dois sonhos não transcritos, mas muito semelhantes aos três aqui citados, envolviam a mim próprio e cancro e a minha sobrevivência, e eu separado da Jane novamente, e fortemente consciente de tristeza e preocupação.

(Eu e a Jane consideramos o material que se segue um excelente exemplo da forma como o Seth interpreta sonhos, e é apresentado na íntegra. O Seth não chega ao fim da sua análise, mas promete fazê-lo numa sessão próxima. Contudo, disse-nos já o suficiente esta noite para me deixar muito mais descansado.

(Quando a Jane mostrou disponibilidade para realizar a sessão, sorveu um copo de vinho enquanto esperávamos que o Seth aparecesse. Eu sentei-me ao lado dela, no sofá da sala, com o bloco de notas no colo. Ouvimos música. Mesmo assim, o início da sessão apanhou-me de surpresa. A Jane tirou os óculos, fechou os olhos e começou a falar com voz suave.)

Agora, não há necessidade de acompanhamento musical para esta sessão.

(«Só um minuto, então.»

(Desliguei o televisor. Os olhos da Jane estavam fechados, mas iriam abrir-se brevemente; mantiveram-se fechados durante a maior parte da sessão. O seu ritmo foi bastante rápido, embora tenha esperado que eu me sentasse de novo antes de retomar.)

Os sonhos são realidades em vários níveis.

Principalmente, referem-se aos teus sentimentos subconscientes em relação ao teu pai. Não só no que te diz respeito, mas no que diz respeito ao teu irmão mais novo e ao Ruburt. Agora, isto é num nível e, durante alguns momentos, falaremos dos sonhos apenas neste nível.

(Com os olhos novamente fechados, a Jane abanou um dedo indicador para mim.)

Perdes vantagem, José, com o teu gravador. Perdes a vantagem do teu gravador. Em sessões como esta, seria-te muito útil.

O Ruburt poderia transcrever as notas, e eu poderia falar-te com mais clareza. Portanto, a este nível, os três mais importantes destes sonhos estão relacionados: os dois relativos ao teu irmão e o sonho que dizia respeito à execução por injeção, indolor, a ser efetuada pelo teu pai.

No primeiro sonho, vês o teu irmão mais novo a escorregar num telhado gelado e a cair. Vais em seu auxílio; ao descobrires que consegues manobrar melhor do que pensavas, saltas do telhado apenas para descobrir que o teu irmão também caíra pela borda do penhasco e se mantinha pendurado até que o conseguisses alcançar. O segundo sonho encontra-vos aos dois dentro de água, a caminho de uma queda. Pensas em sustentar a respiração e mergulhar, mas o teu irmão mais novo fá-lo antes de ti, e tu segue-lo. Não te magoas e evitas uma barreira que está na água.

No terceiro sonho, enfrentas uma execução indolor que vai ser realizada pelo teu pai, que te dará a injeção. Vês o Ruburt, que está num baloiço, e ficas preocupado e triste. Mais tarde, encontras-te ileso. Andas por aí, voltas a ver o Ruburt e, de novo, ficas preocupado com ele.

(Nota que a última linha acima diz que voltei a ver a Jane no sonho. As minhas próprias notas dizem que não a voltei a ver; isto é, não me lembrava de o ter feito quando acordei e escrevi o relato do sonho. É bem possível que, de facto, eu tenha visto a Jane duas vezes no sonho.

(O Seth aponta também, mais adiante na sessão, algumas outras discrepâncias entre os acontecimentos efetivos do sonho e o meu relato escrito.)

Percebo que deixei alguns detalhes de fora, mas os detalhes omitidos pertencem a outras camadas dos sonhos.

Agora. Todos estes sonhos têm a ver com o teu sentimento subconsciente de que tu e o teu irmão mais novo poderiam “ir ao fundo”, sobretudo em termos financeiros, mas também emocionais, por causa do teu pai.

A caldeira que todos estão a comprar para a tua família é importante aqui. A neve e o gelo no primeiro sonho representam o facto de que os teus pais não estavam “quentes”. O Dick endividou-se para comprar a caldeira. Caiu em dívida, tal como caiu do telhado; e, da parte dele, a compra foi emocional e impulsiva.

Embora na realidade não concordasses, atiraste-te para o ajudar; tal como saltaste do telhado para o socorrer, descobriste que ele caíra mais do que pensavas, pela borda do despenhadeiro, e estava pendurado. Isto representava mais dívida que ele contraiu. Tinha caído ainda mais em dívida.

Agora, no sonho seguinte, receias que ambos estejam “pela água”, por isso vês-te a ti e ao teu irmão dentro de água. Ele continua à tua frente, pois está agora “até ao pescoço” em dívidas. Tu não, mas receias que a situação da tua família, a situação com os teus pais, te possa pôr numa condição semelhante.

Projetas então isto, pensando que aconteceria primeiro ao teu irmão. Assim, ele mergulha primeiro, e tu segues. Vens à superfície porque percebes que, na realidade, nunca deixarias esse tipo de situação manter-te

submerso por muito tempo. Não vêes o teu irmão porque não tens tanta certeza de que tal condição não o possa manter submerso indefinidamente.

(O meu relato do sonho não menciona eu vir efetivamente à superfície, mas fala de eu sustentar a respiração para subir automaticamente; não tive qualquer dúvida, no sonho, de que o faria. Nem voltei a ver o Dick depois de passarmos a queda. O Seth tem razão aqui.)

Sugiro um breve intervalo; e, enquanto o fazemos, ligaremos isto ao terceiro e mais significativo sonho. Presumo que a tua mão esteja cansada.

(«Um pouco.»)

(Intervalo às 20h55. A Jane disse que estivera mais dissociada do que o habitual, especialmente para uma primeira parte. Achou que o Seth poderia ter tratado disso para a impedir de bloquear. Os seus olhos abriram-se uma vez, brevemente, perto do início da sessão. A rapidez com que falava obrigou-me a escrever depressa.

(No intervalo, disse à Jane que não precisava de fazer esta noite uma sessão com a duração habitual. Agora que já tínhamos alguma informação, podíamos esperar por mais, se ela não quisesse prosseguir. Retomou com o mesmo andamento rápido, olhos fechados, às 21h00.)

Enquanto estamos nisto, é melhor obteres o que puderes.

O primeiro sonho expõe a situação tal como a vêes no presente. Viste o Dick como tendo caído em dívida; e tu, ao aumentares a tua participação financeira aos teus pais para ajudar a pagar a caldeira, saltaste atrás dele para o ajudar. O segundo sonho projetou os receios do primeiro, antecipando o que temias que acontecesse no futuro.

Ambos iriam “por baixo”. Pensaste que te safarias, mas não tinhas certezas quanto ao teu irmão.

Agora, o último sonho procura as causas por detrás da situação, e a chave principal está no símbolo da agulha que, por um lado, é um símbolo do pénis. Mas não é um símbolo fálico, que tem implicações simbólicas e raciais mais amplas e profundas do que este.

Em certa medida, também o símbolo da água, no sonho anterior, representava o útero da tua mãe e estabelecia uma ligação com o símbolo do pénis no sonho seguinte. Agora. A execução, que receavas, era um símbolo da morte de muitas esperanças, tanto financeiras como artísticas. Porque terias de arranjar mais trabalho, temias, para ajudar os teus pais. E, para ti, isto representaria um tipo de execução.

Devia ser indolor simplesmente porque o teu pai não pretendia, no sonho, magoar-te de propósito. Mas fá-lo-ia na mesma, segundo sentias. A perplexidade é evidente. Não vias como é que ele te podia fazer isto.

Nos sonhos anteriores estavas certo da tua capacidade para sobreviver à situação que temias. Neste sonho enfrentaste a possibilidade de não sobreviver tão facilmente. O Ruburt entra neste episódio porque agora te

preocupas com o efeito da tua própria reação sobre a condição dele em geral.

Além disso, no sonho não tens de todo a certeza de que não preferirias que ele arranjasse emprego fora, em vez de aumentares a tua própria carga de trabalho, caso surgisse uma situação em que fosse preciso dinheiro para os teus pais. Porque estavam em causa os teus pais e não os dele, sentiste tristeza e preocupação, pois tal passo da tua parte, entendias, seria injusto.

No fim, porém, sobreviveste. Continuas preocupado com o Ruburt porque percebes que, por uma questão de sobrevivência, fundos adicionais para a tua família teriam de vir do esforço dele, já que o teu tempo de pintura é demasiado importante para perder. O teu pai, pessoalmente, não apareceu porque, literalmente, não conseguias imaginá-lo a fazer-te isto. Por isso não o viste dar-te a injeção. Por uma razão muito boa esqueceste uma parte do sonho. No último momento simplesmente saíste da sala e recusaste que isto te fosse feito. Não te lembraste desse detalhe apenas porque te parece que deves fazer todo o sacrifício pelo teu pai. A preocupação e a tristeza que sentiste então, pelo Ruburt, eram falsas, e acrescentadas para esconder o facto de te teres recusado a ser sacrificado.

Compreendes esta última parte?

«Sim.»

(Os olhos da Jane tinham-se aberto de novo, de forma breve. Tornam a abrir-se dentro de alguns parágrafos, quando ela acende um cigarro e bebe um gole de vinho. O Seth tem razão; eu esqueci a parte acima do sonho e as minhas notas não lhe fazem referência.)

Estás subconscientemente muito preocupado com a situação dos teus pais e também antecipas dificuldades financeiras por causa deles. Estás igualmente preocupado com o teu irmão, e tudo isto se acumulou.

Os outros níveis do sonho tinham a ver com material reencarnatório. O teu irmão está a assumir demais como resultado da sua natureza impulsiva, e reconheces que ele poderia de facto “ir ao fundo” muito antes de ti, por assim dizer, embora seja mais novo.

Os sonhos mostram com toda a clareza o teu medo e a tua preocupação. Há também algum elemento de clarividência distorcida, no sentido de que a morte do teu pai — quando vier a ocorrer, e não é iminente — será afinal indolor.

(Acrescentado depois: o Seth tinha razão. A morte do meu pai foi pacífica e indolor — seis anos mais tarde, a 5 de fevereiro de 1971.)

Tens vergonha de admitir que, até certo ponto, resentes os pagamentos que ambos fazem, e esta é a principal razão por que esses medos não foram reconhecidos suficientemente pelo ego, mas empurrados para o subconsciente, onde se fizeram notar deste modo.

Agora podes terminar a sessão, ou fazer um intervalo, como preferires. Creio ter respondido às tuas questões mais urgentes. Existem, no

entanto, outras ligações oníricas que podemos estabelecer se quiseres prosseguí-las.

«Talvez possas concluir isto na próxima sessão, então.»

Como queiras.

«Gostaria de te agradecer muito.»

Dou-me por agradecido.

«Boa noite, Seth.»

SESSÃO 217

13 de dezembro de 1965

(Na sessão não programada n.º 203, de 28 de outubro, com os Gallagher como testemunhas, o Seth forneceu alguma informação relativa aos Incas terem chegado à Florida e construído pequenos povoamentos. Se isto está estabelecido historicamente eu e a Jane não sabemos. Queremos apenas registar aqui o aparecimento de um artigo no New York Times de 5 de dezembro de 1965. Tratava de uma equipa de antropólogos que lançava um estudo de quatro anos para avaliar a cultura de uma tribo errante de índios no sul da Florida. Os índios vinham da América Central ou do Sul. Encontraram-se alguns vestígios. O artigo não dizia que esses índios fossem incas. Curiosamente, um dos três antropólogos que chefiavam a expedição é o Dr. John M. Lonyear 3.º, de Colgate. As escavações sérias começam no próximo mês.

(O 22.º teste com envelope realizou-se esta noite. O objeto de teste era um desenho a esferográfica de um cão; o meu sobrinho de quatro anos fez-lo enquanto a família do meu irmão Bill, eu e a Jane visitámos os meus pais no domingo passado. Achei o desenho do David bom para a idade dele e acrescentei notas minhas. Tencionava arquivá-lo para o futuro, mas hoje decidi que daria um bom objeto de teste. A Jane não o tinha visto. O desenho está em papel do peso desta página. Um desenho no verso não se aplica aqui. Sele-o nos habituais envelopes duplos, entre duas folhas de Bristol.

(Conforme sugerido pelo Seth na sessão 212, tenho mantido um registo das condições meteorológicas exteriores imediatamente antes de cada sessão. São sete categorias de dados.

(Como descrito na sessão 215, acendeu-se uma vela imediatamente antes do início. Como antes, ficou fora do campo de visão da Jane. A sala estava bem iluminada. Assim que acendi a vela, a chama elevou-se até uma altura que era facilmente de dois polegadas e ali se manteve sem interrupção durante cerca de vinte minutos. Isto era o dobro da altura na sessão 215. Usou-se a mesma vela. A Jane sabia que estava acesa, claro, mas não falámos dela, e ela não viu a chama até ao primeiro intervalo.

Não consegui explicar a altura extraordinária da chama. Não havia correntes de ar; a sessão realizou-se no nosso pequeno quarto das traseiras, e as janelas estavam fechadas.

(A Jane começou a falar sentada, a um ritmo e com uma voz médios; o ritmo começou em breve a acelerar. Tal como na sessão 213, os olhos abriram-se assim que começou a falar, o que é bastante invulgar. Os olhos da Jane continuaram a abrir-se e a fechar-se enquanto falava.)

Podes pôr isto nos teus registos ou não, como preferires. E terás de aceitar a minha palavra, por agora, independentemente de quão impaciente possas estar.

O livro do Ruburt irá correr muito bem. Não falo agora em termos de riquezas. Ainda assim, as vossas preocupações financeiras imediatas estarão definitivamente resolvidas dentro de um período de dois anos, quando os outros livros dele também começarão a traduzir-se em termos financeiros. Estarão bastante confortáveis.

Sugiro que comprem, sem falta, o livro do Sherman.

Os vossos planos para as férias podem ser de excelente benefício para ambos. O vosso amigo Mark apanhou telepaticamente as vossas atitudes sobre o amigo dele no vosso último encontro, não no de hoje, e alterou alguns dos seus planos por causa das vossas atitudes.

Nessa ocasião em particular, estava — ao contrário das aparências — bastante recetivo à sugestão, porque estava desprevenido. Prestaram-lhe um serviço ao saírem com ele nessa noite, embora talvez não se tenham apercebido. E, sob alguns aspetos, ele faz-vos bem. Particularmente a ti, José. Ele “estica-te”, tanto as tuas simpatias como a tua compreensão, e ambos beneficiam.

(O livro mencionado pelo Seth é um sobre PES, de Harold Sherman.

(Mark é o nome de entidade do Bill Macdonnel. O Bill testemunhou várias sessões anteriores. Os planos de férias dizem respeito a uma festa que planeávamos com o Bill, a realizar na sua galeria de arte. (Eu e a Jane fomos dançar com o Bill e a namorada dele, que ainda não conhecíamos, há dois fins de semana. O Bill pareceu bastante encantado e, durante a noite, deu-nos pouca atenção, para nossa diversão. Esta noite surpreendeu-nos ao dizer que já não via a rapariga. Eu e a Jane nada lhe dissemos sobre a rapariga; gostámos muito dela. É bastante nova. O Bill tem 27 anos.)

Teremos muito a dizer sobre a interação das personalidades em muitas ocasiões, pois há muito que não é compreendido. As interações são tão rápidas que não podem ser medidas fisicamente, e o tipo de festas que estão a planear é de grande benefício psíquico sob vários pontos de vista.

Agora. Voltemos à nossa discussão sobre ação, e relacionemo-la com a ação tal como é vista nos sonhos. Os vossos próprios sonhos influenciam

grandemente as ações que empreendem na situação física e, como sabem, a telepatia opera nos sonhos.

Este material é de natureza algo pessoal. Ainda assim, o teu irmão mais novo, no fim de semana anterior, mostrou de forma algo súbita uma inclinação para dizer não quando sentiu que lhe eram feitos pedidos desnecessários.

Os teus pais deixaram-lhe claramente saber que queriam um televisor novo, e ele, de modo pouco habitual, disse-lhes que era impossível da parte dele. A sua ação física, a recusa, baseou-se numa comunicação telepática contigo, no estado de sonho, nas noites em que tiveste os sonhos que te interpretei.

(Ver a sessão não programada 216, as notas sobre os meus sonhos envolvendo o meu irmão mais novo Bill, e a análise do Seth.)

Esta firmeza da parte dele salvou a situação, pois os teus pais perceberam claramente o que podia e o que não podia ser esperado. Obviamente não há maneira de provar que esta comunicação teve lugar. No entanto, nas noites em que sonhas com um certo indivíduo, podes suspeitar fortemente que esse mesmo indivíduo sonha contigo. O problema é que o outro, muito provavelmente, não treinou a recordação dos próprios sonhos, e por isso pouco podemos provar.

A mensagem telepática captada em sonhos, em tais circunstâncias, será naturalmente interpretada pelo eu que sonha à sua maneira, simbolicamente, de modo que as ações oníricas podem não parecer as mesmas. Se fosse possível examinar duas comunicações oníricas aliadas, porém, a ligação entre elas ficaria muito clara.

Nos anos vindouros talvez consigamos trabalhar nessa linha, mas isso será no futuro. Não deixa, no entanto, de ser um ponto importante.

O Ruburt beneficiará com as nossas férias e também com o livro do Sherman. Há nele algumas boas pistas. Obviamente não te posso dizer tudo de uma vez, e as capacidades do homem estão bem desenvolvidas. Nós próprios estamos a sair-nos bastante bem, considerando as nossas circunstâncias, e sairemos ainda melhor.

Os nossos resultados com o Dr. Instream têm sido, de longe, melhores do que razoáveis. Mas ele continua à procura de dados mais específicos, e creio que lhes podemos fornecer.

Os nossos testes têm de ser considerados à luz da ação, pois é isso que são. Envolvem uma ação mais imediata e básica do que a mobilidade física, e portanto lidamos com manipulações que não são físicas. As associações, associações pessoais da parte do Ruburt, quando estão diretamente ligadas aos objetos de teste nos nossos testes com envelope, representam até certo ponto um avanço da parte dele.

Não falo agora da minha parte; pois, nesses casos, as ligações começam a tornar-se específicas, percebes, e a ligação preliminar foi feita.

As associações pessoais da parte dele que não se aplicam ao objeto de teste representam, sim, o facto de as suas próprias capacidades ainda não estarem plenamente desenvolvidas.

Dentro de um prazo razoável, o Ruburt e eu seremos capazes de trabalhar lado a lado, de modo que as nossas perceções separadas se somem, construindo juntas um retrato mais ou menos preciso do objeto em causa. Mas, em muitas ocasiões, as associações pessoais dele já estão ligadas ao objeto; assim, ele não luta comigo — trabalhamos em conjunto.

Sugiro um breve intervalo. Sugiro também que, durante as férias, dediques tempo teu, tempo extra, à leitura. Será também vantajoso ganhares o hábito de levar um bloco de esboços contigo a festas e afins; como és conhecido como artista, isso não será visto como invulgar ou estranho, e o teu próprio trabalho beneficiará. Irás captar dados intuitivos sobre várias personalidades em ação, e isso ajudar-te-á na pintura.

(Intervalo às 21h30. A Jane esteve dissociada como de costume para a primeira parte. Os seus olhos abriram-se com frequência, embora não totalmente; estavam muito escuros. O ritmo foi bastante rápido.

(A chama da vela começara a baixar há cerca de dez minutos e estava agora por volta de 1 polegada de altura, depois do máximo estimado de duas polegadas mais cedo na sessão. Agora ardia de forma bastante estável neste ponto mais baixo, tal como ardia igualmente estável antes.)

(Pouco depois de Jane recomeçar a falar, a chama da vela voltou a subir até cerca de cinco centímetros. Tinha agora os olhos fechados e o seu ritmo voltara a ser bom. Retomar às 9h40.)

Em dinheiro vivo, Ruburt receberá aproximadamente 3.500,00 dólares no ano seguinte, embora isto não represente tudo o que ele irá ganhar, e o montante duplicará nos dois anos seguintes. A partir daí, vocês irão muito bem. Mais uma vez, podes ou não inserir isto no registo, como preferires.

Agora. Brevemente gostaria de voltar aos teus sonhos, os mesmos que começámos a interpretar na outra noite.

(Ver novamente a 216.ª sessão não programada. Não tínhamos pedido especificamente a Seth que continuasse com estes sonhos, mas ainda assim esperávamos que o fizesse, em breve.)

A outro nível, eles representam algo bastante diferente. Viste o teu irmão mais novo em posição fetal, pois ele irá nascer de novo no universo físico, e tu não. Evitaste a barreira, que era outra existência dentro deste campo. Ele não.

Ele foi primeiro, contudo, porque morrerá pouco antes de ti e, incidentalmente, daqui a muitos anos, e não em idade jovem. Viverá até à velhice, em particular para compensar uma morte precoce numa existência passada.

Tirá especial alegria em ver os próprios filhos crescer, porque nessa vida passada não se desenvolveu até à maturidade, embora isto, claro, não estivesse definido no teu sonho.

(Como sou nove anos mais velho do que o Bill, parece que ambos seremos bastante anciãos à morte. Não creio que a Jane tivesse permitido que dados deste tipo viessem à tona há muitas sessões, embora tenha permitido a Seth dizer, há bastante tempo, que ela própria viveria até à velhice. Esses dados também estavam ligados à análise de sonhos e à reencarnação.

(O Seth estava a dar dados gerais de reencarnação sobre a minha família e a da Jane já na 9.ª sessão, evitando coisas como tempos de morte, etc. Na verdade, o conceito de reencarnação apareceu logo na primeira sessão. O Seth começou a ser mais específico quanto a dados reencarnatórios familiares quando disse à Jane e a mim, numa sessão muito inicial, que nenhum de nós voltaria a nascer no plano físico; isto, disse ele, explicava a nossa falta de filhos e o desejo de os ter. O Seth explicou que ambos já tínhamos sido pais antes, experimentando tanto os papéis masculino como feminino. Temos algum material sobre isto; estamos sempre com intenção de pedir mais, mas de alguma forma nunca chegamos a fazê-lo. Ver Volume 1.)

Viste o Ruburt do lado de fora da janela porque ele não estava diretamente envolvido na relação entre ti e o teu pai.

O baloiço representava o teu sentimento de que, afinal, o Ruburt estava relativamente livre, por um lado, do problema. Por isso o viste a baloiçar livremente. Isto representava parte dos teus sentimentos. A outra parte era representada pela tua preocupação por ele, pois, embora não estivesse tão diretamente afetado como tu, continuaria a estar envolvido.

A cascata representava a morte física neste plano, percebes, ambos a morrerem, o teu irmão e tu; mas ele primeiro e já a adotar a posição de nascimento, porque escolherá outra vida com bastante rapidez. É impulsivamente atraído às coisas da Terra.

(Os olhos da Jane tinham voltado a abrir e a fechar-se com bastante frequência. A chama da vela, agora, atingiu o ponto mais alto da noite; ficava bem acima de uns bons cinco centímetros de altura, elevando-se tanto que dela saía um fino traço de fumo negro. Como as janelas continuavam fechadas e não havia correntes de ar, não consegui explicar a altura da chama. A vela é grande, com um diâmetro de pelo menos cinco centímetros e muito pouca conicidade. Como antes, estava fora do alcance do sopro da Jane e, embora estivesse mais perto de mim, tive o cuidado de manter a cabeça desviada para que a minha própria respiração não a influenciasse. Talvez alterações de temperatura dentro da vela a possam influenciar depois de arder durante algum tempo, embora a mim não me parecesse mais quente.)

Ele nascerá num clima quente. Ambos partiram de um clima frio, daí a neve. Muito disto é de facto pessoal, mas está implicado aqui. Gostaria de deixar claro que a tua mãe literalmente espicaça o teu pai o suficiente para o impedir de se retirar completamente, e ele tem muito a agradecer-lhe, apesar das diferenças entre eles.

Sem ela não haveria vivacidade para ele, pois é incapaz de se relacionar para fora. Foi porque ela queria sentir-se próxima de ti que te telefonou esta noite, mais do que por qualquer outra coisa, embora tenha havido um mal-entendido.

A tua própria atitude para com a família mudou consideravelmente e tornou-se mais tolerante desde as nossas sessões. Tal tolerância ajuda-te a ti assim como aos outros envolvidos. A atitude do próprio Ruburt para com a mãe também se tornou menos rígida, em grande parte como resultado das nossas sessões. Quando estás calmo e não condenas os outros consegues vê-los com mais clareza, e não tens medo deles porque te tornas mais forte. Vais dar-te por a apreciar a época de Natal, mesmo com os teus familiares, pois percebes agora que está envolvida uma realidade básica.

Mais vale fazermos uma breve pausa antes do nosso material do Dr. Instream.

(Pausa às 21h59. A Jane estivera dissociada, como de costume. Tinha aberto e fechado os olhos com bastante frequência e fumou um cigarro. O seu ritmo fora rápido.)

(A chama da vela manteve a sua altura invulgar até à pausa; depois começou a baixar um pouco, e continuou a fazê-lo durante o material do Dr. Instream que se segue. No entanto, não chegou ao ponto baixo anterior de meia polegada. A Jane disse que não tinha sentido qualquer energia a projetar-se lateralmente dela para a vela, como sentira na 215.ª sessão. Este é o 25.º teste do Dr. Instream.)

(Como agora é hábito, o ritmo da Jane abrandou, embora não muito. Estava sentada de olhos fechados, com os dedos inclinados para baixo a encontrar o cinzeiro ao lado. Retomar às 22h07.) Agora dá-nos um momento, por favor. *(Pausa.)*

Um acontecimento algo invulgar hoje para o nosso amigo. Isto é, não um acontecimento que costume integrar a sua rotina diária, envolvendo duas outras pessoas. *(Pausa.)* A circunstância tem ligação com uma carta da porção oeste do país, ou a oeste do seu local, de uma universidade ou grande fundação de algum tipo, ou de um homem ligado a tal grupo.

Uma ocasião também em sua casa, onde estiveram presentes cinco pessoas. *(Pausa.)* Outra situação envolvendo um jovem e uma ligação familiar. Ele veste um roupão com um bolso grande, um bolso pouco habitual. *(Pausa.)*

Apanho uma ligação com cortiça, mas não sei a que se refere. *(Pausa.)* Podes apagar o cigarro do Ruburt por ele, por favor.

("Sim."

(É a primeira vez que me lembro de a própria Jane interromper dados de teste deste modo. No entanto, não parecia estar distraída, nem interromper a meio uma informação. Apaguei o cigarro; o fumo vinha a derivar na direção dela.)

O acontecimento invulgar de que falei ocorreu, creio, por volta das três desta tarde, ou ele soube dele então.

Uma sucessão de números seguidos, ao contrário, como 10, 9, etc. Ele sente-se melhor agora do que na nossa última sessão.

Uma ligação agora com o Dr. Rhine, e alguns arranjos ou uma carta. As iniciais, creio, J. B. R., e uma carta de um editor. As iniciais poderiam ser J. R. B.

(J. B. R. sendo, claro, as iniciais do Dr. Rhine. E J. R. B. podem ser as iniciais de Jane Roberts Butts. O Dr. Rhine é também parapsicólogo.)

Tens um teste para mim?

("Tenho."

(Eram 22h15 e era hora do nosso 22.º teste do envelope. A Jane pegou no envelope duplo selado sem abrir os olhos. Agora fez algo novo para ela nestes testes. Durante alguns segundos encostou o envelope diretamente à testa. Os olhos permaneceram fechados. Depois baixou o envelope para o colo.)

Dá-nos um momento, por favor.

Estas são impressões. Os números 1, 2, 3. Uma sala. Formas redondas. O número 12. Talvez o décimo segundo mês, embora não tenha a certeza.

Uma ligação com outro local, talvez fora desta cidade. Duas pessoas, e ainda assim alguma ligação com uma cena de verão, e água.

Um cronómetro, embora não saiba a que se refere. Uma composição vertical. Um grupo, mas capto bustos em vez de figuras completas, e um objeto redondo. Pessoas à volta de um objeto redondo, como uma mesa.

6, como em 6 horas. Uma carta ou bilhete. A cor amarela. Papel de seda leve. 1963 ou 1965.

Algo em falta, e alguém que não pôde vir.

Sugiro a tua pausa.

(Pausa às 22h22. A Jane estava dissociada, como de costume.

Mantivera os olhos fechados, e o seu ritmo fora bastante bom. Disse que nada do que dissera em qualquer dos testes lhe fazia particular sentido.

(A chama da vela oscilou um pouco num ponto baixo durante os testes, mas não voltou, nem de longe, à sua altura anterior.

(A Jane disse que recebeu algumas imagens visuais durante o teste do envelope, mas que não foram de modo algum sensacionais. Serão mencionadas abaixo.

(Ver o esboço do objeto de teste na página 131. No último domingo houve uma reunião de família em casa dos meus pais, em Sayre, PA, aqui

perto. Estavam doze pessoas ao todo: os meus pais, a Jane e eu, o meu irmão Loren, a sua esposa e o filho, e o meu irmão Bill e a esposa, e as duas filhas e um filho deles. O filho do Bill chama-se David, tem quatro anos, e foi ele quem desenhou o objeto de teste, com uma caneta de esferográfica preta sobre papel branco.

(Como o Seth explica na página 134 desta sessão, alguns dos dados de teste desta noite representam ligações preliminares com o objeto de teste, tal como no último teste do envelope com o desenho feito por Roy Fox. Assim, as associações pessoais da Jane estão muitas vezes agora ligadas ao objeto de teste, e ela está a trabalhar com o Seth e não contra ele.

(A contagem 1, 2, 3 do Seth foi a sua maneira — ou da Jane? — de conduzir ao número 4 que escrevi no desenho, referindo a idade do David. “Uma sala” é demasiado geral. Também “Formas redondas”; embora haja formas redondas no desenho. “O número 12” pode aplicar-se com facilidade. Não só o mês do teste é o décimo segundo, como estavam doze pessoas presentes em Sayre no dia em que o objeto de teste foi desenhado. E, de novo, o objeto de teste foi desenhado a 12 de dezembro e assim datado por mim.

(À primeira vista, a Jane e eu pensámos que o local fora da cidade se aplicava à nossa ida a Sayre ontem. Depois percebemos que se referia a uma visita que a Jane e eu fizemos ao Bill em Rochester no verão passado, pois aqui entra a “cena de verão, e água”. Fomos nadar com o Bill e a família ao Lago Ontário. Recordamo-nos disto especialmente porque as praias habituais de Rochester estavam poluídas por hordas de peixes mortos; tivemos de conduzir alguma distância para encontrar um local adequado para nadar.

(“Um cronómetro” não nos diz nada. Achamos que o desenho do cão pelo David pode ser chamado uma “composição vertical”. A afirmação seguinte, sobre “Um grupo... bustos em vez de figuras completas... pessoas à volta de um objeto redondo, como uma mesa”, é bastante interessante e pode aplicar-se duas vezes, tal como o número doze se aplicou quatro vezes. A mesa de jantar dos meus pais é redonda e, claro, jantámos nessa mesa no domingo. Os meus pais têm também uma mesa de centro redonda, de tampo espelhado, na sala de estar. É uma mesa baixa: muitas vezes um grupo de crianças ficava a jogar na mesa e, para isso, tinha de se sentar no chão. Assim, apenas os seus torsos se projetavam acima do tampo da mesa e eram refletidos no espelho.

(“6 como em 6 horas” não é específico o suficiente para uma ligação consciente fácil. “Uma carta ou bilhete” pode referir-se às notas de referência que fiz no desenho do David. “A cor amarela” pensamos que é uma ligação forte ao desenho do cão; o Dick obteve recentemente um

cãozinho para os filhos e, quando a Jane e eu pedimos ao David que descrevesse o cão, chamou-lhe primeiro laranja e depois amarelo.

(“Papel de seda leve” pode ser nebuloso. A Jane e eu oferecemos os presentes de Natal às crianças no domingo e, em vez de esperarem pelo Natal, abriram os presentes nessa altura. Estavam embrulhados em papel de Natal normal; se isto puder ser chamado “tissue”, então pode ser uma ligação. O objeto de teste foi desenhado em 1965, claro, não em 1963. A ideia aqui é que, caligraficamente, os algarismos 3 e 5 são bastante semelhantes.

(Por fim, “Algo em falta, e alguém que não pôde vir” também é interessante. Mal terminou o teste, e creio que antes de saber qual era o objeto de teste, a Jane disse-me que acreditava que “Algo” e “alguém” se referiam à mesma coisa. Só um membro da família faltou ao encontro de domingo, e foi a filha do meu irmão Loren, a Linda, que estava a trabalhar em Scranton, PA. Era demasiado longe para ela fazer a viagem até Sayre e voltar no mesmo dia.

(A Jane disse também que o Seth estava prestes a dizer algo sobre letras no objeto de teste, mas não o verbalizou. Eu tinha feito notas sobre isso.)

(A chama da vela ainda estava baixa quando a Jane recomeçou, de olhos fechados, às 10h30.)

Vamos encerrar a nossa sessão agora, embora possas observar a vela por um momento, pois estou a ensinar o Ruburt a usar energia. É uma questão bastante simples de direcionar energia básica ao longo de certas linhas fora do organismo físico. Toda a gente faz isto, para começar, de forma subconsciente.

(Assim que o Seth mencionou a vela, a chama começou a crescer. Bastante depressa, a chama elevou-se até uma altura abaixo do máximo da sessão, que foi bem superior a duas polegadas, segundo a minha estimativa. O seu crescimento agora era bastante respeitável, talvez até algo abaixo de duas polegadas. Tendo em conta as exhibições anteriores da chama, tive então uma pergunta.)

(«Houve demonstrações anteriores da chama que não foram acidentais?»)

Houve. Gostaríamos de aperfeiçoar isto. Mas suavemente, de forma a que possamos anunciá-lo com antecedência, para mostrar que outras condições não estão a interferir, como correntes de ar e assim por diante. Tens estado a observar a vela enquanto eu falava?

(«Sim.» (Os olhos da Jane continuavam fechados, e a chama mantinha-se alta.)

Agora deverá estar a ficar bastante mais alta.

(«Sim.» (O Seth fez uma breve pausa. A chama subiu um pouco mais. Estava bastante estável, mas ainda aquém do seu máximo da noite.)

E agora sugiro que terminemos a sessão.

(«Boa noite, Seth.») *(Termina às 10h33. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados. Disse-me agora que mais uma vez sentira a peculiar impulsão lateral, como de energia dirigida para a vela à sua direita. Ver a página 124 da 215.ª sessão para o primeiro caso deste efeito.)*

(A Jane relaxou agora na cama. Curiosamente, vimos a chama da vela elevar-se para igualar o seu máximo anterior, bem acima de duas polegadas. Uma reação tardia? A Jane já não sentia qualquer impulsão de energia.)

SESSÃO 218

15 DE DEZEMBRO DE 1965

(O 23.º teste do envelope realizou-se esta noite durante a sessão. Para objeto de teste usei a frente de um envelope dirigido à Jane e a mim pela minha mãe. Dobrei-o uma vez como indicado, coloquei-o entre duas folhas de Bristol e selei-o no habitual conjunto de dois envelopes.)

(Hoje a Jane leu o dia inteiro, terminando o livro de J. B. Priestley, “Man and Time”, de que gostou muito. Nunca tinha lido nada de Priestley antes, nem de Dunne, mencionado extensivamente no livro de Priestley. Depois do jantar, esta noite, a Jane disse-me que achava que o Seth se manifestara duas vezes, brevemente, enquanto ela tratava das suas tarefas diárias antes da sessão. Ambos os casos diziam respeito ao livro de Priestley, que a entusiasmara.)

(Quando acendi a nossa vela de teste às 20h55, a chama elevou-se de imediato até uma altura estimada de três polegadas; nunca a tinha visto fazer isto. Fumegou visivelmente durante alguns momentos. Depois, a chama estabilizou a uma altura constante de cerca de 1/4 de polegada e assim se manteve até à primeira pausa. Como de costume, a chama estava fora do campo de visão da Jane durante as suas comunicações.)

(A sessão teve lugar no nosso quarto das traseiras. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. Antes da sessão, comentara que esperava que o Seth mencionasse o livro de Priestley. O seu ritmo era agora mediano para começar, mas acelerou rapidamente.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Ora bem. Vejo que o nosso amigo Ruburt finalmente descobriu a obra de Dunne, e também tem lido Priestley sobre o tema do tempo. Ruburt não tem lido Dunne, note-se, mas sim a interpretação de Dunne feita por Priestley, que é outra coisa, embora razoavelmente correta.

Alegro-me por não terem contactado com estas ideias mais cedo, pois assim não nos podem acusar, com justiça, de lhes termos tomado de empréstimo qualquer coisa. O Ruburt está espantado com algumas das semelhanças que existem entre o conceito de tempo tal como eu o estou a transmitir-vos e os conceitos defendidos por Dunne e por Priestley.

A Jane ficou simultaneamente espantada e encantada. Deu com o livro de Priestley ao deambular recentemente pela biblioteca. Já ouvimos falar de Dunne, claro, mas ainda não lemos nenhuma das suas obras; por alguma razão, a biblioteca aqui não tem livros dele.

(A Jane sorriu agora quando o Seth começou a considerar as teorias de ambos. Antes da sessão, ela esperava que o Seth as discutisse. Como se veio a ver, a sessão revelou-se invulgar.)

Ora bem. Priestley é de facto um sujeito “priestly”, e Dunne está longe de estar “done”, se me perdoam o trocadilho. Partes das teorias de ambos estão corretas. Por vezes um deles acerta num ponto e o outro falha completamente, e às vezes estão ambos errados.

No conjunto, contudo, aproximaram-se muito mais da realidade do que a maioria; e por isso há uma dimensão adicional nas suas obras. Essa dimensão adicional resulta simplesmente da sua intimidade com outras dimensões do tempo, acerca das quais a maioria permanece tão ignorante quanto possível.

(Os olhos da Jane abriram-se agora um pouco quando acendeu um cigarro. Passou a alternar com frequência entre abrir e fechar os olhos. O ritmo era rápido. Ela acabara o livro de Priestley mesmo antes do jantar, e disse que não tivera tempo de o refletir; mas alguém o tinha estado a refletir.)

Priestley não vai suficientemente longe com o seu tempo um, tempo dois e tempo três, mas está razoavelmente certo até aí. De um modo diferente, ele diz muitas das coisas que eu estou a dizer. Eu disse-vos que, aquando da morte física, o ego se torna o subconsciente na existência seguinte, e que o seu conhecimento consciente é retido de forma eletromagnética.

(O Seth começou a tratar destas ideias nas sessões muito iniciais, misturando-as com dados reencarnacionistas. Elaborou até certo ponto nas sessões sobre o campo elétrico e assuntos relacionados: no Volume 3, ver as sessões 122-135.)

Pois bem. Priestley formula isto de modo algo diferente, mas os resultados são os mesmos. Segundo ele, a consciência, a consciência individual do tempo um, torna-se outra coisa na morte física, e a consciência que faz parte do tempo dois na vida física torna-se dominante na próxima existência.

Há aqui uma grande diferença entre nós, contudo, e julgo que importante. O indivíduo de Priestley, depois da morte, com a sua

consciência dominante de tempo dois, tem ao seu dispor aquilo que foi o tempo um durante a vida física. Pode usá-lo, usar o conhecimento aí obtido, aprender com os seus erros e progredir.

Mas este indivíduo, tal como visto por Priestley neste ponto em particular, está ainda, de certo modo, limitado por esse tempo um. O tempo um está-lhe disponível, embora não necessariamente como uma série de momentos, um após o outro. Disto está livre, mas continua de algum modo vinculado por esses acontecimentos, ainda que possa aprender com eles.

De acordo com Priestley, embora o indivíduo fique, portanto, livre de momentos sucessivos, não tem ainda, facilmente disponíveis, “à mão de semear”, por assim dizer, quaisquer informações ou percepções do tempo três. Estou a usar aqui os termos de Priestley.

O tempo três, após a morte física do indivíduo, torna-se para ele aquilo que o tempo dois é para ele durante esta existência. Está-lhe, portanto, disponível apenas na mesma medida em que o tempo dois lhe está disponível agora.

O conceito de Priestley aqui torna-se mais limitador do que ele percebeu. Neste ponto, Dunne ultrapassa-o precisamente onde ele e Dunne discordam. Pois, uma vez hipotetizados os tempos um, dois e três, Dunne prossegue — como é o caso — e Priestley simplesmente pára aqui, neste aspeto particular.

Sugiro uma breve pausa e continuaremos por esta via, pois conseguimos avançar onde Priestley e Dunne não conseguiram. Conseguimos fazê-lo, ou eu consigo fazê-lo, precisamente porque venho de além do tempo um, dois e três de Priestley e, portanto, estou livre das distorções que nem ele consegue evitar.

Em conceito, novamente neste ponto em particular, Dunne foi mais longe. Mas, ao fazê-lo, acabou num frenesi, perdendo a noção de onde estava. E não admira. É simplesmente porque estou fora destes tempos que consigo ver através deles com mais clareza, e não há razão particular para que eu deva ser considerado mais sábio do que eles, neste aspeto. Estou apenas numa melhor posição para observar.

Se Dunne pudesse escrever agora outro livro sobre as suas teorias do tempo, conseguiria corrigir vários dos seus erros bem-intencionados.

(Pausa às 21h26. A Jane estava dissociada, como de costume, disse ela. Os olhos abriram-se muitas vezes, de forma estreita. Disse que, conscientemente, no momento, não poderia explicar o que acabara de dizer. O ritmo tinha sido rápido, e a minha mão de escrever deu por isso.)

(A chama da vela não variara desde o início da sessão. O castiçal não estava quente ao toque, exceto na margem do bordo, e mesmo aí estava apenas morno. (A comunicação da Jane fora bastante enfática e assim continuou quando começou a falar de novo. Reatou ao mesmo ritmo rápido, novamente a fumar e de olhos fechados, às 21h36.)

Quando o indivíduo atinge o tempo três de Priestley, fica-lhe restada pouca individualidade. A visão de Priestley acerca das aves e do espírito de vida não é muito diferente do nirvana; pelo menos, só em grau — e isto simplesmente não serve.

É verdade que Priestley fala em termos de a consciência ser retida nesta fase, mas uma consciência desprovida de personalidade é um pássaro bem estranho. A estrutura da personalidade muda, é certo, mas a consciência das identidades globais dentro de qualquer unidade de consciência é sempre retida.

Não há fusão ou mistura, à força, num gigantesco espírito de vida sempre em correria. E o espírito de vida, nestes termos, não pode ser considerado como algo à parte e separado, e fora, dessas consciências que o iluminam, e através das quais elas próprias são iluminadas. E aqui está a nossa segunda dificuldade com Priestley.

Uma coisa é conceber o tempo básico como estando fora do tempo físico, para efeitos de argumentação; mas é preciso perceber que o tempo um de Priestley, embora real apenas para o ego, é, ainda assim, uma parte ou uma materialização que existe dentro deste quadro de tempo básico, e que a força vital está, ao mesmo tempo, dentro e fora.

Ou seja, a força vital é constantemente renovada por aquelas consciências de que é formada. As consciências, portanto, não são simplesmente preenchidas por uma força vital que depois as abandona para seguir o seu caminho, pois essas consciências são elas próprias porções da força vital e moldam a sua forma, se quiserem, e existência continuada.

(O Seth deu a sua primeira dissertação longa sobre o tema acima na 12.ª sessão, de 2 de janeiro de 1964. Coloca o assunto sob o termo geral de quinta dimensão. Falou da ideia ao longo de várias páginas datilografadas; foi, de longe, a sua comunicação mais longa na altura, e eu e a Jane ficámos bastante surpreendidos. Ver Volume 1.)

A chama alimenta o fogo e o fogo alimenta a chama. Logo, embora este tempo um de momentos contínuos já não seja experienciado após a morte, continua a ser uma realidade dentro do próprio tempo básico, uma realidade para a qual a personalidade simplesmente já não está focada.

Porque o indivíduo está focado no tempo um agora, continuas a perceber, ou devias, que o tempo um é apenas uma pequena porção do tempo, e que existem outros tipos de tempo de que não tens consciência.

Mas quando deixas o tempo um para trás, ou por deixares o tempo um para trás na morte, isso não é razão para imaginares que o tempo um exista separado e à parte do tempo básico. O mesmo tipo de erro existe aqui relativamente à força vital, como mencionei. Estás fundido com a força vital agora, e ninguém pode negar que és individualista.

(Os olhos da Jane começaram agora a abrir-se por vezes. A sua comunicação era rápida e enfática. A chama da vela manteve-se igual.)

É um erro presumir que, nesses termos, te aguarda adiante qualquer fusão futura ou inevitável com uma força vital. Este erro deve-se precisamente àquilo que o próprio Priestley abomina: distorções do pensamento causadas pela dependência do conceito de tempo como uma série de momentos.

Priestley aqui não consegue evitar isso, pois não lhe é totalmente possível escapar ao seu próprio sistema temporal, mesmo com as melhores intenções. E, em muitos aspetos, as suas teorias chegam muito perto de explicar como as coisas são. A ideia de um tempo recorrente está simplesmente desenquadrada, em termos práticos.

(A Jane fez agora uma longa pausa.)

Há dois pontos em particular que quero abordar esta noite, se for de todo possível.

Um diz respeito a mim próprio e ao lugar que eu ocuparia neste enquadramento temporal — e deverás achar isto muito interessante. O outro tem a ver com Dunne, porque, num ponto, ele viu mais longe do que Priestley, por ter levado estes tempos mais adiante. Mas também caiu num erro compreensível. É que, a certa altura, os vários “eus” de Dunne, com os seus tempos separados, tomam consciência uns dos outros e fundem-se no tipo de superconsciência a que sempre chamámos a entidade.

Estes tempos não continuam indefinidamente da maneira precisa que Dunne supôs. Também não se detêm, como acredita Priestley, no tempo três. Há uma fusão de “eus” numaquilo a que se pode chamar uma superconsciência, uma síntese; e, a partir daí, meus amigos, há um início rumo a algo novo — algo sobre o qual não estou preparado para falar esta noite, mas de que falarei num futuro próximo.

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 22h00. A Jane disse estar bem dissociada. Os olhos permaneceram fechados na maior parte do tempo. Pareceu estar mergulhada no material, falando depressa e com muita ênfase. A chama da vela manteve-se inalterada, ardendo de forma constante a uma altura estimada de 1 1/4 polegadas.)

(Pensamos que, no último parágrafo da comunicação acima, o Seth aludiu aos “gestalts” psíquicos de que falou muito brevemente em várias ocasiões. Deduzimos que ele visualiza uma cadeia desses gestalts, cada elo de maior complexidade do que o anterior. Chamou-lhes “grandes blocos de construção de energia”.)

(Era agora a altura do 26.º teste do Dr. Instream. Como de costume, a Jane falou enquanto estava sentada, com a cabeça inclinada e as mãos erguidas aos olhos fechados. O seu ritmo abrandou um pouco e a voz estava baixa. Reatam às 22h06.)

Agora, deem-nos um momento, por favor, para o nosso material Instream.

(*Pausa.*) Uma despedida afetuosa de algum tipo esta noite. Alguém vai fazer uma viagem?

Papéis importantes numa pasta. Um surto de interesse pelas experiências de hipnose do doutor. (*Pausa.*) Algo que aparece agora, sobre uma secretária ou mesa. Creio, novamente, ser uma folha de papel com um formato de carta.

Capto as iniciais R. B. A carta diz respeito a um acontecimento em particular, uma reunião que ainda não ocorreu, e diz respeito também a outra pessoa, além da pessoa que escreveu a carta e além do Dr. Instream. Isto é, outra pessoa em particular, embora mais gente possa estar envolvida no evento quando acontecer. (*Pausa.*) Pode ter lugar em março.

A carta é de alguém do sul ou sudoeste. Ou a outra pessoa que estará ligada à reunião reside no sul ou sudoeste. (*Pausa.*)

Capto uma impressão algo desconexa ou fragmentada relativa a um elefante, ou talvez a uma tromba. Não sei a que se refere. (*Pausa.*) A menos que talvez tenha a ver com a despedida mencionada há pouco.

Tens um teste para mim?

(«Sim.»)

(Eram 22h15. A Jane tirou-me das mãos o habitual duplo envelope sem abrir os olhos. Ao reler a última sessão, ficara surpreendida por saber que tinha segurado o envelope de teste na testa durante alguns minutos, já que não se lembrava de o ter feito. Agora, voltou a pressionar o envelope de teste na testa, desta vez de forma mais deliberada e com as duas mãos. Continuou a segurá-lo ali. Tinha os olhos fechados, a voz muito baixa. Este é o 23.º teste do envelope.)

Agora, dá-me um momento e veremos o que conseguimos fazer.

Uma moldura. Duas pessoas. Um sortido de objetos ou formas.

Uma ligação que não vejo claramente, com um missionário. Um bilhete. A menção de um momento no tempo.

O Ruburt está aqui a pensar no teu monge. Por eu ter mencionado a palavra missionário, isso desencadeou uma cadeia de associações pessoais dele.

Agora. Algo quadrado, como um lote. Uma ligação com outras quatro pessoas, e uma estrada, ou forma de estrada. Sombras invulgares. Um bolo. Algo que duas pessoas sabem e que outras duas não sabem.

Papel com impressão. A tua caligrafia. Uma ligação com uma morada que não é a tua. Algo a que não se espera resposta e uma ligação com um animal.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 22h23. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados em ambos os testes. Sentou-se com o envelope de teste pressionado na testa o tempo todo. A chama da vela ardeu à mesma altura constante.)

(O Seth não desenvolveu as impressões relativas ao envelope de teste, pelo que o que se segue são as nossas próprias interpretações. Pelo seu lado, o Seth estava demasiado ansioso por retomar a sua discussão do livro de Priestley, como veio a verificar-se.)

(Ver o decalque do objeto de teste na página 140. Trata-se da frente de um envelope dirigido à Jane e a mim pela minha mãe, em 1 de dezembro. A carta contida nesse envelope figura nos resultados do teste e será guardada em arquivo com o envelope. A carta seria citada aqui, não fora o seu conteúdo ser bastante pessoal. Está, naturalmente, disponível para quem considerar seriamente estes testes, caso esteja tão interessado.)

(«Uma moldura» refere-se à moldura nítida de linha única que contorna o retrato de Washington no selo atual de cinco cêntimos. O envelope está dirigido a «duas pessoas», ou seja, à Jane e a mim. O «sortido de objetos e formas» refere-se às palavras que compõem a carta.)

(A ligação pouco clara do Seth com «um missionário» é interessante. O meu irmão Loren é referido na carta contida no envelope de teste, e o sogro dele é um pastor reformado. A carta, evidentemente, pode ser «um bilhete».)

(«A menção de um momento» explica-se facilmente na mesma carta. Nela, a minha mãe fala da visita que eu e a Jane devíamos fazer aos meus pais no domingo, 5 de dezembro. A data não foi mencionada, apenas a palavra domingo. A minha mãe cancelou depois essa visita por telefone, e eu e a Jane deslocámo-nos a Sayre, PA, no domingo seguinte, 12 de dezembro. Foi nessa visita que obtive o objeto de teste usado na última sessão, a 217.^a)

(O monge mencionado pelo Seth refere-se ao nosso amigo Padre Martin, mencionado na 212.^a sessão. A propósito, a Jane disse agora que se lembrava de que o uso da palavra missionário pelo Seth gerou nela a sua própria cadeia de associações envolvendo o Padre Martin. Disse que o Seth a pôs de novo na direção certa ao mencionar isto.)

(A Jane disse ter a certeza de que «Algo quadrado» se referia às dimensões do envelope de teste quando foi dobrado, embora não meça um quadrado perfeito. A «ligação com outras quatro pessoas» encaixa bem, já que a carta diz respeito a uma situação envolvendo os meus pais, o meu irmão Loren e o meu irmão Bill, para além de mim e da Jane.)

(«Estrada, ou forma de estrada» e «Sombras invulgares» são demasiado gerais. Pode haver uma ligação vaga com «Um bolo», mas seria várias vezes afastada do objeto de teste. Não comemos bolo de sobremesa no encontro de família de 12 de dezembro, por exemplo.)

(«Algo que duas pessoas sabem e outras duas não sabem» é bom, dado que a carta da minha mãe dizia especificamente respeito a tal situação. Eu e a Jane éramos os dois que sabíamos, e os meus pais eram os

outros dois que não sabiam. Esta questão ficou resolvida a 12 de dezembro.)

(O objeto de teste é «Papel com impressão», sendo a impressão, na minha opinião, o carimbo de anulação aplicado por máquina, em vez da caligrafia da minha mãe. «A tua caligrafia», significando a minha, não se aplica.)

(A Jane disse que ficou confusa ao fornecer o dado «Uma ligação com uma morada que não é a tua». Não tinha a certeza se o Seth queria dizer uma morada que fosse nossa ou que não fosse nossa, por isso tentou relaxar e deixar que a informação surgisse sem distorção. E, claro, a carta veio de uma morada que não era a nossa. «Algo a que não se espera resposta» também é adequado, uma vez que devíamos ver os meus pais poucos dias depois de a minha mãe nos ter escrito.)

(A Jane disse que «uma ligação com um animal» também é válida, pois, durante um passeio que fez na nossa visita de 12 de dezembro ao encontro de família em Sayre, viu um cão, possivelmente vadio, que lhe despertou um forte desejo de ter um cão. Ela ainda sente a falta do nosso cão Mischa, que morreu há três anos. Eu também.)

(A Jane começou a falar de modo muito enfático e entusiasmado. Tinha os olhos fechados, mas fumava; no entanto, os olhos abriram-se pouco depois. A chama da vela manteve-se na sua altura constante de 1/4 de polegada. Reatam às 22h37.)

Ora bem. Como têm férias a chegar, quero certificar-me de que cubro um ponto em particular.

(A Jane sorriu amplamente.)

Porque o Ruburt teve uma grande ideia. Uma grande centelha de entendimento atingiu-o. Espero que não o tenha magoado; porque, embora a ideia não esteja certa de uma forma, também não está errada.

Depois de ler as ideias de Priestley sobre Dunne, o Ruburt pergunta-se agora se eu não serei um seu eu futuro, segundo as ideias de Dunne; isto é, se eu não serei um desses “eus” futuros de que Dunne fala, ou se eu não serei a consciência número dois, ou mesmo três, no conceito de Priestley.

Ora bem. Pensamentos como estes são um excelente exercício mental para ele e, embora ele não esteja precisamente correto em nenhuma destas suposições, num sentido básico não posso dizer que esteja exatamente errado.

Muito antes de ele ler tais noções, eu disse-vos que falava através do terceiro nível indiferenciado do subconsciente, não disse?

(«Sim.»)

(A Jane voltava a sorrir. O Seth dedicou a 88.ª sessão, de 16 de setembro de 1964, a explicar o que queria dizer com isto. Já o tinha referido antes, em várias ocasiões, sem desenvolver. Também se deteve no

assunto, até certo ponto, na 152.^a sessão, na 157.^a e noutras. Mais uma vez, a reencarnação está envolvida de forma básica.)

Pois bem. Embora Dunne, Priestley e eu tenhamos usado frequentemente termos diferentes para exprimir o mesmo conceito, também divergimos em muitos aspetos no que toca a estas teorias. A minha terceira camada indiferenciada, veem, corresponderia à consciência do terceiro tempo de Priestley, razão pela qual vos posso dizer que, nesse ponto, a individualidade é de facto mantida e a personalidade continua.

Caso contrário, eu seria toda força vital e nenhum eu. Ora, eu comunico através desse nível da consciência do Ruburt. Para ele, ou para o seu ego, isso é subconsciente, mas de modo nenhum é desprovido de consciência. E, repito, comunico através desse nível. Ao meu próprio nível, isto não é, em si, difícil.

A dificuldade reside em tornar esta comunicação — que é direta, da minha parte, para aquilo que seria o eu de tempo três do Ruburt — clara para o eu de tempo um do Ruburt, que tem de pronunciar estas palavras, naquilo a que se poderia chamar o tempo um de Priestley.

Comunicações como estas, aliás, podem ser explicadas de forma bastante adequada dentro do sistema de Priestley. Muito bem, até. Não de forma exaustiva, mas satisfatória. Completamente, desde que não façam demasiadas perguntas manhosas.

As teorias de Priestley, embora ele não as usasse deste modo, poderiam servir para lançar alguma luz nestas direções. Mas, porque Priestley parou no tempo três, terias de prosseguir com Dunne — até que o próprio Dunne, por fim, se engane.

Ora, eu seria o “eu número seis”, por assim dizer, segundo Dunne. Segundo Priestley, contudo, neste ponto da sua teoria, eu seria simplesmente essa força vital, ou parte dela, sem individualidade. O Priestley é mais correto em profundidade, no entanto, embora o Dunne vá mais longe — para depois esmorecer. Não deixa de ser verdade que eu seria um “eu número seis”. Usando os mesmos termos, porém, vou fazer algumas distinções. Pois, como eu número seis, tenho conhecimento completo de todos os outros “eus”.

Agora, eu poderia, de facto, ser o “eu número seis” do Ruburt, percebes? Não sou, mas poderia ser. É inteiramente possível, no entanto — usando o Ruburt como exemplo — que o “eu número seis” do Ruburt comunique com o “eu número um” do Ruburt, filtrando-se estas comunicações pelos “eus” intermédios, infelizmente.

Ora, estes vários tempos de Priestley e de Dunne têm muito em comum com os planos de que tenho falado nas nossas discussões, e a realização de valor do nosso material é semelhante à insistência de Priestley na profundidade dentro de qualquer momento dado.

Entro, contudo, em pormenores sobre como essa profundidade é alcançada, como sabes, se te lembrares de um diagrama que esbocei para ti acerca de pontos-momento no passado.

(«Sim.» (A Jane olhou para mim em busca de confirmação. Ver as sessões 149-152. A Jane fez o desenho a que o Seth se refere imediatamente após a 149.^a sessão. Sempre tive a intenção de elaborar um desenho final sobre a ideia.)

Ora bem. Embora eu não seja o eu número seis do Ruburt — e devo sabê-lo —, isso não quer dizer que não possa ser o eu número oito ou nove do Ruburt.

Neste ponto, estou no nível, novamente, que poderia ser comparado ao eu número seis de Dunne, enquanto eu próprio. Comunico através da terceira camada indiferenciada, que poderia ser comparada à consciência no tempo três de Priestley.

Repito-me porque quero tornar os pontos claros, e este material é difícil. Mas as coisas simplesmente não acontecem como Dunne supôs. Ele acertou ao levar os seus tempos mais além do que Priestley, mas enganou-se ao supor que a serialização continuava indefinidamente nos mesmos moldes.

As suas observações não eram suficientemente completas, pois há mudanças a ocorrer agora que ele não percebeu. Por isso, não as projetou para esses outros tempos. O eu em devir torna-se cada vez mais consciente das suas próprias porções e desses vários aspetos do tempo em que essas porções estão — ou estarão — focadas.

Não creio que Dunne tenha compreendido isto. Não há serialização como ele imaginou, a partir de certo ponto, simplesmente porque essa progressão de “eus” através de vários tempos, de modo serial, deixa de ser necessária. Os “eus” atingem um ponto — que não é um ponto teórico, mas um ponto matematicamente existente — no qual esses tempos e “eus” simplesmente se tornam um só ou, nos nossos termos, uma entidade.

Devo sublinhar que a individualidade nunca se perde. Mas este é um assunto demasiado complexo para desenvolver esta noite. Explicámo-lo, contudo, de forma bastante adequada em termos de ação, e “gestalts” de “eus” não implicam de todo a renúncia à individualidade. Convém recordar aqui que a reencarnação é simplesmente um facto — e um que não é aceite por Priestley nem por Dunne.

A reencarnação, considerada sob esta luz, é, na verdade, muito mais lógica do que um tempo recorrente. E, já agora, também se integra de forma muito mais lógica nestas teorias, embora tanto Priestley como Dunne, creio eu, não o conseguissem admitir.

Ora bem. A certa altura, tu, José, o Ruburt e eu fazemos parte da mesma entidade. Essa entidade é a tal síntese que Dunne não previu, mas que de modo nenhum implica perda de identidades individuais. Isto é

extremamente difícil de explicar, já que, quando uso a expressão “identidade individual”, não me refiro principalmente à identidade egóica. Na verdade, sou, de um certo modo — e apenas de um modo —, um eu futuro (extremamente simplificado) do Ruburt; que poderia, suponho, ser comparado a um teórico eu número doze, segundo Dunne.

Mas nós três somos todos parte de outra entidade, ou melhor, de uma entidade que existe naquele ponto em que a serialização de Dunne se desfaz e tem lugar uma nova síntese.

Ora. Nesse sentido, estou mais próximo do Ruburt do que de ti. Contudo, tenho estado ligado a ambos no passado, e isso fica para outra noite. E, nesse ponto de síntese, faremos parte da mesma entidade.

Isto é tudo por uma questão de simplicidade —

(Aqui a Jane riu-se.)

— acredita se quiseres. Porque, na realidade, já agora, percebes, fazemos parte da mesma entidade. Portanto, se tiveres paciência comigo, tu representas um dos “eus” pelos quais tenho de viajar para comunicar. Está claro?

(«Sim.» (A Jane, ainda a sorrir, fitou-me. Os seus olhos muito abertos estavam muito escuros.) Queres fazer uma pausa?)

(«Quero.» (Pausa às 23h22. A Jane disse agora que estivera muito bem dissociada durante a última comunicação. Tinha uma vaga memória de, por vezes, os olhos se abrirem. Tinha fumado muito e a voz estava a ficar seca. A sua comunicação fora rápida e enfática.) (Salvo um ou outro impulso suave ocasional, a chama da vela mantivera-se ao mesmo nível.) (O Seth começou a explicar a sua origem e a origem deste material nas sessões muito iniciais. Na 15.ª sessão, por exemplo, comparou o seu estado ao estado de sonho de um indivíduo físico. Pela 50.ª sessão, tratava dos problemas envolvidos em comunicar connosco. Pela 63.ª, explicava o seu estado como energia não materializada em massa; isto depois de nos dizer, na 54.ª sessão, que a Jane, o Seth e eu tínhamos sido parte da mesma entidade em tempos; disse que não nos podia dizer isto mais cedo porque eu e a Jane saltaríamos de imediato para a conclusão de que ele fazia parte do subconsciente da Jane.) (Na 45.ª sessão, o Seth disse um pouco no sentido de que eu a ajudava a obter a energia necessária para estas comunicações. Nas 88.ª e 152.ª sessões, o Seth entrou até certo ponto na terceira camada indiferenciada da Jane, e depois desenvolveu um pouco mais a relação entre nós na 157.ª sessão.) (A comunicação da Jane manteve-se rápida e enfática. Tinha os olhos abertos e estava a fumar quando reatou às 23h25.)

Ora bem. Não vos vou reter mais, embora me custe parar aqui.

É por causa da peculiar ligação de “eus” que as nossas comunicações são possíveis. Pela mesma razão, tais comunicações são relativamente raras, pois são necessárias muitas condições e circunstâncias; e o eu

número um é levado a suportar tensões que lhe são estranhas e a perceber dados que não fazem sentido dentro do seu sistema de tempo número um.

Por isso, tenho sempre pendido para o lado da prudência. Mas essas tensões e esses dados, até certo ponto, elevam o eu número um para além das limitações do tempo número um e proporcionam um avanço que, normalmente, não seria possível. Pois o tempo número um mudou para ambos desde que as nossas sessões começaram, e já não vos parece a prisão que parecia dantes.

O tempo número um não pode conter outros tempos, mas a consciência, com ajuda, pode, até certo ponto, perceber esses outros tempos. E essa percepção permite então que a consciência escape a alguns dos confinamentos desse único tempo. O nosso presente amplo, de que tenho falado, contém todos os tempos, mas não é algo separado deles, nem exatamente a sua soma. É sempre desdobrado e móvel, e muda a si mesmo.

Lamento. Esqueci-me da tua mão de escrever, que suponho estar algo murcha. (*«Está.» (Na 44.^a sessão, o Seth começou uma lista de qualidades e atributos incluídos no presente amplo. Até à data são onze: clima de valor da realidade psicológica; transformação de energia; espontaneidade; durabilidade; criação; consciência; capacidade de mobilidade infinita; lei de mutabilidade e transmutação infinitas; cooperação; chegada e partida — significando nascimento e morte físicos —; e profundidade de qualidade, a perspetiva em que uma ideia pode expandir-se, substituindo o nosso tempo e espaço.)*

Assim sendo, terminarei com pesar a nossa discussão por esta noite.

Creio que é evidente, aliás, nos nossos próprios testes, que alguma precisão começa a manifestar-se, pois, nas associações gerais ligadas ao objeto, surgem agora pontos identificativos relativos ao objeto específico.

Estarei convosco durante as vossas férias, mesmo que não seja a vossa ideia do popular Pai Natal.

(*«Boa noite, Seth.» (Termina às 23h35. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos abriram-se por vezes. A chama da vela não mostrou qualquer alteração de importância durante a sessão; a Jane disse que não dera pela chama, de uma forma ou de outra, durante toda a noite. A minha mão de escrever estava cansada. Antes da sessão, a Jane estava cansada; agora sentia-se bem. Disse que o Seth poderia ter continuado a noite toda.)*

(*Enquanto o Bill e a Peggy Gallagher estiveram de férias em Porto Rico, em outubro passado, o Seth deu impressões sobre eles nas sessões seguintes: a 199.^a, de 18 de outubro; a 200.^a, de 20 de outubro; e a 201.^a, de 25 de outubro. Não houve correspondência, telefonemas, etc., entre nós os quatro durante esse período.) (Os Gallagher analisaram oralmente connosco o material do Seth um ou dois dias após regressarem de férias; foi na noite da sessão extra, não programada, de quinta-feira, 28 de*

outubro, e eu só tive tempo para algumas notas escritas rápidas. Obtivemos posteriormente este relato escrito deles e, ao cruzarmos os dados com eles várias vezes, eu e a Jane depressa percebemos que muito esforço podia ser poupado obtendo um relato escrito o mais cedo possível após qualquer experiência desse tipo.) (Assim, eu e a Jane seguimos este procedimento relativamente aos dados que o Seth forneceu sobre a viagem de trabalho da Peggy a Washington, DC, em dezembro. Um período de perguntas e respostas por escrito teve lugar com a Peggy um ou dois dias após o seu regresso. A Peggy colaborou de forma total e deu muita informação. Salientei que não queríamos pôr palavras na sua boca relativamente aos dados do Seth, e ela concordou que não o faríamos.) (As afirmações do Seth são apresentadas integralmente de cada sessão, com os comentários da Peggy e do Bill logo abaixo de cada afirmação em *itálico*. Os Gallagher concordaram com cada resposta, relativamente ao material de Porto Rico. Chegaram a San Juan, Porto Rico, no domingo, 17 de outubro. Começamos com o material do Seth sobre eles da 199.^a sessão, de 18 de outubro de 1965, às 21h00.)

Um grande edifício branco ou em tons pastel, com o qual tiveram algo a ver hoje. Flores aqui.

(“O nosso hotel era branco. Havia flores de várias cores ao longo da estrada perto do nosso hotel.”)

Gradeamento de ferro. Hacienda... Lucinda (foneticamente).

(“Não a ambos.”)

Passaram por aqui. Grades de ferro nas janelas, não é prisão.

(“Sim. A maioria das janelas abertas gradeadas, à maneira espanhola.”)

Jornais vendidos à frente, no exterior.

(“Não, mas os jornais vendiam-se na receção do hotel.”)

Mais tarde, noutra ponta desta mesma cidade, passam por barracas.

(“Sim.”)

Isto é na porção noroeste.

(“De um modo geral, norte ou nordeste.”)

Uma rua. Saint Severin (foneticamente).

(“Não.”)

Um monte bastante alto de terra escura.

(“Não.”)

Ficam num edifício de estuque cor-de-rosa.

(“O edifício tinha um acabamento de cimento rugoso, mas não era cor-de-rosa.”)

Com encaixes de varanda que são redondos. A base não é redonda. A parte entre... o que seria o corrimão da varanda e o telhado é redonda.

Andaram de bicicleta.

(“Não.”)

Talvez no quarto haja um candeeiro bastante elaborado, sobre uma mesa, que representa uma cena e que brilha quando está aceso.

(“Havia no nosso quarto um candeeiro de mesa bastante ornamentado, de bambu, decorado com flores — flores pintadas.”)

Deem-nos mais um momento e tentaremos apanhá-los agora. (Às 21h50.) Ao ar livre, numa varanda.

(“Não. Mas a casa de hóspedes onde ficámos na sexta-feira tinha uma varanda.”)

Malas abertas por perto.

(“Sim. No nosso quarto na noite de segunda-feira.”)

Uma blusa decotada e uma saia clara.

(“Não.”)

O dono do local onde ficam tem 50 anos ou por aí. Nome a começar por M e a acabar em A.

(“Não sabemos.”)

E uma ligação com um cão.

(“Na casa de hóspedes onde ficámos em St. Thomas, um cão grande, animal de estimação da família, andava por perto a maior parte do tempo. Isto foi novamente na sexta-feira e no sábado, 22-23 de outubro.”)

(Note-se que esta informação foi dada na segunda-feira, 18 de outubro.)

Pensam numa ilha que soa a Sumatra, mas não é. São duas palavras. Mais parecido com San Mutro, embora eu não creia que seja exato.

(“Falámos em ir à ilha próxima de St. Thomas.”)

Uma avenida a começar por B, ou San B, ponto, onde almoçaram. San Beninno (foneticamente) ou similar.

(“Não.”)

Um toldo às riscas. Um jantar a 3,75. Creio que é o preço.

(“Na noite de segunda-feira, um dos jantares custou \$3,75. No domingo seguinte, um restaurante onde comemos tinha um toldo às riscas.”)

Um cobertor azul na cama onde dormem.

(“Não. Verde e branco.”)

A compra de um objeto que é como uma pequena escultura. Capto a forma de um urso.

(“Em St. Thomas, na segunda-feira seguinte, comprámos uma pequena escultura de uma ave.”)

Alguma chuva.

(“Choveu um pouco, como acontecia quase todos os dias.”)

(Da 200.ª sessão, quarta-feira, 20 de outubro de 1965, às 21h00. Como de costume, as impressões do Seth estão em tipo normal; os comentários escritos de Bill e Peggy Gallagher, em itálico abaixo.)

Os vossos amigos, meus amigos — o jesuíta e o amante de gatos — estão a dormir num quarto diferente daquele em que estavam na nossa última sessão.

(“Não.”)

Fica perto de água, mais a oeste, e noutra cidade ou local.

(“O nosso hotel ficava perto de água, na praia. Mas era o mesmo hotel em que ficámos na segunda-feira passada.”)

Fica para as traseiras em vez da frente do edifício, para o lado e para trás.

(“Sim. Tínhamos um quarto de canto nas traseiras.”)

Com uma árvore imediatamente fora da janela; um tipo de árvore frondosa, com algo como picos.

(“Sim. Era um pouco como uma palmeira, só que mais baixa. As folhas faziam barulho com o vento.”)

Algum tipo de teatro. Visitaram-no ou fica perto, e passaram por ele a caminho desse sítio.

(“Não.”)

Há um telefone neste quarto.

(“Sim.”)

Viram um filme sobre uma mulher com amantes e um aleijado, ou talvez um anão. Compraram um crucifixo, creio, pequeno, para usar numa corrente.

(“Não a ambos.”)

Comeram num sítio com janelas largas e estores, fechados por causa do sol. Uma janela extremamente comprida, à frente, ao comprimento inteiro do edifício, coberta com esse estore.

(“É possível. Este tipo é comum em Porto Rico.”)

Comeram com a irmã da Peggy e o marido, ou falaram deles durante a refeição, de modo imediato, a pensar neles com muita intensidade. Talvez a marcar um encontro com eles para esta noite.

(“Jantámos com eles na segunda-feira à noite, 18 de outubro. Sem dúvida falámos deles hoje, já que na segunda-feira à noite os quatro combinámos ir à ilha próxima de St. Thomas na sexta-feira seguinte, 22 de outubro.”)

(Ver as notas na página 13 da 200.^a sessão. A irmã da Peggy casou no sábado, 16 de outubro; os noivos partiram de imediato para Porto Rico em lua de mel. A Peggy e o Bill partiram para Porto Rico de férias no domingo, 17 de outubro. Eu e a Jane fomos informados de que os dois casais não tinham planos para se encontrarem em Porto Rico, curiosamente; lembramo-nos, por exemplo, de a Peggy dizer que não gostaria de passar a lua de mel com familiares por perto. Mas estes planos foram obviamente alterados, encontrando-se os dois casais em breve em San Juan.)

O marido da irmã tem um porte atarracado e usa muitas vezes as mãos no trabalho.

(“Não, quanto ao porte atarracado do marido. Ele é alto e esguio. Sim, no sentido em que usa as mãos no trabalho. É empreiteiro.”)

(Também na página 13, regista-se que eu e a Jane não conhecíamos a noiva e o noivo. Mais tarde descobrimos que os tínhamos conhecido uma vez, brevemente, quando estavam noivos. No entanto, nenhum de nós conhece os restantes membros da família da Peggy e, à data da 200.^a sessão, nem eu nem a Jane estávamos conscientemente a par de que, de facto, já tínhamos conhecido a irmã da Peggy e o noivo.)

Deixem ver se os consigo apanhar neste momento. (Às 21h41.) Uma ligação com dados.

(“Sim. Não na quarta-feira; mas na noite de quinta-feira passámos por um casino onde havia dados e jogo.”)

Um homem idoso e joias.

(“Sim a ambos. O Bill lembra-se claramente de um homem branco, com pelo menos 60 anos, segundo a sua estimativa, que estava ao lado dele na mesa de roleta no casino. O Bill reparou que o homem usava três anéis nos dedos; achou isto bastante invulgar.”)

Uma pequena contrariedade. Penso num maço de cigarros, de marca não americana, embora nenhum deles fume. Um xaile como prenda.

(“Não a estes três.”)

Uma determinada rua sem saída que deverá ser significativa para eles no regresso.

(“O nosso hotel ficava numa rua que terminava no oceano.”)

Tenho a impressão: Clor-ra-door, mas não sei a que se refere. Foneticamente.

(“Não.”)

Também um lago interior.

(“Sim. No nosso hotel, The Americana, há uma piscina muito pouco profunda que fica, na verdade, metade dentro e metade fora do hotel, no rés-do-chão, que é um nível abaixo do átrio. Esta piscina estende-se do exterior para o interior do hotel e é decorada com flores, etc.”)

(Da 201.^a sessão, segunda-feira, 25 de outubro de 1965, às 21h00. Como de costume, as impressões do Seth estão em tipo normal; os comentários escritos dos Gallagher, em itálico, abaixo de cada afirmação.)

Um avião. Imediatamente atrás dos nossos amigos há uma mulher de azul.

(“No domingo ao meio-dia, 24 de outubro, regressámos de avião de St. Thomas, Ilhas Virgens, para San Juan, Porto Rico. Havia uma mulher vestida de azul no avião. Mas ela sentou-se imediatamente à frente de nós e à direita.”)

Diretamente em frente dos nossos amigos há um casal de meia-idade... (*A Jane faz uma pausa e abana a cabeça, intrigada.*) Vamos tentar esclarecer isto. O casal vem de Daytona ou Dayton. O homem tem ligação com o negócio do papel, mas não com jornal. A produção do próprio papel.

(*“Não sabemos. Não nos lembramos de tal casal.”*)

Chegada a Nova Iorque às onze, talvez 11h05. (*De novo a Jane abana a cabeça, perplexa ou irritada.*)

(*“Chegámos a Nova Iorque na terça-feira, 26 de outubro, às 16h00.*

“No entanto, quando voámos para St. Thomas a partir de San Juan, na sexta-feira, 22 de outubro, o nosso avião levantou voo às 10h45.”)

(*Talvez a perplexidade da Jane ao fornecer os dados nesta página se devesse a estar a confundir vários voos. Os Gallagher fizeram quatro viagens de avião no espaço de cinco dias: de San Juan para St. Thomas e regresso; de San Juan para Nova Iorque; de Nova Iorque para Elmira, NY.*)

Há algo — uma porta de embarque ou pista — com o número 3... 5... 35. Possivelmente o número no talão de bagagem. Mas um destes é 35.

(*“O número do nosso talão de bagagem era 453 ou 455.”*)

A mulher imediatamente atrás do assento dos nossos amigos pode ter uma criança consigo. Se sim, uma criança do sexo feminino, mas não há homem nesse lugar.

(*“No nosso voo para Nova Iorque, uma mulher e uma criança sentaram-se do outro lado do corredor e um pouco à frente de nós. Não havia homem com elas. Não nos lembramos se a criança era rapaz ou rapariga.”*)

Caminham através de um edifício grande, muito provavelmente um terminal, pois há balcões de um tipo à direita.

(*“Sim. Caminhámos por um terminal grande ao chegarmos a Nova Iorque.”*)

A úlcera do nosso amigo pode dar um ligeiro incómodo aqui, quando ele passa pelo terminal.

(*“Sim. A úlcera do Bill incomodou-o nessa altura.”*)

(*O Bill disse-nos que a úlcera o incomodou um pouco mais do que o habitual durante as férias. Disse que, normalmente, em viagens deste género não sente dor nenhuma.*)

Há uma breve discussão sobre para onde ir a seguir.

(*“Sim. Decidimos procurar um sítio para comer uma sandes antes do voo para Elmira.”*)

Algures durante as suas deslocações encontraram um cavalheiro de cabelo branco. Creio que o nome começa e acaba em A. Idade cerca de 62, talvez mais. O interesse foi de natureza profissional e não social, em ligação com este homem.

(*“Não.”*)

Neste momento — isto é, agora (21h44, segunda-feira, 25 de outubro) — o nosso amante de gatos está a ler. O nosso jesuíta está a estudar pessoas, e eles estão a voar.

(“No avião, na terça-feira, 26 de outubro, eu li durante a viagem. O Bill passou o tempo a observar pessoas.”)

Um vestido ou casaco com muitos botões.

(“Não.”)

Um rapazito várias filas à frente.

(“Não.”)

Também uma viagem de táxi. O nosso amante de gatos ri-se. Uma tarifa de três dólares, que parece elevada.

(“Sim. Isto ocorreu uma semana antes, no domingo à noite em que chegámos a San Juan, 17 de outubro. Pagámos \$3,00 para ir do aeroporto ao hotel. Achámos a tarifa demasiado alta e ficámos os dois zangados; da última vez que visitámos San Juan, a mesma viagem custou menos de \$2,00; talvez \$1,50.”)

Um motorista de táxi idoso, em vez de jovem, com um pescoço atarracado.

(“O taxista era mais jovem do que idoso. Mas a parte de trás do pescoço tinha um aspeto estranho, rugoso e mosqueado que, visto de trás, nos fez parecer mais velho. O seu pescoço podia ser chamado de atarracado.”)

Uma direção principalmente para a direita, após uma viragem.

(Ao dar este material durante a sessão, a Jane sentiu o movimento muito rápido da viragem.)

(“Sim. O taxista virou bruscamente à direita e seguiu nessa direção. Isto aconteceu depois de ele passar um sinal vermelho e nos assustar.”)

Um quarto no quinto andar ou acima, mas não abaixo. Também comem aí uma refeição. Capto alguma ligação com a palavra “elm” e este edifício.

(“O nosso quarto de hotel era no quarto andar. Não vemos ligação com a palavra «elm».”)

(Os Gallagher acreditam que a seguinte impressão, dada pelo Seth na mesma sessão como aplicando ao Dr. Instream, se aplica, em vez disso, a eles. A Jane deu os dados após a pausa, que presumivelmente terminara o teste dos Gallagher:)

Um pano, como um lenço, pousado sobre a mesa, e uma vela. Vermelha, creio... Agora penso em duas velas, e a peça de tecido é branca, o pano sobre a mesa.

([Peggy:] “Num restaurante no domingo à noite, tínhamos velas na mesa. A toalha era branca. Tínhamos bases vermelhas, dando um efeito axadrezado.”)

(No final da 201.^a sessão, concluindo os testes dos Gallagher em Porto Rico, o Seth afirmou:)

Possivelmente em Nova Iorque os vossos outros amigos comem peru. É melhor comer peru d Creio que ocorrerá um acontecimento algo bizarro, relativamente aos Gallagher, por volta das cinco horas, durante as suas férias.

(O Bill Gallagher escapou por um triz de se afogar enquanto fazia mergulho de superfície em Porto Rico. Ele dificilmente classificaria isto como uma experiência bizarra. O Seth trata do assunto até certo ponto na sessão não programada 203, de 28 de outubro de 1965.)

(Contudo, o Bill teve em Porto Rico uma experiência que disse poder ser chamada de bizarra. Tem bastante certeza de que nunca teve outra semelhante e acredita que, se não estivesse algo familiarizado com estas sessões, também esta lhe teria passado despercebida; isto é, não a teria levado por diante.)

(A experiência não teve lugar às cinco horas, mas mais tarde, numa noite, enquanto o Bill e a Peggy estavam num restaurante em San Juan. O restaurante tinha, como entretenimento, uma pianista branca, porto-riquenha. Durante uma pausa, ela ficou ao lado do Bill no bar. O Bill teve então a estranha sensação de que ela voltaria de imediato ao piano, num estrado elevado, e começaria a tocar. E assim foi. O Bill passou então a indicar, pela ordem correta, os três primeiros números que a pianista tocaria. Não faz ideia de como foi capaz de o fazer, nem por que se sentiu impelido a fazê-lo. Depois dos três acertos iniciais, sentiu a capacidade esmorecer e começou a errar.)

(A pianista também cantava os temas que tocava.)

(A Jane tentou igualmente experiências de “tempo psicológico” enquanto os Gallagher estavam em Porto Rico. Durante estas, deitava-se quieta na cama, de olhos fechados, e tentava contactar a Peggy e o Bill, quer atuando como recetora de dados, quer projetando o seu corpo astral para o local onde eles se encontravam. Todas as experiências tiveram lugar ao fim da manhã, geralmente com a duração de cerca de meia hora. A Jane tentou cinco vezes, de segunda-feira, 18 de outubro, a sexta-feira, 22 de outubro de 1965.)

(Os Gallagher deram as suas respostas por escrito a este material, tal como fizeram com o material do Seth. Desta vez, na cópia que se segue, as notas de “tempo psicológico” da Jane estão em tipo normal, seguidas dos comentários dos Gallagher em itálico.)

(18 de outubro, das 11h30 ao meio-dia, segunda-feira: a Jane pediu especificamente informações sobre os Gallagher, mas não registou nada que eles conseguissem identificar.)

(19 de outubro, 11h10 às 11h50:) Música, não vinda de um rádio. Um espetáculo.

(“Possível. As pessoas pareciam estar sempre a cantar.”)

San Wano Beach (fonético).

(“Sim. Nadámos duas vezes na Praia Municipal de San Juan.”)

(Nota de R.F.B.: Depois de a Peggy e o Bill partirem para Porto Rico, questioneei a Jane para ver quão amplo era o seu conhecimento geográfico da ilha. Verificou-se que tinha apenas a noção mais geral, no sentido de que ficava a sul da Florida, nas Caraíbas. Não sabia, por exemplo, o nome San Juan; nem os Gallagher lho tinham dito, já que lhes pedimos que nada nos contassem sobre a sua viagem projetada, assim que ela foi mencionada.)

O Bill usa uns calções de banho cor de azeitona.

(“Eram azuis.”)

A Peg usa um fato de banho preto, de peça única, com decote em V.

(“Não. Um fato de banho azul com flores.”)

Edifício sobre uma arriba alta, uma estrutura do tipo estacas a avançar. Praia em baixo, tipo enseada.

(“Havia vários desse tipo em St. Thomas.”)

(A Jane também não sabia que tanto Porto Rico como St. Thomas são ilhas muito montanhosas.)

(Note-se que estes dados foram recebidos a 19 de outubro e que os Gallagher só chegaram a St. Thomas a 22 de outubro. O Seth também deu informações relativas a St. Thomas a 18 de outubro.)

Charlie. Ou alguém chama o Bill de Charlie?

(“Não.”)

Agora olho para cima, para a parte de baixo de algo que está a subir, penso que um pequeno avião ou barco, talvez.

(“É possível. Parecia haver aeronaves à nossa volta o tempo todo.”)

(A referência ao barco aqui faz-nos pensar também que pode estar ligada aos dados seguintes da Jane.)

Vejo alguém do sexo masculino: o Bill? A mergulhar, ou pelo menos debaixo de água. Barbatana(s), não recordo um garrafão, parece que tem máscara.

(“Sim. O Bill foi nadar. Também fez snorkeling, com máscara facial mas sem garrafa.”)

(O “snorkel” permite ao mergulhador respirar por um tubo até à superfície, permanecendo debaixo de água. O Bill disse que a referência ao barco acima lhe lembra o aspeto peculiar que as coisas parecem ter à superfície da água quando vistas de baixo. Várias vezes, enquanto fazia snorkeling, esteve junto a falésias ou saliências de coral que se erguiam acima dele. A rebentação por cima da cabeça parecia ter um «movimento branco lateral». Tinha um aspeto mais ou menos sólido, como o teto branco de uma sala.)

A Peg, na margem, seca o cabelo com uma toalha branca. Está molhado. O Bill salpicou-a?

([Peg:] “Eu tinha uma toalha branca, mas usei-a para me sentar na areia. O Bill não me salpicou.”)

Um pequeno crânio branco.

(“O Bill tem aqui uma associação geral nítida, mas não consegue recordar pormenores.”)

(Mais tarde, o Bill disse-nos que a associação ao crânio pode estar ligada aos esqueletos de peixes que viu no fundo do mar enquanto fazia mergulho de superfície; mas não tem a certeza.)

Um pequeno crucifixo.

(“Não.”)

(20 de outubro, 11h30 ao meio-dia: a Jane tentou, sem sucesso, falar com o Bill Gallagher. Teve uma imagem rápida e nítida de uma duna de areia alta a descer para uma praia. Os Gallagher disseram que isto é bastante possível, mas, claro, pouco mais podiam dizer sobre uma impressão tão geral.)

(21 de outubro, 11h00 às 11h30, quinta-feira:)

Pouco. San Quanamo ou San Guatamalo Beach? A comer pêssegos (peaches) ou sentados em praias (beaches)... As impressões eram palavras.

(Os Gallagher trouxeram um mapa de Porto Rico, incluindo um mapa de ruas de San Juan. É interessante notar que a Reserva Naval dos EUA de San Gerónimo fica a algumas centenas de metros de água aberta do local onde o Bill Gallagher foi nadar e fazer mergulho de superfície.)

(22 de outubro, 11h00 ao meio-dia, sexta-feira. Uma hora:)

(Na 201.ª sessão, de 25 de outubro, o Seth comentou: “...e, aliás, a experiência do Ruburt em tempo psicológico foi perfeitamente legítima.” O relato da Jane sobre a experiência de sexta-feira em “tempo psicológico” foi incluído na 201.ª sessão juntamente com o nosso desenho; repete-se aqui, com a adição dos comentários dos Gallagher e do desenho da Peggy.)

Estava a correr tão bem quando o alarme tocou às 11h30 que o aponte para mais meia hora para além do meu tempo habitual.

Nada do que vi foi muito nítido. Senti que estava de pé numa varanda ou alpendre longo e estreito, com gradeamento. Num motel de dois andares, ou num motel de um andar mas de alguma forma elevado mais do que o usual em relação ao solo.

([Peggy:] “É uma boa descrição da casa de hóspedes onde ficámos em St. Thomas na sexta-feira e no sábado, 22-23 de outubro. A casa de hóspedes tinha dois andares e estava construída na encosta de uma colina íngreme; por isso dava a sensação de estar elevada. Tinha uma varanda comprida com gradeamento e bancos.”)

Olhei para baixo, para uma piscina, e senti que, para além dela, era visível o oceano ou um grande corpo de água. Se oceano, talvez parte de uma baía com margens visíveis?

([Peggy:] “Da varanda, víamos a baía e o oceano para lá dela.”)

Portas davam para a varanda longa e estreita, que se estendia por todo o comprimento, e perguntei a mim própria se o Bill e a Peg estariam aqui alojados. Pensei que o quarto deles pudesse ter a porta perto do centro da varanda.

([Peggy:] “Sim. A nossa porta dava para o centro da varanda.”)

Tive a impressão da Peg sentada junto à piscina, com o Bill dentro dela. Estive sempre a dizer-lhes que estava ali ao pé, caso conseguissem ver alguma coisa de mim. Contudo, sabia que continuava deitada na cama enquanto tentava projetar-me para o local onde eles estavam.

([Peggy:] “Em nenhum momento tivemos consciência da presença da Jane.”)

Depois de voltar a acertar o alarme, tentei deambular para o outro lado do motel para encontrar um letreiro com o nome. Em vez disso, observei um homem de cima e por trás; a vestir fato, chapéu, a transportar uma mala ou pasta. Atravessou uma área de asfalto negro e caminha no passeio junto a um edifício grande e maciço.

([Peggy:] “Sim. O Bill observou um homem assim mesmo à porta da casa de hóspedes. Era negro. O Bill viu esse homem todas as manhãs; reparou nele porque vestia fato e chapéu como se fosse em trabalho, em vez do vestuário de turista habitual. Levava uma pasta preta. O edifício grande e maciço era uma estação de correios.”)

Agora, quanto a sensações:

Primeiro, alcancei uma projeção parcial de algum tipo e pensei que poderia completá-la, mas não consegui. Fortes sensações de arrepio, de ser levada. Movimentos estranhos de algum tipo. Sentia o cobertor sobre mim e a almofada no pescoço mexerem-se de modo invulgar, como se o meu corpo físico fizesse movimentos desacostumados, embora eu estivesse imóvel. Fortíssimas sensações momentâneas de ser levada, embora estas sejam palavras pobres para descrever isto. Extremada leveza, ausência de peso.

A certa altura pensei ver montanhas, como se estivesse a flutuar.

([Peggy:] “St. Thomas é muito acidentada.”)

(Como já foi dito, a Jane não sabia que tanto Porto Rico como a vizinha St. Thomas são muito montanhosas.)

Depois, sensação de mudança de direção, mais para cima em linha reta, ainda que mantendo-me coesa. Houve um momento em que eu tinha consciência de estar a olhar para as copas das árvores contra um céu cinzento.

(25 de outubro, 11h30 ao meio-dia, segunda-feira: maus resultados.)

(O mapa de Porto Rico que o Bill Gallagher trouxe inclui um mapa de ruas de San Juan e de outras grandes cidades, com um índice de nomes de ruas. Um exame rápido por nomes semelhantes aos dados foneticamente por Seth/Jane durante as experiências não produziu resultados, com a exceção da aparente semelhança entre San Gerónimo e as impressões de “tempo psicológico” da Jane, San Quanamó e San Guatamálo. Quaisquer outras semelhanças descobertas mais tarde serão acrescentadas ao registo.)

(A Peggy Gallagher é redatora de “features” no Elmira Star-Gazette and Advertiser, um jornal Gannett. Entre 6 e 9 de dezembro, o jornal enviou-a a Washington, DC, para participar num Seminário sobre Pobreza, conduzido pelo Office of Economic Opportunity, dirigido por R. Sargent Shriver.)

(O Seth deu dados sobre a viagem da Peggy nas sessões 214 e 215, de 6 e 8 de dezembro. Deu também alguns dados preliminares sobre a viagem durante uma sessão não programada realizada a 3 de dezembro; a Peggy levou consigo para Washington uma cópia dessas previsões. O Seth listou nove previsões e a Peggy confirmou três. O Seth deu-as na presença da Peggy; a sua taxa de acerto nas duas sessões realizadas enquanto ela estava em Washington foi bastante melhor.)

(Assim que percebemos que a viagem da Peggy proporcionaria uma boa oportunidade para outro teste, pedimos-lhe que não nos dissesse mais nada sobre ela. Nessa altura já sabíamos que iria a Washington, mas a Jane não acredita que a Peggy lhe tenha dito, por exemplo, especificamente, que ia cobrir um seminário sobre pobreza. Seja como for, pouco nos foi dito de antemão sobre a viagem. A própria Peggy só soube da viagem poucos dias antes de partir.)

(Regressou a Elmira a 9 de dezembro e, a 10, realizou-se uma sessão de perguntas e respostas por escrito. Eu e a Jane esforçámo-nos por obter respostas detalhadas às afirmações do Seth, e a Peggy colaborou de forma excelente. A entrevista durou cerca de duas horas. Mais uma vez, sublinhámos que não queríamos pôr palavras na sua boca relativamente ao material do Seth, e ela concorda que não o fizemos.)

(Tal como nas experiências de Porto Rico, o material do Seth é apresentado linha a linha, em tipo normal, com as respostas da Peggy abaixo. Estas respostas são citações das minhas notas feitas durante a entrevista. Começemos com o material do Seth da 214.ª sessão, de 6 de dezembro de 1965.)

Agora, veremos o que conseguimos fazer. Uma conversa sobre a sobrevivência da tua nação. A nossa amiga amante de gatos assiste a esta discussão.

(A Peggy assistiu a esta discussão. A conversa não dizia respeito à sobrevivência da nação, mas de alguns indivíduos dentro dela; foi um seminário sobre pobreza.)

Talvez numa sala com o número 312.

o que corvo.

(Os Gallagher disseram que não comeram sandes de peru ao chegar a NYC, mas outras.)

(Concluindo a 197.^a sessão de 11 de outubro de 1965, realizada uma semana antes de os Gallagher partirem de férias para Porto Rico, o Seth afirmou:)

Creio que ocorrerá um acontecimento algo bizarro, relativamente aos Gallagher, por volta das cinco horas, durante as suas férias.

(O Bill Gallagher escapou por um triz de se afogar enquanto fazia mergulho de superfície em Porto Rico. Ele dificilmente classificaria isto como uma experiência bizarra. O Seth trata do assunto até certo ponto na sessão não programada 203, de 28 de outubro de 1965.)

(Contudo, o Bill teve em Porto Rico uma experiência que disse poder ser chamada de bizarra. Tem bastante certeza de que nunca teve outra semelhante e acredita que, se não estivesse algo familiarizado com estas sessões, também esta lhe teria passado despercebida; isto é, não a teria levado por diante.)

(A experiência não teve lugar às cinco horas, mas mais tarde, numa noite, enquanto o Bill e a Peggy estavam num restaurante em San Juan. O restaurante tinha, como entretenimento, uma pianista branca, porto-riquenha. Durante uma pausa, ela ficou ao lado do Bill no bar. O Bill teve então a estranha sensação de que ela voltaria de imediato ao piano, num estrado elevado, e começaria a tocar. E assim foi. O Bill passou então a indicar, pela ordem correta, os três primeiros números que a pianista tocaria. Não faz ideia de como foi capaz de o fazer, nem por que se sentiu impelido a fazê-lo. Depois dos três acertos iniciais, sentiu a capacidade esmorecer e começou a errar.)

(A pianista também cantava os temas que tocava.)

(A Jane tentou igualmente experiências de “tempo psicológico” enquanto os Gallagher estavam em Porto Rico. Durante estas, deitava-se quieta na cama, de olhos fechados, e tentava contactar a Peggy e o Bill, quer atuando como recetora de dados, quer projetando o seu corpo astral para o local onde eles se encontravam. Todas as experiências tiveram lugar ao fim da manhã, geralmente com a duração de cerca de meia hora. A Jane tentou cinco vezes, de segunda-feira, 18 de outubro, a sexta-feira, 22 de outubro de 1965.)

(Os Gallagher deram as suas respostas por escrito a este material, tal como fizeram com o material do Seth. Desta vez, na cópia que se segue, as

notas de “tempo psicológico” da Jane estão em tipo normal, seguidas dos comentários dos Gallagher em itálico.)

(18 de outubro, das 11h30 ao meio-dia, segunda-feira: a Jane pediu especificamente informações sobre os Gallagher, mas não registou nada que eles conseguissem identificar.)

(19 de outubro, 11h10 às 11h50:) Música, não vinda de um rádio. Um espetáculo.

(“Possível. As pessoas pareciam estar sempre a cantar.”)

San Wano Beach (fonético).

(“Sim. Nadámos duas vezes na Praia Municipal de San Juan.”)

(Nota de R.F.B.: Depois de a Peggy e o Bill partirem para Porto Rico, questioneei a Jane para ver quão amplo era o seu conhecimento geográfico da ilha. Verificou-se que tinha apenas a noção mais geral, no sentido de que ficava a sul da Florida, nas Caraíbas. Não sabia, por exemplo, o nome San Juan; nem os Gallagher lho tinham dito, já que lhes pedimos que nada nos contassem sobre a sua viagem projetada, assim que ela foi mencionada.)

O Bill usa uns calções de banho cor de azeitona.

(“Eram azuis.”)

A Peg usa um fato de banho preto, de peça única, com decote em V.

(“Não. Um fato de banho azul com flores.”)

Edifício sobre uma arribas alta, uma estrutura do tipo estacas a avançar. Praia em baixo, tipo enseada.

(“Havia vários desse tipo em St. Thomas.”)

(A Jane também não sabia que tanto Porto Rico como St. Thomas são ilhas muito montanhosas.)

(Note-se que estes dados foram recebidos a 19 de outubro e que os Gallagher só chegaram a St. Thomas a 22 de outubro. O Seth também deu informações relativas a St. Thomas a 18 de outubro.)

Charlie. Ou alguém chama o Bill de Charlie?

(“Não.”)

Agora olho para cima, para a parte de baixo de algo que está a subir, penso que um pequeno avião ou barco, talvez.

(“É possível. Parecia haver aeronaves à nossa volta o tempo todo.”)

(A referência ao barco aqui faz-nos pensar também que pode estar ligada aos dados seguintes da Jane.)

Vejo alguém do sexo masculino: o Bill? A mergulhar, ou pelo menos debaixo de água. Barbatana(s), não recorro um garrafão, parece que tem máscara.

(“Sim. O Bill foi nadar. Também fez snorkeling, com máscara facial mas sem garrafa.”)

(O “snorkel” permite ao mergulhador respirar por um tubo até à superfície, permanecendo debaixo de água. O Bill disse que a referência

ao barco acima lhe lembra o aspeto peculiar que as coisas parecem ter à superfície da água quando vistas de baixo. Várias vezes, enquanto fazia snorkeling, esteve junto a falésias ou saliências de coral que se erguiam acima dele. A rebentação por cima da cabeça parecia ter um «movimento branco lateral». Tinha um aspeto mais ou menos sólido, como o teto branco de uma sala.)

A Peg, na margem, seca o cabelo com uma toalha branca. Está molhado. O Bill salpicou-a?

([Peg:] “Eu tinha uma toalha branca, mas usei-a para me sentar na areia. O Bill não me salpicou.”)

Um pequeno crânio branco.

(“O Bill tem aqui uma associação geral nítida, mas não consegue recordar pormenores.”)

(Mais tarde, o Bill disse-nos que a associação ao crânio pode estar ligada aos esqueletos de peixes que viu no fundo do mar enquanto fazia mergulho de superfície; mas não tem a certeza.)

Um pequeno crucifixo.

(“Não.”)

(20 de outubro, 11h30 ao meio-dia: a Jane tentou, sem sucesso, falar com o Bill Gallagher. Teve uma imagem rápida e nítida de uma duna de areia alta a descer para uma praia. Os Gallagher disseram que isto é bastante possível, mas, claro, pouco mais podiam dizer sobre uma impressão tão geral.)

(21 de outubro, 11h00 às 11h30, quinta-feira:)

Pouco. San Quanamou ou San Guatamalo Beach? A comer pêssegos (peaches) ou sentados em praias (beaches)... As impressões eram palavras.

(Os Gallagher trouxeram um mapa de Porto Rico, incluindo um mapa de ruas de San Juan. É interessante notar que a Reserva Naval dos EUA de San Gerónimo fica a algumas centenas de metros de água aberta do local onde o Bill Gallagher foi nadar e fazer mergulho de superfície.)

(22 de outubro, 11h00 ao meio-dia, sexta-feira. Uma hora:)

(Na 201.ª sessão, de 25 de outubro, o Seth comentou: “...e, aliás, a experiência do Ruburt em tempo psicológico foi perfeitamente legítima.” O relato da Jane sobre a experiência de sexta-feira em “tempo psicológico” foi incluído na 201.ª sessão juntamente com o nosso desenho; repete-se aqui, com a adição dos comentários dos Gallagher e do desenho da Peggy.)

Estava a correr tão bem quando o alarme tocou às 11h30 que o aponte para mais meia hora para além do meu tempo habitual.

Nada do que vi foi muito nítido. Senti que estava de pé numa varanda ou alpendre longo e estreito, com gradeamento. Num motel de dois andares, ou num motel de um andar mas de alguma forma elevado mais do que o usual em relação ao solo.

([Peggy:] “É uma boa descrição da casa de hóspedes onde ficámos em St. Thomas na sexta-feira e no sábado, 22-23 de outubro. A casa de hóspedes tinha dois andares e estava construída na encosta de uma colina íngreme; por isso dava a sensação de estar elevada. Tinha uma varanda comprida com gradeamento e bancos.”)

Olhei para baixo, para uma piscina, e senti que, para além dela, era visível o oceano ou um grande corpo de água. Se oceano, talvez parte de uma baía com margens visíveis?

([Peggy:] “Da varanda, víamos a baía e o oceano para lá dela.”)

Portas davam para a varanda longa e estreita, que se estendia por todo o comprimento, e perguntei a mim própria se o Bill e a Peg estariam aqui alojados. Pensei que o quarto deles pudesse ter a porta perto do centro da varanda.

([Peggy:] “Sim. A nossa porta dava para o centro da varanda.”)

Tive a impressão da Peg sentada junto à piscina, com o Bill dentro dela. Estive sempre a dizer-lhes que estava ali ao pé, caso conseguissem ver alguma coisa de mim. Contudo, sabia que continuava deitada na cama enquanto tentava projetar-me para o local onde eles estavam.

([Peggy:] “Em nenhum momento tivemos consciência da presença da Jane.”)

Depois de voltar a acertar o alarme, tentei deambular para o outro lado do motel para encontrar um letreiro com o nome. Em vez disso, observei um homem de cima e por trás; a vestir fato, chapéu, a transportar uma mala ou pasta. Atravessou uma área de asfalto negro e caminha no passeio junto a um edifício grande e maciço.

([Peggy:] “Sim. O Bill observou um homem assim mesmo à porta da casa de hóspedes. Era negro. O Bill viu esse homem todas as manhãs; reparou nele porque vestia fato e chapéu como se fosse em trabalho, em vez do vestuário de turista habitual. Levava uma pasta preta. O edifício grande e maciço era uma estação de correios.”)

Agora, quanto a sensações:

Primeiro, alcancei uma projeção parcial de algum tipo e pensei que poderia completá-la, mas não consegui. Fortes sensações de arrepio, de ser levada. Movimentos estranhos de algum tipo. Sentia o cobertor sobre mim e a almofada no pescoço mexerem-se de modo invulgar, como se o meu corpo físico fizesse movimentos desacostumados, embora eu estivesse imóvel. Fortíssimas sensações momentâneas de ser levada, embora estas sejam palavras pobres para descrever isto. Extremada leveza, ausência de peso.

A certa altura pensei ver montanhas, como se estivesse a flutuar.

([Peggy:] “St. Thomas é muito acidentada.”)

(Como já foi dito, a Jane não sabia que tanto Porto Rico como a vizinha St. Thomas são muito montanhosas.)

Depois, sensação de mudança de direção, mais para cima em linha reta, ainda que mantendo-me coesa. Houve um momento em que eu tinha consciência de estar a olhar para as copas das árvores contra um céu cinzento.

(25 de outubro, 11h30 ao meio-dia, segunda-feira: maus resultados.)

(O mapa de Porto Rico que o Bill Gallagher trouxe inclui um mapa de ruas de San Juan e de outras grandes cidades, com um índice de nomes de ruas. Um exame rápido por nomes semelhantes aos dados foneticamente por Seth/Jane durante as experiências não produziu resultados, com a exceção da aparente semelhança entre San Gerónimo e as impressões de “tempo psicológico” da Jane, San Quanamo e San Guatamalo. Quaisquer outras semelhanças descobertas mais tarde serão acrescentadas ao registo.)

(A Peggy Gallagher é redatora de “features” no Elmira Star-Gazette and Advertiser, um jornal Gannett. Entre 6 e 9 de dezembro, o jornal enviou-a a Washington, DC, para participar num Seminário sobre Pobreza, conduzido pelo Office of Economic Opportunity, dirigido por R. Sargent Shriver.)

(O Seth deu dados sobre a viagem da Peggy nas sessões 214 e 215, de 6 e 8 de dezembro. Deu também alguns dados preliminares sobre a viagem durante uma sessão não programada realizada a 3 de dezembro; a Peggy levou consigo para Washington uma cópia dessas previsões. O Seth listou nove previsões e a Peggy confirmou três. O Seth deu-as na presença da Peggy; a sua taxa de acerto nas duas sessões realizadas enquanto ela estava em Washington foi bastante melhor.)

(Assim que percebemos que a viagem da Peggy proporcionaria uma boa oportunidade para outro teste, pedimos-lhe que não nos dissesse mais nada sobre ela. Nessa altura já sabíamos que iria a Washington, mas a Jane não acredita que a Peggy lhe tenha dito, por exemplo, especificamente, que ia cobrir um seminário sobre pobreza. Seja como for, pouco nos foi dito de antemão sobre a viagem. A própria Peggy só soube da viagem poucos dias antes de partir.)

(Regressou a Elmira a 9 de dezembro e, a 10, realizou-se uma sessão de perguntas e respostas por escrito. Eu e a Jane esforçámo-nos por obter respostas detalhadas às afirmações do Seth, e a Peggy colaborou de forma excelente. A entrevista durou cerca de duas horas. Mais uma vez, sublinhámos que não queríamos pôr palavras na sua boca relativamente ao material do Seth, e ela concorda que não o fizemos.)

(Tal como nas experiências de Porto Rico, o material do Seth é apresentado linha a linha, em tipo normal, com as respostas da Peggy abaixo. Estas respostas são citações das minhas notas feitas durante a entrevista. Começamos com o material do Seth da 214.ª sessão, de 6 de dezembro de 1965.)

Agora, veremos o que conseguimos fazer. Uma conversa sobre a sobrevivência da tua nação. A nossa amiga amante de gatos assiste a esta discussão.

(A Peggy assistiu a esta discussão. A conversa não dizia respeito à sobrevivência da nação, mas de alguns indivíduos dentro dela; foi um seminário sobre pobreza.)

Talvez numa sala com o número 312.

([Peggy:] «O número da sala começava por 8.» A Peggy sabe-o porque o seminário teve lugar no oitavo andar de um edifício ocupado pelo Office of Economic Opportunity, numa sala de reuniões executiva do OEO.)

O orador é interrompido.

([Peggy:] «Sim. Os oradores eram constantemente interrompidos pelos vários repórteres presentes.»)

Uma sessão de perguntas e respostas.

([Peggy:] «Sim. Havia uma sessão de perguntas e respostas depois de cada orador terminar a sua exposição formal.»)

Três oradores principais na própria discussão.

(A Peggy disse que 3 ou 4 oradores falaram no seminário na sessão da manhã de segunda-feira, 6 de dezembro. Tentou determinar mais tarde o número exato, a partir das suas próprias notas, mas não conseguiu.)

A sobrevivência é aqui uma questão forte, embora formalmente possa não ser o título da discussão.

(Como foi dito, o título era “Um Seminário sobre Pobreza”. No entanto, as discussões tratavam da sobrevivência dos pobres crónicos, dos desfavorecidos, de forma intensa, até desesperada, disse a Peggy. O seminário dizia respeito à sobrevivência literal dessas pessoas e a métodos de elevar o seu nível de vida. Muito mais do que dinheiro estava aqui em causa.)

Um homem louro, de cabelo muito claro, com quem a nossa amiga entra em contacto. Pode ser que ela não goste muito dele.

(A Peggy encontrou um homem de cabelo preto que achou «repulsivo». Disse-nos que considerou esta pessoa realmente perturbadora para si, a nível pessoal; foi um caso de um indivíduo sentir uma forte antipatia por outro. «Vais conhecer um homem de quem não gostas» é uma das previsões antecipadas dadas à Peggy pelo Seth durante a sessão não programada de 3 de dezembro. Eu e a Jane perguntámo-nos que papel poderá a sugestão desempenhar num caso destes. A Peggy disse-nos que também teve essa consciência e que podia afirmar que a sua antipatia pelo indivíduo em questão transcendia qualquer sugestão que pudesse, concebivelmente, estar a operar.)

Algo relacionado com uma federação.

(Nada de específico aqui, a menos que seja uma referência distorcida ao facto óbvio de edifícios governamentais, etc., em Washington.)

Distribuem panfletos.

([Peggy:] «Sim.» A Peggy disse que os repórteres eram inundados de panfletos todos os dias em que estiveram presentes. Ela própria acumulou uma pilha de panfletos com 18 centímetros de altura, pesando vários quilos.)

Indicações para um local a nordeste, talvez, embora eu não saiba, para a palestra de amanhã.

(O seminário manteve-se no mesmo edifício na terça-feira. Mas, na quarta-feira, a Peggy integrou um grupo levado de autocarro até ao Camp Kilmer, que foi entregue ao OEO. O Camp Kilmer fica a nordeste de Washington.)

Um homem em particular com uma máquina fotográfica a tiracolo, que chama a atenção da nossa amiga.

(A Peggy lembra-se de um cameraman, entre vários presentes, que levava a câmara pendurada por uma correia ao ombro.)

Um lenço a aparecer acima do bolso do peito. Em bico — isto é, um lenço em bico —, com uma inicial, talvez um C ou um G.

(A Peggy recorda-se com nitidez de um homem com um lenço desse tipo no bolso do peito. Lembra-se disso porque o lenço mostrava quatro pontas bem salientes, o que lhe pareceu invulgar, muito fora do comum. Não consegue, porém, recordar se esse homem era também o cameraman. Não se lembra de quaisquer iniciais.)

Um grab bag de algum tipo.

([Peggy:] «Não.»)

Cadeiras do tipo de teatro, em vez de simples assentos.

([Peggy:] «Sim. Eram cadeiras dobráveis com assentos almofadados, como as de teatro. Eram muito confortáveis. Estas cadeiras estavam alinhadas junto a mesas compridas e estreitas. Toda a conferência, exceto as deslocações, realizou-se nesta sala de reuniões em particular.»)

Aliás, a úlcera do nosso jesuíta incomoda-o esta noite, com bastante intensidade.

(«Sim, sem dúvida. Nesta noite, segunda-feira, 6 de dezembro, a úlcera do Bill Gallagher incomodou-o de tal forma que chamou um médico. Raramente precisa de o fazer. Os exames decorrentes deste episódio levaram à opinião médica de que o Bill tem duas úlceras. No entanto, uma reanálise de radiografias antigas parece mostrar que a segunda úlcera já existia anteriormente, mas não fora detetada. Escusado será dizer que nem eu nem a Jane tínhamos visto o Bill, nem ouvido falar dele, desde a sessão não programada de sexta-feira, 3 de dezembro. Vimo-lo mais tarde, na noite de 10 de dezembro, depois da entrevista com a Peggy.)

Uma medição de capacidades, embora eu não saiba a que isto se refere.

([Peggy:] «Sim.» A Peggy disse que grande parte do seminário foi dedicada a discutir métodos pelos quais se determinaria que indivíduos poderiam participar em vários programas. As suas capacidades — intelectuais, financeiras, físicas, etc. — teriam de ser determinadas.)

Catorze mil, no total, participam — em todas as secções —, embora em momentos diferentes.

(A Peggy disse que, no seminário, foram mencionadas muitas milhares de pessoas em momentos diferentes. Não fazia ideia do total, porém, mas disse que o número 14 000 não seria descabido. Pensou que poderia ter um número total nas suas notas, tiradas para a série de artigos que ia escrever para o jornal local, mas uma verificação das notas não forneceu pistas. 14 000 pessoas, evidentemente, não compareceram ao seminário.)

O hotel numa esquina.

([Peggy:] «Sim.»)

O seu quarto acima de três pisos. Um homem do outro lado. O número 421.

(O quarto da Peggy, n.º 208, ficava no segundo andar. Ela não sabe se havia um homem no quarto do outro lado, e não tem ligação a oferecer para o 421.)

(A Jane fez aqui uma pausa, parecendo encerrar o teste dos Gallagher antes de passar ao teste do Dr. Instream. Contudo, a Peggy disse que o primeiro parágrafo do material do Instream se aplicava à sua viagem a Washington:)

Uma sala muito pequena e apinhada. Creio que uma festa cocktail. Uma mulher parece ser a anfitriã principal, embora esteja com ela um homem.

(Na noite de segunda-feira, a Peggy esteve numa festa cocktail numa casa particular em Washington. A festa decorreu em várias salas pequenas e apinhadas, além de uma sala grande. A anfitriã principal era uma mulher, Judy Carlyle, ligada ao programa de combate à pobreza. O marido da sra. Carlyle esteve presente de forma não oficial e foi apresentado à Peggy.)

(Na sessão não programada de 3 de dezembro, o Seth disse que a Peggy encontraria uma mulher vestida de verde. A Peggy não encontrou tal mulher. Depois da festa cocktail, porém, a Peggy percebeu que não se lembrava da cor do vestido da sra. Carlyle. Confirmou por telefone: a sra. Carlyle usara um vestido vermelho. Nota posterior de R.F.B.: o vermelho e o verde são opostos no círculo cromático do artista.)

(Começamos agora com o material do Seth sobre a viagem da Peggy a Washington, da 215.ª sessão, de 8 de dezembro de 1965.)

Um banquete para a nossa amante de gatos, com mesas longas e estreitas.

([Peggy:] «Sim.» A Peggy participou num banquete desse tipo. Realizou-se na mesma sala de reuniões executiva de todas as outras sessões do seminário; como referido, as mesas eram longas e estreitas, com cadeiras do tipo teatro. O almoço também era servido diariamente nessas mesas.)

Uma perturbação de algum tipo, embora não necessariamente aqui.

([Peggy:] «Sim. Para encerrar o seminário sobre pobreza realizou-se uma conferência de imprensa com o Sargent Shriver, diretor do programa de combate à pobreza. A perturbação ocorreu quando apareceu um grupo indignado de Syracuse que tentou perturbar o tempo reservado aos repórteres.»)

(A Peggy achou o grupo muito mal-educado. O grupo foi silenciado por Shriver e mandado esperar por uma reunião posterior com ele. O grupo, disse a Peggy, estava obviamente muito zangado. O incidente ocorreu na quarta-feira, às 17h00.)

Uma tentativa de contactar alguém que ela não conseguiu alcançar, as iniciais talvez W. B.

([Peggy:] «Sim, embora as iniciais sejam R. D.» A Peggy queria falar com um certo responsável do programa de combate à pobreza; os seus gabinetes ficavam num piso abaixo do do seminário, no mesmo edifício. A Peggy foi aos gabinetes do homem na terça-feira e esperou ali algum tempo. Não tendo conseguido vê-lo, marcou encontro para quarta-feira, mas não compareceu devido a outras urgências.)

De novo, um relógio que não funcionou corretamente.

(A Peggy disse que teve uma experiência relacionada com o tempo. No hotel deixou indicação na receção para ser acordada às 7h00 de terça-feira. A rececionista não a chamou e ela chegou tarde ao seminário. Isto é também uma das previsões do Seth dadas durante a sessão não programada de 3 de dezembro, antes de a Peggy partir para Washington.)

Algo com um formato novo.

(A Peggy disse que aqui não tem qualquer ligação.)

Dez pessoas numa festa ou reunião separada, em que ela participou.

(Sim, na medida em que a Peggy integrou o pequeno grupo que visitou o Camp Kilmer, a nordeste de Washington, na quarta-feira. Ver página 165. A Peggy lembrava-se de que o autocarro que os levou a Camp Kilmer ia longe de cheio; as suas notas confirmaram mais tarde que 12 repórteres e 2 auxiliares fizeram a viagem.)

Algo relacionado com 10 de março.

([Peggy:] «Não.»)

Uma sala com um caixote de papéis amarelo. Flores na sala, talvez rosas. Mas flores de florista.

(A Peggy não tem recordação aqui.)

Um evento às oito, na noite passada, numa sala diferente daquela em que se realizou uma reunião anterior a que ela assistiu.

([Peggy:] «Não. Todas as reuniões do seminário tiveram lugar na mesma sala.»)

McNamara.

([Peggy:] «Sim.» Ao ver a palavra acima no material, a Peggy disse que era bastante invulgar. No seminário, a Peggy ficou surpreendida por ouvir o nome do Secretário da Defesa, McNamara, surgir com insistência em ligação com o Sargent Shriver e o programa de combate à pobreza. A ligação consistia numa comparação das táticas dos dois homens na gestão dos respetivos departamentos. A Peggy disse que o ponto foi martelado mais do que uma vez durante o seminário.)

Um táxi branco. Identificado por um símbolo redondo, com uma orla no interior do círculo e uma espécie de figuras. Não sei se são pessoas, formas humanas ou outras formas; no entanto, o símbolo tem mais do que uma cor e é relativamente escuro sobre o branco. Estou a vê-lo à noite, por isso a cor do símbolo não me é muito nítida. Está em frente de um edifício de pedra.

(A Peggy disse que apanhou um táxi na terça-feira à noite, depois de escurecer. Não consegue dar informação sobre o símbolo que o táxi ostentava, mas afirmou que o táxi era de «cor clara». O táxi estava também em frente de um edifício de pedra — a loja Garfin kel's.)

(Chegando mais tarde nessa noite, o Bill Gallagher disse-nos que os táxis da principal companhia de Washington são pintados de branco. Têm um símbolo nas portas dianteiras em forma semicircular, baseado na cúpula do Capitólio. O símbolo é, claro, de cor escura sobre o fundo branco.)

Um anexo invulgar de ajudantes acompanha o grupo que ela acompanha.

(A Peggy acredita que isto é uma referência à viagem de autocarro para o Campo Kilmer. Como já foi dito, duas ajudantes acompanharam os doze repórteres. Nada de invulgar, então.)

Há alguma hesitação a um portão enquanto este grupo espera. Enquanto a autorização é feita — mas é uma hesitação breve.

(A Peggy disse que não houve hesitação nem atraso no portão do Campo Kilmer, uma vez que os militares já não ocupam o campo. O campo é agora administrado na sua totalidade pela OEO.)

Capto algo relacionado com um estádio de basebol, ou um parque que foi usado, ou um estádio utilizado para jogos com bola.

(A Peggy disse que assistiu a duas reuniões no Campo Kilmer que tiveram lugar num auditório de tamanho moderado.)

Algo a ver com uma carteira. Terá ela perdido a carteira? No entanto, é do tipo de tiracolo. Talvez fosse uma câmara.

(A Peggy perdeu os óculos e um anel no seminário. Encontrou os óculos, mas não o anel. Não esteve envolvida nenhuma carteira sua.

(Ver página 122. Na altura da 215.^a sessão, a Jane disse que acreditava que os dados sobre a carteira, acima, se aplicavam a ela própria e, como se veio a verificar, uma ligação com uma carteira perdida que envolvia a Jane acabou por surgir do 21.^o teste do envelope, realizado na 215.^a sessão.

(Ver também as notas na página 122, relativas à possibilidade de o Seth fornecer, em tais testes, informações sobre algo que não é notado pelo sujeito. Um bom exemplo aqui é o material do símbolo do táxi nas páginas 167–68.)

(Antes do nosso teste do envelope na 215.^a sessão, o Seth acrescentou mais uma linha ao material do teste Gallagher; ver página 121:)

Queria acrescentar algo sobre estaleiros navais ao material de Gallagher.

(A princípio, a Peggy não viu aqui qualquer ligação. Depois lembrou-se de que, quando chegou a Newark, NJ, vinda de Elmira, foi transferida para o Aeroporto Kennedy, em Long Island, de helicóptero. Durante a viagem, a uma altitude de não mais de 600 pés, sobrevoou assim muitos dos cais, pontões e estaleiros que margeiam a orla marítima de Brooklyn. Pensou, na altura, que o Bill teria apreciado a vista, já que gosta de navios. O voo de helicóptero passou pela Estátua da Liberdade.)

(A Peggy verificou três das nove previsões que o Seth deu na sessão não programada de 3 de dezembro, antes da sua viagem a Washington. Dois dos três itens corretos foram listados no seu devido lugar no material acima. A terceira previsão, listada na página 108, é esta:)

Um compromisso social não programado, não numa casa particular, mas num local público.

(Isto concretizou-se quando a Peggy passou uma noite não planeada, incluindo jantar num restaurante, com o irmão e a família dele, que vivem em Washington.)

SESSÃO 219

3 DE JANEIRO DE 1966

(Esta é a nossa primeira sessão desde 15 de dezembro de 1965. O descanso foi o mais longo desde que as sessões começaram há dois anos, e fez-nos muito bem a ambos. Estávamos prontos para voltar ao trabalho, embora a Jane tenha confessado algum nervosismo à medida que a hora da sessão se aproximava. Mas portou-se bem. Não teve vontade de falar pelo Seth durante as férias.

(Ver o desenho na página 169 do objeto de teste para o teste do envelope desta noite. Foi fornecido por Lorraine Shafer, que assistiu a esta sessão. Os pormenores serão apresentados no corpo da sessão, à medida que forem surgindo. A última sessão a que a Lorraine assistiu foi a 195.^a, de 4 de outubro de 1965. Ver Volume 4.

(A sessão realizou-se na nossa grande sala da frente. A Jane começou a falar sentada. Tinha os olhos fechados, a voz um pouco mais forte do que o habitual e o ritmo bastante bom. Sorriu ao começar. A voz estava um tanto seca.)

Boa noite. (“Boa noite, Seth.”)

Depois das vossas longas férias, deviam estar bem prontos para mergulhar de novo nas nossas atividades. Deviam estar. No entanto, não vejo quaisquer sinais de grande entusiasmo à medida que recomeçamos.

Talvez as vossas festas vos tirem mais do que eu.

(“Sim.”)

As minhas saudações a Marleno, e a minha simpatia a Ruburt, que se esforça por lavrar através do seu Dunne.

(Marleno é o nome de entidade de Lorraine Shafer. A Jane obteve três dos livros de Dunne através da biblioteca do Estado em Albany, e estamos a meio da sua leitura.) Estou pronto para retomar a nossa discussão anterior e espero um ano muito produtivo — no vosso tempo, um ano.

Agora. Se se recordarem das nossas primeiras sessões sobre realização de valores, consideremos agora aquilo a que prefiro chamar um ponto-momento. Este ponto-momento, como sabem, refere-se a qualquer dado instante presente. Se estão a pensar em termos das teorias de Dunne, então comecem por este ponto-momento tal como é visto no tempo um pelo eu um.

(No início das sessões, o Seth começou a dar-nos listas dos sentidos interiores e das leis básicas do universo interior. A realização de valores, ou o clima de valores da realidade psicológica, é a primeira lei básica do

universo interior; o Seth apresentou-a com algum detalhe na 45.^a sessão. Ver Volume 2.

(Ver as sessões seguintes para detalhes sobre pontos-momento: 149, 150, 151, 152.) O ego só consegue perceber certas porções de um dado ponto-momento ou instante presente, e vê o ponto-momento efetivamente como se fosse uma série de luzes que se aproximam do ego por um lado e o ultrapassam pelo outro. O ego percebe este ponto-momento, então, muito como se fosse um objeto plano, tipo cartão, que chega, lhe é mostrado de relance e desaparece.

O ego não consegue ver que este ponto-momento está aberto, por assim dizer, e representa uma abertura para muitas outras dimensões. Essas dimensões podem ser percorridas; mas não podem ser percorridas pelo ego, pois o ego só consegue perceber as dimensões para as quais está fisicamente equipado para ver ou perceber.

Outras porções do eu, por outro lado, não são tão limitadas. Deve ficar, no entanto, claramente entendido que essas outras porções do eu são incapazes do foco intenso do ego dentro da realidade física. O seu foco está noutro lugar. Contudo, esses eus não estão limitados, como o ego, a um único campo principal de percepção apenas, da forma que Dunne acredita. Dunne deixa áreas intermédias entre dimensões que podem ser percebidas por um observador de uma dimensão vizinha, mas, no geral, os seus “eus em série” são, em grande medida, prisioneiros das dimensões em que existem.

Felizmente, não é esse o caso.

Agora. Esses outros eus são mais “sem amarras”. Existem de facto limitações inerentes à sua estrutura, mas, em todos os casos, qualquer identidade é mais do que a dimensão em que se encontra. As suas limitações podem ser grandes, mas não são definidas pela natureza da identidade, e sim pela dimensão em que ela existe.

(Considerar o parágrafo seguinte totalmente sublinhado para ênfase. A Jane falava agora mais depressa e com muita intenção e convicção. Usou muitos gestos fortes, embora os olhos permanecessem fechados.)

A identidade pode — e irá — sair da sua dimensão para outra e, portanto, tem em si a capacidade inata de perceber mais do que lhe é permitido perceber, num dado momento, pelas limitações que lhe são impostas.

Duas destas afirmações podem, à primeira vista, parecer contradizer-se, mas verão em breve que não, e ficam por agora com uma bela questão: será que o eu, ou a identidade, forma então a dimensão percetiva em que existe, ou é criado pela dimensão?

Façam uma breve pausa e continuaremos.

(Pausa às 9:16. A Jane estava dissociada, como é habitual numa primeira transmissão. Estivera envolvida no material, falando depressa e com muita ênfase.

(Durante a pausa a Lorraine perguntou se ainda fazíamos testes do envelope. Quando dissemos que sim, contou-nos que trouxera consigo um envelope de teste. Além disso, fora um que eu próprio lhe dera quando ela assistiu à 172.^a sessão, de 26 de julho de 1965. Entregando-lhe os dois envelopes e as duas folhas de Bristol, pedi-lhe que escolhesse um objeto de teste, o selasse e mo entregasse da próxima vez que a víssemos, sem me dizer qual era o objeto. Ela escolheu o objeto de teste em agosto passado, depois extraviou o envelope e esqueceu-se dele; além disso, eu não lho tinha pedido.

(A Lorraine entregou-me o envelope enquanto a Jane estava fora da sala; assim, a Jane não o viu antes do teste. Estava bem selado. Não mencionei nem à Jane nem à Lorraine se tinha planeado um teste para esta noite. A Lorraine não me disse o conteúdo do envelope. A Jane não comentou e deixei a questão em aberto.

(A Jane recomeçou no mesmo modo rápido, ativo e enfático, novamente de olhos fechados, às 9:30. A voz continuava seca.)

Estou de facto a levar isto com muita calma esta noite, para vos “aquecer” de novo, por assim dizer.

As férias fizeram-vos bem, no entanto, e as vossas energias reabasteceram-se. Tenho alguma ligeira dificuldade com o Ruburt quando as sessões não são regulares. Contudo, este efeito é passageiro e, como sempre, tolero tais coisas à minha maneira habitual.

(A Jane sorriu e fez uma pausa. Limpou a garganta várias vezes.)

Agora, vamos recomeçar.

Começamos de novo com o nosso ponto-momento. Por agora, este ponto-momento que surge dentro do vosso universo físico é apenas uma pequena materialização de porções maiores do presente amplo. No estado de sonho, quando o ego é libertado da sua ideia do tempo como uma série de momentos, então outras porções do eu podem viajar através destes pontos-momento, e aqui têm uma viagem por profundidades que nada têm que ver com o vosso conceito de tempo ou espaço.

Viajam por intensidades, como vos disse. Estes pontos-momento são, no entanto, como espirais e, viajando através deles, essas outras porções do eu entrarão em contacto com ações futuras e passadas, que ocorreram ou ocorrerão, segundo o ponto de vista do ego.

Neste ponto, Dunne tinha razão. Mas o ponto importante, se me perdoam o trocadilho, é que estes pontos-momento são todas intensidades, realidades elétricas, e viajar por tais dimensões envolve uma transformação de energia de uma intensidade para outra. O eu total, ou a entidade de que falo, é composto por todos estes eus, mas é preciso perceber que todas as divisões entre estes eus são ilusões, em termos básicos. Para efeitos de discussão separamo-los, mas ao fazê-lo quase conseguimos alterar a própria natureza daquilo que tentamos estudar.

Não há nada de contraditório, no conjunto, em supor que estes inúmeros eus existem simultaneamente. E qualquer lei da física que pareça tornar esta suposição incorreta é uma lei que é uma ilusão e que, por si, conduz a percepções falsas.

(Além das sessões sobre pontos-momento, ver também as sobre o campo elétrico e sobre a ação — demasiadas para listar aqui.)

Essa comunicação entre os vários eus que compõem uma entidade é natural e contínua. O ego não percebe as comunicações, obviamente; mas o ego, compreendam, não é apenas o eu um, é apenas uma porção do eu um, ou do eu físico.

Outras porções do eu um estão, até certo ponto, cientes dessas outras dimensões. Agora veem para onde nos dirigimos. Consideremos, então, aquilo a que chamaremos o eu A. E diremos que ele é o eu físico no universo físico. É composto de matéria física, é composto de matéria psicológica, sendo uma porção desta última o ego. Pelo vosso próprio trabalho, percebem, no entanto, que este indivíduo, ou eu A, é de facto mais do que matéria física, mesmo enquanto existe dentro da dimensão física.

No estado de sonho e noutros estados de consciência, ele pode efetivamente, até certo ponto, tomar consciência de percepções que serão negligenciadas pelo ego sozinho. Por outras palavras, psicologicamente, há apenas uma porção do eu A que está limitada, nas suas percepções, à dimensão física, e essa porção é o ego.

Mas o eu A não está limitado apenas às percepções do ego; portanto, pode dizer-se que as percepções do eu A não estão, no seu todo, limitadas ao campo em que existe. Pois não está assim limitado nos sonhos e noutros estados e, ainda que a consciência esteja nessas outras condições, o eu A continua a existir dentro da realidade física.

Se o eu A estivesse limitado às percepções do ego e, assim, limitado às dimensões em que se encontra, então, meus caros amigos, a precognição em sonhos seria impossível e, para perceber o futuro, o eu A teria, por necessidade, de interromper a existência dentro do sistema físico.

Vou dar-vos uma pausa e começaremos então com o nosso material para o Dr. Instream, e veremos o que conseguimos fazer com os nossos sistemas temporais.

(Pausa às 9:50. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados. A sua entrega fora novamente rápida e muito enfática. A Jane disse que “sentiu” partes da transmissão. Disse que poderia ter falado muito mais depressa se a minha escrita conseguisse acompanhar.

(Na pausa, a Jane mencionou algo que lhe andava na cabeça. Estava ciente, claro, de que a Lorraine trouxera um envelope de teste. A Jane perguntou-se agora se eu tentaria ser manhoso e talvez guardar o envelope da Lorraine para um teste mais tarde, enquanto lhe dava o envelope habitual que eu tinha preparado. A Jane dava por adquirido que eu também tinha um envelope de teste pronto. Eu não me comprometi de forma alguma.

(Estava na hora do 27.º teste do Dr. Instream. Como de costume, a Jane sentou-se com os olhos fechados, a mão esquerda no rosto, a cabeça baixa. O seu ritmo foi lento no início, mas ganhou bastante fluência à medida que o teste avançava. Retoma às 10:05.)

Agora, deem-me um momento, por favor. (Pausa.)

Estas são as minhas impressões. Uma série de pequenas caixas, como numa estação dos correios, embora eu acredite que estejam ligadas ao colégio.

São retangulares e bastante profundas. (Pausa.) Ele tem trabalhado lá, creio eu, a lançar notas, ou a preencher uma espécie de relatórios que vão parar a essas caixas. Está agora (às 10:09) sentado a uma mesa tipo mesa de cartas, creio que sozinho, com um jogo de algum tipo à sua frente, ou pelo menos com um tabuleiro como um tabuleiro de damas. (Pausa.)

O objeto diante dele sobre a mesa tem de facto quadrículas. Algumas são pretas, e o objeto é plano e de cartão. Ele está de robe, chinelos e pijama, com uma porta atrás de si. Creio que de um roupeiro. (Pausa.)

Capto novamente uma ligação com caixas, mas aqui neste quarto. E são maiores, talvez caixas de sapatos ou desse tipo.

Capto também uma ligação algo pouco característica com um cachimbo. Ou lhe ofereceram um, ou comprou um; mas há aqui uma ligação com um cachimbo.

(A Jane fez agora uma longa pausa às 10:12.)

Um corredor alcatifado fora da porta; e parece haver um hóspede a pernoitar, que tem em sua posse uma mala de aspeto couro que não é uma mala de viagem, mas sim destinada a guardar papéis. (Pausa.) Castanha-

clara, de aspeto bastante novo, tendo, creio, ao longo das bordas bandas de algum tipo em latão ou douradas. A inicial C ligada ao dono da mala e talvez também um G, embora eu não esteja certo desta última letra.

Agora tens um teste para mim, Joseph?

(“Sim. Aqui tens.”)

(Entreguei à Jane o envelope selado da Lorraine. A Jane estendeu a mão para o receber sem abrir os olhos às 10:16. Como tem feito algumas vezes recentemente, segurou o envelope achatado contra a testa enquanto dizia umas palavras e, depois, baixou-o para o colo. O seu ritmo voltou a ser entrecortado por pausas, nenhuma delas muito longa com uma exceção. Este é o 24.º teste do envelope.)

Agora, por favor, dêem-nos um momento.

Uma ligação com um acontecimento turbulento, ou contrariedade. Quatro sete. A inicial M, uma ligação com quatro pessoas, e uma tarde. Uma localização que não é nesta cidade, isto é, uma ligação com um local que não é desta cidade.

Uma ligação com um pires azul, com um acontecimento de 1965, inverno, e com

um acontecimento que creio ter ocorrido aproximadamente em 1947.

Uma perturbação de novo, e uma tempestade; se esta tempestade é física ou não, não sei.

(A Jane fez uma longa pausa às 10:20.)

Um sortido de objetos, desenhos que parecem números. Uma ligação com um registo de família; como uma página, por exemplo, de um livro.

E uma ligação muito distante com a fita de cabelo de uma criança. Uma banda larga; isto aplica-se à fita da criança.

Capto o número sete, e isto pode referir-se à idade, isto é, da criança que usou a fita.

Temos aqui também a impressão de uma caixa mais uma vez, e direi mais tarde por que repeti esta impressão.

Uma ligação também com quatro números, creio que seguidos. Sugiro uma pausa.

(Pausa às 10:25. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados, o ritmo fora lento.

(Ver o desenho na página 169. O objeto de teste é um passe de visitante, emitido pelo Hospital Arnot-Ogden, onde a Lorraine é secretária. Este passe em particular tinha sido descartado; a Lorraine tirou-o de um caixote do lixo por impulso em agosto passado.

(Como o objeto de teste foi escolhido por alguém que não eu, pensei que algumas das ligações do Seth pudessem ser difíceis de rastrear, e

parece ser o caso aqui. Como a parte dos dados que podemos avaliar está bastante certa, achamos razoável supor que o resto dos dados do Seth possa ser igualmente bom. A Jane ficou satisfeita com o teste.

(Este é o primeiro teste do envelope em que o objeto de teste foi escolhido por alguém de fora.

(Como referido, a Jane estava algo nervosa esta noite, ao retomar sessões e testes após as férias. Assim que deu a inicial M, no início dos dados, pensou no nome de entidade da Lorraine, Marleno. A Jane travou-se de imediato, disse agora, para evitar possíveis distorções decorrentes desse pensamento. Disse para si própria “Que se lixe”, relaxou e continuou a falar pelo Seth. Cortou completamente as suas próprias associações; esta capacidade de discriminar, disse-nos o Seth, é muito importante e irá crescer de forma constante na parte da Jane.

(Parece razoável descrever uma estadia no hospital como “um acontecimento turbulento, ou contrariedade”, e como “Uma perturbação de novo, e uma tempestade; se esta tempestade é física ou não, não sei.” Claro que reconhecemos que podem existir outras ligações na vida privada da paciente, Miss Margaret M. Bunn. A Lorraine não conhece a Sr.^a Bunn. É possível que os registos do hospital contenham mais sobre a Sr.^a Bunn que seria revelador aqui, mas não pedi à Lorraine que tentasse verificar.

(“A inicial M.” é um acerto. Não conseguimos propor qualquer ligação com “quatro pessoas, e uma tarde.” “Uma localização que não é nesta cidade, isto é, uma ligação com um local que não é desta cidade” é um acerto, sendo Mansfield, PA, o outro local.

(“Pires azul” não nos diz nada, nem “inverno”, nem “um acontecimento que creio ter ocorrido aproximadamente em 1947.” “Um acontecimento de 1965” pode aplicar-se, uma vez que a Sr.^a Bunn foi internada no hospital em 7 de junho de 1965.

(“Um sortido de objetos, desenhos que parecem números” é, pensamos, uma referência às palavras e números no passe. “Uma ligação com um registo de família; como uma página, por exemplo, de um livro” é um acerto. O passe de visitante contém um código numérico referente ao registo hospitalar da Sr.^a Bunn, diz-nos a Lorraine; e o passe é como uma página de um livro, no sentido em que tais passes são guardados em cadernos de argolas no hospital.

(Provavelmente nunca iremos verificar os dados referentes à fita de cabelo de uma criança, à idade da criança, etc.

(Os números “Quatro sete” estão no passe, e também “quatro números, creio que seguidos”, se quiserem isolar tantos a partir de grupos mais longos. Na última linha dos dados sobre a Sr.^a Bunn alguns números

mal se leem; também aqui podemos ver a impressão de quatro números seguidos.

(A Jane não fazia ideia do motivo por que o Seth voltou a referir uma caixa. Disse-nos que gostou do teste que envolveu um objeto mais impessoal, no sentido em que não fui eu a escolhê-lo. No entanto, a Jane estava igualmente consciente das cargas emocionais que rodeavam este objeto; sentiu que estava bem consciente das perturbações emocionais envolvidas numa estadia hospitalar neste caso em particular.

(Gostaria de acrescentar uma nota curiosa. Notem que a Sr.^a Bunn vive na Wellsboro St., em Mansfield, PA. Mansfield é uma cidade universitária a cerca de setenta milhas de distância. Eu nasci lá. Além disso, o meu pai nasceu em Wellsboro, PA, uma pequena cidade talvez a vinte milhas para lá de Mansfield. Pelo que sei, a Lorraine Shafer não conhece as minhas ligações familiares com Mansfield e Wellsboro. Disse-nos também que simplesmente escolheu o objeto de teste de um grupo, sem lhe prestar atenção particular.)

A Jane retomou com voz calma, de olhos fechados, às 10:50.

Não vos vou reter. Queria, no entanto, mencionar um pequeno ponto relativo à imagem da caixa que foi repetida em ambos os testes.

Isto tem a ver com dois princípios distintos. Em primeiro lugar, houve uma retenção da imagem. Em segundo lugar, houve, separadamente, uma associação por causa do tamanho do cartão dado como objeto de teste. No segundo caso, a associação foi do Ruburt, pois, por si só, ele captou uma imagem de ficha, mas traduziu-a na imagem de uma caixa na qual tais fichas são muitas vezes guardadas.

(Os olhos da Jane abriram-se agora. Estavam muito escuros. Acendeu um cigarro e, enquanto fumava e falava, os olhos começaram a abrir-se com frequência.)

Ora, embora esta associação fosse dele, foi causada pela retenção da imagem que transbordou do primeiro teste. Quero que fique claro que existiam duas causas — e não uma — para esta segunda imagem ou impressão de caixa.

Na realidade, foi bastante legítima, mas não levada suficientemente longe da parte do Ruburt. Neste caso, ele portou-se muito bem ao cortar as suas próprias associações.

Agora, quando ele de facto desliga o seu próprio fluxo de consciência desta maneira, quaisquer associações corretas da sua parte mostrar-se-ão automaticamente nos dados por atração. Serão incorporadas nos meus dados de forma construtiva. Isto é bastante importante, e acompanhá-lo-emos com exemplos quando possível. Pois eu perceberei certos tipos de

informação que são básicas e, quando as capacidades do Ruburt — as suas próprias capacidades, à parte das minhas — estiverem totalmente desenvolvidas, então ele poderá acrescentar certos pormenores com aplicação pessoal direta.

A minha informação será, de facto, suficientemente específica, mas há certas inter-relações humanas que ele perceberá com mais precisão, pois não têm significado particular para mim.

Falarei disto de forma mais aprofundada, talvez na nossa próxima sessão, para não vos reter esta noite, pois não creio ter-me explicado de todo.

(Achei a informação suficientemente clara e bastante importante. Não querendo que o Seth continuasse nesta linha devido à hora, escolhi outra pergunta. Sentada do outro lado da mesa, a Jane parecia pronta para continuar para além da hora de fecho.

(“E quanto ao par de olhos que vi tão claramente no mês passado, quando estava na cama? Podes dizer umas palavras sobre isso?”

(A Jane, de olhos abertos, sorriu-me de forma bastante deliberada)

Não sabia que me ias tentar com tal pergunta no fim de uma sessão; e não tens ninguém a não ser a ti próprio para culpar, se a sessão continuar mais do que gostarias.

(“Bem, se calhar é melhor deixarmos isso então.”)

Estavas a lidar, de facto, com uma perceção legítima de uma dimensão fora daquelas com que estás familiarizado, e com uma distorção de certa ordem da tua parte, ao tentares mais uma vez traduzir dados interiores para uma forma que pudesse ser percecionada pelos sentidos físicos.

(A Jane abriu os olhos. Como o Seth não abordou esta noite a minha última visão, guardarei a sua descrição para a próxima sessão. A última visão minha que ele abordou ocorreu a 30 de agosto de 1965 e é tratada na 183.^a sessão. Era a cabeça de um homem que eu conhecera séculos antes numa vida anterior, segundo o Seth.)

Agora. Estou em excelente forma. O Ruburt está a portar-se bem. Compreendo que a hora já vai avançada no vosso tempo um, por isso deixo ao vosso critério continuar ou não uma discussão tão interessante esta noite. Podem fazer como acharem melhor. (“Vais continuar esta discussão na próxima sessão?”)

Muito bem. Hão de admitir que esta noite vos dei o que pagaram para receber.

(“Sim. Obrigado.”)

Os meus votos mais cordiais para ambos. E se a nossa amiga tivesse podido ficar mais tempo, ter-nos-íamos saído bastante bem com ela, pois, mais uma vez, as nossas condições eram favoráveis.

(Aqui o Seth refere-se a Lorraine Shafer, que teve de sair na última pausa. Ele também se saiu bem com a Lorraine durante a última sessão a que ela assistiu, a 195.^a, de 4 de outubro de 1965, dando bastante informação sobre o passado da Lorraine; ela verificou muita dela. Ver Volume 4.)

Quando tivermos tempo, tenho algumas observações, ou terei, sobre a sua Miss Callahan; e também algumas observações sobre os assuntos profissionais do Ruburt. Por agora, porém, desejo-vos uma boa noite.

(“Boa noite, Seth.”

(Fim às 11:09. A Jane estava muito bem dissociada, disse, embora os olhos tenham estado abertos por vezes. Disse que o Seth poderia ter continuado indefinidamente; o Seth tinha-a num estado “baixo” que parecia exigir quase nenhuma da sua própria energia, disse a Jane. Agora sentia-se muito bem. A secura tinha desaparecido da garganta; achou que resultara do nervosismo por retomar as sessões.

(A Miss Callahan é uma professora primária reformada e idosa que vive no apartamento da frente. A sua memória foi afetada por uma série de pequenos enfartes. O Seth já a considerou em sessões anteriores, e ela foi também objeto de alguns dos primeiros sonhos clarividentes registados pela Jane. Estes ocorreram no início da doença da Miss Callahan. O Seth discutiu o progresso dos seus problemas durante algum tempo em sessões seguintes, aparentemente de forma precisa. A Jane continua muito solícita pelo bem-estar da Miss Callahan.)

(Além disso, a Miss Callahan é a única pessoa que encontrámos que ensinou os filhos de Frank Watts na escola primária e secundária; o Frank Watts foi a primeira personalidade com quem a Jane contactou nestas sessões e foi em breve substituído pelo Seth. Segundo o Seth, o Frank Watts tinha uma grande consideração pela Miss Callahan, tanto como pessoa quanto como professora. A Miss Callahan, contudo, não se recorda do Frank Watts; apenas de ter ensinado alguns “miúdos Watts”. Ver Volume 1 para o material sobre Callahan e Watts.)

SESSÃO 220
5 DE JANEIRO DE 1966

(Para o teste do envelope desta noite, usei dois talões de compra resultantes das compras de Natal que a Jane e eu fizemos. São em papel do mesmo peso desta página. Coloquei-os entre as duas habituais folhas de Bristol e fechei-os no habitual envelope duplo selado.

(Na página 177 da última sessão, o Seth mencionou uma visão recente minha e prometeu discuti-la mais a fundo esta noite. Como assim o faz, vou agora descrevê-la em algum detalhe. Ocorreu em dezembro, enquanto eu estava deitado, suspenso naquele estado agradável entre o acordar e o adormecer; já tive outras visões neste estado, aliás.

(Apercebi-me, nessa noite em particular, de que, embora tivesse os olhos fechados, estava a olhar fixamente para outro par de olhos que pareciam estar a poucos centímetros dos meus, e assim estivera durante alguns segundos. A percepção consciente parecia suspensa. Estes olhos eram, diria eu, masculinos e muito belos — podiam ser humanos. Eram de um castanho-dourado profundo e luminoso; percebi que estava tão perto deles que conseguia ver os seus mais ínfimos detalhes em cores vívidas, até as pálpebras superiores que cobriam a parte superior do globo ocular. Nesta fase do fenómeno incentivei esta inspeção minuciosa, pois encontrava-me suspenso abaixo de qualquer alarme.

(Vi as margens avermelhadas destes olhos e as pestanas negras com a máxima nitidez. A pele à volta deles era castanha-clara. Nos limites do meu campo de visão, vi que o rosto que continha estes olhos magníficos era bastante peludo, coberto por cabelo preto e brilhante, quase como se estivesse a visualizar um retrocesso ao homem mais primitivo. Mas não havia aqui qualquer sensação de primitivismo; estes olhos castanhos e límpidos olhavam-me impassivelmente; não havia ameaça intrínseca. Estes olhos apenas me fitavam, debaixo de sobrancelhas pretas e espessas.

(Assim que percebi plenamente o que estava a acontecer, reagi violentamente da forma descrita abaixo pelo Seth. Pouco depois desta reação infeliz, comecei a arrepender-me, pois sabia que tinha terminado algo demasiado cedo. Achei que a minha reação fora normal, mas fiquei zangado comigo próprio por ter reagido tão fortemente. O meu grito, o agitar-me na cama e o esbracejar, claro, assustaram a Jane; creio que ela ainda não tinha adormecido. Culpava-me por não saber suspender o julgamento consciente; sentia que tinha conhecimento suficiente para acompanhar esta visão e ver o que se desenvolvia, mas reagi, achei eu, de modo tolo.

(Estranhamente, não despertei totalmente, como acontece quando nos levantamos de manhã, por exemplo. Atingi apenas um estado próximo do acordar, apesar do pânico momentâneo. A Jane começou a fazer-me perguntas; disse-me na manhã seguinte que descrevi a visão num tom monótono e sonolento. Estava consciente de o estar a fazer, e de que demorava algum tempo, mas não sentia vontade de me obrigar a acordar de todo. Recordo que achei urgente contar-lhe o que se passara o mais depressa possível. Pensei em levantar-me para fazer um desenho do que vira, mas decidi que não me esqueceria. E é verdade; esta visão continua hoje tão vívida e clara na memória como no segundo em que terminou. Pretendo fazer um desenho, a cores, para quem possa ter interesse.

(Além disso, o Seth já deu informação suficiente sobre estas visões para que eu pensasse que provavelmente distorci dados válidos e alheios para uma forma que eu pudesse compreender.

(Devo acrescentar que, quando percebi que estava a receber informação pela primeira vez a um nível abaixo do alarme, incentivei esse fluxo de dados. Acredito que a minha percepção se aguçou um pouco nesse momento, e foi então que vi com tanta nitidez o mais pequeno detalhe dos olhos, a sombra por baixo das pálpebras, as pestanas individuais, etc. Diria que, nesse instante de julgamento suspenso, antes de o ego impor a sua autoridade, estava perfeitamente disposto a receber esses dados e a examiná-los.

(A última visão minha de que o Seth falou ocorreu a 30 de agosto de 1965, durante o estado de vigília, e foi mencionada na 183.^a sessão dessa noite.

(A sessão de hoje realizou-se na nossa grande sala da frente. A Jane gosta de usar esta sala, já que é maior do que a de trás, que temos usado nos últimos meses por receio de interrupções. Começou a falar sentada e de olhos fechados. O ritmo era bom, a voz, normal.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. Antes de discutir a tua experiência, a imagem que viste, deixa-me fazer algumas observações preliminares.

Antes de mais, compreendes, pelas nossas discussões sobre planos e campos em geral, que estes são mais numerosos do que possas imaginar. Uma parte deles será abordada em conjunto com a natureza do tempo, pois alguns estão ligados a probabilidades que poderiam ter ocorrido dentro do vosso sistema físico.

(O Seth referiu esta multiplicidade desconcertante logo nas primeiras sessões e tratou dela de forma bastante extensa na 12.^a sessão, de 2 de

janeiro de 1964, na sua primeira explicação do que chama a quinta dimensão. Disse-nos que nunca poderíamos abranger nem uma fração dos incontáveis campos que confinam com o nosso; alguns serão explicados à medida que interagem com o nosso de várias formas; o Seth mencionou também a sua própria capacidade de viajar por alguns outros campos. Ver Volume 1.)

No teu estado particular de consciência nessa noite específica, a tua atenção desviou-se para além dos campos habituais de percepção. Percebeste um habitante de outro sistema. De facto, alcançou-se um ponto de contacto bastante invulgar — muito invulgar, aliás, porque não só percebeste esse indivíduo, como ele também te percebeu a ti.

(Os olhos da Jane abriram-se. Estavam muito escuros. Fitou-me e bateu na mesa para dar ênfase. Os olhos abriram-se com frequência até à pausa.)

O ponto de tal contacto pode ser, de facto, demonstrado matematicamente, e no futuro fá-lo-ei. Parte da tua reação, creio eu, deveu-se ao facto de teres percebido que este contacto representava um encontro pessoal — que esta aparição bizarra estava consciente de ti, tal como tu estavas consciente dela.

(“Qual foi a reação dele para comigo?”

(A Jane sorriu.)

Primeiro, mostraste, se me é permitido dizer, uma reação bastante infeliz. Estavas perfeitamente pronto para reagir fisicamente ao que não compreendias. E essa reação quebrou o contacto.

Não o quebraste de propósito, mas o outro indivíduo ficou confuso e, até certo ponto, assustado, e retirou-se. Estavas, de facto, preparado para atacar fisicamente. Foi esta reação emocional que o outro indivíduo sentiu — e ele não fazia ideia do que era essa emoção.

Agora. A parte da imagem que mais se aproximou de qualquer semelhança com a realidade foi a zona em redor dos olhos — e os próprios olhos. Há muito a dizer aqui. Pois isto não foi imaginário, no sentido em que tinha uma certa realidade física que existia dentro do teu campo de referência.

Deves, no entanto, compreender que, momentaneamente, tiveste também uma realidade no campo de referência desse outro indivíduo. O contacto foi mútuo. Agora sabemos quais eram as condições do teu lado. Sabemos que não fizeste qualquer tentativa consciente para orientar a tua atenção na direção particular que te permitiria perceber esse sistema definido.

Poderias muito bem ter-te “sintonizado”, por assim dizer, com qualquer um dos inúmeros outros sistemas semelhantes. O indivíduo dentro deste sistema em particular, porém, tem uma estrutura psicológica diferente da tua. Não é tão capaz de uma concentração intensa dentro de uma perspectiva tão ampla como a que o teu ego possui.

Já dissemos que o ego tem um foco relativamente pequeno, mas intenso. O teu amigo, porém, tem um campo específico de atenção ainda mais pequeno, na tua maneira de ver. No entanto, a concentração e o foco são muito mais intensos do que aqueles com que estás familiarizado.

O seu campo geral de consciência, contudo, é muito maior do que qualquer um com que estejas familiarizado, e ele tem um maior controlo e foco dentro desse campo geral do que tu possuis no teu campo geral de percepção comparável. Os seus estados dissociativos, por exemplo, constituem uma parte muito maior da sua percepção, e são mais vívidos do que as condições dissociativas generalizadas da humanidade.

Como o seu alcance era tão vasto, as tuas condições dissociativas encontraram-se com maior facilidade. Contudo, assim que concentrou a sua atenção aqui, voltou o seu foco consciente totalmente para o que percebia. Nem percebeu a tua forma física como tu a conheces. Mas captou plenamente o teu reconhecimento emocional e medo, e estes foram traduzidos ou percebidos por ele à sua maneira, de modo que, para ele, apareceste como uma massa de cores variáveis e como um movimento de intensidade extrema.

As pulsações foram causadas pela ação do teu estado emocional. E tu, meu caro Joseph, literalmente assustaste-o. Tu, da tua parte, traduziste aquilo que era dado interior numa forma que pudesses — ou esperasses — compreender. Os olhos foram as primeiras imagens que viste.

Sugiro uma pausa e continuaremos.

(Pausa às 9:25. A Jane relatou que estivera bastante bem dissociada para uma primeira transmissão “distante”, como ela própria diz. Os olhos estiveram mais abertos do que fechados, muito escuros enquanto me fitava. O ritmo fora bom, a voz normal e por vezes divertida, talvez num tom de leve repreensão.

(Voltando ao mesmo tom, por vezes bastante enfático, às 9:35.)

Agora. Apesar das minhas observações, a tua reação foi perfeitamente compreensível. Deves aprender com ela, pois com as tuas capacidades particulares é possível que ocorram outros encontros semelhantes, embora seja muito improvável que envolvam o mesmo sistema ou campo.

(Esperei muitas vezes por outro contacto deste tipo, prometendo a mim mesmo que faria melhor da próxima vez. Usei também sugestão,

embora não todas as noites, no sentido de que mais experiências assim ocorreriam. Até à data, nada se desenvolveu.)

O indivíduo ficou também confuso, no entanto, porque conseguiu perceber-te no que chamarias o teu futuro e o teu passado, bem como no teu presente.

Percebeu que uma parte de ti estava presa, porém, no teu tempo presente — e isso era quase incompreensível para ele.

Tais encontros ocorrem com o que pareceria ser uma frequência surpreendente, quando os do vosso sistema estão a dormir; mas raramente são recordados. O que foi, porém, extremamente invulgar neste caso é que este contacto foi reconhecido como tal por dois habitantes de sistemas completamente diferentes.

Tais encontros também ocorrem durante as horas de vigília, mas o ego não tem consciência deles. Mais adiante, nesta sessão, terei alguns comentários que poderão ajudar-te a tornar-te mais consciente de outras realidades além da tua própria, bem como alguns conselhos que te permitirão operar de modo mais eficaz dentro do teu próprio sistema.

Traduziste, portanto, esses dados em outros termos. A natureza estranha do indivíduo foi traduzida por ti num aspeto animalizado. Isto não pretendia sublinhar quaisquer características inferiores ou grosseiras, mas era a tua forma de traduzir a percepção do indivíduo — excecionalmente clara, pura e concentrada. Pois a intensidade por trás da percepção lembrou-te a atenção inabalável frequentemente exibida pelos animais: uma completa ausência de engano, tal como tu o entendes.

Será muito difícil convencer outros da realidade de sistemas diferentes do seu, mas nada disto deve ser aceite apenas pela minha palavra. Pois, uma vez disponível o conhecimento, outros tomarão consciência das suas próprias experiências, e vês aqui como o eu consciente se educa e enriquece; pois o conhecimento torna-se parte da consciência. No passado, a mesma experiência teria permanecido apenas no subconsciente — e tu já tiveste outras experiências semelhantes.

(Os olhos da Jane agora abriam-se com frequência novamente.)

Não estás sozinho nisto, contudo. Não tiveste outras experiências em que o contacto fosse reconhecido tanto por ti como pelo outro indivíduo do outro sistema; no entanto, ele leva agora o que aprendeu como parte de si mesmo.

Não sei de que te serviria se tentasse descrever o tipo de plano que ele habita. E, dado estarmos a lidar com palavras, parte da informação simplesmente não faria sentido para ti.

(“Bem, podes dizer um pouco sobre isso então?”)

(Eu estava, claro, muito interessado — e sabia que a Jane também estava. A Jane fechou agora os olhos e ficou quieta por um momento.)

É um sistema que não posso localizar-te em termos de posição física dentro do teu universo físico; embora esta localização esteja muito além do teu próprio sistema solar, não existe, contudo, como massa física.

Existe dentro do teu universo físico, mas não é do teu universo físico, e não lida de todo com matéria física. É um sistema antigo, pela tua perspectiva. Possui o que chamarei um sistema de tempo invertido, que terei todo o gosto em discutir contigo sempre que quiseres.

Há formações cerebrais, não materializadas fisicamente. As sensações são perceções; as emoções são percecionadas em termos de cor, e diretamente em termos de intensidades. Não há aqui relação direta com o vosso sistema, exceto, claro, o facto de todos os sistemas estarem, em última instância, ligados. O sistema de tempo invertido resulta numa sequência de experiências diferente daquela com que estás familiarizado.

É difícil explicar-te em termos que possas compreender. Farei uma analogia, embora imperfeita. Tomemos a reencarnação como base. Imagina que tiveste dez reencarnações. Estas reencarnações representam todas porções da tua entidade, a viver ou a experienciar sensações em várias épocas dentro de um sistema de tempo físico.

A entidade tem consciência dessas dez porções de si própria. Conscientemente, porém, nenhuma das dez personalidades está ciente das outras, nem da entidade. Cada um dos dez egos percorre um tempo do ego feito de momentos sucessivos. Compreendemos que, ao nível subconsciente, está disponível muito mais conhecimento, mas não para o ego, regra geral.

Agora. Neste sistema de tempo invertido, o indivíduo dez tem consciência das experiências do indivíduo dois; e o indivíduo dois tem consciência das experiências do indivíduo dez. Todos estes indivíduos têm acesso às experiências dos outros. O indivíduo dez pode, por assim dizer, recuar sem confusão e entrar em qualquer experiência vivida por qualquer um dos outros indivíduos.

(Isto parece corresponder muito ao uso do que o Seth chama o terceiro, quarto e quinto sentidos interiores: perceção do passado, presente e futuro; o sentido conceptual; cognição de tecido conhecedor. O material sobre estes sentidos foi apresentado nas sessões 35–38.)

Não há fronteira temporal tal como a conhecem. Trata-se, obviamente, de uma Gestalt. No entanto, as experiências do indivíduo dois, por exemplo, estão a ser constantemente alteradas devido à intervenção das outras personalidades.

É melhor fazermos a nossa pausa, porque o material do Dr. Instream começará em breve.

(Pausa às 10:05. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos estiveram abertos grande parte do tempo, o ritmo foi bom, a voz normal. Disse que o Seth podia ter continuado neste registo, mas parou porque eram devidos os testes habituais. O Seth tinha o pensamento ou conceito seguinte “em espera”, disse a Jane, e tudo o que ela tinha de fazer era dar-lhe voz.

(Estava na hora do 28.º teste do Dr. Instream. Como de costume, o ritmo da Jane abrandou bastante. Falou com muitas pausas, sentada de olhos fechados, a cabeça baixa, a mão esquerda levantada à testa. Retoma às 10:10.)

Agora. Dêem-nos um momento e veremos o que conseguimos fazer.

Hoje, um programa de acontecimentos, interrompido, uma perturbação. (Pausa.) Talvez uma doença, e alguém na cama.

Um passeio tardio, da parte do Dr. Instream, creio que esta noite.

Uma pequena reunião esta tarde, com um homem mais velho e um mais novo. Talvez às cinco horas. (Pausa.) Um desejo do Dr. Instream que é satisfeito, relacionado com um projeto.

Alguns visitantes no seu gabinete mais cedo, do género incómodos. Uma ligação aqui com Ticonderoga. Talvez um dos visitantes fosse de lá. Não sei, mas isto aplica-se a algo ligado ao seu gabinete hoje. (Pausa.)

Creio que perdeu um cachecol, azul-marinho. Em qualquer caso, tenha sido perdido ou encontrado, vejo um cachecol azul-marinho na cadeira junto à sua secretária, no seu gabinete. Agora; isto é, no seu gabinete, agora.

(A Jane, ainda de olhos fechados, gesticulou aqui como que para tornar este ponto claro.) Uma carta hoje de um homem do Midwest, ou uma carta sobre ele. O homem é de idade. Tem duas filhas e é conhecido por resmungar.

Volto a ver a imagem de um relógio, com um padrão ornamentado à volta, oval em vez de redondo. A impressão de que é um relógio de senhora e não de homem, ou um relógio de lareira. As decorações são de cor dourada e não prateada, e os números são relativamente pequenos, e não grandes.

A perturbação mencionada antes pode possivelmente ter ocorrido durante uma aula.

Tens um teste para mim, Joseph?

(“Sim.”

(Eram 10:23, e este foi o nosso 25.º teste do envelope. Como de costume, a Jane recebeu o envelope de teste sem abrir os olhos. Encostou-o à testa durante uma ou duas frases, depois baixou-o para o colo.)

Agora, mais um momento, por favor.

Uma ligação com uma chegada, como no fim de um período de serviço. Uma ligação com a vista de colinas e com quatro pessoas. Um compromisso, como uma marcação ou reunião.

Uma azáfama. Uma ligação com o mês de junho. Os números três sete, e marcas diagonais nos quatro cantos de um pedaço de papel retangular, ligado talvez a um álbum de fotografias.

Uma ligação com formas escuras de colinas. Um local distante, também aqui ligado.

Um casaco castanho escuro, ou escuro-acastanhado, a cor de alguns uniformes. Lotação cheia. Muitas vozes, dança.

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 10:30. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos mantiveram-se fechados e o ritmo foi lento.

(Os resultados do teste desta noite apresentam um caso em que dois acontecimentos distintos são combinados nos resultados, como será explicado um pouco mais à frente. Para já, vou listar as peças de informação corretas que a Jane e eu conseguimos identificar facilmente.

(Ver o desenho dos dois talões de compra na página 179. Os dados contêm referências a ambos os talões, embora o Seth ou a Jane não os tenham identificado como tal, nem referido o facto de haver dois objetos de teste, como eu esperava. A Jane disse que, durante o teste, não tinha a certeza da origem da informação — do Seth ou dela.

(“Um compromisso, como uma marcação ou reunião” aplica-se ao talão da S. F. Iszard. No dia 21 de dezembro passado, a Jane e eu fomos às compras de Natal; separámo-nos para comprarmos presentes um para o outro, depois de combinarmos encontrar-nos num certo restaurante no centro quando terminássemos as compras. “Uma azáfama” pode aplicar-se a um ou a ambos os talões, já que, quando fomos às compras nos dias 18 e 21 de dezembro, encontrámos as lojas muito cheias. Alguns corredores eram difíceis de atravessar, era preciso esperar para entrar nos provadores, etc.

(“Um casaco castanho escuro, ou escuro-acastanhado, a cor de alguns uniformes” é uma referência a um blazer de bombazina que a Jane me comprou no Natal; isto está indicado pelo talão da Penny’s de 18 de dezembro. A cor do casaco aproxima-se bastante da do sobretudo de

inverno do uniforme quotidiano dos Fuzileiros Navais dos EUA. A ligação aos Fuzileiros ficará evidente dentro de pouco.

(“Lotação cheia. Muitas vozes, dança” refere-se à primeira vez que vesti o casaco novo. Foi numa festa dada pelo Bill Macdonnel na sua galeria de arte, na quinta-feira, 30 de dezembro. Chamava-se festa de Fim de Ano, estava muito cheia e havia dança. Ainda não voltei a usar o casaco fora de casa.

(O resto dos dados do teste parece formar um conjunto e pode ser ligado a um jovem amigo nosso com quem trabalhei. Há dois anos o amigo alistou-se nos Fuzileiros e foi enviado para o Alasca. Regressou a Elmira nas férias, de licença. Encontrei-me com ele duas vezes, mas a Jane não o viu. Claro que me ouviu falar dele.

(O nosso amigo vestia roupa civil, por isso, mesmo que a Jane o tivesse visto, não teria podido observar as cores do uniforme dele. Calhou, porém, que, enquanto esperávamos na fila dos correios para enviar encomendas, vimos um Fuzileiro de uniforme. A Jane notou a cor — não era o uniforme de gala azul — e perguntou-me qual era o ramo de serviço do militar, etc. Depois, quando fomos às compras, escolhemos o meu blazer numa cor semelhante, embora eu ache que nenhum de nós tenha pensado nessa ligação na altura.

(A Jane disse que, quando deu a informação sobre “marcas diagonais nos quatro cantos de um pedaço de papel retangular”, viu tal pedaço de papel com bastante nitidez no olho da mente, sem pensar especificamente numa fotografia.

(A Jane disse também que, quando surgiu a informação “Um compromisso”, etc., isso representou o esforço do Seth para a pôr na pista certa. Ela tinha em mente o nosso amigo Fuzileiro durante o teste, e ele estava noivo quando entrou ao serviço. Agora está casado e é pai.)

A Jane retomou no mesmo tom relativamente rápido, por vezes com os olhos abertos, às 10:40.

Agora, não vos vou reter muito.

Tempo suficiente, porém, para fazer alguns comentários. O Ruburt não estava particularmente no seu melhor esta noite, simplesmente porque estava algo perturbado com a tua reação, Joseph, ao episódio do carro.

No entanto, não há razão para que os testes se limitem a momentos em que as condições são excelentes, visto que teremos de lidar com muitas condições. Ainda assim, surgiu material válido, pois eu vi isso — e o casaco foi pensado como uma peça de informação identificadora.

Agora, simplesmente não podemos discutir tudo o que eu tinha em mente, ou a sessão estender-se-ia demasiado.

O que o Ruburt sentiu, porém, foi em parte legítimo. Quando permites que perturbações te abalem, então concentras-te tão profundamente no tempo do ego que cortas precisamente as capacidades de que precisas para te ajudares.

Não vale a pena, claro, fingir que não se está aborrecido. A questão é simplesmente fazeres o melhor possível, para que, gradualmente, aprendas não a inibir as tuas reações, mas a mudar a natureza das tuas reações habituais a elas.

Caso contrário, concentras as tuas energias criativas — todas as tuas energias — na própria perturbação e interpretas todos os outros dados à luz dessa perturbação. Por outras palavras, colocas-te numa posição em que focas a tua atenção em influências muito negativas.

O Ruburt também faz isto à sua maneira. Quem estiver, em dado momento, livre de tal dificuldade deve, de facto, ajudar o outro quando tais ocasiões surgirem. Vocês colocam-se, na prática, num estado de transe, e as sugestões ganham forte domínio — e raramente são construtivas nessas alturas.

O que precisam, porém, é de energia e recursos adicionais para lidar com tais problemas e, em vez disso, muitas vezes cortam-se eficazmente dos recursos que existem em vocês.

Estou a tomar este incidente como exemplo, mas as minhas observações são para ambos, pois ambos têm ampla margem de melhoria a este respeito. É verdade que eu não estou diretamente envolvido, e por isso podem pensar que me é fácil falar-vos assim. No entanto, é precisamente por não estar diretamente envolvido que consigo ver o problema e indicar maneiras de o resolver. Porque haverá sempre tais dificuldades, e um hábito de nelas concentrar-se pode ser altamente desvantajoso.

Agora, conforme preferirem, dou-vos uma pausa ou continuo.

(“Mais vale continuares, então.”)

(Eram 10:55. Esperava que a Jane continuasse, mas, para minha surpresa, vi que saíra do transe. Pelos vistos houve um mal-entendido a algum nível, ou eu não falei com clareza. Antes de termos tempo para discutir, ela retomou, com os olhos frequentemente abertos, às 10:56.)

Agora. Quando reages dessa maneira, não só te focas na dificuldade presente, como projetas a dificuldade e as suas consequências imaginadas para o futuro, voltando a expectativa contra ti e, assim, provocando as condições que desejas evitar.

Incidentes desta natureza podem parecer triviais. Contudo, os padrões de comportamento são extremamente importantes, e tal foco nas perturbações opõe-se diretamente a tudo o que tenho tentado dizer-vos. E

falo aqui apenas de um indivíduo, mas tais reações também são captadas pelos outros a nível subconsciente, e o círculo pode tornar-se vicioso.

Ambos sabem isto, tenho a certeza; em regra, ambos se saem razoavelmente bem em seguir procedimentos mais saudáveis. Mas as lições têm de ser postas em prática, ou não valem nada.

Voltamos, mais uma vez, ao que é verdadeiramente prático, por oposição ao que o ego pode considerar prático em qualquer momento.

Já vos preguei sermão suficiente para esta noite, mas não posso frisar demasiado a importância do que disse. Se direcionarem o vosso eu interior com confiança para vos guiar na existência física, ele fá-lo-á. Se se concentrarem nas dificuldades, não lhe permitirão fazê-lo. Este método de vos darem espaço também vos ajudará a alcançar maior liberdade em matérias psíquicas. Pois qualquer foco negativo (e sublinhem negativo) dentro da realidade egotística bloquear-vos-á automaticamente.

Não vos sentireis livres o suficiente para vos permitirem liberdade em quaisquer aventuras psíquicas. Com confiança nas vossas capacidades interiores, porém, os vossos problemas práticos serão eficazmente resolvidos quando não se detiverem neles, e uma maior mobilidade será alcançada no que toca a outras camadas do eu.

A razão deve obviamente ser usada. Não estou a falar de um otimismo indiscriminado ao estilo Pollyanna, e ainda assim até isso é mais prático, a longo prazo, do que qualquer concentração habitual em perturbações.

Não estou a acusar nenhum de vocês de tais hábitos, mas, devido à nossa relação, sinto-me na obrigação de mencionar tais questões quando surgem. Já deviam saber, ambos, que tenho sempre em mente os vossos melhores interesses.

E agora permitam-me desejar-vos uma muito cordial boa noite. Teria discutido mais o sistema de tempo invertido do vosso amigo, Joseph, não fosse a hora tardia.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 11:07. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos tinham estado abertos por vezes, o ritmo bastante rápido, a voz normal.

(Uma nota acrescentada uma semana depois: Para meu grande alívio, o Seth tratou do meu episódio com o carro na 223.^a sessão.)

SESSÃO 221
10 DE JANEIRO DE 1966

(No sábado, 8 de janeiro, a Jane e eu recebemos uma carta do Dr. Instream a pedir que o Seth fizesse o possível por dar dados sobre apenas um objeto durante os testes. O Dr. Instream mencionou também a sua dificuldade em tentar repetir uma experiência com cartas de PES, envolvendo probabilidades de um milhão e meio para um. A Jane e eu dissemos que gostaríamos que o Seth comentasse ambos os pontos na sessão desta noite.

(Ao fim de semana, o Bill e a Peggy Gallagher concordaram em tentar uma concentração mútua num único objeto, em casa deles, à hora das sessões. Guardariam um registo dos objetos escolhidos durante um mês, sem nos dizerem quais eram, e depois compararíamos a lista com os dados do Seth quando a experiência terminasse. Já tínhamos pensado em tentar isto.

(Tivemos, no entanto, algumas reservas quanto a fazê-lo agora, mas decidimos ver o que o Seth diria. Não queríamos criar uma sensação de pressão sobre a Jane durante as sessões e perguntámo-nos se seria sensato tentar três testes regulares. Queremos espaço para outro material também. Por esse motivo, pusemos de parte, por agora, os testes da chama da vela, embora pareçam promissores.

(Ver o desenho do objeto do teste do envelope na página 190. É um desenho humorístico feito por Ann Diebler, que trabalha no meu escritório na Artistic Card Co.; “Piggie”, a propósito, refere-se a “pigeon” (pombo). Mencionei o desenho à Jane há várias semanas, mas não desde então e, claro, ela não sabia que eu o tinha trazido para casa. Coloquei-o entre duas folhas de Bristol e selei-o no habitual envelope duplo.

(A Ann Diebler já ouviu o Seth falar duas vezes em sessões não programadas e leu algum do material inicial. Ver as notas das 206.^a e 214.^a sessões.

(A sessão realizou-se na nossa grande sala da frente. A Jane disse que estava um pouco sonolenta antes de começar. Começou a falar sentada e de olhos fechados, mas a meio da primeira transmissão os olhos começaram a abrir-se ocasionalmente. O ritmo era bom, a voz normal.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. Antes de mais, aconselho o Ruburt nestes termos: é melhor que ele não trabalhe na sua própria escrita ou registos até ao último momento antes de uma sessão.

Deve relaxar, da forma que escolher, na hora que antecede a sessão. Agora. Um sistema de tempo invertido apresenta-nos, na verdade, um sistema que se aproxima mais da verdadeira natureza do tempo. O tempo de facto volta-se sobre si mesmo, ao mesmo tempo que explode para fora de si. A teoria do universo em expansão aplica-se muito mais verdadeiramente ao tempo do que ao universo físico. Vocês pensam numa progressão constante para o futuro. Contudo, como sabem, não há uma progressão real, momento após momento, como supõem.

(O Seth tratou da teoria do universo em expansão nas sessões 42–45, dizendo, entre outras coisas, que o nosso universo físico não está a expandir-se como atualmente se pensa; falou bastante dos dados distorcivos fornecidos pelos nossos instrumentos.)

Vocês pensam no passado como algo terminado e concluído, mas, a nível subconsciente, viajam através do passado. O passado, portanto, torna-se presente. Sabem que a precognição é um facto. A linha reta do tempo não existe. Inversão, em termos de valor entrançado em valor, energia comprimida, contida, a trabalhar sobre si mesma — contida mas com impulso — aproxima-se muito mais da realidade. Contudo, o impulso funciona nos dois sentidos. Refiro-me agora aos vossos próprios termos de referência. Pois, se o tempo acelera para a frente, meus caros amigos, ou se dizem que os tempos aceleram para a frente — o que é algo inteiramente diferente — então têm também de dizer que acelera para trás. Pois esta energia move-se em todas as direções a partir do seu núcleo, e o núcleo por vezes torna-se a sua superfície externa.

Num sistema de tempo invertido, o impulso é reconhecido e também aproveitado, na medida em que é utilizado pela consciência individual, de modo que o vosso assim chamado presente, passado e futuro possam ser vistos como existentes num “agora” amplo. De novo, este tipo de sistema está muito perto da verdadeira natureza do tempo.

Mencionei que o habitante do outro sistema com quem fizeste contacto percebia a tua existência tanto no futuro como no passado. Estava também ciente, porém, do teu cativeiro comparativo num presente limitado. Pois o presente tal como o conheces é de facto muito limitado. Percebeu, portanto, quando o incidente ocorreu, como terminaria. Pode reviver o incidente quando quiser e experienciá-lo como presente, se assim escolher.

Pode também recordá-lo de qualquer ponto de vista no seu futuro, se quiser. Pode fornecer essa informação sobre esse evento à sua própria

imagem, tal como existia no tempo antes de o contacto ter sido feito. Pode, portanto, fazer alterações em qualquer aspeto do tempo que o afete.

No essencial, vê-se que o passado pode ser alterado. Ações presentes podem mudar eventos futuros que de outro modo ocorreriam. Mas, quando isto é admitido, então temos também de admitir que eventos presentes podem alterar o passado, pois não há no passado nenhum elemento que tenha uma estrutura, composição ou característica diferente da que está presente no futuro.

(O Seth já referiu a capacidade da sugestão para alterar a experiência que já passou. Ver as 187.^a e 202.^a sessões.)

O tempo não tem certas características quando o encaram como passado, ou como futuro, ou como presente. Qualquer diferença aparente entre passado e futuro deve-se simplesmente à vossa própria percepção. Muito do material que vos dei sobre a natureza da matéria física será útil quando considerado em ligação com este material sobre o tempo.

(Ver as sessões 60–73 no Volume 2.)

Vamos tentar dar-vos aqui um exemplo. Tomemos, então, a casa onde o Ruburt passou a infância. Como sabem, nunca foi um objeto definido e imutável. Essa casa era um aglomerado de átomos e moléculas, percecionado, em geral, como uma casa, mas percecionado especificamente por cada pessoa que a via como uma casa ligeiramente diferente. Pois cada observador criava, literalmente, a partir da sua própria energia subconsciente, uma aproximação de uma casa — uma forma geral então percecionada como casa — e ainda adornada por juízos pessoais.

Era, digamos, em 1943, ainda assim apenas uma porção de espaço percecionada por todos os que a viam à sua maneira. Não existia desprovida de, ou à parte de, quem a observava.

A inversão temporal permitiria simplesmente a recriação de uma percepção particular. O ano, por exemplo, de 1943 foi apenas uma coleção artificial de eventos, vagamente acordada. O passado existe na mesma medida em que o presente ou o futuro existem, e é apenas a percepção que é limitada.

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 9:30. A Jane estava dissociada, como de costume, para uma primeira transmissão. Os olhos abriram-se frequentemente depois de meio da transmissão, embora o ritmo tivesse começado a abrandar um pouco.

(Recomeçou a um ritmo mais lento, com os olhos novamente a abrirem-se com frequência, às 9:37.)

Agora. Em breve consideraremos várias estruturas psicológicas, pois existem variedades sem fim; embora discutamos apenas algumas — aquelas com que estou familiarizado.

Estas estruturas psicológicas atuam, obviamente, como plataformas de estabilização, por assim dizer, a partir das quais a energia pode ver-se a si própria. As estruturas psicológicas são simplesmente várias estruturas organizacionais equipadas para perceber a realidade de forma discriminada.

Estão equipadas para focar ao longo de direções particulares. Este material será extremamente interessante quando lá chegarmos. É extremamente difícil para uma estrutura psicológica ver-se a si mesma, pois, para o fazer, tem de se erguer acima das limitações e capacidades da sua própria natureza. Em muitas realidades, tal escrutínio é simplesmente impossível enquanto a estrutura opera de determinada maneira.

Gradualmente, as estruturas psicológicas conseguem focar áreas mais vastas e, para alcançar proficiência deste modo, começam efetivamente a construir eus estratificados que foram identidades independentes. Estas diversas capacidades percetivas organizam-se de modo a que os seus poderes de perceção sejam postos em comum numa Gestalt que acaba por formar uma nova identidade — uma estrutura psicológica mais complexa, capaz de perceber áreas maiores da realidade.

Mesmo dentro de um dado sistema, no entanto, nem todos os indivíduos estão no mesmo ponto. Agora, nas nossas sessões, estou certo de que, a esta altura, estão pelo menos até certo ponto cientes do que vos pareceria algo bastante estranho: o surgimento de um eu que observa o eu de que costumam estar conscientes; um eu com um sistema de tempo ligeiramente diferente, um ponto de vista da realidade ligeiramente diferente, um eu com maior controlo sobre a matéria física que compõe a vossa imagem física, um eu com um controlo bastante eficaz sobre o vosso futuro pessoal.

Falo agora, claro, de ambos. Ou seja, cada um de vocês deverá, a esta altura, estar ciente de tal unidade psicológica emergente. É o resultado da vossa capacidade de sair, até certo ponto, do vosso próprio sistema, pois não o podem fazer até estarem preparados. Porque a própria tentativa — ou tentativa bem-sucedida — resulta numa extensão do eu para fora do sistema em que foram nutridos.

Do ponto de vista deste eu emergente, podem ver, até certo ponto, o sistema no qual o eu anterior estava principalmente “aprisionado”. E falo em aprisionamento. Não falo, porém, em termos de confinamento compulsório. As vossas perceções simplesmente vos mantiveram onde

estavam. Não conseguiam ver claramente sequer onde estavam, pois as dimensões não vos eram claras “a partir de dentro”. Não conseguiam escalar o muro, por assim dizer. Tiveram de “crescer” em altura, se me perdoam outra analogia.

Terei mais a dizer nestes termos, pois em breve consideraremos as estruturas psicológicas em termos de ação e na sua relação com o tempo. Primeiro, relacioná-las-emos com este eu emergente que podem sentir pessoalmente e, depois, iremos mais além.

Agora, façam a vossa pausa.

(Pausa às 9:59. A Jane estava dissociada, como de costume, com os olhos a abrirem-se frequentemente. Estavam muito escuros. O ritmo acelerou bastante até à pausa.

(Estava na hora do 29.º teste do Dr. Instream. Como de costume, a Jane sentou-se quieta, com as mãos erguidas aos olhos fechados. O ritmo foi bastante lento, quebrado por muitas pausas de 15–20 segundos. Retoma às 10:09.)

Agora. Deem-nos um momento.

Tenho algumas palavras para o Dr. Instream. Creio ter mencionado antes que um objeto funcionará melhor se tiver significado emocional para ele.

Dêem-nos um momento. Pode ser longo.

(A Jane fez uma pausa de 40 segundos.)

Vêem, neste ponto temos de atravessar muitas impressões legítimas que colhemos em ligação com o Dr. Instream, antes de chegarmos à impressão específica que ele pretende.

Se for um objeto carregado emocionalmente, isso facilitar-nos-á a tarefa. Embora ele não precise então de se concentrar sobre o objeto com intensidade excessiva, pois o próprio objeto emitirá informação por si.

O Ruburt progrediu muito bem, mas ainda está a aprender a apontar de modo específico.

Algo redondo, do género de um alfineteiro. Vermelho, talvez com verde. Redondo, com forma de maçã, pertencente à esposa dele.

Agora, isto será considerado como o objeto. (Pausa às 10:17.)

Tenho algumas impressões relativas às cartas de PES. Um estudante de cabelo castanho. Parece-me captar a inicial E, embora não saiba se é a inicial do primeiro nome, do apelido ou do meio.

Também o número seis. Seis de um grupo. (Outra pausa de 40 segundos.) De um grupo particular. Um estudante do sexo masculino. (Uma pausa de um minuto.)

Não há razão para que os resultados do teste não possam ser repetidos, intrinsecamente. No entanto, o Dr. Instream receia que não sejam repetidos e, a menos que este sentimento mude da parte dele, assim será. Ele quer uma repetição, mas teme não a conseguir, precisamente porque a deseja demasiado, e o estudante reage a este fator inibidor subconsciente.

Parece-me captar uma semelhança algures entre o Dr. Instream e o estudante em causa — uma semelhança no nome, não sei. Ele acredita e espera sucesso nas suas experiências de hipnose, e é por isso que obtém sucesso. No entanto, havemos de conseguir o que queremos.

Um contacto emocional mais forte entre vocês, se tivesse sido possível, teria conduzido a resultados algo mais rápidos. (Pausa às 10:29.)

Agora. Sugiro que as experiências com o nosso jesuíta e amante de gatos esperem ainda um pouco, embora a ideia seja sólida, e faremos as nossas experiências mais tarde. Podem dizer-lho quando os virem.

Entretanto, para esta noite, daremos a impressão de uma rocha ou pedra que possa ser segurada na mão, que tenha ligação com a água, que seja malhada e cinzenta, com uma reentrância.

Tens um teste para mim, Joseph?

(“Tenho.”

(Eram 10:31. Entreguei à Jane o 26.º envelope duplamente selado do teste e, como de costume, ela recebeu-o sem abrir os olhos. Apertou-o contra a testa e continuou a segurá-lo aí, falando com muitas pausas.)

Dê-nos um momento, por favor.

A palavra “indefinido” aplicada ao objeto dos Gallagher.

Agora. Vamos ver o que conseguimos fazer.

Algo relacionado com dinheiro. O Ruburt pensa numa ordem de pagamento. Esta é a sua associação pessoal, por causa das tuas atividades recentes.

Um programa de acontecimentos. Uma ligação com várias pessoas, duas do sexo masculino e uma do sexo feminino em particular. A cor azul e uma nota ou carta.

O teu irmão, fotografias. Uma tarde. Agora, uma série de impressões relativas às fotografias tiradas pelo teu irmão Loren, do Ruburt.

Uma ligação, no entanto, com um acontecimento de novembro. Luzes especiais. O casaco branco do Ruburt e o sábado passado à noite.

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 10:40. A Jane estava dissociada, como de costume. Ao chegar a pausa, deu por si ainda com os óculos postos enquanto falava, algo que raramente acontece. O ritmo foi lento.

(Ver a reprodução do objeto do teste na página 190. Como se pode ver, praticamente nenhum dos dados se aplica ao objeto de teste, com exceção do casaco branco; a ligação aqui é ténue e será explicada. Pensei que “novembro” também poderia estar correto.

(A Jane disse que teve imagens visuais bastante fortes dos dados; por duas vezes viu o seu casaco branco com muita nitidez. No teste não conseguiu perceber quando se desviou para a pista de associações pessoais; de algum modo faltou a discriminação fina. A Jane disse que, ao aproximar-se a pausa, já sabia que o teste tinha sido fraco. Mas também sabia que o teste era fraco — algo que não teria sido capaz de distinguir há não muito tempo. Disse que sentia estar a envolver-se com imagens que sabia serem incorretas.

(A ligação do casaco branco referia-se ao facto de a Jane o ter vestido no sábado passado à noite, quando estava um frio de rachar. Ora, o objeto de teste contém um poema que refere pombos a tiritar e neve — daí a ligação. Achei que a referência a novembro podia ser legítima, já que a autora do objeto de teste, Ann Diebler, poderia ter visitado o nosso apartamento nesse mês. Uma verificação mostrou que sim — a Ann assistiu à sessão não programada de 5 de novembro de 1965.)

A Jane retomou a um ritmo moderado, com os olhos a abrirem-se ocasionalmente, às 10:45.

Agora. Vi de imediato o que estávamos a fazer aqui.

Contudo, só cometendo erros é que o Ruburt pode aprender a distinguir as mudanças altamente nebulosas, subjetivamente falando, que caracterizam os acertos legítimos em contraste com os fracassos e, sem a experiência, não aprenderia. O casaco foi uma ligação legítima, mas não consegui fazer isso passar por ele de forma correta. Ele estava a trabalhar ao nível das associações pessoais. Há uma certa “sensação” do canal correto, e ele aprenderá a distingui-la.

O acontecimento de novembro, creio, tinha que ver com uma ocasião em que a tua Ann vos visitou aqui, mas é manifestamente insuficiente.

Agora, eu estava preparado para entrar noutro material esta noite. Contudo, como se faz tarde, talvez devamos guardá-lo para a próxima sessão.

Tudo isto é um processo de aprendizagem. O relaxamento na hora que antecede as sessões ajudará. Estamos a tentar trabalhar em dois níveis aqui. Queremos sucesso, claro, mas também queremos saber como o sucesso é alcançado — e assim será.

Ao contrário do que se pensa, embora toda a gente tenha as chamadas capacidades psíquicas, elas têm de ser treinadas em áreas específicas de realização. É isso que estamos a fazer.

Agora, a menos que tenham alguma questão em particular, daremos por encerrada a sessão. (“Creio que não, então.”)

Os meus mais cordiais cumprimentos a ambos.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 10:57. A Jane estava dissociada, como de costume. Manteve os olhos fechados na maior parte do tempo. Disse que, em testes fracos, sente uma ligeira sensação de esforço, mental, que se pode comparar à sensação física de esforço quando não faz bem um exercício de Ioga, ou vai um pouco além sem preparação adequada.)

SESSÃO 222

12 DE JANEIRO DE 1966

(Esta tarde, ao fazer exercícios de Ioga, a Jane deu a si própria sugestões no sentido de que faria melhor no teste do envelope de hoje do que no da última sessão. Como se verá, fê-lo de facto bastante melhor.

(Ver a cópia na página 197. Para objeto do teste usei uma carta do meu irmão Loren, que vive em Tunkhannock, PA. Está dactilografada a tinta preta, em papel do peso desta página, branco. Foi dobrada uma vez, colocada entre duas folhas de Bristol e depois selada no habitual envelope duplo. O meu irmão, inadvertidamente, datou a carta de 1965 em vez de 1966.

(A sessão voltou a realizar-se na nossa grande sala da frente, e não foi interrompida. A Jane começou sentada e de olhos fechados. Porém, os olhos abriram-se cedo e ela mostrou-se muito divertida. O ritmo foi bom, a voz normal.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. Tenho algumas observações a fazer. Contudo, tu, Joseph, estiveste apressado com as tuas notas, por circunstâncias; e, se preferires, depois destas minhas breves observações, podemos esperar até às dez para o nosso material do Instream. Somos, em todos os momentos, flexíveis.

(“Não, já apanhei o fio todo agora.”)

(A Jane sorriu. Os seus olhos, muito escuros, abriram-se brevemente. Fitou-me do outro lado da mesa.)

Então continuarei. Antes de mais, posso felicitar-te por fazeres algo que não te apercebeste de teres feito. Tiveste alguma ajuda, é verdade, por parte do Ruburt, mas, no essencial, fizeste isto por ti próprio. Tens alguma ideia do que estou a falar?

(Outro sorriso da Jane enquanto me fitava. Eu não sabia a que se referia o Seth, por isso comecei a adivinhar.

(“O meu sonho?”

(— Na noite passada tive um sonho muito vívido em que levitava, o primeiro deste tipo desde que comecei a manter registos. A Jane abanou a cabeça.)

Não é disso que falo.

(“O dentista?”

(— Esta tarde entrei num transe leve antes de ir ao dentista e usei sugestão. Não senti nada na cadeira.)

Isso foi de facto muito bom, excelente — mas não é disso que falo.

(“Bem, então o carro?”

(A Jane sorriu largamente e acenou com a cabeça. Estava muito divertida. Apontou para mim, os olhos bem abertos.)

Agora sim, estás no assunto certo. Foi uma realização porque começaste do zero, por assim dizer. Conscientemente, o assunto irritava-te imenso. Vias o carro como uma velha máquina rabugenta, com os seus melhores dias já passados. Mas fizeste excelente uso do conselho que te dei quanto à importância das reações psicológicas.

Da tua parte, isto representou de facto um nível importante de conquista, simplesmente porque no passado te inclinavas mais facilmente para o pessimismo.

(Ver páginas 187–189 da 220.^a sessão para o conselho a que o Seth se refere.)

Quero explicar exatamente o que fizeste, pois hás de achar muito engraçado.

Quando o problema começou inicialmente — o problema mais recente — estavas, em geral, enojado com o carro, e o teu enojamento levou às dificuldades. Não de modo nebuloso ou simbólico, mas em termos muito literais.

Esqueceste-te de comprar gasolina. Antes, não tinhas notado o pequeno sinal vermelho a indicar que era preciso óleo e, se a tendência tivesse continuado, continuarias a ignorar essa luz de aviso. Se a tua atitude tivesse sido suficientemente forte para afetar o Ruburt, ele também não a teria notado. A condição geral do carro estava a caminho da deterioração.

(Há cerca de uma semana esqueci-me de comprar gasolina, e isto levou a uma situação que podia ter sido perigosa. Quando a Jane e eu íamos a casa dos Gallagher, que vivem no topo de uma colina íngreme e longa fora de Elmira, o carro perdeu potência e depois foi abaixo na subida. Já era noite, a estrada estava escorregadia de neve; tive de recuar colina abaixo enquanto a Jane iluminava o caminho com uma lanterna, até encontrar uma entrada. Não me apercebi, na altura, de que estava com pouca gasolina, pois o carro pegou quando descíamos a lanço. Chegámos a casa em segurança, mas o carro já não voltou a pegar.

(A Jane e eu fomos a pé a um posto próximo buscar gasolina, mas o carro continuou sem pegar; conseqüentemente, a oficina teve de rebocar o carro para reparação. As informações do Seth sobre a luz de óleo parecem também corretas, pois, quando a oficina verificou o nível do óleo, estava bastante baixo. Costumo estar atento a isto, e é interessante especular sobre como não vi a luz de aviso acender-se, já que fica no painel à minha frente. Mandei verificar o óleo imediatamente depois de me aperceber de que a luz estava acesa. Nem a Jane a tinha notado acesa.

(O carro funcionou bem no dia seguinte à reparação, em que disseram que o problema era humidade no distribuidor. No dia seguinte, voltou a não pegar. Isto obrigou a novo reboque para a oficina. Para nossa surpresa, o segundo reboque e reparação foram gratuitos; o chefe de oficina disse-nos que havia corrosão nas ligações da bobina e que o mecânico devia tê-la notado e corrigido logo da primeira vez que o carro lá esteve.

(A 220.^a sessão, que contém o conselho do Seth, teve lugar enquanto o carro estava na oficina da primeira vez. Após a sessão, fiz um esforço consciente para melhorar a minha atitude em relação ao carro. Nessa altura, já tinha a ideia de que as atitudes psicológicas podiam afetar o carro e recordei que, uma vez, o Seth já tratara do carro e das nossas atitudes quando íamos de férias ao Maine, em agosto de 1964. Ver as 80.^a–81.^a sessões. Segundo o Seth, a Jane e eu conseguimos alterar bastante o consumo de óleo do carro; e, como evidência, tínhamos diante de nós o facto de o carro ter consumido muito menos óleo na viagem do que tínhamos calculado. Ver Volume 2.)

Quando a tua atitude começou a mudar, mudou primeiro a nível subconsciente. Conscientemente, não tinhas consciência da mudança. Ora, já tinhas causado algum dano. O problema era torná-lo o mais pequeno possível. Foi, portanto, concentrado como corrosão na bobina, e essa corrosão não estava lá quando o teu mecânico a examinou anteriormente.

Os elementos destrutivos foram concentrados, dados uma forma tangível bonita e arrumadinha e, por isso, remediados de modo físico.

Agora, podes fazer — isto é, qualquer indivíduo pode fazer, e faz — o mesmo com o corpo físico. Se as suas reações causam uma condição geral e difusa de mau estado, isto é muito mais difícil de tratar. Mas, se essa energia puder ser colocada numa forma específica — uma borbulha, uma dor, uma úlcera — pelo menos o problema é reconhecido, localizado e pode ser tratado com um pouco menos de dificuldade.

Não havia necessidade de o teu mecânico pensar, então, que o problema não tinha sido notado, pois, quando examinou o carro da última vez, a condição geral era má. Mas não havia problema físico ou localizado específico. Pensei que acharias isto bastante interessante.

(A Jane sorriu de novo. Eu achei interessante, sobretudo quando contemplei tentar explicar isto ao nosso chefe de oficina, que é nosso amigo pessoal mas não conhece estas sessões.)

Fiquei satisfeito com o estado de transe que alcançaste quando foste ao dentista. E, se consegues fazê-lo sob esse stress, vês que também o podes fazer noutras situações. Com os teus pais, por exemplo, podes usar este conhecimento, para que as ações deles não te perturbem em demasia. Com eles, basta a sugestão de que só reagirás a sugestões construtivas.

Isto deixa-vos ainda livres das reações habituais com eles; não vos precisa de fechar à conversa e, no entanto, dá-vos imunidade face às atitudes negativas deles. Deste modo podem de facto ajuda-los, mantendo-se vocês próprios livres.

Ambos fazem isto agora em relação à vossa Miss Callahan, portanto devem reconhecer-lhe a “sensação”.

Podem fazer a vossa pausa.

(Pausa às 9:21. A Jane estava dissociada, como de costume, para uma primeira transmissão. Os olhos abriram-se frequentemente e o ritmo acelerou à medida que a sessão avançava. Recomeçou do mesmo modo às 9:26.)

Agora. Tenho várias coisas a dizer.

Antes de mais, para te dar descanso, Joseph, podes gravar em fita quaisquer sessões que prefiras; por exemplo, gravar as sessões de uma semana, durante as quais o Ruburt poderia depois transcrever as notas para te dar algum tempo extra para ti. Ele poderia seguir o teu formato e datilografá-las de vez em quando para ti.

Tenho muito mais material sobre o tempo invertido para vos dar, mas há um assunto pessoal de que gostaria de tratar.

A tua atitude para com o teu fiel carro velho não se baseia nas razões a que a atribuis. Um automóvel significa uma coisa para ti e outra para o

Ruburt. Obviamente, os vossos antecedentes têm muito a ver com isto, mas não creio que te apercebas do que estou prestes a dizer.

Tens alguma ideia, agora?

(“Talvez.”

(Pensei que o Seth iria dizer algo sobre as minhas atitudes influenciarem o comportamento físico do carro.)

Estou a falar da relação, na tua mente, entre o teu pai e os automóveis. Isto ocorreu-te?

(“Só de uma forma muito geral, simbólica.” A Jane sorriu, os olhos grandes e escuros.)

Pois então, é mesmo altura para estas observações.

Antes de mais, a ideia de automóvel para o Ruburt — porque é mais simples e fácil de explicar. A mãe dele não podia sair de casa. Em criança, ele corria sempre para se certificar de que conseguia mover-se de todo. Para ele, um carro é uma extensão dessa mobilidade.

Não importa se o carro é velho ou novo, desde que tenha um, e é por isso que ele combate qualquer sugestão tua de passarem sem carro. O carro é, para ele, também, uma imagem complementar do pai, que estava sempre em movimento — mais do que a maioria dos homens — enquanto a mãe não se conseguia mover de todo. A falta de um carro também lhe faz temer um regresso à pobreza, já que, no seu bairro, ter um carro — qualquer carro — era sinal de luxo.

Já no teu caso, a situação não é apenas diferente: é contrária. Para ti, por causa do teu pai, um carro representa, por um lado, uma imagem de perfeição. O teu pai insistia, devido ao seu trabalho com baterias, na perfeição. Um carro velho dificilmente representa essa imagem.

(Tenho 46 anos. Em miúdo, via o meu pai fabricar baterias de automóvel à mão. Tinha o seu próprio negócio em Sayre, PA, e orgulhava-se muito da excelência do seu trabalho. O negócio começou a falhar quando as baterias passaram a ser produzidas em massa, e a Grande Depressão acabou com ele.)

O teu pai teria vontade de dar pontapés em carros velhos, pois sentia que o desafiavam, já que funcionavam mal. Mais do que isso, porém, ambos os teus pais ainda sentem que um carro é um símbolo de estatuto social, e tu crescestes com isto. Quando os vossos carros eram novos sentias-te um com eles. Mas um carro velho traz de volta as velhas disputas entre os teus pais e é precisamente aqui que, subconscientemente, tu e o Ruburt não concordam. Ele aceita de bom grado um carro velho — qualquer coisa que ande serve. Para ti, o carro velho não significou liberdade, mas imperfeição.

Quero deixar isto claro, pois deverá ajudar-vos a ambos a compreender as vossas reações e a modificá-las em conformidade. Alguns dos teus sentimentos mais básicos em relação ao automóvel cresceram como resultado da primeira viagem à Califórnia, quando, durante dias seguidos, em criança, ouviste os teus pais a ralharem. Estavam incertos quanto ao que encontrariam, pessimistas, e culpavam-se mutuamente por terem partido.

Não era o espírito aventureiro de que te falaram, e tu ouviste cada palavra. Por outro lado, tens um sentimento bastante profundo por objetos mecânicos. Isto está ligado, em parte, ao teu posto no serviço. Mas as razões conscientes que tens para te irritares com o teu automóvel — essas razões são racionalizações para escamotear as causas mais profundas.

(Tinha três anos quando os meus pais fizeram a viagem de um mês até à Califórnia; o meu irmão Loren tinha dois. Conservo algumas memórias conscientes vívidas da viagem. Cresci a ouvir os meus pais falar dela. Quando fui recrutado na Segunda Guerra Mundial, fiz testes de aptidão; para minha surpresa, saí-me bem em matérias mecânicas e acabei como mecânico de avião e especialista em instrumentos no Air Transport Command.)

Há também aqui uma ligação menor com a garagem onde o teu pai passava tanto tempo, pois captaste a raiva da tua mãe por ele estar lá tantas vezes. Uma pequena observação e podem fazer a pausa: o Ruburt, pelas razões mencionadas, também gostava de tudo o que tivesse rodas e se movesse — patins, por exemplo. Qualquer coisa que oferecesse esperança de mobilidade.

(Pausa às 9:49. A Jane disse que esteve muito bem dissociada nesta transmissão. Os olhos estiveram frequentemente abertos e o ritmo foi bom. Mal a pausa começou, retomou brevemente, com voz muito mais grave, às 9:50.)

Uma nota: o teu pai sentia-se ineficaz e um falhado quando um automóvel não funcionava bem, por causa da sua ligação a carros — e tu assimilaste isto. O que é altamente ridículo, como podes ver, já que os teus próprios interesses seguem outras direções.

(Nova pausa às 9:51. A Jane disse que, claro, sempre gostou de ter um carro — qualquer carro — disponível. Mas não tinha associado isto particularmente às razões que o Seth atribui a uma necessidade de mobilidade. Nem tinha feito grande ligação com a ideia do pai ser um “homem viajante”. A minha ideia era a de que o Seth já mencionara estas coisas brevemente em sessões muito anteriores.

(A Jane disse-me agora que, enquanto falava da última vez, recebeu uma mensagem do Seth no sentido de que, a partir de agora, não devia fumar durante os testes, por causa da distração envolvida. Não precisou de fazer pausa durante o material habitual para receber esta mensagem; pareceu recebê-la noutra nível, em simultâneo com o material que verbalizava. Tinha fumado até aqui durante a sessão.

(Estava na hora do 30.º teste do Dr. Instream. Contudo, não se materializou de imediato e a Jane retomou às 10:01, com os olhos a abrirem-se ocasionalmente.)

Vejo que o Ruburt recebeu corretamente a minha mensagem. Esta mensagem foi dada, aliás, mentalmente, enquanto ele transmitia as minhas palavras sobre outro assunto — e isto é, de facto, uma conquista.

Daremos ao Dr. Instream um momento ou dois enquanto faço mais algumas observações.

(A Jane olhou para mim agora.)

Estás a ir muito bem — muito melhor do que julgas, em termos gerais. Reações que terias considerado naturais no passado, passas agora a aceitar como desfavoráveis — como são. Mas esse reconhecimento, percebes, leva-te por vezes a pensar que não estás a progredir quando, na verdade, estás. Exiges mais de ti agora, e estás a obter mais.

Estes pequenos episódios de há pouco tempo ter-te-iam soterrado no passado, desproporcionadamente; não é o caso agora. Notaste, tenho a certeza, também, que as reações do Ruburt são de natureza mais estável.

(“Sim.”)

Ele já não sente a necessidade de mudar os móveis com rapidez tão estonteante.

(“Sim.”)

Agora. Por favor, dá-nos um momento.

(A Jane fez uma pausa às 10:10. Sentou-se quieta, cabeça baixa, mãos erguidas aos olhos fechados. Não estava a fumar. O ritmo ficou mais lento, com muitas pausas breves.)

Algo do género de um tecido com uma armação de madeira, creio, para o nosso objeto. A cor azul. A armação é usada para suporte. (Pausa de 40 segundos.) Estofado. Estofado azul, com algo como pequenas tachas nele, que ficam reentrantes. Uma cadeira azul. Este é o nosso objeto. (Pausa.)

Acontecimentos perturbadores hoje, creio, à volta do nosso Dr. Instream.

Um obstáculo. Talvez alguma dificuldade nas suas experiências de hipnose, que iam tão bem. Por alguma razão, no entanto, parecem melhores

as probabilidades nas suas experiências com cartas de PES, embora não de natureza tão espetacular como as alcançadas antes. (Pausa.)

Creio que esta alteração para melhor, ou esta possibilidade de alteração, se deve a um “arranco” por parte do estudante — uma mudança de humor de que se pode tirar partido. Parece-me haver alguma ligação, pelo menos para mim, entre a cadeira azul e esse estudante. (Pausa.)

Planos que o Dr. Instream tem estado a fazer para uma grande reunião na próxima primavera ou no início do verão não se concretizarão da maneira que ele antecipa. Haverá uma alteração global neles. Podem sublinhar global. (Pausa.)

Uma carta de Nova Iorque a mencionar uma reunião, com a inicial P ligada a isto.

Indiquei especificamente a cadeira azul como objeto. (Pausa às 10:20.) Vou pedir-te, Joseph, o nosso teste, e terei depois algumas observações gerais a fazer sobre os nossos testes neste ponto.

(Como de costume, a Jane recebeu de mim o envelope duplamente selado sem abrir os olhos. Tinha a cabeça inclinada; de tal modo que, quando ergueu o envelope — como tem feito ultimamente — pressionou-o contra o topo da cabeça. Este é o 27.º teste do envelope.)

Agora, por favor, dá-nos um momento.

Estas são impressões.

O hábito de “esconder para mais tarde”. Uma ligação com quatro pessoas, creio que homens. Um estúdio. Um item em papel. (Pausa longa.)

Uma ligação com uma fotografia que foi tirada juntamente com outras — mais do que uma do mesmo tipo, por outras palavras.

Agora, esta observação leva o Ruburt a pensar na Lois. Tais ligações pessoais são importantes para os nossos propósitos, por isso menciono-as.

Agora. Um quadrado e um objeto redondo, talvez dentro do quadrado. Iniciais. (Pausa longa às 10:26.) Ligação do Ruburt: um acontecimento perturbador. Podem pôr as ligações do Ruburt entre parêntesis.

Capto uma ligação muito distante com o Wisconsin, que não compreendo (pausa), e com objetos vistos de cima.

Também uma ligação com algo como uma bandeira. Linhas horizontais e formas de estrela. Duas horas.

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 10:29. A Jane estava dissociada, como de costume. Manteve os olhos fechados. Segurou o envelope de teste no topo da cabeça o tempo todo. Achou que não tinha ido bem no teste, quando na realidade os resultados foram muito bons.

(Ver a cópia do objeto de teste na página 197.

(“O hábito de esconder para mais tarde” é uma boa referência ao meu pai, no estúdio fotográfico do qual o meu irmão Loren tirou as fotografias a que se refere na carta-teste. O estúdio fica numa parte da cave do meu pai; o resto da cave está atafalhado de tralha acumulada ao longo dos anos. O resto da família vê a cave sobrecarregada como um risco de incêndio.

(“Uma ligação com quatro pessoas, creio que homens.” Estavam presentes no estúdio três homens e uma mulher quando as fotos mostradas na página 198 foram tiradas, perfazendo o total correto de quatro pessoas: a Jane, eu, o meu pai e o meu irmão Loren.

(“Um estúdio.” Refere-se ao estúdio fotográfico do meu pai.

(“Um item em papel.” O objeto de teste é um item em papel.

(“Uma ligação com uma fotografia que foi tirada juntamente com outras — mais do que uma do mesmo tipo.” O objeto de teste está, claro, ligado às fotos também indicadas na página 198, e essas fotos em particular estavam ligadas a “outras”, pois eram as duas últimas exposições de um rolo.

(“Agora, esta observação leva o Ruburt a pensar na Lois.” É um bom exemplo de como funcionam as associações pessoais. A nossa amiga Lois tirou recentemente algumas fotos da Jane para a sobrecapa do livro de PES da Jane. As fotos do meu irmão Loren também eram para ser usadas em ligação com a publicidade do livro.

(“Um quadrado e um objeto redondo, talvez dentro do quadrado.” É uma boa referência às transparências a cores tiradas pelo meu irmão. Ver de novo as reproduções das fotos na página 198. Temos uma área retangular com cantos arredondados dentro do objeto quadrado. Talvez a percepção dos cantos arredondados, por parte do Seth/Jane, tenha levado à afirmação sobre um objeto redondo dentro do quadrado.

(Iniciais. As iniciais “ASA” aparecem na carta do meu irmão. Pode haver outros significados aqui.

(“Ligação do Ruburt: um acontecimento perturbador” é uma boa referência ao restante da carta do meu irmão, que não está incluído na página 197. O conteúdo desta parte da carta está, no entanto, disponível para quem estude estes resultados.

(“Capto uma ligação muito distante com o Wisconsin, que não compreendo” deixou a Jane intrigada, pois não fazia ideia do que poderia ser. Eu achei que podia ser uma referência ao facto de o meu irmão Loren, autor da carta-teste, ser entusiasta de modelismo ferroviário. Pensei que a revista Model Railroader fosse publicada no Wisconsin. Há aqui uma ligação forte porque o Loren tem contribuído com artigos e fotografias para essa revista há muitos anos. Uma ida à banca para confirmar verificou a

minha ideia: a Model Railroader tem redação em Milwaukee, Wisconsin. A Jane ficou particularmente satisfeita com isto porque nada sabe do passatempo, nem da revista, nem da sua morada. Eu próprio demorei dois dias, após a sessão, a estabelecer a ligação com o Wisconsin.)

(“e com objetos vistos de cima.” Isto é especulação: a maquete de caminho-de-ferro do Loren está montada à altura da cintura na cave da sua casa em Tunkhannock, PA. Assim, ao estar diante dela, olha-se de cima para os pequenos modelos de comboios, etc.

(“Também uma ligação com algo como uma bandeira.” Mais especulação: muitos dos símbolos de várias companhias ferroviárias são desenhados em forma de bandeira, e o Loren fez desenhos de alguns desses símbolos para publicação, creio eu, na Model Railroader.

(“Linhas horizontais e formas de estrela.” é vago para nós, embora o objeto de teste, a carta, contenha linhas horizontais de texto.

(“Duas horas.” parece referir-se à hora a que foram tiradas as fotografias da Jane. Num domingo, depois de um almoço ao meio-dia em casa dos meus pais, a Jane, eu, o Loren e o meu pai descemos ao estúdio fotográfico.

(A Jane disse que a referência do Seth à Lois a pôs de novo na via certa quanto aos dados subsequentes. Havia aqui uma distinção fina a fazer, já que tanto a Lois como o meu irmão estiveram envolvidos em fotografar a Jane para o mesmo fim: o livro de PES da Jane. Assim, o Seth e a Jane trabalharam aqui muito bem em conjunto. Notar também outro exemplo de cooperação, em que a Jane contribuiu com precisão com a sua ligação a um acontecimento perturbador, e o Seth disse que essa era ideia da Jane.

(Como referido, a Jane tirou tempo para relaxar antes da sessão de hoje e sente que valeu bem a pena.

(Os olhos da Jane voltaram a abrir-se com bastante frequência quando retomou às 10:40.)

Agora o Ruburt pode fumar o seu cigarro.

Ele está a ir muito bem. Melhorará automaticamente. Quero que ele se lembre disto, pois não há razão para se culpar quando, como no nosso último teste, corremos mal. Não há culpas envolvidas.

As sugestões positivas que usou hoje foram excelentes, no entanto.

Esta noite mencionei especificamente a impressão incorreta para o pôr no rumo certo. Isto também representa, da parte dele, uma distinção fina.

Nos nossos testes trabalhamos quase como um único organismo, como uma gestalt — e tu também tens aqui um papel, Joseph. Fomos certamente específicos neste último teste, mas tem de haver liberdade primeiro.

Agora, o Ruburt fica inseguro no que toca aos testes do Dr. Instream quando nos pedem um objeto específico, e isso atrapalha-nos. Contudo, este sentimento desaparecerá à medida que continuarmos e, de novo, é uma reação natural da parte dele, por isso não deve culpar-se por isso. Acabaremos não só com resultados excelentes numa base razoavelmente previsível, como também os vossos registos formarão um excelente documento que mostra como estas capacidades são usadas e traduzidas em termos práticos.

Com muitos médiuns, a capacidade é tão automática que nada se pode aprender sobre o processo à medida que ocorre. Agora tentarei assinalar impressões incorretas quando me for possível. Vocês poderão ver como as percepções extrassensoriais se fundem com associações pessoais e observar a mente enquanto aprende, efetivamente, a perceber a diferença.

Verão quando e como as associações pessoais do Ruburt nos ajudam, e quando e como não nos ajudam. Como resultado, o Ruburt será capaz, por fim, de filtrar os dados incorretos. Isto é difícil simplesmente porque os dados são legítimos para camadas importantes da personalidade — e podem ver as percepções extrassensoriais a fundirem-se com outras associações.

(A voz da Jane agora aprofundou-se bastante e tornou-se consideravelmente mais alta. Para dar mais ênfase bateu na mesa. Tinha os olhos abertos e muito escuros.)

E é precisamente assim que os sonhos se formam, e por que razão tantas vezes parecem incompreensíveis — porque, quando os examinam, fazem-no à luz apenas das vossas associações pessoais. Olham para eles “de esguelha”.

Agora, estou plenamente preparado para continuar. Contudo, sei que nos aproximamos da hora habitual de fecho, e podem continuar ou não, como preferirem.

(“Receio que tenhamos de encerrar então.”)

Se quiserem, podem ter uma sessão em que me façam quaisquer perguntas pessoais que vos ocorram. Eu estava a reservar o material relativo ao vosso carro para uma ocasião dessas, mas decidi esta noite que era suficientemente importante para o abordar numa sessão regular.

Os meus melhores votos, e tenho gostado de passear no vosso carro.

(“Ainda bem. Boa noite, Seth.”)

(Fim às 10:55. A Jane esteve dissociada como de costume. O ritmo foi bom. Disse que, esta noite, esteve bastante consciente da presença de outra personalidade na sala connosco. Sentiu como se estivesse a reagir a uma

terceira pessoa, com quem sentia empatia e cuja partida detestava ver. Não tinha estado tão conscientemente ciente desta sensação antes.

(As afirmações do Seth na página 207, no sentido de que mesmo dados incorretos de teste são legítimos para camadas importantes da personalidade, são provavelmente importantes, na nossa opinião. Temos estado cientes desta possibilidade e planeamos fazer mais perguntas sobre ela. Não me recordo de o Seth se ter referido a este ponto de forma tão clara antes, embora possa ter acontecido. A Jane e eu não nos lembramos de ter lido nada que tratasse do assunto e perguntamo-nos se não poderá ser um campo de investigação bastante válido por si só.)

SESSÃO 223

CERCA DE 16 DE JANEIRO DE 1966

(O Bill e a Peggy Gallagher visitaram-nos esta noite e o Seth fez uma sessão não programada, bastante curta. Os Gallagher assistiram à primeira parte da sessão. Depois de se irem embora, o Seth e eu tivemos uma conversa de comprimento moderado. Fiz algumas notas breves, não textuais salvo os nomes, que o Seth soletrou.

(Depois de o Seth anunciar a sua presença, o Bill disse que, meia hora antes, se tinha perguntado se o Seth não falaria. O Seth confirmou que, nessa altura, quase tinha “vindo”, e a Jane disse-me mais tarde que tinha estado ciente disso, sem sentir impulso de abrir sessão.

(A conversa foi bastante jovial entre o grupo. O Seth discutiu várias experiências psíquicas que o Bill anotou recentemente, dizendo que envolviam telepatia e precognição. O Seth disse que, tal como no caso do John Bradley, o Bill se tornará cada vez mais consciente de tais experiências, agora que está mais familiarizado com estas sessões.

(De alguma forma, a conversa derivou para as vidas que a Jane e eu tínhamos levado na Dinamarca. Quando observei, em tom de brincadeira, que ainda nem sabíamos que nomes tínhamos nessa vida, o Seth prontamente começou a soletrá-los. A Jane e eu sempre tivemos curiosidade sobre esses nomes.

(O meu nome na Dinamarca, nos anos 1600, era Larns Devonsdorf. O Seth era Brons Martzens. A minha esposa nessa vida chamava-se Letti Cluse. A Jane era meu filho nessa vida, chamando-se Graton. O Seth tratou das nossas vidas na Dinamarca em algumas sessões iniciais, sem entrar em muito detalhe, e referiu-se a elas ocasionalmente em sessões posteriores. Na segunda sessão, enquanto ainda nos falava através da personalidade de Frank Watts, o Seth disse-nos que fora um comerciante

que negociava especiarias. Agora confirmou esse dado e deu-nos um pouco mais de informação. Ver Volume 1.

(O Brotzanin II foi um dos navios com que o Seth esteve ligado na sua vida na Dinamarca. O “II”, disse-nos agora, significava que este era o segundo navio com esse nome. Tinha sido uma fragata dinamarquesa — um navio de guerra — antes de vir parar, como mercante, ao estaleiro do Seth. O Seth foi seu proprietário em 1631–32 e usou-o no comércio de especiarias.

(O Bill Gallagher duvidou de que navios de guerra fossem usados por mercadores, mas o Seth disse que isso era comum naqueles tempos; todos os navios tinham de estar armados, de qualquer forma, como proteção contra a pirataria. O Brotzanin II não estava em muito bom estado quando o Seth o adquiriu. A conversa levou a algumas das viagens que o navio fez.

O Seth lembrou enfaticamente que, na maior parte do tempo, “mantinha os pés em terra firme”, embora tenha falado de algumas viagens que fez. Sublinhou que era comerciante, não marinheiro.

(Ao falar das suas viagens, o Seth disse que teríamos de ter paciência com o Ruburt, porque o Ruburt — a Jane — sabia muito pouco de geografia; posso atestar isto. Ela passou então a falar mais devagar, com a cabeça baixa e os olhos fechados, ao passo que antes os olhos se abriam muitas vezes e a sua maneira era muito animada e bem-disposta.

(O Seth disse que o Brotzanin II seguira uma corrente quente e que a viagem demorara 22 dias até “ao nosso primeiro porto, onde acrescentámos alguns mantimentos... Estivemos depois 8 dias até outro porto. Terão de ter paciência comigo aqui... 62 dias até ao nosso destino.

Noz-moscada de uma costa, cravinho de outra.”

(O Bill e eu tentámos fixar a rota do Brotzanin II e pareceu incluir os Açores como primeira escala, depois contornar a ponta de África pelo Cabo da Boa Esperança e subir a costa oriental até Madagáscar e Zanzibar. Zanzibar é a fonte de cravinho, segundo recorde de leituras minhas; a Jane disse não saber isso. Contudo, o Seth disse que o navio não parava sempre em Zanzibar em todas as viagens.

(“Limões”, disse-nos o Seth, “nós conhecíamos limões antes dos ingleses. Ralávamos as cascas e bebíamos o sumo, e fazíamos das cascas uma espécie de pasta para pôr nas feridas. Também secávamos as cascas e guardávamo-las no porão.” Os limões eram usados nesses tempos como proteção contra o escorbuto.

(Depois de os Gallagher saírem, o Seth e eu continuámos a conversar. O Seth disse-me que eu me tornaria um pintor muito conhecido; o Ruburt, disse, nada sabia sobre agentes artísticos ou a sua localização na cidade de Nova Iorque — fê-lo “para registo” — acrescentando que há um agente na 62nd Street que me poderá ser de grande ajuda. Posso confirmar que é o bairro correto, pela experiência passada. Não me deu o nome do agente.

Disse-me que tenho trabalhado para libertar as minhas intuições; já tenho disciplina suficiente. Com a Jane, tem sido ao contrário. Ambos estamos a fazer bons progressos.

(O Seth disse também que a minha obra se tornaria conhecida em parte pela fonte de inspiração de alguma dela — as visões que tenho e que nascem destas sessões.

(O Seth disse que a Jane e eu deveríamos fazer uma viagem a Nova Iorque esta primavera, sejamos chamados por alguém ou não — referindo-se principalmente ao editor da Jane. A viagem poderá ser-nos muito benéfica pelos contactos que faremos. Esses contactos surgirão de vermos as seguintes pessoas: Don Wollheim, um editor com quem a Jane já publicou; o seu editor atual, Frederick Fell; Eileen Garrett; e Dick Roberts, editor sénior na Dell Books, com quem a Jane publicou. Devemos marcar encontros com estas pessoas e fazer a viagem, haja ou não publicidade envolvida para o livro de PES da Jane, a publicar na primavera.

(O Seth disse-me que, com o passar dos anos e a continuação destas sessões, tanto a Jane como eu ficaremos cada vez mais certos de que ele é o que diz ser — uma essência de personalidade energética. As provas acumular-se-ão.

(Na 221.^a sessão, o Seth sugeriu que adiássemos a nossa série de testes de objetos com os Gallagher. Ao mesmo tempo, descreveu o objeto em que os Gallagher se estavam a concentrar em casa, fora de Elmira, à hora da sessão. A Jane soube, por via da Peggy Gallagher, mais tarde na semana, que o objeto era um bule em miniatura. Na visita desta noite pedi ao Bill que desenhasse uma versão à escala real do bulezinho para incluir no registo, e está na página 211.

(Os dados do Seth sobre esse teste foram: “... daremos a impressão de uma rocha ou pedra que possa ser segurada na mão, que tenha ligação com a água, que seja malhada e cinzenta, com uma reentrância... a palavra ‘indefinido’ aplicada ao objeto dos Gallagher.”

(Sem nos entregarmos a pensamento desejoso, a Jane e eu achámos ver alguns pontos de semelhança entre os dados acima e um bule em miniatura, a saber: o facto de o objeto de teste poder ser segurado na mão, ter ligação com água e uma reentrância. Como esta foi a primeira tentativa da Jane com os Gallagher, eu estava curioso sobre o que o Seth diria. Disse-me agora que a impressão de rocha ou pedra foi erro dele e não da Jane — nem do Ruburt.

(O Seth disse que não foi cuidadoso o suficiente a separar as suas próprias impressões. Captou com suficiente exatidão que o objeto de teste podia ser segurado na mão, tinha ligação com água e uma reentrância — a abertura do bule —, mas errou na terminologia de rocha/pedra, na cor e na palavra “indefinido”. O Bill indicou a cor do bule no seu esboço,

dizendo que o objeto está longe de ser indefinido. O Seth disse que o Ruburt transmitiu com precisão os dados que ele deu. Disse também que faríamos uma série de testes com os Gallagher, envolvendo objetos, e que seriam bem-sucedidos.)

SESSÃO 224

17 DE JANEIRO DE 1966

(Ver a reprodução na página 211. Para objeto de teste usei um cartão de identificação de carteira que apanhei há dois anos numa casa vazia que a Jane e eu quase comprámos. Ambos conhecemos o proprietário da casa, Jim Birch, algumas vezes. Ele mudara de emprego e deixara Elmira na altura em que estávamos interessados na casa, em junho de 1964. O Seth tratou da compra desta casa em várias sessões, dizendo que seria boa para nós, do ponto de vista psíquico. Ver, entre outras, as sessões: 65, 67, 69, 71, 74, 76, 77, 79, 82. Ver Volume 2.

(O objeto de teste estava entre outros papéis que arrumámos na casa, com a intenção de os enviar para a nova morada do Sr. Birch, na Carolina do Norte; mais tarde soubemos que não era necessário, e os papéis ficaram esquecidos no meu arquivo até eu tropeçar neles no outro dia. Tanto quanto sei, a Jane nunca chegou a ver este item específico entre os papéis. Coloquei-o entre duas folhas de cartão e selei tudo no habitual envelope duplo.

(Lembrar-se-á que estas sessões começaram há dois anos através do nosso contacto com uma personalidade chamada Frank Watts, que foi substituída pelo Seth na quarta sessão. A Jane e eu fizemos algumas tentativas esporádicas para saber mais sobre o Frank Watts; soubemos, por um residente que o conhecia, que tal homem viveu em Elmira. Desde então, ficamos atentos ao nome no jornal local, especialmente numa secção chamada “Há Vinte Anos Esta Semana”, que é publicada todos os domingos.

(No último domingo, nos obituários dessa secção para a semana de 9–15 de janeiro de 1946, reparei no nome Richard J. Watts. Perguntámo-nos se o Richard Watts teria alguma ligação com o Frank, e fiz questão de o mencionar pouco antes da hora da sessão esta noite. Esta técnica geralmente leva o Seth a falar do assunto durante a sessão.)

(A sessão realizou-se na nossa grande sala da frente. A Jane falou sentada. Estava a fumar, e os olhos começaram a abrir-se e a fechar-se com frequência. O ritmo era bom, a voz normal.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. Gostaria de continuar a nossa discussão sobre o tempo.

Afirmar que a ação no presente pode alterar o passado, e agora vamos tratar de explicar essa afirmação.

O passado existe como uma série de ligações eletromagnéticas, mantidas por um lado no cérebro físico, mas também consiste no mesmo tipo de realidades retidas na mente não física. Estas ligações eletromagnéticas podem ser alteradas. O presente existe como uma série de ligações eletromagnéticas tanto no cérebro como na mente, e é esta a única realidade que estão justificados em atribuir ao vosso presente.

Por outras palavras, passado e presente são reais na mesma medida. Por vezes, na verdade, o passado pode tornar-se mais real do que o presente e, nesses casos, reagem no presente a ações passadas. Tomam como adquirido que a ação presente pode alterar o futuro, mas as ações presentes também podem alterar o passado.

O passado não é mais objetivo, nem mais independente do observador, do que o presente. Estas ligações eletromagnéticas que compõem o passado foram em grande parte feitas pelo observador individual e, claro, o observador é sempre um participante.

As ligações, portanto, podem ser alteradas a qualquer momento, e tais mudanças estão longe de ser invulgares. Acontecem espontaneamente a nível subconsciente com bastante frequência. O passado raramente foi aquilo de que se lembram, pois já o reorganizaram desde o instante de qualquer ocorrência dada.

Há, naturalmente, um passado compósito que é composto por tais ligações eletromagnéticas individuais, e esse passado compósito não é o mesmo passado que existiu em tempos, nesses termos. O próprio passado está a ser continuamente recriado por cada indivíduo, à medida que atitudes e associações mudam. Esta é uma recriação real, não simbólica. A criança está de facto ainda dentro do homem, mas não é a criança que “foi”, nesses termos. Pois até a criança dentro do homem muda continuamente, e novamente não falo de mudança simbólica.

Agora. Surgem dificuldades quando tais alterações no passado não ocorrem automaticamente. Dificuldades como neuroses graves são muitas vezes causadas precisamente porque o indivíduo não alterou automaticamente o seu passado. Mais uma vez, a única realidade que pode ser atribuída ao passado é a concedida aos símbolos, às associações e às imagens de memória que existem eletromagneticamente tanto no cérebro físico como na mente.

Mas esta é também a única realidade que pode ser concedida ao presente. Falo agora apenas nos vossos termos, e este ponto deve ser

claramente entendido, pois estou a simplificar bastante as condições. Uma mudança de atitude, uma nova associação, qualquer de inúmeros outros atos, estabelecerá automaticamente novas ligações eletromagnéticas e quebrará outras. Uma parte disto explicaremos mais adiante, pois estas mudanças afetam obviamente o futuro e o passado. Mas o passado, repito, é continuamente alterado por vós, e por cada indivíduo. Pois, no essencial, veem, não é algo “feito e acabado”, como se supõe.

E são mais livres do que imaginam para alterar completamente muitos aspetos do vosso próprio passado. Se dizem que o futuro depende do passado, então têm também de dizer que o passado depende do futuro. Mais uma vez, o passado nunca foi um objeto independente e concreto, existente à parte do participante percecionador; pois ele “fez” o seu passado, e a sua única realidade existe nas ligações eletromagnéticas dentro da sua própria estrutura orgânica e psíquica. (A Jane sorriu agora. Os olhos estavam muito abertos e muito escuros.)

Cada ação altera todas as outras ações. Voltamos ao A-B-C. Portanto, toda a ação no presente afeta aquelas ações a que chamam passado. As ondulações de uma pedra arremessada expandem-se em todas as direções.

(Outro sorriso.)

Vou “esticar-me” um pouco aqui. Recordando o que agora sabem sobre a natureza do tempo, devem saber que os limites aparentes entre passado, presente e futuro são apenas ilusões, causadas pela quantidade de ação que conseguem percecionar fisicamente. Assim, é mais do que possível reagir no passado a um acontecimento que ainda não ocorreu, ser influenciado pelo vosso próprio futuro.

Não vamos aqui envolver-nos na questão do livre-arbítrio ou da predestinação — embora já tenhamos falado disso e iremos discuti-lo a fundo em ligação com o tempo em geral. Basta dizer que é mais do que possível um indivíduo reagir no passado a um acontecimento futuro que pode nunca vir a ocorrer.

Isto leva-nos ao problema das probabilidades. Não quero complicar demasiado. Contudo, devo explicar, até certo ponto, a última afirmação. Sugiro que façam uma pausa e continuarei.

(Pausa às 9:30. A Jane esteve dissociada, como de costume, para uma primeira transmissão. Os olhos abriram-se frequentemente, geralmente para sublinhar um ponto, e estavam muito escuros. O ritmo foi bom, a voz normal, e sorriu muitas vezes. Também fumou bastante.

(Recomeçou do mesmo modo às 9:41.)

Agora. Estou certo de que se lembram do casal que viram em York Beach. (“Sim.”)

Expliquei que se tratava de projeções psíquicas, a que foi dada realidade física e projetadas subconscientemente no mundo físico por vós e pelo Ruburt. Reagiram a elas em tempo presente, na altura, percebem.

(“Sim.”

(Ver as 9.^a, 15.^a, 17.^a, 69.^a e 80.^a sessões. A Jane e eu vimos este casal, que tinha semelhanças físicas notáveis connosco, na sala de dança do Driftwood Hotel, York Beach, Maine, em agosto de 1963. Estas sessões começaram em dezembro de 1963. Ver Volumes 1 e 2.)

Agora. Este casal também representou uma espécie de projeção temporal, pois, literalmente, podiam ter-se tornado aquilo que eles eram. Isto existia no presente como uma probabilidade. Percecionaram essa porção do futuro provável naquele presente, reagiram a ela; e a transformação provável de vós próprios nessas imagens não ocorreu. Como o passado, o presente e o futuro existem simultaneamente, porém, não há razão para não poderem reagir a um acontecimento independentemente de este cair, ou não, dentro do pequeno campo de realidade que habitualmente observam e em que participam.

A nível subconsciente reagem a muitos acontecimentos que ainda não ocorreram, no que toca à vossa consciência egotística. Tais reações são cuidadosamente filtradas para fora da consciência pelo ego. O ego acha tais ocorrências extremamente perturbadoras e incómodas e, quando é forçado a admitir a sua validade, recorre às racionalizações mais mirabolantes para as explicar.

Agora. O eu interior existe de forma bastante diferente daquela que Dunne descreve. Pois o eu interior pode de facto percecionar acontecimentos que ocorrerão após a morte física. Não está — e nunca esteve — aprisionado pelo tempo do ego. As suas perceções de outros tempos são apenas inibidas pelo ego. O eu interior pode percecionar acontecimentos que lhe acontecerão depois da morte física e pode também ver acontecimentos que ocorrerão nos quais ele próprio não está envolvido.

Em todos estes casos, contudo, há incertezas, pois acontecimentos futuros prováveis podem ser antevistos com tanta clareza como acontecimentos que ocorrerão “mais efetivamente”. Nenhum acontecimento está destinado a ocorrer, e pode ser alterado não só antes e durante, mas depois da sua ocorrência. Repito: não falo simbolicamente, e deixo-me aberto a muitas críticas fortes que não podem ser todas respondidas numa só noite.

Vocês próprios terão, sem dúvida, pensado em algumas, mas faremos o possível por tornar estas ideias claras e compreensíveis, e por explicar várias complicações que se podem antecipar. Existem, por exemplo, certas

limitações aqui estabelecidas que devem ser claramente enunciadas; mas, dentro dessas limitações, verão que os acontecimentos podem ser alterados — e são constantemente alterados — independentemente do ponto, ou do ponto aparente, da sua ocorrência original.

Tudo isto se aplica salvo, por exemplo, quando um indivíduo é retirado completamente do sistema de tempo físico. Um homem assassinado não será devolvido à vida física do mesmo modo, inteiro e intacto, como estava antes do assassinio, por exemplo; pois foi retirado do sistema particular de ação de que estamos a falar.

Pode, no entanto, regressar ao sistema, como sabem, através da reencarnação. Muitas mudanças podem, porém, ocorrer nesse mesmo ponto para o assassino que permanece dentro do sistema.

Sugiro a vossa pausa.

(Pausa às 10:01. A Jane esteve dissociada, como de costume. Os olhos abriram-se frequentemente. Fumou e o ritmo foi um pouco mais lento, com pausas. Disse que o Seth ia prosseguindo com este material quando, de repente, se apercebeu da hora.

(Estava agora na hora do 31.º teste do Dr. Instream. Como de costume, a Jane sentou-se quieta, a cabeça baixa e as mãos erguidas aos olhos fechados. Usou muitas pausas curtas, mas o ritmo global foi bastante bom. Retoma às 10:11.)

Agora. Dêem-nos um momento.

Para o nosso objeto, um anel. (Pausa.) Creio que dourado. Isto é, uma aliança de ouro. (Pausa.)

Em ligação com o anel, capto a impressão de um acontecimento passado, uma reunião com bom tempo, talvez no verão, de homens e mulheres jovens. Um evento ao ar livre é o que tenho em mente e creio que foi perto de água (pausa) e que havia ligação com barcos.

Um evento à tarde. Desligado do nordeste. A água era um rio, creio. Pelo menos parecia ter margens de ambos os lados, por isso presumo que fosse um rio. Edifícios em redor que parecem ter uma estrutura gótica. (Pausa.)

Não parecem, em todo o caso, ser habitações particulares e parecem ter ligação com um passado bastante distante. Uma festa ao ar livre, então. Isto pode ter sido noutra país, talvez Inglaterra, e o anel está de algum modo ligado a este evento.

Parece-me ter a impressão da palavra Avon como fazendo parte da localização, ou como indicando a localização, e talvez Strat(s)ford. Talvez o anel tenha vindo de uma loja algures por esta zona, ou eventos tenham

começado aqui, nesta festa, que acabariam por conduzir à oferta do anel.
(Pausa longa.)

Alguma indicação de que o Dr. Instream não se sente no seu melhor esta noite e de que um evento programado não ocorreu.

Tens um teste para mim, Joseph?

(“Tenho.”

(Eram 10:22. Entreguei à Jane o envelope duplamente selado para o nosso 28.º teste; ela recebeu-o sem abrir os olhos e, durante vários minutos, manteve-o contra a testa. Falou a um ritmo algo mais lento do que tinha usado ao dar o material do Dr. Instream.)

Agora, por favor, dêem-nos um momento e veremos o que conseguimos fazer. Estas são impressões.

Uma iniciação de algum tipo, o começo de algo.

“Cobarde” — não sei a que se refere esta palavra. Amarelo. Uma ligação com música. Formas grandes em primeiro plano.

Uma fotografia a preto e branco. Preocupação expressa — isto é provisório — com a hora tardia.

Um interior. Indicação de cores verdes. Dar um pontapé numa aresta e bater com o dedo do pé.

(Agora, a associação pessoal do Ruburt com esta última impressão é do teu irmão Loren e da esposa dele. Podem pôr isto entre parêntesis.) (A Jane baixou agora o envelope para o colo.)

Flores, o odor de flores como se fosse verão. Ou isto, ou um perfume forte e floral.

Tumulto, no sentido de ruído. (Entre parêntesis agora para a impressão do Ruburt: (o interior de uma rulote, e o campo).)

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 10:30. A Jane esteve dissociada, como de costume. Manteve os olhos fechados. O ritmo foi bastante bom.

(A Jane disse que, enquanto dava o material do Instream, teve uma vaga impressão mental de uma cena ao ar livre e de uma mulher com roupa antiquada. Isto recordou-lhe cenas de pinturas antigas, como as de Degas.

(Como se notará, a maior parte dos dados relativos ao teste do envelope não pode ser verificada por nós. Eu esperava isso quando escolhi o objeto. A ideia, ao escolhê-lo, foi simular um teste em que fosse usado um objeto escolhido por uma terceira pessoa; depois essa terceira pessoa interpretaria os dados, deixando-nos, por assim dizer, mais livres. Tive esta abordagem da 24.ª prova de envelope na 219.ª sessão. O objeto foi escolhido por Lorraine Shafer e, até certo ponto, ela ajudou-nos a interpretar os dados resultantes.

(Recordar-se-á que, na 219.^a sessão, a Jane e o Seth notaram muitas ligações emocionais válidas relativas ao objeto de teste. Achamos que, com prática, a Jane e o Seth serão capazes de captar tais “cargas” independentemente das pessoas a que estão ligadas ou dirigidas.

(Ao dar os dados do teste de hoje, a Jane disse que teve algumas impressões mentais e que acreditava poder dar respaldo a alguns itens do teste.

(“Flores... como se fosse verão”, disse ela, referia-se ao jardim de flores da casa dos Birch, que considerámos comprar em junho de 1964. Passámos vários fins de semana na casa a arrumar, e a Jane mondou o canteiro de flores.)

(“Tumult, meaning noise.” referia-se, disse Jane, ao ruído do trânsito de que nos tornámos vivamente conscientes enquanto trabalhávamos na casa dos Birch. Embora situada numa encosta, o ruído do trânsito parecia subir até nós, e usámos isso como razão para não comprarmos a casa. O Seth disse que isto foi racionalização da nossa parte. Ver as sessões referidas na página 212.)

(“Country” — disse Jane — achava que a última palavra dos dados se referia ao facto de a casa dos Birch estar situada no campo, fora de Elmira, e não a “o interior de um miler”).

(Brinquei dizendo que achava que “A black and white photo.” queria dizer que o cartão de identificação da carteira tinha sido colocado ao lado de uma fotografia na carteira. Existe um episódio de “Tropeção do dedo do pé.” na família do meu irmão Loren — de natureza humorística, que se tornou uma espécie de piada recorrente.)

(Jane retomou a um ritmo médio às 10:43.)

Vou terminar a nossa sessão dentro em pouco.

De facto, o nosso próprio teste foi razoavelmente bom. Infelizmente, não podem verificar as impressões com o proprietário do cartão, e há pouca razão para eu entrar nos vários episódios ligados ao cartão.

Alguns dos pontos diziam respeito ao vosso apego à casa que, em tempos, pertenceu ao proprietário do cartão.

A menos que tenham alguma pergunta para mim, terminarei a sessão.

(Mencionei agora o aviso de óbito de Richard Watts de há vinte anos, descrito nas notas na página 212.)

Não era o nosso Frank Watts. Contudo, havia uma ligação familiar de natureza distante. Eram, creio, primos em segundo ou terceiro grau.

(“Acho que é tudo por esta noite.”)

Os meus mais calorosos votos para ambos.

Farei aqui um pequeno comentário. A associação de Ruburt à rulote deveu-se ao facto de o proprietário do cartão ter um filho, um rapaz, algo difícil de controlar. E os proprietários da rulote, que também vivem no campo, têm uma criança de natureza semelhante.

Os grandes objetos em primeiro plano referiam-se à saliência rochosa, ou ao ressalto de rochas, em frente da casa.

(Não mencionei isto na página 217. A Jane estava consciente da ligação aqui.)

As outras impressões referiam-se todas a situações ligadas ao proprietário do cartão. O cartão era transportado ao lado de uma fotografia a preto e branco, a propósito. E agora, mais uma vez, boa noite. Encerro as nossas sessões, Joseph, dentro de uma hora conveniente, para vosso benefício. Sempre que desejarem uma sessão mais longa por qualquer motivo, solicitem-na; ou, quanto a isso, uma sessão mais curta.

(“Sim. Boa noite, Seth.”)

(Fim às 10:51. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos permaneceram fechados. O seu ritmo fora um pouco mais lento do que o habitual. Disse que Seth estava perfeitamente preparado para continuar em tempo invertido.)

SESSÃO 225

19 DE JANEIRO DE 1966

(Para o teste do envelope desta noite usei o meu cartão de marcação para a visita ao dentista no início deste mês. Tal como a Jane fez da última vez que visitou o Dr. Colucci, em maio de 1965. Coloquei-me em estado de transe como experiência, e estava muito confortável. Usei também o cartão de marcação da Jane de 5 de maio de 1965 como objeto de teste para o 15.º teste do envelope na 199.ª sessão. Escolhi o cartão para a sessão de hoje porque pensei que estaria carregado de fortes cargas emocionais de natureza pessoal, ao passo que o cartão de identificação usado no último teste pertencia a uma pessoa quase desconhecida para mim e para a Jane.)

(Coloquei o cartão entre duas peças de cartão e vedei-o no habitual duplo envelope. Tanto quanto sei, a Jane nunca o tinha visto, pois eu trazia-o na carteira desde que a enfermeira do Dr. Colucci mo deu.)

(A sessão realizou-se novamente na nossa sala da frente e não foi interrompida. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. O seu ritmo estava um pouco mais lento do que o habitual. O seu ar era muito

divertido, e sorria frequentemente. Não tinha falado muito quando os olhos começaram a abrir-se com frequência; estavam muito escuros. Estava a fumar quando a sessão começou.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Tenho algumas observações preliminares, bastante humorísticas, a fazer, acerca das reações recentes de Ruburt.

Houve várias causas para elas, e essas reações foram desencadeadas pela visita do teu amigo Mark ontem à noite.

(Mark é o nome de entidade de Bill Macdonnel. Ver Sessão 68 no Volume 2.)

As reações são belos exemplos. Antes de mais, Ruburt estava preocupado, de certo modo, com as tuas próprias reações quando descobrisses que tinhas agora um novo compromisso para a noite de sexta-feira, depois de já planeares cancelar um compromisso anterior, a fim de teres algum tempo livre para ti, e sentia-se culpado, uma vez que já tinha assumido um compromisso com o Mark — aliás, um tanto contrariado. Mas não lhe fará mal nenhum ajudar o Mark no seu empreendimento.

Em seguida, descobriu que também fora convidado outro senhor, proprietário de outra galeria, e um homem de quem Ruburt não gosta ativamente. A seguir a isto, reagindo de forma bastante típica como uma mulher, concluiu que não havia cadeiras suficientes disponíveis.

Isto é altamente divertido, porque ele não queria que houvesse uma cadeira disponível para o proprietário da segunda galeria. Não o queria em casa. No entanto, sentiu-se bastante culpado por isso, pois o homem é negro, e receou que a sua antipatia fosse tomada como discriminação. Para provar a si próprio que não era esse o caso, iniciou uma tentativa nervosa, frenética e completamente desesperada de garantir que havia cadeiras suficientes.

Quando criança, ele tinha muito apreço por Edward Briscoe, que também era negro. Edward era pobre e vítima das circunstâncias. Ajudava na casa de Ruburt; por isso, Ruburt sente que deve ser extremamente agradável e prestável para com qualquer negro, por causa desse outro rapaz. E assim sentiu-se extremamente culpado por não acolher a ideia de ter esse outro negro em sua casa.

(O amigo de infância da Jane, Eddie, morreu de diabetes no início dos trinta.)

Tinha toda a razão ao supor, como o fez, que o seu transtorno pouco tinha que ver com a falta de cadeiras, já que sabia perfeitamente que havia o suficiente. Agora, outra peça do nosso quebra-cabeças. O presidente da

câmara também estará presente nessa ocasião, e Ruburt pensou subconscientemente como o seu amigo, Edward Briscoe, ficaria satisfeito, à sua maneira simples — nos velhos tempos — por estar presente, e como ficaria impressionado com o presidente da câmara.

Assim, Edward e esse proprietário negro da galeria ficaram entrelaçados na mente de Ruburt. Ele sabia que seria uma grande ocasião para esse jovem visitar informalmente, por assim dizer, o presidente da câmara, embora o negasse veementemente; e, no entanto, Ruburt não queria o homem em casa, negando-lhe assim tal privilégio, pelo menos em pensamento.

Decidi mencionar isto porque ele está agora num ponto — falo de Ruburt — em que não aceitará as razões superficiais dadas pelo ego para muitas reações, mas procura descobrir causas mais profundas. Havia também outro problema aqui, na medida em que Ruburt sente, como tu, e com toda a razão, que o Mark está fora do seu alcance, psicologicamente falando.

Mark, ao tentar ajudar esse outro jovem, pode de facto acabar por ajudar-se a si próprio, pois isso voltar-lo-á para fora. Mas a situação também comporta outros perigos. Por causa do seu passado, subconscientemente teme os negros; e o medo é tão grande, infelizmente, que se torna uma fascinação. Ele sente repulsa e fascínio ao mesmo tempo.

Não vou ocupar demasiado da nossa sessão com estas questões. Bastará, no entanto, dizer que o interesse de Mark nesta exposição de arte do estado pode ser-lhe de grande benefício. Vamos passar a outros assuntos. Podem incluir, como quiserem, a primeira parte da sessão nos vossos registos, ou excluí-la, como preferirem.

Voltemos ao tempo. Agora. Está em voga nos meios académicos da psicologia a ideia de que a criança existe psicologicamente intacta no homem, que o homem contém dentro de si a réplica psicológica da criança que foi.

Não é exatamente assim. A criança existe dentro do homem, sim, mas não é a mesma criança. As memórias que ele julga serem as memórias da criança não são memórias de um acontecimento particular que sucedeu à criança. Isto é, não contêm uma imagem precisa de qualquer incidente particular ocorrido. Cada incidente é recriado quando a memória dele surge, mas a memória muda a cada recriação, subtilmente.

O passado é, portanto, continuamente alterado. As próprias ligações eletromagnéticas que constituem qualquer acontecimento particular — essas ligações, mesmo parecendo intactas, mudaram. A energia que as compõe não é a mesma, e o passado é constantemente modificado. Nada

pode permanecer estático, incluindo o passado, e qualquer tal aparência de estabilidade é uma ilusão.

É tão ilusório acreditar que o passado desapareceu como acreditar que o futuro não existe. O passado não desaparece, pois não houve passado que desaparecesse, nesses termos.

Sugiro que façam uma pausa.

(Pausa às 9:34. A Jane estava dissociada, como de costume para uma primeira transmissão. Os olhos abriram-se frequentemente e o ritmo manteve-se um pouco lento.)

(Disse que, embora tivesse uma boa noção das razões do seu aborrecimento esta tarde, não estabeleceu conexões conscientes com o seu amigo de infância, Eddie Briscoe.)

(A Jane retomou da mesma forma às 9:44.)

Se vocês os dois terminaram a vossa pequena discussão, continuarei.

Preferiria, quando possível, e sem vos impor esforço excessivo, que discutissem situações razoavelmente neutras nas nossas pausas, e evitassem discussões com tais tonalidades emocionais.

Agora. A criança não permanece num pacote psicológico arrumado, enclausurada no passado e isolada do presente ou do futuro. Não é assim tão simples.

Não há um ponto em que a criança cessa e o homem começa, nem um ponto em que o jovem cessa e o velho começa. Estes são estados a acontecer em simultâneo, mas percebidos em câmara lenta dentro do vosso sistema. E não só são percebidos em câmara lenta, como ao longo de uma única linha de foco. O foco é, de facto, intenso, mas tão limitado em alcance que é relativamente impossível manterdes a atenção sobre o eu, exceto das formas mais inconsistentes e fugazes.

Tu já não percebes o passado, por isso pensas que ele desapareceu, e que o eu que foste se foi. Mas aquele momento em particular, qualquer momento em particular, que consideras passado, existiu antes da tua percepção egótica dele e está a ser constantemente alterado por ti, mesmo quando já não o percebes conscientemente.

Pois o eu interior consegue percebê-lo, e de facto altera-o. A ideia de tempo invertido afirma que o tempo flui em todas as direções e que, tal como cada ação afeta todas as outras ações, também o tempo afeta constantemente a si próprio e reage continuamente dentro de si. O momento passado nunca fica concluído. Conscientemente, simplesmente perdeste-o de vista e não o acompanhaste nas suas profundezas infinitas.

Alguns sistemas experienciam o tempo exclusivamente em termos de probabilidades, nos quais o eu experiencia um momento particular de

forma mais completa, em que a continuidade é conseguida não através de uma continuidade de momentos, mas de uma continuidade do eu, ao experienciar todos os vários acontecimentos que existem como probabilidades para ele em qualquer instante dado.

Vocês limitam-se a saltitar pela superfície, e isso está bem. Mas não considerem esse saltitar de momento em momento, como de pedra em pedra, uma aproximação do tempo tal como ele realmente existe. A natureza das percepções determina a experiência do tempo.

Sugiro que façam uma pausa.

(Pausa às 10:01. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos estavam muitas vezes abertos e muito escuros, e o ritmo tornou-se bastante rápido à medida que a pausa se aproximava.)

(Era agora a altura do 32.º teste do Dr. Instream. Como de costume, a Jane sentou-se quieta com as mãos levantadas aos olhos fechados. O seu ritmo tornou-se bastante lento, interrompido por muitas pausas de 15–30 segundos. Tinha estado a fumar mais cedo na sessão, mas agora não o fez. Retoma às 10:10.)

Agora. Concede-nos um momento para o nosso material do Instream. (Pausa.)

Um formato de caixa para o nosso objeto. Pequena, com algo como uma tampa transparente, celofane ou plástico, desse tipo. (Pausa.) Um recheio no interior, ou forro, como de veludo, seda ou algo do género (pausa de pelo menos um minuto), e talvez um separador dentro da caixa.

Mais comprida do que uma caixa de anel. Parece não ter uma tampa de cartão, nem ser feita de cartão. Talvez guarde uma caneta e um lápis. Tenho a impressão de uma data, 1936 ou 37. Talvez seja quando ele obteve a caixa ou o seu conteúdo, creio que como prenda. De algum modo ligada a uma conquista, no entanto. (Pausa.)

Uma ligação com um homem tão próximo dele como um irmão, por assim dizer, de cabelo louro-acastanhado, que está de alguma forma ligado ao objeto. (Pausa de 50 segundos.) O objeto também tinha a ver com um entendimento que foi alcançado entre o proprietário e outro homem.

Tens um teste para mim?

("Sim.")

(Como de costume, a Jane pegou no envelope, o nosso 29.º, sem abrir os olhos. Eram 10:30. Sentou-se em silêncio, segurando o envelope encostado à testa. O seu ritmo tornou-se um pouco mais rápido.)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

Madison Avenue. Uma viagem. Uma carta ou bilhete. (Ruburt pensa em Frederick Fell, entre parêntesis.)

Um acontecimento perturbador no mês de junho de 64. Uma ligação com outro carro, não o teu. O número 12. Não sei se isto se refere a 12 pessoas ou não.

Um objeto redondo. Uma carta ligada a um indivíduo mais velho.

Um símbolo. O objeto ligado a um acontecimento que ocorreu à tarde. A proximidade de outra cidade, e também uma ligação com uma realização.

Uma estrada longa e estreita. Um posto de combustível.

Sugiro que façam uma pausa.

(Pausa às 10:27. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos permaneceram fechados. Não tinha pensamentos especiais sobre os dados do teste desta noite, exceto dizer que nenhuma das impressões que se ouviu a dar fazia algum sentido para ela.)

(Vê o traçado na página 219. O Seth revê grande parte dos dados do teste de hoje, mas, para evitar misturar as minhas notas com as dele, darei primeiro as interpretações habituais que eu e a Jane fizemos.)

("Madison Avenue. Uma viagem. Uma carta ou bilhete. [Ruburt pensa em Frederick Fell, entre parêntesis.]" Concordámos que estes dados provavelmente se referiam ao editor da Jane em Nova Iorque.)

("Um acontecimento perturbador no mês de junho de 64." A Jane disse que pensava que isto se referia a um episódio em que deveria ter ido ao dentista, Dr. Colucci, mas não foi. Mantém um breve registo diário de atividades e verificou a sua ideia. No caderno encontrou o registo de que, em 31 de maio de 1964, acordou com a mandíbula inferior esquerda inchada. Pensei que fosse um dente mau. Nessa altura, por não praticar conscientemente auto-hipnose, a Jane tinha um grande medo de dentistas. Em vez de ver um dentista, visitou o nosso médico, ao lado; ele pô-la numa série de antibióticos que durou quatro dias, já entrando no mês de junho de 1964. O pêndulo disse à Jane que o inchaço era psicossomático e não um dente; o médico acabou por concordar, e o Seth também, na 59.^a sessão de 3 de junho de 1964. Ver Volume 2.)

("Uma ligação com outro carro, não o teu." Quando visitei o Dr. Colucci em 11 de janeiro, ele disse-me que, cerca de uma semana antes, provavelmente no domingo, 2 de janeiro de 1966, não conseguiu subir a estrada gelada que conduz à sua casa, fora de Elmira. O Dr. Colucci vive no topo de uma colina longa e íngreme, mas disse que era a primeira vez em três anos que não conseguiu conduzir até casa. A Jane disse que o Seth deu este dado de teste porque nós próprios tivéramos dificuldade em subir uma colina íngreme ali perto no nosso próprio carro, também este mês. O

Seth tratou dos nossos próprios problemas com o carro na 222.^a sessão. A Jane disse que achava legítima a associação entre estes dois episódios.)

("O número 12. Não sei se isto se refere a 12 pessoas ou não." A Jane disse que acreditava que o "12" vinha da morada do consultório do Dr. Colucci, 112 Walnut Street, na esquina da nossa morada na W. Water Street, e que o Seth especulou sobre pessoas por a sala de espera do Dr. Colucci ser um local de ajuntamento.)

("Um objeto redondo." Achei que se referia à grande luz redonda sobre a cadeira do dentista, mas também poderia referir-se a muitas outras coisas.)

("Uma carta ligada a um indivíduo mais velho." A Jane disse que isto se referia à sua carta de 13 de janeiro ao Dr. Instream. Nela contou ao Dr. Instream que eu usara o estado de transe na minha visita ao Dr. Colucci.)

("Um símbolo." Também aqui poderá haver muitas referências.)

("O objeto ligado a um acontecimento que ocorreu à tarde." A minha marcação no objeto de teste era para as 14h30.)

("A proximidade de outra cidade", referia-se, disse a Jane, ao facto de o Dr. Colucci viver em Pine City. Pine City é uma daquelas pequenas comunidades suburbanas que margeiam lugares mais populosos como Elmira; embora a sua população seja pequena, cobrem na realidade muito mais quilómetros quadrados de terreno.)

("e também uma ligação com uma realização." Eu e a Jane concordámos que isto significava eu ter usado com êxito o estado de transe na minha visita ao Dr. Colucci.)

("Uma estrada longa e estreita." Pensámos que poderia haver aqui uma associação também à maneira dos dados anteriores sobre uma ligação com outro carro, não o nosso. O Dr. Colucci, como foi dito, vive no topo de uma colina vencida por uma estrada longa e estreita. O mesmo acontece com os Gallaghers, na mesma zona geral. O Dr. Colucci teve dificuldade em subir a estrada para sua casa, e nós tivemos dificuldade em subir a estrada até à casa dos Gallagher.)

("Um posto de combustível." Achámos que poderia haver aqui uma ligação por o nosso carro ter ficado sem gasolina na estrada para casa dos Gallagher; ainda assim, estes dados estariam demasiado afastados do objeto de teste.)

(A Jane retomou, abrindo e fechando os olhos, às 10:50.)

Agora. Iremos encerrar a nossa sessão em breve.

O acontecimento de junho referia-se às gengivas inchadas de Ruburt, que estavam muito doloridas. Ele receava muito ter de visitar Colucci e foi

ao médico em vez de ver o dentista — embora Colucci estivesse no quintal, e Ruburt o tivesse visto, como agora se lembrará.

(Assim que a sessão terminou, a Jane disse que de facto se lembrava de ter visto o Dr. Colucci, mal o Seth mencionou que ela se lembraria. O consultório do Dr. Colucci fica apenas quatro portas abaixo do médico que ela visitou. O Seth divertiu-se bastante ao dar esta informação.)

A associação ao posto de gasolina, embora não seja particularmente útil para os teus propósitos, era de certo modo legítima. O outro carro referia-se à dificuldade do dentista em subir a colina, como te disse na tua visita. O posto de gasolina foi uma associação pessoal de Ruburt, derivada disto, subconscientemente.

Pois ultimamente não conseguiste subir uma colina e, como resultado, mais tarde foste a um posto de gasolina buscar combustível. Isto era uma associação demasiado ampla para os teus propósitos, mas legítima, e deverá dar-te alguma ideia de como estas coisas funcionam. Pois muitas vezes associações perfeitamente legítimas como estas têm de ser contornadas em favor de dados mais específicos. Não obstante, esta impressão em particular mostra evidência de dados clarividentes.

O número 12 referia-se à morada. Contudo, ficou confundido com pessoas por causa das pessoas na sala de espera. Houve aqui uma fusão, ou uma mistura, de informação válida.

("E quanto à referência à proximidade de outra cidade?")

Essa referia-se de facto a Pine City e ligava, como vês, o incidente do consultório da tua marcação com o incidente do carro, que ocorreu nas imediações de Pine City.

A nota referia-se ao cartão de marcação. Isto levou Ruburt, no entanto, a pensar em Fell e numa viagem.

(Eu e a Jane hesitámos em dizer que a nota se referia ao cartão de marcação, uma vez que Madison Avenue e uma viagem foram mencionadas em estreita proximidade, assim como Fell.)

("E quanto à interpretação para o objeto redondo?")

O objeto redondo referia-se à luz. Isto é culpa minha. Deveria ter sido mais específico.

("E a carta para um indivíduo mais velho?")

A carta para o indivíduo mais velho referia-se à escrita de Ruburt ao Dr. Instream acerca do teu transe, induzido durante a tua marcação com Colucci. ("O símbolo?")

O símbolo foi uma distorção que se referia ao objeto redondo.

Ao princípio vi o objeto como se fosse — o objeto redondo que era a luz — como se estivesse no cartão.

(Eu e a Jane achámos isto uma informação muito interessante. Comparamos também com os dados do número 12, em que os algarismos do endereço do dentista ficaram baralhados com a ideia de pessoas na sala de espera. Só agora, ao que parece, é que Seth começa a ser tão específico na interpretação dos dados de teste.)

Madison Avenue significa simplesmente Nova Iorque para Ruburt, e estava ligada às suas associações com Fell, que estavam erradas.

Agora, estavam erradas, mas havia aqui uma ligação, no sentido em que o Sr. Fell tinha tido recentemente dificuldades de garganta. Ruburt captou a ligação com a boca, percebes.

(O editor da Jane escrevera-lhe recentemente a dizer que tinha tido problemas de garganta.) Como sempre, eu poderia continuar. Contudo, vamos retirar-nos graciosamente. Os meus mais calorosos votos para ambos.

("Boa noite, Seth."

(Fim às 11:05. A Jane estava dissociada, como de costume. O seu ritmo fora médio, os olhos abriram-se frequentemente. Como de costume, disse, Seth poderia ter continuado indefinidamente.)

SESSÃO 226

24 DE JANEIRO DE 1966

(Na noite de sexta-feira, 21 de janeiro, a Jane teve algum êxito a hipnotizar, a pedido deles, o Bill e a Peggy Gallagher, separadamente. A experiência não foi planeada. A Peggy já fora hipnotizada duas vezes — uma delas pelo Dr. Milton Erickson —, mas esta foi a primeira experiência do Bill. O Dr. Erickson é conhecido a nível nacional.)

(A Jane conseguiu um êxito parcial com o Bill em duas tentativas. A primeira foi a melhor. O Bill não conseguiu abrir os olhos e desenvolveu uma boa amnésia na mão esquerda, sendo estes os testes que a Jane usou para lhe mostrar algo sobre o estado de transe. Contudo, não conseguiu falar em nenhuma das sessões e saiu do estado nas duas vezes quando a Jane lhe pediu que respondesse a perguntas. Conseguiu, isso sim, relaxar muito bem. Isto é difícil para ele; tem úlceras.)

(A Peggy também não conseguiu falar durante a primeira sessão e saiu do estado quando a Jane começou a fazer-lhe perguntas. Na segunda tentativa a Jane teve bastante sucesso ao usar uma abordagem mais autoritária. Desta vez não fez perguntas à Peggy. A Peggy atingiu um estado suficientemente profundo para não reagir quando a Jane pousou o nosso gato, o Willy, na sua barriga enquanto ela estava deitada no divã. A

Peggy tem um medo profundo de animais em geral e de gatos em particular, sendo esse o motivo por que Seth a chama de amante de gatos.)

(Todos nós, incluindo a Peggy, achámos graça quando ela insistiu que tolerara a presença do Willy porque pensara que a Jane lhe estava a tocar, em vez do gato.)

(O Seth manifestou-se brevemente pouco antes de os Gallagher saírem, por volta da 1h. Disse-nos que assistira aos acontecimentos com muito prazer e divertimento. Explicou que o Bill permitira que a hipnose avançasse até certo ponto antes de o seu ego pôr um travão, mas que ele poderia progredir. O Seth disse que a Peggy usou racionalização ao dizer que suportou a proximidade do Willy porque pensou que a Jane lhe tocava em vez do gato. A Peggy, disse Seth com muito bom humor, atingira na realidade um excelente estado de hipnose profunda quando a Jane usou a abordagem mais autoritária; caso contrário, não teria permitido a presença do gato.)

(Eu estava algo céptico em relação às tentativas de hipnose da Jane, já que ultimamente não temos tido tempo para trabalhar muito nessa direção. Mas a Jane disse que lhe apetecia, e os Gallagher insistiram para que ela tentasse. Não pensei que o Bill pudesse ser facilmente hipnotizado, mas ele ficou bastante satisfeito com os resultados para uma primeira tentativa. Tanto o Bill como a Peggy disseram que achavam que poderiam ter feito melhor se a Jane tivesse demorado mais com a indução, mas a abordagem da Jane fora bastante descontraída; assim, o tempo pareceu ter-se comprimido para eles.)

(O Seth fez o interessante comentário de que olhara para nós pelos olhos da Jane durante a noite, juntamente com a Jane, e que nos via como indivíduos em vez de imagens eletromagnéticas compostas que incorporam os nossos passados, presentes e futuros. Em duas ocasiões muito breves, o Seth deixou a sua voz ressoar até certo ponto, embora não a pleno volume. A hora era tardia e eu estava bem consciente de possíveis reações dos vizinhos da casa.)

(Não houve teste do envelope durante a sessão desta noite.)

(A sessão foi testemunhada por John Bradley, o nosso amigo de Williamsport, PA, que assiste ocasionalmente a uma sessão. O John costuma inspirar o Seth de forma telepática/clarividente e, portanto, esta noite também se obtiveram alguns efeitos. A última sessão que o John testemunhara fora a 204.^a.)

(Quando chegou, o John mencionou que tinha assistido a uma reunião de vendedores médicos em Cleveland, OH, no início deste mês; o John é representante de vendas da Searle Drug. Mal mencionou Cleveland, pedi-lhe que não dissesse mais nada, caso o Seth decidisse falar disso mais tarde. Felizmente a Jane estava fora da sala nesse momento e não ouviu Cleveland ser mencionada.)

(A sessão realizou-se na nossa grande sala da frente, com plena luz como de costume. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. Como acontece muitas vezes quando há testemunhas presentes, parecia ir buscar energia extra: o ritmo foi rápido desde o início e a voz mais forte e um pouco mais grave do que o habitual.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth."

[[John: "Boa noite, Seth."]]

Seja bem-vindo o nosso amigo Philip.

Agora. Se o nosso exuberante Ruburt se acalmou, e se o nosso amigo Philip pousou o jornal, começaremos.

(A Jane ficara muito satisfeita com alguma poesia humorística que escrevera hoje e estivera a lê-la ao John antes da sessão. O nome de entidade do John é Philip. No exato início da sessão, ele andava a dobrar um jornal; como é habitual, o Seth não foi tímido a pedir silêncio.)

Gostaria de vos dar esta noite mais material acerca do nosso sistema de tempo invertido, pois, quando compreenderem como funciona, poderão começar a tirar mais partido dele.

Deixo a ti, Joseph, cortar-me a palavra se eu falar demasiado depressa.

Quando o sistema de tempo invertido é entendido pelo que é, então o indivíduo está em contacto simultaneamente com a experiência adquirida no chamado passado e é também capaz de tirar partido de acontecimentos que ainda não ocorreram no vosso presente. Isto não significa que ele esteja conscientemente ciente de acontecimentos futuros, pois — se te lembras — esses acontecimentos podem ser alterados por ele a qualquer momento. Ele está constantemente a fazer a sua própria experiência. Está constantemente a formar os acontecimentos do passado, tal como forma os acontecimentos do presente e do futuro.

Sob muitos aspetos, o indivíduo não está à mercê dos acontecimentos passados, pois altera-os constantemente. Não está, portanto, à mercê dos acontecimentos futuros, pois também os altera, não só antes como também depois de ocorrerem. Lamento que o nosso amigo Philip não tenha a base preliminar para seguir esta discussão com clareza.

Agora. Os chamados palpites são de facto muitas vezes causados por um reconhecimento interior de que um dado acontecimento pode ocorrer. Como sabes, não existe causa e efeito tal como a entendes. Não obstante, existem probabilidades. Ora, basicamente, não é verdade dizer que as decisões de um indivíduo têm de assentar em acontecimentos concretos do seu próprio passado, nem que ele esteja largamente aprisionado ao seu passado, nem que as suas ações futuras estejam predeterminadas pela sua experiência passada. Pois, como agora compreendes, o passado é tão real quanto o futuro — nem mais, nem menos. O passado existe, no que

respeita ao indivíduo, como um padrão de correntes eletromagnéticas no cérebro, e essas ligações mudam constantemente.

O indivíduo pode alterar ações passadas, ainda que dentro das limitações mencionadas anteriormente na nossa última sessão. Portanto, as suas ações futuras não dependem de um passado concreto e imutável, pois tal passado nunca existiu.

Quero que estes pontos fiquem o mais claros possível. Agora. Um acontecimento previsto por precognição ou clarividência — um acontecimento futuro — pode ou não realmente ocorrer no tempo tal como o conheceis. Pois estais a ver probabilidades, e o acontecimento provável pode ou não ocorrer dentro do vosso sistema temporal.

No entanto, tal acontecimento ocorrerá noutra sistema temporal, pois todas as probabilidades se tornam reais, embora possais não as perceber. O nosso amigo Dunne estava aqui bastante correto.

Agora deixo-vos fazer uma pausa e desfrutar de uma breve conversa social. (A Jane fez uma pausa às 9:16, ainda de olhos fechados. Em seguida retomou brevemente.)

Por agora, limitem-se a escrever 12th Street e deixem isso por aí. A 12th Street pode ter um significado para o Philip.

(Pausa às 9:17. A Jane estava dissociada, como de costume para a primeira pausa. Os olhos permaneceram fechados, o ritmo foi rápido, a voz mais forte, mais grave e mais enfática do que o habitual.)

(O John Bradley não disse nada acerca dos dados de 12th Street, como eu esperava, e a Jane não lhe perguntou. Durante a pausa falámos da empresa do John, a Searle Drug, que se debate com dificuldades financeiras agravadas por problemas de gestão; o Seth tem falado disto muitas vezes quando o John está presente e, até à data, as suas declarações têm sido exatas.)

(Mesmo antes do fim da pausa, a conversa versava alguns dos novos produtos farmacêuticos que a Searle tem a chegar ao mercado. A Jane retomou de forma muito ativa e enfática, ainda de olhos fechados, às 9:29.)

Acho a conversa bastante divertida e, não tendo eu próprio problemas desse género, evitarei, portanto, fazer quaisquer comentários.

Agora. Essas probabilidades, esses acontecimentos que podem ou não ocorrer, são extremamente interessantes. Consideremos o nosso eu um e o tempo um. Regra geral, o nosso eu dois pode de facto ver o que poderá acontecer no futuro do eu um. Contudo, o nosso eu dois vê probabilidades, e algumas dessas probabilidades ocorrerão de facto ao eu um. Outras não, e é aqui que, novamente, os nossos amigos Priestley e Dunne ficam aquém.

Em certa medida, Priestley também tinha razão aqui. Essas probabilidades ocorrem em algum lado, mas ocorrerão a um eu que nem Priestley nem Dunne alguma vez imaginaram — um eu que existe simultaneamente com qualquer indivíduo dado e que faz parte dele; mas

um eu que ele nunca conhecerá enquanto estiver no vosso sistema particular.

Um dia havemos de explicar isto em termos matemáticos. Para já, porém, tentaremos inglês simples. Todo o pensamento é composto da sua própria energia e tem um efeito dentro da energia. Não estamos a falar aqui da vossa cansada teoria de causa e efeito, no entanto. Toda a ação altera todas as outras ações. Qualquer probabilidade é uma realidade, ocorra ou não no vosso próprio sistema, e acrescentarei a essa menção inicial:

A realidade, nalguns sistemas diferentes do vosso, é experienciada não como uma série de momentos, mas como experiência em todas as probabilidades de ação que existem em qualquer instante dado. A continuidade, portanto, é em termos do eu e não em termos de uma série de momentos. Em vez disso, há uma série de eus —

(Os olhos da Jane começaram agora a abrir-se bem, para dar ênfase; estavam muito escuros. A voz estava firme, o tom muito enfático e rápido. Gesticulava frequentemente enquanto falava.) — com o ego interior a operar conscientemente para dar continuidade.

Num tal sistema, portanto, as vossas ideias de presente, passado e futuro não existiriam. Nem seria compreensível a vossa ideia de um e um só acontecimento de cada vez. Ora, esta dimensão existe numa realidade que nem Priestley nem Dunne chegaram sequer a examinar.

Toda a formação psicológica do percecionante é inteiramente diferente, e não há um acontecimento único dentre todos os acontecimentos prováveis, mas sim a experiência de todos os acontecimentos matematicamente prováveis que poderiam acontecer a qualquer indivíduo, dentro de qualquer quantidade de tempo tal como o conheceis.

(Considera todo o parágrafo seguinte sublinhado, de tão forte e afirmativa que foi a entrega da Jane.)

A composição psicológica do participante percecionante é, portanto, inteiramente alheia à vossa. Num tal sistema, contudo, como no vosso, o percecionante é também participante e criador, mas não trabalha com a vossa conceção de tempo, e sim com probabilidades. Nos vossos termos, então, parecer-vos-ia que ele se aprofunda em cada momento em todas as suas probabilidades, de modo que, no vosso tempo, por um lado teriam passado muitos séculos e, por outro, apenas um instante.

O sistema temporal é aqui inteiramente diferente. A realização de valor é igualmente válida em ambos os sistemas e, de forma muito lata, este sistema de probabilidades poderia ser comparado ao tempo três de Dunne.

(O Seth disse um pouco sobre as ideias acima quando começou a dar-nos o material sobre o campo elétrico e sobre os pontos-momento, há vários meses. Isto foi algum tempo antes de a Jane começar a ler Dunne e Priestley.)

Haveria, no entanto, muitos aspetos em que não concordariam, e menciono esta semelhança apenas para tornar a minha ideia um pouco mais clara para vocês.

Faremos uma pausa. No entanto, estou ansioso por relacionar este material sobre o sistema de probabilidades com os sonhos, pois por vezes pode haver ligação; e algo, na verdade, que os nossos amigos Priestley e Dunne não consideraram — porque o seu «eu três» pode efetivamente vagar fora das dimensões que lhe atribuíram.

(Pausa às 9:48. A Jane estava dissociada, como de costume. A voz e a postura tinham sido firmes e enfáticas, o ritmo rápido.)

(Pouco antes da primeira pausa, o Seth mencionara uma 12th St. em ligação com o John Bradley. A Jane perguntou agora ao John sobre isso, mas o John disse que ainda não lhe diria nada acerca de tal afirmação. A Jane disse que recebera este dado com bastante força enquanto dava o outro material do Seth e que, ao princípio, não ia dizê-lo em voz alta porque não tinha a certeza se vinha do Seth ou dela própria. Depois decidiu dizê-lo na mesma.)

(Os olhos da Jane estiveram abertos e muito escuros durante grande parte da passagem acima. Como, porém, era agora a altura do 33.º teste do Dr. Instream, os olhos fecharam-se e o ritmo abrandou bastante. Tinha a cabeça baixa, as mãos erguidas ao rosto. Retoma às 10:05.)

Agora, dá-nos um momento para o nosso material do Dr. Instream.

Tenho a impressão de vidro. Ele está a olhar para um copo. O copo é o objeto. (Pausa.)

O copo está à sua frente. Não capto qualquer forte apego emocional entre ele e o objeto.

Agora, outras impressões. Glicínia.

(O John Bradley mudou de posição no divã. A Jane falou para ele sem alterar a sua posição.)

Philip, durante os dados do teste tenta, por favor, manter-te o mais quieto possível. As experiências de hipnose do Dr. Instream vão agora muito bem. Alguma ligeira dificuldade numa área particular, causada por uma avaria motora. A avaria é resultado de associações subconscientes por parte do sujeito. (Pausa.)

O copo que indiquei como objeto tem ligação com rosas. Uma perturbação também. Esta perturbação está relacionada com o proprietário do copo. 1934, também em ligação com o objeto.

A condição física do Dr. Instream incomoda-o mais do que o habitual. Uma coxeira acentuada. (Pausa.) Há uma ligação entre o copo e um bilhete. (Pausa.) O bilhete é de uma mulher.

Tens um teste para mim, Joseph?

("Não.")

(Eram 10:14. A Jane manteve a posição, sentada com as mãos erguidas aos olhos fechados, a cabeça baixa, a voz lenta.)

Repito os dados curtos dados anteriormente para o Philip, numa cidade grande e que não é esta. Penso também numa reunião e num homem gordo.

O número 4, e as 8 horas. Pelo menos creio que o número 8 se refere a hora. Um sítio abafado. Também um apartamento. Três planos alternativos. Dois não foram seguidos, e há uma questão sobre o terceiro.

Um bar e grelhador de esquina no mesmo município, creio, embora não esteja certo, tal como a morada da 12th Street. E, em ligação com isto, um homem alto e magro, e uma discussão sobre dinheiro.

Uma morada no topo de uma colina. Duas mulheres vivem juntas — isto é uma impressão separada. Uma mulher usa um colar de contas e o Philip conhece-a. 1652.

Sugiro que façam uma pausa.

(Pausa às 10:18. A Jane estava dissociada, como de costume. Disse que não recebeu quaisquer imagens enquanto dava quer o material do Dr. Instream quer o do John Bradley.)

(Ao princípio o John disse que o material do Seth significava pouco ou nada para ele. Esta é praticamente a reação inicial padrão de testemunhas para quem o Seth dá tal material: de forma espontânea, eu e a Jane não nos lembramos de alguém que tenha reagido de modo diferente. A memória leva tempo a começar a funcionar. Como de costume, li os dados do Seth ao John e, como em sessões anteriores, ele começou então a estabelecer ligações. Ver as sessões 135.^a, 166.^a, 190.^a, 199.^a, 200.^a e 204.^a para material relativo ao John. Uma boa parte do material é telepático e/ou clarividente, especialmente o da 204.^a sessão. O Seth desenvolve esta última sessão na 205.^a e na 206.^a, e trata da experiência do John ao ouvir o Seth falar-lhe quando estava sozinho.)

(O John assistiu a uma reunião de vendedores, promovida pelo seu empregador, Searle Drug, em Cleveland, OH, de 12 a 14 de janeiro de 1966. Ficou hospedado no Hotel Sheraton-Hilton. O presidente da empresa e os seus principais adjuntos também estiveram presentes.)

("12th Street." O John disse-nos agora que fez várias refeições no Hotel Manger — pronuncia-se com G duro — e também lá teve alguns compromissos de trabalho. Este hotel fica na 12th ou 13th St. em Cleveland; o John não tinha a certeza, mas achava que a morada seria 12th Street e não 13th Street.)

("numa cidade grande e que não é esta." Cleveland fica, claro, a alguma distância daqui. Como foi dito, a Jane não ouviu o John mencionar Cleveland, embora soubesse que ele tinha andado a viajar. Em todo o caso, o Seth não mencionou nenhuma cidade pelo nome.)

("Penso também numa reunião e num homem gordo." No Sheraton-Hilton o John teve várias reuniões com o representante da Searle junto do governo em Washington, DC, o Sr. McKeown. Este homem envolveu o John em conversas concebidas para o sondar, disse o John, e fê-lo de forma tão hábil que a reunião em Cleveland terminou antes de ele perceber plenamente o que acontecera. O John sabe, no entanto, que está a ser considerado para promoção. O Sr. McKeown, disse-nos o John, tem bastante peso a mais, mas não é verdadeiramente obeso. O John disse que a sua ideia de um homem "gordo" é alguém com excesso de peso grosseiro; o Sr. McKeown não o é, ainda que seja pesado.)

("O número 4," o John não conseguiu oferecer interpretação.)

("As 8 horas." O John disse que isto podia referir-se a uma hora da noite em que devia fazer um telefonema, mas não considera muito relevante.)

("Um sítio abafado." "Isto é muito interessante", disse o John, pelo facto de o Sheraton-Hilton estar muito abafado durante as três noites em que lá esteve. Com efeito, disse o John, era particularmente abafado à noite, ao ponto de ter dificuldade em dormir, e levantou-se várias vezes.)

(Posso acrescentar aqui outra informação: em 8 de janeiro, a Jane teve um sonho em que viu um quarto estranho — não um quarto de dormir, embora houvesse uma cama. O quarto, sabia ela no sonho, pertencia ao John Bradley, embora ele não aparecesse. Além disso, a cama tinha sido usada e as roupas estavam revoltas como se o John tivesse estado bastante inquieto. A hora era noturna, no sonho. Não sabemos se há aqui ligação.)

("Também um apartamento." O John não pôde acrescentar nada no momento, embora houvesse uma boa ligação envolvendo o Sheraton-Hilton e o Sr. McKeown. Será explicada mais adiante na sessão.)

("Três planos alternativos." O John disse que não via ligações aqui, a não ser que a referência fosse aos seus próprios planos pessoais. Recentemente, tinha de facto três planos em mente — que eu e a Jane também conhecíamos e que o Seth mencionara. Eram: deixar a Searle e comprar um restaurante na sua cidade natal, Williamsport, PA; ficar na Searle e em Williamsport; ou exigir à Searle uma mudança de local e uma promoção. O Sr. McKeown está envolvido nesta última alternativa, pelo que é concebível que "haja uma questão sobre o terceiro", como afirmou o Seth.)

("Um bar e grelhador de esquina no mesmo município, creio, embora não esteja certo, tal como a morada da 12th Street." "Certo", disse o John. O Hotel Manger fica numa esquina, e o bar e grelhador do hotel está na esquina. Como dito, o hotel fica na 12th ou 13th Street.)

("E, em ligação com isto, um homem alto e magro e uma discussão sobre dinheiro." O John disse que acompanhou um homem alto e magro à sala de jantar do Hotel Manger, situada ao lado do bar e grelhador. Esse

homem alto e magro tem também um cargo elevado na empresa, disse o John. Enquanto jantava, o John podia ver o bar e grelhador do Manger. Teve uma longa conversa com o executivo da empresa, mas o dinheiro não foi o tema específico.)

("Uma morada no topo de uma colina. Duas mulheres..." uma das quais o John conhece, e "1652." nada significava em particular para o John, no momento.)

(Estávamos a discutir estes últimos pontos quando o Seth se voltou a manifestar. A Jane retomou a um ritmo rápido, de olhos fechados, às 10:37.)

As duas mulheres referidas — não tenho a certeza, por isso vamos devagar — as duas mulheres vivem juntas e tinham relação com um dos dois cavalheiros que mencionei em ligação com o Philip.

Aqui também capto 34. Agora, não estou certo se isto se refere à idade de uma das mulheres ou se elas vivem numa 34th Street na mesma cidade. Uma tem ligação à joalheria.

("Não tão depressa.")

Talvez trabalhe numa ourivesaria. Capto também o nome Alfred — um nome atroz — e um Leo.

Mas estou a ir longe demais, porque agora estou a pensar no barman, e isto não nos vai ajudar.

Uma ocasião em casa do Philip por volta das três da tarde, em ligação com a família dele. Um agravo também.

Terminarei aqui a nossa sessão, com uma nota suave para o Ruburt: pedi-lhe que não fumasse quando estivermos a tratar de material deste tipo. Também um compromisso para o jantar, dois homens, e mostra-se um papel.

Agora, os meus mais calorosos cumprimentos a todos. E, como sempre, lamento partir, pois vocês crescem em mim.

("Boa noite, Seth.")

([John:] "Boa noite, Seth.")

(Fim, presumivelmente, às 10:47. Os olhos da Jane permaneceram fechados, e ela fumou durante esta última passagem.)

O John disse que ainda pouco podia ajudar quanto às duas mulheres mencionadas pelo Seth. Disse que um dos seus amigos vê uma amiga sempre que vai a Cleveland e que talvez essa mulher tenha uma companheira, ou uma colega de casa.

(Nos meus esforços para pôr por escrito o máximo de dados possível, esqueci-me de perguntar ao John se "um compromisso para o jantar, dois homens, e mostra-se um papel" lhe dizia alguma coisa.)

O John estava interessado em saber se o Seth poderia acrescentar algo ao material de longo prazo que tem dado acerca da Searle Drug ao longo do último ano e meio. Esse material é um tanto longo e complicado e está

tratado nas sessões a que o John assistiu: 37, 54, 63, 70, 95, 135, 166, 190, 204. A Searle está a passar por uma crise financeira e de gestão, e isso reflete-se no mercado bolsista; o John está naturalmente preocupado. (Ver Volumes 1 a 5.)

O John disse que o seu barbeiro em Williamsport, PA, se chama Alfred, e que um amigo seu, ativo numa organização política a que o John pertence, em Williamsport, se chama Leo. Mas, se estes nomes se referirem a Cleveland, o John não pôde confirmar.

(Nem o John conseguiu identificar qualquer ocasião às três da tarde em particular em sua casa, em ligação com a sua família, ou com um agravo.)

(Em resposta às perguntas do John sobre a Searle, o Seth voltou a manifestar-se. A Jane retomou com voz mais calma, de olhos fechados, às 10:45.)

A ligação deverá ser bastante evidente, e já se conhecem os começos. Os acontecimentos terão lugar, no essencial, conforme eu disse que teriam.

Capto em ligação com isto as iniciais A J, A G — não tenho a certeza. Noutra reunião foram-te dados a conhecer, Philip, outros aspetos de que talvez não estejas conscientemente ciente. Aqui, uma ligação vaga mas definida com Dayton, OH. Um homem com ligações a Dayton, OH estará envolvido numa mudança na tua empresa. Falamos em termos de probabilidades. Não obstante, até agora não ocorreram ações que alterem drasticamente quaisquer dos acontecimentos previstos e, a menos que tais ações sejam iniciadas, os acontecimentos ocorrerão como indicado.

Há uma criança, do sexo feminino, aparentemente sem ligação a nenhum destes episódios, que será importante na decisão de um homem. Agora vê o que consegues tirar disto.

(Pausa às 10:49. A Jane estivera dissociada, como de costume. Os olhos permaneceram fechados.)

(As previsões do Seth para a Searle incluem a perda de poder do atual vice-presidente, que é filho do fundador da empresa, embora o filho possa manter um cargo apenas titular. Haverá, por fim, uma reorganização drástica, depois de tudo o resto falhar. Segundo o Seth, seria sensato o John manter-se na empresa, pois, eventualmente, as coisas acabarão por correr bem. O Seth disse ao John que ele poderia ir tão longe quanto desejasse na empresa. O John já fora auscultado antes por altos responsáveis, e voltou a sê-lo nesta reunião de Cleveland.)

(Como referido, a auscultação foi bastante subtil, tal como feita pelo Sr. McKeown e pelo outro responsável, o homem alto e magro. Procuraram conhecer as opiniões do John sem se comprometerem de modo algum, para se pouparem ao embaraço de serem recusados. O John entretanto escreveu ao Sr. McKeown a pedir mais informações — isto depois de perceber o que se passava.)

(Enquanto nos explicava agora a política interna da empresa, o John disse que lhe parecia ver uma ligação com a menção do Seth a um “apartamento”, na página 235. Recorde-se que, ao princípio, o John nada pôde oferecer para esses dados. O Sr. McKeown, disse o John, chegou a convidá-lo a subir ao seu quarto privado no Sheraton-Hilton, para conversas mais reservadas sobre a empresa. Na altura, o John ficou algo surpreendido por um alto responsável da empresa lhe dedicar atenção particular. Foi durante encontros como esse, e os do Manger, que começou o processo de auscultação.)

(O John não pôde ajudar quanto às iniciais A J ou A G. O Seth já deu outras iniciais em dados anteriores para o John, com os mesmos resultados, e eu e a Jane acreditamos que este tipo de informação é provavelmente distorcida. Nem o John nos pôde dizer nada sobre uma criança do sexo feminino, ou sobre uma ligação a Dayton, OH.)

(Em referência aos dados do apartamento, o Seth voltou a manifestar-se às 11:00.) Isto é ao que me referia, e o quarto é aquilo a que eu estava a chamar apartamento, no sentido em que era privado.

A informação que te foi dada e que não compreendeste tinha a ver com esse homem, e a impressão que ele teve de ti teve muito a ver com o que estou a dizer, na medida em que diz respeito à empresa e à ligação do Philip a ela. Ele foi enviado com um propósito.

(Fim às 11:03. A Jane falou calmamente, de olhos fechados. Como foi dito, o John entretanto escreveu ao Sr. McKeown a pedir mais informações, e quaisquer informações adicionais relacionadas com as previsões do Seth nesta sessão serão incluídas numa sessão futura.)

SESSÃO 227

26 DE JANEIRO DE 1966

(Não houve teste do envelope durante a sessão.)

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados; os olhos começaram depois a abrir-se com frequência após alguns parágrafos de material. A voz estava aproximadamente normal, o ritmo algo mais lento do que o habitual no início. Contudo, o ritmo acelerou bastante à medida que a transmissão avançou e ganhou grande ênfase. A Jane começou a falar às 8:58.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Fiquei bastante satisfeito com a quantidade de material bastante específico que consegui transmitir acerca do nosso amigo Philip, na nossa última sessão.

(A Jane fez uma pausa e sorriu. Philip é o nome de entidade do John Bradley.)

A confiança que o Ruburt recebe em tais circunstâncias é de grande ajuda para todos nós. Teremos uma sessão descontraída esta noite. Há, contudo, vários pontos que gostaria de abordar. Têm a ver com a nossa discussão do tempo em geral.

Uma parte do eu total está bem consciente das probabilidades. Agora. Esta é uma porção do eu que existe como participante percecionante, na dimensão que discutimos na nossa última sessão. Este é um material bastante difícil e, por isso, estou a dá-lo cuidadosamente.

O ego, tal como o conhecem — o eu consciente dentro do vosso sistema temporal —, esse ego, digamos, chega e experiencia o acontecimento X.

("Espera um minuto."

(O nosso gato, o Willy, saltara para o colo da Jane. Como fazem os gatos, começou a amassar-lhe as pernas com as patas da frente. Os olhos da Jane não se abriram, mas a transmissão tornou-se espasmódica. Quando me levantei, ela própria pegou no Willy e pousou-o no chão.)

(É a primeira vez em muitas sessões que o Willy presta alguma atenção à Jane durante uma sessão. Nas primeiras sessões exibiu comportamentos drásticos perante a presença e/ou chegada do Seth. Por vezes tentava enredar-se nas pernas da Jane enquanto ela andava pela sala a falar pelo Seth. Outras vezes parecia mostrar pânico puro, correndo a esconder-se pouco antes da hora da sessão. O Seth disse-nos que isto se devia ao facto de os sentidos muito apurados do gato detetarem a sua chegada ao nosso plano. O Willy, disse ele, havia de se habituar à sua presença e deixar de reagir; e assim tem sido já há bem mais de um ano.)

(Agora, este acontecimento X é apenas um, de um número literalmente incontável de acontecimentos prováveis, que o eu consciente poderia experienciar. Para os seus propósitos, no entanto, o eu consciente escolhe este acontecimento X em particular. Mas, novamente, este acontecimento X, até que o eu consciente o experiencie, é apenas um entre muitos outros acontecimentos prováveis, sem diferença básica em relação aos outros. Torna-se real, efetivo e diferente desses outros acontecimentos prováveis apenas quando é experienciado pelo nosso eu consciente, ou por este eu consciente.)

(A postura da Jane tornara-se mais rápida e enfática, e os olhos começaram a abrir-se. Estavam muito escuros. Ela acendeu um cigarro.)

Estou a tornar esta discussão o mais simples possível, e a usar o eu consciente simplesmente porque apresenta menos dificuldades de explicação. É evidente, por exemplo, que alguns acontecimentos são também experienciados pelo subconsciente, que podem ou não ser experienciados pelo ego.

Este acontecimento X torna-se então real, nos vossos termos, apenas quando é experienciado ou percecionado pelo nosso eu consciente. Que dizer, porém, de todos os outros acontecimentos prováveis? A única diferença entre eles e o acontecimento X é que o acontecimento X foi percecionado e experienciado pelo nosso indivíduo consciente. Por outras palavras, se não fosse essa percepção do acontecimento X, ele seria ainda tão válido — ou tão inválido —, tão real — ou tão irreal —, como todos os outros acontecimentos prováveis que não foram percecionados.

Isto conduz-nos, então, a uma conclusão evidente: se o acontecimento X não fosse percecionado, continuaria apenas como probabilidade. Do mesmo modo, se o nosso indivíduo escolhesse percecionar e experienciar, digamos, o acontecimento Y, então o acontecimento Y seria a realidade, e o acontecimento X continuaria irreal.

Tal como vos expliquei o ego, dentro do vosso sistema ele só consegue percecionar em termos de continuidade — em linha reta, por assim dizer —, um acontecimento após o outro. Só consegue escolher experienciar, de cada vez, um acontecimento dentre todos os acontecimentos prováveis. Contudo, o ego é a única porção do eu que está, em grande medida, limitada a seguir a experiência nesses termos.

Dado que o vosso tempo físico funciona como funciona, o organismo físico não tem tempo, dentro da sua própria estrutura, para experienciar mais do que um acontecimento provável. Não pode focar-se em dois acontecimentos ao mesmo tempo. Escusado será dizer, novamente, que estamos a simplificar bastante as coisas, pois cada acontecimento físico é, na realidade, um gestalt de muitos pequenos acontecimentos.

O pacote de experiência em que se conseguem focar e que conseguem compreender é, de facto, composto por muitos pequenos pacotes, mas o pacote total da realidade é na verdade muito maior do que isso. Existe, no entanto, uma porção do eu que pode e efetivamente experiencia acontecimentos de um modo inteiramente diferente, e essa porção do eu parte por um rumo diferente. Pois, quando o nosso indivíduo perceciona o acontecimento X, essa outra porção do eu ramifica-se, por assim dizer, em todos os outros acontecimentos prováveis que poderiam ter sido com a mesma facilidade experienciados pelo ego.

O ego tem de escolher um de todos estes acontecimentos por causa das suas limitações de tempo físico. Mas essa outra porção do eu pode — e fá-lo — aprofundar aquilo a que poderias chamar acontecimento X1, X2, X3, etc. Pode prosseguir e experienciar todos esses acontecimentos alternativos, e pode fazê-lo na mesma quantidade de tempo físico que o ego leva a experienciar apenas o acontecimento X.

Isto não é tão rebuscado como pode parecer, pois, mais uma vez, percebes agora mais do que te dás conta; embora possas não estar conscientemente ciente disso, continua a inscrever-se no quadro da tua

experiência associada. O simples apertar de uma mão pode ser percebido por ti como uma ação simples. Não estás conscientemente ciente do milhão de pequenas ações que compõem esse ato aparentemente insignificante.

Essas ações existem, no entanto. Não te leva tempo a percebê-las uma a uma. Percebe-as na sua forma concluída. Ora, essa outra porção do eu experiencia conscientemente esses acontecimentos prováveis com a mesma rapidez com que percebes, ao nível subconsciente, o milhão de pequenas ações que compõem o aperto de mão.

Sugiro que façam uma pausa.

(Pausa às 9:29. A Jane estava dissociada, como de costume para uma primeira transmissão. O ritmo tornara-se rápido, mas a voz estivera bastante calma. Os olhos abriram-se muitas vezes e estavam muito escuros. Ela fumou.)

A Jane disse que se apercebeu de o Willy lhe subir para o colo e que a presença do gato poderia ter interferido com a sua transmissão se ele tivesse ficado lá.

(A Jane retomou de modo semelhante às 9:40.)

Agora. Estas várias porções do eu de que falo são exatamente isso: porções do eu total que simplesmente operam em diferentes dimensões da realidade e dentro de diferentes campos de atividade.

Não há fronteiras últimas que separem umas das outras. Limitam-se a procurar a sua experiência em dimensões separadas. Neste caso concreto, compara as várias porções do eu aos vários membros de uma família.

O homem pode trabalhar numa cidade. A mulher pode trabalhar em casa, no campo. De três filhos, os três podem frequentar escolas diferentes. Continuam todos a fazer parte da mesma unidade. Todos operam a partir da mesma casa. Basicamente, não há razão para que qualquer das crianças não pudesse passar o dia no escritório com o pai da família, mas não conseguiria compreender nem perceber muitos dos acontecimentos que aí ocorreriam.

Estou a tentar tornar esta analogia mais clara. A criança, por exemplo, caberia no edifício de escritórios do homem. Não haveria uma fronteira que a mantivesse de fora enquanto deixava o pai entrar, falando fisicamente. O homem também poderia entrar na escola. Do mesmo modo, não há razão fundamental para que um eu — ou, melhor, uma porção do eu — tenha as suas experiências principais numa dimensão, enquanto outras porções do eu experienciam a realidade noutros campos.

Existe, dentro da família, uma percepção geral das experiências dos seus membros, mas estas são de segunda mão, exceto quanto às experiências que a família partilha como unidade. Este é um ponto importante, pois existe um conhecimento não especializado, extremamente

generalizado e intuitivo, por parte de qualquer porção do eu, quanto à natureza da experiência tal como é sentida pelas outras porções do eu.

Algumas experiências ou acontecimentos serão percebidos por todas as camadas do eu, embora à sua maneira, e experienciados como unidade. São poucos, mas extremamente vívidos, e servem, como servem as experiências conjuntas da família, para reforçar a identidade de toda a estrutura psicológica.

A imaginação pode, naturalmente, perceber vagamente algumas probabilidades, mas o organismo físico só pode experimentar diretamente uma delas dentro do tempo físico e em termos de continuidade. Os acontecimentos prováveis, porém, são precisamente tão reais quanto aquele acontecimento que é escolhido de entre eles para ser uma experiência física. E esses acontecimentos tornam-se, portanto, “reais”, entre aspas, noutras dimensões. Como nota lateral, há alguns episódios interessantes, de todo incompreendidos, quando um choque psicológico severo, ou mesmo um profundo sentimento de inutilidade insuportável, provoca um curto-circuito, por assim dizer, de modo que uma porção do eu se torna ciente e começa a experimentar a realidade tal como ela existe para outra porção do eu.

Estou a pensar aqui, em particular, em alguns casos de amnésia em que a vítima acaba de repente numa cidade diferente, com um nome diferente — por vezes até com uma profissão diferente — e sem memória do seu passado.

Em alguns desses casos, o indivíduo está a experimentar um acontecimento provável. Mas tem de o experimentar, percebes, dentro do seu próprio sistema temporal.

Sugiro uma pausa antes do nosso material do Instream.

(Pausa às 10:00. A Jane estivera dissociada, como de costume. Os olhos estiveram abertos grande parte do tempo. A transmissão fora bastante rápida e enfática; ela sorriu muitas vezes, fez muitos gestos e fumou dois cigarros.)

(Era agora a altura do 34.º teste do Dr. Instream. A Jane sentou-se quieta, com a cabeça baixa e as mãos erguidas aos olhos fechados. Falou agora com muitas pausas bastante curtas. Não estava a fumar. Retoma às 10:05.)

Agora. Concede-nos um momento, por favor.

O objeto tem algo a ver com um tampo de secretária. Um tampo de secretária um tanto antiquado. (Pausa.) A atenção parece concentrar-se aqui. Um mata-borrão verde, um abre-cartas, do tipo em forma de punhal, e um porta-cartas. (Pausa.)

Um candeeiro numa parte ainda mais elevada da secretária. Esta parte é como uma prateleira. O abre-cartas é do tipo metálico, creio que de cor

prateada. Também um pequeno objeto redondo na secretária, creio que de vidro, em forma de globo, e é mais pesado do que parece. (Pausa.)

Quanto ao Dr. Instream, em geral: visitantes de fora da cidade hoje. As iniciais, creio, M W ou W M. O M faz parte de um nome bastante comprido, com dois R. (Pausa.)

Uma ocasião algo sombria. Isto não está necessariamente ligado, porém, às outras impressões.

Um estúdio que ele visita na parte de trás do edifício. (Pausa, às 10:15.) Têm um teste para mim?

("Não.")

Pergunto por cortesia e também para compreenderem que os acolho, sabendo o espírito com que são dados.

(A Jane continuava sentada com as mãos levantadas ao rosto.)

Agora, disse-vos que esta seria uma sessão descontraída, e vou encerrá-la aqui, a menos que haja algum assunto em particular sobre o qual tenham perguntas. Passámos muito bem por um bocado de material difícil esta noite. ("Não tenho perguntas.")

Então, os meus melhores votos para ambos, como sempre.

O Ruburt descobrirá, aliás, que o seu livro de poesia — o novo e escrito bastante depressa — será publicado. Ele reconheceu a abundância de energia que tinha à sua disposição enquanto o escrevia.

A espontaneidade que lhe permitiu desviar-se do seu horário habitual é largamente responsável por todo o livro, pois a sua intenção original era apenas escrever uns versos humorísticos para o aniversário da nossa amante de gatos. Talvez tenha um pouco mais a dizer sobre isto na nossa próxima sessão.

Boa noite.

("Boa noite, Seth, e obrigado.")

(Fim às 10:22. A Jane estava dissociada, como de costume. A transmissão acelerou um pouco para o final e os olhos abriram-se algumas vezes. Disse que o Seth ficou satisfeito quando eu disse “obrigado”.)

(Foi muito interessante ver a Jane produzir o livro de poesia acima mencionado. Cresceu a partir de sugestões anteriores e, eu diria, o resultado final representou um belo exemplo do poder criativo espontâneo no seu melhor. Os poemas são de alta qualidade, e a Jane sentiu desde o início que seriam publicados. É difícil publicar poesia em capa dura.)

(Nas noites de quarta e quinta-feira, 19 e 20 de janeiro, a Jane deu a si própria sugestões de que teria uma grande abundância de energia. Normalmente usa sugestão todas as noites, mas desta vez queria um suplemento.)

(A Jane disse que andava a trabalhar muito feliz no livro sobre o material do Seth e noutro sobre sonhos. Quando, porém, lhe surgiu o

arranque de energia com a ideia do livro de poesia, aproveitou e ficou certa de que o material seria publicado. Eis um cronograma dos acontecimentos:)

(Na sexta-feira, 21 de janeiro, escreveu 10 poemas para o aniversário da Peggy no espaço de 2–3 horas. Os poemas eram de humor, de comentário social, e altamente polidos. Estes deram-lhe a ideia para o livro, que ponderou durante o fim de semana.)

(Na segunda-feira, 24 de janeiro, a Jane escreveu 20 poemas no espaço de 6 ou 7 horas.

Na terça-feira, 25 de janeiro, escreveu 15 poemas em 5 ou 6 horas.

Na quarta-feira, 26 de janeiro, escreveu 7 poemas em 21 horas. Este período incluiu também algum outro trabalho no livro.)

(O livro ficou então terminado, e a Jane passou parte dos dois dias seguintes a dactilografar a versão para envio a editores. Além disso, gravou os 10 poemas originalmente feitos para a Peggy na noite de terça-feira, 25 de janeiro.)

SESSÃO 228

31 DE JANEIRO DE 1966

(Não houve teste do envelope durante a sessão.)

(Ao observar em ação a tempestade de neve que atingiu Elmira este fim de semana, achei-a como uma tempestade psíquica desencarnada. A Jane concordou; à medida que se aproximava a hora da sessão, disse que achava que o Seth iria falar da tempestade e, em geral, do nosso tempo. O Seth já disse algo sobre o tempo nestas sessões: 56, 84, 123 e 175, sem entrar em grande detalhe. Ver Volumes 2, 3 e 4.)

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Para uma pausa do nosso material sobre probabilidades e tempo invertido, vou de facto discutir um assunto que vos está na mente: a nevasca dos últimos dias.

(Bateram à nossa porta. Era uma jovem vizinha do andar de baixo, preocupada com o transporte para o trabalho amanhã. Trabalhamos juntos na Artistic Card Co., mas não tentámos ir à fábrica hoje. Ela não tem conhecimento destas sessões. (Durante algum tempo realizámos as sessões na parte de trás do nosso apartamento para evitar tais interrupções, mas a Jane prefere que se façam na grande sala da frente.) A interrupção de hoje não foi choque algum para a Jane; saiu facilmente do estado de transe, embora eu tenha notado que os olhos estavam muito escuros quando se

abriram pela primeira vez. Foi, no entanto, a Jane quem foi atender à porta. Depois tivemos uma conversa de meia hora com a vizinha.)

(Quando ficámos novamente a sós, a Jane retomou como se a pausa não tivesse ocorrido. A voz estava normal, o ritmo médio; os olhos abriam após alguns parágrafos e ela estava agora a fumar.)

Agora. Esta é uma boa altura para discutir certas interações que ocorrem no vosso sistema, e podemos tomar a vossa tempestade de inverno como um excelente exemplo.

Há uma constante permuta entre componentes psíquicos e químicos que, na realidade, causam o vosso tempo diário, os vossos ciclos meteorológicos, estações, secas e tempestades. Este tempo físico, por sua vez, afeta e altera a atmosfera psíquica de cada indivíduo. A força que causa o vosso tempo pode ser considerada auto-geradora.

Em última análise, não é auto-geradora, mas, para efeitos da nossa discussão, pode ser designada assim. A força tem origem nos aspetos psíquicos ou não físicos de cada criatura viva do vosso sistema. Essa força atua como um mecanismo de equilíbrio para as estruturas psíquicas e, através do seu uso, as formas vivas criam e mantêm, de modo muito básico, o seu próprio ambiente físico.

Isto não deve ser tomado como ideia simbólica, pois falo em termos bastante práticos. Não só o sistema humano, por exemplo, fica influenciado quimicamente, eletronicamente e psiquicamente pelo tempo físico, como também o sistema humano, eletronicamente, eletromagneticamente, quimicamente e psiquicamente, afeta e cria o clima em que a existência é possível.

As ligações químicas são as mais facilmente descobertas. A descoberta, porém, surge — ou está a surgir — como resultado de estudos feitos sobre o efeito do tempo físico no indivíduo, em termos químicos. Levará mais tempo até que se perceba de todo que o indivíduo também afeta o tempo.

Apesar disso, parte disto é — ou deveria ser — óbvia. Sabe-se que a fotossíntese afeta de forma vital a composição da vossa atmosfera, por exemplo. Os processos biológicos pelos quais cada indivíduo utiliza o oxigénio são bem conhecidos, mas não se tiraram conclusões dessa realidade.

Ora, eu disse-vos que os sonhos são causados em parte — sublinhem em parte — por excessos químicos acumulados no sistema humano. Os sonhos também transportam o peso de excessos emocionais que não podem ser expressos adequadamente na ação física quotidiana.

(O Seth começou a falar de sonhos pela 15.^a sessão, e pouco depois começou a fornecer material sobre os seus excessos químicos. Ver Volume 1.)

Agora direi que o tempo físico também é causado em parte por energia

psíquica, a correr através do sistema humano e dos sistemas de todas as criaturas vivas, e também por um excesso — um excesso químico — para além do que o organismo individual consegue gerir.

A palavra “excesso” pode não ser a melhor. Talvez “abundância de energia química” seja mais correto. A energia química está acima do que é normalmente necessário ao organismo físico individual, mas tem de ser utilizada. A utilização dá-se de forma subconsciente.

Esta tempestade de neve, e a última tempestade da semana passada — ambas são, primariamente, benéficas. Ora, o organismo físico simplesmente não consegue processar toda a energia que lhe está disponível. Tem energia abundante, não só para cuidar de si, mas para criar um ambiente físico favorável. Sem a via de escoamento — a via construtiva — proporcionada pela formação dos seus próprios ambientes meteorológicos, o organismo físico teria pouco equilíbrio ou estabilidade.

Tal como tempestades emocionais podem resultar de falta de disciplina, de conhecimento, ou de controlo de uma ou mais porções do eu — provocando uma correspondente exacerbação ou crescimento de outras porções do eu —, também as tempestades físicas erráticas provêm das mesmas causas numa base coletiva, mas com a energia dirigida para fora e muitas vezes convertida a um propósito construtivo. Embora nem sempre seja o caso.

Uma tempestade física pode, como sabem, ser muito mais desastrosa do que uma emocional. Mas uma tempestade física é um empreendimento coletivo e só pode ser comparada, se for desastrosa, a tempestades emocionais coletivas igualmente desastrosas, como as que varrem nações quando todas as mentes parecem tomadas pela irracionalidade. Sugiro que façam uma pausa.

(Pausa às 9:55. A Jane estivera dissociada, como de costume para uma primeira transmissão. O ritmo tornara-se bastante rápido e, por vezes, enfático. Os olhos abriram-se muitas vezes para o fim da passagem.)

(Era agora a altura do 35.º teste do Dr. Instream. A tempestade uivava lá fora. Como de costume, o ritmo da Jane abrandou; sentou-se com a cabeça baixa e as mãos levantadas aos olhos fechados. Falou com muitas pausas bastante breves. Retoma às 10:02.)

Agora, concedam-nos um momento antes do nosso material do Instream.

Antes de mais — isto não é o objeto — capto a impressão de uma fusão de algum tipo, na qual o nosso Doutor está envolvido.

Agora, uma ligação, separada dessa fusão, com um sapato — um sapato de homem (pausa) — ou um chinelo. Este é o nosso objeto. A sua cor é castanha, mas muito escura, de modo que parece quase preta. (Pausa.) É dele (pausa) e ele concentra-se nele.

Não sei se é chinelo ou sapato, porque, embora tenha atacadores, de algum modo parece diferente de um sapato.

Uma reviravolta para ele, em direção oposta. Os acontecimentos têm a ver com um médico de algum tipo.

Capto a inicial D, mas infelizmente não sei se o D se aplica a “doutor” ou se é inicial de nome. (Pausa.)

O objeto é o sapato ou chinelo esquerdo, comprado numa loja numa rua lateral, diretamente saindo de uma rua principal. A rua começa por C ou G, e os números 1 2 aparecem algures na morada da loja. (Pausa.)

Os sapatos foram comprados num dia chuvoso. Penso em abril, mas não tenho a certeza. Ele conduziu — ou melhor, foi conduzido — e não foi a pé, e tinha uma marcação imediatamente a seguir.

Houve, creio, um aniversário por essa altura, e o nome Harvard aparece aqui de algum modo. Harvard shoes ou oxfords, não sei. (Pausa às 10:14.)

Tens um teste para mim, Joseph?

("Não.")

(Pausa.) A inicial D referida antes aplica-se a um nome no sapato.

(Surgiu aqui uma confusão. A última palavra acima, que tomei por “sapato”, não foi pronunciada claramente pela Jane. Pedi que repetisse a palavra, ao que a Jane, ainda de olhos fechados, apontou para mim de forma bastante enfática.)

Antes dos dados do sapato, com o material relativo a um médico, penso, de modo algo estranho, numa ligação a um flamingo, o que parece bizarro. Faremos então uma pausa muito breve para benefício do Ruburt, já que lhe dou sempre uma depois deste tipo de material.

As iniciais D G poderão ser as que tenho andado a tentar apanhar aqui.

(Pausa às 10:16. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos permaneceram fechados. O ritmo tornara-se bom para o fim da transmissão. O vento chegara a rajadas de 40 mph e o nosso apartamento esteve frio o dia todo. O modo mais lento e calmo da Jane tornou-me mais consciente da tempestade e perguntei-me se a incomodaria, mas ela disse que não se apercebeu de nada enquanto falava.)

(Expliquei-lhe durante a pausa a confusão sobre os dados do sapato e pedi ao Seth que a esclarecesse. A Jane retomou, novamente de olhos fechados e com as mãos levantadas a eles, às 10:26.)

Agora, antes de mais, as iniciais mencionadas por último não dizem respeito aos sapatos, mas aos dados dados anteriormente, conforme especificado.

Vejo também uma cadeira de madeira com algum tipo de volutas e algum vime, embora a cadeira não seja de vime. Isto conclui o material do Instream.

Há muito a dizer sobre as inter-relações que existem entre o sistema humano e o sistema meteorológico, e essas inter-relações serão discutidas de forma mais completa mais adiante. Não quero interromper os nossos dados sobre probabilidades e tempo para nos enredarmos longamente noutros assuntos. A questão estava, porém, nas vossas mentes e, por isso, dedicámos um breve momento a dar-vos algumas notas sumárias sobre ela. Na nossa próxima sessão regressaremos ao tema anterior. Agora, conforme preferirem, continuo a sessão por mais um pouco ou dou-a por terminada.

("Mais vale continuares um bocado."

(Eram 10:25.)

Então falarei brevemente sobre o livro de poesia do Ruburt, pois é um excelente exemplo de como a sugestão pode ser usada para aproveitar energia com fins conscientes.

A realização — o livro em si — é excelente. O livro foi escrito por porções do eu diferentes do ego e não foi escrito apenas ao sabor do desejo do ego.

O ego do Ruburt contém agora elementos que em tempos não lhe pertenciam. Contém porções do eu que são — hesito, percebem, em dizer “superiores”, para ele não se envaidecer —, mas porções do eu que detêm mais capacidades do que as habitualmente possuídas pelo ego.

As suas decisões egóticas refletem, portanto, de forma mais fiel, o eu total — ou a personalidade total. Houve uma integração. É por isso que as suas sugestões estão a pegar tão bem: não entram em conflito com outras camadas do eu.

A abundância de energia não encontrou resistência, portanto, e foi imediatamente focada e disciplinada conforme o desejo que ele expressou. Isto é simplesmente um facto. Ele está simplesmente a aprender. E tem muito mais a aprender.

Tu também estás a aprender. Estão ambos a começar — a começar apenas — a integrar as vossas personalidades de tal modo que a criatividade pode ser posta ao serviço de um uso positivo, livre de fatores inibidores negativos, que são sempre indícios de dúvidas e desejos interiores em conflito. Vão melhorar se continuarem a progredir como têm feito.

Isto pretende, de facto, encorajar-vos. Não pretende de modo algum dar ao Ruburt a ideia de que é superior a quem quer que seja. Ambos têm a responsabilidade de usar todas as vossas capacidades, e isto é talvez a única coisa que vos é exigida.

Ficaria bastante desapontado se não estivessem a mostrar melhoria. A tua melhoria psíquica, Joseph, é assinalável. O Ruburt, tendo este livro diante de si como exemplo, deve saber que agora pode esperar mais de si próprio e não deve contentar-se com menos. Estão, portanto, ambos a tornar-se mais responsáveis como resultado dos vossos sucessos.

Agora, meu amigo, estou perfeitamente capaz e bem-disposto. Posso continuar a sessão, ou podes encerrá-la e, em vez disso, fazer uma pausa. Como preferires. Devo, no entanto, sugerir uma boa noite de sono, e sugerir especificamente que dêes a ti próprio o mesmo tipo de sugestão que o Ruburt deu a si mesmo antes de se deitar.

Tens pouco tempo, e tais sugestões permitir-te-ão produzir, no mínimo de tempo físico, um trabalho excelente.

("É uma boa ideia.")

A tua energia ficará focada onde a desejares. O livro do Ruburt, em circunstâncias normais, ter-lhe-ia levado, no mínimo, quatro meses com uma eficiência comum. Repara que o Ruburt não pediu especificamente que fosse produzido um livro de poesia, nem sequer se falou em livro.

A sugestão foi a de que tivesse uma abundância de energia, e que focaria e disciplinaria essa energia para poder usá-la na sua escrita e no seu trabalho psíquico. Os “comos” e “porquês”, e o produto final, foram deixados ao eu interior.

Recomendo vivamente que uses o mesmo procedimento; o sucesso permitir-te-á fazer dez vezes melhor no tempo disponível do que é habitual. Tens o livro do Ruburt diante dos olhos como prova.

Os meus melhores votos para ambos e, a menos que queiras particularmente que eu continue, encerrarei a sessão.

("Boa noite, Seth.")

(Termina às 10:47. A Jane estava dissociada como de costume. O seu ritmo tinha sido rápido. Os olhos abriram-se muitas vezes e, por algumas vezes, a sua voz tornou-se mais forte para dar ênfase.)

(Ver a página 241 da última sessão, a 227.^a, para os dados sobre o calendário de trabalho segundo o qual a Jane produziu o livro de poesia. Notar-se-á que, nos quatro dias, 21, 24, 25 e 26 de janeiro, a Jane escreveu 52 poemas ao longo de 16 a 18 horas e meia.)

(Uma recontagem desde a última sessão revela que o número total de poemas deve ser revisto em alta, para 63, produzidos no mesmo período de tempo. Ao dar-me o primeiro conjunto de números, a Jane contou as páginas do livro de poesia, esquecendo-se de que havia duas poesias em algumas páginas.)

(Já tão cedo como na 6.^a sessão o Seth disse à Jane e a mim que estávamos a viver a última das nossas vidas físicas e que ambos tínhamos escolhido tornar-nos entidades. Por causa disso, disse o Seth, é muito necessário que desenvolvamos todas as nossas capacidades tanto quanto possível nesta vida. Ver Volume 1.)

SESSÃO 229
2 DE FEVEREIRO DE 1966

(O 30.º teste do envelope realizou-se durante a sessão. Cortei dez pequenos pedaços de cartolina colorida, coloquei-os entre as habituais duas folhas de cartolina Bristol e selei-os no habitual duplo envelope. Eu sabia que não haveria grande carga emocional associada a estes, e o Seth também. Como costuma acontecer, a Jane não se saiu bem no retomar de tais experiências.)

(A sessão é bastante invulgar, na medida em que toda ela é dedicada a material experimental de um tipo ou de outro. Isto inclui os dois testes habituais, além do material transmitido pelo Seth relativo ao nosso senhorio. Os dados sobre o senhorio surgiram de um daqueles incidentes relativamente pequenos que vão acumulando cargas emocionais quando a maioria das pessoas envolvidas se torna teimosa.)

(Logo a seguir à primeira queda de neve, há duas semanas, o nosso senhorio apareceu com o seu Jeep e a lâmina de neve acoplada, e limpou a nossa longa entrada de acesso em curva e a zona da garagem nas traseiras do prédio. Tinha caído cerca de um pé de neve, mas esta quantidade ainda assim tornou as coisas difíceis para os automóveis, e a área em causa significaria horas de pá à mão.)

(Depois de o segundo pé de neve ter caído no fim de semana passado, os inquilinos da casa esperaram, como de costume, que o senhorio aparecesse com a sua lâmina. Formaram-se túneis de vários pés de altura na entrada e contra as garagens. O senhorio não apareceu. Passaram três dias. Veio a descobrir-se que ele pensou que poderíamos abrir caminho à pá. Por esta altura, claro, recriminações começaram a voar de um lado para o outro por telefone, embora isto não nos envolvesse a Jane e a mim. Por fim, um dos inquilinos ameaçou mudar-se, depois de os ânimos ficarem feridos por toda a parte. A situação não estava isenta de aspetos cómicos.)

(Quando o senhorio percebeu que não conseguíamos abrir caminho à pá, já não conseguia meter a sua própria lâmina na entrada, nem contratar ajuda; toda a gente estava ocupada. Eu também estava a fazer horas extra no meu trabalho. Achei que os travões do nosso carro precisavam de ajuste, por isso não planeava conduzir pessoalmente de qualquer modo; isto tornou mais fácil manter-me objetivo em relação a tudo. Decidi também que não me iria exaltar com o assunto em caso algum. Depois, ontem de manhã, verificou-se que o termóstato da caldeira não estava a funcionar; acordámos numa casa fria, e isto levou a mais mensagens telefónicas, à chamada de um técnico, etc.)

(O técnico, na verdade o homem que mantém a casa a funcionar bem para o senhorio, é amigo pessoal dele. Ao falar com a Jane, mencionou que

os livros do nosso senhorio tinham sido chamados pelo Internal Revenue Service.)

(A sessão realizou-se esta noite com a possibilidade de ser interrompida. Um dos inquilinos da casa tinha finalmente encontrado um homem com uma lâmina, que devia limpar a área às 21:00 desta noite. Toda a gente na casa contribuiria para o pagar. Decidimos avançar com a sessão na mesma, na hipótese de o homem da lâmina não aparecer, ou chegar atrasado.)

(A sessão realizou-se novamente na nossa sala da frente. A Jane começou a falar sentada e com os olhos fechados. Abriram-se apenas uma vez, brevemente, quando apagou um cigarro. A sua voz estava normal, o ritmo bastante lento em comparação. Nenhum de nós esperava o tipo de material que começou a surgir.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Dá-me um momento, por favor.

Agora. Estão a surgir dificuldades, de natureza pessoal, relacionadas com o vosso senhorio. Ele sente, neste momento, que toda a gente está contra ele.

Ele está de facto em falta, mas em matérias fiscais, certas falsificações. Também certos procedimentos na fronteira da legalidade, relativos à casa em que vivem.

Ele está preocupado que os métodos fiscais ilegais ligados ao seu negócio sejam descobertos.

Nem, dado o seu padrão de personalidade particular, poderia ele facilmente ter evitado iniciar estas práticas. Sentiu-se impelido a elas. Está consciente da compulsão com que age quando as finanças estão em causa. Como percebe que não escolheu, conscientemente, dar estes passos ilegais, então não consegue entender porque deveria alguma vez ser penalizado por eles.

Não obstante, o medo exagera a sua preocupação mórbida com o coração. É um pouco como um búfalo ferido e, até certo ponto, a ferida não foi auto-infligida, embora ele próprio a tenha agravado.

Haverá algumas dificuldades legais para ele, com uma data ligada a 15 de março. Haverá também uma doença para ele, a menos que faça alguns ajustamentos interiores. Algumas dificuldades também para a filha mais velha. Papéis relacionados com o próprio senhorio agora, guardados em segredo, num local pouco usado, dentro ou atrás de uma secretária antiga. Talvez numa cave, penso eu, com um chão de betão ou semelhante a pedra.

(O nosso senhorio, Jimmy Spaziani, tem 50 anos. A filha mencionada aqui está no 11.º ano. Gostamos muito dele e da sua família.)

Agora. O número 14.378. Refere-se a dólares, mas ser-lhe-ão acrescentados juros. Este montante, mais juros, creio eu, representará um valor inicial em dívida, mas não representará o valor total devido.

Se ele adoecer, creio que será numa reunião do tipo festa, pelo menos com muitas pessoas à volta. Uma doença bastante séria mas não crítica, possivelmente causada por flutuações de circulação. A dificuldade a manifestar-se numa perna direita, embora a origem da doença não esteja na perna. Algo do género de um coágulo de sangue na perna, esse tipo de doença.

Alguns papéis privados escondidos, misturados com fotografias antigas em mau estado. É possível que ele tenha algum tipo de visitaçāo do próprio pai para o avisar com antecedência.

Creio também na morte do pai da sua mulher até novembro próximo. Sugiro um intervalo.

(Intervalo às 21:20. A Jane estava bastante bem dissociada para uma primeira transmissão, disse ela. Os olhos tinham-se aberto brevemente apenas uma vez. Lembre-se de que o material acima foi transmitido com muitas pausas intercaladas. A maior parte do tempo a Jane sentou-se com a cabeça baixa e as mãos erguidas ao rosto, como durante os testes do Instream e do envelope.)

(O material surpreendeu-nos, e não nos ocorreu tentar transmiti-lo a ninguém. Não fazemos ideia se as questões fiscais referidas são verdadeiras e/ou se se irão verificar. O nosso senhorio é um homem complexo e generoso que baixou a nossa renda e a de alguns dos outros inquilinos ao longo dos últimos anos.)

(O Seth tratou do Jimmy e da sua família noutras sessões, nomeadamente na 100.^a e na 101.^a. O nosso senhorio gere um restaurante com um grande serviço de festas e catering, pelo que é concebível que “adoecer numa ‘reunião do tipo festa’” possa referir-se a uma doença ocorrida nessas instalações. Ver Volume 3.)

(A referência à visita do pai envolve o material das sessões 100.^a e 101.^a. O pai do Jimmy morreu no verão de 1964. Após a morte do pai, a mulher do nosso senhorio teve várias experiências vívidas envolvendo o pai falecido: o Seth disse que eram experiências legítimas de contacto com o pai, e não sonhos. Parece que a mulher do nosso senhorio é uma boa recetora, ou estação de retransmissão. Talvez ela recebesse e transmitisse ao marido quaisquer visitas do pai falecido.)

(A Jane não tinha fumado desde que apagou o cigarro pouco depois do início da sessão e, quando voltou a falar, absteve-se de fumar. Como antes, o seu modo foi bastante lento. Sentou-se com a cabeça baixa e as mãos erguidas aos olhos fechados. Fez muitas pausas. Retoma às 21:31.)

Estou a tentar ver o que mais podemos descobrir aqui.

Alguma ligação com um contrato de longo prazo. Alguma irregularidade em praticamente todos os negócios de propriedade. Obrigações; os papéis privados inicialmente guardados na casa da colina, depois mudados.

(Isto é uma referência a uma quinta de 400 acres que o nosso senhorio possui perto de Watkins Glen, NY. Está agora vazia. Vários inquilinos causaram bastantes estragos no local.)

Uma irregularidade legal existente há doze anos. No negócio, uma irregularidade que remonta a um pequeno restaurante dos primeiros tempos. Um dado lateral interessante aqui: a sua avareza em pequenos assuntos não resulta tanto da cobiça como de uma tentativa emocional de manter o calor psíquico da infância, uma infância marcada pela pobreza.

(O Jimmy era um de talvez uma dúzia de filhos. Em criança, uma das suas tarefas era apanhar carvão ao longo das linhas de caminho-de-ferro no inverno.)

Um tio dele, do lado da família dele, morrerá num futuro próximo.

Estou a tentar dar-vos algum material que possam verificar. A mulher dele ignora, no essencial, as suas manipulações financeiras, e esconde de si própria as suspeitas que tem.

O filho mais velho também tem suspeitas. De muitas maneiras é uma criança severa. (O rapaz está no 10.º ano do liceu.)

Pode haver obrigações de algum tipo, pertencentes a ele mas em nome de pessoas diferentes. Não tenho a certeza. As pessoas podem ser membros da família. Há algumas ações detidas a longo prazo, talvez em nome dos filhos. Estou em terreno pouco familiar aqui. Penso na AT&T.

(A Jane, ainda sentada com as mãos erguidas aos olhos fechados, fez uma longa pausa. Mais tarde perguntei-lhe se sabia o que a AT&T representava. Depois de pensar um pouco, chegou a telefone e telégrafo; a adivinhar, pensou que o A poderia significar Atlantic. Mas sabia que as iniciais significavam uma ação.)

Não me parece ver uma situação de tribunal, contudo, mas um acerto de contas, ou um acordo para acertar contas. Uma admissão e liquidação de algum tipo, através de um advogado. Talvez uma multa paga, mas sem reclusão. Um advogado convence-o a chegar a acordo e a evitar ir a tribunal e, através de certas manobras, esta parte ficará resolvida. (Outra longa pausa.) Algum dinheiro será pedido emprestado. A propriedade da colina será vendida, ou usada como colateral. Ações serão vendidas. Ele não perderá a própria casa por causa disto.

Há alguma ligação com a mulher do Joe Cernohorsky, embora não direta, em tudo isto.

Sugiro um intervalo.

(Intervalo às 21:55. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos mantiveram-se fechados durante toda a transmissão. Grande parte do

tempo sentou-se com a cabeça baixa e as mãos erguidas às têmporas. O ritmo foi muito lento. Não fumou.)

(O Joe Cernohorsky é o técnico mencionado na página 248, o homem que mantém o prédio onde vivemos a funcionar, para o senhorio. O Joe e o senhorio têm a mesma idade, 50 anos, e são amigos há anos. A Jane e eu nunca conhecemos a mulher do Joe, e não fazemos ideia de que tipo de ligação o Seth poderá estar a referir.)

(Era altura do 36.º experimento Dr. Iustream. O ritmo da Jane manteve-se lento quando voltou a falar e, como antes, sentou-se com a cabeça baixa, olhos fechados, mãos erguidas, etc. Retoma às 22:07.)

Agora. O nosso objeto é uma pequena armação (pausa), pequena como se fosse feita de paus de fósforo. É leve (pausa), e em miniatura, e formada por quadrados. Não creio que seja maciça por inteiro, mas com espaços vazios. Algumas das formas quadradas podem estar abertas.

O Ruburt pensa num móbile, mas não é exatamente isso. Clara de cor (pausa), principalmente vertical na forma; isto é, mais alta do que larga. Pode ter uma ligação com um L. P. (Pausa longa às 22:12.)

Há algo torcido nela. Também me parece captar uma ligação com água e o objeto. O objeto foi-lhe dado em vez de comprado por ele. Pode ter uma ligação com uma corrente. (Pausa.)

Creio que o correio dele está atrasado por causa da tempestade, e que receberá uma carta do Midwest, mais tarde do que receberia normalmente. A carta não inteiramente inesperada. Duplicidade, ou um modo duplo, ligado a um homem que escreveu a carta.

Agora capto a palavra “granger”, mas não sei a que se refere. (Pausa.)

Tens um teste para mim?

("Tenho.")

(Eram 22:16. Entreguei à Jane o envelope para o nosso 30.º experimento do envelope e, como de costume, ela pegou nele sem abrir os olhos. Ficou com o envelope encostado à testa.)

Dá-nos um momento, por favor.

Empoar—não, arquivar. Armário de arquivo. Estas são impressões. De um armário de arquivo.

O número 12. Várias pessoas que não parecem estar relacionadas.

Ligação com tecido.

Uma referência. LM, dois um. Estudiosa, alguém estudioso. (Aqui o Ruburt pensa agora na tua sobrinha, e na carta a anunciar o casamento dela. Podes pôr esta referência entre parêntesis.)

A ligação com tecido é boa. Noite. Uma ligação com um empreendimento que não resulta. Um bilhete curto. Várias árvores. Isto é um bilhete, de alguém noutro lugar.

Uma ligação de mulher com um parente, assim como a ligação anteriormente mencionada com pessoas que não são parentes.

Sugiro um intervalo.

(Intervalo às 22:25. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos mantiveram-se fechados durante as duas experiências, usou muitas pausas e não fumou.)

(Como foi dito antes, os resultados do experimento do envelope não foram elevados. A primeira referência, a um armário de arquivo, é boa; o papel colorido que usei no teste é guardado no meu armário e assim tem estado há talvez dois anos. Mas depois disto a Jane continuou a desviar-se para a carta. Pensei que alguém estudioso se referia a mim, mas, novamente, não houve elaboração suficiente.)

(Pelo que o Seth diz após o intervalo, vimos a ligação com tecido, noite e um empreendimento que não resulta. A Jane e eu comprámos este papel colorido para usar num experimento em que, vendados, tentávamos determinar as várias cores apenas pelo toque. Isto depois de termos lido um artigo na revista Time sobre uma mulher que conseguia fazê-lo. Os nossos testes tinham sido realizados à noite e os resultados atingiram apenas o nível do acaso.)

A Jane retomou enquanto fumava, e com os olhos a abrirem-se por vezes, às 22:29. Agora. Depois da nossa atuação de estrela, tenho umas palavras a dizer.

Se estão interessados em qualquer tipo de material evidencial, é bom fazer testes com alguma regularidade. Agora. Quando quiserem dar férias ao Ruburt desses testes, está muito bem. Mas, devido à sua constituição peculiar, o primeiro, ou os primeiros testes após o retomar tendem a ser fracos agora, nesta altura, porque ele tem tendência a esforçar-se demasiado. Ainda não está suficientemente habituado ao “toque”. Perde-o e recorre a outras camadas do eu que não são fiáveis para este tipo de dados.

Uma parte de toda a sua personalidade consegue ajudar-me muito por vezes, mas outras partes simplesmente não conseguem. Mencionei propositadamente a impressão específica do Ruburt de que o item tinha a ver com uma determinada carta, para o pôr em alerta, por assim dizer.

Muito poucas impressões legítimas passaram. A ligação com tecido tinha a ver com distinguir a cor do tecido, o que foi mencionado num artigo que leste. As outras impressões legítimas, creio que já as identificaste.

Gosto de manter as nossas sessões razoavelmente equilibradas. É possível que, algures num futuro próximo, talvez no fim da primavera ou no verão, possamos combinar algumas sessões específicas, em que vários envelopes sejam preparados com antecedência. O objetivo de tais possíveis sessões seria simplesmente reforçar a confiança vacilante do Ruburt.

Repara também que o item do teste continha pouca carga emocional. Gosto de algo melhor para “enterrar os dentes”.

Isto é de facto um período de treino e, em algum momento no futuro, teremos maior oportunidade de amplitude. Vês como nos saímos bem de modo espontâneo, como com o Philip.

(Philip é o nome de entidade do John Bradley. Ver as sessões 204.^a e 226.^a.)

Agora. Podes terminar a sessão ou continuá-la, como quiseres.

("Acho que então vamos terminá-la.")

Então despeço-me com uma muito afetuosa boa noite.

("Vamos ter mais neve?" (A Jane sorriu, de olhos fechados.)

Queres mais neve?

("Não.")

Não sou um meteorologista pessoal. No entanto, não terão uma quantidade apreciável de neve, creio eu, por uns dez dias ou assim, embora talvez alguma este fim de semana, como o Ruburt bem sabe, já que ouviu isso na rádio.

("Boa noite, Seth.")

(Termina às 22:44. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos abriram-se ocasionalmente. Disse que tinha estado a ansiar pelo experimento do envelope esta noite, esperando que eu lho desse; tinha-se dado sugestões a esse respeito esta tarde.)

A Jane estava curiosa acerca do objeto do Instream. Eu pensei que talvez fosse um modelo de navio. Depois lembrei-me de que, no início da semana, o Bill Gallagher e eu estivemos a ver alguns dos meus livros sobre navios dos séculos XVII e XVIII. Esses livros continham plantas e fotografias. A Jane e a Peggy, mulher do Bill, estiveram presentes mas não prestaram muita atenção à nossa conversa.

(Estávamos a discutir o material sobre o nosso senhorio quando o Seth voltou a manifestar-se. A Jane retomou, com os olhos a abrirem-se, às 22:50.)

Uma nota: dado que grande parte desta sessão diz respeito a material pessoal referente ao vosso senhorio, não quis, antes, chamar-te a atenção para a tua própria reação, José, que tem sido excelente perante a situação em geral.

A tua melhoria é aqui notada com mais força, pois recusaste ficar muito aborrecido e ajustaste quase automaticamente a tua reação. A situação é completamente diferente por causa da tua reação.

A tua reação mudou a situação para melhor. Não só no que vos diz respeito a ti e ao Ruburt, mas também quanto aos outros envolvidos. Por causa da tua reação tão sensata, toda a situação é muito menos incómoda do que seria de outra forma. Não só para ti, mas para os teus vizinhos.

No passado, terias permitido que isso perturbasse a tua vida interior. Quis que percebesses que isto foi uma melhoria tangível.

(Termina às 22:55.)

SESSÃO 230
6 DE FEVEREIRO DE 1966

(Realizou-se na noite de domingo uma sessão não agendada, breve mas potente, com o Bill e a Peggy Gallagher como testemunhas. Este relato é escrito na noite seguinte, de memória, já que não tomei notas na altura.)

(Não estava planeada sessão. A conversa entre os quatro de nós tocou muitos assuntos, incluindo a notícia que a Jane recebeu do seu editor de que o seu livro de ESP está marcado para publicação a 16 de maio de 1966. Durante a noite também ouvimos algumas cassetes e, entre estas, estava uma das gravações que a Jane fez do poema “Lepanto”, de G. K. Chesterton; a Jane estava em transe enquanto o lia, aparentemente numa aproximação muito fiel da voz do seu agora falecido amigo, o Padre Trainor. “Lepanto” era o poema preferido do Padre Trainor. A Jane já experienciou este mesmo fenómeno várias vezes ao ler esta obra, e ele é tratado nas sessões 131.^a e 158.^a.)

(O Bill Gallagher perguntou ao Seth sobre uma possível operação às suas úlceras, embora se tenha sentido bem. O Seth respondeu que não via operação para o Bill, caso as tendências atuais continuassem, e que o Bill acabaria por superar o problema das úlceras. O Seth já disse isto ao Bill antes.)

(Isto levou bastante naturalmente a uma discussão sobre idades. O Seth disse então ao Bill que o via a viver até cerca dos 85, com a Peggy igualmente idosa. Depois o Seth disse-me que eu viveria até aos 87. Esta é a primeira vez que ele me dá uma idade específica, embora em várias sessões anteriores, entre elas a 119.^a e a 217.^a, tenha mencionado que eu viveria até idade avançada. Na 10.^a sessão, entre outras, afirmou que a morte da Jane não “ocorreria durante muitos anos”. Nas nossas vidas imediatamente anteriores, passadas principalmente em Boston nos dias pré-Guerra Civil, a Jane viveu até aos 82 ou 83 como médium, e eu vivi até aos 63 como ministro episcopal. Recebemos uma quantidade limitada de dados sobre as vidas em Boston, e não temos a certeza da nossa relação pessoal, exceto que não éramos marido e mulher. Ver Volume 4, por exemplo.)

(Esta noite, a Jane avançou então para prever a própria morte aos 67. Isto surpreendeu-nos, naturalmente. O Seth precedeu isto dizendo algo como “Vejo uma dificuldade respiratória”. Prosseguiu dizendo que o Ruburt estava perturbado com esta informação, e que a sua morte relativamente precoce significava simplesmente que ela teria de trabalhar mais nesta vida. Segundo o Seth, esta é a última vida física para mim e para a Jane. O Seth disse que estava a ter dificuldade em transmitir esta informação.)

(Os Gallaghers saíram pouco depois. A Jane estava perturbada, tão perturbada que, ao princípio, não conseguia deixar o Seth passar, apesar de querer. Incentivei-a a sentar-se calmamente, fumar um cigarro e relaxar. Em vista de material anterior de que me lembrava, pensei que a informação do 67.º ano era uma distorção, e que tal distorção era natural quando se falava da própria morte. Pensei também que todas essas previsões, favoráveis ou não, dependiam de probabilidades, em linha com o material mais recente que temos recebido. Devo acrescentar aqui que a 105.ª sessão tratou da morte da mãe da Jane, assim como de a Jane viver até idade avançada. A morte da mãe ainda não ocorreu; o Seth disse que a informação servia para permitir à Jane preparar-se para o choque da morte da mãe. O assunto tinha sido suscitado por vários sonhos vívidos e experiências de tempo psicológico que a Jane tinha tido relativamente à mãe. Ao dar essa 105.ª sessão, o Seth também teve dificuldade em transmitir a informação, atribuindo a dificuldade ao ego da Jane. Ver Volume 3.)

(Dentro de talvez quinze minutos após a saída dos Gallaghers, o Seth manifestou-se. Prosseguiu explicando que a Jane tinha de facto distorcido a sua informação pessoal. Subconscientemente, disse o Seth, a Jane estava consciente de que a morte do avô, a quem ela tinha amado, calhava no início do mês seguinte, março. O avô tinha morrido de tuberculose, daí a Jane produzir uma referência distorcida a uma “dificuldade respiratória”. O avô também morreria aos 67 anos. A Jane não sabia isto de pronto, conscientemente, disse o Seth, mas tinha os registos que o provavam e, subconscientemente, estava bem ciente disso.)

(A Jane tem nos seus arquivos um livro de registos familiares que remonta a meados do século XIX. Consultando-o após a sessão, descobrimos que o Seth tinha razão: o avô dela tinha 67 anos quando morreu a 12 de março de 1948. A Jane estava extremamente ligada ao avô; cresceu sem pai, já que os pais se separaram quando ela tinha três anos, e o avô fez o possível para colmatar a lacuna. O Seth disse que o aniversário da morte dele lhe andava na mente. O Seth tratou do avô com bastante detalhe na 14.ª sessão. Este material foi o mais longo, à época, a lidar com outra personalidade dessa forma. Ver Volume 1.)

(O Seth também concordou comigo quanto à minha memória de sessões anteriores em que afirmou que ela viveria até idade avançada. Como o nosso índice não está completo para todas as sessões, não consigo encontrar aqui tantas referências exatas quanto gostaria, para além de pedir ajuda ao Seth para nomear sessões particulares, e não sei se isso é possível. Podemos tentar mais tarde.)

(O Seth também concordou que todas essas previsões se baseiam de facto em probabilidades. Em geral, disse, as previsões concretizam-se se não ocorrerem alterações drásticas de personalidade e/ou comportamento.)

(O Seth prosseguiu dando-nos informações que, pelo menos a mim, surpreenderam. Depois de dizer que a Jane também viveria até aos oitenta e tal, afirmou que seríamos instrumentais em oferecer provas conclusivas da sobrevivência da personalidade após a morte física. Sem mencionar nomes, disse-me que o primeiro de nós a morrer conseguiria comunicar com o parceiro sobrevivente de tal modo que os resultados dariam prova conclusiva “às massas”).

(Procurei interrogá-lo de perto sobre isto e lembrar o que pude. Por massas, disse o Seth, entendia o homem comum. Eu disse que achava que já se tinha recolhido muita prova, e que mais certamente seria reunida antes da nossa morte daqui a quarenta anos ou assim, concedendo que as suas datas estivessem corretas. O Seth concordou, mas disse que as provas poderiam convencer cientistas e investigadores muito antes de convencer o homem médio, que pouco sabe sobre tais coisas agora.)

(Experiências seriam montadas antes da morte de qualquer um de nós, disse o Seth, que forneceria essa prova convincente assim que um de nós morresse. Eu sou nove anos mais velho do que a Jane. O Seth disse ainda que, uma vez tornada pública e aceite essa prova, ela mudaria o comportamento de todos os homens na Terra, pois o homem teria de viver a sua vida física perante o conhecimento de uma vida após a morte.)

(Isto trouxe a sessão ao fim, algures por volta das 23:30, estimo. Os olhos da Jane mantiveram-se fechados enquanto os Gallaghers estiveram presentes. Depois da sua partida, e quando o Seth retomou, começaram a abrir-se ocasionalmente. A sua voz manteve-se a um nível médio e a transmissão não foi fora do comum.)

(Antes da sessão, o Bill G. disse à Jane que achava que ela possuía capacidade de cura—para surpresa dela. Durante a sessão, creio que o Seth concordou.)

(Uma nota acrescentada 5 anos depois: em julho de 1971, o Bill Gallagher fez mesmo uma operação às úlceras. Correu muito bem e ele está sem dores.)

SESSÃO 231
7 DE FEVEREIRO DE 1966

(O 31.º experimento do envelope realizou-se durante a sessão. O objeto de teste é um folheto sobre sinais rodoviários a usar no caso de um ataque atómico. A Jane e eu apanhámo-lo no nosso departamento local de veículos motorizados na segunda semana de janeiro, quando lá fomos perguntar sobre o atraso em receber as minhas novas matrículas. Eu tinha-as encomendado a 3 de dezembro de 1965; como se verá, esta data tem um papel nos resultados do teste.)

(Este folheto tinha uma boa ligação emocional para a Jane, pois poucos dias antes de termos ido ao departamento ela teve um sonho relativo a um ataque atómico, radiação, contaminação, etc.; no sonho viu um edifício e uma planta muito semelhantes à disposição real do departamento local. Os dados contidos no folheto paralelizavam de perto o sonho; por isso a Jane ficou bastante satisfeita por descobrir pilhas desses folhetos no departamento de veículos. Ela não entrava no departamento havia pelo menos um ano.)

(Dobrei o objeto uma vez, coloquei-o entre as habituais duas folhas de cartolina Bristol e selei-o no habitual duplo envelope.)

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente e não foi interrompida. A Jane começou a falar sentada e com os olhos fechados, embora se tivessem começado a abrir após alguns minutos. O ritmo estava bom, a voz normal.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Gostaria de vos dar mais dados relativos a probabilidades e ao sistema de tempo invertido.

Ora, quando falei pela primeira vez do sistema de tempo invertido, falei dele como se estivesse separado do vosso próprio sistema temporal, para vos permitir vê-lo com alguma objetividade. Porém, como já sabeis, este sistema opera dentro do vosso. Simplesmente não é o sistema de tempo reconhecido pelo ego.

Há aqui muitas implicações e, agora, talvez consigais perceber porque vos dei a informação sobre a natureza da ação antes de vos apresentar o sistema de tempo invertido. Porque a ação é ação, quer a percebam, quer não, e os eventos prováveis são eventos, quer os percebam como tal, quer não.

Os pensamentos são, portanto, de facto, eventos. Desejos e anseios são eventos. Como sabeis, desejos e anseios influenciam também aquelas ações que serão por vós percecionadas como eventos reais no universo físico. O sistema humano responde tanto a estes eventos como a eventos físicos. No estado de sonho, muitas vezes partes destes eventos prováveis são experienciadas de modo semiconsciente. Isto equivale a uma passagem de

conteúdo, e uso o termo propositadamente, pois o vosso gravador pode servir-nos aqui de analogia.

Imaginem o eu total como composto de uma espécie de fita-mãe. O vosso gravador tem quatro canais. Daremos à nossa fita-mãe canais sem número.

Cada canal representará uma parte do eu, cada uma existindo numa dimensão diferente, e, no entanto, todas partes do eu total, ou da fita inteira. Podeis ver que seria altamente ridículo dizer que o material no vosso Mono Um era mais ou menos válido do que o material no vosso Mono Dois. O Mono Um e o Mono Dois poderiam ser comparados, então, ao eu um e dois; o eu um e dois aqui, porém, no contexto do ego como eu um e do subconsciente, tal como o conheceis, como eu dois. Não estamos a usar os termos de Dunne aqui, por outras palavras.

Imaginaremos então estes vários um e dois, Mono Um e Mono Dois, multiplicados, literalmente, uma quantidade sem fim de vezes. Ora, no vosso gravador creio que tendes uma definição para estéreo. Isto permite-vos unir e combinar harmoniosamente os elementos nos vários canais simultaneamente. Estou a demorar-me aqui para que isto fique claro, pois não costumo “passar” com a pureza cristalina do estereofónico.

(A Jane fez uma pausa e sorriu. O seu ritmo tornara-se bastante lento.)

Agora. A vossa definição estereofónica pode ser comparada ao que temos chamado o ego interior. Ora, cada um destes eus experiencia o tempo à sua maneira e, como já deveis ver, isto só significa que constroem as suas próprias realidades de acordo com a natureza das suas próprias percepções. Mas a natureza das suas percepções não é caótica. As partes do eu são de tal forma construídas, por assim dizer, que, quando o canal estereofónico é ligado, os eus reconhecem então a sua unidade. As suas várias realidades fundem-se nas percepções globais do eu total.

Nenhuma destas partes do eu é o eu total, evidentemente, e até que o eu total consiga perceber as suas próprias partes simultaneamente, estas porções aparentemente separadas do eu parecem a si mesmas isoladas, em grande medida, e só.

Há comunicação entre elas, mas não estão conscientes dela. A fita é o elemento comum a todos os canais. Agora. O ego interior é o diretor, como sabeis, mas o eu total tem de se conhecer a si próprio simultaneamente. Não basta que o ego interior saiba o que se passa. Em última análise, portanto, o ego interior tem de provocar a compreensão por parte das várias porções.

Cada parte do eu deve, portanto, tornar-se plenamente consciente de todas as outras partes. Não estamos, porém, a lidar com algo tão simples como um gravador mecânico, pois as nossas fitas, por analogia, estão a mudar constantemente.

Sugiro uma pausa e continuaremos este material. Também terei algumas observações pertinentes, mas breves, mais tarde na sessão, acerca da noite passada. (Intervalo às 9:26. A Jane estava dissociada, como é habitual numa primeira transmissão. O ritmo tinha sido bom e os olhos abriam-se com frequência. O ritmo tinha sido bastante lento a meio da transmissão.)

(Quando retomou, o ritmo voltou a ser lento, às 9:35.)

Agora. Tomemos como exemplo o evento provável X. Este chamado evento ou ação provável será experienciado pelas várias partes do eu à sua maneira. Quando é experienciado pelo ego, chamam-lhe um evento físico real. Quando o evento é percebido ou vivido por outras camadas do eu, o ego não o sabe.

O evento é real na mesma e é experienciado com variações. O eu inteiro, portanto, percebe e é afetado pelas probabilidades, e experiencia-as como ação, independentemente de o ego ter ou não escolhido aceitar qualquer evento como ocorrência física.

A sequência temporal também varia, como já viram. Ou seja, os eventos são experienciados em sequências diferentes. Contudo, passado, presente e futuro têm realidade apenas para o ego. Agora, há algum transbordamento. O ego está certamente ciente, até certo ponto, do subconsciente. O subconsciente está certamente ciente do ego. A parte do eu, ou melhor, as partes do eu que experienciam a ação em termos daquilo a que o ego chamaria probabilidade, estão, porém, mais afastadas do ego, e esta realidade de probabilidade apresenta-se ao ego muito raramente e apenas ocasionalmente.

Quando isto acontece, geralmente ocorre como um transbordamento do subconsciente a partir do estado de sonho, pois o subconsciente está de algum modo familiarizado com as probabilidades e, até certo ponto, experiencia-as de forma a resolver problemas. Observa várias probabilidades tendo em mente os propósitos do ego e, portanto, auxilia o ego nas suas decisões quanto a quais eventos prováveis deve escolher para a sua própria experiência.

Agora, o tempo em que o ego interior existe é, como sabem, o presente amplo. O presente amplo é o tempo básico em que o eu total tem a sua existência, mas as várias partes desse eu têm a sua experiência nos seus próprios sistemas temporais, que resultam dos seus métodos característicos de percepção.

Agora. Deverá ser óbvio que a estrutura psicológica tem de ser diferente quando o sistema temporal da experiência é diferente. Podem ver facilmente, por vocês próprios, as variações psicológicas individuais que existem simplesmente entre o ego e o subconsciente, mas estas partes do eu são muito próximas. Outras partes do eu, que lidam com aquilo a que

chamariam realidades prováveis, são muito diferentes na sua constituição psicológica.

Há uma característica camaleônica, uma continuidade, não em termos de momentos sucessivos, mas uma continuidade em termos de desenho. Os eventos são percebidos de uma forma que ao ego pareceria a mais estranha. As probabilidades são percorridas, por assim dizer. A identidade ou continuidade do eu é mantida e fortalecida numa série de eventos simultâneos, com a realização de valores em primeiro plano no que diz respeito à ação com propósito.

Os eventos prováveis são experienciados de tal modo que qualquer ação dada, ou ação provável, é seguida nas suas várias e quase infinitas variantes. Tenho sido lento a dar-vos estes dados, dado estarem tão afastados da vossa experiência normal que é difícil pôr o conceito em palavras. Não têm palavras suficientes para explicar claramente o que quero dizer. No entanto, acabaremos por tornar isto bastante claro.

(A Jane fez agora uma longa pausa. O ritmo tornara-se novamente muito lento, embora os olhos se abrissem com bastante frequência.)

O ego mantém grande parte da sua estabilidade olhando para trás, por assim dizer, para a experiência que tem do seu passado e encontrando lá algo de si. Ora, o passado pode ser uma ilusão, mas não o é para o ego. As partes do eu que lidam com probabilidades não têm uma experiência semelhante com um passado que lhes dê o sentido de identidade ou continuidade.

A permanência, tal como o ego a concebe, seria um conceito estranho para estas partes do eu e, para elas, um conceito altamente desagradável, que redundaria em rigidez. A flexibilidade é aqui a chave — uma alteração ou mudança voluntária do eu, à medida que este é permitido mudar livremente com cada probabilidade que é explorada. A experiência, aqui, é portanto de natureza plástica. Alguma reflexão sobre o vosso próprio estado de sonho pode dar-vos uma chave íntima para compreenderem o que quero dizer aqui.

A identidade, a identidade básica, destas partes do eu é transportada por aquilo que poderiam comparar ao subconsciente que conhecem. Isto é difícil, mas oiçam: nestas partes do eu, é o subconsciente que carrega o fardo da identidade, e é o ego cujas experiências são de natureza onírica, plástica. Uso estes termos para tornar o ponto claro. Não deixem que vos confundam. Estas partes do eu parecer-vos-iam de pernas para o ar por esta razão.

Podem fazer a vossa pausa.

(Intervalo às 10:07. A Jane estivera dissociada, como de costume. Os olhos abriram-se muitas vezes e estavam muito escuros. Falou lentamente, mas com ênfase, e disse que quase sentia o Seth a querer que ela

encontrasse as palavras certas. O seu ar fora intenso, como se trabalhasse muito mais do que o habitual para o material. Não fumou.)

(Era agora a altura da 37.^a experiência do Dr. Instream. O ritmo da Jane manteve-se entrecortado por muitas pausas bastante curtas. Estava sentada com a cabeça baixa, as mãos levantadas junto aos olhos fechados. Não fumou. Retoma às 10:12.)

Agora. Dê-nos um momento, por favor. (Pausa.)

Algo parecido com um banco, mas pequeno e leve. Antigo — é antigo. (Pausa.) Tenho a impressão de uma miniatura antiga, de estilo vitoriano, e é lavrada. (Pausa.) As pernas, creio, são lavradas. Este é o nosso objeto.

Creio que tem um encosto, coberto com um tecido, talvez de cetim.

Agora, em termos gerais. (Pausa.) Algum tipo de deturpação. O Dr. Instream sente que algo lhe foi deturpado profissionalmente, creio eu, por parte da universidade ou em ligação com o seu trabalho lá. (Pausa.)

Está associado a isto um enredar de comunicações, e talvez de cartas que se cruzaram pelo correio.

Perto dele agora, um sortido de objetos, pequenos, alguns deles brancos, que parecem de mármore. Talvez estatuetas, mas não são de mármore. (Pausa.) Uma batida à porta. (Pausa às 10:20.) Isto é em sua casa, e um visitante, um homem, mais novo do que ele, um homem bastante jovem, talvez um estudante. (Pausa.)

Agora, têm uma prova para mim? Doravante, vou perguntar se têm, em vez disso, um envelope.

("Sim.")

(Eram 10:21. Como de costume, a Jane pegou no envelope experimental, o 31.º, sem abrir os olhos. Decidíamos chamar a estes estudos experiências com envelope em vez de testes. Agora a Jane sentou-se em silêncio por um momento; encostou o envelope à testa enquanto falava brevemente e depois baixou-o para o colo.)

Há impressões.

Alguma ligação com um magistrado de algum tipo.

Os números três e doze, e uma ocorrência que não se repetiu. Uma tarde. Muitas cores. Dois homens, um mais alto do que o outro. Ambos estiveram aqui, um ou outro, em algum momento.

Ligação com uma nota e dinheiro. Uma varredura. A cor cinzenta. Sustentações fortes. Outros desenhos e números num certo padrão.

Podem fazer uma pausa.

(Intervalo às 10:28. A Jane esteve dissociada como de costume durante ambas as experiências. Os olhos permaneceram fechados. Disse que não estava preocupada com os resultados das experiências e que nada do que dizia sobre elas tinha qualquer significado pessoal para ela.)

(Ver os traçados do objeto nas páginas 258–59 e as notas na página 260. A maior parte dos dados foi logo clara para nós.)

("Alguma ligação com um magistrado de algum tipo." Quando a Jane e eu fomos ao Elmira Bureau of Motor Vehicles para nos informarmos sobre porque é que eu não tinha recebido as chapas de matrícula que tinha encomendado várias semanas antes de meados de dezembro/janeiro, encontrámos o escritório muito cheio. Ficámos na fila talvez quinze minutos. Depois entrou um homem que julguei ser polícia. Consegui falar com ele e vi, pelo emblema no ombro, que era xerife.)

("Os números três e doze." Encomendei as minhas chapas de matrícula de 1966 pelo correio, em 3 de dezembro (três) (doze), e levava comigo o talão da ordem de pagamento, caso fosse necessário mostrar prova de pagamento.)

("e uma ocorrência que não se repetiu." O xerife disse-nos que o departamento estava inundado de pedidos por correio para chapas e que estava muito atrasado; na verdade, tinham começado a tratar dos pedidos por correio um dia ou dois antes da nossa visita. O xerife aconselhou-nos a voltar alguns dias depois se não recebêssemos as chapas. Embora não as tenhamos recebido no dia que ele mencionou, não voltámos ao departamento como disse para fazermos; preferimos esperar um pouco mais; as chapas chegaram na semana seguinte.)

("Uma tarde." A Jane e eu fizemos a nossa visita ao departamento de veículos motorizados à tarde.)

("Muitas cores." Conseguimos pensar em ligações aqui, mas não temos dados suficientes. Esqueci-me de pedir ao Seth que desenvolvesse quando retomou.)

("Dois homens, um mais alto do que o outro. Ambos em algum momento." Julguei tratar-se de uma ligação algo distante envolvendo-me a mim e o chefe de oficina da garagem Ford na cidade que mantém o nosso carro a funcionar. Ele é amigo; visitando-nos durante as férias de Natal, insistiu para que a Jane e eu não esperássemos demasiado antes de fazermos perguntas pessoais no departamento, para verificar se tinham recebido a minha candidatura. Eu sou o mais alto dos dois referidos.)

("Ligação com uma nota e dinheiro." Como disse, encomendei as chapas por correio, incluindo uma ordem de pagamento, em 3 de dezembro de 1965. Como não tinham chegado com a aproximação das férias, escrevi pouco antes do Natal uma carta de inquérito ao departamento. Pedi que respondessem à carta apenas se não tivessem recebido a minha candidatura. Para ajudar o departamento a verificar, incluí o número do talão da ordem de pagamento, mencionei o montante da ordem, etc.)

("Uma varredura." Outra vez, conseguimos pensar em ligações, mas sentimos que os dados são demasiado gerais. Não pedi ao Seth que desenvolvesse.)

("A cor cinzenta." Como se pode ver pelos traçados nas páginas 258–59, o objeto no envelope é meio cinzento na frente e mais de dois terços cinzento no verso.)

("Sustentações fortes. Outros desenhos." O folheto está eficazmente concebido num formato simples, em negrito, vertical. As linhas de texto indicadas por uma linha a caneta no traçado estão na realidade impressas em letras de bloco mais pesadas, a negrito. Supomos que “outros desenhos” seja uma referência aos vários símbolos mostrados no folheto; no passado, o Seth também se referiu a letras ou texto como desenhos.)

("e números num certo padrão." No canto inferior direito do verso do folheto há uma série de números, códigos que se referem à data de impressão, etc.)

(A Jane ficou satisfeita com os resultados da experiência. Como foi dito, o objeto do envelope tinha boas ligações emocionais para ambos, com a ligação adicional do material de sonho referido na página 260. No entanto, o material de sonho não foi especificamente mencionado pelo Seth. Note-se que os seus dados oscilaram entre o facto de estarmos fortemente preocupados com as chapas de matrícula e o próprio objeto experimental, que foi captado como o ponto focal da nossa preocupação.)

(Os olhos da Jane começaram a abrir-se quando retomou, enquanto fumava, a um ritmo mais rápido, às 10:32.)

Vou encerrar a sessão para vosso conforto.

Podem dar uma palmada nas costas ao Ruburt, pois, no conjunto, ele merece. Agora, continuarei a sessão se mo pedirem, ou encerrá-la-ei para vos dar algum descanso.

("Mais vale continuares então.")

Visto termos tratado bastante bem algum do nosso próprio material esta noite, acrescentarei aqui alguns comentários sobre outros assuntos.

(O Seth refere-se agora à 230.^a sessão não programada, de 6 de fevereiro, em que a Jane deu as previsões para as idades de morte dela própria, dos Gallaghers e minhas.)

Ora, o subconsciente do Ruburt simplesmente interferiu na sessão da noite passada. De vez em quando é de esperar, mas lamento profundamente as circunstâncias particulares. Ele estava subconscientemente, mas nunca conscientemente, ciente de que o próximo mês assinalava a data da morte do avô, e sabia subconscientemente a idade do avô na altura da morte.

Quando dei o meu material, foi com a intenção de ser tranquilizador. Esta era a minha intenção. Mas quando tentei dar informação relativa ao Ruburt, a atividade subconsciente interrompeu. Tivemos momentaneamente a identificação dele com o avô e a subsequente distorção.

(O avô da Jane morreu com 67 anos. Durante a sessão de ontem à noite ela deu essa idade para a sua própria vida, e disse que eu viveria até

aos 87. Os Gallaghers também viverão até aos oitenta e tal. Mais tarde o Seth corrigiu os dados distorcidos, dizendo-nos que a Jane também viveria tanto.)

Todas as informações específicas dadas baseavam-se, de facto, na probabilidade. Contudo, a menos que ocorram mudanças drásticas nos vossos modos característicos de lidar com o stress, então as idades relativamente avançadas mencionadas deverão manter-se bem.

Pediria desculpa ao Ruburt, mas a distorção não foi minha. No entanto, lamento-a profundamente. Também penso que acharão que a atitude dele, a partir de agora, será uma melhoria face à sua atitude anterior no que toca às nossas experiências, e isso beneficiará todos nós.

Também significará que os resultados experimentais terão, até certo ponto, qualidade semelhante. Ou seja, depois de umas “férias” dos testes, ele não ficará nervoso nem distorcerá dados.

A disciplina de ioga está a ajudar-o mais do que ele julga. Ele não precisa de se forçar a nenhum tipo de espiritualidade tensa. Ele tem consciência intuitiva de mais do que sabe.

Têm alguma pergunta para mim?

("Queres explicar as referências aos dois homens, na experiência do envelope desta noite?")

Esse foi, de facto, o nosso ponto fraco e, como estávamos a ir bem, não insisti. Tu eras o homem mais alto e o teu homem da garagem era o mais baixo. Deixei passar porque já íamos suficientemente bem sem pressionar o Ruburt.

Esta foi uma excelente sessão sob muitos aspetos. Os meus votos mais calorosos para ambos.

O Ruburt deve confiar e apoiar-se na sua natureza intuitiva, pois é mais sólida e fiável do que ele sabe.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 10:47. A Jane estava dissociada, como de costume. A última frase da sessão resume bastante bem a nova atitude da Jane relativamente às sessões, experiências, etc. Na verdade, a atitude não é nova; ambos estamos conscientes do ponto referido há muito tempo. A diferença recente parece ser que a Jane é, agora, evidentemente capaz de pôr a realização em prática com mais eficácia.)

SESSÃO 232
9 DE FEVEREIRO DE 1966

(A 32.^a experiência com envelope realizou-se durante a sessão. O objeto era uma fotografia Polaroid a preto e branco, tirada de mim por um colega, em setembro de 1960, na minha secretária na Artistic Card Co., em Elmira. O indivíduo mais velho no fundo à esquerda da fotografia, Ezra Havens, também figura nos dados do envelope. O amigo que tirou a fotografia apanhou-me de surpresa durante a hora de almoço; daí a minha posição em ato de espreguiçar e a expressão de sobressalto.)

(Coloquei a fotografia entre as habituais duas folhas de Bristol e depois selei-a no habitual envelope duplo. Esta fotografia esteve nos meus arquivos durante vários anos. A Jane tinha-a visto há muito tempo, eu sabia, mas certamente não recentemente. Como era uma fotografia minha, achei que teria uma atração emocional para ela.)

(Para registo: Nas 227.^a e 228.^a sessões, o Seth discutiu o livro de poesia que a Jane produziu tão rapidamente usando sugestões para energia abundante, e disse-nos que o livro seria publicado. A Jane também terminara o primeiro terço do seu livro sobre o próprio material do Seth e sentia-o pronto para ser enviado.)

(Na terça-feira, 8 de fevereiro, telefonou ao seu editor, Frederick Fell, em Nova Iorque. Leu alguns dos poemas do livro ao Sr. Fell por telefone e expôs-lhe as ideias para o seu formato humorístico, etc.; para sua surpresa, ele pediu-lhe que lhe enviasse o manuscrito para apreciação. A Jane não sabia que ele consideraria poesia. O Sr. Fell pediu também para ver o manuscrito sobre o material do Seth e contou à Jane alguns dos planos que tinha para publicitar o seu livro sobre ESP, com publicação prevista para maio próximo. A publicidade poderá incluir anúncios no New York Times Book Review; inquéritos feitos pelo editor mostram que o livro deverá ter boa receção e vendas. O Sr. Fell disse também à Jane que poderá aparecer em alguns programas de rádio e/ou TV; esta também tem sido a ideia da Jane. Resumindo, o editor disse à Jane que, uma vez o livro de ESP no mercado e começando o seu nome a ser conhecido através da publicidade, isso ajudará bastante as vendas de livros futuros — nomeadamente o material do Seth.)

(O Sr. Fell pediu à Jane que fizesse uma gravação em fita dos seus poemas para enviar juntamente com o manuscrito, já que apreciou a leitura telefónica. Isto foi feito esta tarde. A fita, o livro de poesia e o material do Seth serão enviados pelo correio na quinta-feira. A Jane ficará à espera de notícias.)

(Na sexta-feira passada, a Jane recebeu uma carta da revista Fate a dizer que gostariam de ver, em regime de especulação, um artigo sobre o Seth e as experiências com envelope.)

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. A Jane começou a falar bastante devagar, com pausas. Tinha as mãos levantadas junto aos olhos fechados e não estava a fumar.) Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora, queria fazer alguns comentários relativos à sessão não programada que ocorreu.

(Trata-se da 230.^a sessão não programada do último domingo, durante a qual a Jane deu dados sobre as nossas expectativas de vida e as do Bill e da Peggy Gallagher. Verificou-se que parte deste material estava distorcido.)

Há uma discriminação fina usada nas nossas sessões. Há, de facto, uma sintonia, uma receção de frequências. Ora, é extremamente difícil fixar isto aqui. Há sempre uma pulsação a ocorrer. É difícil para o Ruburt manter, de forma contínua, essa receção particular de frequência e, dentro de certos limites, há por vezes um entrar e sair, de modo que, de quando em quando, o subconsciente pessoal do Ruburt se deixa intrometer. Foi isso que aconteceu na outra noite.

Vou pedir-vos que aguardem um momento enquanto a janela da cozinha é fechada, pois o trânsito está a incomodar o Ruburt.

(Intervalo às 9:06. Os olhos da Jane abriram-se e ela saiu do transe. Eu também tinha notado o ruído do trânsito, embora achasse que já tinha fechado a nossa janela da cozinha antes da sessão. Agora tranquei-a bem, o que ajudou, e puxei as cortinas para abafar ainda mais os sons.)

(O Seth começou a falar sobre pulsações nas sessões muito iniciais, a 12.^a entre outras. Acrescentou mais material sobre tais frequências juntamente com os dados sobre os sentidos interiores por volta da 50.^a sessão; depois desenvolveu mais no material sobre o universo elétrico, dado a partir da 122.^a sessão. Ver Volumes 1 a 3.)

(A Jane retomou agora, ainda com pausas, às 9:07.)

A informação que têm recebido, e que continuarão a receber, será de grande benefício, não apenas para vocês, mas também para outros. O livro que o Ruburt está a escrever agora sobre o assunto — o nosso material do Seth — será, de facto, publicado e terá sucesso.

É evidente que ele está a ir buscar conhecimento que ultrapassa as suas capacidades conscientes. Ora, muito disto seria, e é, teoricamente acessível a cada ser humano; mas, na prática, as coisas simplesmente não funcionam assim. Ele está a ir além do seu subconsciente pessoal, pois, embora o subconsciente pessoal tenha conhecimentos definidos desconhecidos da mente consciente, também tem limites definidos.

A informação recebida deve, no entanto, ser peneirada através do subconsciente. Estamos agora a conseguir que o nosso material sobreviva sem coloração indevida do subconsciente. Todo o processo é complicado, mas o próprio ato de realizar as sessões é de grande benefício para o

organismo como um todo. Pois as vibrações e frequências que são recebidas para tornar possíveis as nossas comunicações são, em si mesmas, altamente benéficas para o sistema humano e psíquico.

São, literalmente, curativas. Menciono isto em particular para explicar ao Ruburt a razão dos comentários do nosso jesuíta na outra noite.

Tencionava, porém, tornar o ponto claro mais cedo, em qualquer caso.

(Antes da 230.^a sessão não programada, no domingo passado, o Bill Gallagher surpreendeu a Jane ao dizer-lhe que achava que ela possuía capacidade de cura. O Seth discutiu esta capacidade na 185.^a sessão e referiu-a brevemente em mais algumas.)

O livro de poesia que o Ruburt acaba de concluir pode também ser tomado como prova tangível de que ele está em processo de aprender a usar a energia de tal modo que possa ser usada de forma altamente benéfica no plano psíquico, mas também com resultados muito práticos. Ele verificará que esta capacidade irá crescer.

Isto também se desenvolverá da tua parte à medida que permitires que se desenvolva, Joseph, e no teu próprio trabalho. A espontaneidade deve ser permitida a este respeito. Deves dar a ti próprio, de forma consistente, as sugestões que mencionei anteriormente. Lembras-te das sugestões?

("Sim. Já comecei a usá-las."

(Ver a 228.^a sessão.)

São potentes. Ajudar-te-ão não só a fazer a excelente pintura que desejas, mas a fazê-la de tal modo que outros beneficiem, e tu sejas recompensado financeiramente.

Na poesia anterior, por norma, o Ruburt não estava a ir suficientemente fundo. Queria fazer estes comentários e sugiro que pelo menos uma parte de uma sessão por mês se ocupe do estado das vossas circunstâncias psíquicas e físicas, pois há aqui possibilidades de que ainda não estão a beneficiar plenamente.

("Que tal a primeira sessão a seguir ao primeiro de cada mês?")

Será ótimo.

Agora. Algumas das informações que vos dei na nossa última sessão, sobre as partes do eu, parecem bastante estranhas, estou certo. Não te esqueças, porém, de que nem sequer estás consciente de muitas partes do eu que sabes intelectualmente que existem. Por isso, não é assim tão estranho imaginar outras partes do eu com as quais não estás de todo familiarizado de forma consciente.

O funcionamento de qualquer célula do teu corpo físico parecer-te-ia bastante estranho. As suas formas de percepção são diferentes. Cada célula é uma parte íntima da tua realidade e, no entanto, conscientemente não estás tão familiarizado com ela como estás com o tapete no teu chão.

O eu encerrado no sistema físico é, de facto, apenas uma pequena parte do eu total. A parte que lida com probabilidades é tão parte de ti

como qualquer célula do teu corpo físico. Simplesmente lida com diferentes tipos de realidade — e a célula também.

Sugiro uma breve pausa e continuaremos.

(Intervalo às 9:30. A Jane estivera dissociada, como de costume. O ruído do trânsito já não a incomodara. O ritmo acelerara; os olhos abriam-se brevemente, com bastante frequência, e estavam muito escuros. Ela fumara um cigarro depois da interrupção. (Retomou da mesma maneira às 9:41.)

Agora. Este sistema de probabilidades é tão real e efetivo como o sistema que te é familiar, e tu existes nele, quer o percebas quer não.

Simplesmente não estás focado nele, ou a tua atenção não está focada nele. Às vezes tornas-te consciente dele quando estás no estado de sonho. Ora, já te disse que estas imagens têm uma realidade, para além de uma realidade imaginativa.

(Esta discussão começou na 41.^a sessão. Ver Volume 1.)

Pois bem, as probabilidades existem do mesmo modo. Simplesmente não são concretas para ti, tal como os sonhos não são concretos para ti. Podes sonhar, por exemplo, que seguras uma maçã; depois acordas e a maçã desapareceu. Isto não significa que a maçã não tenha existido. Significa simplesmente que, no estado de vigília, não estás consciente da sua realidade. Não a experienciaste nem a percecionaste. Do mesmo modo, não percecionas nem experiencias fisicamente a efetividade dos eventos prováveis.

Ora, uma parte de ti pode estar bastante envolvida nesses eventos prováveis. Portanto, outra parte de ti está aqui em causa — uma parte com a qual normalmente não estás familiarizado.

O sistema de probabilidades não é tão facilmente percecionado nem sequer como aqueles eventos que existem no estado de sonho, pois com estes estás familiarizado enquanto estás no estado de sonho. Muitas vezes o ego fica até consciente de eventos do sonho. Pois bem, o eu que é o “eu” dos teus sonhos pode ser comparado, com toda a legitimidade, ao eu que experiencia eventos prováveis.

(Nesta altura, o ritmo da Jane tornara-se muito mais lento. Usava muitas pausas, algumas bastante longas, enquanto se sentava em silêncio com os olhos fechados.)

Aliás, alguma compreensão intuitiva do sistema de tempo invertido pode ser alcançada através do estudo do tempo tal como aparece ao sonhador.

Consideremos o seguinte. O indivíduo no vosso sistema — e isto é bastante simplificado — encontra-se perante uma escolha de três ações. Ele escolhe uma delas e experiencia-a no campo físico. As outras duas ações, no entanto, são experienciadas, mas não dentro do sistema físico. Os resultados das outras duas ações são percecionados pelo ego interior.

Os resultados são então comparados pelo ego interior com a ação que foi escolhida para a realidade dentro do sistema físico. Esses resultados são depois enviados para certas partes do subconsciente, onde, através dessa informação, se obtém conhecimento sobre se o ego e o subconsciente tomaram ou não a melhor decisão nas circunstâncias.

Os resultados são retidos, para serem comparados com decisões futuras e para serem usados pelo eu físico como auxílio na tomada de decisões futuras. As ações prováveis foram, contudo, definitivamente percebidas e experienciadas, e essas experiências constituem a existência desta outra parte do eu, tal como as ações de sonho constituem a experiência e a existência do eu de sonho — ou do “eu” tal como existe no estado de sonho.

Agora, através da hipnose, foi apurado que esse “eu” que sonha tem memória da sua existência passada, feita de sonhos passados. Podes chamar-lhe personalidade onírica, se preferires, mas equivale a outro eu. Pois bem, o “eu” que experiencia eventos prováveis não escolhidos para experiência no universo físico tem o mesmo tipo de identidade e memória que este eu de sonho. Há uma troca subconsciente constante de informação entre estas partes do eu.

Se tens de pensar em camadas para tornar isto mais claro, então este eu provável existiria no outro lado do subconsciente, em relação ao ego.

Agora, sugiro a vossa pausa.

(Intervalo às 10:00. A Jane esteve dissociada, como de costume. O seu ritmo voltara a acelerar, os olhos começavam a abrir-se e ela fumara um cigarro. O ruído do trânsito não a incomodara.)

(Era agora a altura da 38.^a experiência do Dr. Instream. Mais uma vez, a Jane sentou-se com as mãos levantadas às têmporas; os olhos estavam fechados. Falou com muitas pausas curtas, mas o ritmo não era, na verdade, demasiado lento. Retoma às 10:05.)

Agora. Dêem-nos um momento, por favor.

Uma cómoda (pausa), parece de desenho grandioso, e de madeira escura. (Pausa.) Tamanho normal, com um candeeiro com abat-jour franjado em cima. O abat-jour poderá ser cor-de-rosa e bastante translúcido.

Um tapete oval à sua frente, de textura não lisa. Uma cama de madeira escura com colunas altas. Uma secretária e uma cadeira junto a ela, onde o Dr. Instream se senta. (Pausa.)

Uma carta à mão dele. A carta é ou de algum lugar no Nebraska, ou tem alguma ligação com o Nebraska no conteúdo. (Pausa.) É de um homem, mas há também uma ligação com uma mulher. Há uma data de abril, creio que 11 de abril, relacionada com a carta. (Pausa.) Tem a ver com uma reunião de muitos homens e preocupação com aquilo que poderá ser um elemento perturbador (pausa), a perturbar a reunião.

Alguma criança conhecida do Dr. Instream tem sarampo. A garganta do Dr. Instream tem andado dorida.

Têm um envelope para mim? ("Sim,")

(Eram 10:15. Entreguei à Jane o envelope para a nossa 32.^a experiência. Como de costume, ela recebeu-o de mim sem abrir os olhos e manteve-o encostado à testa todo o tempo. Falou com muitas pausas curtas.)

Dêem-nos um momento, por favor. São impressões.

Uma ligação com quatro pessoas, e com fevereiro. E com algo circular. E aqui também com um elemento desconhecido.

Não sei ao que isto se refere, mas uma torção, ou algo torcido. Um quatro. Um cinco seis.

Um erguer. Algo a subir.

(Impressão do Ruburt: a seguir é uma mesa, e podes pôr isto entre parêntesis. Também impressão do Ruburt: objetos arredondados e coloridos.)

Uma mina. Duas pessoas a subir as escadas. Talvez as vossas escadas.

Sugiro a vossa pausa.

(Intervalo às 10:20. A Jane esteve dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados, o ritmo não demasiado lento. Enquanto dava os dados do envelope, alguma neve soltou-se do telhado íngreme do terceiro piso da casa e desabou sobre o telhado de uma varanda não muito longe da nossa sala; a casa tremeu. A Jane ouviu, disse, mas não se incomodou. Mas agora disse que a interrupção anterior causada pelo trânsito a perturbara e sentia que não estivera no seu melhor depois disso.)

(Ver os traçados do objeto do envelope na página 267 e as notas na página 268. A Jane e eu conseguimos estabelecer ligações com o objeto e com os dados do Seth, e estas são anotadas abaixo, como de costume. O Seth acrescenta mais tarde às nossas interpretações.)

("Uma ligação com quatro pessoas", pareceu-me uma referência vaga a outros com quem eu trabalhava na Artistic Card Co., quando a foto foi tirada em 1960. Não é suficientemente específico.)

("Fevereiro." Pensei noutra referência vaga: o facto de eu ter encontrado o objeto do envelope nos meus arquivos precisamente neste dia de fevereiro de 1966.)

("E com algo circular." Para mim representava o tinteiro redondo visível na foto, na mesa ao lado da minha prancheta, e a bandeja padrão de mistura de cores na própria prancheta; esta contém quatro cavidades circulares.)

("E aqui também com um elemento desconhecido." referia-se, na minha opinião, à morte de Ezra Havens, mostrado no fundo da foto. O Ezra morreu de ataque cardíaco em setembro de 1964. A Jane, claro, sabia da

morte do Ezra, embora nunca o tivesse conhecido; concordou comigo que “um elemento desconhecido” poderia ser uma referência à morte.)

("Não sei ao que isto se refere, mas uma torção, ou algo torcido." Pensei que se referia a mim próprio, apanhado no ato de me espreguiçar na foto do envelope.)

("Um quatro." A Jane disse que isto era uma referência ao 4 em 42, no verso da foto, no canto superior esquerdo.)

("Um cinco seis." Nota que a Jane, ou o Seth, pronunciou estes números como cinco seis, e não cinquenta e seis. Ainda assim, senti que “cinco seis” se referia à idade de Ezra Havens quando a foto foi tirada, em 1960. Como referido, o Ezra morreu em 1964. Informando-me na fábrica no dia a seguir a esta sessão, soube que ele tinha 60 anos quando morreu; isto, claro, fazia com que tivesse 56 em 1960. O Ezra tinha historial de problemas cardíacos e a sua morte por isso não foi inesperada.)

("Um erguer. Algo a subir." Ambos achámos que era uma referência clara ao gesto dos meus braços a esticarem-se na foto do envelope.)

("Impressão do Ruburt de uma mesa... e objetos arredondados e coloridos." Na foto, estou sentado a uma mesa de desenho. Objetos arredondados e coloridos, pensei eu, era outra referência a “algo circular” listado acima. Os dados sobre a mesa levantam outro caso da fina discriminação necessária à Jane ao dar tais dados experimentais. Ela disse que teve a impressão de uma mesa enquanto falava pelo Seth; não só isso, mas de uma mesa branca. Na foto do envelope vê-se claramente que a minha mesa de desenho está coberta com papel branco, para limpeza durante o trabalho. Este continua a ser o meu hábito.)

(No entanto, também temos uma pequena mesa de café no nosso apartamento, e é pintada de branco. A Jane disse que pensou nessa mesa enquanto falava pelo Seth, mas sabia que não era a mesa certa. Para evitar confusão ao enunciar os dados, omitiu o adjetivo “branca”.)

("Uma mina." Isto também é interessante. Ao pronunciar esta palavra, disse a Jane, teve a impressão de estar no subsolo, sem estar especificamente num local como, por exemplo, uma mina de carvão. Estava consciente de lados de terra rochosa, com as rochas visíveis. Os lados estavam bastante próximos entre si. Conscientemente, claro, a Jane sabe que o Ezra Havens está morto e enterrado. Mas, ao dar os dados, não teve impressões do Ezra. Olhando atrás, acha que podia estar a tentar chegar à impressão de uma sepultura, contornando-a. Lembra-se de que ia desenvolver a impressão da mina usando a palavra “subterrâneo”; mas, em vez disso, passou para a impressão seguinte.)

("Duas pessoas a subir as escadas. Talvez as vossas escadas." Ninguém subiu as escadas do nosso prédio enquanto estes dados eram dados. A sala de arte na Artistic, onde a foto do envelope foi tirada, fica no segundo piso. Como a foto foi tirada ao meio-dia, é possível que pessoas

estivessem a usar as escadas no fim do corredor. Mas a impressão é demasiado vaga.)

A Jane disse agora que se põe “nas mãos de quem ou do que quer que possua estas capacidades” durante tais experiências e tenta não interferir com o que vai acontecer.

(Agora estava a fumar e os olhos começaram a abrir-se a breves intervalos, quando retomou às 10:37.) Agora encerraremos a nossa sessão em breve.

O Ruburt tinha razão. Não estive no seu melhor esta noite. Contudo, portou-se muito bem por mim. No passado, quando não estava no seu melhor, simplesmente não conseguíamos fazer passar tanta informação legítima. Ele está a operar de modo mais eficiente e a sua atitude, ultimamente, é de grande benefício para nós.

A “mina” foi um caso em que ele não foi suficientemente rápido. Eu dei-lhe a impressão de subterrâneo, mas ele não a traduziu para sepultura, simplesmente porque não gosta de sepulturas.

(Os olhos da Jane abriram-se e ela sorriu.)

Os “cinquenta e seis” referiam-se à idade do homem.

A explicação do Ruburt sobre a mesa estava correta. Eu dei-lhe a mesa branca, mas ele confundiu-a com a mesa branca do teu quarto, soube que não era essa a que me referia, fez a distinção correta, mas achou que a indicação “branca” não pertencia.

Os meus votos mais calorosos para ambos, e espero, Joseph, que faças hábito de te dares a sugestão que recomendei. Se o fizeres regularmente, ficarás admirado, como o Ruburt ficou, com os resultados.

A vossa sorte está a melhorar, como vos disse que melhoraria. A viragem, porém, resulta do desenvolvimento da vossa parte, e o desenvolvimento irá acelerar agora que atingiu determinado nível, com, naturalmente, aplicação continuada da vossa parte.

E agora boa noite. Estão a tornar as vossas vidas muito mais agradáveis para vocês próprios.

("Sim. Boa noite, Seth.")

(Fim, presumivelmente, às 10:45. Enquanto conversávamos, disse à Jane que o Seth discutira alguns dos pontos mencionados nos dados do envelope, mas, como disse boa noite, não insisti por mais informação. Ainda assim, tive a sensação de que o Seth continuaria, se a Jane estivesse disposta. Ela disse que sim e retomou às 10:46.)

Muito bem então, continuaremos. A torção foi distorciva, relacionada com o movimento do corpo. O Ruburt traduziu isto para um movimento de dança, percebeis.

O “fevereiro” era simplesmente dados insuficientes, pois referia-se a teres dado com o item, e era só isso. A nova atitude do Ruburt permitirá percepção mais clara.

("E quanto à ligação com quatro pessoas?")

Havia, pouco antes, quatro pessoas na sala.

("Mesmo antes de a fotografia ser tirada?")

(Lembra-te: a foto do envelope foi tirada em 1960.)

De facto. E outras duas, que tinham estado na sala, estavam na escada.

(Isto é uma referência ao último dado do envelope.)

("E quanto à referência a um elemento desconhecido?")

O elemento desconhecido referia-se à morte iminente do homem, que não era conhecida, claro, naquela altura.

(Nota que a ideia que o Seth tem do nosso tempo é, por vezes, bastante diferente da nossa. A foto foi tirada em 1960 e o Ezra morreu em 1964; nós não chamamos “iminente” a uma espera de quatro anos. Em várias ocasiões, o Seth disse-nos que a sua ideia de tempo pode não coincidir com a nossa. Sem entrar em pormenores, lembro-me de uma previsão sua que “se materializaria em breve”. Materializou-se, mas seis meses depois.)

("O que quiseste dizer com a referência a algo circular?")

Isso foi explicado mais tarde nos dados. Mais adiante tornámos isso claro.

(Isto envolveu o meu tinteiro, a bandeja de mistura de cores sobre a minha secretária na foto, etc.)

"Fica tratado então, Seth."

(A Jane fez agora uma longa pausa às 10:51. Os olhos estavam fechados.)

Queria acrescentar aqui, mais uma vez, que durante as nossas sessões o vosso organismo físico é automaticamente autorizado a capacidades de cura maiores. É mais fácil para o organismo físico utilizar energia para efetuar quaisquer ajustes desejáveis. ("Porque é que às vezes me sinto sonolento durante as sessões?")

Por várias razões. Por um lado, obviamente, a tua atenção está destacada, até certo ponto, de outras atividades.

Há, no teu caso, até alguma baixa de tensão arterial, por exemplo. ("Muitas vezes perguntei-me se eu próprio entro num transe ligeiro.")

Além disso: fazes certos ajustes automáticos para percecionar aquele pouco da minha presença que chega a percecionar. E eu também tenho um efeito calmante sobre ti, que te é muito benéfico.

("Este efeito aplica-se a qualquer pessoa que assista a sessões?")

Na maioria das circunstâncias, e consoante a sua atitude. Os benefícios estariam sempre lá, quer fossem aproveitados quer não. Em certa medida, este efeito perdura e faz parte da vossa estrutura psíquica, ou melhor, do vosso ambiente.

Agora vou encerrar a sessão ou continuar, como preferirem.

("Acho que estamos prontos para encerrar.")

Mais uma vez, então, os meus votos mais calorosos para ambos.
("Boa noite, Seth."
(Fim às 10:58. A Jane esteve dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados.
O ritmo foi médio.)

SESSÃO 233

14 DE FEVEREIRO DE 1966

(A 33.^a experiência com envelope realizou-se durante a sessão. Eu recortei a primeira página do anúncio de casamento da minha sobrinha, coloquei-a entre duas folhas de Bristol e selei-a no habitual envelope duplo. Está impressa a preto e o verso é liso. Tem uma cercadura em relevo cego, como indicado.)

(Na noite de 2 de fevereiro, durante a 229.^a sessão, o Seth disse: “Não terão uma quantidade apreciável de neve, creio, durante uns dez dias...” Ver página 254. O Seth tinha razão. Na verdade, começámos a receber a nossa primeira queda apreciável de neve dentro de três horas após se completarem os dez dias. Foi uma neve muito pesada e húmida que começou pouco antes da 1:00 de domingo, 13 de fevereiro; continuou até ao amanhecer, acumulando cerca de uma polegada, e depois transformou-se numa chuva muito forte e persistente que durou todo o domingo e pela noite dentro. A Jane e eu estivemos bastante conscientes da previsão no domingo porque tínhamos de viajar. Eu, entretanto, fui acompanhando, e notei que recebemos algumas poeiradas muito leves de neve durante o intervalo de dez dias. Na verdade, o tempo tem estado tão ameno que a maior parte da neve forte de há duas semanas derreteu.)

(Na noite de sábado, 12 de fevereiro, a Jane teve um sonho vívido que acredita ser significativo e esperava que o Seth o discutisse esta noite. Está incluído mais adiante na sessão.)

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. Todas as janelas estavam bem fechadas e o ruído do trânsito não foi um problema, embora fosse audível até certo ponto. A Jane começou a falar, sentada, às 9:01. Os olhos abriram-se quase imediatamente. Hoje era o Dia de São Valentim — a Jane estava bem-disposta e o Seth também. A Jane sorriu amplamente ao abrir a sessão.)

Agora, boa noite, meus Valentins.

("Boa noite, Seth.")

Registaste que vos chamei meus Valentins, não foi? ("Sim.")

Será prova de que sou, por vezes, uma criatura compreensiva e de que posso mostrar fino humor.

(Os olhos da Jane fecharam-se agora. Ela ficou séria e começou a falar a um ritmo mais lento.) Agora. Havemos de discutir o sonho do Ruburt em boa altura, quando ele não estiver à espera. Por agora, gostaria de acrescentar algo à nossa discussão sobre o tempo invertido e os eventos prováveis.

Se te lembras, mencionámos o facto de o eu que sonha ter as suas próprias memórias. Tem memórias de todas as suas experiências de sonho. Para ti, isto pode significar que tem memória do seu passado e, de facto, para ti a própria memória depende da existência de um passado — caso contrário, é destituída de sentido.

Para o eu que sonha, porém, passado, presente e futuro, enquanto tais, não existem — e, ainda assim, ele tem aquilo a que chamas memória. Como pode ser?

Toda a experiência, como te disse, é basicamente simultânea, e o eu que sonha está simplesmente consciente das suas experiências na sua totalidade.

(O Seth começou a falar da simultaneidade da realidade básica na 41.^a sessão, que tratou do presente amplo. Ver Volume 1.)

Não estás consciente das tuas experiências na sua totalidade, pois experiencias os eventos de forma consecutiva. Estás, portanto, consciente dos teus sonhos apenas de modo consecutivo. Mal estás familiarizado com todas as experiências oníricas do teu eu que sonha e mal estás familiarizado com quaisquer das suas implicações. O eu que sonha está, em larga medida, consciente do eu que aqui chamaremos eu provável. O eu provável é algo como um eu gémeo da personalidade onírica, pois nem as experiências do eu que sonha nem as do eu provável ocorrem dentro do raio completo da realidade física.

(A voz da Jane começou agora a tornar-se um pouco mais grave.)

Há uma constante troca entre o eu provável e o eu que sonha, pois muitos dados são recebidos, particularmente pela personalidade onírica a partir do eu provável, ou do eu que experiencia aquilo a que o ego chamaria eventos prováveis.

Estes dados são muitas vezes enrolados pelo eu que sonha num drama onírico, que informa o subconsciente dos perigos, ou do provável êxito, de qualquer evento que esteja a ser considerado pelo subconsciente como adequado a tornar-se realidade física.

Por outras palavras, o ego não está familiarizado com o eu provável, mas certas partes do subconsciente estão. Pois o subconsciente, tal como o eu provável, está ciente da sua existência no sistema de tempo invertido. O subconsciente está ciente de muitas realidades que não são aceites pelo ego como eventos físicos reais, e reage a muitos estímulos dos quais o ego está completamente alheio.

De novo, passado, presente e futuro são realidades definidas apenas para o ego. A memória, para o ego, pressupõe a existência de um passado que já não existe dentro da realidade física. Quando digo, portanto, que o eu que sonha tem memória das suas experiências de sonho, quero dizer que ele examina a sua existência presente. É um eu simultâneo.

O mesmo pode dizer-se do eu provável. Não fosse a experiência deste eu provável e a informação que ele fornece, através do eu que sonha, ao subconsciente, seria então extremamente difícil para o ego chegar a qualquer espécie de decisão dentro do universo físico.

O ego não se apercebe dos dados que lhe estão a ser constantemente fornecidos. Regra geral, não se pode dar a esse luxo, já que toda a sua energia focada tem de ser usada na manutenção e manipulação da realidade física.

Levar-nos-á muitos anos até que toda esta informação, sobre este assunto em particular, fique clara. Tens também de dar por adquirido, vê bem, que este eu provável tem operado em cada encarnação, em cada materialização da personalidade total, e tem, portanto, ao seu comando literalmente milhões de situações e condições prováveis sobre as quais fazer juízos de valor.

(Para teres uma ideia da complexidade aqui implicada, no Volume 3 vê a 88.ª sessão, em que o Seth aprofunda, até certo ponto, a estrutura do subconsciente.)

Por si só, no entanto, ele não faz esses juízos nesses termos. A decisão sobre se um dado evento provável deve ou não ser percecionado como físico depende, naturalmente, da natureza do ego que então o experienciaria. O eu provável não toma a decisão, limita-se a transmitir os dados que recebeu através da sua própria experiência com o evento.

A informação é muitas vezes filtrada através do eu que sonha para o subconsciente, que tem conhecimento íntimo do ego com o qual está estreitamente ligado. O subconsciente faz aqui os seus próprios juízos de valor e transmite-os ao ego. Mas depois o ego tem de tomar a sua própria decisão.

Em alguns casos, a decisão é tomada pelo subconsciente. Contudo, por várias razões, muitas vezes o ego simplesmente se recusará a decidir. Ocasionalmente, quando o ego tomou uma decisão, o subconsciente mudá-la-á, porque a decisão é manifestamente tão pouco sensata.

O eu está longe de ser uma estrutura psicológica simples, e os vossos psicólogos mal começam a compreender o que ele é.

Sugiro a vossa pausa.

(Intervalo às 9:29. A Jane estava bem dissociada para uma primeira pausa, disse. A voz estava mais pesada do que o habitual e o ritmo acabara por se tornar muito rápido. Depois da abertura humorística, os olhos mantiveram-se fechados. Não fumara.)

(Normalmente, disse a Jane, teria fumado um cigarro durante a transmissão; mas desta vez “recebeu a mensagem” de que não devia fumar. Veio num nível paralelo enquanto proferia outras palavras em voz alta. Não sentiu qualquer força a impedir-lhe a mão de ir buscar um cigarro, mas não se sentiu livre para o fazer.)

(Na 222.^a sessão, o Seth pediu à Jane que não fumasse durante os testes. Por vezes seriamente, mas mais frequentemente com humor, abordou as razões do hábito de fumar da Jane nestas sessões: 31, 32, 147, 148, 149, 150, 151, 222.)

(A Jane estava a fumar quando recomeçou a falar. Agora os olhos começaram a abrir-se com frequência; estavam muito escuros. O ritmo era mais lento, a voz normal. Retoma às 9:39.)

Agora. Este eu provável pode ser acedido através de hipnose, mas apenas com excelentes sujeitos e um excelente operador.

Muitas vezes, porém, não será reconhecido pelo que é, pois não haverá evidência no universo físico que sustente as suas afirmações. Não haverá, no entanto, grande problema, já que raramente será alcançado. Fica, por assim dizer, do outro lado do subconsciente.

Os seus dados estarão coerentes quando tomados dentro do seu próprio enquadramento — e esta será a única pista visível à primeira vista. O eu provável, tanto quanto sei, ainda não foi alcançado em quaisquer experiências hipnóticas. Foi, no entanto, vislumbrado — mas não reconhecido como parte separada do eu — em registos de sonhos recolhidos em sessões analíticas.

Cumprе reconhecer também que estas partes do eu existem em cada encarnação. Na materialização da personalidade através de várias encarnações, só o ego e as camadas do subconsciente pessoal adotam novas características. As outras camadas do eu retêm as suas experiências, identidade e conhecimento passados. O ego recebe, na verdade, grande parte da sua estabilidade devido a esta retenção subconsciente. Não fossem as experiências passadas noutras vidas, por parte das camadas mais profundas do eu, o ego acharia quase impossível relacionar-se com outros indivíduos, e a coesão da sociedade não existiria.

A aprendizagem, até certo ponto, é de facto transmitida pelos genes, bioquimicamente, mas isto é uma materialização física de conhecimento interior alcançado e retido de vidas passadas. O ser humano aprende principalmente através da experiência, e a experiência deriva da experiência passada noutras existências.

O organismo humano não surge feito e acabado, irrompendo para a existência ao nascer, para depois começar laboriosamente a sua primeira tentativa de adquirir experiência. Se assim fosse, ainda estariam na Idade da Pedra.

Ora, existem de facto ondas de energia e ondas de padrões reencarnatórios, pois houve muitas idades da pedra no vosso planeta, em que novas identidades iniciaram a sua primeira experiência com a existência física e mudaram a face da Terra à medida que progrediam.

Mudaram-na à sua maneira individual, e não às vossas maneiras. Mas isto será discutido muito mais tarde. E, no entanto, tudo isto ocorre, basicamente, num abrir e fechar de olhos, por assim dizer — tudo com propósito e significado e assente na realização e na responsabilidade. Cada parte do eu, embora independente em larga medida, é ainda assim responsável perante todas as demais partes do eu; e cada eu total, ou individualidade, é responsável perante todos os outros, embora seja em grande medida independente quanto à atividade e decisão.

Tal como muitas camadas do eu compõem o eu total, assim muitos eus formam um gestalt de que sabeis relativamente pouco e sobre o qual ainda não estou preparado para vos falar.

Podem fazer a vossa pausa.

(Intervalo às 9:55. A Jane estava bastante bem dissociada, disse. Não tinha consciência de muito, exceto a voz. No geral, o ritmo fora bom, a voz normal. Os olhos abriram-se ocasionalmente e ela fumara.)

(O Seth já mencionou gestalts psíquicos antes e deu bocados de informação sobre eles, juntamente com dados sob o título geral do conceito de Deus, nestas sessões: 31, 66, 81, 95, 96, 97, 146, 147, 149, 135, 151, etc.)

(Era agora altura da 39.^a experiência do Dr. Instream. Como de costume, a Jane sentou-se de olhos fechados, com a mão direita levantada aos olhos. A voz estava baixa, com muitas pausas curtas. Retoma às 10:08.)

Agora, dêem-nos um momento, por favor, para o nosso material do Instream.

Um candelabro, com quatro lâmpadas grandes e pequenas lâmpadas entre elas. Agora. Um objeto verde. De forma retangular, como a forma de um livro. O quarto livro numa estante, versando médiuns. Página 98. E a descrição de uma determinada sessão espírita a que assistiram Lodge e outros dois. (Pausa.)

A sessão, conforme descrita no livro, dada por uma mulher, de cabelo escuro, risca ao meio. Alguma ligação aqui também com o livro do Dr. Instream sobre espiritismo; isto é, o seu próprio livro.

Ele correspondeu-se recentemente com um colega, ou o homem escreveu-lhe. Ou o Dr. Instream tem pensado intensamente no colega.

Algum desacordo algures, envolvendo dois homens. Não é o desacordo de que o Dr. Instream vos falou a ti e ao Ruburt quando se encontraram. (Pausa às 10:15. Ver Sessão 169 no Volume 4.)

Um resultado suficientemente espetacular em certos testes conduzidos pelo Dr. Instream desde a sua última carta para contigo.

Se não conduziu ele próprio os testes, então está intensamente a par deles. Os resultados não são triviais.

Uma data de 2 de março na sua mente para um evento planeado.

O teor de uma carta, dois pontos: “Encontrar-me-ei contigo a 2 de março, se não houver mudança de planos.” O encontro será em Oswego. A carta, de um homem para o Dr. Instream, diz respeito a uma série, agora, de testes. Creio que as experiências de hipnose.

Agora. Tens um teste para mim, Joseph?

("Sim.")

(Eram 10:17. Entreguei à Jane o envelope para a nossa 33.^a experiência; como de costume, ela recebeu-o sem abrir os olhos. Manteve-o encostado à testa durante algumas frases e depois baixou-o para o colo.)

Dêem-nos um momento, por favor. Leva-me um instante a mudar o foco.

São impressões. Tiras de cor. Uma ligação com uma fotografia, e uma espécie de grande acontecimento, como um baile.

Uma entrada e um programa. Uma ligação com três pessoas, e uma quarta que não está presente. Uma iniciação e uma reunião de fragmentos. Quatro, o número quatro. Uma ligação com um homem mais velho.

Uma perturbação que não foi inesperada, e um resultado que era esperado e desejado.

Estas ainda são impressões: duas casas separadas por relva. Os números três, quatro, cinco, seis. Seis sendo significativo.

Demasiados, demasiado cedo. Novembro seis três, e uma carta que não mereceu a vossa aprovação. Uma ligação com algo duas vezes, e cinco em círculo.

Sugiro a vossa pausa.

(Intervalo às 10:25. A Jane esteve dissociada como de costume. Os olhos mantiveram-se fechados durante ambas as experiências. Disse que tentara bloquear todas as associações pessoais em ligação com os dados do envelope.)

(Li-lhe os dados antes de ela abrir o envelope. A Jane assinalou três casos neles em que tivera associações pessoais com os dados do Seth e, como se verificou, todos os três teriam sido errados se os tivesse verbalizado.)

(Ver o traçado do objeto do envelope na página 278. Como já foi dito, o objeto é a primeira página do anúncio do casamento da filha do meu irmão Loren, a Linda, com o Dennis Murray, de Brooklyn, NY. Mais uma vez, o Seth revê os dados connosco, pelo que imediatamente abaixo se listam, primeiro, as ligações que a Jane e eu próprios fizemos. “Tiras de cor.” Isto não significou nada em particular para nós.)

(“Uma ligação com uma fotografia” referia-se, pensámos, ao facto de o meu irmão ter tirado fotografias a cores do casamento. Visitámo-lo no

domingo passado, em casa dos meus pais, em Sayre, PA, e ele esperava já ter as cópias a cores consigo; contudo, não tinham ainda chegado do laboratório, para nossa decepção e dele.)

(“e uma espécie de grande acontecimento, como um baile.” Uma referência ao casamento, mas dificilmente a um baile.)

(“Uma entrada,” a Linda, protestante, casou com um católico numa igreja de Brooklyn. A Jane disse que sentira que a referência a uma entrada dizia respeito à recente decisão do Concílio Ecuménico em Roma, no sentido de os protestantes poderem agora ser autorizados a entrar no recinto do altar para se casar. O meu irmão Loren disse-nos no domingo que esta decisão é tão recente que a sua filha foi a primeira a casar-se dessa maneira nessa igreja.)

(“e um programa.” O meu irmão e a mulher viajaram para Brooklyn de autocarro para assistir ao casamento. Estavam tão apertados de tempo nesse fim de semana em particular que o dia do casamento foi mudado de domingo, 23 de janeiro, para sábado, 22 de janeiro, para poderem regressar a casa a tempo de trabalhar na segunda-feira, 24 de janeiro. Ainda bem que assim foi, pois escaparam por pouco a ficarem presos na primeira grande tempestade de neve do inverno. O anúncio é um programa de eventos.)

(“Uma ligação com três pessoas, e uma quarta que não está presente.” Achámos que era uma referência demasiado vaga ao meu irmão e à mulher, à filha deles e ao noivo.)

(“Uma iniciação e uma reunião de fragmentos.” Achámos, naturalmente, que era uma referência ao casamento da Linda. O uso da palavra fragmentos aqui, pelo Seth, levou-nos a pensar que motivos reencarnatórios poderiam estar envolvidos no casamento; mas não me ocorreu inquirir o Seth sobre isto quando retomou. Nas sessões muito iniciais, o Seth começou a usar fragmento como referência a cada personalidade física manifestada pela entidade.)

(“Quatro, o número quatro. Uma ligação com um homem mais velho.” Talvez uma referência vaga ao pai do noivo; ele é bastante mais velho do que o meu irmão, que é o pai da Linda. Mais tarde, a Jane disse-me que isto era uma referência ao irmão Loren, pai da Linda.)

(“Uma perturbação que não foi inesperada,” pensámos ser uma referência à desaprovação com que a avó materna da Linda recebeu a notícia do casamento. Ela não era, de todo, a favor, como toda a gente sabia.)

(“e um resultado que era esperado e desejado.” A Linda queria, claro, casar-se.)

(“duas casas separadas por relva.” Demasiado geral.)

(“Os números três, quatro, cinco, seis. Seis sendo significativo.” Não retirámos grande coisa disto, em particular.)

(“Demasiados, demasiado cedo. Novembro seis três”, são referências muito exatas à Linda, mas aqui não são explicadas por razões pessoais dela. Os dados, no entanto, estão disponíveis a quem fizer um estudo destas experiências. Os números referem-se a novembro de 1963; nesse mês a Linda esteve envolvida numa forte experiência emocional, única para ela.)

(“e uma carta que não mereceu a vossa aprovação.” Isto é uma referência à carta escrita à Jane e a mim pela mãe da Linda, a 24 de janeiro, a contar-nos o casamento da Linda a 22 de janeiro.)

(“Uma ligação com algo duas vezes” é outra referência bastante exata do Seth a assuntos pessoais envolvendo a Linda, e os dados sobre isto são aqui omitidos pela mesma razão anunciada acima. As três peças de dados não explicadas nesta experiência são, de resto, as melhores que o Seth deu em ligação com o objeto.)

(“e cinco em círculo.” Não significou nada para mim e para a Jane.)

(Estávamos a discutir os dados quando o Seth retomou. As duas primeiras frases da sua discussão diziam respeito aos três itens assinalados acima. Parecia com vontade de continuar por um bocado e de discutir os dados do envelope, por isso comecei a fazer perguntas. A Jane retomou com os óculos postos e com os olhos a abrirem-se ocasionalmente, às 10:40.) ...O seis, que era significativo. Isto simplesmente não foi dado com clareza. Quis apenas dizer que dois seis apareciam, como 66.

(1966 aparece no anúncio do casamento.)

("Interpretámos corretamente os dados sobre uma carta?")

A carta referia-se à nota original do casamento da rapariga, que o Joseph não acolheu, com a tua aprovação, de resto; nem, já agora, com a do Ruburt. (Aqui o Seth desenvolveu mais os três pontos não explicados: Demasiados, demasiado cedo; Novembro seis três; e Uma ligação com algo duas vezes.)

("E quanto ao ‘cinco em círculo’?")

Peço desculpa?

(Repeti a pergunta.)

Foram simplesmente distorções, ou antes, material do subconsciente do Ruburt.

As “tiras de cor” representavam, no entanto — creio que lhe chamam — confete. Era de muitas cores e em pequenas tiras.

Não foi dos nossos melhores. Contudo, em média estamos a ir muito melhor. O Ruburt está a soltar-se um pouco.

("Acertámos na interpretação dos dados da fotografia?")

Acertaram, de facto.

("E quanto à tua referência a uma entrada?")

Com efeito. Dizia respeito ao arranjo do altar. A “iniciação” referia-se, claro, ao casamento, mas também ao início de uma nova tradição na

igreja em questão, onde pela primeira vez um protestante foi admitido na zona do altar.

O “algo duas vezes” referia-se também a sessenta e seis, ou a dois seis. Apanhei isto de forma bastante literal, receio.

("E a tua referência a um homem mais velho?")

O homem mais velho representava o pai do noivo, simplesmente por causa da conversa sobre ele no domingo. (Mas ver o comentário da Jane na página 285.) ("E o número quatro?")

As quatro pessoas. Os pais da rapariga e os do noivo, mencionados no anúncio.

("Acertámos na ‘perturbação’?")

Acertaram.

O “grande acontecimento” e a sugestão de “salão de baile”, percebem — a ligação, algo distorcida aqui, era a formalidade das roupas do casamento, as roupas do casamento, que levaram o Ruburt a pensar num baile.

("Acertámos nas ‘duas casas separadas por relva’?")

Acertaram.

(Não o escrevi antes, mas pensámos que o Seth se referira à casa dos meus pais e à casa ao lado. A ligação é rebuscada: o meu irmão, pai da noiva protestante que casou com um católico, estava em casa dos meus pais no domingo; as pessoas que vivem na casa ao lado são católicas.)

("E quanto aos números, três, quatro, cinco?")

Foi apenas para me conduzir, ou para conduzir o Ruburt, ao número seis. Vi o número seis duas vezes, o que me levou a achar que era significativo. Com números uso este expediente, e já o usei no passado, contando em voz alta até ao número que quero.

("Fizeste isso uma vez com o John Bradley."

(Ver a 204.^a sessão, página 39. Nesse caso, o Seth usou o método para indicar um aumento que o John recebeu da empresa.)

Fi-lo, sim. Ajuda o Ruburt, mas em breve deixaremos de precisar disso. Agora. O artigo para a Fate será vendido, desde que o Ruburt siga o caminho que foi traçado para ele.

(Conforme mencionado nas notas da 232.^a sessão, página 269, a revista Fate escreveu à Jane sobre um artigo relativo às experiências com envelope. Ela já escreveu o primeiro rascunho do artigo. Suponhamos que a nota algo críptica do Seth acima significa que o artigo será vendido se a Jane se mantiver no plano que delineou.)

(Segue-se uma cópia do sonho da Jane de sábado, 12 de fevereiro, tal como registado no seu caderno de sonhos. A Jane considera o sonho significativo e esperava que o Seth o discutisse esta noite:

"Sonhei que estava numa cama, o Rob de um lado e outro homem também. Sem dor, movimento na pélvis e dei à luz um bebé. Alguém, um

médico, levanta dois bebês, gémeos, e eu pensei, com algum humor: ‘Oh não, gémeos! Isto é demais.’ Com isto queria dizer que, depois de não ter tido bebês todos estes anos, agora ter dois de uma vez! Depois, embora não tenha a certeza, penso que o médico me tranquilizou, dizendo que só estava envolvido um bebé. O hospital, ou o que quer que fosse, ficava perto da antiga casa da Lizzy Roohan, no meu bairro de infância em Saratoga Springs, NY. Fiquei satisfeita por o parto ter sido tão fácil e indolor para mim.”)

O sonho dele representava várias camadas de informação; a um nível superficial, representava o seu conhecimento de que o medo do parto físico não é um travão para ele. A outro nível, representava o conhecimento de que um empreendimento futuro parecerá, a princípio, ser dois empreendimentos separados, duas realizações separadas sem ligação entre si; mas, num exame posterior, ver-se-á que estão unificados.

Estes ainda não se concretizaram e representam um renascimento, ou um novo nascimento, a partir do subconsciente. Esta primavera será o momento.

Eu sou um dos representados no sonho e tu és outro. O assunto será muito benéfico sob muitos pontos de vista e representa um empreendimento criativo.

Ele pensará que estão em causa dois empreendimentos e aperceber-se-á de que, em vez disso, foi alcançado um produto único e unido. Ele viu uma criança do sexo feminino porque o produto será intuitivo e psíquico, em vez de nascido da lógica.

Ele renascerá por volta da época do seu próprio aniversário. Esta é outra razão pela qual foi usado o simbolismo do nascimento.

("Como assim, renascer?")

(O termo fez-me pensar se o Seth se referia a outra vida física para a Jane: no passado ele reiterou que as nossas vidas físicas atuais são as últimas para ambos.

Não temos a certeza se o Seth se refere à publicação do livro de ESP da Jane, ou talvez ao início de outro, de alguma forma. O livro de ESP tem data prevista de 16 de maio; o aniversário da Jane é a 8 de maio. Além disso, o Seth e eu somos mencionados muitas vezes no livro. A Jane falava bastante depressa agora e não me ocorreu interromper para pedir ao Seth que esclarecesse este ponto. Ela tem 38 anos. Eu tenho 47.)

O produto não virá da dor, e por isso ele não sentiu nenhuma no sonho. Virá do movimento psíquico. Isto representa simplesmente outro projeto criativo que ele irá “dar à luz”, com a nossa ajuda.

Agora. As minhas mais calorosas saudações a ambos, do vosso próprio Valentim.

("O mesmo para ti.")

E se não formos todos corações e flores, que se diga que corações e flores, como dieta constante, podem tornar-se bastante aborrecidos.

("Sim. Boa noite, Seth."

(Fim às 11:01. A Jane estava bem dissociada, disse. Os olhos tinham-se aberto muitas vezes, e a meio da transmissão ela abriu os óculos, como se os fosse pôr. O ritmo tinha sido bom, mas a voz soara cansada. Agora disse que, no fim da sessão, se sentia de facto cansada.)

SESSÃO 234

16 DE FEVEREIRO DE 1966

(A 34.^a experiência com envelope realizou-se durante a sessão. O objeto era a frente de uma carta recente para a Jane, da secretária do seu editor. Dobrei-a uma vez, coloquei-a entre duas placas e selei-a no habitual envelope duplo. A Jane não sabia que eu a tinha guardado. Pensei que este objeto fosse simples, embora contendo boas cargas emocionais, mas, como se verá, o Seth captou muitas ligações. A experiência acabou por ser complicada. Houve acertos inesperados e um não utilizado.)

(A Jane foi visitada, depois do jantar, pela mulher do nosso senhorio. A Marian Spaziani é uma boa amiga. Recorde-se que o Seth tratou, com algum detalhe, das atividades financeiras do marido dela na 229.^a sessão. O Seth chamou também à Marian uma excelente recetora telepática e abordou algumas das suas experiências, relativas à morte do pai do marido, em sessões passadas. Ver, por exemplo, as notas na página 248 e as 100.^a e 101.^a sessões no Volume 3.)

(A Marian tinha uma experiência interessante para contar à Jane. Recentemente, a filha da Marian escreveu aquilo que a Marian considerou ser uma excelente composição sobre o poeta Donne; a qualidade era excecional, segundo a Marian, e ela dactilografou o trabalho para a filha levar para a escola. Para surpresa delas, a professora de Inglês atribuiu ao trabalho a nota de D menos.

A Marian e o marido foram à escola ver a professora, uma mulher de meia-idade. A professora ficou muito embaraçada, parecia bastante perturbada e, finalmente, disse que achava que a filha tinha copiado o trabalho de outras fontes. Não alterou, porém, a nota que dera, pelo que a Marian e o marido foram ter com o diretor; este disse que estava impotente em tais casos.

Alguns dias depois, antes de uma aula onde estava a filha da Marian, a mesma professora desatou a chorar sem causa aparente e fugiu da sala. A filha contou à Marian. Pouco depois, enquanto trabalhava em casa, a Marian sentiu aquilo a que chamou um impulso compulsivo para telefonar à professora e fazer as pazes; deu por si a pegar no telefone antes de

perceber o que estava a fazer. Falou com a professora durante meia hora e as duas mulheres reconciliaram-se. A Marian sentiu que tinha magoado a professora indevidamente e não queria isso. Sentiu-se muito melhor por ter feito a chamada. Quatro dias depois, a professora caiu morta.)

(A Marian perguntou agora se teria estado subconscientemente ciente da morte iminente da mulher, etc., e se teria tentado oferecer consolo. A Marian conhece as sessões, mas nunca assistiu a nenhuma; leu algum do material inicial.)

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. A Jane começou a falar sentada, e os olhos abriram-se quase de imediato. O ritmo era rápido; ela sorvia vinho de vez em quando e estava a fumar.)

Agora, boa noite. ("Boa noite, Seth.")

Fez bem ao Ruburt falar com a sua amiga, pois tem andado a concentrar-se com vigor excessivo, ultimamente.

Não é necessariamente o tempo que passa a trabalhar. Já devia perceber isto, mas sim o esforço, a energia e a concentração despendidos. Ora, é de esperar que despenda energia e que se concentre com alguma minúcia, mas, por vezes, fica emocionalmente cansado por gastar enormes quantidades de energia num curto espaço de tempo, comparativamente falando.

Quando o faz, esquece-se de recorrer à energia subconsciente e usa energia nervosa e, portanto, fica algo depauperado. Desta vez, porém, mencionamo-lo quando a tendência apenas começa, e assim cortamo-la pela raiz. O interlúdio social foi, por conseguinte, muito benéfico.

Já o mencionei antes e não tenciono bater-vos na cabeça com isso. Não obstante, uma noite por semana passada fora da vossa própria casa — uma noite social — traz muitos benefícios que talvez ainda não compreendam e é, no conjunto, bastante necessária para o vosso bem-estar geral.

De outro modo não se mantém o equilíbrio adequado. Desde logo, a mudança de ambiente é necessária — e estou a falar por ti, Joseph, tanto quanto pelo Ruburt; e aqui deixaremos o assunto.

Quanto à experiência recentemente vivida pela amiga do Ruburt, foi perfeitamente legítima. Subconscientemente, a professora apercebeu-se de que estava prestes a morrer e comunicou essa percepção à amiga do Ruburt, que é, de facto, como já disse, uma excelente recetora.

Agora. De volta às nossas probabilidades.

O campo dos eventos prováveis existe como realidade. A partir dele, o eu escolhe as ações que passarão a fazer parte da realidade física. Aqui, de facto, entra o livre-arbítrio. Isto é um trocadilho. Ficaria desapontado se passasse despercebido. É bom.

A Jane, de olhos bem abertos, ficou a olhar para mim, sorrindo amplamente.

("Sim.")

Pois bem. Muitas vezes, a informação clarividente parecerá errada. Em alguns casos, isto deve-se a ter sido escolhido por um eu um evento provável diferente para materialização física. Eu tenho acesso ao campo das probabilidades e vocês não têm — egoticamente, não têm. Tenho acesso ao vosso chamado passado. Posso ver o vosso presente. Para mim, o vosso passado, presente e futuro fundem-se num só.

(Isto faz-me lembrar que, na página 58 da 206.^a sessão, o Seth descreveu brevemente o que normalmente “vê” de nós, ou de quaisquer testemunhas, durante uma sessão. A menos que estreite o foco e a concentração para se concentrar no indivíduo presente durante a sessão, disse-nos o Seth, ele vê uma imagem composta, uma realidade de energia composta de personalidades passadas e, em muitos casos, também de personalidades futuras que serão adotadas pelo eu interior.)

Por outro lado, como vos disse, o vosso passado muda continuamente. A vós não vos parece mudar, porque mudais com ele. Não estais conscientes das mudanças que ocorreram. A questão da clarividência, no entanto, não é problemática com informação dada sobre o vosso passado. O vosso futuro muda à medida que o vosso passado muda. Mas a informação clarividente trata do futuro — isto é, a informação clarividente precognitiva — e é aqui que a questão se coloca.

Consideremos um exemplo. Suponhamos que, no passado, te sentaste atrás de um tal João X no 4.º ano. Na altura em que te sentavas atrás dele, gostavas muito dele. Ele era então um tipo agradável e tu consideravas-o como tal.

No 6.º ano, suponhamos que tiveste uma forte desavença com esse mesmo João X, e então passaste a detestá-lo. Era um tipo desagradável, na tua perceção.

No 12.º ano tornaram-se grandes amigos. Ele volta a ser um tipo agradável. Conheces-lo durante vários anos seguintes. Alguém que supostamente tem capacidades psíquicas olha para o teu passado e diz-te que te sentaste atrás de uma criança muito desagradável — muito antipática — no primeiro ciclo, e menciona o nome João X.

Julgas que a informação está errada, pois o João X, estás convencido, é teu amigo, sempre foi teu amigo e, conscientemente, estás convencido de que sempre o achaste agradável. Conscientemente, esqueceste o passado e refizeste-o.

Na maioria dos casos, porém, é o futuro que te interessa. O futuro muda. Tu mudas-lo, do mesmo modo que mudaste o passado. Nestes casos, é necessário que seja percecionado o canal correto de eventos prováveis — correto querendo dizer o canal que acabará por ser escolhido. E a escolha depende das tuas escolhas, tanto no passado como no presente.

Estas escolhas, porém, baseiam-se nas tuas percepções mutáveis do passado e do presente. Como tenho um âmbito de percepção mais alargado do que tu, posso, com muito maior facilidade, prever o que poderá acontecer. Mas isto depende da minha previsão quanto à escolha que farás — e a escolha continua a ser tua.

As previsões, per se, não contradizem a teoria do livre-arbítrio, embora o livre-arbítrio dependa de muito mais do que qualquer liberdade do ego, sozinho. Se o ego pudesse tomar todas as decisões, sem poder de veto das outras camadas do eu, estariam todos, de facto, numa posição bem triste.

Podem fazer a vossa pausa.

(Intervalo às 9:29. A Jane disse que estava dissociada como de costume para uma primeira transmissão. O ritmo fora, em geral, rápido, abrandando um pouco a meio. Os olhos abriram-se muitas vezes. A transmissão fora enfática.)

(Seth falou sobre o livre-arbítrio em várias ocasiões. Muito disso foi incorporado em discussões sobre o conceito de Deus e os gestalts psíquicos. Ver as seguintes sessões, entre outras: 3, 4, 31, 35, 49, 66, 81, 95-97, 135, 146-49, 151. Volumes 1 a 4.)

(A Jane estava novamente a fumar quando recomeçou do mesmo modo às 9:42.)

Posso, portanto, perceber muito mais do que vocês conseguem acerca do vosso próprio futuro.

Não sou, no entanto, onnipotente. Nem, falando com rigor, tal onnipotência é possível. Agora. De um modo geral, Ruburt tem feito muito bem em utilizar a energia que lhe está disponível a partir de outras porções do eu e, ao fazê-lo, tem de facto captado informação de clarividência de que não está consciente a nível consciente.

De vez em quando precisa, porém, de descansar dessas questões e de liberar-se com estímulos e prazeres puramente físicos. Precisa de se lançar ocasionalmente noutras atividades. Quando não o faz, esforça-se em demasia e a própria tentativa o faz recorrer apenas à sua própria energia nervosa.

Esforçar-me-ei por o avisar do início de tais episódios, a partir de agora, para que nunca se prolonguem. Tais depleções minimizam a capacidade do eu interior para recorrer a toda a informação disponível noutras camadas do eu, relativamente ao campo de probabilidades.

Os eventos disponíveis não são plenamente percecionados a nível subconsciente e, portanto, a escolha fica limitada. Quando está a funcionar no seu melhor, lembra-se dos seus sonhos com muita facilidade, e isto pode ser um ponto de orientação para ambos.

(É verdade, a Jane tem tido dificuldade em recordar os sonhos ultimamente e, aliás, eu também. Ela também tem ficado bastante cansada no fim das sessões, como foi notado; quando normalmente se sente melhor do que no início.)

Mais uma vez: o campo de probabilidades não consiste em fantasia imaginativa, nem em atividade nebulosa. É tão real quanto o universo físico. As experiências ali encontradas por outras porções do eu são utilizadas pelo eu total, e o conhecimento assim obtido é inestimável. Não só em termos de experiência global, mas também como meio de treinar o ego e o subconsciente a escolher entre várias atividades.

Todos estes dados estão instantaneamente disponíveis para camadas do eu, e só o ego não tem consciência deste campo. Seria completamente soterrado. Ora, este campo de probabilidades existiu no vosso passado e formou o vosso presente.

Expandem-se constantemente, tal como o vosso próprio universo. Nunca é estático. A partir dele escolheis os padrões de pensamento que ides tecer na matéria física do vosso universo. O eu que sonha vê ambos os campos e opera em cada um.

Deve perceber-se que o eu provável também tem os seus sonhos.

Este campo provável semeia muitos outros sistemas para além do único sistema físico com que estais familiarizados. O campo provável é fortemente composto de imagens de pensamento, não materializadas fisicamente, mas extremamente vívidas e autênticos reservatórios de energia. Aqui está o material de que são feitos todos os passados, presentes e futuros.

Está longe de ser um sistema fechado, de qualquer maneira. Não só alimenta o universo físico, como nele muitos aspetos dos vossos próprios sonhos se tornam reais. Sonhais com uma maçã? Sonhais com uma criança que não tem existência na realidade física? Muitas vezes, estas existem no campo da probabilidade.

Podem fazer o vosso intervalo.

(Era agora hora da 40.^a experiência do Dr. Instream. A Jane sentou-se com a mão direita levantada sobre os olhos fechados. Fez muitas pausas curtas, mas o ritmo foi médio entre elas. Não estava a fumar. Recomeço às 10:09.)

Agora. Dêem-nos um momento, por favor.

Tenho a impressão de um grupo de objetos variados, sem relação particular entre si: uma pedra, um lápis, uma uva, algo que parece um raminho. Outra coisa, com forma de banana. Tudo isto numa disposição circular. (Pausa.)

Um clipe também, e um pequeno grão, g-r-a-i-n, algo pequeno e granular.

Os itens foram guardados numa caixa. Também a impressão de uma pequena escultura cerâmica, de duas pessoas, e colorida. As figuras na vertical, com algum engenho no topo. Isto é apenas um exemplo agora, mas um engenho como uma pega, por exemplo.

O que antecede deve ser tomado como as minhas impressões relativas a um objeto, ou objetos.

Agora. Em relação ao próprio Dr. Instream, uma ocasião esplêndida de algum tipo, ocorrida recentemente. (Pausa às 10:15.) Algo movível e redondo. São impressões separadas, compreendam; o movível e redondo não se refere necessariamente à ocasião esplêndida.

(Aqui a Jane fez um gesto, ainda de olhos fechados, como se de algum modo pudesse distinguir entre as impressões acima.)

Uma disposição para fazer uma viagem apesar de outras considerações. Uma loja onde recentemente lhe cobraram em excesso dois dólares e cinquenta centavos numa compra. (Longa pausa às 10:17.)

Doze pessoas num grupo, a ouvi-lo. Um grupo especial no qual está muito interessado. Uma carta de um F W. Conclusões que o surpreendem, envolvendo de algum modo X e Y. Talvez no dia três, treze ou vinte e três deste mês. Tenho certeza do três, mas não das outras cifras.

Tens um envelope para mim, Joseph?

(“Sim.”)

(Eram 10:20. Entreguei à Jane o envelope duplamente selado; como de costume, ela recebeu-o sem abrir os olhos, depois retomou a posição anterior, com a mão direita levantada sobre os olhos.)

Dêem-nos um momento.

Uma ligação com fio de embrulho. Com os números quatro três, e um estabelecimento automóvel.

Uma ligação com uma vista grandiosa. Um pacote. (A Jane faz gestos.) A associação de Ruburt é com algo que não chegou a tempo, mas deixemos passar esse. Uma realização e uma escassez. Três pessoas em particular.

Uma nota — há aqui alguma confusão — que não foi enviada, ou não chegou. Isto leva Ruburt a pensar numa nota que escreveu mas não enviou ao Padre Martin. Menciono isto para vossa informação.

A impressão de esperteza, várias crianças e uma dispensa. Uma longa passagem de tempo e depois um encontro.

Uma vontade de alcançar. Patas, e formas em rede, e triângulos. Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 10:28. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos mantiveram-se fechados. Falou a um ritmo aceitável, interrompido por muitas pausas curtas.)

(A Jane disse que sentiu que se estava a esforçar demasiado durante a experiência; queria que o Seth nomeasse o objeto exatamente e, quando se

apercebeu disso, tentou relaxar. Explicou então que, quando lhe entreguei o envelope, “mudou de velocidade” para se dar a si mesma sugestões de que se sairia muito bem na experiência.)

(A Jane disse que sentiu a sua consciência “elevant-se” ao fazê-lo; acredita que saiu parcialmente do estado de transe e depois voltou a mergulhar nele quando se esforçou por relaxar. Em retrospectiva, não considera tais táticas boas e não as repetirá.)

(Ver o contorno do objeto do envelope na página 289. Usei-o como objeto mais ou menos por impulso, sem me preocupar com se a Jane poderia conhecer, ou ter em arquivo, a carta que o envelope continha. Parte dos dados conseguimos relacionar com o objeto, parte não. Quando a Jane começou a percorrer o seu arquivo de correspondência com o editor, F. Fell, começámos a ver que complicações podiam evoluir a partir do que parecia ser um simples objeto-envelope.)

(Para compreender os dados, foi necessário redigir um cronograma de acontecimentos; a maior parte foi feita após a sessão. Como foi, passámos cerca de meia hora durante o intervalo a tentar começar a ordenar as impressões. Verificou-se que quatro cartas estavam envolvidas com o objeto-envelope e que uma delas estava incluída no objeto experimental. O denominador comum aqui é que a data, 25 de janeiro de 1966, está de algum modo envolvida com as quatro cartas. Seth usa isto como trampolim para as suas impressões.)

(Primeiro, uma breve descrição das quatro cartas, incluindo as datas em que foram escritas:)

(Carta n.º 1: Escrita a 20 de janeiro. A Jane escreveu a Frederick Fell dando aprovação ao título atribuído ao seu livro sobre ESP. Ofereceu também a sua ajuda para escrever o texto de anúncios por correspondência e ofereceu a sua pequena coleção de anúncios de vários livros de ESP que reuniu, como guia. Disse a F. Fell que redigir textos para a área da ESP é difícil sem experiência no campo.)

(Carta n.º 2: Escrita a 25 de janeiro. Esta acusava a receção da carta de 20 de janeiro da Jane e foi escrita pela secretária de F. Fell, Rhoda Monks. Informou a Jane de que F. Fell estava fora da cidade por duas semanas e que regressaria a Nova Iorque em 7 de fevereiro. F. Fell esteve fora da cidade de segunda-feira, 24 de janeiro, até segunda-feira, 7 de fevereiro. Verificou-se que estava na Florida, numa viagem de vendas e férias.)

(Carta n.º 3: Escrita a 25 de janeiro. Também proveniente dos escritórios de F. Fell, escrita no mesmo dia da carta n.º 2, era uma simples nota de Emma Hesse, do departamento de contabilidade, a solicitar que a Jane enviasse o seu número de Segurança Social para efeitos fiscais. Na realidade, a carta era um modelo e a Jane foi tratada por “Senhores:”.)

(Carta n.º 4: Escrita a 25 de janeiro pela Jane, antes da receção das duas cartas de F. Fell no mesmo dia. O nosso correio chega tarde. Nesta

carta, a Jane discutia as 200 páginas que tinha concluído do seu primeiro livro sobre o próprio material de Seth. Falou também novamente do título para o livro de ESP, ofereceu outra vez a sua ajuda com ideias de publicidade para esse livro e disse a F. Fell que estava pronta para ajudar no que fosse preciso.)

(Ambas as cartas de 25 de janeiro de F. Fell para a Jane, embora em papel de tamanhos diferentes, tinham marcas de dobra que revelavam que qualquer uma poderia ter sido incluída no objeto experimental, que é a frente de um envelope de F. Fell, com carimbo de 25 de janeiro. Dado que os dados obtidos na experiência desta noite se referem a ambas as cartas, como será mostrado, não temos maneira de saber qual foi realmente enviada no objeto experimental. Só me apercebi depois da sessão de que teria ajudado perguntar isto ao Seth.)

(Deve notar-se aqui que a Jane passou a maior parte do dia a trabalhar no artigo para a revista Fate, tratando de Seth e das experiências com envelopes. Na 233.^a sessão, o Seth disse que o artigo seria vendido. Para fazer o artigo, a Jane passou muito tempo a rever resultados anteriores das experiências com envelopes. Foi um trabalho cansativo à sua maneira, e o Seth aponta essa atividade como uma das razões para os resultados da experiência com o envelope não terem sido melhores. Ele também disse no passado que este tipo de trabalho por parte da Jane pode baixar o nível dos seus resultados.)

(Durante a meia hora que o intervalo durou, fizemos as ligações que pudemos, mas a maior parte do tempo foi gasta a deslindar as quatro cartas, etc. O Seth discute os resultados experimentais até certo ponto. Em alguns pontos não vimos nem obtivemos explicações.)

(“Uma ligação com fio de embrulho.” Achámos isto geral, já que os manuscritos de livros da Jane costumam ser atados com fio.)

(“Com os números quatro três” também foi geral. A Jane especulou que poderia referir-se à idade quer da diretora de publicidade de F. Fell, quer de Rhoda Monks, autora da carta n.º 2. A Jane telefonou a Frederick Fell a 8 de fevereiro e, ao fazê-lo, falou primeiro com Rhoda Monks; à Jane, ela pareceu soar como alguém que poderia ter essa idade.)

(“um estabelecimento automóvel.” não suscitou resposta da nossa parte.)

(“Uma ligação com uma vista grandiosa.” Novamente demasiado geral.)

(“Um pacote.” Um pacote foi enviado a F. Fell a 10 de fevereiro. Continha o manuscrito do livro sobre o material de Seth, mais o do livro de poesia. Ver a página 269 da 232.^a sessão sobre o pedido de Frederick Fell para ver o livro, além da gravação em fita que a Jane fez de alguns dos poemas. A ligação aqui com os dados do envelope é o carimbo de 25 de janeiro no objeto experimental; a Jane discute o livro sobre o material de

Seth na carta n.º 4, escrita em 25 de janeiro. Além disso, a fita foi enviada a F. Fell a 10 de fevereiro, num pacote separado.)

(“A associação de Ruburt é com algo que não chegou a tempo, mas deixemos essa passar.” Depois do intervalo, o Seth diz-nos que esperava clarificar isto, mas não conseguiu. A Jane e eu achámos que se referia ao facto de F. Fell ter partido para a Florida a 24 de janeiro, segunda-feira, antes de ler a carta n.º 1 da Jane, de 20 de janeiro, na quinta-feira anterior. A carta n.º 1 não teria chegado ao seu escritório na manhã seguinte, sexta-feira. Assim, a carta n.º 1 foi acusada de receção na carta n.º 2, escrita pela secretária de F. Fell, Rhoda Monks, na terça-feira, 25 de janeiro.)

(Também pensamos que a afirmação do Seth acima pode referir-se à carta n.º 4, escrita pela Jane em 25 de janeiro. No momento em que escreveu essa carta, a Jane ainda não tinha recebido a carta n.º 2 e, portanto, não sabia que F. Fell estaria fora de Nova Iorque até 7 de fevereiro. Na realidade, a carta n.º 4 da Jane nunca foi respondida por correio. Foi discutida na chamada telefónica entre a Jane e o F. Fell em 8 de fevereiro. Esta é a chamada discutida nas notas da página 269 da 232.ª sessão. E, novamente, a ligação aqui com o objeto-envelope é a data de 25 de janeiro em que a Jane escreveu a carta n.º 4 e o carimbo de 25 de janeiro no objeto.)

(“Uma realização e uma escassez.” Achamos que isto é uma referência à carta n.º 1, escrita pela Jane a 20 de janeiro. “Realização” sendo uma referência geral ao seu livro de ESP, e “escassez” sendo uma ligação mais específica, na medida em que a Jane oferece a sua própria pequena coleção de anúncios de ESP ao escritório de F. Fell para servir de guia na redação de textos. A ligação com o objeto-envelope é que esta carta n.º 1 foi respondida em 25 de janeiro, pela carta n.º 2, e é bastante possível que seja esta a carta contida no objeto usado na experiência desta noite.)

(“Três pessoas em particular.” Três pessoas escreveram as quatro cartas envolvidas. A Jane escreveu as cartas n.º 1 e n.º 4. A Rhoda Monks escreveu a carta n.º 2. A Emma Hesse foi a responsável pela carta n.º 3. Mas eu não pedi esclarecimento ao Seth e, por isso, não temos certeza.)

(“Uma nota — há aqui alguma confusão — que não foi enviada, ou não chegou. Isto levou o Ruburt a pensar numa nota que escreveu mas não enviou ao Padre Martin. Menciono isto para vossa informação.” Há aqui um interessante exemplo de associação em ação. A Jane apercebeu-se disso antes de mim. O Padre Martin é um monge num mosteiro próximo, perto de Elmira, e a autora da carta n.º 2, possivelmente incluída pelo objeto-envelope, é a Rhoda Monks.)

(A Jane de facto escreveu ao Padre Martin uma carta a 2 de dezembro de 1965 que nunca chegou a enviar. Na 212.ª sessão, de 29 de novembro de 1965, o Seth discutiu várias medições que poderiam ser feitas

à Jane imediatamente antes, durante e após as sessões, por um médico. O Padre Martin foi médico antes de entrar na vida religiosa; sabe das sessões, mas não assistiu a nenhuma nem leu o material. Considerámos pedir-lhe ajuda na recolha de alguns dados sobre os estados fisiológicos da Jane, mas não levámos a ideia por diante por falta de tempo.)

(*“A impressão de esperteza”* significou pouco em particular, para além de que a Jane recebeu a impressão, através das suas conversas telefónicas com ele, de que o F. Fell é do tipo de homem de negócios astuto.)

(*“várias crianças, e uma dispensa.”* não nos disse nada.)

(*“Uma longa passagem de tempo e depois um encontro.”* Esta é uma ligação que nasce da carta n.º 4, escrita pela Jane em 25 de janeiro, que é a data do carimbo no objeto experimental. Como foi dito, o F. Fell não respondeu à carta n.º 4 por correio. A carta foi respondida por telefone, na chamada de 8 de fevereiro, entre a Jane e o Fell. A Jane disse que a referência à passagem do tempo decorre das perguntas do Sr. Fell sobre quando ela iria a Nova Iorque, e da resposta dela de que não via utilidade nisso até o livro de ESP estar cá fora; depois, em maio, queria estar em Nova Iorque para ajudar com a publicidade. Assim, está em causa cerca de um ano desde o momento em que o Fell concordou em publicar o livro e a Jane começou a sua versão final. O “encontro” resulta da referência do Sr. Fell de que, nessa chamada telefónica de 8 de fevereiro, sentiu que estava a conhecer a Jane como pessoa, a encontrá-la pessoalmente; e também de que aguardava com expectativa o encontro em maio.)

(*“Uma vontade de alcançar.”* Em ambas as cartas n.º 1 e n.º 4, a Jane exprime a sua disponibilidade para fazer tudo o que puder para ajudar com a publicidade relativa ao livro de ESP — escrever textos, aparecer em programas de rádio ou TV, etc. Na chamada telefónica de 8 de fevereiro, o F. Fell disse à Jane que tentaria pô-la em alguns programas para publicitar o livro.)

(*“Patas, e formas em rede, e triângulos.”* Estas são referências muito boas à carta n.º 3 e assumem a forma de rabiscos feitos pela Jane. Ela lembra-se de os ter feito a 8 de fevereiro, mesmo antes da chamada telefónica para o F. Fell. A carta n.º 3, recorde-se, foi escrita em 25 de janeiro, e a data liga esta carta ao carimbo de 25 de janeiro no objeto-envelope experimental. Ou a carta n.º 2 ou a carta n.º 3 foi encerrada no objeto experimental.)

(A Jane tem o hábito de fazer esses rabiscos, mas acontece que a carta n.º 3 é a única das quatro cartas em causa que tem rabiscos. E, para registo, a carta não enviada da Jane de 2 de dezembro de 1965 ao Padre Martin não contém quaisquer rabiscos. Os rabiscos da carta n.º 3 são reproduzidos abaixo como decalques dos originais e não estão na mesma

posição que no papel original de dactilografia de formato padrão 8½ × 11 polegadas; os rabiscos estão espalhados pela página.)

(Eu interpretei a parte indicada de um dos rabiscos como tendo semelhança com a marca de uma pata, embora a Jane tivesse pretendido esse desenho como flores. As formas em rede e os triângulos são óbvios.)

(O “10 times” é o único outro rabisco que aparece na carta.)

(Chegamos agora a uma impressão que a Jane teve enquanto fornecia os dados experimentais esta noite, mas a que não deu voz. Naturalmente, ficou bastante aborrecida ao saber que era legítima e dizia diretamente respeito ao objeto. Veja-se o decalque do objeto experimental na página 289. Note-se que a palavra “bread” está escrita nele como parte de uma lista de compras. Assim que abriu o envelope duplamente selado e viu o objeto, a Jane percebeu que tinha tido uma impressão de pão. Não teve uma imagem de um pão, por exemplo, mas as palavras “a loaf of bread” — “um pão” —, bastante rapidamente. Não sabe porque é que não as verbalizou, a não ser pelo facto de a impressão seguinte ter surgido rapidamente. Disse que isto já lhe aconteceu antes. Depois, impressões sucessivas abafam a memória do que ficou por dizer, até mais tarde. Neste caso, a Jane não conseguiu recordar com precisão em que parte dos dados estava a dar voz quando teve a impressão do pão, exceto que tinha a certeza de que não foi para o fim.)

(A Jane retomou com os olhos fechados, abrindo-os ocasionalmente, às 11:01.)

Agora. Temos aqui várias circunstâncias em jogo, simplesmente por causa das várias cartas ligadas à mesma data. O facto, também, de que o Ruburt estava de facto sobrecarregado.

Em boas circunstâncias, teria sido uma grande realização separar todas as impressões ligadas a estas cartas.

O “quatro três” refere-se à idade, quer da Rhoda Monks, quer do homem que enviou o pedido do número de Segurança Social. Ambos têm aproximadamente a mesma idade.

(O Seth escorregou aqui, cremos nós. A Rhoda Monks é de facto autora da carta n.º 2, mas a carta n.º 3 também foi escrita por uma mulher; é esta carta que diz respeito ao número de Segurança Social da Jane.)

(O comentário seguinte do Seth refere-se a uma observação que fiz durante o intervalo.)

Embora seja verdade que qualquer item concebível possa ser usado, é de facto mais simples, por agora, usar um item sem tantas impressões associadas.

As três cartas com a mesma data originaram a dificuldade, embora a dificuldade teria sido muito menor se as nossas circunstâncias esta noite tivessem sido melhores. Não há necessidade de entrar nos significados de outras impressões que não ficaram claras.

A maioria é suficientemente legítima, mas está longe de ser suficientemente específica. O trabalho concentrado do Ruburt nos nossos dados de teste hoje resultou simplesmente no seu esforço forçado em meu favor. Isto está bem, e às vezes é de esperar.

Agora, a menos que tenham alguma pergunta para mim, encerraremos a nossa sessão com as minhas mais cordiais saudações para ambos.

(“Só uma então. Estamos certos quanto às ligações entre o Padre Martin e a Rhoda Monks?”)

As impressões que captaram eram de facto legítimas. Pedi-vos que deixassem passar aquela impressão porque esperava torná-la mais clara, mas não consegui. Mesmo quando as condições não são as mais benéficas, não estamos muito longe, percebem. O “fio” foi o mais perto que consegui trazer o Ruburt. Eu via, no entanto, a carta de 25 de janeiro que o Ruburt escreveu e tentava transmitir a ideia de um livro a ser enviado pelo correio. Houve alguma pequena discussão, se bem se lembram, quando foi expedido, sobre se deveria ou não ser usado fio.

(O Seth tem razão e, depois de ele mencionar a ligação do fio, a Jane e eu lembrámo-nos disso. Isto ocorreu não a 25 de janeiro, porém, mas a 10 de fevereiro, quando o manuscrito sobre o material de Seth e o livro de poesia foram enviados juntos. Mas a Jane escreveu a carta n.º 4, referente ao material de Seth, a 25 de janeiro. Não usámos fio no pacote, aliás, mas usámo-lo no pacote que continha a gravação em fita que a Jane fez de alguns poemas do livro de poesia. Este também foi enviado a 10 de fevereiro. Ver a página 269 da Sessão 232.)

A “vista grandiosa”, receio, não foi sequer perto de ser específica, e referia-se à vista do oceano na Florida do Sr. Fell.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 11:14. A Jane estava dissociada, como de costume. O seu ritmo foi médio, os olhos abriram-se ocasionalmente. Mais uma vez, disse estar cansada após a sessão.)

SESSÃO 235
2 E 3 DE FEVEREIRO DE 1966

(A sessão regularmente agendada para segunda-feira, 21 de fevereiro, não se realizou. A Jane e eu sentimos necessidade de descansar e variar a rotina. Como resultado, sentimo-nos bastante revigorados para a sessão desta noite. Queríamos compensar a experiência do Dr. Instream que perdemos na segunda-feira e, por isso, antes da sessão desta noite dissémo-lo em voz alta, esperando que o Seth tratasse disso.)

(O objeto-envelope para a 35.ª experiência desta noite foi uma base de copo de cerveja que apanhei da nossa mesa no último sábado à noite, no nosso restaurante e sala de dança favoritos aqui em Elmira. Foi a que eu usei. A Jane e eu encontrámo-nos lá com dois casais jovens por marcação prévia e divertimo-nos muito a dançar. A base é de cartão grosso e absorvente, por isso descasquei a camada superior de papel. Esta continha o desenho, impresso a vermelho, sem qualquer espessura invulgar que pudesse fornecer pistas involuntárias à Jane. Foi selada no habitual envelope duplo entre duas folhas de Bristol.)

(Os dois casais jovens — Marilyn e Don Wilbur, e Ann Diebler e Paul Sinderman — assistiram à sessão não programada de 5 de novembro de 1965. Ver as notas da 206.ª sessão. Os Wilbur e Ann Diebler também assistiram à sessão não programada de 3 de dezembro de 1965; ver as notas da 214.ª sessão.)

(A sessão realizou-se novamente na nossa sala da frente e não foi interrompida. As janelas estavam fechadas para abafar o ruído do trânsito. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados, mas estes começaram em breve a abrir-se por breves intervalos. O seu ritmo era algo lento e estava a fumar quando a sessão começou.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

E bem-vindos depois das vossas férias. Certamente que nada tenho contra tirarem algum tempo de vez em quando. Têm sido muito fiéis. E eu também. (A Jane sorriu.)

(“Sim.”)

O Ruburt fez bem em relaxar nos últimos dias, e agora verá que se aplica aos seus vários empreendimentos com energia renovada. Fico contente por ele ter posto de lado o seu livro dos sonhos por um tempo, apenas porque terá muito mais dados para ele dentro de pouco tempo. Entretanto, pode ir desenvolvendo as suas ideias, pois isso ser-lhe-á muito benéfico. Mesmo que algumas das suas ideias mudem, continuará a precisar destas ideias atuais como base.

Agora. Se quiser ter alguma ideia de como é o sistema do universo provável, então examine os seus próprios sonhos, procurando por aqueles

acontecimentos que não tenham nenhuma forte (sublinhado) semelhança com eventos físicos na sua própria existência consciente. Procure por indivíduos oníricos que não conhece na sua vida desperta. Procure por paisagens que pareçam bizarras ou alienígenas, pois todas elas existem algures.

Você percebeu-as. Não existem no espaço que conhece, mas também não são inexistentes, meros brinquedos imaginativos da mente que sonha, sem substância.

Pode não conseguir extrair sentido do que parece ser um amontoado caótico de imagens e ações desconexas. A principal razão da sua confusão é a sua incapacidade, enquanto identidade egocêntrica, de perceber uma ordem que não se baseia na continuidade dos momentos.

A ordem dentro do sistema provável baseia-se em algo que poderia ser comparado a associações subjetivas, ou lampejos intuitivos de entendimento, capazes de combinar elementos que pareceriam ao ego totalmente desconexos em padrões de ação completos e integrados.

Agora. Na realidade, o sistema possível não obtém a sua ordem através de associação subjetiva, mas o termo “associação subjetiva” é o mais próximo a que consigo chegar para aproximar as causas básicas dessa ordem.

A palavra “subjetivo”, para si, implica imediatamente aquilo que não é objetivo. No entanto, os acontecimentos e as ações do sistema provável são de facto objetivos e concretos dentro do seu próprio campo de realidade. O seu próprio sistema físico, convém lembrar, só é real e concreto dentro do seu próprio campo. É principalmente por esta razão que o sistema físico é tão pouco percecionado por si quando dorme.

Afasta-se, em grande medida, do campo físico da atualidade, mas não se afasta apenas do sistema físico. Entra noutros campos de atualidade. O sono está longe de ser um estado negativo. No estado de sono há, como sabe, várias fases. Algumas delas chama de estados de sonho, porque o ego tem consciência, ao despertar, de que ocorreu algum tipo de atividade mental.

Mas há outros estados de que o ego não se recorda, estados de atividade que estão presentemente para além do alcance das iniciativas científicas atuais, e esses estados iremos discuti-los de forma bastante exaustiva.

Pode, porém, fazer uma pausa, e trataremos destes assuntos e também do Dr. Instream para segunda-feira e para esta noite.

(Pausa às 9:23. A Jane estava dissociada, como de costume, para uma primeira transmissão. Tinha os olhos abertos e o seu ritmo acabara por se tornar bastante bom. Não estava a fumar quando retomou, de forma ainda mais enfática, às 9:36.)

Agora. Antes de mais, alguns destes estados de atividade ocorrem tão abaixo do ego ou do subconsciente que simplesmente não tem conhecimento deles.

Alguns desses estados ocorrem acima do ego ou do subconsciente, embora eu esteja a usar os termos “acima” ou “abaixo” apenas por conveniência. Você pensa no ego como o centro do eu, portanto sou forçado a usar estes termos. Você pensa que as outras porções da personalidade giram em torno do ego.

(Os olhos da Jane começaram agora a abrir-se muito. Estavam muito escuros. A sua transmissão era muito enfática e usou muitos gestos, falando rapidamente.)

O ego é apenas uma camada do eu que possui autoconsciência. Sendo autoconsciente, o ego tenta estar consciente apenas de si próprio. A autoconsciência resulta num foco intenso, mas necessariamente limitado. Exige fronteiras. Depende de uma espécie de decisão psicológica interna sobre o que será considerado “eu” e, portanto, aceite pela consciência, e aquilo que será considerado “não-eu” e, portanto, não aceite pela consciência.

Agora, meus caros amigos, a vossa autoconsciência é a autoconsciência do ego que conhecem e que consideram o vosso eu. Mas onde este eu autoconsciente termina, começa outro eu autoconsciente. Os dois eus, sendo eus autoconscientes, não podem estar conscientes de nenhuma realidade que não seja a sua.

Não podem estar conscientemente cientes um do outro. Ora, o ego interpreta tudo o que percebe principalmente em termos de si próprio. Outras porções do eu, também autoconscientes, interpretam o que percebem em termos de si próprias.

Cada camada, ou cada área do eu total, imagina que é o centro da consciência e que o eu total gira em torno dela. Até agora teve pouca experiência com estes outros “centros” — pode pôr isso entre aspas — mas antes de muito tempo dar-lhe-emos algumas ideias para que possa tornar-se pelo menos ligeiramente familiarizado. Inicialmente, isto será feito através de sugestão a nível subconsciente.

Agora. Tornou-se algo consciente do subconsciente. Isto significa que o seu ego alargou a sua conceção do eu, de si próprio, para incluir certas atividades de que agora tem consciência. A longo prazo, o progresso no desenvolvimento da personalidade será determinado pela capacidade do eu total de reconhecer e tornar-se consciente de todas as suas porções autoconscientes.

O subconsciente é uma porção autoconsciente do eu total. Chama-se “subconsciente” porque o ego, em regra, não tem consciência dele.

O subconsciente, assim chamado, tem consciência do ego até certo ponto, considerando-o como uma extensão de si próprio sobre a qual não

tem tanto controlo quanto gostaria. É precisamente assim, no entanto, que o ego vê o subconsciente, como regra. Estas duas porções autoconscientes do eu simplesmente coincidem ou coexistem com alguma proximidade, psicologicamente falando.

Há, porém, outras porções autoconscientes do eu com as quais o ego não está de todo familiarizado, mas de que o subconsciente tem conhecimento intuitivo. Essas porções autoconscientes do eu existem em diferentes sistemas de realidade. Antes de passarmos ao nosso material do Dr. Instream, permita-me lembrar-lhe, no entanto, que existe um eu total, composto por esses vários eus autoconscientes, e que uma porção do eu está, de facto, consciente da unidade que existe para formar a totalidade do gestalt psicológico.

Agora, uma pausa muito breve e continuaremos.

(Pausa às 9:58. A Jane disse que estava mais dissociada do que o habitual. O seu ritmo tinha abrandado um pouco, mas fora muito enfático, e os olhos abriram-se muitas vezes. Ela fumou e sorveu vinho ocasionalmente.

(Era agora altura do que pensávamos ser as 41.^a e 42.^a experiências do Dr. Instream. Como de costume, a Jane sentou-se com as mãos levantadas aos olhos fechados. Não estava a fumar. No geral, o seu ritmo não era lento, embora interrompido por muitas pausas curtas. Retomar às 10:05.)

Agora, dê-nos um momento, por favor — alguns momentos para isto.

Estas são impressões. Algo que se assemelha a um escudo em forma, com inscrições. Feito, creio, de metal, um insígnia. Ou a inscrição ou a insígnia é de cor vermelha. O objeto em si é de cor metálica.

Bastante pesado para o seu tamanho. As bordas do objeto seriam normalmente afiadas, ao que parece, mas estão algo embotadas. Apanho os números um oito oito oito em ligação com isto.

Também uma ligação com flores. Ou estão representadas algures no objeto, ou de algum modo ligadas a ele, e folhas pequenas. As flores podem ser violetas. O objeto não é de tamanho completo. Ou seja, não é um escudo de soldado em tamanho real, mas uma representação. E uma ligação com joalharia.

Dê-nos mais um momento, por favor.

Primeiro, uma ligação com um pergaminho relativamente ao objeto acima. O objeto de que tratámos é o objeto de segunda-feira. (Para 21 de fevereiro.)

(A Jane fez uma pausa às 10:12, deu um gole de vinho sem aparentar abrir os olhos e depois proferiu a última frase acima. Retomou a posição anterior. Tenho-a visto alcançar objetos muitas vezes sem parecer olhar para eles. Ela parece não ter memória de abrir os olhos nessas ocasiões; se os entreabre, não consigo dizer, mesmo da minha posição do outro lado de uma mesa estreita.

(A Jane reparou nisso na pausa das 10:28 antes de mim: parte dos dados acima parece dizer respeito ao objeto do envelope desta noite. Isto interessou-me especialmente. Preparei o envelope desta noite algum tempo depois do jantar e depois esqueci-me dele no meio de outros assuntos. Quando chegou a hora da experiência do envelope, tive então a ideia de que o envelope continha outro objeto, um em que tinha pensado mais cedo durante o dia. Por isso, a minha surpresa foi considerável, conscientemente, quando a Jane abriu o envelope e revelou o porta-copos.)

Agora. Algo redondo para o objeto desta noite.

Tem ligação com um relógio, mas não é um relógio. Tem ponteiros, mas não marca o tempo. Os números quatro, três, seis estão aqui ligados e também uma escola, e um sino, como daqueles que se tocam para chamar as crianças à escola.

Um colete. (Pausa às 10:16.) O objeto é liso, com partes móveis. Duas vezes, algo nele duas vezes, ou duas vezes.

Disse-lhe que este é o objeto desta noite?

(“Sim.”)

Agora, uma reviravolta para o Dr. Instream de algum tipo, creio que profissionalmente, ou na sua vida profissional. Dez alunos em particular. Terça-feira às oito. Uma aclamação, aplauso.

Uma missão que correu de forma diferente do que esperava.

Tens um teste para mim, Joseph?

(“Sim.”)

(Às 10:20 entreguei à Jane o 35.º envelope duplo e ela pegou nele sem abrir os olhos. Segurou-o contra a testa com a mão direita.)

Por favor, dá-nos um momento.

Quatro, o número quatro, relacionado com vários de um mesmo tipo. Um invólucro. Um acontecimento específico, que é antecipado. Estes ligados ao item.

Escrita. Uma forma retangular, com uma reentrância que poderia sugerir uma borda. Um item de papel. Ligado às iniciais JR.

Terwilliger. Isto não está correto, mas aponta aí: o Terwilliger.

(A Jane praticamente disparou a palavra “Terwilliger”, como se um pouco surpreendida, e depois gesticulou com impaciência, os olhos ainda fechados.)

Uma ligação com terreno relvado e cordões, como cordões de avental. Quatro, cinco, não, seis, o número seis. Fevereiro. Alguém foge. Uma ligação com objetos redondos e coloridos, e uma pessoa que não te era pessoalmente familiar. Também uma classificação. Dez, setembro. Talvez seis três.

Sugiro a tua pausa.

(Pausa às 10:28. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos permaneceram fechados exceto pelo possível instante assinalado durante a

sua pausa às 10:12. Apesar das muitas pausas breves, o seu ritmo foi bom. Em média, é agora muito mais rápido durante estas experiências do que costumava ser.

(Vê o esboço do objeto do envelope na página 301. Como foi dito, a Jane foi a primeira a notar que alguns dos dados fornecidos para o objeto do Instream de segunda-feira, 21 de fevereiro, pareciam aplicar-se ao nosso próprio objeto do envelope desta noite, 23 de fevereiro.

(Quanto a que parte destes dados na página 305 poderá dizer respeito ao objeto do Instream não sabemos, mas a Jane teve sentimentos intuitivos de que ocorrera um “bleed-through” envolvendo o objeto do envelope. Concordo com ela em que tais sensações são legítimas, já que a base destas experiências, como o Seth nos disse muitas vezes, é emocional.)

(A Jane achou que as impressões seguintes na página 305 podiam muito bem aplicar-se ao objeto do envelope:

(“Algo que se assemelha a um escudo em forma, com inscrições nele.” Supomos que, como há escudos de muitas formas, isto pode aplicar-se à forma do objeto do envelope. O texto impresso no porta-copos pode ser inscrições. O nosso dicionário não distingue se inscrições têm de ser letras ou desenhos, como os três copos no porta-copos, ou se podem ser ambos.)

(Interessou-me notar que o nosso dicionário também lista a palavra *inscroll*, a seguir a *inscriptive*, e que a última linha dos dados para o objeto do Instream para segunda-feira contém esta referência: “uma ligação com um pergaminho relativamente ao objeto acima”).

(“Ou a inscrição ou o emblema é de cor vermelha.” O nosso objeto do envelope, o porta-copos, está impresso num vermelho vivo. A cor do papel ou cartão poroso é um bege ou castanho-claro típico, não se assemelhando a metal e, certamente, não é pesado para o seu tamanho. O Seth também mencionou estes dois últimos pontos em ligação com os dados do Instream de segunda-feira.)

(“As bordas do objeto seriam normalmente afiadas, ao que parece, mas estão algo embotadas.” A Jane talvez tenha sido mais categórica relativamente a esta impressão do que em quaisquer outras. Ela sente que as bordas afiadas são uma referência aos copos de cerveja representados no porta-copos: pode pensar-se no vidro como tendo bordas tipicamente afiadas, mas, para ser útil como recipiente para beber, o material teria as suas bordas alisadas, ou embotadas.)

(“Apanho os números um oito oito oito em ligação com isto.” A minha própria ideia aqui é que o Seth/Jane captou o desenho de três anéis mostrado em cada um dos três copos representados no porta-copos, e traduziu ou converteu esses dados no número 8, três vezes. Há aqui uma semelhança gráfica. O algarismo 1 aparece no número de código, em tipo pequeno, junto à margem inferior.)

(O Seth revê connosco, até certo ponto, os resultados do envelope esta noite e responde a algumas perguntas relativas a tais experiências. Primeiro, porém, seguem-se as ligações que a Jane e eu fizemos com o objeto do envelope, e os dados do Seth na página 306.)

(“Quatro, o número quatro, tendo a ver com vários do mesmo tipo.” Há aqui uma ligação, mas não a vimos na altura. O Seth lembra-nos disso mais tarde na sessão.)

(“Um invólucro.” Pensámos que isto fosse uma referência ao estabelecimento de jantar e dança que visitámos no sábado à noite, 19 de fevereiro, onde apanhei o objeto do envelope. Não ao estabelecimento em si, mas à mesa específica onde nos sentámos com os outros dois casais. A sua localização, num canto do local, é única; fica numa plataforma elevada, talvez sessenta centímetros acima das outras mesas; a banda de baile está à esquerda, a lareira à direita, com uma excelente vista da pista de dança pelo meio. A mesa em si é redonda e encostada a um largo assento circular, tipo divã, revestido a couro. Em suma, é o melhor lugar da casa.)

(“Um acontecimento específico, que é antecipado. Estes ligados ao item.” Isto é uma referência ao sábado à noite de dança, que foi planeado com antecedência por nós com os outros dois casais, a Marilyn e o Don Wilbur, e a Ann Diebler e o Paul Sinderman. Sem dúvida que foi antecipado com prazer.)

(Nota acima que o Seth primeiro dá dados ligados ao objeto; a seguir tenta ser mais específico sobre o objeto em si. Mais tarde na sessão ele tem algo a dizer sobre este método.)

(“Escrita.” O objeto tem texto impresso.)

(“Uma forma retangular”, não se aplica de modo óbvio, uma vez que o porta-copos mede um quadrado de uma polegada e meia.)

(“com uma reentrância que poderia sugerir uma borda.” O objeto tem uma borda, como se pode ver no esboço. Na realidade, a borda está rebaixada, ou debossed, no material poroso de papel ou cartão do porta-copos, ao ponto de se poder sentir facilmente com a polpa do dedo. Este é um efeito comum, obtido facilmente pelo impressor, através do controlo da pressão que a chapa de impressão aplica ao objeto, e é um efeito com que trabalho muitas vezes no meu emprego. A Jane, no entanto, não está familiarizada com o termo debossed.)

(“Um item de papel.” O objeto do envelope é um item de papel. Como referido, era originalmente bastante espesso, pelo que descolei a camada superior, contendo o desenho impresso a vermelho, para a inserir nos envelopes duplos. Isto reduziu-o à espessura de um papel de carta bastante pesado. Quando esta camada fina foi colocada entre as duas peças normais de Bristol e depois selada no habitual envelope duplo, não era possível julgar, pelo toque ou pelo peso, que fosse de algum modo diferente do objeto de envelope habitual.)

(“Ligado às iniciais JR.” A Jane disse que sentia que isto era uma referência aos nomes de entidade que o Seth nos atribuiu, Joseph e Ruburt. Claro que este tipo de dado poderia aplicar-se a muitos objetos de envelope.)

(“Terwilliger.”, etc. Isto nada nos disse, embora o Seth o explique mais tarde. No momento, a Jane apenas podia dizer que também se tinha apanhado a escrever a palavra nas suas previsões diárias algumas vezes ultimamente, sem saber porquê.)

(“Uma ligação com terreno herboso”, levou a Jane a dizer que afinal se podia ver uma ligação com o objeto do envelope. Quando deu esta impressão, teve a impressão mental de grão; assim, a sua verbalização da palavra herboso veio do grão mental. A Jane teve agora a ideia de que o objeto do envelope anunciava cerveja, feita de grão.)

(Esta interpretação não está correta, como se verá. Em vez disso, o Seth leva-nos a recordar o incidente bastante hilariante de sábado à noite que deu origem a esta impressão. “e cordões, como cordões de avental.” Não vimos logo qualquer ligação. “Quatro, cinco, não, seis, o número seis.” Também aqui o Seth conduz a Jane pelo seu método de contagem. Éramos seis no nosso grupo no sábado à noite, quando obtive o objeto do envelope.)

(“Fevereiro.” Peguei no objeto a 19 de fevereiro, mas isto é demasiado geral.)

(“Alguém foge.” Pensei que isto fosse uma referência ao facto de o Don Wilbur e a sua mulher, Marilyn, terem saído do estabelecimento de dança um pouco mais cedo do que o resto de nós, porque ele estava muito cansado depois de muitas horas de trabalho extraordinário para o condado, em ligação com a neve que temos tido este mês. Isto não estava correto.)

(“Uma ligação com objetos redondos e coloridos,” pensei que isto pudesse ser uma referência vaga ao facto de a Marilyn ter encontrado na sua mala, sábado à noite no estabelecimento, um conjunto de pequenas peças plásticas fundidas de animais que ela tinha feito para o seu filho de dois anos. Eram translúcidas, de diferentes cores, pequenos cavalos que não eram redondos como uma bola de berlinde é redonda, mas com linhas simples e arredondadas. Brincámos com eles durante a noite.)

(Não me ocorreu perguntar ao Seth sobre esta impressão mais tarde, por isso não sei se a minha interpretação está correta.)

(“e uma pessoa que não te era pessoalmente familiar.” A ligação aqui está associada aos dados de “terrenos herbosos”, mas a Jane e eu não a vimos durante a pausa. “Também uma classificação.” Não vimos nada aqui.)

(“Dez, setembro. Talvez seis três.” Se isto se referia à data, 10 de setembro de 1963, não conseguimos fazer qualquer ligação imediata. Nem nos ocorreu qualquer outra interpretação.)

Agora. Iremos terminar a nossa sessão em breve.

A data é pertinente, mas vou deixar que descubra isto por si. (Posso oferecer uma ligação, mas não a posso confirmar com o Seth até à próxima sessão. Depois desta sessão lembrei-me de que os Wilbur estão a ler o que chamamos o Livro Um do material do Seth. Consiste nas primeiras 26 sessões. A primeira sessão formal foi realizada a 2 de dezembro de 1963. As minhas notas introdutórias contêm uma referência a eu e a Jane termos pedido emprestado um tabuleiro Ouija ao nosso senhorio “no outono de 1963”, o que compara com a data dada pelo Seth esta noite, 10 de setembro de 1963. As notas referem também as nossas tentativas de usar o tabuleiro no início de novembro de 1963, sem sucesso.)

As iniciais J R referiam-se a ambos.

Pela pessoa que não vos era familiar, quis referir-me a alguém que não era amigo — a ser o vosso desagradavelmente agradável Rice — e esse era o “grão”. Agora percebe.

(A Jane fez uma pausa e sorriu amplamente. Veja-se a referência a “Uma ligação com terreno herboso” e “e uma pessoa que não te era pessoalmente familiar” nos dados do envelope. De imediato, recordei um incidente que teve lugar no estabelecimento de dança no sábado à noite; os seis do nosso grupo assistiram-lhe com grande divertimento.

(Envolveu um homem que vejo muito ocasionalmente no meu trabalho. Ele trabalha noutra departamento e chama-se Ilack Rice. A Jane e eu vemo-lo mais vezes quando saímos para dançar do que eu no trabalho. Está sempre acompanhado pela esposa. No início da noite de sábado, vimos o Hack Rice e a esposa a dançar, e dissemos olá como de costume. Nessa altura, o Hack estava calado e sorridente.

(Por algum tempo, o casal desapareceu de vista e esquecemo-nos deles. Muito mais tarde, por volta da meia-noite, quando a pista estava cheia, vimos o Hack novamente. Agora, estava obviamente bem-disposto e a dançar com outra mulher. O Hack é aquilo a que chamam um dançarino lento e suave. Para divertimento da maioria das pessoas, o Hack e a mulher, que não conhecíamos, fizeram uma bela exibição de dança exagerada, sinuosa, de contacto muito próximo.

(Assim, a Jane, ao verbalizar a impressão de “terreno herboso”, teve a impressão mental de grão, que se referia a um homem chamado Rice, que estava presente no local onde obtive o objeto do envelope. As ligações são tão rebuscadas quanto o comportamento engraçado do Hack Rice.)

Os cordões de avental referiam-se à tua Marilyn, que mantém o filho nos seus cordões de avental.

(Isto lembrou à Jane e a mim que, durante a noite de sábado, a Marilyn nos descrevera como o seu jovem filho descobrira a diversão do jogo universal de se pendurar nos cordões do avental da mãe, enquanto ela tentava tratar das suas tarefas na casa-roulotte em Wellsburg, NY, ali perto.)

(“E quanto à tua referência ao número quatro?”)

O quatro no início foi apenas o meu esforço para conduzir o Ruburt pela manteiga — hum — pela contagem, como de facto fiz mais tarde, acabando nos nossos seis corretos. O número, como número inicial, foi escolhido porque aparece, embora diminutamente, no próprio item. Além disso, eram quatro, inicialmente, e depois seis. Eu entrei, por assim dizer, quando eram quatro.

(O número 4 aparece no pequeno número de código impresso no objeto do envelope, dentro da margem inferior. Não notámos isto durante a pausa. Também nos tínhamos esquecido de que nos encontrámos primeiro com a Marilyn e o Don Wilbur no estabelecimento de dança, e tivemos tempo para a nossa primeira bebida antes de a Ann Diebler e o seu acompanhante, o Paul Sunderman, chegarem.)

(“Queres dizer algo sobre a referência a Terwilliger?”)

Isto não tinha ligação. Os Gallagher estavam numa festa nessa noite. Estavam algo na mente do Ruburt, e o nome Terwilliger é uma designação em sotaque que ele usa para eles. Uma distorção das palavras Tim e Gallagher, simplesmente porque Tim tem para ele uma conotação particularmente gaélica mais do que Bill, que é o primeiro nome do nosso jesuíta.

Uma ligação distante aqui, veja, com o Dickens e o pequeno Tim do Conto de Natal, e outras ligações que não valem a pena mencionar aqui. Tens mais alguma pergunta?

(“Que tal esclarecer a referência a grading [nívelamento/classificação]?”)

(A Jane sorriu. Os seus olhos estavam agora a abrir-se e ela acendeu um cigarro.)

O grading era, receio, uma referência fraca ao parque de estacionamento, que foi pavimentado recentemente.

(Verdade. O grande parque de estacionamento do estabelecimento de dança, que em tempos consistia na habitual brita solta, foi pavimentado com amacite no fim do outono passado.)

(“Que achas de eu te fazer uma pergunta de vez em quando durante uma experiência?”)

(Andava a perguntar-me ultimamente se uma pergunta ocasional não produziria resultados mais específicos. Por vezes tinha a nítida sensação de que tais perguntas dariam o empurrão suficiente para trazer mais dados, mas hesitei porque não queria que as perguntas fossem consideradas condicionadoras.)

Seria melhor que me fizesses uma pergunta imediatamente no final de um teste, em vez de interromperes os dados. Diz simplesmente: tenho uma pergunta para ti, ou vou ter uma pergunta para ti.

Uma pergunta simples, de uma só palavra, provavelmente não seria prejudicial, mas, por agora, é melhor esperar até ao fim.

Agora. Nas ocasiões em que há algum bleeding through (transbordo), tento, em qualquer caso, salientar alguns pontos específicos, identificadores.)

(“Isso aconteceu esta noite?”)

Até certo ponto. Isto envolve apenas os meus esforços para ensinar o Ruburt a focar-se de forma mais específica. É um processo de aprendizagem.

(Agora veja as minhas notas na página 305, sobre eu me ter esquecido conscientemente do conteúdo do envelope duplo usado na experiência desta noite. Tinha a certeza, no entanto, de que subconscientemente conhecia bem o conteúdo.)

(“Bem, parece que os dados sobre o objeto do Instream da última segunda-feira se enredaram com os dados do objeto do envelope desta noite. Apanhaste isso a partir de mim, telepaticamente, ou clarivamente a partir do próprio objeto do envelope?”)

Não, foi uma atividade clarividente.

(“A partir do próprio objeto do envelope, algum tempo antes de chegarmos à experiência do envelope?”)

(Na 180.^a sessão, após a segunda experiência do envelope, o Seth disse-nos que trabalhava bem clarivamente com objetos, embora por vezes a telepatia pudesse entrar nesse tipo de experiências.)

Sim. A partir da cor vermelha, que tem conotações fortes. Os elementos mais fortes são percebidos mais facilmente, tal como os elementos emocionais são sempre percebidos mais facilmente. Inicialmente, com objetos, capto formas e ligações emocionais, e depois tento levar o Ruburt a permitir que eu as restrinja de forma mais específica. O Ruburt, veja, não percebe as formas como eu. Além disso, ele não lida com pormenores, no que diz respeito aos seus padrões percetivos globais, e estou a ensiná-lo a fazê-lo psiquicamente nestes testes.

(“Então, os teus dados ‘Alguém foge’ sobre o envelope tinham uma cor emocional forte?”)

(Veja a página 306.)

Isto tinha a ver com a viagem rápida e demasiado veloz de um dos jovens. Percebi uma viagem rápida.

(Isto referia-se ao acompanhante da Ann Diebler, o Paul Sinderman. O Paul trabalha em Norfolk, Virgínia. Faz a viagem de ida e volta de 1 200 milhas até Wellsburg, uma pequena cidade nos arredores de Elmira, para ver a Ann de fim de semana sim, fim de semana não. Estivemos a falar da quantidade de condução que isso implica, durante a nossa noite no estabelecimento de dança no sábado. O Paul já esteve envolvido em pelo menos um acidente de automóvel de que sabemos.)

(“Chegaste a fazer alguma parte dessa viagem, para ou de Norfolk?”)

Não, não fiz. O nosso progresso será claro para aqueles que lerem os nossos registos. Haverá flutuações. À medida que áreas maiores são percebidas, é necessário mais treino por parte do Ruburt para nos dar especificidades. Mas havemos de dominar essas especificidades.

(“Há aqui algum treino envolvido para ti também?”)

Não. Há esforço envolvido, na medida em que aprendo, de facto, as melhores formas de dar dados ao Ruburt e tento orientá-lo a discriminar entre — ou melhor, entre as muitas — associações pessoais que qualquer impressão legítima pode trazer-lhe à mente.

Por vezes ele está num estado de transe um pouco mais profundo, e os nossos resultados são melhores, mas isso não lhe ensina o que quero que ele aprenda. O estado de transe leve é o ideal para os meus propósitos. Pois com este treino ele será capaz de dar informação específica, mas também terá alguma noção de como isso acontece. Tens mais alguma pergunta?

(“Não, por esta noite.”)

Então vou encerrar a nossa sessão.

(“Foi muito bom.”)

O Ruburt vai descobrir, e tu vais descobrir, que os seus empreendimentos mais recentes deram fruto, e não limões.

(“Ótimo. Tenho a certeza de que ele está interessado. Boa noite, Seth.”)

(Término às 11:15. A Jane estava dissociada como de costume, os olhos abertos muitas vezes. Terminou a sessão com um sorriso. Presumivelmente o Seth refere-se aos escritos que ela enviou recentemente. O seu editor, E. Fell, escreveu manifestando interesse no seu livro sobre o material do Seth e no livro de poesia descrito na 232.^a sessão, página 200. A Jane também recebeu uma carta sobre alguns destes poemas da revista Playboy, quanto à possibilidade de os considerarem para publicação em livro. Tudo isto é provisório. Além disso, a Jane enviou recentemente o seu artigo para a revista Fate. Ver página 287 na Sessão 233. O Seth disse que o artigo seria vendido.)

SESSÃO 236

28 DE FEVEREIRO DE 1966

(Teve lugar ontem à noite, domingo, 27 de fevereiro, uma curta sessão não programada, depois de os nossos convidados, os Gallagher, terem saído. Realizou-se na nossa sala de estar e durou das 23h00 até cerca das 23h35. Não tomei notas; este relato é escrito de memória no dia seguinte.

(A conversa da noite versou em grande parte assuntos que não o Seth, mas o seu nome foi mencionado. Depois de os Gallagher saírem, a Jane disse que conseguia sentir o Seth “a zumbir por perto”. Pouco depois começou a falar como o Seth, com uma voz média; estava a fumar, gesticulou muitas vezes e, por fim, os seus olhos começaram a abrir-se. Falou sem interrupção até a sessão terminar. Foi, na sua maioria, um perguntas e respostas. Vou resumir os pontos principais abordados. Não fiz ao Seth o tipo de pergunta que preferiria ver respondida por escrito.

(O Seth começou por discutir um sonho muito emocional que tive na noite de quinta-feira, 24 de fevereiro, envolvendo o que parecia ser a morte do meu pai. Ainda não lhe tinha pedido para analisar o sonho, mas tinha pensado nisso, como a Jane sabia. O Seth explicou como o sonho foi construído à volta dos meus receios subconscientes relativamente ao meu pai. A sua interpretação do sonho foi detalhada, e no estilo das que dissecou nas 216.^a e 217.^a sessões. As conclusões foram algo semelhantes e continham as afirmações do Seth de que a morte do meu pai não é iminente, embora ele tenha 75 anos. O Seth abordou um dos problemas básicos por detrás do sonho: a falta de uma comunicação fácil entre o meu pai e eu. Disse que este problema é mais culpa do meu pai do que minha, e apresentou alguns métodos sobre como eu poderia começar a reduzir essa distância.

(O Seth reiterou que o livro da Jane sobre o material do Seth seria publicado, e que o livro de poesia seria publicado. Não disse por quem seriam publicados, e eu não perguntei. Ver a página 269 da 232.^a sessão para material de base e outras referências. O editor da Jane, F. Fell, escreveu a pedir fotografias relativas ao livro do Seth; a este propósito, e em resposta à minha pergunta, o Seth disse que acharia divertido ver no livro uma reprodução da minha pintura, supostamente do Seth. Fiz a minha pintura a óleo do Seth em maio/junho de 1965.

(Conversei com o Seth sobre a surpresa com que a Jane e eu temos observado os jovens aderirem às suas ideias sobre tempo, sonhos, clarividência, telepatia, etc.; com isso, especulei qual teria sido a reação da Jane ou minha se tivéssemos sido apresentados a tais ideias aos 20 anos, mais ou menos. O Seth disse que não havia motivo para surpresa, que os jovens estão intuitivamente conscientes de muito mais do que lhes é reconhecido, e que quando a Jane e eu encontrarmos jovens que

manifestem interesse devemos ajudá-los recomendando livros, dando as nossas próprias ideias, etc.

(O Seth também disse que temos ajudado os Gallagher, e que eles nos têm ajudado. Disse que eu fui particularmente beneficiado, uma vez que eles têm a capacidade de me “abrir”, ao passo que eu sempre pensara que quem mais beneficiava era a Jane, por causa da sua relação muito calorosa com a Peggy. A Jane é mais extrovertida do que eu.

(O Seth teve coisas interessantes a dizer sobre o uso da sugestão. O cerne aqui é que é importante usar diariamente quaisquer sugestões que quisermos; sublinhou a importância de não falhar um dia. Explicou que, num período dado de, digamos, trinta dias, as sugestões de talvez apenas três ou quatro dias dentro desse período seriam realmente eficazes e que, por agora, não temos maneira de saber quais os melhores dias. Portanto, se falharmos um dia, corremos o risco de perder um dia particularmente eficaz para a sugestão. O Seth disse que, por vezes, a sugestão alcançará todos os níveis da personalidade, que a nossa voz será ouvida em toda a personalidade e que uma ação eficaz se seguirá. Houve mais, mas o acima é o ponto principal.

(Não fiz perguntas sobre outros temas importantes, como as experiências do envelope, o Dr. Instream, etc., preferindo ter essas respostas por escrito. A nossa troca foi descontraída e calma, e a Jane estava dissociada como de costume.

(Duas notas adicionais a acrescentar ao relato acima: o Seth disse-me que poderíamos ter testemunhas da sessão marcada para quarta-feira, 2 de março, mas não disse quantas e eu não perguntei. Disse também que a Jane devia usar a sugestão para se ensinar a dormir sem almofada. Isso beneficiar-a-ia muito como indivíduo, disse, e prometeu explicar os motivos mais tarde. Quando observei que muitas vezes acordava e notava que a Jane estava a dormir sem almofada, tendo-a empurrado para o lado durante o sono, o Seth disse que isso era indicação de que o seu subconsciente sabia o que fazia. Eu durmo com uma almofada mais pesada do que a que a Jane usa, e às vezes uso duas: o Seth disse que as minhas razões eram diferentes das da Jane e que, neste caso, as almofadas não eram um constrangimento.

(O Seth aproveitou os dados da almofada da Jane para explicar que ela tinha o hábito de dormir com as mãos tensas, ou às vezes cerradas, e que isso permitia que a tensão subisse pelos braços, atravessasse os ombros e chegasse à parte superior das costas e ao pescoço. Às vezes, ao levantar-se, a Jane nota rigidez na parte superior das costas e no pescoço, que se dissipa quando começa a atividade. Segundo o Seth, a sugestão relativamente às mãos ajudaria.

(A 36.^a experiência do envelope realizou-se esta noite. Veja os desenhos nas páginas 313–314. O desenho da página 313 é o próprio objeto

do envelope. O desenho da 314 é executado por mim, a partir do desenho e instruções do meu chefe, e entra nos dados do envelope da mesma maneira que as quatro letras se envolveram com o objeto do envelope na 234.^a sessão. A relação esta noite é, no entanto, mais simples.

(Hoje a Jane recebeu, por correio especial, as provas tipográficas do seu livro sobre PES, juntamente com o manuscrito original, do seu editor. Notámos que a maioria das páginas dactilografadas do seu texto tinha comentários manuscritos nas margens e no verso. Foram feitos evidentemente por um psicólogo ou parapsicólogo, provavelmente a convite do editor antes de ele aceitar o livro. Já tínhamos considerado essa possibilidade, embora o editor não no-la tivesse mencionado.

(Alguém usou então laboriosamente um marcador para tentar tapar as notas, de modo a que não pudessem ser lidas; divertimo-nos bastante a lê-las lateralmente, segurando as páginas contra a luz. Os comentários vão do desdém à aprovação e dizem-nos tanto sobre o seu autor como dizem sobre o livro da Jane. A Jane planeia pedir ao seu editor, F. Fell, o nome do autor das notas e uma cópia da carta de apresentação a que ele se refere. Temos iniciais. O Seth também comenta as críticas, embora não lhe tivéssemos pedido.

(A Jane ficou satisfeita com a escolha do tipo de letra para o livro e com a forma como as citações do Seth foram distinguidas do seu próprio texto. A chegada das provas entusiasmou-a, mas ela sentiu que o entusiasmo provinha não só disto, mas também da maneira como chegaram da cidade de Nova Iorque. Aparentemente, ela tinha a situação coberta nas suas previsões diárias dos dois dias anteriores.

(Sem entrar em detalhes, as suas previsões envolviam um pacote perdido e outras previsões pertinentes relacionadas com atrasos. Os correios atrapalharam-se aqui, extraviando o aviso de entrega especial, depois falhando a entrega, etc. Por fim, quando a Jane foi aos correios, mesmo antes da hora de fecho, para reclamar o pacote, este revelou-se novamente perdido, desta vez nas instalações. Foi encontrado após uma longa busca.)

(Antes de obter o pacote, a Jane passou várias horas num forte estado de preocupação e antecipação, e sente que esse estado foi uma tentativa clarividente/telepática de dar ao seu eu consciente informação sobre o pacote. Acredita que a sua tensão a impediu de compreender o que estava a tentar dizer a si própria. O seu editor, aliás, não a tinha avisado de que as provas estavam a caminho.)

(A sessão desta noite realizou-se na nossa grande sala da frente. A Jane sentia-se bem quando chegou a hora da sessão e, talvez por essa razão, o Seth falou a um ritmo algo mais lento do que o habitual. Houve muitas pausas muito breves. Os olhos da Jane abriram-se quase de imediato, por

instantes, fecharam-se, e depois começaram a sua oscilação habitual. A sua voz era mediana. Acendeu um cigarro pouco depois de começar.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Posso juntar-me à festa?

(“Sim.”)

(A Jane sorriu.)

Agora, diremos o que tivermos a dizer ao nosso próprio tempo. O livro sobre PES será muito amplamente lido e bem notado. Haverá alguma polémica, e o Ruburt vai simplesmente aprender a relaxar e a não se perturbar.

O livro será, no seu campo, o mais polémico do ano. Isto está perfeitamente bem e é de esperar.

Quando terminarmos, teremos algum excelente material probatório. Quando as vozes dos críticos se tornarem ruidosas, estaremos prontos para mostrar o que conseguimos fazer. Teremos progredido o suficiente para isso.

As partes menos complexas do meu material foram usadas no livro sobre PES, mas há ali o suficiente para levantar sérias questões a muitos eruditos, e eles aguardarão com expectativa o livro do Seth, pelas evoluções adicionais que serão apresentadas.

(A Jane fez agora uma pausa que durou um minuto inteiro, sentando-se quieta com os olhos fechados.)

O sistema de tempo invertido deve ser pelo menos brevemente explicado no livro do Seth. Não quero ditar ao Ruburt ou dizer-lhe como escrever este livro. Ocorre-me, no entanto, que seria vantajoso incluir na secção do meio as minhas ideias acerca da construção da matéria física, o sistema de tempo invertido, os pontos-momento, uma discussão sobre o universo do sonho e o sistema de probabilidade. Tudo isto em citações diretas do próprio material. A última secção do livro poderia então tratar do material probatório de que dispomos, e irão dispor de mais. Estou certo de que o Ruburt conseguiria organizar assim a parte central do livro de modo a que ainda se desse destaque à linha narrativa pessoal.

Desta forma, seria oferecida uma amostra aliciante do material em vários aspetos. Suscitar-se-iam perguntas na mente dos leitores e, noutros livros, as várias ideias poderiam ser desenvolvidas a partir do material, com essas perguntas respondidas. Assim, estariam a apresentar um quadro global que mais tarde seria preenchido.

(A Jane fez outra longa pausa. Tínhamos praticamente decidido terminar o livro da maneira acima. A Jane tem andado a pensar que material incluir na secção central para manter o interesse do leitor e, há algum tempo, decidiu terminar o livro com o material probatório de que dispomos até agora. A primeira secção está já nas mãos do editor.)

A primeira secção ficaria então, basicamente, como está, exceto por quaisquer alterações que o Ruburt queira fazer em pormenores menores. Gostaria — queremos nós — que o quadro geral fosse apresentado tanto quanto possível. O quadro geral captará a imaginação, e os pormenores virão depois.

(Outra longa pausa. A Jane sentou-se com a cabeça baixa, inclinada para a frente, as mãos entrelaçadas, os olhos fechados.)

O material sobre reencarnação parecerá coerente e lógico apenas dentro do enquadramento global. As objeções de muitos serão levantadas apenas quando os dados reencarnatórios forem vistos à luz de uma compreensão plena do presente amplo e do sistema de tempo invertido.

Acredito que irão ouvir em breve do próprio Dr. Instream.

Agora, tenho alguns comentários sobre as vossas próprias atividades.

Sintonizaste, de facto, o teu estabelecimento de dança e a música. Não é, obviamente, coincidência que estivesse entre o acordar e o adormecer quando isso aconteceu.

A experiência do Ruburt em tempo psicológico hoje representou uma tentativa legítima de dissociar a sua consciência da matéria física e foi um sinal de que está a iniciar outro período frutífero de atividade.

Existem aqui certos dispositivos autorreguladores — falando psicologicamente — que asseguram períodos necessários de passividade e descanso; para uma personalidade bem equilibrada, estes operam automaticamente, como no caso do Ruburt.

Agora sugiro uma breve pausa.

(Pausa às 9:30. A Jane estava dissociada como de costume. “O Seth”, disse ela, “está a ser manhoso esta noite.” Por causa da sua excitação com os acontecimentos do dia, sentia que o Seth estava a usar um modo mais deliberado do que o habitual para a “embalar” psicologicamente. A Jane disse que estava plenamente consciente das táticas do Seth. Anunciou também que estava a colaborar caso o Seth quisesse dizer algo sobre as notas no seu manuscrito sobre PES.

(Segue-se o relato do meu caderno descrevendo a minha aventura ao ouvir música enquanto quase dormia: “27 de fevereiro, domingo à noite, na verdade 00h30: deitado na cama, meio a dormir, ouvi muito claramente música em acordes, tocada por uma guitarra elétrica. O som era muito harmonioso, nem demasiado rápido nem lento, e bastante belo, quase com uma qualidade de eco. Apercebi-me de que a estava a ouvir há algum tempo, talvez um minuto, antes de conscientemente perceber o que se passava. Depois despertei e descrevi o efeito à Jane, que ainda não tinha adormecido.”

“Um pouco mais tarde, no mesmo estado, voltei a ouvir a música, em menor grau, durante alguns segundos. Depois adormeci. É interessante que, na noite anterior a esta experiência, sábado, 26 de fevereiro, a Jane e eu nos

tivéssemos divertido imenso a dançar com uma banda nova no nosso estabelecimento de dança favorito na cidade. Creio que a música de guitarra que ouvi na cama era muito semelhante à de uma das guitarras da banda. Observei muitas vezes esse músico em particular durante a noite, admirando a sua execução. A banda toca até à 1h00 em cada noite, quando o estabelecimento fecha. Como tive a minha experiência às 00h30, quando presumivelmente a banda ainda estaria a tocar, terei eu, talvez, sintonizado a música lá?”

(Tive recentemente várias outras experiências sugestivas e mantenho uma lista delas no meu caderno de sonhos. Uma envolveu vozes; outra, mais impressionante, envolveu eu nomear exatamente a peça de roupa que a Jane comprou para mim, sem eu saber, enquanto eu estava no trabalho.

(A Jane disse que há pouco a dizer sobre as suas experiências de tempo psicológico, além de que sentiu que estava a fazer uma tentativa cautelosa de se elevar para fora do corpo físico.

(A pausa acabou por ser um pouco mais longa do que o habitual. A Jane começou a falar no mesmo modo algo lento e, na maior parte do tempo, manteve os olhos fechados. Retomar às 9:45.)

Agora. Algumas observações gerais antes do nosso material do Instream.

Ambos irão conhecer o cavalheiro a que se referem. O homem cuja escrita aparece no manuscrito original do Ruburt.

(A Jane fez agora uma pausa de um minuto. Sentou-se com as mãos erguidas até aos olhos fechados.)

Estas são impressões sobre esse cavalheiro.

Uma ligação com Harvard por volta do ano de 1934. Viveu durante muito tempo perto de água, mas creio que água interior. Se era perto do oceano, era onde o oceano era calmo, por exemplo numa baía.

As iniciais M S ligadas a ele. Um problema de estômago. Uma pinta, bastante visível, no rosto, talvez na região do nariz. É cauteloso com o dinheiro, mas orgulha-se de ter uma mente aberta. Contudo, agarra-se às suas ideias tal como se agarra ao dinheiro.

Uma ligação com uma casa de campo à beira da água, talvez não em regime anual. Uma ligação com uma grande organização. Agora um homem jovem. Às vezes dado a usar coletes ou casacos aos quadrados. Creio que coletes.

Uma ligação com o frio. Não sei ao que isto se refere. Talvez, de algum modo, os sons do seu nome sugiram “gelo”, ou as letras. Vamos ver.

Um local no centro da cidade, onde por vezes trabalha. Para um cientista ele próprio é bastante palavroso e dificilmente se pode dar ao luxo de me repreender nesse ponto em particular.

Dar-vos-ei agora uma pausa muito breve e depois passamos ao material do Instream. Há aqui uma ligação, nas impressões acima, com o Priestley, sim.

(Pausa às 9:59. A Jane estava dissociada como de costume. Mais cedo, durante a noite, tínhamos notado uma semelhança entre alguns comentários sobre o seu manuscrito e as ideias do J. B. Priestley sobre o tempo. A Jane teve a associação pessoal de Noruega quando se ouviu a dar os dados sobre “gelo”, relativamente ao nome. O ritmo da Jane fora lento durante a maior parte da noite. Era agora altura da 43.^a experiência do Dr. Instream e, mais uma vez, o seu ritmo foi entrecortado por pausas. Como de costume, estava sentada com a cabeça baixa, as mãos erguidas até aos olhos fechados. O seu ritmo acelerou um pouco à medida que os dados avançavam. Retomar às 10:05.)

Agora. Dêem-nos um momento, por favor.

Uma página, presumo que de um livro, que de algum modo trata de história. Não sei se é um livro de história, mas trata ou de eventos do passado, ou de ideias do passado.

Algumas alusões a Roma, por volta de 30 d.C. Algumas à Idade Média e algumas ao século anterior — isto é, ao século anterior a este.

Uma encadernação castanha ou vermelha. Talvez em couro. Isto é, a capa é bastante pesada ou espessa. Algo a ver com Descartes também, no texto. Uma cena medieval representada, com conotações românticas. Românticas não necessariamente em termos de interesse amoroso, mas em termos de fantasia imaginativa.

Um marcador de livro. O número três dois oito. Uma mudança filosófica em termos de um diálogo clássico.

Algo moído ou esfarrapado. Não sei a que isto se refere. Uma mulher com roupa antiquada, uma representação, e não uma pessoa. A cor vermelha, grandes letras iniciais floridas, as frases iniciais dos parágrafos abertas.

Uma menção a uma figura histórica muito difamada, algures do passado. Um título de quatro palavras, creio.

Tens um teste para mim, Joseph?

(“Tenho.”

(Às 10:16 entreguei à Jane o 36.^o envelope duplo; como de costume, ela recebeu-o de mim sem abrir os olhos e depois sentou-se a segurá-lo na testa com a mão direita. Os olhos continuavam fechados.)

Dêem-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

Um estabelecimento, ou algo estabelecido. Algo que foi virado/descoberto.

Uma ligação com uma ocasião maravilhosa, embora a palavra “maravilhosa” possa ser demasiado forte.

Capto uma ligação com um missionário, ou religião, e o número 8, e algo a erguer-se. Mas a erguer-se como um géiser, em vez de algo que simplesmente se levanta. Um tipo de movimento explosivo.

Um pequeno objeto redondo, com algumas inscrições que se assemelham a um carimbo postal. Uma ligação com algo não reclamado, com o número 12, talvez também com seis três, e com formas semelhantes a fitas. Isto é, linhas longas e retas, talvez duas, e de cor escura, creio, ou vermelho-escuro. Preto sobre vermelho. Horizontais em vez de verticais, na posição em que seguro isto.

(Sem abrir os olhos, a Jane segurou o envelope à sua frente em posição horizontal e moveu-o de um lado para o outro para mostrar movimento horizontal. Depois apoiou o cotovelo no braço da sua cadeira de baloiço e continuou a segurar o envelope levantado enquanto prosseguia.)

Uma ligação com uma máquina e locomoção, e com algumas pessoas que não conhecem, e outras que conhecem.

Dezembro. Uma ligação com a vontade de ir a algum lugar. Formas de estrela. A cor de fundo branca, e um item de papel, dobrado como um cartão, sendo o centro uma forma retangular.

De algum modo atulhado, ou cheio, e vazio para os lados. Escuro e sombrio no centro, com sugestões de movimento, e fim de tarde. Uma ligação com uma casa e uma moldura branca.

Podem fazer uma pausa. Também um chapéu.

(Pausa às 10:27. A Jane estava dissociada, como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados, o seu ritmo fora lento, não fumara, etc.

(Veja-se o esboço do objeto do envelope e o desenho que o acompanha nas páginas 313–314. Não pedimos ao Seth que esclarecesse cada ponto dos dados, pelo que damos abaixo as nossas próprias interpretações. Como referido, o desenho principal feito pelo meu chefe era o próprio objeto do envelope. Está em papel branco fino. O desenho em papel vegetal foi feito por mim, a partir de instruções dadas pelo meu chefe, e é um desenho esquemático para ser passado para cartão Bristol para a arte-final.

(O meu desenho foi, na verdade, a recriação de uma arte que se perdera na Artistic Card Co. Como acontece muitas vezes, a arte original foi depois encontrada, depois de eu a ter duplicado. O desenho destinava-se a um autocolante gomado a aplicar a uma linha de cartões embalados de vários tipos — religiosos, de Natal, do Dia dos Namorados, etc. — e era para uma grande loja antiga em Filadélfia, Pensilvânia, que usa o cavalheiresco nome de John's Bargain Store. Como mostra a cópia do meu traçado, estes autocolantes são aplicados à mercadoria apropriada em várias alturas do ano.

(“estabelecimento, ou algo estabelecido.” Pensei que ambos os desenhos foram produzidos num estabelecimento, ou seja, no meu local de trabalho. Mas isto também poderia referir-se ao cliente em Filadélfia.

(“Algo que foi virado/descoberto.” Como dito, a arte perdida foi encontrada depois de eu ter passado tempo a duplicá-la.

(“Uma ligação com uma ocasião maravilhosa, embora a palavra maravilhosa possa ser demasiado forte.” A palavra maravilhosa é demasiado forte, supomos, mas os autocolantes são feitos para ocasiões especiais ao longo do ano, conforme explicado acima.

(Como se vê, muitos dos dados do envelope dados pelo Seth foram transpostos do objeto real para o meu desenho em papel vegetal. Pode notar-se que, durante a sessão, enquanto a Jane segurava o envelope na mão, o meu desenho em papel vegetal estava na mesma divisão connosco, embora eu só me tenha apercebido disso depois da sessão. Jazera no bolso do meu casaco, no armário da nossa sala da frente; eu trouxera-o para casa alguns dias antes, e depois esqueci-me, por não ter voltado a usar o casaco. Ambos os desenhos foram feitos há cerca de duas semanas. A Jane não sabia sequer que existiam.

(“Apanho uma ligação com um missionário, ou religião”, é uma referência ao facto de os autocolantes se destinarem a caixas de cartões religiosos, bem como a outras categorias. Enquanto eu fazia o desenho, as quatro ou cinco caixas de diferentes cartões estavam dispostas à minha frente para eu poder consultá-las, e a caixa religiosa estava entre elas.

(“e o número 8”, não oferece ligações que consigamos ver.

(“e algo a erguer-se. Mas a erguer-se como um géiser, em vez de algo que simplesmente se levanta. Um tipo de movimento explosivo.” Este é um dado associativo por parte da Jane e será explicado mais tarde.

(“Um pequeno objeto redondo, com algumas inscrições que se assemelham a um carimbo postal.” A Jane disse que via um pequeno objeto redondo, com linhas horizontais a atravessá-lo; pensou num carimbo postal num envelope, com as linhas de anulação, mas sabia que não era isso. Quando viu o meu desenho em papel vegetal, disse que era evidentemente aquilo a que estava a tentar chegar subjetivamente; o meu desenho é de um objeto redondo, embora muito maior. A Jane disse que as letras em linha reta, Key Value, estão na posição das linhas horizontais que ela via no interior. Há também linhas horizontais traçadas no desenho.

(“Uma ligação com algo não reclamado, com o número 12, talvez também com seis três”, não trouxe à mente ligações. Depois, mais tarde, a Jane lembrou-se da arte perdida na Artistic — “algo não reclamado”?

(“e com formas semelhantes a fitas. Isto é, linhas longas e retas, talvez duas, e de cor escura, creio, ou vermelho-escuro. Preto ou vermelho. Horizontais em vez de verticais, na posição em que seguro isto.” Como dito na página 321, a Jane segurou o envelope duplo retangular com a sua

extremidade comprida paralela ao chão e moveu-o para a frente e para trás para indicar de forma muito clara a sua insistência no atributo horizontal. Isto é muito interessante, pois o objeto do envelope em si não contém massas ou linhas verticais ou horizontais. Mais uma vez, as suas ações e dados parecem ser uma tentativa de chegar ao meu desenho em papel vegetal, que tem uma ligação estreita com o objeto do envelope.

(O meu desenho contém linhas horizontais e retas. Existem dois conjuntos dessas linhas horizontais, por cima e por baixo das palavras Key Value, e quando se vira o desenho do avesso — não mostrado aqui — veem-se as manchas escuras do meu lápis enquanto preparava o desenho para passar para papel. A Jane disse que essas linhas e as manchas escuras por baixo delas são aquilo a que acredita que se referia, mais do que aos outros dois conjuntos de linhas horizontais abaixo da ponta da chave.

(Quando viu as manchas no verso do desenho em papel vegetal, a Jane disse que foi isso que lhe deu a ideia de “formas semelhantes a fitas”. As referências a “cor escura” e “vermelho-escuro” foram as suas tentativas de refinar ainda mais esses dados.

(“Uma ligação com uma máquina”, pode referir-se ao facto de eu ter feito parte do trabalho do meu desenho em papel vegetal numa máquina de câmara escura chamada Lacey-Luci. É um trambolho volumoso que contém projetores, um vidro fosco e uma lente de ampliação-redução para ajustar rapidamente texto ou arte ao tamanho adequado. Uma máquina deste tipo é padrão na maioria dos departamentos de arte.

(“e locomoção”, para mim é uma associação pessoal da Jane derivada dos dados da máquina acima.

(“e algumas pessoas que não conhecem, e outras que conhecem.” Demasiado geral. Não conheço as pessoas que gerem a John’s Bargain Store, mas também não conheço muitos outros clientes da Artistic. Obviamente, havia pessoas à volta da sala de arte que eu conheço.

(“Dezembro. Uma ligação com a vontade de ir a algum lugar.” Não vimos aqui ligações.

(“Formas de estrela.” Isto está relacionado com os dados do géiser na página 321 e, a partir daí, cresce uma associação pessoal da Jane. Note-se que o meu desenho em papel vegetal apresenta uma estrela formalizada de seis pontas. A Jane disse que tinha a imagem de uma espécie de estrela e que isso lhe deu a ideia de fogo de artifício a subir ao céu — daí a ideia de um géiser e de algo a erguer-se e explosivo, etc.

(“A cor de fundo branca”, pode ser tomada como referência ao papel branco em que o objeto do envelope foi impresso, mas a Jane disse que, mais uma vez, isto se referia ao desenho em papel vegetal que fiz. O papel vegetal é de um cinzento translúcido pálido ou branco-sujo, mas não realmente branco como este papel dactilografado é branco.

(“e um item de papel, dobrado como um cartão”, referia-se também, disse a Jane, ao meu desenho e não ao objeto do envelope. A Jane disse que tinha uma imagem vaga de um pequeno objeto redondo sobre um objeto retangular dobrado, como um cartão, mas o círculo não estava colocado tão arrumadamente no centro do retângulo como no meu desenho. Estava mais deslocado para o canto superior direito, daí também a sua referência ao carimbo postal na página 321. Na página 314 note-se que o meu desenho em papel vegetal está dobrado mais ou menos como um cartão.

(“o centro sendo uma forma retangular.” A Jane disse que isto é outra referência à área retangular ocupada, no meu desenho, pelas palavras Key Value.

(“De algum modo atulhado, ou cheio, e vazio para os lados.” No desenho original em papel vegetal, as minhas manchas de lápis no verso transparecem facilmente e dão ao desenho um aspeto atulhado ou congestionado no centro. Por contraste, parece vazio em direção à orla do círculo. É um efeito de que me apercebi no trabalho ao fazer o traçado, mas a ilusão desapareceu na arte final.

(“Escuro e sombrio no centro”, disse a Jane, é outra referência às minhas manchas no verso do desenho e remete para as formas semelhantes a fitas na página 321. Ela tinha uma imagem bastante nítida dessa zona escurecida e da sua disposição horizontal.

(“com sugestões de movimento”, volta a referir-se ao meu desenho e não ao objeto do envelope propriamente dito; o movimento, disse a Jane, das minhas manchas de lápis no verso do desenho, e da inclinação das palavras This Week’s por cima da chave e da estrela.

(“e fim de tarde.” A Jane disse que esta é outra impressão retirada das manchas no verso do meu desenho. Note-se que essas manchas de lápis no verso do traçado afetaram a Jane provavelmente mais do que qualquer outra coisa. Esta impressão de fim de tarde provinha da sensação de anoitecer, sugerida pelas manchas escuras. A Jane estava bastante consciente desse sentimento de forma subjetiva.

(“Uma ligação com uma casa e uma moldura branca.” Isto é interessante, pois a Jane disse que tinha a imagem de um formato de cartão com uma casa e folhagem. Não era muito nítida, mas sabia isso. As caixas de cartões para as quais o autocolante foi feito são grandes, suficientemente grandes para conter reproduções de quatro cartões, dispostos em padrão retangular no topo da caixa e sobre um fundo impresso a dourado. Cada desenho de cartão é rodeado por uma moldura branca retangular, talvez com três milímetros de largura. Algumas das caixas dispostas à minha frente, enquanto eu fazia o desenho para o autocolante, continham reproduções de cartões com casas, árvores, flores, etc.; o tipo de tema padrão para cartões de felicitações.

(“Também um chapéu.” Não vi aqui qualquer ligação.

(A Jane disse que, de todas as ligações que estabelecemos, praticamente todas se referiam ao meu desenho em papel vegetal e não ao objeto real do envelope. O objeto do envelope foi feito pelo meu chefe. A Jane conhece-o, claro, e gosta dele; ainda assim, o facto de eu ter feito o desenho em papel vegetal exerceu evidentemente uma atração emocional mais forte. Talvez isto tenha desviado o foco do Seth/Jane do objeto do envelope para um objeto intimamente relacionado. Como foi dito, a Jane não sabia que existiam os dois desenhos.)

(A Jane retomou, ainda a um ritmo algo lento, às 10:45.)

Agora terminaremos a sessão muito em breve. Tiveram um dia atarefado.

O Ruburt está precisamente a sair do que se pode chamar um período de repouso. É verdade que, cinco meses antes, não teria sido possível obter tanta informação válida durante um período desses.

(A primeira experiência do envelope realizou-se a 18 de agosto de 1965, há quase oito meses.)

As interpretações que ele deu quando discutiram as impressões estavam corretas. Todas elas.

Podem fazer-me perguntas no final da minha transmissão de impressões, e antes da pausa.

(O Seth mencionara isto na última sessão; e, outra vez esta noite, falámos sobre isso durante a pausa.

(“Bem, acho natural querer fazer perguntas durante estas experiências, mas não quero dar pistas ao Ruburt.”)

Podem, sim. Isso poderá ajudar-vos a esclarecer alguns dados, talvez, antes de o Ruburt os ver, e isso será em nosso favor.

(Acredito que a resposta do Seth mostrou um ligeiro mal-entendido entre nós.

(“O que quero dizer é: serei acusado de lhe dar pistas se fizer perguntas sobre os dados do envelope? Suponhamos que lhe peço para ser mais específico sobre um determinado ponto, digamos uma forma? Ele não tomará a pergunta como sinal de que esse ponto precisa de ser esclarecido?”)

Terás de ser cuidadoso, mas nós também estamos a aprender.

(Agora a Jane baixou a cabeça. Levou as mãos de novo aos olhos fechados.)

Agora, esperem um momento.

Alguma ligação distante com o nome Margo. Isto diz respeito às nossas impressões sobre o homem que fez anotações no manuscrito. Duas outras mulheres também. Mais novas do que ele.

As minhas mais cordiais saudações a ambos e boa noite. A menos que tenham alguma pergunta.

(“Apenas uma. Teremos testemunhas da sessão de quarta-feira?”)

(O Seth mencionara esta possibilidade durante a sessão não programada de domingo passado, 27 de fevereiro. A Jane sorriu.)

Podes.

("Porque o sorriso:")

Podes ter dois grupos de testemunhas.

("Quantas pessoas?")

Há possibilidades para quatro, talvez até cinco.

("Então vai ser um período atarefado... Boa noite, Seth.")

(Fim às 22:55. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos tinham permanecido fechados desde a pausa, o seu ritmo bastante lento. Disse que se sentia segura quanto às impressões relativas ao meu desenho em papel vegetal. Estava ciente, repetiu, da forma circular sobre a forma retangular formada pelo papel vegetal dobrado; sentiu que este estava dobrado quando o Seth o disse.)

SESSÃO 237

2 DE MARÇO DE 1966

(A 37.^a experiência do envelope foi realizada durante a sessão. Ver o traçado do objeto do envelope na página 327. É uma impressão da minha mão direita, feita com tinta de carimbo preta sobre papel. Fi-la em 27 de fevereiro de 1966. A Jane tinha pegado recentemente num livro sobre mãos na biblioteca, e isso deixou-nos interessados em fazer tais impressões.

(A impressão é, no geral, mais escura do que a minha indicação a lápis na página anterior, e de qualidade muito melhor. As linhas na palma, indicadas por linhas pretas, são na realidade brancas na impressão original, de modo que o efeito é o interessante de uma mão em negativo, ou talvez um mapa ou plano impresso ao contrário. As impressões digitais também aparecem com razoável clareza. Esta é apenas uma de muitas impressões que fiz nessa noite; descobri que não é fácil obter uma impressão completa com bom detalhe global.

(A Jane, naturalmente, viu esta impressão em particular, juntamente com talvez outras vinte que fiz ao mesmo tempo. Não há nada nesta que a distinga de muitas das outras. Seguindo as instruções do livro, tracei o contorno da minha mão a lápis enquanto pressionava a superfície com tinta contra o papel branco. A impressão foi selada no habitual duplo envelope entre as habituais duas folhas de Bristol.

(Na última sessão, o Seth disse que existia a possibilidade de termos quatro ou cinco testemunhas na sessão de hoje. Ele também mencionara tal possibilidade durante a sessão não programada de domingo, 27 de fevereiro. No entanto, não apareceu nenhuma testemunha.

(Antes da sessão, a Jane e eu tivemos uma discussão quanto à profissão exata da pessoa que escrevera as muitas notas no manuscrito do seu livro sobre PES. Ver páginas 319–320 para notas sobre isto, na 236.^a sessão, e os comentários do Seth. Nenhum de nós considerou a pessoa em questão um psicólogo. Eu inclinava-me para parapsicólogo, a Jane para psiquiatra. Nos seus comentários, referia-se com bastante frequência à sua própria teoria do tempo esférico. Nenhum de nós ouviu falar disto, nem conseguimos encontrar referência a tal nos nossos livros.

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. A Jane falou sentada e com os olhos fechados, e mais uma vez o seu ritmo foi lento; por vezes, durante esta primeira transmissão, foi tão lento quanto me lembro em qualquer sessão. A Jane não estava a fumar. Ficou algum tempo com a cabeça baixa, as mãos erguidas às têmporas. Início às 21:02.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agradou-me a vossa pequena discussão.

O nosso amigo do manuscrito considera-se um homem de mente liberal, mas não dará passos gigantes para fora das linhas de segurança académica.

Ele dá passinhos afetados, sempre a olhar para trás com cautela preocupada. Não leva a sua preciosa ideia de tempo esférico suficientemente longe, para começar. O seu tempo esférico é apenas como a superfície de uma esfera.

O presente amplo e o sistema temporal invertido tratam do interior da esfera.

(A Jane fez agora uma longa pausa. O material acima fora interrompido por muitas pausas.)

Há alguns pontos que gostaria de abordar. Vão afastar-nos um pouco das nossas linhas principais de discussão, e têm a ver com a comunicação entre essências de personalidade e aqueles que ainda estão dentro do sistema físico.

(O Seth gosta de se chamar a si próprio uma essência de personalidade de energia.)

Agora. Quando o comunicador ainda está fortemente ligado emocionalmente ao vosso sistema e quando ainda se está a aclimatar às suas novas condições, então, como regra, as suas comunicações serão extremamente confusas.

O seu controlo sobre o sistema nervoso da pessoa através de quem comunica será defeituoso e errático. Os seus interesses serão em grande parte aqueles que tinha durante a existência física. Isto é geralmente verdade.

Estará principalmente preocupado em tentar provar a sua sobrevivência. As suas mensagens estarão cheias de dados triviais mas

significativos que tornarão a sua sobrevivência evidente para aqueles que deixou para trás.

As nossas comunicações não são deste tipo. Enquanto personalidade global, sempre me preocupei com ideias. Não estou emocionalmente em forte ligação com quaisquer personalidades conhecidas de Frank Watts, por exemplo. Ele é uma parte, ou um fragmento, do meu eu total, e é independente.

(Estas sessões começaram quando contactámos a personalidade Frank Watts através do tabuleiro Ouija, em dezembro de 1963. A personalidade Frank Watts foi substituída na 4.^a sessão pelo Seth. O Seth tratou de Frank Watts até certo ponto nas seguintes sessões: 4, 8, 11, 14, 15, 16, 21, 25, 29, 31, 51, 85, 88, 173, 184, 189, 224. Ver os Volumes 1 a 5.)

O meu campo de realidade não é o mesmo do daqueles que deixaram recentemente o vosso sistema. Não é necessário que o Ruburt adote o estado de transe profundo para as nossas sessões, pois consigo falar através dele sem excluir a maioria dos aspetos da sua consciência.

Claro que recebo ajuda dele. Um dos meus principais propósitos é instruir, e fazê-lo com todo o equipamento disponível a funcionar pelo menos até certo ponto. O estado de transe leve é ideal para isso.

(O ritmo da Jane era agora muito lento, tão lento quanto alguma vez foi, creio. Algumas das suas pausas duraram bem mais de um minuto. Ainda assim, por vezes, os olhos abriam-se brevemente.)

Agora. As intensidades emocionais continuam a ser as nossas diretrizes, contudo, e têm significado e importância em todos os sistemas. É pela sua luz que vós vedes. (Ver as sessões sobre o universo elétrico no Volume 3.)

Uma das razões, aliás, para o bom desempenho do Ruburt comigo é precisamente a sua capacidade de usar bem as palavras. Estamos a construir aqui uma fundação, na qual as palavras são importantes e para a qual, incidentalmente, símbolos taquigráficos subconscientes teriam pouca utilidade.

Podem fazer uma pequena pausa.

(Pausa às 21:32. A Jane estava dissociada, como é habitual numa primeira transmissão. Sabia que o Seth estava a ser deliberado, disse, mas não tinha consciência de que tinha passado meia hora. O seu ritmo fora muito lento e ela não tinha uma ideia muito clara do que dissera.

(A Jane disse que achava que o Seth poderia ter abordado o material sobre sobrevivência por causa de algumas das notas marginais feitas no manuscrito do seu livro sobre PES pelo nosso amigo desconhecido, particularmente nos capítulos que tratam da reencarnação.

(Achou que o último parágrafo surgiu porque o mesmo amigo fizera algumas notas sobre mensagens autênticas de sobrevivência serem dadas em "taquigrafia", a letra "U" para a palavra you, etc.

(A Jane continuou a usar pausas, mas o seu ritmo foi muito mais rápido quando retomou. Não estava a fumar. Os olhos mantiveram-se fechados. Ficou perfeitamente imóvel durante pelo menos um minuto depois de os fechar, antes de retomar às 21:44.)

Agora, de volta à nossa discussão principal.

Quando o sistema temporal invertido for claramente compreendido, então a insuficiência da teoria de causa e efeito ficará evidente. Se os vossos psicólogos e cientistas começassem um estudo dos seus próprios sonhos, aprenderiam muito através da experiência pessoal.

Afrontariam realidades que não podem ser medidas com instrumentos físicos. Como os psicólogos lidam com atividade psicológica, é tanto mais surpreendente que não se tenham concentrado na atividade psicológica, observando-a em primeira mão tal como existe nos seus vários estádios de consciência.

Se, no entanto, tal estudo for conduzido com ideias preconcebidas, então cada experimentador encontrará apenas aquilo que procurava, pois tudo o resto lhe parecerá sem significado.

Mas o estado de sonho apresenta a qualquer experimentador material original e variado, e as oportunidades envolvidas são tremendas. O sistema temporal invertido aparecerá claramente se for feita qualquer análise da relação entre o tempo e o estado de sonho.

Talvez não seja este o momento para fazer esta observação, mas, literalmente, o sonho de amanhã pode mudar o de ontem. Todas as experiências que estais a conduzir são, por si mesmas, benéficas simplesmente por causa do treino envolvido e da expansão da consciência.

Não estou a desvalorizar a consciência. Estou a tentar ensinar-vos a focar a vossa consciência em muitas direções, até levar uma porção de consciência egóica para o estado de sonho.

Pistas quanto à existência do tempo invertido também surgem na condição de vigília, contudo, e em breve terei muito a dizer sobre este assunto. É a existência do tempo invertido que é principalmente responsável pela clarividência.

Agora, deem-nos um momento, por favor, antes dos dados do Instream.

(A Jane fez uma pausa às 21:56. O Seth prescindiu da pausa habitual antes do nosso material experimental. Quando a pausa finalmente chegou, a Jane disse que o Seth ia dar uma pausa nessa altura, mas decidiu avançar porque ela estava num bom estado. Normalmente, disse a Jane, atinge um estado melhor à medida que o tempo passa.

(Agora, com a cabeça baixa, as mãos erguidas aos olhos fechados, como de costume, começou o material sobre a 44.^a experiência do Dr. Instream.)

Ele está num edifício de vários andares e não está no rés-do-chão. O edifício é moderno. Tem fósforos na mão e acende um. Fica a olhar para os fósforos, um pequeno maço de fósforos comuns.

(A Jane fez uma pausa um pouco longa às 22:00. O seu ritmo era entrecortado por muitas pausas curtas, mas ainda assim bom.)

A capa tem a representação de um edifício. Howard Johnson. Dois outros homens em particular, a levantarem-se como se fossem sair. Um mais alto do que o outro, e ambos parecem sem chapéu.

Há uma urna de café, ou uma urna prateada. Um botão solto — isto é, um botão está solto. (A Jane gesticulou, com os olhos ainda fechados.) A cor laranja usada como decoração. Portas de vidro e muitas vozes do outro lado.

Um dos outros homens mencionados tem bigode, escuro, embora não seja necessariamente jovem, e traços aguçados. O queixo pequeno mas pontudo. (A Jane tocou no próprio queixo.)

Um dos homens leva um grande envelope, ou pasta, de cartão castanho, com cordões, e registos lá dentro.

Alguma ligação com as iniciais C S. Também uma ligação com um rapaz — isto é, um jovem, creio, mas não um adulto.

Alguma conversa sobre dinheiro para um projeto, ou a falta dele, e um plano imediato considerado. Uma armação, ou algo emoldurado. (A Jane abanou a cabeça.) Os fósforos são o objeto.

Tens um teste para mim, Joseph?

("Sim.")

(A Jane fez uma pausa às 22:09. Entreguei-lhe o envelope para a nossa 37.^a experiência e, como de costume, ela pegou nele sem abrir os olhos. Depois ficou sentada com ele encostado à cabeça. Deu o material sobre o envelope com muitas pausas curtas.) Agora deem-nos um momento, por favor.

Cinco. Algo para uma consideração. Uma planta de piso, ou diagrama.

Tenho a impressão de uma forma de campanário, ou de V invertido, que é bastante proeminente.

Uma ligação com muitas pessoas, e com algo como uma cave — baixo, isto é. Isto leva o Ruburt a pensar no teu Myhalyk's, é a impressão dele.

Algo baixo e algo alto, em contraste, relacionado com um entendimento alcançado. Apanho cinco outra vez, e uma ligação com um homem que usa óculos. Não tu, Joseph. E com paredes, e um interior.

Isso será tudo antes de fazermos a nossa pausa, a menos que tenhas alguma pergunta.

(A Jane fez uma pausa às 22:14. Os olhos continuavam fechados e ela ainda segurava o envelope na testa. Esta foi a minha primeira oportunidade

de fazer uma pergunta durante tais experiências; escolhi o que julguei ser uma questão segura, no sentido de que não pensei que desse pistas à Jane.

"Bem, queres dizer algo sobre as cores envolvidas com o objeto, se houver?")

Deem-nos um momento.

Um violeta. Vermelho, e uma gradação para amarelo. Além de branco, e muito escuro.

Os escuros na horizontal, os verticais brilhantes. Deixem-me acrescentar também iniciais, ou símbolos.

(Pausa às 22:16. A Jane estava dissociada como de costume, disse, e os olhos tinham permanecido fechados. A minha pergunta não a perturbara. Recorde-se que este fazer perguntas durante o material experimental, ou imediatamente após, tem sido introduzido gradualmente em sessões muito recentes. Como se verá, a pergunta deu frutos.

Ver o traçado do objeto do envelope na página 327. A Jane e eu estabelecemos a maioria das ligações entre o objeto do envelope e os dados com bastante facilidade, e não pedimos ao Seth para esclarecer nenhum ponto. As ligações desta noite relacionaram-se predominantemente com o próprio objeto do envelope, e não foram deslocadas para outro como tinham sido na última sessão, e na 234.^a, que envolveu o episódio das quatro letras.

"Cinco." A minha impressão da mão, naturalmente, mostra cinco dedos.

"Algo para uma consideração." A impressão foi feita para ser lida, ou considerada, à maneira delineada no livro sobre mãos.

"Uma planta de piso, ou diagrama." Note-se aqui como a Jane restringiu o sentido para um diagrama. A impressão original usada como objeto, com as linhas brancas visíveis, é um diagrama. Ver a descrição detalhada na página 328.

"Tenho a impressão de uma forma de campanário, ou de V invertido, que é bastante proeminente." Para a Jane, as formas dos meus dedos, contornadas a lápis na impressão, eram formas de campanário. Há vários V na impressão, e um proeminente entre o polegar e o indicador. Não sabemos, contudo, por que a referência ao V invertido. Durante a experiência, notei que a Jane segurava o envelope de teste retangular na testa com o seu eixo comprido aproximadamente paralelo ao chão; talvez o objeto dobrado lá dentro tenha dado origem à impressão de invertido.

Operou também a associação pessoal com esta impressão. Só depois de a sessão terminar é que a Jane se apercebeu de que a "forma de campanário" e os dados sobre "muitas pessoas" a seguir lhe tinham lembrado um poema de infância de que não se recordava havia anos. Depois da sessão recitou-me o pequeno poema; faz-se com gestos das mãos a acompanhar, os dedos de ambas as mãos a entrelaçarem-se em várias

posições. O poema é: "Here is the church, here is the steeple. Open up the doors, and see all the people."

"Uma ligação com muitas pessoas, e com algo como uma cave — baixo, isto é. Isto leva o Ruburt a pensar no teu Myhalyk's, é a impressão dele." A Jane acredita que a sua impressão aqui está correta. O Myhalyk's é o nosso estabelecimento de dança favorito em Elmira. No sábado, 19 de fevereiro, a Jane e eu encontrámo-nos com a Marilyn e o Don Wilbur e mais alguns no Myhalyk's para uma noite de dança. Isto foi pouco depois de termos adquirido o livro sobre mãos e, durante a noite, a Jane perguntou aos Wilbur se cooperariam em fazer impressões das mãos. Os Wilbur, que testemunharam várias sessões não programadas, consentiram. Foram feitos arranjos para obter as suas impressões na sexta-feira, 25 de fevereiro, mas não se concretizaram devido à dificuldade em conseguir boas impressões. A minha impressão, feita em 27 de fevereiro, foi uma experiência numa tentativa de aprender como fazer uma boa impressão.

"Algo baixo e algo alto, em contraste, relacionado com um entendimento alcançado." Achamos que isto é uma referência a parte da técnica de leitura de uma mão; conforme descrito no livro, não é apenas necessário considerar as linhas, mas também os "montes", que são os pontos altos de carne na base dos dedos, no polegar, no calcanhar da mão, etc. Também os pontos baixos ou depressões são considerados significativos.

"Apanho cinco outra vez." Se isto não for uma referência à impressão da mão, não vemos a ligação, a menos que esteja associada aos dados seguintes.

"e uma ligação com um homem que usa óculos. Não tu, Joseph." O Don Wilbur usa óculos. Eu também. O mesmo acontece com o Bill Gallagher. A Peggy Gallagher estava a visitar a Jane na noite em que fiz a impressão usada como objeto do envelope, no domingo, 27 de fevereiro. Depois de eu terminar os meus esforços, o Bill chegou. Pelo que nos lembramos, não estava a usar óculos nessa noite em particular. O Don Wilbur usa-os o tempo todo, como eu.

"E com paredes, e um interior." Embora isto seja demasiado geral, a Jane acha que é outra referência à noite acima mencionada no Myhalyk's, onde foram feitas referências a impressões de mãos.

"Um violeta. Vermelho, e uma gradação para amarelo." Isto é muito interessante para mim pessoalmente; a Jane também se recorda destes detalhes. Depois de passar umas duas horas a tentar fazer uma boa impressão da mão, desisti e comecei a limpar a tinta da mão. Isto revelou-se um trabalho. Ao aplicar pó abrasivo, fiquei surpreendido ao ver a tinta preta na palma tornar-se no que se poderia chamar um vermelho com subtons violáceos. Este efeito lembrou-me imediatamente de ter lido que a qualidade de uma tinta preta pode ser julgada pelo seu comportamento

quando diluída: se se desenvolver uma cor vermelha, significa que a tinta é de qualidade inferior. A tinta que eu usara era tinta de almofada de carimbo comprada numa loja dos 300 no centro.

A tinta pode ter sido de fraca qualidade, mas era difícil de remover. A cor vermelha era pronunciada e chamei a atenção da Jane para isso. Ela também tivera a mesma experiência, já que tentara impressões suas uns dias antes. Muita esfrega reduziu a mancha vermelha a um tom amarelado, mas aqui tive de a deixar desaparecer com o tempo. Isto levou vários dias. Assim, temos aqui uma progressão de preto para violeta para vermelho para amarelo.

Tenha-se em conta que a Jane teve esta experiência assim como eu. Talvez a sua própria experiência tenha reforçado quaisquer dados que ela tenha recolhido do meu envolvimento com o objeto real do envelope. A Jane disse que não consegue distinguir entre as duas coisas, se isto ocorreu.

"Além de branco, e muito escuro." Fiz a impressão da mão em papel branco idêntico a esta página, e a própria impressão é muito escura.

"Os escuros na horizontal." Note-se as marcas da dobra na cópia do objeto do envelope na página 327. Quando o objeto foi dobrado e depois mantido numa posição aproximadamente horizontal no envelope duplo retangular, os padrões escuros dos dedos ficariam horizontais dentro dos envelopes.

"os verticais brilhantes." Se isto for uma referência aos espaços brancos entre os dedos da impressão, então estes também seriam horizontais. Não sabemos, então, por que a designação de verticais.

"Deixem-me acrescentar também iniciais, ou símbolos." Conforme indicado na cópia na página 327, as minhas iniciais, a designação da mão direita e a data foram assinaladas por mim quando fiz a impressão. Isto foi a caneta preta.)

(Quando começou a falar, a Jane usou pausas curtas com frequência. Os olhos mantiveram-se fechados. Muito do tempo embalou a face nos braços cruzados, apoiados na mesa. Não estava a fumar. Retoma às 22:32.)

Agora. Terminaremos a nossa sessão em breve.

O Ruburt tem estado intelectualmente envolvido de forma intensa com toda a nossa relação e experiência, enquanto revia as provas do seu livro. Isto não é particularmente conducente às suas atividades intuitivas, por isso não lhe dei uma pausa antes dos nossos testes, mas deixei que o estado de transe continuasse. Isto funcionou a nosso favor. Este período que agora passa, de descanso comparativo da parte dele, relativamente às atividades psíquicas, torna pelo menos um ponto claro: os nossos resultados, no conjunto durante este período, têm sido bons.

Foi num período semelhante no passado que os dados de teste foram muito fracos. A melhoria mostrar-se-á mais claramente à medida que ele

voltar a ficar mais ativo, psiquicamente. As minhas melhores saudações a ambos. Se não tiverem perguntas, terminarei a sessão.

("O que aconteceu às testemunhas que devíamos ter?" (A Jane levantou a cabeça, olhos ainda fechados, e sorriu.)

Fui cauteloso. Limitei-me a dizer que a presença deles era possível. Os meus elementos temporais é que estavam simplesmente errados aqui, infelizmente.

"Boa noite, Seth."

(Fim às 22:40. A Jane estava dissociada como de costume. Ver página 326 para os dados sobre as testemunhas esperadas para a sessão desta noite.)

SESSÃO 238

4 DE MARÇO DE 1966

(Realizou-se esta noite uma sessão não programada. Foi testemunhada por quatro pessoas, e interrompida por uma quinta. Este relato é escrito na manhã seguinte, após uma revisão dos pontos principais com a Jane. Não foram tomadas notas no momento da sessão.

Recordar-se-á que durante a sessão não programada no domingo passado, 27 de fevereiro, e durante a sessão regular de segunda-feira, 28 de fevereiro, o Seth mencionara a possibilidade de testemunhas para a sessão de quarta-feira, 2 de março. Além disso, mencionou que existia a possibilidade de dois grupos de testemunhas, e de quatro pessoas, talvez até cinco. Quando não apareceram testemunhas para a sessão de quarta-feira, o Seth disse, em resposta à minha pergunta: "Fui cauteloso. Limitei-me a dizer que a presença deles era possível. Os meus elementos temporais é que estavam simplesmente errados aqui, infelizmente." A Jane sorria amplamente ao dar esta resposta.

Dois grupos de testemunhas compareceram à sessão não planeada de hoje à noite, os Gallagher e a Marilyn e o Don Wilbur. A Jane começou a falar como Seth às 23:45, continuou até cerca das 00:15, fez uma pausa durante a qual os Gallagher saíram, depois retomou brevemente, das 00:30 às 00:45 com os Wilbur presentes. A sessão poderia ter continuado, mas foi interrompida pela visita de um amigo que não sabe delas. Não recebemos muitas visitas depois da meia-noite; este amigo visitou-nos talvez três vezes no último ano, pelo que podemos dizer que a sua chegada foi inesperada.

Pode dizer-se que, como os Gallagher e os Wilbur sabem das sessões e nos visitam regularmente, uma sessão não programada dificilmente é invulgar com estes dois grupos de testemunhas. Pode dizer-se também, no entanto, que não realizamos facilmente sessões não programadas, embora

pelo registo possa parecer que são realizadas com bastante frequência. A Jane e eu geralmente fazemos por evitá-las por causa do trabalho extra envolvido, etc. Daí a hora tardia desta.

O Seth fez alguns pontos interessantes que tentarei resumir. Mais cedo na noite, o Bill Gallagher passou talvez três quartos de hora a contemplar a pintura a óleo de um homem idoso que executei em julho de 1965. O Seth, em várias ocasiões, afirmou que esta pintura, juntamente com outra, são retratos dele. Fiz estas duas sem modelo. Esta noite, o Bill comentou muitas vezes que a pintura em questão tinha para ele uma qualidade peculiar de vida. Eu disse-lhe que a iluminação era lisonjeira, mas o Bill insistiu que havia uma qualidade diferente na obra, e que não acreditava que se devesse apenas à sugestão.

Como a conversa girava em torno de assuntos psíquicos e não psíquicos, o palco ficou montado com bastante facilidade para a aparição do Seth, embora, como referido, nem a Jane nem eu tenhamos incentivado ativamente a sessão. No entanto, todos estavam de excelente humor. Pouco depois de começar a falar pelo Seth, numa voz bastante baixa e agradável, a Jane lançou-se nas razões para a reação do Bill à pintura. Marcara a percepção emocional do Bill, segundo o Seth, da presença do Seth na pintura, mais cedo na noite. Daí a sensação do Bill de uma qualidade extra de vida na obra. Este acontecimento significou, assim, que pela primeira vez o Bill sentiu um rapport emocional com o Seth, embora anteriormente tivesse ficado intelectualmente intrigado com o material.)

(O Seth continuou a explicar que, com exceção de mim, toda a gente na sala, incluindo a Jane, ainda tinha dúvidas quanto ao que ele era; que eu aceitava a explicação da personalidade dele, e que isso ajudava nas sessões. Isto levou a uma troca sobre personalidades secundárias. O Seth disse que no futuro teríamos muitas conversas com psicólogos e outros cientistas. O Seth disse-nos que sabia como “as mentes deles funcionavam” e que, quando pensassem que o tinham arrumado como uma personalidade secundária, ele teria uma surpresa para eles, uma demonstração. Não entrei em pormenores aqui e não insisti por detalhes porque não estava a tomar notas. Creio, no entanto, que tais acontecimentos estão ainda bem adiante de nós.)

(A surpresa, continuou o Seth, embaraçaria o pessoal científico, mas também levaria a uma compreensão mais clara do fenómeno Seth. Nenhuma das informações foi dada de modo superior, autossatisfeito ou sarcástico. Era uma noite quente e as janelas da nossa sala de estar estavam abertas. O ruído do trânsito, mesmo a esta hora, era audível; quando eu disse ao Seth que corria o risco de ser abafado pelo barulho, a voz dele elevou-se imediatamente em forte volume, com humor, durante alguns momentos: “Nunca serei abafado pelo trânsito...” etc.)

(Mais cedo nessa noite, a nossa conversa tinha enveredado pelo tema da morte e assuntos relacionados, de modo bastante humorístico, e o Seth afirmou que nos tinha ouvido nessa altura. Não estava a reprovar, mas, sem dúvida, a apreciar.)

(A Peggy Gallagher tem sido incomodada, nas últimas semanas, por dores surdas e agudas no ombro esquerdo. Nos últimos dias, o incómodo desceu pelo braço esquerdo; periodicamente, disse ela, o braço formiga, numa sensação semelhante à de quando um membro “adormece”. A sensação não é exatamente essa, no entanto. Ao ser-lhe perguntado, o Seth disse à Peggy que ela tinha uma perturbação na zona da terceira à quinta vértebra e que isso, basicamente, era a causa das dores nas costas e no braço. A Peggy achava que a circulação estava na origem do problema. O Seth disse que a circulação era saudável, mas algo interferida pela tensão.)

(O Seth passou a sugerir várias coisas que a Peggy poderia fazer; se seguisse as sugestões, o problema deveria desaparecer. Deveria dar-se a si próprias sugestões antes de dormir para não dormir sobre o lado esquerdo, mas sim sobre o direito. Isto retiraria a pressão do lado afetado do corpo. A Peggy disse que não achava que dormisse sobre o lado esquerdo; o Seth disse que ela o fazia depois de adormecer, e que a sugestão impediria isso. O Seth disse à Peggy para não apoiar o cotovelo esquerdo durante o dia, especialmente no trabalho. Enquanto ele falava, vimos a Peggy apoiada no cotovelo esquerdo. A Peggy disse que pode ter o hábito de se apoiar na secretária do jornal com o braço ou o cotovelo esquerdo; vai verificar.)

(O Seth disse à Peggy para se levantar e esticar os braços acima da cabeça com frequência ao longo do dia. Disse-lhe para usar a sugestão de que a sua circulação nas zonas afetadas fosse mais do que adequada até a condição ceder; deveria fazê-lo frequentemente durante o dia. Entrou em algum detalhe aqui, explicando que a tensão causava um abrandamento do fluxo sanguíneo no ombro e no braço, tornando muito mais difícil o fluxo normalmente fácil do sangue. Disse à Peggy que não havia nada de errado com a sua circulação.)

(Em ligação com o que antecede, o Seth disse à Peggy para não tomar aspirina. A aspirina, disse ele, agrava os problemas causados pela tensão neste caso particular. Forma-se uma congestão nas costas e no braço. O Seth disse então à Peggy para beber duas chávenas de café ao pequeno-almoço. A Peggy, por hábito, bebe uma. O Seth disse que a cafeína extra, no caso dela, estimularia a circulação, enquanto a aspirina a dificultaria. Foi categórico quanto a isto.)

(Chegamos agora a um desenvolvimento surpreendente. O Seth disse à Peggy que ela estava a fazer as rotações iogues do pescoço demasiado depressa de manhã. Este é um exercício, disse-nos a Peggy no intervalo, que faz todas as manhãs. Tal como a Jane, pratica ioga todos os dias, mas apressa os exercícios de manhã enquanto se veste para o trabalho. A Jane

não sabia disto e a Peggy disse que nunca o mencionara. O Seth tinha razão aqui, segundo a Peggy, pois ultimamente sentia que andava a despachar demasiado os exercícios. O Seth disse à Peggy que as rotações rápidas do pescoço, que são um exercício suposto ser feito lentamente, estavam na realidade a ser-lhe prejudiciais. Além disso, a Peggy deveria ter cuidado no fim deste exercício, quando deixa cair a cabeça para a frente, supostamente de forma relaxada. O Seth disse que a queda súbita colocava tensão da terceira à quinta vértebra. A Peggy concordou que terminava o exercício desta maneira; e, novamente, não lhe ocorrera mencionar isto antes à Jane.)

(O Seth disse à Peggy que os exercícios de ioga eram, basicamente, excelentes para ela se feitos ao ritmo adequado, e para os manter. Disse que a Peggy deveria ultrapassar o problema que estava a criar tensão nas costas, o que, por sua vez, conduzia a outros sintomas físicos, pois, se não o fizesse, havia o perigo de quaisquer hábitos de rigidez se agravarem no futuro. O Seth não entrou em causas emocionais esta noite, nem lhe pediram que o fizesse. A Peggy concordou em experimentar a rotina sugerida e irá reportar os resultados.

(O Seth fez um intervalo às 00:15, durante o qual os Gallagher saíram. Retomou por volta das 00:30, até ser interrompido às 00:45. A interrupção marcou o fim da sessão.)

(Os Wilbur já testemunharam algumas sessões não programadas. A sua primeira experiência é mencionada nas notas da 206.^a sessão, de 8 de novembro de 1965. A seguinte é mencionada nas notas da 214.^a sessão, de 6 de dezembro de 1965. A sessão não programada realizou-se a 5 de novembro de 1965; ver página 57.

(Durante essa sessão, o Seth deu ao Don Wilbur algumas informações relativas a uma mudança de emprego que ele estava a ponderar. Não tomei notas nessa noite, mas o Don apontou os dados que lhe diziam respeito. Resumiam talvez um parágrafo de comprimento médio e incluíam a descrição de um edifício que ele visitaria, dos seus escritórios, e de um homem a quem se candidataria a emprego. A esposa do Don guardou as notas na mala durante algumas semanas. O Don acabou por nunca ir ver o emprego que estava a considerar, em dezembro, porque o trabalho atual o manteve demasiado ocupado durante os meses de inverno. Ele e a esposa perderam o rasto das notas, e a Jane e eu há muito que nos tínhamos esquecido delas.

(Na semana passada, a primeira de março de 1966, o Don Wilbur começou a bater às portas em Elmira na sua procura de um emprego melhor. Respondendo a um anúncio no jornal local, conduziu até ao local indicado para uma empresa de construção. Tinha-se esquecido conscientemente dos dados do Seth, mas, ao entrar na propriedade da empresa, foi imediatamente impressionado pela semelhança com as previsões do Seth. Nunca lá tinha estado. A descrição do edifício coincidia,

bem como a descrição que o Seth dera do homem com quem o Don falaria sobre trabalho. A Marilyn, esposa do Don, acredita que ainda tem as notas do Seth em casa e vai procurá-las.

(Os pais do Don Wilbur são contra a sua mudança de emprego. Os Wilbur não pediram conselhos ao Seth, nem a Jane e eu. O Seth adiantou, por iniciativa própria, que era melhor o Don tomar as suas próprias decisões. Disse que o Don deixaria o emprego atual porque não oferecia oportunidades de progressão e que tentaria três outras posições antes de se fixar numa de que realmente gostasse. Mas o Seth não disse quando. O próprio Don ainda não decidiu o que fazer. O lugar que visitou, que correspondia à descrição do Seth, fez-lhe uma proposta de emprego.

(O Seth estava a entrar na relação entre previsões e probabilidades quando a sessão terminou por causa da interrupção mencionada. Como foi dito, estiveram presentes dois grupos de testemunhas. Apareceu também uma quinta pessoa, causando o término da sessão depois de um dos grupos ter saído. Ver página 326.

(Os olhos da Jane estiveram muito abertos grande parte do tempo, e muito escuros. A sua voz foi, na maior parte, muito calma, o ritmo médio. A sua prestação foi por vezes humorística.)

SESSÃO 239

7 DE MARÇO DE 1966

(A 38.^a experiência do envelope foi realizada durante a sessão. O objeto, selado no habitual duplo envelope, era o talão de seguro para os dois manuscritos que a Jane remeteu ao seu editor em 10 de fevereiro de 1966. Eram o livro de poesia e a primeira secção do seu livro sobre o material do Seth. Este material é discutido na 234.^a sessão, entre outras.

(A Jane não se sentia no seu melhor e não se saiu tão bem quanto desejava na experiência. Eu sugerira mais cedo, nesse dia, que ela saltasse a sessão, mas ela recusou. Quis também fazer a experiência do envelope. O John Bradley, o nosso amigo vendedor de Williamsport, PA, foi testemunha, e creio que isso contribuiu para os resultados com o envelope, de uma forma que não consigo definir. Anteriormente, a Jane tem-se saído bem com envelopes perante testemunhas.

(O nome de entidade do John é Philip. Ele testemunhou várias sessões, sendo a última a 226.^a. A presença do John costuma suscitar algum material telepático e/ou clarividente por parte do Seth, e assim aconteceu esta noite. A forma do material é, no entanto, um pouco diferente desta vez e envolve, na sua maior parte, o John e a sua esposa.

(A sessão realizou-se na nossa sala da frente. A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. Estava a fumar e só abriu os olhos uma vez

para apagar o cigarro. O seu ritmo foi médio, a voz um pouco mais viva do que o habitual.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth."

([John:] "Boa noite, Seth.")

Bem-vindo ao nosso amigo Philip. Teremos mais tarde alguns comentários que lhe dirão respeito.

Há alguns acrescentos, Joseph, que gostaria de fazer sobre o nosso sistema temporal invertido. A compreensão deste sistema servirá para explicar aos psicólogos certas coisas que atualmente não lhes são claras.

Por um lado, a associação não é, de modo algum, claramente compreendida. Não o pode ser, simplesmente porque, no presente, os psicólogos acreditam que a associação funciona apenas em ligação com acontecimentos passados.

Eles também subestimam os acontecimentos de sonho, pois muitas associações no vosso presente resultam de acontecimentos que ocorreram no estado de sonho. A mente está longe de se desligar quando sonhais. Continua a usar os seus processos associativos. Portanto, qualquer associação pessoal dada pode ter origem tanto num acontecimento de sonho como num acontecimento passado de vigília.

De um modo geral, os psicólogos não aceitaram as teorias mais recentes dos vossos próprios físicos. Continuam a considerar o tempo como uma série de momentos, um a seguir ao outro.

O sistema temporal invertido, contudo, reconhece a verdadeira natureza do tempo. Há, neste sistema, espaço para uma explicação bastante completa dos processos associativos da mente.

Agora. A mente, por oposição ao cérebro, percebe o tempo em termos do presente amplo. É verdade que a mente trabalha segundo princípios associativos. Por conseguinte, essas associações são colhidas não só do passado, mas também do futuro.

Tomemos um exemplo aqui. O Frederico Y. fica doente sempre que cheira um certo perfume. Não sabe porquê. Um psicólogo explicaria esta reação presumindo que algum tipo de acontecimento desagradável ocorreu no passado — um acontecimento que estivesse ligado à sua percepção sensorial desse perfume em particular.

A explicação é uma boa possibilidade. No entanto, é a única que os vossos psicólogos considerariam, e existem pelo menos outras duas explicações possíveis. O Frederico pode estar a reagir a um acontecimento desagradável vivido no estado de sonho, em que, no sonho, a situação perturbadora foi acompanhada pelo odor de um perfume particular.

Contudo, o Frederico também pode estar a reagir ao mesmo tipo de acontecimento que ainda não ocorreu, porém, para a sua percepção — isto é,

a um acontecimento no futuro. Pois a mente não divide o tempo numa série de momentos. Quem o faz é o cérebro físico e os sentidos físicos.

O ego, por regra, não está consciente dessa experiência temporal mais ampla. O subconsciente, porém, está, e os processos associativos da mente podem — e de facto — reagir a um acontecimento futuro, enquanto o ego lhe está fechado. Portanto, é possível que o Frederico, este ano, adoça com o cheiro de um determinado perfume porque, subconscientemente, sabe que, em 1980, a mãe dele estará a usar esse perfume quando morrer.

Os processos associativos funcionam tanto para trás como para a frente. A compreensão disto ajudará no estudo dos processos associativos em geral. Podem fazer uma breve pausa e eu continuarei.

(Pausa às 21:20. A Jane estava dissociada como de costume, disse ela, para uma primeira transmissão. A sua prestação tornara-se bastante ativa e rápida.

Seguiu-se agora uma pausa longa. Foi motivada porque o John começou a falar sobre as relações familiares; o assunto surgiu quando discutimos algumas das sessões a que o John assistiu, e os dados que o Seth forneceu nelas relativos ao John, à família, ao trabalho, etc. Algumas das previsões são de longo prazo. Ver a 166.^a, 190.^a, 204.^a, 226.^a, por exemplo; nos Volumes 4 e 5.

O John disse que não havia problema em incluir o material pessoal neste registo, e é um bom exemplo da forma como o Seth trata tais dados. A Jane e eu, aliás, nunca conhecemos a esposa do John. A maior parte do material familiar é autoexplicativo. Durante a pausa o John deu-nos alguma informação; em resumo, tem que ver com a sua inquietação no trabalho, as reações da esposa, os pais da esposa, a sua própria necessidade forte de afirmar a independência, etc. O John também é politicamente ativo na Pensilvânia, como conservador. É um excelente representante médico da Searle Drug, mas sente que não está a ser suficientemente desafiado no trabalho; quer mais estímulo. O Seth aconselhou paciência; o John disse que isso lhe é difícil, mas que está a considerar cuidadosamente o conselho. A própria Searle está a atravessar um período difícil a nível de gestão e financeiro.

A Jane acabou finalmente por retomar, de olhos fechados apesar de estar a fumar, às 21:48.)

Bem. Não retomei a sessão por razões bastante óbvias.

No entanto, começaremos em breve o nosso material do Instream e, depois, trataremos do nosso próprio envelope, se tiveres um para mim, Joseph.

Todavia, falarei disto mais tarde na sessão e farei agora alguns comentários. Deem-nos, porém, um momento.

(A Jane fez agora uma pausa. Tal como quando dá material experimental, estava com a cabeça baixa, uma mão levantada aos olhos fechados.)

O Ruburt não está particularmente satisfeito com o que sabe que estou prestes a dizer, mas não estou preso às mesmas regras sociais que o prendem neste assunto em particular, e conheço o Philip talvez melhor do que ele.

Esta discussão será iniciada agora mas terminada mais tarde esta noite.

Agora. Temos medo e raiva por parte da rapariga, pois, apesar das crianças, ela é ainda uma rapariga — e muito simpática. Porém, a relação entre os pais dela tem sido destrutiva. O pai quis dominação e, até certo ponto, forçou a esposa a uma posição de domínio que ela ressentia fortemente. Por isso, descarrega no marido. Estou a falar agora, percebem, dos pais da esposa do Philip.

(O John e a sogra não se dão bem.)

Ora, a rapariga respeita o Philip porque ele não se deixa dominar. Por outro lado, a imagem de mulher que ela compreende, por causa do modelo materno, é a imagem de mulher dominadora. Para ela, falha como feminina se não o conseguir “manter na linha”. Ao mesmo tempo, a personalidade dela é bem diferente da da mãe e menos focada.

Além disso, ela ama o Philip e não quereria conscientemente dominá-lo, mesmo que pudesse. Ele, porém, percebe essa necessidade subconsciente dela de o prender e ressentir-a vigorosamente. Ela tenta dominá-lo à sua maneira e numa base subconsciente — e fá-lo, de facto, apelando a ele através de uma aparência de desamparo. Ao mesmo tempo, não quer que ele ceda.

Tenta dominar de formas mais femininas. A dominação da mãe tinha aspetos mais masculinos. Teremos mais a dizer sobre isto e, espero, alguns comentários úteis depois do nosso outro material.

Agora, por favor, deem-nos um momento para os dados do Instream.

(A Jane fez uma pausa às 22:01. Sentou-se com a cabeça baixa, as mãos erguidas aos olhos fechados. Começou a falar com muitas pausas curtas, mas, no conjunto, o seu ritmo não poderia ser chamado de lento. Esta é a 45.^a experiência Instream.)

Um canto escuro de uma sala, com lambrim de madeira. É um canto direito. Ele está de frente para esse canto. À sua frente há uma cadeira grande e muito volumosa.

Está coberta de couro ou plástico, mais do que de tecido. Uma mesa com um candeeiro está ao lado. As iniciais R H ligadas aqui. Talvez as iniciais do homem que vive aqui.

Duas outras pessoas na sala, creio que uma mulher e um homem, e outro homem esteve presente mas agora saiu da sala. Há também outra

parede adjacente a esta, com uma janela comprida agora coberta por um reposteiro de tecido fechado. O reposteiro é curto, isto é, não chega até ao chão.

Uma secretária por baixo desta janela, de madeira escura. O chão coberto com um tapete claro, texturado. À luz, parece verde. Duas portas para a sala. Há um escritório nas proximidades, na mesma habitação, que também pertence ao proprietário, o homem que o Dr. Instream visita.

Esta sala, o escritório, tem uma grande secretária de madeira clara, colocada afastada de uma janela que não está no centro do piso — a cadeira entre a janela e a secretária.

Esta janela também coberta por um reposteiro curto e fechado. Uma fotografia sobre a secretária, tirada em 1936, de uma mulher. Uma festa mais cedo esta noite para o Dr. Instream. Creio que esta habitação fica noutra nível mas no primeiro nível de um edifício. A rua fica orientada norte-sul, corre norte-sul. Os números 312 ligados aqui.

Agora. Tens um envelope para mim?

("Tenho.")

(Como de costume, a Jane pegou no duplo envelope sem abrir os olhos. Por impulso quase disse ao Seth que não haveria envelope, mas decidi avançar por termos uma testemunha. A Jane parecia sentir-se bem, também. Segurou o envelope contra a testa.)

Por favor, deem-nos um momento. São impressões.

Os números 4, 6. Um elemento desconhecido. Uma ligação com um homem e uma mulher. Um item de papel.

Preto e branco, uma margem, creio que branca. Uma faixa clara neste item. Talvez mais larga numa extremidade, e na parte inferior.

Novamente a impressão de luzes. Um 4 e 9. Uma ligação com uma pá, ou algo desenterrado. Algo que desejás saber.

O item de papel a ter que ver com uma reunião. Agora. A ligação do Ruburt aqui com os teus conhecidos, os Smith. Escrita à mão, ou escrita, letras, nele.

Capto também alguma ligação com formas de bandeiras e cores, e com uma ligação ao Wisconsin.

Tens alguma pergunta, Joseph?

(A Jane fez uma pausa às 22:17, sem abrir os olhos. Agora segurava o envelope no colo. Foi a segunda vez que o Seth me deu hipótese de fazer uma pergunta após uma experiência. Sem confirmar com o Seth em detalhe, não podia ter a certeza, mas pensei que a Jane andara a divagar nos dados acima. Por termos uma testemunha, não achei que fôssemos gastar muito tempo a verificar pormenores. Mais cedo, nesse dia, perguntei-me o que aconteceria se pedisse ao Seth/Jane para rever todos os dados; supus que a Jane tomaria isso como sinal de que os primeiros dados não tinham

sido grande coisa e, no intervalo, a Jane disse que foi isso que pensou na altura.

"Queres tentar outra vez?")

Podemos. 4. Um quadrado. 3, diagonal, 2, 1. Uma ligação com pressa, ou urgência. Um compromisso. Uma armação e uma variedade de incidentes que conduzem a um desenvolvimento importante.

Púrpura, a cor. Uma ligação com um anel e com um horário. Quatro blocos separados, ou divisões de cor. Ligação com um missionário e uma catraca.

Mais números, e sugiro o vosso intervalo.

(Pausa às 22:25. A Jane disse que, para o fim da transmissão, estava mais dissociada como é habitual. Quando lhe pedi para tentar de novo, tomou-o como sinal de que a primeira tentativa com o envelope não fora boa.

Ver o traçado do objeto na página 339. O objeto é o talão de seguro dos manuscritos do livro de poesia da Jane e da primeira secção do material do Seth, enviados ao editor a 10 de fevereiro de 1966. Este material é discutido, até certo ponto, na 234.^a sessão, entre outras.

O Seth ofereceu-se para rever o material do teste, mas prosseguimos com mais material para o John Bradley, a testemunha. A Jane e eu fizemos algumas ligações, que ficarão anotadas. No primeiro grupo de impressões, a Jane disse que os dados "Uma faixa clara neste item. Talvez mais larga numa extremidade, e na parte inferior." diziam respeito a uma imagem mental que teve na altura. Viu uma faixa de luz em forma de cunha, na horizontal, mas não podia dizer mais do que isto.

Como a maioria dos objetos de envelope são itens de papel, costumamos desvalorizar tais dados. Os números 4, 6 e 9, contudo, aparecem no objeto, como referido nos primeiros dados.

(A minha pergunta revelou ter algum valor, pois, de algum modo, esporeou o Seth, ou a Jane, para um melhor esforço. Seguem-se as ligações que conseguimos estabelecer sem perguntar ao Seth.

"4." O número 4 aparece no recibo. Poderão existir outras ligações.

"Um quadrado." A Jane disse que isto provavelmente se referia à gravação em fita que foi enviada juntamente com os manuscritos. A fita foi uma que a Jane fez a ler alguns poemas para o editor. Foi embrulhada numa caixa fina, quadrada em área.

"Uma ligação com pressa, ou urgência. Um compromisso. Uma armação e uma variedade de incidentes que conduzem a um desenvolvimento importante." A Jane disse que se sentia emocionalmente bem com estes dados. Envolviam os seus esforços para preparar a gravação e os dois manuscritos em causa para o correio. Tudo foi feito com bastante pressa, a pedido do editor. A Jane telefonou ao editor a 8 de fevereiro, como anotado no material do envelope na 234.^a sessão, e depois apressou-

se a preparar os textos e a fita para envio a 10 de fevereiro. Este processo envolveu uma variedade de incidentes enquanto a Jane fazia a gravação dos poemas, etc.

“O desenvolvimento importante” para a Jane foi fazer a gravação e enviar o texto sobre o material do Seth. Não temos a certeza da referência a uma “armação”, porém.

“Púrpura, a cor. Uma ligação com um anel e com um horário.” Como referido, o carimbo aplicado ao talão de seguro é em púrpura ou violeta, e tem a forma de um anel. O elemento temporal também é patente no material acima.

“Mais números.” Há vários conjuntos de números na frente do talão, e uma série deles ao longo da parte inferior no verso.)

(Assim, há quatro dados para os quais não estabelecemos ligações: 3, diagonal, 2, 1; Uma armação; Quatro blocos separados, ou divisões de cor; Ligação com um missionário e uma catraca.

(O John Bradley disse que, tanto quanto sabia, o Seth estava correto na análise que fez dos pais da sua esposa e correto quanto à relação entre o John e a esposa.

(O intervalo voltara a ser bastante longo. A Jane retomou a um ritmo confortável; tinha os olhos fechados e estava a fumar. Depois de falar algum tempo, os olhos, muito escuros, começaram a abrir-se ocasionalmente. Retoma às 22:45.)

Ora bem. Os resultados do teste foram razoavelmente fracos.

Já abordámos no passado as razões para tais resultados. Prefiro fazer agora algumas observações ao Philip, em vez de discutir os testes no tempo disponível. Discuti-los-ei se quiserem.

("Não, está bem."

(Uma vez mais, a Jane inclinou a cabeça e ergueu a mão aos olhos fechados.)

Deem-nos um momento.

Com o passado da rapariga, é natural que um homem independente a assuste e fascine ao mesmo tempo. Assim foi desde o início da relação.

(A Jane apontou para o John, com os olhos ainda fechados.)

O que ele não compreende é a raiva que ela está a conter. É bastante forte, e ele deve reconhecê-lo. Ela não quer dominá-lo através de artimanhas femininas e, no entanto, subconscientemente sente-se impelida a fazê-lo.

Ela sente-se ameaçada por conversas sérias, Philip, pois receia o desconhecido. Sente-se como uma criança quando um pai diz: “Agora, temos de discutir isto seriamente.” Tal conversa ameaça o status quo.

As conversas triviais de que todos estavam a falar seriam úteis aqui, como reforço. As tuas próprias ideias sobre vários temas poderiam ser

inseridas proveitosamente quando não estiveres emocionalmente perturbado com elas.

A tua zanga é simplesmente interpretada como violência, e ela teme-a. Ideias expressas nessas ocasiões serão vigorosamente combatidas por ela. Tens de construir uma ponte emocional, pois ela não compreenderá uma ponte intelectual. Mas a ponte emocional não deve ser de natureza violenta.

Isto é tudo o que alcançaste até agora a esse respeito.

Ela receia, por um lado, que possas gerir a casa com mais eficiência do que ela, e, no fundo, que não precisas dela. Não está certa do seu próprio mérito e obtém a autoaprovação por teu intermédio.

Ela não é uma parceira e, de facto, estais em dificuldades. No entanto, ela pode tornar-se parceira, mas a zanga só minimizará a sua importância aos seus próprios olhos e, portanto, aos teus.

Uma das crianças está a sofrer, até certo ponto, psicologicamente por causa do dilema, e tu és demasiado autocrata com esta criança, uma rapariga. Trata-se apenas de uma questão de relações, onde qualquer ideia de culpa é destituída de sentido. A situação pode ser salva.

Agora, deem-nos de novo um momento.

(A Jane fez agora uma pausa com mais de um minuto. Os olhos tinham-se aberto ocasionalmente, mas voltaram a fechar-se. As mãos estavam novamente erguidas ao rosto.)

O pai tem sido, em certos aspetos, mais destrutivo para a saúde psicológica dela do que a mãe, pois deu-lhe a imagem de homens como fracos.

O homem forte é, portanto, uma ameaça, ao mesmo tempo que representa segurança. Parece estar a surgir alguma situação, particularmente às quartas-feiras, que é emocionalmente importante para ela. Não estou certo do que isto refere.

Ela não percebe, no fundo e subconscientemente, a sua importância para ti. Se a conseguires levar a ver isso, poderás manter esse sentido de independência que é importante para ti. Se não, ela será impelida a arrancá-lo.

Se não consegues comunicar ideias importantes, então tens de comunicar as triviais. A grande conversa, em que tentas comunicar as tuas ideias, apenas a assusta. A ideia deve ser comunicada quando não estás emocionalmente perturbado e não deves adotar o tom de um pai a falar com uma criança.

Sugiro uma breve pausa. Não podemos ter as mãos do Joseph a caírem em todas as sessões.

(Pausa às 23:13. A Jane estava dissociada como de costume. O seu ritmo fora bom; a minha mão estava a sentir alguma fadiga. Os olhos tinham permanecido fechados, exceto quando apagou o cigarro e deu um gole de vinho.

O John disse que concordava com o material do Seth. Confirmou que surge uma situação às quartas-feiras em sua casa. Semana sim, semana não, uma mulher-a-dias trabalha em sua casa às quartas, ajudando a esposa com as lides mais pesadas. A esposa do John chama-se Mary-Allen; a mulher-a-dias é a Lois. A Lois, disse o John, tem cerca de 40 anos e tem os seus próprios problemas pessoais. A Mary-Allen não é do tipo que fala de assuntos pessoais com outros, disse o John, mas ele já teve a ideia de que ela pode sentir satisfação em ouvir os outros falar das suas dificuldades. A Lois é conversa-dora.

(Novamente o intervalo foi bastante longo. A Jane retomou enquanto fumava, de modo mais rápido, e os olhos começaram a abrir-se com mais frequência, às 23:34.)

Agora. Sou um homem já algo velho para falar nestes termos.

Contudo, no essencial estás a fazer duas coisas erradas. Estás a tratá-la antes de mais como mulher e não como pessoa individual; mas não a estás a tratar como uma mulher desejável em vez de uma pessoa individual.

Se a tratares como uma mulher desejável, verás uma diferença no ambiente de tua casa. Se não o conseguires fazer, então deves tratá-la principalmente como pessoa individual. Mas, se a tratas sobretudo como mulher, tem de ser como mulher desejável, ou ela não encontrará contentamento nem como mulher nem como indivíduo.

E, se a tratares como mulher desejável, ela tornar-se-á uma. Estás a tratá-la sobretudo como esposa e mãe. Com esta pessoa em particular, isto não é suficiente. Ela quer ser considerada uma mulher desejável que, por acaso, é tua esposa e mãe.

Ela ficará muito mais contente e mais recetiva à razão se conseguires, apesar das tuas tendências intelectuais, abordá-la sob essa luz. Precisa de drama, no âmbito do lar, e quer isso de ti. Exigirá algum esforço da tua parte, mas, se ela sentir que passas tempo com ela simplesmente porque queres estar com ela, isso contribuirá bastante para resolver as dificuldades.

E, se não o conseguires fazer honestamente, então as tuas dificuldades são mais sérias do que imaginas. O esforço valerá bem a pena, mas tem de ser honesto, ou ela sentirá a hipocrisia.

Tens alguma pergunta, Philip? (John: "Não, não especificamente.")

Compreendo que te sintas como num círculo vicioso. Em muitos casos, porém, tu não pedes: tens a tendência para lhe ordenar. Não tanto em palavras, mas em atitude. Ela não se sente verdadeiramente desejável. Podes fazer muito para mudar isto.

Se a tua relação é tão importante para ti como creio, farás o esforço. O simples facto é que precisas dela, e não o comunicaste. Obviamente há razões para o comportamento dela, e mudanças que ela também pode e deve fazer, mas estou a falar contigo e não com ela.

Parece haver alguém, três casas adiante, uma mulher com quem a tua esposa poderia estabelecer um contacto amigável e proveitoso. Ou é mais nova, ou parece-o.

Os ajustamentos necessários não são todos da tua parte, mas os teus podem desencadear os dela. Estás preocupado e tens feito esforços, mas estás melhor equipado, simplesmente por causa da estrutura da tua personalidade, para os fazer. Neste momento ela é como uma criança no bosque, mas existem potencialidades para uma relação excelente. Faremos uma pausa ou terminaremos a sessão, como preferires.

("Então fazemos uma pequena pausa.")

(23:59. Pensei que o John queria mais informação, mas já estávamos cansados. E isto acabou por ser o fim da sessão. A Jane estivera dissociada como de costume. O seu ritmo rápido fora entrecortado por algumas pausas bastante longas e os olhos tinham permanecido fechados.

(O John voltou a concordar com o Seth. Confirmou também o Seth mais uma vez, ao lembrar-se de uma rapariga mais nova a viver três casas adiante. Esta rapariga é talvez cinco anos mais nova do que o John e a esposa; conhecem-na apenas de cumprimentar. O John disse que vive também uma mulher mais nova apenas duas casas adiante. A Jane nada sabia destas duas mulheres, tal como nada sabia dos incidentes de quarta-feira.)